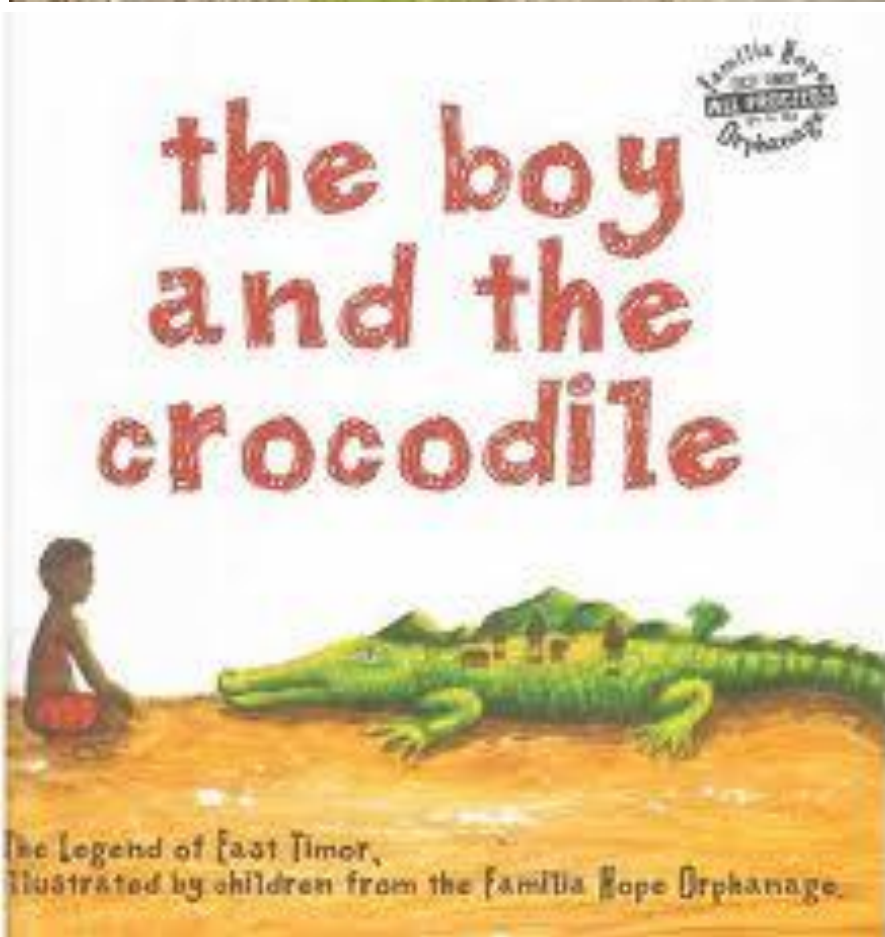
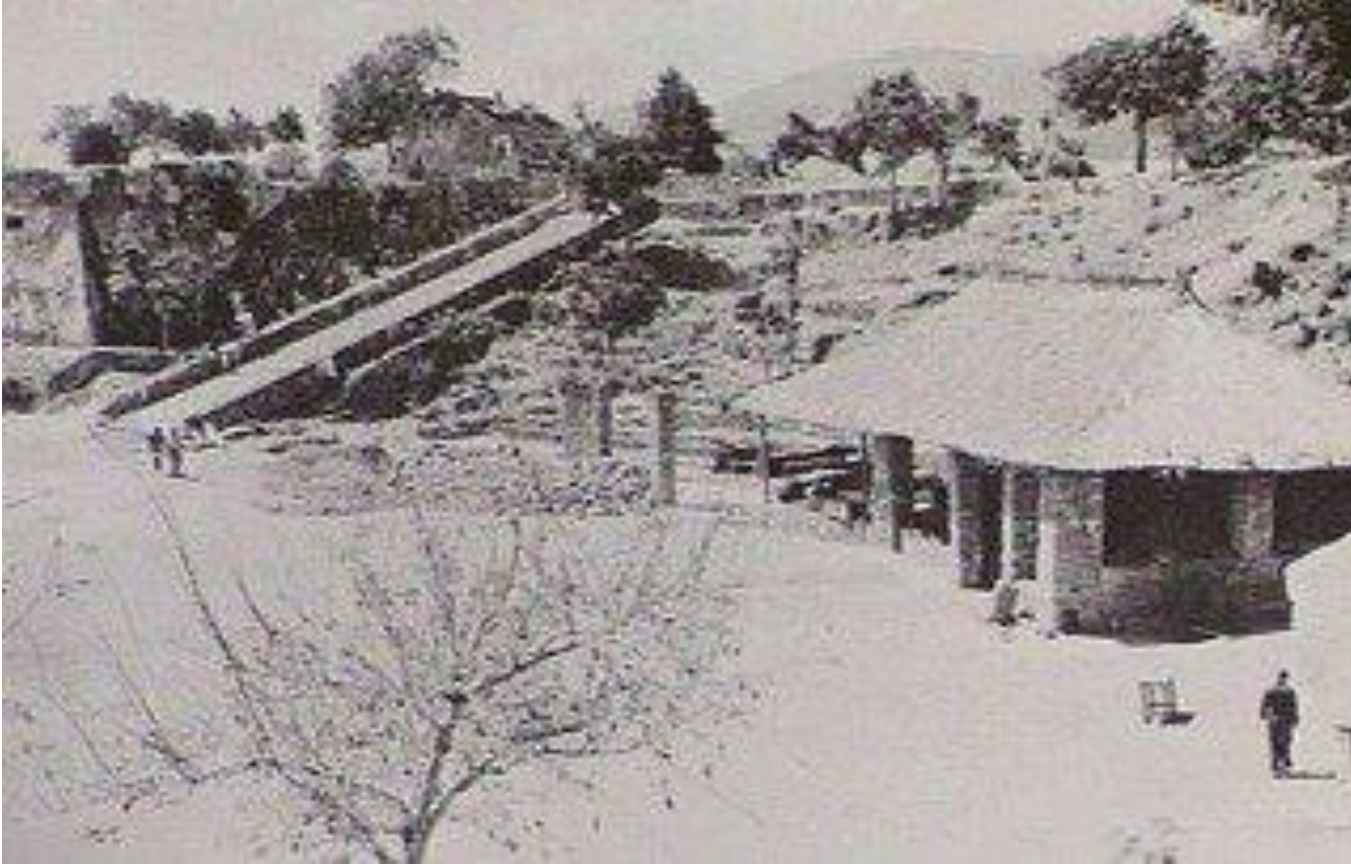


CAPÍTULO 8: 1991 PT 2





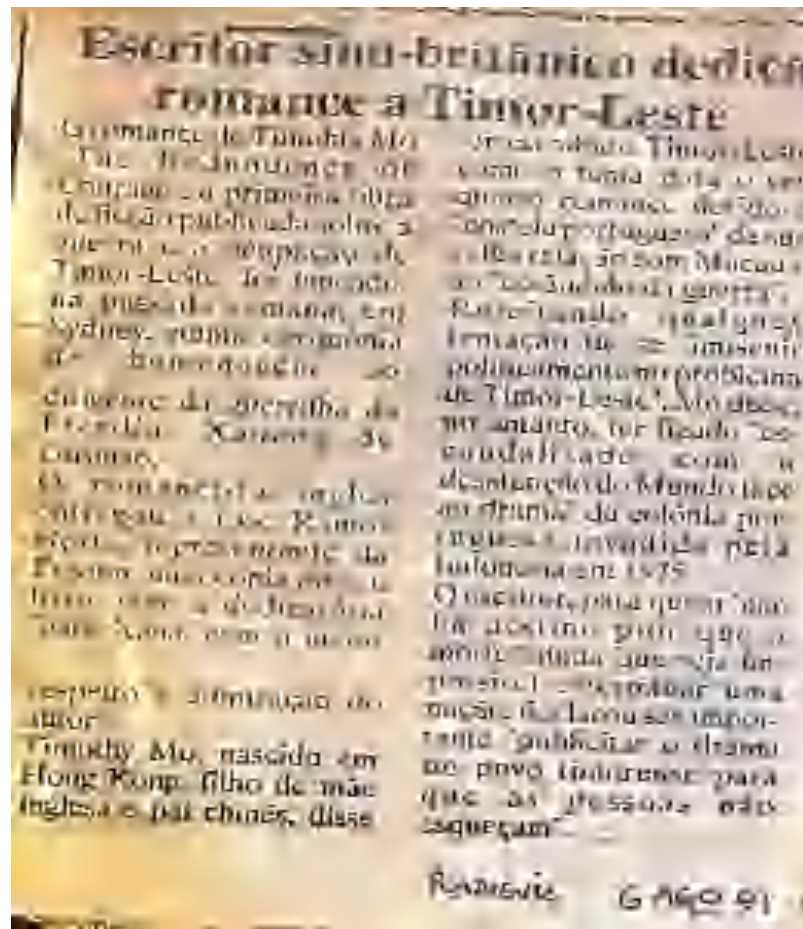




Icar da Bandeira das Quinas, em Bobonáro.



1938 -Pelotão de Polícia Indígena Montada de Fronteira - Bobonaro
Album Fontoura



Timor-Leste 13 8-91

Eurodeputados socialistas apresentam protesto sobre detenção de jornalista português em Dili

Lisboa - Os deputados socialistas no parlamento europeu vão apresentar um projecto de resolução a subcomissão dos direitos humanos para protestar contra a detenção do jornalista do "Expresso" Mário Rebelo em Dili, Timor Leste.

O deputado do PS no parlamento europeu Juan Paredes disse à agência Lusa que a iniciativa vem também a pedido das delegações da Comunidade Económica Europeia (CEE) com a intenção de fazer das violações dos direitos humanos praticadas pelas autoridades de Jacarta no território.

A detenção de Mário Rebelo, por falta de meio para interrogatório por um comandante das forças Armadas indonésias, será um dos "casos concretos" apresentados para permitir o projecto de resolução.

O jornalista do "Expresso" foi libertado e encetou a viagem de regresso ao país na sexta-feira passada.

A detenção de Mário Rebelo na sexta-feira veio bem para ilustrar a situação de desrespeito

dos direitos humanos em Timor-Leste", disse João Cravinho.

Na sequência do apelo lançado desta resolução, os socialistas portugueses com assento no parlamento europeu vão propor também a restituição de um apartamento sobre Timor-Leste.

A iniciativa vem das socialistas, mas "Moverá-se a recolher o apoio dos parlamentares portugueses de outros partidos

e de outros membros das organizações portuguesas de outros partidos e de outros representantes de países comunitários", acrescentou o eurodeputado.

Nesta iniciativa poderão participar os líderes sindicais do país, associações de defesa dos direitos dos timorenses, que já estiveram no Europe - no Espírito, concluiu João Cravinho.

N.º 0-V.A. **LÁGRIMAS DE CROCODILO**



Que dizem a pensar o "São Pedro" de Pedro de Jesus que lhe disse, para a publicação, teve que lidar as coisas a respeito do seu bôdô?

O pôr é que a dedicação são de uma grande vida e como em 1991 que não se pode o S. Pedro a ajudar.

E não para perguntar, não tem a certeza, ainda não!!!

Desde os tempos de quando que me usó e usá o meio de de... (text partially obscured)

Nome de mas tempo, a "sua" não é a comunidade que me do pubes, não reparo que os crocodiles são que se detêm a uma de um.

Al tempo, não tem sido que já me aliara de ter, já não e vergado.

União Democrática Timorese COMUNICADO

A UNIAO DEMOCRATICA TIMORENSE (UDT) vem por esta mais vez, através de suas adunas, dirigidas por... (text partially obscured)

1 - A UDT e a Frente, comprometidas com a luta pela libertação de Timor-Leste, através da criação de uma plataforma comum de desenvolvimento e convergência Nacionalista. Todas as actividades da UDT, bem como as do UDT e Frente devem obedecer ao acordo e ao espírito de acordo com os princípios e directivas que a norteiam.

2 - Com os dignos membros da UDT, temos a prova firme da moral da UDT e do compromisso da UDT do governo indonésio. Desrespeitando os princípios e as leis internacionais, a Indonésia pretende fazer prisioneiros políticos e soldados de toda a ordem. Mas o 20 de Agosto simboliza o início de uma grande luta de libertação de Timor-Leste e o compromisso para desarmar as milhares de soldados. Por isso, a UDT e Frente devem trabalhar em conjunto para a unidade e reconhecimento de todos os nacionalistas timorenses, de qualquer grupo político da UDT e Frente, para a unidade e trabalho comum da Indonésia.

3 - Além de fazer a organização de um "Comité Nacionalista de Convergência Nacionalista" e a criar outros partidos independentes de Timor-Leste, a UDT e Frente devem trabalhar em conjunto para a libertação de Timor-Leste. O 20 de Agosto é um dia muito importante para Timor-Leste, por isso, a UDT e Frente devem trabalhar em conjunto para a libertação de Timor-Leste.

4 - Não existe a menor dúvida de que, tanto a UDT como a Frente Nacionalista, com o apoio da comunidade internacional de Timor-Leste, deve procurar a restauração do país e a libertação do território de Timor-Leste. O 20 de Agosto é um dia muito importante para Timor-Leste, por isso, a UDT e Frente devem trabalhar em conjunto para a libertação de Timor-Leste.

5 - Temos sobretudo, sempre para o futuro, a unidade e o trabalho comum de todos os timorenses, através da libertação de Timor-Leste, através da criação de um "Comité Nacionalista de Convergência Nacionalista" e a criar outros partidos independentes de Timor-Leste, a UDT e Frente devem trabalhar em conjunto para a libertação de Timor-Leste.

6 - O 20 de Agosto é um dia muito importante para Timor-Leste, por isso, a UDT e Frente devem trabalhar em conjunto para a libertação de Timor-Leste.

Dili, 14 de Agosto, 1991
Comissão de Directores
Secretaria Geral

**"O Português na Austrália",
20 anos ao serviço
da Comunidade Portuguesa**

120. 19 AGOSTO 1991 RDP

19 de agosto de 1991

O primeiro ministro australiano Bob Hawke acaba de conceder uma conferência de imprensa relativa à situação na URSS, na qual afirmou citando que embora o projecto de lei actual preveja a duração de três meses não existem dúvidas de se tratar de um golpe de estado conservador destinado a paralisar o sistema de reformas económicas e de liderança na União Soviética.

Este processo segundo Bob Hawke poderá paralisar a obtenção da democracia para os povos da União Soviética e o processo de reformas soviéticas. Graças a Gorbachev e ao primeiro ministro australiano o mundo pôde assistir ao fim da guerra fria, à queda do muro de Berlim e da cortina de ferro e é lamentável que a Rússia de Boris Eltsine tenha visto as suas transmissões de rádio interrompidas como forma de evitar apoio a Gorbachev.

segundo as últimas notícias chegadas à Austrália Gorbachev estaria sob residência vigilada nos arredores de Moscovo e a saída de imprensa da embaixada soviética em Canberra negando há momentos que para além das informações oficiais nada podia acrescentar sobre os acontecimentos na URSS.

entretanto o mercado cambial/baixou 59 pontos na Austrália hoje, a maior baixa desde a crise da libra em 1977 e se não que o dólar australiano tenha mantido firme o seu valor no mercado cambial a insegurança do mercado é grande.

de Sydney em nota a câmbio

Terça-feira, 20 de Agosto de 1991

Ecos de Timor

86



BAILÃO LOPES

Indonésia aceita a visita de portugueses a Timor



cionista. Nas principais cidades do território, as ruas e os monumentos mantêm os nomes portugueses, numa situação que contrasta de modo flagrante com as sucessivas "injeções" de cultura javanesa levada à prática pela Indonésia. Em Dili, a qualquer hora do dia, em estabelecimentos comerciais e em lugares de lazer, a música indonésia faz-se ouvir 12 horas por dia. O clero e outras instituições que funcionam no plano da liderança de opinião continuam subterraneamente a alimentar a esperança de uma independência que foi interrompida à nascença. Em Dili, um padre dizia-me: "Necessitamos de saber com urgência se Portugal está de facto empenhado em ajudar este povo."

Não necessitei de muito para romper o bloqueio que me foi imposto nesta deslocação a Timor-Leste. E digo que não precisei porque foram os próprios timorenses a vir ao meu encontro nas alturas mais oportunas. Foram os suficientes para lançar um alerta a Portugal: despachem-se, autoridades de Lisboa, porque a paciência deste povo não é ilimitada. *

3) MÁRIO CARRASCALÃO "VIGIADO"



Enquanto se discutem os termos da visita dos parlamentares portugueses, os resistentes timorenses continuam a sua luta

... (1984) - que a resistência - permanência da Indonésia em Nova Iorque intrigava, em 1983, de Agosto ao Secretariado para os DTG, a divulgação da aplicação dos termos de referência acordados em 27 de Julho culminou sobre a deslocação de uma delegação portuguesa a Timor - em viagem à Assembleia da República Portuguesa.

As regras condicionadas dela e tendo em conta que as Nações Unidas manifestavam interesse em que a Indonésia desse já um consulto sobre a questão dos assuntos tratados da viagem parlamentar. Vitor Grego determinou, imediatamente, que se esse assunto diplomático se deslocasse à Nova Iorque para participar nos trabalhos para a reconstrução de um não regressasse até a sua conclusão final.

Assim, Manuel Martins estrado por via do 10 de Agosto para Nova Iorque a fim de participar nas consultas sobre as condições, condições de acesso do território e designadamente, acesso de água e saúde, explorando a decisão por decisão das Nações Unidas a qual inclui preceder a viagem da comissão oficial.

Segundo usava a "Diário de Notícias" junto da publicação da presença da Assembleia da República. Vitor Grego, esta sua decisão de enviar um acionar diplomático ao Nações Unidas para participar nas consultas é um "caso de força" de que a presença de parlamentares portugueses em Timor-Leste, tal mesmo, ser um "facto".

A comissão para as negociações portuguesas e indonésias nas Nações Unidas, presente, sobretudo, a partir de Agosto de 1983, foi formada por uma delegação portuguesa, incluindo representantes do ONV, pelo que a delegação oficial dos parlamentares portugueses se deveria efectuar-se, em Setembro. Como a que se seguiria em Timor-Leste das discussões.

1) A RESISTÊNCIA CLANDESTINA TIMORENSE ESTÁ POR TODO O LADO

Uma relação de maior relevância, a União Revolucionária Timorese, em 1983, um ano após a sua fundação, no âmbito da luta de libertação nacional, foi a sua presença em Timor-Leste, onde se encontra a sua sede e onde se encontra a sua sede e onde se encontra a sua sede.

Como Costa Ferreira, chefe de cidade e coordenador de publicações da União Revolucionária Timorese, afirmou:

Costa Ferreira não quis revelar os nomes que teve participação na "União Revolucionária Timorese" em Timor-Leste, mas afirmou que a sua participação na "União Revolucionária Timorese" em Timor-Leste, onde se encontra a sua sede e onde se encontra a sua sede.

O sucesso das Nações Unidas em Timor-Leste, sobretudo a verdade dos factos, deveria ser levado em consideração que uma intervenção em Timor-Leste seria uma intervenção humanitária, não por isso a jornalista se deixou envolver, de que estava quase 100% do território indonésio, e que, durante toda a viagem, todos "quase" sempre vigiados.

Manuel Martins, presidente da "União Revolucionária Timorese", afirmou que a palavra "libertação" poderia a jornalista portuguesa representar devidamente a situação de Timor-Leste.

ALALATAS não pôde, na época da libertação de Timor-Leste, falar de uma delegação parlamentar portuguesa, foi prometido de outra forma, a fim de não mostrar todo o seu impacto arbitral da ONU.

Em Junho, na tal entrevista que fez questão de mostrar, ALALATAS disse a Costa Ferreira, a propósito da sua visita a Timor-Leste na perspectiva indonésia e já um facto consumado: "De que mais falar - a história dos indonésios".

2) TIMOR AMORDAÇADO

Em a epígrafe "Timor amordaçado", Costa Ferreira escreveu da forma que acima transcrevemos as palavras de um estada em Timor-Leste, colada de jornal "Público", de 10 de Agosto.

QUINZE ANOS depois da invasão indonésia, Timor-Leste continua a ser uma terra amordaçada. São vários, para quem chegam, sinais de uma repressão pela força, que, de acordo com fontes locais, não têm antecedentes no território. Em Timor-Leste, a repressão militar deu lugar a uma repressão psicológica decorrente de uma desumanização da sociedade produzida durante a ocupação indonésia.

De Maliana até Loiquén, o sentimento de liberdade permanece vivo no espírito de timorenses que vivem o drama de descer pelas ruas privadas, armadas num cenário de paz social forçada, que constitui a realidade timorensa.

O povo, sobretudo aqueles mais instruídos, vive a depressão e a sua esperança em Portugal, evidenciando, agora como em Timor-Leste, a sua condição de povo anárquico.

Uma notícia sobre a visita da delegação portuguesa às Nações Unidas, Portugal em 1983, que participou o movimento de Timor-Leste, foi publicada no âmbito de 15 de Agosto de 1983.

Esta notícia que conta um episódio que se desenrolou que, durante da impiedade que lhe deu lugar, não se revelou de índole humanitária. Esta notícia, contudo, que a Indonésia quis fazer e "vê-la" a desvalorizar. Mas, sobretudo, uma notícia que não se fez.

O documento da Comissão Europeia de Operações em Timor-Leste, dirigido ao Director "E" do Centro Intelectual das Nações Unidas, contém a seguinte mensagem:

O documento, datado de 4 de Julho, divulgado na imprensa portuguesa em 1 de Agosto, refere-se ao facto de uma viagem, feita de programar no Canal 7 da RTP, "Talaz Clara", de 15 de Abril, em que Manuel Martins participou e a Indonésia, com os indonésios, também, a Comissão Europeia de Operações em Timor-Leste, a Comissão Europeia de Operações em Timor-Leste, a Comissão Europeia de Operações em Timor-Leste, a Comissão Europeia de Operações em Timor-Leste.

Concluindo, os portugueses das intervenções de Manó e a comissão para não gravadas e referenciadas no Estado timorense, a sua designação "confidencial".

4) GOVERNADOR DESDE 1982

Vitor Carrasqueira, governador de Timor desde 1982, afirmou que se considerava a única pessoa que poderia ser governador de Timor-Leste, com a excepção de António de Almeida, o 12 de Maio de 1977, Carrasqueira frequentou a escola secundária em Vila Rica, onde, em 1956, passou depois para a escola D. João de Castro em Lisboa. Alí, na capital, cursou o Instituto Superior Técnico, onde se tornou em Engenharia.

Funcionário administrativo, passou, sucessivamente, pelo Serviço Florestal português, e pelo Serviço de Investigações de Apuramento, em Angola e Moçambique. De 1976 a 1978, exerceu diversas funções públicas em Timor-Leste, passando depois de trabalhar o representante e designado "governador provisório" (governador) a Indonésia, em diversas missões internacionais relacionadas com Timor-Leste, incluindo diversas missões da ONU (1977-1980). Desempenha ainda o cargo de conselheiro permanente, junto da ONU, na representação da Indonésia.

A sua posição tem sido, contudo, a defesa da presença portuguesa e a preocupação com a sorte de alguns timorenses presos e libertados pelas forças indonésias. Uma posição ingenua e difícil.

5) SUHARTO IRÁ RETIRAR-SE DA CENA POLÍTICA?

Uma das últimas notícias do jornal "Voz Australiana", transcrita em parte da seguinte entrevista:

O Presidente Suharto, líder da Indonésia há 25 anos, retirará-se antes do fim da sua mandato", afirmou o Prof. JAVIER SUZARRONE, vice-presidente da Assembleia Indonésia de Ciências Políticas, que aliás acrescentou: "O Sr. Suharto já percebeu que um sucesso tem a ver, logo, porque, de esta vez, apesar de não ter conseguido obter um tratado, embora um país de 160 milhões de habitantes, com 330 grupos étnicos".

(Continua da p. 19)

122. SYDNEY PNA 21 AGOSTO 1991

Quinta-Feira, 21 de Agosto de 1991

Carta à Redacção

Sr. Director

Em Agosto de 1991, em a mais um artigo, vivências Timor-Leste durante este ano. A cidade de Dili, e esta cidade guardada de violência indesejáveis. A atmosfera é de desconfiança e tensão. Fomos forçados os estudantes que decidiram abandonar a fazer caminho sobre a decisão de se tornarem livres. Manifestações de violência são frequentes. Há um medo que os grupos de resistência que se estabeleceram numa demonstração anti-indonésia durante a visita do Embaixador Americano em 1990 e que se refugiaram em casa do Bispo Católico em Dili, foram presos em Fevereiro de 1991. Alguns deles estudantes desarmados e os outros que tinham sido mortos.

Quando a nossa estadia, cerca de uma forma de Indonésia ocorreu esta investigação ao mesmo nível. Indonésios que pertenciam a polícia de segurança e foram para os estudantes para reprimir a vigilância uma vez que se prevê que haja uma delegação parlamentar portuguesa no país. Previsão que conta a haver uma nova onda de prisões e capturas como medida para se evitar outra manifestação de género da que houve, de um período, quando da visita do embaixador americano.

Embora Dili é "tranquila" para o sul, mais precisamente para os moradores de Nauru. Encontramos no longo do tempo por cerca de soldados armados e milícias. A volta de Nauru vimos várias camionetas transportando soldados armados. Aparentemente também que era elevada a número de soldados que fazem patrulha a pé. A dado momento, o nosso condutor obrigados a marcha da frente estava por estarmos a aproximar de um grupo de 20 ou 30 soldados e de um carro patrulha. Tive uma fotografia. Immediatamente os soldados fizeram fogo e eu fui obrigado a sair do carro. Um dos soldados, aparentemente jovem, vestiu-se me. Depois de apresentadas as desculpas e de mesmo condutor levados a fazer a investigação, deixaram nos seguir a pé.

Foi Nauru, fomos obrigados a apresentarmos-nos na estação de polícia, para nos ser passado um visto para visitar a área. Os militares, deslocaram cerca de 30 militares. Presenciamos a uma patrulha tinham armas automáticas. Antes de nos ser passado a visto, eu e o meu amigo fomos interrogados durante a hora. O mesmo para, que também foi interrogado, mas separadamente. Foi acordado de que não poderíamos tirar fotografias.

Vladimir para a volta sul, procuramos por uma grande...

Um Nauru, fomos obrigados a apresentarmos-nos na estação de polícia, para nos ser passado um visto para visitar a área. Os militares, deslocaram cerca de 30 militares. Presenciamos a uma patrulha tinham armas automáticas. Antes de nos ser passado a visto, eu e o meu amigo fomos interrogados durante a hora. O mesmo para, que também foi interrogado, mas separadamente. Foi acordado de que não poderíamos tirar fotografias.

Vladimir para a volta sul, procuramos por uma grande... Nauru, fomos obrigados a apresentarmos-nos na estação de polícia, para nos ser passado um visto para visitar a área. Os militares, deslocaram cerca de 30 militares. Presenciamos a uma patrulha tinham armas automáticas. Antes de nos ser passado a visto, eu e o meu amigo fomos interrogados durante a hora. O mesmo para, que também foi interrogado, mas separadamente. Foi acordado de que não poderíamos tirar fotografias.

Foi Nauru, fomos obrigados a apresentarmos-nos na estação de polícia, para nos ser passado um visto para visitar a área. Os militares, deslocaram cerca de 30 militares. Presenciamos a uma patrulha tinham armas automáticas. Antes de nos ser passado a visto, eu e o meu amigo fomos interrogados durante a hora. O mesmo para, que também foi interrogado, mas separadamente. Foi acordado de que não poderíamos tirar fotografias.

Foi Nauru, fomos obrigados a apresentarmos-nos na estação de polícia, para nos ser passado um visto para visitar a área. Os militares, deslocaram cerca de 30 militares. Presenciamos a uma patrulha tinham armas automáticas. Antes de nos ser passado a visto, eu e o meu amigo fomos interrogados durante a hora. O mesmo para, que também foi interrogado, mas separadamente. Foi acordado de que não poderíamos tirar fotografias.

Foi Nauru, fomos obrigados a apresentarmos-nos na estação de polícia, para nos ser passado um visto para visitar a área. Os militares, deslocaram cerca de 30 militares. Presenciamos a uma patrulha tinham armas automáticas. Antes de nos ser passado a visto, eu e o meu amigo fomos interrogados durante a hora. O mesmo para, que também foi interrogado, mas separadamente. Foi acordado de que não poderíamos tirar fotografias.

A resistência não vai sempre para que as duas forças e ambos foram se enfrentaram por a investigação e depois desta abordagem a Dili para que os direitos humanos fossem aí respeitadas. Todavia, estas partes serão consideradas hipocrisia a menos que façamos qualquer coisa para que o Timor-Leste não corra mais sangue e os abonos sejam cancelados. O mesmo, pelo menos, lutar para que a Indonésia volte de costas e o verde com a resistência timorese para a recuperação.

Sinceramente
Anthony Young

Quarta-Feira, 21 de Agosto de 1991

Carta à Redacção

Kr. Titosche

Em Agosto de 1991, eu e mais dois amigos, vivíamos em Dili. Logo depois veio o fim. A cidade de Dili, e esta cidade guardada de soldados indonésios. A atmosfera é de desconfiança e tensão. Foram feitos os manifestos que desilustram a situação e foram colocados sobre o chão de se tornarem livres. Manifestações de pessoas não portuguesas. Depois disso que os grupos de estudantes que se estabeleceram numa demonstração antindonésia de frente a casa do Embaixador Americano. Em 1991 e em se refugiaram em casa de Bispo Católico em Dili. Foram presos em 1991. Alguns deles estudantes desajustados e os outros que tinham sido mortos.

Quando a minha cidade veio de uma forma de intervenção foram estáb. as alegações de mais infel. Informaramos que se tratava de polícia de segurança e fomos para os estádios para receber a vigilância para que se possa fazer o fim de uma delegação parlamentar portuguesa no país. Mesmo que não a haver uma nova onda de presos e capturas como medida para se evitar outra manifestação de género da que houve, no dia seguinte, quando da visita do embaixador americano.

Embora Dili e "ruínas" para o AM, estáb. preparado para as manifestações de Dili. Encontramos um grupo de jovens portugueses soldados portugueses e militares. A volta de Dili vimos várias camionetas transportando soldados armados. Percebemos também que era elevada a número de soldados que faziam patrulha a pé. A dado momento, o nosso condutor obrigados a mudar da nossa rota para evitar a aproximação de um grupo de 20 ou 30 soldados e de um carro patrulha. Tivemos infelizmente, imediatamente os soldados fizeram fogo e eu fui obrigado a sair do carro. Um dos militares, aparentemente sangrento, visitou-me. Depois de apresentadas as desculpas e de meos condutor ter sido sujeito a interrogatório, deixaram-me seguir a viagem.

Foi assim, fomos obrigados a apresentarmos-nos na delegação de polícia, para nos ser passado um visto para visitar a área. Os militares, desfilavam cerca de 30 militares. Encostados a uma parede tinham armas automáticas. Antes de nos ser passado o visto, eu e o meu amigo fomos interrogados durante esta hora. O mesmo para, que também foi interrogado, mas aparentemente foi acusado de que não poderíamos tirar fotografias.

Quando para a volta ao processo por uma grande...

Foi assim, fomos obrigados a apresentarmos-nos na delegação de polícia, para nos ser passado um visto para visitar a área. Os militares, desfilavam cerca de 30 militares. Encostados a uma parede tinham armas automáticas. Antes de nos ser passado o visto, eu e o meu amigo fomos interrogados durante esta hora. O mesmo para, que também foi interrogado, mas aparentemente foi acusado de que não poderíamos tirar fotografias.

Quando para a volta ao processo por uma grande... Fui assim, fomos obrigados a apresentarmos-nos na delegação de polícia, para nos ser passado um visto para visitar a área. Os militares, desfilavam cerca de 30 militares. Encostados a uma parede tinham armas automáticas. Antes de nos ser passado o visto, eu e o meu amigo fomos interrogados durante esta hora. O mesmo para, que também foi interrogado, mas aparentemente foi acusado de que não poderíamos tirar fotografias.

Fui assim, fomos obrigados a apresentarmos-nos na delegação de polícia, para nos ser passado um visto para visitar a área. Os militares, desfilavam cerca de 30 militares. Encostados a uma parede tinham armas automáticas. Antes de nos ser passado o visto, eu e o meu amigo fomos interrogados durante esta hora. O mesmo para, que também foi interrogado, mas aparentemente foi acusado de que não poderíamos tirar fotografias.

Fui assim, fomos obrigados a apresentarmos-nos na delegação de polícia, para nos ser passado um visto para visitar a área. Os militares, desfilavam cerca de 30 militares. Encostados a uma parede tinham armas automáticas. Antes de nos ser passado o visto, eu e o meu amigo fomos interrogados durante esta hora. O mesmo para, que também foi interrogado, mas aparentemente foi acusado de que não poderíamos tirar fotografias.

Fui assim, fomos obrigados a apresentarmos-nos na delegação de polícia, para nos ser passado um visto para visitar a área. Os militares, desfilavam cerca de 30 militares. Encostados a uma parede tinham armas automáticas. Antes de nos ser passado o visto, eu e o meu amigo fomos interrogados durante esta hora. O mesmo para, que também foi interrogado, mas aparentemente foi acusado de que não poderíamos tirar fotografias.

Fui assim, fomos obrigados a apresentarmos-nos na delegação de polícia, para nos ser passado um visto para visitar a área. Os militares, desfilavam cerca de 30 militares. Encostados a uma parede tinham armas automáticas. Antes de nos ser passado o visto, eu e o meu amigo fomos interrogados durante esta hora. O mesmo para, que também foi interrogado, mas aparentemente foi acusado de que não poderíamos tirar fotografias.

Sinceramente
Anthony Young

NACIONAL

Timor-Leste

(Por Filomena de Almeida)

As FALINTIL são hoje um símbolo nacional

Um elemento constante de que se trata Timor é indubitavelmente a FALINTIL. Este sujeito pessoal teve o papel de uma época longa de vida em Timor-Leste. A FALINTIL, no entanto, não é apenas um movimento revolucionário que, por vezes, se dedica a actividades de luta, mas também se dedica a actividades de educação e de saúde. Os seus membros são conhecidos por serem pessoas que se dedicam a actividades de educação e de saúde. Os seus membros são conhecidos por serem pessoas que se dedicam a actividades de educação e de saúde.

Os seus membros são conhecidos por serem pessoas que se dedicam a actividades de educação e de saúde. Os seus membros são conhecidos por serem pessoas que se dedicam a actividades de educação e de saúde.

Os antecedentes que deram origem à FALINTIL

Quando se fala de "os antecedentes da FALINTIL", é necessário referir-se ao movimento de libertação de Timor-Leste, que se iniciou em 1975.

Quando se fala de "os antecedentes da FALINTIL", é necessário referir-se ao movimento de libertação de Timor-Leste, que se iniciou em 1975.

Quando se fala de "os antecedentes da FALINTIL", é necessário referir-se ao movimento de libertação de Timor-Leste, que se iniciou em 1975.

Quando se fala de "os antecedentes da FALINTIL", é necessário referir-se ao movimento de libertação de Timor-Leste, que se iniciou em 1975.

Quando se fala de "os antecedentes da FALINTIL", é necessário referir-se ao movimento de libertação de Timor-Leste, que se iniciou em 1975.

Quando se fala de "os antecedentes da FALINTIL", é necessário referir-se ao movimento de libertação de Timor-Leste, que se iniciou em 1975.

Quando se fala de "os antecedentes da FALINTIL", é necessário referir-se ao movimento de libertação de Timor-Leste, que se iniciou em 1975.

Quando se fala de "os antecedentes da FALINTIL", é necessário referir-se ao movimento de libertação de Timor-Leste, que se iniciou em 1975.

Quando se fala de "os antecedentes da FALINTIL", é necessário referir-se ao movimento de libertação de Timor-Leste, que se iniciou em 1975.

Quando se fala de "os antecedentes da FALINTIL", é necessário referir-se ao movimento de libertação de Timor-Leste, que se iniciou em 1975.

Quando se fala de "os antecedentes da FALINTIL", é necessário referir-se ao movimento de libertação de Timor-Leste, que se iniciou em 1975.

Quando se fala de "os antecedentes da FALINTIL", é necessário referir-se ao movimento de libertação de Timor-Leste, que se iniciou em 1975.

Em 1975, com a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Da guerra civil à declaração da independência

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.



Foto: O autor. O autor da fotografia, que se encontra no arquivo pessoal do autor, foi tirada em Timor-Leste em 1975.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

Logo após a chegada de FRETILIN, iniciou-se a guerra civil durante a qual a FALINTIL desenvolveu um papel preponderante na libertação do território de Timor-Leste.

123. 24 AGOSTO 1991 COMITÉ DA FRETILIN DE NOVA GALES DO SUL

Falintil Army

East Timor - 16 Years of Resistance

The Fretilin Committee of NSW

invites you

to a celebration in support of the continued struggle of the National Armed Forces for the Liberation of East Timor (Falintil) against the Indonesian occupation of their country.

Enjoy Timorese food, dancing and culture, plus a slide show of recent photographs from East Timor.

7 pm Saturday 24th August 1991

Masonic Hall, Corner Kane and Galliope Streets, Guildford.

Speakers:

Emilia Gusmao Wife of the Falintil Leader, Xanana Gusmao

Dr Garth Netthiem Diplomacy Training Program at the UNSW.

Tickets: \$15 employed \$10 students/unemployed

Contacts (For tickets and RSVP)

Lola Reis 726 2340

Jose Felipe 823 4109

Anthony Burke 365 0873



124. 26 AGOSTO 1991 SMH

Suharto approves visit to East Timor

By a correspondent in Jakarta

THE President of Indonesia, Mr Suharto, has finally approved a "non-investigatory" visit to East Timor by officials from Portugal, which had been visiting for several years to visit its former colony.

But the Indonesian Foreign Minister, Mr Ali Alatas, said at the weekend the Portuguese would not be allowed to conduct any "investigatory" in East Timor, which came to Indonesia's 200,000 people were killed as Indonesian troops took control of the region after the Portuguese withdrew in 1975.

It is the visit would be purely for observation and not for an investigation, he said.

Because Portugal has indicated to make an investigation, we will not be certain for such a visit.

Mr Alatas said an agreement

from 1988 Portugal would arrive in Jakarta at the end of next month to prepare for the delegation's visit to East Timor, expected after Portugal's parliamentary election in October.

The advance team would not be involved in any political activity because it would be allowed only to check the availability of accommodation, transportation, visas and other facilities for the group, which would be accompanied by a United Nations observer appointed by the secretary-general Mr Javier Perez de Cuellar.

Negotiations for the visit lasted several years and an agreement was reached earlier this month.

Foreigner ended its 400-year rule in East Timor when it abruptly pulled out in 1975, sparking a civil war.

UPI

The Sydney Morning Herald

26 8 91

We've done it again: Indonesia offended

By GREG AUSTIN
Foreign Affairs Correspondent

CANBERRA. The Prime Minister has offended Indonesia by suggesting and then cancelling a visit there because he wants to go South Africa instead, according to informed sources.

Initial contacts were made with the Indonesian Government recently to prepare the ground for a visit by Mr Hawke, a Government source said.

But Mr Hawke's interest in going to South Africa in November appears to have taken priority. The proposed visit to Indonesia had to be called off because there was only a short period when Mr Hawke could be out of the country.

Mr Hawke made a short visit to Jakarta in 1983. He has not visited Indonesia since.

It is understood Indonesia would like Mr Hawke to take some time to see Indonesia outside Jakarta. Last financial year, Australian Government ministers made seven visits to Indonesia but none of those were to Jakarta only.

If Indonesia had proposed a lengthy program, such as five days, Mr Hawke's staff may have advised him to defer a trip to Indonesia until he had more time to spend there.

The new Indonesian Ambassador to Australia, Mr Sabam Sibuan, would not comment on the report. It is understood the Indonesian Government would view a visit by Mr Hawke as timely.

It is understood Mr Hawke is keen to go to Indonesia and the Government does not want the cancellation of the visit to be seen as a snub in any way.

Some officials in Jakarta see the cancellation of the visit by Mr Hawke as evidence that he and his ministers may be ignoring bilateral relations with Asian countries in preference for grandstanding on big international issues, such as



Mr Hawke ... no overseas trip this year.

South Africa and Cambodia.

"If Mr Hawke goes to South Africa after visiting the Commonwealth Heads of Government meeting in Zimbabwe, then then may be room to believe that what Prime Minister Mahabir says about him is true," said an official, who declined to be named.

"It's not a serious foreign policy Australia is pursuing if they do this sort of thing," the official said. The Malaysian Prime Minister, D Mahabir, has been critical of perceived anti-Asian bias in the perceptions of Australians, including politicians and journalists.

Apart from simply offending Indonesia by offering and then cancelling a visit, the fact South Africa, still ruled by the white National Party, was the preferred choice may have touched a raw nerve.

Timing is important for the Indonesians, with parliamentary elections due next year.

Mr Hawke has not been out of Australia since September last year. He cancelled separate visits to Europe and the South Pacific Forum because of Mr Keating's leadership challenge.



O Português



Um semanário para as Comunidades de expressão portuguesa

Sydney,

26/8/91 Nº 231

Ano 5

Registered by Australia Post, Publication no. NBF 5534 PO BOX 180, Dulwich Hill, NSW 1585

Printed in Australia

como vice-Presidente. A Continua na página 2

O Mundo assistiu, nas últimas horas à queda do Partido Comunista Russo. Corporizado e expandido por Lenine, em 1917, o Partido Comunista Russo, que durante 74 anos foi o braço de ferro que dominou a sua bela praxe o Povo Soviético, conheceu, finalmente, a sua hora mortal com a resignação do seu líder, Gorbachev, o desmantelamento do partido e da retirada das estatuas dos seus fundadores ou impulsionadores.

Mário Robalo, jornalista do Expresso e recentemente refido pelas autoridades da Indonésia, País onde se deslocou em serviço de reportagem, afirmou, a sua chegada a Lisboa, que o ambiente vivido em Timor é de verdadeiro terror. Segundo este jornalista, as autoridades da Indonésia têm feito verdadeiras sistematizadas ao povo

Timoreuse, tais como, por exemplo, cortar os seios e violar mulheres em público. Por vezes, nestas orgias de verdadeiros seres dementes, tomam parte mais de vinte homens ou soldados violando a mesma mulher. Segundo este jornalista as pessoas vivem aterrorizadas e falam em suadina pois para elas é a própria podras

tem ouvidos. Mário Robalo que considerou a autorização para se deslocar a Timor como uma oferta envenenada, das autoridades locais, apesar de sujeito a apertada vigilância ainda conseguiu falar com o líder da resistência, Xanana Gusmão. Para não ser incomodado pelas autoridades deixou todo o

material de reportagem em Timor, em mãos que não quiz divulgar, mas quanto a si seguras, e recebe-lo-á mais tarde sem qualquer complicações como O Jornalista do Expresso disse que as autoridades da Indonésia o obrigaram a despedir em público, para, posteriormente, o auxiliarem minuciosamente antes de tomar o avião para

Amesterdão. Durante a viagem foi acompanhado de dois elementos da segurança Indonésia que o informaram ter em seu poder fotos da sua mulher e da sua família, numa verdadeira e solada ameaça. Estas informações de Mário Robalo foram transmitidas a colegas e colegas

Continua na página 2



terror em Timor

Continuação da página 1

aguardavam no aeroporto depois de ter dado um emocionante abraço a sua mulher. Mário Robalo não quis fazer declarações públicas antes de dar conhecimento ao Governo da sua experiência em terras da Indonésia e Timor. Mário Robalo havia chegado à Indonésia a 27 de Julho, a ficando cerca de um mês, para em seguida se dirigir a Timor. A 10 de Agosto foi preso e sofreu um interrogatório de uma hora e meia pelas autoridades locais na tentativa de obrigá-lo a fornecer a identidade como se tudo se havia iniciado com a capitã Amiana Gusmano.

a Moscovo, após o falhanço da greve viveu durante uma semana

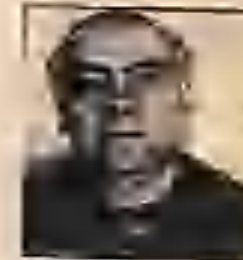


Um povo que luta pela liberdade

Terça-Feira, 27 de Agosto de 1991

Céus de Timor

87



BAILÃO LOPES

Aqueles homens não são gente

- afirma Emilia Gusmão ao DN sobre os ocupantes indonésios de Timor-Leste



Emilia Gusmão, a esposa de Bailão Lopes, afirma que os ocupantes indonésios de Timor-Leste são "aqueles homens que não são gente".

meu corpo, mas não me vergaram o espírito. Mesmo a igreja se distanciou de mim, como se eu fosse uma leprosa ou uma peçonha sem perdão. Estava sozinha, sozinha.

«De uma vez levaram-me, sovinha, de helicóptero, para Baucau. disseram-me que meu marido se queria render, mas sabia que eu estava lá a resistir. Não me deixaram pegar em algumas coisas, que eu devia ter levado que precisasse. Pensei que me iam matar, era assim que eles faziam, que eles faziam, pegam numa pessoa, levam-na não se sabe para onde e ela não volta a aparecer... Quando cheguei a Baucau, fui para o comando do batalhão. Disse-me ele que um oficial em contacto pela rádio com meu marido e tentaram, mas não conseguiram. Depois, pediram-me que lhe escrevesse uma carta e escrevi uma página. Ele respondeu-me que nenhuma mulher escrevia só uma página a quem não se vê há tanto tempo. Escrevi outra, ainda não chegava, e outras e outras, quatro páginas em que dizia a Xanina que estava bem. Ela estava

mostra de uma troca iníqua. Perderam-na, torturaram-na, amaldiçoaram-na, criaram a

1) MAIS "APOIOS" INTERNACIONAIS

No meu artigo (85) citei diversas organizações internacionais estrangeiras que, oficialmente, apoiam Timor-Leste e o seu povo.

Agora, mais um caso: Os 650 participantes do IV Congresso Europeu das Comunidades Crístãs de Deus, aprovaram, na sua última sessão, em Pádua, uma resolução "condemnando a invasão de Timor-Leste" e "apelando para os governos das nações presentes para que reconheçam o direito à autodeterminação do povo timorense".

Esta resolução foi aprovada por unanimidade, por representantes de Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, Irlanda, Holanda, Grécia, Escócia, Inglaterra, Suíça, Bélgica, Polónia, Checoslováquia, Filipinas, Brasil, Nicarágua, Senegal e África do Sul.

2) COMO A DESGRAÇA DE TIMOR FAZ APROXIMAR OS BONS CORAÇÕES

Do jornal "Distrito de Solihull", de 23 de Julho, transcrita, com a devida adaptação, um artigo de nossa costanheira catalunhã e amiga Capliça José Aguiar-Ribeiro:

Em Milão, p.ó. nédebi, por intermediação desta "Distrito" uma carta que nos foi remetida da Austrália, acerca dum artigo que já se tinha publicado e que o nosso, também amigo de Timor, Bailão Lopes, nos pediu uma foto dum carismático que viveu em Díli, em Setembro de 1945 e se remeteu para o seu jornal "Correio Português" também na Aus-

trália, que já não temizado de ser. Temos pedido para Deus que possa fazer quanto mais depressa melhor ao massacre do povo de Timor que sofre, porque se sejava apenas, o mínimo, a história, como afirma, já mais uma vez, a um ministro que ali esteve em 1975 e que muito prometeu, mas que, mais, ao que também, fez.

Maria. Foi o amigo José Monteiro, de Darwin, em

Porto de Vila, em Vila, remaneceu

127. 28 AGOSTO 1991 SYDNEY PNA

AMBIENTE DE TERROR E INIMAGINÁVEL DIZ JORNALISTA MÁRIO ROBALO

Lisboa - A expressão "Indonésia em Timor" criou um ambiente de terror que "inocentou mesmo o magar", disse o jornalista Mário Robalo, le dorante o curso de 20 dias sobre um repórter em qualquer território.

FORTUGAL AGRADECE À HOLANDA LIBERTAÇÃO DE JORNALISTA PORTUGUÊS

Lisboa - O governo português congratulou-se com o fim das hostilidades público-diplomáticas que permitiram a regresso à Indonésia do jornalista Mário Robalo que esteve retido em Timor sob a mira das autoridades indonésias.

O Ministério Português dos Negócios Estrangeiros agradeceu cordalmente às autoridades indonésias as esforços desenvolvidos para o "retorno em segurança" do cidadão português.

Após o curso das relações diplomáticas entre Portugal e a Indonésia na sequência da ocupação de Timor em 1975, a Holanda representa os interesses nacionais junto do regime indonésio.

Disse o primeiro-ministro que o Ministro e o sub-secrário de Estado dos Negócios Estrangeiros estivera em contacto permanente com Dava no sentido de "ressarcir os jornalistas portugueses", disse o magar. É esta uma fonte do Palácio das Nações Unidas.

Mário Robalo, do semanário "Expresso", deu exemplos, afirmando que as autoridades indonésias "existiam com a mulher e crianças em meio ao público".

"As vezes são mais do que homens, soldados, e mesmo em momentos a voltar para a mulher em público", disse o jornalista.

"Eu fui todas as semanas com a família a conhecer a nova situação, mas a mulher e a criança não estavam lá", disse o jornalista.

"Eu fui todas as semanas com a família a conhecer a nova situação, mas a mulher e a criança não estavam lá", disse o jornalista.

Mário Robalo, que fez a reportagem a segurança indonésia para a viagem com um "comité de segurança", afirmou ainda que conseguiu falar com a líder da resistência indonésia, Saragha Lubiano.

No entanto, admitiu, não trouxe nenhum material de reportagem, por razões de segurança habituais, segundo Mário Robalo, "está em lugar seguro" e chegará às suas casas por meio de um preferido a qualquer dia.

O jornalista do "Expresso" contou ainda que a polícia indonésia exigiu a "respiro" em público, para a revista, no aeroporto de Jacarta quando estava para partir para Amesterdão.

Posteriormente, dois agentes de segurança indonésios acompanharam-no no seu regresso.

As mensagens, segundo fontes, acrescentam, dizem respeito a que Robalo em seu poder fotografias da mulher e da sua

família.

As declarações de Mário Robalo, que referiu a necessidade de falar com o governo sobre de dar mais informações - foram prestadas aos funcionários da informação que o aguardavam no aeroporto da Portela, de passagem por longo e suscitando desvio a sua família.

Alguns dos jornalistas de outros órgãos de comunicação social, esperavam por Mário Robalo vários membros do exército do "Expresso" e o sub-director-geral adjunto, Joaquim Viana, e o sub-director-geral adjunto do Ministério dos Negócios Estrangeiros português, Domíngos Gomes.

MRA diz não haver razão para co um líder que para a te

Faro - O movimento da república e progresso do Algarve (MRA) considera "insustentável" a negociação para se falar num líder que para a te

Foi comunicado, após a estrutura regionalista, depois de admitir que "com a situação não se arregaça a situação sem a ajuda indonésia", diz que está em posição de afirmar que "embora a crise do Golfo esteja a provocar um impacto significativo de entrada de estrangeiros no aeroporto de Faro, não há razões para se considerar 1991 um ano turístico bom na região".

"É claro que não se está perante um líder que para a te

Josquina Viana refere que a reportagem "vale a pena" até porque, entre outras coisas, poderá dar referências importantes a eventual deslocação de uma delegação parlamentar portuguesa a Timor-Leste.

Mário Robalo chegou a Indonésia em 27 de Junho, onde esteve quatro ou cinco dias, e depois partiu para Davao. Aqui, em 16 de Agosto, foi entrevistado pelo comandante das forças armadas da Indonésia no território durante uma hora e meia.

As autoridades de Jacarta procuraram desde então obter informações sobre os contactos que Robalo teve com Saragha Lubiano, líder da resistência indonésia.

J. A. MA
R
1st floor
(E)
Tele
Tratamos de
IMPOSTO
Marquês
Horário: De Se
E

Quarta-Feira, 28 de Agosto de 1991

"O PORTUGUES NA AUSTRÁLIA"

Página 7

AUSTRÁLIA

TIMOR LESTE

O DIA DAS FALINTIL COMEMORADO NA AUSTRÁLIA

Por Filomena de Almeida

Realizou-se pela primeira vez na Austrália uma festa específica para a comemoração do DIA DAS FALINTIL, após a decisão da FRETILIN de despartidarizar as Forças Armadas - as únicas forças actualmente activas em Timor Leste no plano da oposição armada contra os ocupantes indonésios.

Coube ao Comité da FRETILIN em NSW, o mérito de lançar a iniciativa de honrar os heróis "assu' unis" com a realização de um acto político-apartidário.

Considerando a inserção das FALINTIL no novo contexto de futuro preconizado pela FRETILIN a partir de 1988 - a postura de despartidarização das Forças Armadas de Timor Leste, o Comité da FRETILIN em N.S.W. convocou os membros do Comité estadual da U.D.T. e apresentou-lhes uma proposta para a comemoração conjunta do DIA DAS FALINTIL

um Comandante Regional que se referiu nos meios específicos de subsistência dos guerrilheiros durante as duas épocas climáticas em Timor Leste.

A extraordinária adaptação dos guerrilheiros aos condicionais exigidos pela guerra de guerrilha, retratada no relato dos Comandantes Regionais, não deixou margem para dúvidas de que a Resistência sobreviverá em Timor Leste.

Salienta-se ainda que estes filmes foram conseguidos a custo de enormes sacrifícios e riscos de vida dos nossos heróis sem nome, os membros da Rede Clandestina. Trata-se assim dum material precioso apesar de conter enormes falhas técnicas como, por exemplo, a falta de nitidez das imagens e a ausência de som em algumas partes.

A convite do Comité interveio a oradora Maria



...apresentou uma proposta para a comemoração conjunta do DIA DAS FALINTIL, a iniciativa foi recebida com bons argumentos vários e a Comissão da FALINTIL decidiu tomar conta a sua programação com a participação da UDT.

A comemoração do DIA DAS FALINTIL, teve lugar no salão de Galerias, cerca de 400 pessoas estiveram presentes no evento de entre os quais figuravam Timorenses vindos de Melbourne e de Perth que se deslocaram da proposta para esta finalidade. Vários amigos de nacionalidades diversas, que têm vindo a sua volta para a divulgação da herança resistência do povo Maubere, marcaram também a sua presença neste dia importante.

Um dos momentos mais emocionantes dessa celebração foi a projecção de dois filmes recentemente chegados de Timor Leste. Os referidos filmes focaram as guerrilhas, as actividades, nomeadamente, a movimentação dos mesmos nas áreas montanhosas de Timor Leste, uma reunião de trabalho das Comandarias Regionais com a Comandante em chefe, Antonio Gusmão e um encontro do Chefe da Resistência Armada com a população local. Um documentário que capta a atenção especial de alguns espectadores, que

...pudes.

A reunião do Comité interveio a oradora Maria Paula Gusmão, esposa da Comandante das FALINTIL, Vanessa Gusmão, dirigindo uma brilhante mensagem de apoio a Unidade sendo rejeitada ainda na diversão, sucessivas comissões pelo indonésio em Timor Leste.

O programa de festas foi ainda abrilhantado com a actuação de um grupo do Centro Cultural de Timor Leste que apresentou danças, cantares e poemas Timorenses.

A maravilhosa resposta da Comunidade Timorena à iniciativa do Comité é uma prova do desejo dos Timorenses unirem também no exterior para combater a inimiga comum - a Indonésia. O afluir de Timorenses a festa de celebração do

DIA DAS FALINTIL, a cada um factor de reconhecimento para a proliferação de ideais que permitam promover convívios entre jovens Timorenses e destes com as gerações mais velhas para o fortalecimento de relações de unidade a nível da Comunidade Timorena no exterior da Pátria.

Contribuam todos para a nossa objectiva comum. Para isso será necessário intermédio de uma vez por todas as que tentamos que se possam unir sempre a unidade FALINTIL.



QUANDO AS GRALHAS PIAM MAIS FINO!...

No nossa última edição, no longo artigo intitulado "As Falintil são hoje um símbolo nacional" da autoria de Filomena de Almeida, foram cometidos alguns erros. Assim no sub-título: "Os acontecimentos que deram origem à Falintil", no 1o parágrafo, 2a linha deve-se ler: convergiam em vez de constamiam; "As Falintil como braço armado do povo", 2o parágrafo, 2a linha deve-se ler simbiótica em vez de simbólica; "O palco de peões das Falintil", 2o parágrafo, 3a linha deve-se ler 1000m, em vez de 100m; "A evolução das Falintil", 2o parágrafo, 1a linha deve-se ler Fretilin e não Falintil. À autora do artigo e aos leitores de nossas desculpas.



Renata's Travel

De Sydney - Melbourne - Brisbane - Canberra e Adelaide

para Lisboa a partir de

\$1770

Tratamos de todos os documentos para a sua Viagem, acomodação, aluguer de carros, seguros, etc. Faça-nos uma visita e verá a diferença.

ESPECIAL COM GRANDES DESCONTOS

Contate os nossos agentes:

Tina Mendes - em Newtown com o telefone: 310-4411

Maria Felix - em Fairfield com o telefone: 227-2205

Rubel Pereira - em Melbourne com o telefone: (03) 629-5200

Reserva de reserva válida por 1 ano

Melbourne
171 Macaulay St
Melbourne 3000
Tel: (03) 837 8772, 837 8773
Fax: (03) 837 8774

SYDNEY
25-27 The Concourse, 2nd Fl
Sydney NSW 2000
Tel: (61) 212 2295, 212 2295
Fax: (61) 212 2295

Tina Mendes
24 Centre Rd
Newtown NSW 2042
Tel: (61) 212 2295, 212 2295
Fax: (61) 212 2295

Maria Felix
11 Queen St
Melbourne VIC 3000
Tel: (03) 629 5200

EAST TIMOR

Council of Europe: Arms embargo for Indonesia!

The Parliamentary Assembly of the Council of Europe, at a meeting of its Standing Committee in Helsinki on 28th June 1991, unanimously adopted an unprecedented resolution on East Timor, calling for an embargo against Indonesia. The Council of Europe includes virtually all the countries of Europe, excluding some East European countries. Hungary is already a member and others are in the process of joining. The text of the resolution is as follows:

1. East Timor was annexed by Indonesia on 17 July 1976 with total disregard for the rules of international law and the rights and obligations of Portugal, which was the governing power. The annexation was accompanied by various violations of human rights and a policy of racial assimilation.

2. The annexation has been condemned not only by the General Assembly and Security Council of the United Nations but also by the Conference of Non-Aligned Countries, the Inter-parliamentary Union, the European Parliament, the ACP-EEC* Joint Assembly and many other international, parliamentary, political and religious organisations.

3. From the outset the Indonesian occupying forces were involved in violent confrontation with an armed Timor resistance movement which has always had the support of the East Timorese people and in recent years more particularly of the young.

4. The Assembly condemns the annexation of East Timor by Indonesia, which it regards as a violation of international law and more particularly of peoples' right to self-determination and independence.

5. It likewise condemns the continual grave violations of human rights which the Indonesian occupying forces have inflicted on the people of East Timor and it affirms the right of the Timorese people to decide their own political destiny and passively, develop and assert their cultural, linguistic and religious identity.

6. It points out that Portugal, which is the governing power recognised by the United Nations General Assembly, is morally and legally obliged to "promote and guarantee the rights of the people of Timor to self-determination and independence" (Article 297 of the Portuguese constitution) and supports Portugal's many representations in this matter since 1975.

7. It endorses the mediation endeavours of the Secretary General of the United Nations and encourages parliamentary and other initiatives aimed at enforcing the United Nations resolutions.

8. The Assembly demands that the Indonesian government: i. ends all violation of international instruments establishing human rights and people's right to self-determination and independence; ii. opens East Timor's borders and allows international and human rights organisations, starting with the Red Cross,

to carry on their work freely; iii. orders an immediate cease-fire with the Timor resistance forces, withdraws its armed forces from East Timor and creates the political preconditions for free exercise of self-determination.

9. Lastly, the Assembly calls on Council of Europe member states to:

i. insist upon a political solution negotiated within the United Nations and involving Portugal, Indonesia and the East Timorese people;

ii. urge countries which have economic links with Indonesia to bring pressure to bear on Indonesia to halt all violation of human rights and all appropriation of East Timor's natural resources and assets;

iii. support food and health aid to the East Timorese people;

iv. implement an arms embargo in respect of Indonesia until the objectives set out in paragraph 8 have been achieved.

* ACP-EEC: Africa-Caribbean-Pacific/European Economic Community.

Europe's Greens also want arms embargo

A meeting of the European Greens held in Zurich on 1-2 June adopted a proposal submitted by the Portuguese Ecology Party for action to demand an embargo on all arms sales to Indonesia because of its invasion and illegal occupation of East Timor. The resolution reads:

Considering the dramatic situation that continues to prevail in East Timor and the genocide that has taken place there since the Indonesian invasion.

And considering the mood of the Timorese people, particularly at the present time, for solidarity and understanding from the international community, we propose to launch a campaign on behalf of the Greens in Europe and worldwide at all possible levels, towards Parliaments and Community institutions, for a halt to all the sales of arms to Indonesia.



EAST TIMOR

Timorese soccer players defect in Australia

Four East Timorese soccer players defected while in Darwin for the Arafura Sports Festival. Two reached the Portuguese Embassy in Canberra and soon left for Lisbon; the other two have asked for asylum in Australia.

João Pedro Ribeiro, 24, and Júlio Gonçalves do Rego, 26, were the first to escape from the twenty security guards accompanying the soccer team on 27 May. With the help of East Timorese in Darwin, they reached the airport, bought tickets to Canberra and reached the safety of the Portuguese Embassy within hours. At a press conference, they said they had taken part in peaceful demonstrations in Dili, were on a blacklist and feared for their safety. They had only been allowed to go to Darwin because of their sporting skills.

The other two defectors, Francisco Lobo, 19, and Francisco de Gama, 36, captain of the team, went missing shortly after the first two left Darwin, and turned up at the local immigration office to ask for asylum.

The defectors drew much media attention in Australia and came as a great shock to the Indonesian authorities. Ribeiro, the goal-keeper of the team, and do Rego, who has been described as Timor's star mid-field player, told a press conference in Canberra that they had decided to leave because they knew they were both on a security blacklist in Dili as they had participated in demonstrations. They had been allowed to leave only because of their sporting skills and the assumption that security forces could keep control.

The two men said they had decided to defect before leaving Dili but their relatives at home knew nothing at all. They told of torture, killings and the disappearance of Timorese who challenge Indonesian rule.

I couldn't go back to Dili. We live in constant fear. It is the law of the jungle there and they (the Indonesians) are the ones with the guns.... There is constant bashing and harassment from the military. I myself have been bashed. It happens all the time. After 6 o'clock, we are all too scared to go out because of military patrols.

The defectors were made possible thanks to the well-organised support of the East Timorese community in Darwin. Local Timorese met them at Darwin airport and bought them tickets for the journey to Canberra via Sydney.

Remarkably, after the first two had disappeared, the next two were also able to make off.

Emotional stress

When the remaining eleven team members made their way by bus to Darwin airport to return to Dili, there was dozens of local Timorese at the airport, urging them to defect as well. When they reached the airport, the men remained in the bus for more than half an hour. Photos published in the Australian press show the men, in the bus, in a state of anguish, wondering on Lyttonia as they faced the dilemma of deciding what to do.

In the airport, they were taken to a conference room and allowed to speak freely to the British representative in



João Pedro Ribeiro (left) and Júlio Gonçalves do Rego after defection.

Darwin, Alfredo Pereira, an Australian lawyer, immigration officer and an official from the Portuguese embassy in Canberra; they all decided to return home. Alfredo Pereira said afterwards: "Their families are there and it is their country."

Stunned Indonesians

The incident was widely reported in the Indonesian press. Sportsmen or women defecting used to come from the Soviet Union, China or Eastern Europe before the political changes there, so defections from Indonesia made sensational reading.

Reactions from senior officials were diverse and sometimes even contradictory. The Indonesian consul in Darwin described the affair as 'an embarrassment' for Indonesia. "It's up to the people in Jakarta whether there will be future visits like this. It will only disturb good relations between Indonesia and Australia."

Gubernur Cacuaralao suggested it might have something to do with financial difficulties or worries about unemployment. In fact, the soccer-team is owned by Bank Summa and the members receive Rp. 120,000 a month plus a bonus for matches as well as having other jobs. De Gama, for example, works for the provincial administration in Dili.

While Foreign Minister Ali Alatas shrugged it off as a joke (which is what he called the MPs meeting with UN Secretary-General Perez de Cuellar in March), General Try Sutrisno, armed forces commander-in-chief, said it's not a 'defection'. "Just call it a family reunion." MP Theo Sambuaga blamed it all on the Portuguese.

Vice-President Sudharmono took the affair seriously enough to order the Minister of Sports, Ashar Tanjung, to

Another detainee, Syarif, was reportedly taken from his cell to the military detention centre in Laido, Pidie together with seven others and executed early in 1991. Fellow prisoners report that the eight bodies were buried in a mass grave on the grounds of the military barracks in Laido.

Hundreds of Acehnesé have been taken from their houses but only a few dozen are accounted for and have been put on trial. Some are still in prison for further interrogation while others have disappeared.

Asia Watch issued an urgent action on behalf of the nine disappeared people and called on the Indonesian government to account for the date and whereabouts of the nine men reported missing. The organisation also called for an investigation into allegations of torture in Acehnesé prisons and detention centres, and urged the Indonesian government to prosecute military or police personnel believed to be responsible for such torture.

Ongoing trials

Since June (see *TAPOL Bulletin* No. 105, June 1991) several more harsh sentences have been passed. There have been five more sentences, bringing the total of verdicts to 21.



The defendant Muhammad Thahir being taken into the Makassar District Court. He received a sentence of 30 years.

Three more defendants were tried at the District Court of Luksamawe, allegedly involved in terrorist activities:

Umaryah bin Hummah, a civil servant, 55 years, received a sentence of 20 years on 19 June. The prosecution had demanded a life sentence. He was allegedly involved in the attack and burning of a truck on 20 April 1990.

Muhammad Nazar bin Abdullah, a worker at PT KKA, 28 years, was accused of stealing 3 kg of explosives from PT Kerinci Kraft Aceh (paper and pulp company), to be used for attacks on police stations and the Arum gas installation.

The prosecution demanded 20 years imprisonment and on 29 June, he was sentenced to 14 years.

Ibrahim Muhammad Jalli alias Ibrahim Gaya, a truck-driver, 36 years, was accused of making an attack on an army convoy at PT KKA when arms were taken. He was sentenced to 16 years.

The following cases were tried at the Medan District Court:

Abdul Jali bin Muda Sali, an itinerant photographer, 36 years, was accused of functioning as a liaison officer for GAM between Aceh and Malaysia, affording illegal

ACEH

meetings and circulating subversive material. The prosecution demanded 15 years, and on 6 July he got 10 years.

Surya bin Umar, a food vendor, 30 years, was allegedly involved in smuggling weapons from Thailand into Aceh. On 26 June the judges passed a verdict of 8 years after the prosecution demanded a sentence of 12 years.

Lawyers in Indonesia agree that the trials in Aceh are a travesty of justice. LBH, the Legal Aid Institute has not been allowed to assist the defendants. The LBH director in Medan called the trials a "drama where everyone is told what part to play" (*PEER* 25 July 1991). *PEER* correspondent Adam Schwarz wrote:

*The lawyer in Banda Aceh, who helped defend three GPK- Aceh suspects, said the defendants told him they were forced to confess under torture. They did not speak up in court, he said. "Because they had been told that if they made trouble they would be sent back in military facilities for further questioning. They knew the means more torture" (*PEER*, 25 July 1991).*

Eight of the Banda Aceh verdicts went to the High Court by appeal. Four sentences were increased, three were cut while one remained unchanged.

The sentence of Hasbi Abdollah (brother of GAM leader, Dr Zaini Abdollah, in exile in Sweden) was increased from 14 to 17 years, Mulkan Hosen's sentence went up from 12 to 15 years, and Nurdin Abdurachman's from 9 to 13 years. The latter two were involved in GAM activities in the 1970s and had previously been arrested. Adnan Sauryanah's sentence went up from 8 to 9 years. During his trial, Beurusyah responded to the summarising up of the prosecution with a graphic account of the torture he experienced. His account is reproduced at length in the June 1991 *Asia Watch* report.

Ahli Syam's sentence went down from 6 to 5 years. The sentences of Ashur Raisah and Morwán Yusus were reduced from 8 to 6 years. The 5-year sentence of the ninth political prisoner, Tenku Effendi, was upheld.

LBH condemns abuses in Aceh

The Jakarta-based Legal Aid Institute (LBH) has issued a report strongly critical of the human rights situation in Aceh. It gives details of the torture inflicted on Adnan Beurusyah, before his trial.

The LBH accuses the authorities not only of torturing detainees but of obstructing their right to legal assistance; often there was no lawyer even for those charged with offences carrying a maximum penalty of death. The Aceh Banda Aceh trials were not open and severely was very tight, with helicopters hovering of the courtroom, the report said.

LBH described the situation in Aceh as "a setback for human rights in Indonesia... An LBH client who requested legal assistance in February this year disappeared after the military had picked him up and taken him from the village, showing him badly injured and his face covered with scratches... Nobody knows whether he is alive or dead" (*Review*, 24 July 1991).

ARMS SALES

New BAe Hawks accord with Indonesia

On 20 June, British Aerospace announced an agreement with Indonesia's aerospace industry, IPTN, for the joint production of Hawk fighter aircraft in Indonesia. In London for the deal, Dr B.J. Habibie, chief executive of IPTN, said that Indonesia needs 69 Hawk aircraft which could cost a total of \$2 billion. Prime Minister John Major received Habibie on the day before the agreement was signed.

CAAT and TAPOL oppose the deal

On 21 June, TAPOL, together with the Campaign Against Arms Trade, issued a press release announcing that they had written to Prime Minister John Major to protest against the agreement announced between British Aerospace and IPTN for the co-production of Hawk jet trainer and light attack fighter aircraft.

The deal was announced during a visit to London by Indonesia's Minister for Research and Technology, Dr B.J. Habibie, who is also President Director of IPTN and head of all the other Indonesian state companies manufacturing armaments and naval vessels. Besides being received by John Major, Habibie held meetings with Government ministers, including Alan Clark, Minister for Defence Procurement.

This is the latest in a long series of contracts between IPTN and British Aerospace involving the export of Hawk aircraft, Rapier missiles, the transfer of technology and the construction of a technology college for members of the Indonesian armed forces.

In their letter to John Major, CAAT and TAPOL protested that the deal would promote IPTN as the base for the manufacture of military aircraft for use not only in Indonesia but throughout Southeast Asia and the South Pacific.

At a time when there is growing pressure worldwide to cut back arms production and exports and to reduce expenditure on military equipment, a principle which your own Government says it subscribes to, such a deal is totally unacceptable.

Moreover, as your Government is well aware, Indonesia is engaged in a war of aggression in East Timor in violation of UN Security Council Resolutions 244 and 249 which were supported by Britain. The Indonesian armed forces are also at this very moment perpetrating large-scale atrocities against the people of Aceh in North Sumatra. There can be no justification for the British Government to reinforce Indonesia's fighting capability when it is behaving in such an aggressive and repressive fashion.

The two organisations called upon the Government to reconsider any decision already taken and not to allow the agreement to go ahead.

CAAT also issued its own press release in which CAAT coordinator, Jim Peigham was quoted as saying: "In 1989 British Aerospace wanted to export the Hawk fighters to Iraq. After protests from CAAT and the Kurdish community, the Government finally decided not to allow the sale. Iraq appears not to have learnt from this. They now seem to sell to another dictator, General Suharto, whose armed forces have also invaded a neighbouring

territory, East Timor, and continue to occupy it in defiance of United Nations Security Council resolutions."

CAAT also said that despite the invasion of East Timor in 1975 and the appalling human rights record of the Suharto regime, the United Kingdom is a major supplier of weapons to Indonesia. As well as previous Hawk deals in the late 1970s and the early 1980s, other sales have included frigates from Vosper Thornycroft, surface-to-air missiles from BAe and surveillance radar from Plessey.

French and US deals to militarise CN-235 aircraft

Habibie has also struck major deals regarding equipment to convert the CN-235 aircraft, a civilian plane currently manufactured by IPTN under licence with the Spanish company CASA, for military use. A deal concluded with Messier-Bugatti during the Paris Air Fair in May involves co-production of landing-gear to progress to the production of a military-type CN-235.

A deal with the US company, McDonnell-Douglas will facilitate the production by the IPTN of harpoon missiles, jointly researched by the two companies, to convert the CN-235 aircraft for use as maritime patrol aircraft. Habibie has also concluded a deal with the Allison General Motors Corporation gas-turbine division to enable IPTN to use the CMA-2100 engine on the CN-235, enabling it to take off from a short runway. In exchange for a licence to use the CMA-2100 engine, IPTN will become a maintenance centre for the engine. (*Indonesian News*, 15 July 1991).

All-in-all, Habibie's trip to Western Europe this year has marked a significant advance for IPTN in the form of the transfer of technology, reinforcing the Indonesian company's role as a producer of military aircraft.



carry out an inquiry. Akbar Tanjung himself, in the hot seat, as it were, could only say: "We were taken completely by surprise. We never imagined that such a thing would happen."

Later, *Suara Pembinaan* published a lengthy account of what happened, accusing the Timorese in Darwin of using terror to make the sportsmen defect. Interestingly enough, their only source was Harry Silalahi, one of the team.

BRIEFS

Seven arrested in Baucau

Five men and two women were arrested in Baucau on 13 July in a round-up by red-burnt commandos aimed at uncovering people in contact with the guerrilla movement. Four of the men are members of the Civil Guard's *loko* (this probably stands for *keamanan* *keamanan*, or security unit). These arrests followed six weeks after a guerrilla named Celestino was captured and heavily tortured to force him to divulge the names of clandestine contacts in Baucau.

The seven detainees, who are still in army detention are:

- **Mau Dolur Gheto**, 25 years, married, from Saclari-Baucau, member of Saka
- **Domingos Gama**, 23 years, the wife of Mau Dolur
- **Vernando Alfa**, 25 years, from Saclari-Baucau, formerly fought with Falintil in the bush.
- **Juliano Baekoni**, 26 years, a native of Hagulu also a member of Saka.
- **Aulita Gama**, 23 years, from Saclari-Baucau, her husband is fighting in the bush.
- **Juliano Wakala**, 26 years, from Saclari-Baucau, a member of Saka.
- **Mamuel Ximenes Pereira**, 25 years, from Soba village, Iaga, a member Saka.

All seven were tortured for information about persons in contact with the guerrillas.

In Dili, a teacher named Constantine Pinto who was arrested in January 1991, then released, and Nuno Colvelho (previously arrested in July 1989) are in the mix.

Japanese MPs barred from East Timor

Four Japanese MPs who applied for permission to visit East Timor for three days in July have had their request turned down. At first a message was conveyed informally by the Japanese Foreign Minister to the MPs that it takes six months to prepare for a visit to the territory. A few days later, they received a letter from the Indonesian Charge d'Affaires in Tokyo, flatly rejecting the request.

The confusion was compounded when a spokesperson of the Department of Foreign Affairs in Jakarta, commenting on a *Jakarta Post* report that the request had been turned down, denied that the Department had received any request for a visit by Japanese MPs. A few days later, Jakarta's position changed again. Foreign Minister Ali Alatas was quoted as saying that the request was "under consideration".

The four MPs are members of the 91-strong Diet Forum on East Timor. They made the application to the Indonesian embassy in Tokyo and asked the Japanese Foreign Ministry for help. The MPs are Saburo Edo of the United Social Democratic League, two Diet members from the Socialist

EAST TIMOR

Party and one from the ruling Liberal Democratic Party.

In his letter to the Indonesian ambassador, Saburo Edo said the purpose of the Diet Forum on East Timor is "to gather and analyse accurate information on the situation in East Timor and study the role which Japan should play towards the achievement of a comprehensive solution to the question". The group was planning to meet the governor, the military commander, International Red Cross officials, the Catholic bishop and others. It would have been the first visit to East Timor by a group of Japanese MPs.

At the first stage of the saga, assistant to Saburo Edo Kiyoko Furusawa said the need for six months' notice: "This is not arbitrary. We thought one month would be enough time. The Indonesian government said that East Timor was open (but) it does not want a visit at this time. The group now plans to go in July 1992." [Reader: 5 July 1991]

Meanwhile, the four defectors have asked the International Red Cross and Amnesty International to press for protection for their relatives against the possibility of retribution.

The letter from the Charge d'Affaires gave a relash of the Indonesian claim that East Timor had been integrated according to UN resolutions on self-determination and said:

EAST TIMOR

As you know, the Japanese Government firmly recognises East Timor's incorporation into the Republic of Indonesia and also supports UN proposals for a settlement.

In this basis, the Indonesian Government sees no need for a visit to Indonesia/East Timor by you and your group in order to add to your information, or invite you to visit and examine, honestly, the documents we sent you a while ago.

The claim that the Japanese Government recognises East Timor's incorporation by Indonesia is not correct. For instance, the Japanese Government's official publishers, when consulted, that a boundary should be shown between West and East Timor in maps because the status of East

Timor is still undecided.

Xanana's family harassed

On 31 May, Indonesian army intelligence officers forced their way into the house of the parents of Xanana Gusmanu in the district of Vila Verde, Dili, in an attempt to discover the whereabouts of the leader of the East Timor armed resistance.

It was part of an army operation to intimidate the family of Xanana Gusmanu, after the authorities discovered that the leader of the resistance secretly visited Dili in March and April (see opposite page).

After dark, army agents in civilian clothing pulled up in a vehicle with no numberplate, forced their way into the home of Xanana's parents and threatened to rape his sister, 35-year old Mariana Gusmanu. They were taking her out of the house when a group of Timorese, alerted by her screams, drove her from the clutches of the soldiers. The agents tried to force her to say where her brother was, which she refused they threatened to take her away for interrogation. [Expresso, 8 June 1991]

Timorese youth being transferred to Java

In a move to defuse political tensions in East Timor, in time for the forthcoming visit of Portuguese parliamentarians, hundreds of unemployed Timorese have been moved to Java and placed in low-paying jobs. The scheme is being encouraged by the military on the assumption that relieflessness among young East Timorese is caused by unemployment and dissatisfaction with their lot. The Portuguese parliamentary mission is likely to visit East Timor before the end of the year.

The scheme is being run by *Yayasan Tura*, a new foundation set up by Saburo's eldest daughter, Tami Hardiyanti Rukmana, an ambitious businesswoman with her finger in many business pies. Francisco Korbuar, chairman of the foundation, first visited East Timor to discuss the scheme last October, when the security forces were clamping down hard on students, schoolpupils and other young Timorese. [Sunday Express, 26/5/1991] Tami's secret-scheme drive has the approval of BAKR, the Strategic Intelligence Agency, which is keen to reduce the political pressure in East Timor.

Turasan itself offered the trainees' (initially a period of training and a job in Batam industrial complex at Rp 200,000 a month. The first group of 150 Timorese who accepted the offer soon discovered that 'training' meant a two-week indoctrination course under the pseudonym, Kak Selo. Over 70 were then transported to Banyuwangi, Semarang district, Central Java, put to work at the PT Kawahates textile factory and paid only Rp 70,000 (about £30) a month after deductions for food, lodging and transport; they received only Rp 21,000. Others were given jobs with similar conditions in Bandung, Bogor, Jakarta and Salatiga.

Clashes and arrests

Already in two places, tensions have flared up between local workers and the Timorese. In Semarang, the Timorese were accused of being ungrateful for the special facilities they were given. Fighting broke out on 18 May; the local army and police intervened, threatening the Timorese with

fines. The next day, four Timorese went to Jakarta to complain to *Yayasan Tura* but got no response. They went to Salatiga for help from the Timorese student organisation, *DEPKATIM* which wrote on their behalf to Komplotex chief executive, Robby Cahyadi, again with no results.

Meanwhile in Bandung, 17 'hostages' were placed in a textile factory. Hoyan ten tensions flared when local people alleged the Timorese were getting special treatment but were ungrateful. Clashes broke out which led to police intervention. Two Timorese, Egas Jose Quintus and Francisco da Cunha, both 18-20 years, were arrested on 22 June, after police made several visits to the hostel where they were staying. They were taken to Sumedang Prison and are believed to be held in custody there. The father of Egas was killed by the Indonesian armed forces and his mother, who lives in Viqueque, has often been abused by soldiers.

Besides *Yayasan Tura*, another business, *Bakaka Elektronik*, owned by a successful newcomer to the Jakarta business world, Fadel Mulhagud, has also started to recruit young Timorese. Fadel visited East Timor along with General Try Smitono for the army's Lebaran festivities in June this year. It may be that he is interested in employing Timorese who have completed training at an advanced technology school in Funafuti who, despite their skills, fail to find jobs in East Timor. It is understood that *Bakaka Electronics* has already taken more than a hundred young Timorese to Jakarta.



EAST TIMOR

BY APPOINTMENT TO THE UN
RECONSTRUCTION COMMITTEE
JANUARY 2 1991

Occasional reports no. 15

tapol The Indonesia Human Rights Campaign
11 RUMAH SAKIT, JALAN KEMANGKARAN, JAKARTA 10110

Occasional Reports no.15 contains TAPOL's submission to the 1991 meeting of the UN Decolonisation Committee.

Price £1.00 including postage

EAST TIMOR

For a just peace in the 1990s

A new campaign for peace talks in East Timor has been launched in Australia to draw attention to the continuing conflict in East Timor and the need for a lasting settlement.

The campaign is calling for a ceasefire and talks between the East Timorese and Indonesian to resolve the conflict. Last November, the leader of the East Timorese resistance, Xanana Gusmão, called for a ceasefire and offered to participate in talks 'without preconditions', under the auspices of the United Nations. He called on the Australian government to intercede with the Indonesian authorities to press for talks, but the request was flatly rejected by Australia's Foreign Minister, Senator Gareth Evans, who was in Indonesia at the time discussing details for implementing the Timor Gap Treaty.

The talks initiative is moderate, just constructive and has the potential to gain support from a wide cross section of the international community, as well as some sections of Indonesian society where concern about East Timor has grown in recent times.

In a 16-page document entitled, *East Timor: for a Just Peace in the 1990s*, published by ACEQA, the Australian Council for Overseas Aid, it is argued that many international factors now work in East Timor's favour. Portugal is successfully pressing the issue within the European Community, concern about East Timor within the Japanese Diet and the US Congress is gaining strength, and the crisis of communism in the Soviet Union and Eastern Europe means Indonesia can no longer justify its presence in East Timor on security or political grounds, if ever such grounds existed.

Many circles feel that it's now East Timor's turn, that following the Gulf crisis, independence in Namibia, plans

for a UN-supervised referendum in the Western Sahara and Eritrea's advance to independent statehood, the UN should turn its attention to East Timor.

For copies of the booklet, *East Timor: Towards a Just Peace in the 1990s*, write to: ACEQA Human Rights Office, 124 Napier St, Fitzroy 3065 Australia. Tel: (03) 417 7505 Fax: (03) 416 2746.

Xanana in Dili for five weeks

Xanana Gusmão, commander of the armed resistance, PAINTIL, and leader of the National Council of Maubere Resistance, was able to get into Dili in March and is understood to have spent five weeks there, well protected by clandestine forces.

This happened six months after Xanana's unprecedented meeting in the bush with Robert Dornan, the Australian lawyer, a meeting that could only have been possible thanks to a carefully-planned escort, taking the Australian through Indonesian lines.

Xanana's proven ability to move even in towns where there is a heavy Indonesian military presence means that it should be possible for him to meet members of the Portuguese parliamentary mission when it visits East Timor. It is understood that the UN Secretary General supports the view that the purpose of the mission cannot be fully achieved without such a meeting taking place.

TAPOL protests to Portugal

TAPOL and other human rights organisations were particularly critical of Portugal's failure to address human rights in East Timor at the meeting. In June, TAPOL wrote to Mario Soares, the Portuguese President, condemning the omission of any reference to East Timor in the Declaration. TAPOL wrote:

Portugal always made a point of wanting to create possible from that the attention be paid to the situation in East Timor. For this reason, we see the Declaration as a setback. With Portugal becoming a member of the United Nations, we expect that East Timor will be the agenda on EC council.

TAPOL also drew the President's attention to the situation being perpetuated in Aceh and urged him to ensure that Portuguese representatives also sit at the EC and on occasions when meetings are held with ASEAN representatives.

129. 2 SETEMBRO 1991 AUSTRALIAN

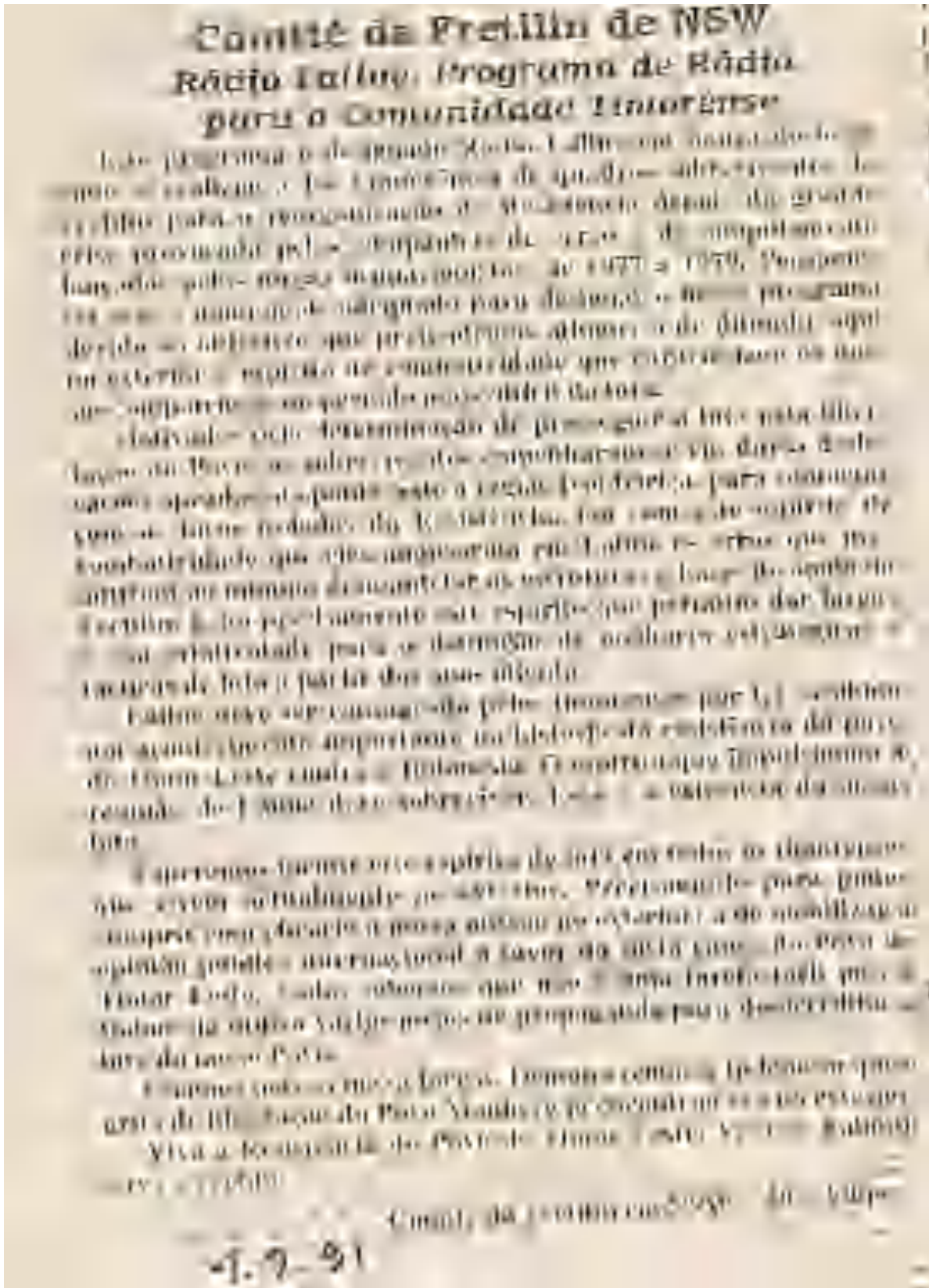


130. 02 SETEMBRO 1991 SMH



131. 4 SETEMBRO 1991 RECORTE DE JORNAL NÃO IDENTIFICADO

132. 4 SETEMBRO 1991 FRETILIN



133. 04 SETEMBRO 1991 SYDNEY PNA

Quarta-Feira, 4 de Setembro de 1991

Timor-Leste**Mário Carrascalão negou ter falado à agência noticiosa "Antara"**

Daria: O governador de Timor-Leste, Mário Carrascalão, negou em declarações à rádio Prosa, do Doria, que tenha afirmado que a visita dos deputados portugueses "apenas serviu para os convencer que Timor é legalmente um território da Indonésia".

Mário Carrascalão, nomeado governador pelas autoridades de Jacarta, negou ter prestado declarações à agência noticiosa Antara da Indonésia.

"Eu não falei à Antara há muito tempo", disse o governador, acrescentando ter sido uma reunião pública com cerca de três mil funcionários, onde se apercebeu que estavam alguns elementos da agência noticiosa, mas dizendo que tinha pronunciado as declarações que o órgão de informação transmite.

Carrascalão acrescentou que durante a reunião conversou com funcionários que a Indonésia enviava a clarear a situação dos portugueses em Timor, ainda este ano, e que "a população de Timor durante a visita continua a sua vida normal".

**"O Português na Austrália"
Fale de nós aos seus amigos**

O Português

Um semanário para as Comunidades de expressão portuguesa

9/09/91 Ano 5 Registered by Australia Post, Publication no. NBF 8834 PO BOX 180 Dunwich Hill NSW 2205 Preço - \$1,20



Xanana Gusmão impressionado com falta de estratégia

O Líder da resistência Timorense, Comandante Xanana Gusmão, considera que a falta de uma estratégia clara, convictamente interessada, de Portugal em relação a Timor Leste é tão notória que impressiona. Numa entrevista dada ao Jornal "Público" Xanana Gusmão refere que as negociações actualmente em curso, entre Portugal e a Indonésia, visam essencial, ou unicamente, a questão de uma eventual hipotética visita de uma Delegação Parlamentar Portuguesa a Timor Leste.

respostas foram gravadas em vídeo, defendeu que Portugal não deveria continuar a negociar se a visita não se efectuasse até ao fim de Agosto último. Questionado sobre o que Portugal poderia ter feito em favor do povo de Timor, Xanana Gusmão, declarou não querer ser juiz das ações de Portugal. Tem de compreender apenas a grande pobreza de Portugal. Para o líder da resistência será uma solução política a única que irá por fim ao conflito iniciado pela invasão da

deste guerrilheiro, desde que há 16 anos luta contra a invasão Indonésia, tem sido passado, em mais de 20% ao mar, vivendo entre dificuldades internas de toda a ordem e a neces-

sidade de obter uma visão Global das suas várias vertentes. Durante os anos de luta admite ter vivido momentos de grande angústia e aperto psicológico, precisamente em momentos cruciais em que se sentia impotente



Não há ainda data para visita a Timor-Leste

EMBRAS em tempo real com líderes do Conselho de Segurança das Nações Unidas pelas representantes de Portugal - de Indonésia com vista à desistência de uma delegação parlamentar portuguesa a Timor-Leste, o ministro das Nações Unidas, a delegação portuguesa regressou a Lisboa, a 12 de Novembro, após a sua visita técnica ao território.

Interrogado sobre a questão, o secretário diplomático da presidência da Assembleia da República, que esteve em Nova Iorque a propósito da presença portuguesa de contestação para a actual situação política, afirmou que a delegação portuguesa não se deslocou a Timor-Leste. Não foram cumpridos a tarefa de inspeção do Alto Alto, disse o ministro das Nações Unidas, a delegação portuguesa não permitiu ao ministro manifestar o desejo de visitar o território, não foram realizadas reuniões com autoridades portuguesas e indonésias, não se realizou a ONU, não houve reuniões de trabalho e não se realizou a delegação da Assembleia da República e que não se realizou a delegação portuguesa ao território de Timor ocupado pela Indonésia de 1975, a delegação portuguesa das Nações Unidas, foi interrompida no passado dia 12 de Novembro de 1991.

Tal como sempre, a reunião do trabalho para a

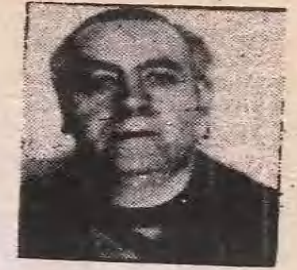
Indonésia foi interrompida antes com ambas as partes, os termos e condições que se estabeleceram e um acordo entre os parlamentares portugueses e Indonésios - número de deputados, de imigrantes portugueses e indonésios, regime de visto e outros - de ordem das condições legais para a desistência da desistência de um documento. As condições legais de direito comum em vista da transição de ambas as partes ao domínio do território, em termos de valores e segurança, instalações para alojamento e administração local. A missão ligada da ONU que fotografou as condições portuguesas, não foram os termos de acesso à que Portugal se recusou a aceitar, esta não se realizou no território de Timor de que todos os dados e condições serão recolhidos pelo Indonésio. Os termos legais portugueses em Nova Iorque em princípios de Agosto para este efeito, ainda não foram concluídos.

9.9.91

Terça-Feira, 10 de Setembro de 1991

Ecos de Timor

89



BAILÃO LOPES

As intenções ignoradas do Presidente Suharto



Molucanos contra o regime de Suharto. E denunciaram o clima de violência e às detenções que continuam a ser efectuadas naquela ilha.

“Entre Março e Maio de 1991 foram detidas mais de 400 pessoas”, afirmou Ronny Nussy

3) E AGORA?

O sub-director-geral político do Ministério dos negócios Estrangeiros, Quartin dos Santos, e o acessor diplomático do presidente da Assembleia da República, Moreira de Andrade, estão a procurar acertar, em Nova Iorque, os últimos detalhes da viagem a Díli da delegação parlamentar portuguesa, que já se aponta para 1992.

Polémica e melindroso (como de resto o foram todos os processos de descolonização lançados em Portugal), o caso de Timor-Leste revestiu-se de particularidade muito próprias, acentuando ainda mais o “caso à parte” que o território timorense sempre representou no quadro colonial português. E de que a resistência do régulo D. Aleixo à ocupação japonesa, nos anos 40, é apenas um exemplo.

Desde o início da década de 80 que a diplomacia portuguesa tem tentado recuperar o período de inércia e impotência protagonizado por Lisboa desde 1975.

E agora, como será?

4) MAIS FORTE DO QUE O MEDO

Da coluna “Opinião”, do Diário de Notícias”, de 19 de Julho

ECOS DE TIMOR

decompõem-se em duas partes: a primeira, de caráter geral, trata do país e da situação política, social e econômica; a segunda, de caráter específico, trata da situação da imprensa e dos meios de comunicação. No primeiro caso, o autor trata da situação da imprensa em Timor-Leste, enquanto no segundo caso trata da situação da imprensa em Timor-Leste e da situação da imprensa em Timor-Leste.

Porém, que não se trata de uma obra de caráter geral, mas de uma obra de caráter específico, trata da situação da imprensa em Timor-Leste, enquanto no segundo caso trata da situação da imprensa em Timor-Leste e da situação da imprensa em Timor-Leste.

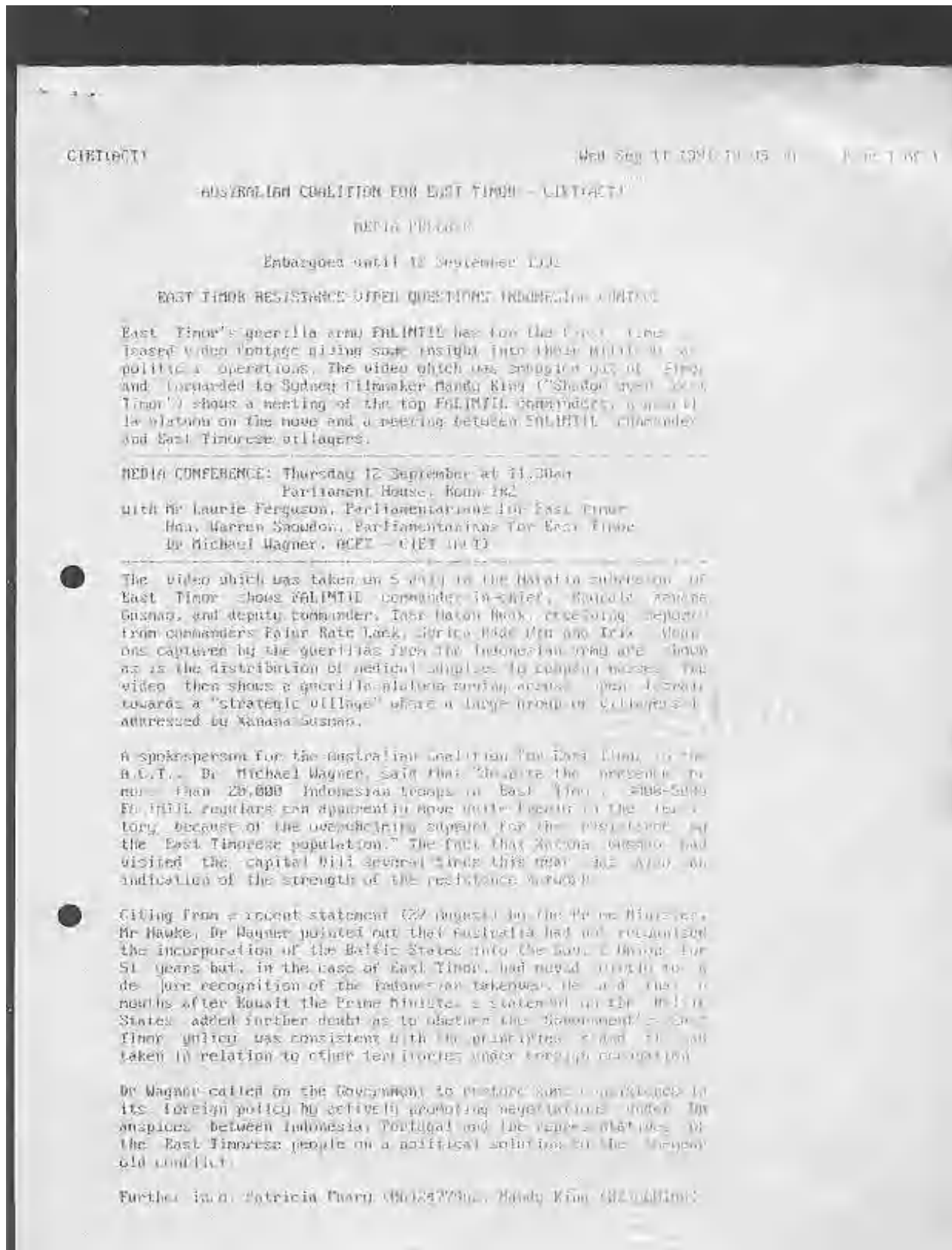
É uma obra necessária para os alunos, para os alunos que precisam de uma obra de caráter específico, trata da situação da imprensa em Timor-Leste, enquanto no segundo caso trata da situação da imprensa em Timor-Leste e da situação da imprensa em Timor-Leste.

Os autores da obra, ao tratar da situação da imprensa em Timor-Leste, abordam a situação da imprensa em Timor-Leste, enquanto no segundo caso trata da situação da imprensa em Timor-Leste e da situação da imprensa em Timor-Leste.

É uma obra necessária para os alunos, para os alunos que precisam de uma obra de caráter específico, trata da situação da imprensa em Timor-Leste, enquanto no segundo caso trata da situação da imprensa em Timor-Leste e da situação da imprensa em Timor-Leste.

De Lisboa, para a "Comunidade Portuguesa" da Austrália, através do sistema de correio aéreo internacional.

136. 11 SETEMBRO 1991 ACET



137. 12 SETEMBRO 1991 RDP

137 91/91 13/9/91 16:20 video timor

As forças de guerrilha de Falintil, em Timor Leste acabam de tornar público pela primeira vez um vídeo que dá conta das suas actividades militares e políticas,

O vídeo gravado em 7 de Julho passado foi agora enviado a Mandy Auld, a produtora do documentário Sombra sobre Timor Leste e nele pode observar-se o comandante Kay Rala Xanana Gusmão, o seu adjunto Taer Matan Ruak e uma conferência com outros comandantes militares. No vídeo vê-se ainda armamento militar indonésio, a entrega de medicamentos e pessoal de enfermagem das guerrilhas., &

Um pelotão de guerrilhas atravessando uma vasta área para falar com a população de um grande aldeamento.

O porta voz da Coligação para Timor Leste em Canberra, Dr Michael Wagner declarou na momento à Comercial que era óbvio que não obstante a presença de 20 mil tropas indonésias, os 1 mil a 1500 guerrilheiros dispõem de liberdade de movimento e dispõem do vasto apoio das populações locais.

Amanhã o Dr Wagner apresentará o vídeo no Parlamento australiano conjuntamente com dois parlamentares para Timor Leste, Lucia Ferguson e Warren Snowden.

fcc para rdc

138. 13 SETEMBRO 1991 RDP

1991 11/09/91 por cimar video 1991

Os parlamentares australianos para Timor Leste e o Dr. Michael Wagner da coligação para Timor Leste apresentaram hoje aos meios de comunicação oficial no parlamento federal australiano o primeiro vídeo gravado pelas forças da resistência.

O vídeo gravado em julho passado mostra a liberdade de movimento das guerrilhas e o apoio popular nas aldeias da zona de cimar leste.

Um a presença de mais de uma dezena de jornalistas e vários parlamentares e vídeo foi hoje apresentado tendo sido afirmado pelo deputado Gerry Gibson que os negociadores passam visitas e território, que para urgente encontrar uma fórmula pacífica de solução para o problema de consumo violando dois direitos humanos em Timor onde a população vive ainda sob o regime de terror.

Por seu turno Warren Snowden o mais antigo membro dos parlamentares australianos para Timor Leste disse que 'hávia chegado à altura de a Austrália dar o seu apoio a iniciativas internacionais para encontrar conjuntamente com a Indonésia, Portugal e as forças de resistência uma solução pacífica para o problema'.

O Dr. Michael Wagner da coligação para Timor acrescentou que nada altura em que 'a Austrália esperou mais de 5. anos sem reconhecer a incorporação das três repúblicas do báltico foi aceita a incorporação de Timor na Indonésia', o Dr. Wagner disse ainda que a actual posição australianas está correcta e adoptada no caso do Kuwait e outros territórios sob ocupação estrangeira.

Os meios de comunicação social australianos apenas a escala nacional de radiodifusão não deu cobertura e passagem do vídeo embora um parte dos da televisão daquela cidade tenha declarado estar interessado em transmitir a mesma.

139. 14 SETEMBRO 1991 RDP

rdp 93/91 14/9 -11 13:30 1/1

O embaixador indonésio na Austrália, Saban Siaghan, foi esta manhã - noite de ontem em português vítima de um atentado em Darwin no território norte onde se encontra para uma conferência.

Embora tenha escapado ileso ao atentado, o embaixador indonésio está de momento sob protecção da polícia federal. Vários tiros de uma arma automática foram disparados contra o consulado indonésio de Darwin quando o embaixador se preparava para deixar o local e dirigir-se para o local da conferência subordinada ao tema "que rumo para a Indonésia no século 21".

A polícia federal suspeita que os atacantes sejam membros de movimentos separatistas tais como os timorenses ou os papuas ocidentais grupos que contam com milhares de pessoas residentes no território norte especialmente em Darwin.

to parte vez de comunidade timorês de Darwin
 > comunal que alguns timorês estavam envolvidos
 na incidente:

140. 15 SETEMBRO 1991 DARWIN, SUNDAY TERRITORIAN

COMMENT

15/9/91

SUNDAY Territorian EDITORIAL

Terrorism on our doorstep

TERRITORIANS might think themselves a long way from international terrorism

But the attack on the Indonesian consulate, seemingly planned to coincide with the visit of that country's ambassador to Darwin, shows the vulnerability.

That is why the statement by the person in charge of investigating the incident, Sergeant Garry Casey, that the police were not officially told of Mr Slaglan's impending visit to the Territory is so worrying.

Surely with the history of claim and counter-claim by Indonesian and East Timorese - and passion so high - the provision of such information to the police can be prepared should be routine.

Chief Minister Marshall Perron, who himself returned to Darwin only yesterday, is to order a police report of the incident.

So he should.

At the same time it would be wise for him to check the liaison between his own protocol officers and the police.

As for Mr Slaglan and Fretilin's representative in Australia Alfredo Ferreira, their public utterances since the incident have been exemplary.

"It is a minor effort to seek attention," the diplomat said.

"We disown this incident completely," Mr Ferreira said.

"The Indonesian Government has a

lot to answer for but we don't blame the ambassador."

With the recognised potential within Australia for inter-ethnic violence - between Serb and Croat, Greek and Turk not to mention Aborigine and non-Aborigine - it is to be hoped that such cool heads always prevail.

Time for judgment

Justice delayed is justice denied.

That is why Chief Justice Austin Asche is making an effort to deal with outstanding reserve judgments not delivered by Justice Phil Rice before he died.

It is an effort that could cost the public purse hundreds of thousands of dollars, not to mention the cost to the litigants.

It also illustrates the message from Dr. Association president Graham Riley:

"We must try and make sure we get quicker judgments in the future and learn a lesson from this."

141. 15 SETEMBRO 1991 DARWIN, SUNDAY TERRITORIAN

SUNDAY Territorian

Sunday, September 15, 1991

E0c



Lotto	19
Sport	19
Weather	20
Television	26
Classifieds	47
Real Estate	51

Yothu Yindi 'banned' at home P3

SHOTGUN ATTACK: POLICE GUARD AMBASSADOR

Three detectives have been installed in the Sheraton Hotel to guard Indonesian Ambassador to Australia Sobam Siagian during his visit to Darwin.

This follows a shotgun attack on the Indonesian Consulate in Stuart Park early on Friday morning.

But Mr Siagian does not believe the attack, which included the shooting of the consulate in absentia written in red paint, was prompted by his visit.

Mr Siagian does not believe the attack, which included the shooting of the consulate in absentia written in red paint, was prompted by his visit.

Three detectives, led by Sergeant Gerry Casey, admit they have no clues as to who was responsible for the attack.

Police said no-one had been in the building and no-one had heard the shotgun fired.

The matter would be treated as a case of criminal damage, but they were yet to find a suspect.

Holiday

It seemed that electronic surveillance equipment installed at the building had not been working, said Sgt Casey.

The police had not been told of the ambassador's impending arrival - apparently because it was to be a holiday rather than an official visit.

The police have questioned East Timorese in Darwin including Fretilin's Australian representative Alfredo Ferreira.

By JOHN LOIZOU, DEBBIE GRIMWADE and WARWICK STANLEY of AAP

Does not discount the possibility of Indonesian involvement, he said.

He joked that the consulate could be a target to break its links with news and his new quest.

Mr Ferreira said the incident could jeopardise future relations against the Indonesian Government over the occupation of East Timor since 1975.

"It's no good for us. We know the incident completely," Mr Ferreira said.

The Indonesian Government has a lot to answer for but it is not the ambassador's fault.

Attacks on the consulate have become almost annual occurrences in the past five years.



Sobam Siagian... 'a minor effort to seek attention' Photo: LYNDON MECHIESEN

Invited to Darwin by the Royal Australian Institute of Public Administration, he was staying at Darwin's Sheraton Hotel, two kilometres from the consulate, when the shotgun is believed to have been fired.

Mr Siagian ended a dinner on Thursday night about the current 'spirit of co-operation' between Indonesia and Australia.

He said the Northern Territory was leading the rest of Australia in fostering improved relations.

"Something like this does not concern me too much," Mr Siagian said.

Chief Minister Bligh appointed the incident worked in Darwin as a journalist in 1974.

2nd HUGE WEEK
SEPTEMBER CATALOGUE
 SEE PAGES 8 & 9
 10-3 pm FOR MORE BUYS!
SALE!

62 McMINN ST.

142. 16 SETEMBRO 1991 RDP

REP 16/91 16/9/91 11 22:00 01

O embaixador indonésio na Austrália, Sabar Siagian foi na sexta-feira passada vítima de um atentado em Darwin no Território Norte onde se encontrava para uma conferência.

Embora tenha escapado ileso ao atentado, o embaixador indonésio está de momento sob protecção da polícia federal. Vários tipos de uma arma automática foram disparados contra o embaixador indonésio em Darwin. A polícia federal suspeita que os atacantes sejam membros de movimentos separatistas tais como os timorenses que contam com milhares de pessoas residentes no território norte especialmente em Darwin.

Alguns pouco depois do atentado a polícia federal bateu a porta do representante da rebelião na Austrália, Alfredo Borges Ferreira - que vive em Darwin, e interrogou-o sobre o incidente. Alfredo Ferreira declarou-lhes que além de não estar envolvido no incidente não havia nenhuma vantagem para os timorenses efectuar um atentado destas, pois que a luta importante era a realizada no interior do território contra as forças de ocupação. Borges Ferreira foi entretanto entrevistado por vários órgãos de informação australianos sobre o mesmo atentado, tendo condenado uma acção ilegal apontando que atacar contra a vida de uma pessoa não era forma de resolver diferenças políticas ou pessoais e que a rebelião deveria renunciar a liberdade de Timor lutando no terreno e através de insubordinação civil contra as forças que ilegalmente ocupam a sua pátria.

Os jornais de Darwin nos hoje narra do atentado que teve lugar na festa da via nacional indonésia e consideram este atentado dentro da mesma classe dos atentados entre serviços e civis ocorridos no lugar por o divisionismo que pode ocorrer dentro australianidade diferentes extrínsecos políticos.

O mais infamado dos jornais australianos era o jornal Sunday Territorian que alegava que as práticas multiculturalistas australianas se estavam a virar contra si próprias. O jornal nacional The Australian por seu turno dizia apenas que a segurança em torno dos diplomatas indonésios havia sido aumentada.

Entretanto na Indonésia o general Wirgandito, chefe do parvosaputra pegou recentes alegações sobre violações dos direitos humanos em especial relacionadas com a praxia Vista de uma detenção portuguesa no território.

143. 16 SETEMBRO 1991 SMH



144. 17 SETEMBRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS

Terça-Feira, 17 de Setembro de 1991

Voos de Timor

90



BAILÃO LOPES

Jornalista português retido em Jacarta

“O ambiente em Timor-Leste é de verdadeiro terror”

A sua fuga veio de
dele não tem graça
nenhum para o povo
de Timor-Leste.
Este é o seu futuro
de se espalhar sobre
nada e pagá-lo.

Subscrição
em nome de
Juventude
Votante,

Encontro do jornalista
com Xenano Gusmão
em Timor-Leste: a
polícia indonésia não
conseguiu detectar o
foto entregue ao re-
pórter no aeroporto de
Dili por um anónimo,
com uma significativa
mensagem do verso.



Inquirido, o seu chefe da no-a-reporter de Lisboa, pelo Rádio
Arquivo Português, MARIO ROBERTO, repórter do jornal “O
progresso”, que durante três semanas esteve em Dili (em Jacarta),
afirma: “O ambiente em Timor-Leste é de verdadeiro terror.
Temos que ser rápidos e não fomos fora, ou então há represá-
lias da população. Com mulheres timorenses serem raptadas.

Logo no dia 16, a comandante das forças de ocupação interpu-
sco-a cerca de duas horas, amagando-a de ir embora por não ter
dado aquela entrevista. E procurando mesmo fazer óstias em
um momento, os hospitais europeus de sua mulher. Ficou
apoiado em Lisboa, por um espion indonésio.

A partir desse momento, com o momento, Maria Roberto é repórter.

Os testemunhos surgem-nos em
sussurros, fragilmente escondidos
pelas paredes das casas. Em Timor-
Leste, até mesmo as “pedras têm
ouvidos”.

Um dos últimos casos conhecidos
em Dili, poucos meses passado. Um médico
indonésio recusou-se a operar uma
camponesa - a quem tinha
diagnosticado uma apendicite -
depois de se aperceber de que a
mulher não poderia pagar a
intervenção cirúrgica.

fechada está porta, a doença ficou
sem poder recorrer a mais ninguém.
No território, a população
desconhece a lei e os direitos que lhe
assistem, permanecendo indefesa
perante os abusos que
quotidianamente ocupam a prática.
O extermínio do povo timorense não
assumiu agora as mesmas proporções
que na altura da invasão, quando
milhares de pessoas eram fuziladas
nas lagoas de Taci-Tolo, deixando as
águas vermelhas de sangue.

Hoje, o massacre apresenta-se difarçado. A água que os
habitantes de Dili consomem não recebe qualquer tipo de
tratamento. A carne não chega a mais de 90 por cento da
população do território; um quilo de carne custa oito mil
rupias, quando a generalidade dos salários não atinge

... e os que se vivem em silêncio, como se fossem quem nunca foram. De repente, a vida da população é sacudida por movimentos e ações inesperadas, que começam a surgir em silêncio e que vão mudando de uma maneira, que ninguém poderia ter imaginado, até que se torna qualquer coisa inesperada.

Esta foi a situação em maio de 1976, com o fim do regime de Vargas, com a queda do golpe e a instauração da democracia. O fim do regime de Vargas foi o fim da ditadura da União Soviética e o fim do regime de Vargas.

O primeiro período foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

1) A MISSA DE MARIO RONALD

O primeiro período foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

... e os que se vivem em silêncio, como se fossem quem nunca foram. De repente, a vida da população é sacudida por movimentos e ações inesperadas, que começam a surgir em silêncio e que vão mudando de uma maneira, que ninguém poderia ter imaginado, até que se torna qualquer coisa inesperada.

Esta foi a situação em maio de 1976, com o fim do regime de Vargas, com a queda do golpe e a instauração da democracia. O fim do regime de Vargas foi o fim da ditadura da União Soviética e o fim do regime de Vargas.

O primeiro período foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

O período de Vargas foi o período de Vargas, de 1937 a 1945. O segundo período foi o período de Vargas, de 1945 a 1964. O terceiro período foi o período de Vargas, de 1964 a 1983.

população do território. em cujo de carne cada oito mil rúpias quando a generalidade dos indícios não atinge sequer os 70 mil rúpias. Parte dos produtos alimentares vendidos de Jacarta são vendidos fora dos graus de validade, a maioria apresentando com os meios de transporte.

O aborto à vista é permitido, não obstante os protestos da Igreja. Anticoncepcionais são compulsivamente ministrados às mulheres timorenses que já possuem três filhos, os que estes produtos já estão a causar um surto generalizado de tuberculose pulmonar.

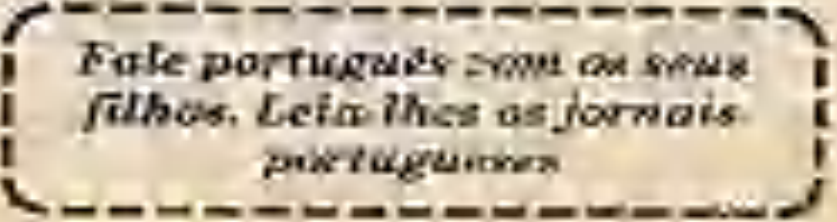
O receio de que as populações cívicas alimentares para os guerrilheiros, levou as autoridades militares a proibir os computadores de permanecer nas fronteiras após as quatro horas da tarde. Os indonésios obrigam ainda a que cada povoado se apresente duas vezes por mês no ponto administrativo, para se assegurarem de que ninguém se junta à resistência armada.

Mas o próprio povo é responsabilizado por hipólicas infiltrações dos FALINTIL: em cada um dos habitantes têm de oferecer, durante a noite, ações de vigilância. Um «falhaço» pode custar horas loucas e mesmo a própria vida.

A militarização do quotidiano faz-se sentir na permanente presença de soldados em todos os locais. Cada um dos 13 concelhos é fiscalizado em média por quatro batalhões, num total de mais de 30 mil homens. A ação destes militares não se resume a combater a guerrilha. Os abusos não são poucos, em cada aldeia que se visita. Um dos mais surpreendentes foi-nos relatado na ponta Leste do território: a uma mulher que se recusara a ter relações sexuais com a tropa, foram-lhe lançadas as ceras, acabando por morrer. Entretanto, dois jovens — Alfredo Ferreira e Domingalva Gomes — desapareceram no mês passado, depois de serem acusados de apoiar a resistência.

Como se todo isso não bastasse, a exploração dos recursos naturais de Timor-Leste vai a ser feita por empresas controladas pelos generais indonésios. É o caso da PT Denic, a qual os plantadores de café são obrigados a vender o produto. E se o arroz colhido tem de ser entregue à «cooperativa» do Concelho, a pavimentação das estradas de Timor foi entregue a uma empresa da ilha de Sumatra. Por seu turno, a comercialização do sândalo e do miquone está também na posse dos militares.

(Continua no pág. 41)



145. 18 SETEMBRO 1991 SYDNEY PNA - O PORTUGUÊS NA AUSTRALIA

PE

Deputado britânico diz que situação em Timor é intolerável

Estrasburgo - O deputado britânico ao parlamento europeu Derek Prag considera "intolerável" que a Indonésia continue a desrespeitar constantemente as resoluções do conselho de segurança das Nações Unidas sobre Timor-Leste.

Para o conservador britânico, membro do

grupo dos democratas europeus no parlamento de Estrasburgo, terá de haver um referendo para que a população local se possa pronunciar quanto ao futuro do território.

"Em Timor-Leste existe uma situação de total ilegalidade face ao direito internacional e devemos insistir com as autori-

dades indonésias para que cumpram as determinações do conselho de segurança", disse Derek Prag.

O eurodeputado britânico, que estava em Estrasburgo, França, recusou, na actual fase, a aplicação de sanções económicas contra a Indonésia preferindo que se exerça uma "pressão internacional efectiva" sobre o governo de Jacarta a favor do respeito dos direitos humanos e da legalidade internacional.

Para Derek Prag, a condenação internacional e a suspensão das acções de cooperação com a Indonésia consistem em sinal de que a CEE e a comunidade internacional não vão continuar eternamente como meros observadores da situação



Paris - O dirigente da União, Jonas Savimbi, afirmou que não há crise de confiança com o governo português, a propósito da recente visita a Angola pelo Primeiro-Ministro Cavaco Silva.

Numa entrevista feita em Abidjan e transmitida pelo serviço em português da rádio França Internacional, o dirigente angolano lamentou que o Primeiro-Ministro português tenha sido "arrastado para o papel de apoiante do MPLA".

Uma alta funcionária do MPLA, da mesma entrevista, que se distinguia de Savimbi, de forma a referir-se a "jogos de maquiagem", acrescentou:

deverá estar no capital angolano "dentro de poucas semanas".

Desdramatizou ainda a recente crise com o governo angolano que levou à saída da União da comissão conjunta polígrafo-militar que apoiava a paz em Angola.

A propósito da actual visita do presidente José Eduardo dos Santos a Washington, Savimbi disse estar certo que os Estados Unidos vão continuar a ajudar o movimento.

Savimbi afirmou também que o envio do exército de Euzébio para a zona de fronteira com a Guiné, em que se prevê o envio de cerca de 100 mil soldados,

OCEAN TAVERN

"Seafood Restaurant"

Cozinha Internacional

(Especialistas em Barfia)

e Especialidades Portuguesas

a Quinta-Feira das 18H00 às 23H00
s * Domingos do Meio-Dia à Meia-Noite

rrados à Segunda-Feira.

cações para festas de casamento, aniversários e aniversários.

os preços são competitivos.

nos e veja a diferença.

Campbell Parade, Bondi Beach

Faça português com os seus filhos. Toda-lhes os pratos

Quarta-Feira, 18 de Setembro de 1991

"O PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA"

Página 9

União Democrática Timorense - Secretariado Nacional

Comunicado

1 - Paulo Pires e Vicente da Silva Guterres, da ex-Comissão Política da UDT em Lisboa, emitiram um documento datada de 24 de Agosto corrente e que passamos a transcrever aqui na íntegra:

Na reunião da UDT, do dia 23/8/91, no salão paroquial da Cruz Quebrada, João Carrascalão, "informou" à Assembleia das "decisões" por ele tomadas:

* 1 - Que já tinha nomeado um alegado "Conselho Consultivo" (formado por pessoas que nada têm a ver com a UDT);

* 2 - Que tinha também nomeado uma "Comissão ad hoc" que tomaria posse no dia 30/8/91 (não citou nomes);

* 3 - Que a liderança da CNT - Convergência Nacionalista Timorense - passaria toda para a Fretilin;

Esta "decisão" arbitrária do Sr. João Carrascalão significa:

1) O fim da UDT; 2) Reconhecimento da Fretilin como "única e legítima" representante do povo; 3) Viabilização da segunda via da integração de Timor na Indonésia.

Por isso a Assembleia pôs-se em pé e repudiou energeticamente esta "decisão" ilegítima e recomendou o afastamento do Sr. João Carrascalão da UDT para o bem do Povo e da nossa luta.

Nós, Comissão Política da UDT e os outros Órgãos do Partido, assumimos em toda a plenitude, a responsabilidade histórica de continuarmos a empenhar-nos na manutenção e dinamização da UDT, como um Partido nacionalista, em Portugal.

Reafirmamos a nossa fidelidade ao direito do Povo timorense à Autodeterminação e à Independência.

Repudiamos com veemência a anexação de Timor na Indonésia, bem como qualquer tentativa autonomista sob a bandeira da Indonésia.

A Comissão Política,
Paulo Pires
(Presidente)
Vicente da Silva Guterres
(Vice-Presidente)

2 - Depois de rigorosa investigação, o Secretariado Nacional e a maioria absoluta do Comité Central da UDT REJEITAM VEEMENTE o contexto geral do documento acima transcrito, DENUNCIAM a ilegitimidade dos dois subscritores e CONDENAM a atitude desarrazoada da dita "assembleia".

Efectivamente:

2.1 - O Senhor João Viegas Carrascalão é um dos Vice-Presidentes do CC da UDT (Veja-se a página 6 do Relatório das actividades da Delegação da UDT, em Agosto de 1987, no Comité da Descolonização das Nações Unidas; Circulares Nos. 1 e 2, de Dezembro de 1987 e No. 1, de Março de 1988).

2.2 - O principal objectivo da sua recente passagem por Lisboa foi ultrapassar o impasse da situação do partido em Portugal, criado por Paulo Pires e Vicente da Silva Guterres que se tem oposto às directrizes deste Secretariado ou as propostas e iniciativas dos adeptos para a realização de eleições, logo após a dissolução da Comissão Política, em Agosto de 1990.

3 - Para além de ser um dos membros directivos do partido, o Senhor

Carrascalão, António de Sousa Nascimento, António José Quintão, Fausto do Carmo Soares, João Saldanha de Melo e outros, tem defendido intansigentemente o direito do povo timorense a autodeterminação e independência. É para isto que temos vindo a trabalhar. Sim! Se não fosse para a autodeterminação e independência nem os membros do Comité Central, nem ainda os adeptos e simpatizantes da UDT exilados na Austrália, se sujeitavam a tantos e tão grandes sacrifícios de toda a ordem. Portanto repudiamos a insinuação da dita "assembleia" constituída pelo "Clã Guterres" (utilizando a expressão do Paulo Pires) de que somos autonomistas. É uma calúnia, um insulto a todo o nosso empenho pela libertação do nosso povo e independência total da nossa Pátria.

10 - O documento em causa contém, em nosso entender, acusações graves, mas gratuitas, não só contra o Senhor João Carrascalão que, como porta voz oficial do partido ou a nível pessoal, se tem batido sempre pela autodeterminação e independência do povo timorense; ataca ainda fundamentalmente a FRETILIN, a nossa parceira na Convergência Nacionalista Timorense, o que é dupla e altamente condenável. A Convergência Nacionalista Timorense é uma convenção muito séria, entre os dois partidos nacionalistas timorenses (UDT/FRETILIN) celebrada em pé de igualdade e com objectivos bem definidos. As suas raízes remontam aos anos de 1976/77/78, quando o Presidente da Fretilin, Senhor Nicolau dos Reis Lobato, da saudosa memória, disse algures em Timor a um dos delegados da UDT:

- "Vai dizer ao vosso Secretário Geral que continuo a confiar nele. Diz-lhe que comece a lançar as bases para um futuro entendimento entre nós e vocês. Pois só juntos, poderemos enfrentar o nosso inimigo comum: a INDONÉSIA. "Os autores do documento ora em análise, os dois subscritores e a dita assembleia formada por uma dúzia e meia de indivíduos ligados ao "clã Guterres" devem todos responder pelas suas atitudes e calúnias não só contra o Senhor João Carrascalão como também contra os líderes da Fretilin que tem todo o direito de lhes pedir responsabilidades.

11 - A UDT é só uma. Tem a sua sede no solo pátrio onde foi fundada

em 11 de Maio de 1974. Os seus princípios e objectivos por que se norteia ainda não foram alterados. O nosso inimigo só poderá ser vencido se nós os udetistas formos unidos e coesivos, se na Convergência Nacionalista a UDT e a Fretilin se respeitarem mutuamente. Hoje mais do que nunca os udetistas devem estar unidos pois só assim poderemos continuar a nossa luta pela libertação da Pátria e para a criação de condições que permitam ao martirizado povo timorense exercer realmente o seu direito a autodeterminação e independência. Mas, para que essa unidade seja possível, há que arrancar as ervas daninhas, há que erradizar os elementos perniciosos que só estão à procura de interesses pessoais ou tentam a todo o custo desunir-nos. Tendo em vista os altos interesses da UDT na sua luta pela libertação da Pátria e liberdade do povo timorense e em cumprimento da alínea d) do artigo 10. da IV parte do Estatuto de 1975, Paulo Pires e Vicente da Silva Guterres não devem continuar no partido.

12 - Por último, mas não menos importante, saudamos todas as pessoas contactadas em Portugal pelo Senhor João Carrascalão. Elas são valores timorenses ou amigos de Timor. São a fina flor e a esperança do martirizado povo timorense. Timor clama por elas. Se até à presente data ainda não estão a empenhar-se directamente é porque, segundo afirmou Paulo Pires, o "clã Guterres" as não tem aceiteado sob o pretexto de serem integracionistas ou comunistas. Fazemos um apelo a todas essas pessoas para que participem activamente nesta luta da UDT. Como um partido nacionalista timorense a UDT está aberta a todos os timorenses nacionalistas, mas precisa sobretudo dos mais jovens e dos mais válidos que possam representá-la condignamente junto do Governo Português e em todas as instâncias internacionais onde seja debatida a questão de Timor Oriental e haja necessidade de defender com brilho e coragem o direito do povo timorense a autodeterminação e independência.

Perth, 25 de Agosto de 1991
Domingos de Oliveira
Secretário Geral

Timor

Indonésia quer impedir contacto da população com deputados portugueses

Lisboa - A Indonésia está a fazer todos os esforços para impedir qualquer contacto dos timorenses com a delegação parlamentar portuguesa, quando esta se deslocar a Timor-Leste, soube a agência Lusa junto de fontes da rede clandestina do território.

se uma "enorme pressão" sobre a igreja católica, no sentido de evitar contactos dos sacerdotes com os deputados.

Ainda em 9 de Setembro, ocorreram na ponta leste de Timor combates entre a guerrilha e o exército indonésio.

Quatro mortos (um

de Andrade, assessor diplomático de Vitor Crespo, presidente da Assembleia da República, poderão ser os representantes de Portugal na deslocação preparatória, adiantou a mesma fonte.

BOWDARK CO. Pty.Ltd.

Daniel Moreno
Licence No. 875408
MASTER PAINTER & DECORATOR
FULLY LICENSED CONTRACTOR
GENERAL PAINTING SERVICE
HIRE - MAINTENANCE CONTRACT



e sofrem em Timor Oriental, conferiram-lhes plenos poderes para em Portugal:

a - Contactar todos os timorenses válidos (já formados ou ainda estudantes) e os amigos de Timor, convidando-os a filiarem-se ou a trabalharem e apoiarem a UDT na luta pela libertação de Timor e criação de condições necessárias ao exercício do direito inalienável do povo timorense à autodeterminação e independência;

b - Proceder a eleição dos membros do Comité Político do partido em Portugal, conferir-lhes posse e passar-lhes credenciais; ou

c - na impossibilidade de se realizar a eleição, por falta de tempo, nomear, dar posse e passar credenciais a uma Comissão ad hoc que, além de outras tarefas, prepararia as eleições;

d - Tomar medidas que entender necessárias ao bom e eficiente funcionamento da UDT, durante a fase do impasse, na sua luta pela libertação de Timor Oriental e na defesa intransigente do direito do povo timorense a autodeterminação e independência.

4. Tanto em Nova Iorque, onde o trabalho intenso, as noites passadas em branco na preparação da intervenção da UDT e outras actividades foram coroadas de êxito, como em Portugal, o Senhor João Carrascalão tem vindo a manter contactos regulares com o Secretário Geral, membros dos Comités e adeptos, para os informar pormenorizadamente sobre os trabalhos já realizados, as dificuldades, os encontros com membros do Governo Português, líderes da FP e outros.

autoridades de Jacarta reuniram em Dili vários timorenses que colaboraram com a administração indonésia e intimidaram-nos a evitar qualquer contacto com os deputados.

Na mesma reunião, Jacarta aconselhou os funcionários a transmitir esta advertência a toda a população e deu ordens para que em todas as residências de Timor fosse lida uma bofetada.

frontos, segundo um responsável da rede clandestina timorense em Dili contactado pela Lusa.

Os combates ocorreram no mesmo dia em que, em Nova Iorque, representantes de Portugal, da Indonésia e do secretário-geral da ONU iniciavam uma reunião para discutir os pormenores técnicos da missão exploratória e da visita dos deputados portugueses a Timor.

Toninger's RESTAURANT

**Restaurante acolhedor
Cozinha deliciosa**

*3 pratos (serviço de menú) ou Paella de mariscos por \$15 (2a. a 5a. feira)
Jantares: Segunda a Sábado a partir das 17:00*

Some of us cannot stomach Australians telling us what to do'



Yesterday some view Australia as just 'a bloody nuisance' — Picture: ALAN PORRITT

Nation 'needs' stable Indonesia

BY GREG SHERIDAN

It is overwhelmingly in Australia's interests to have a stable Indonesia, according to Jakarta's ambassador Greg Sheridan.

The Indonesian ambassador said yesterday Australia should recognise the enormous stakes in seeing Indonesia maintain its territorial integrity and raise the living standards of its 200 million people.

"There was a view within parliament and the media that we were just a bloody nuisance," Mr Sheridan said, and it was not a view he shared.

Mr Sheridan, who has visited Java, said Australia's involvement in Indonesia is for regional security.

A former diplomat at Jakarta, Mr Sheridan, 47, is now a senior policy adviser at the Department of Foreign Affairs.

The two countries had a war in 1975.

"And it is the process you can learn how to deal with, and how to manage, and you can only do it by having success. It is not."

Mr Sheridan was speaking to the National Press Club, where he, dressed, entertained and entertained with a sophisticated-business-savvy that combined an elite, blue-blooded, occasional, hyperbole, and understatement, and was impressive.

He was unable to tell his audience whether the Prime Minister, Mr Hawke, would demand to restore a right of Indonesian south.

The government sources have attributed to The Australian that Mr Hawke recently in a speech last year to Indonesia of her in December or January but that details of the plan have yet to be worked out.

Mr Sheridan suggested it would be a good idea if Mr Hawke was accompanied on such a visit by a delegation of leading Australian businessmen. Government sources said they seek a delegation

and were likely to accompany Mr Hawke.

While Mr Sheridan was not sure whether the Hawke visit would go ahead, he was very keen that it should.

After his return on the Hawke had not visited Indonesia since 1987.

And, in Mr Sheridan's view, Mr Hawke had a lot to offer Indonesia, in personal as well as political terms.

"After discussing the various questions that he will be going over to the extent of his ability," Mr Sheridan said.

"The visit will show the national state of Australia."

Mr Sheridan explained yesterday that Mr Hawke would be the first Australian leader to visit Indonesia for the first time since 1975.

A visit by Mr Hawke would be a major step in the development of the bilateral relationship, he said.

Mr Sheridan, who is regarded as something of a protégé of Indonesia's Foreign Minister, Mr Ali Alatas, referred several times to the possibility of Mr Alatas and the Minister for Foreign Affairs, Gareth Evans.

Mr Sheridan is a former journalist. He came to the attention of the Prime Minister in 1983, when he was positioned in the influential foreign magazine Jakarta Post.

His style, which has interested many, is a mixture of journalistic and diplomatic language.

Other diplomats have been reluctant to go to Jakarta, but Mr Sheridan is a citizen and a member of the Indonesian Bank, a little group of people known for their mutual respect and honesty.

In one part of his speech, Mr Sheridan reportedly acknowledged that Indonesia might be able to find a way to deal with the situation, but he said that the situation was not as clear as it seemed and that the situation was not as clear as it seemed. He said that the situation was not as clear as it seemed.

Australia a bloody nuisance: diplomat

COLUMBIA Non-Indonesian Australia is a "bloody nuisance" and cannot stomach Australia's preaching in Indonesia, the new Indonesian ambassador told the ABC and PTV Club yesterday.

"There's one perception of Australia — and a bloody nuisance," the ambassador Mr Soeharto pointed out in a lunchtime address.

Mr Soeharto told Australian club would have a message of reconciliation through it all, with the nation's war, which would be a turning point of Asia.

The 40-year-old Indonesian leader, who has visited Australia, said he would like to see a common development.

He said Indonesia looked to Australia to provide a stabilising presence, especially in the south-eastern Pacific and eastern Indian Oceans.

The ambassador's remarks came in a speech to a group of businessmen in Jakarta on Friday from East Timor.

The former Indonesian capital, which has been a major concern of the Australian government, is now being administered by the United Nations.

By GREG SHERIDAN

Terça-Feira, 24 de Setembro de 1991

Coos de Timor

91



BAILÃO LOPES

Senado dos EUA condena Jacarta por violar direitos em Timor Leste



A resistência de Timor-Leste fez chegar ao conhecimento da comunidade internacional fotografias de alguns dos seus elementos presos em Díli, já em 1991

O secretário permanente da ZLAD comprometeu-se a 1990 a questão de Timor-Leste a todas as estruturas internacionais do movimento. Pêz-se que o mesmo organismo seja formado 90 dos 305 municípios portugueses.

4) A "CRISE" NA UNIÃO DEMOCRÁTICA TIMORENSE

Embora um "limite" desconhecido, nas páginas deste mesmo jornal, na breves já intempéstivamente "memória" de sua história das ideias apresentadas pelo Dr. Abílio Araújo (cuja quem, aliás, desde 1975 só teve dois contactos pessoais, no orden dos 31. minutos, cada), o texto é que está apenas de corpo e alma com a CONVERGÊNCIA NACIONALISTA. Não menos prezando, claro, nem a Fretilin, nem a UDT, com cujos actuais e antigos dirigentes sempre manteve uma relação cordial e sincera.

O facto é que nem regime democrático todos os partidos políticos fazem falta. E, se não fosse a existência de alguns desses partidos (e desses, alguns estão mesmo na clandestinidade), no própria Indonésia, o Presidente SUHARTO não estaria agora quase no fundo do túnel dos seus perto de 40 anos de ditadura totalitária.

Por isso sempre me impressionou a "crise" que desde algum tempo tem agridido a União Democrática Timorese, com o texto e com artigo 57, publicado a 30 de Outubro de 1990, que o "Correio Português".

No momento em que estava a ler este meu artigo, surgiu da Austrália uma circular enviada por Célia Martins, do Comité Estadual da UDT em NSW, na qual se solicitava todos os membros da UDT a contribuição que estejamos em almejar, a fim de que o partido consiga repressar "as crises".

É a meu ver um bom exemplo de como se deve lidar com

nacional relações diplomáticas... (text continues)

No "Timor de Notícias" de 10 de Agosto... (text continues)

CONSIDERANDO que as violações... (text continues)

vem ser desenvolvidos todos os esforços... (text continues)

Nesta proposta, que partiu do senador... (text continues)

1) MAPUTO E JACARTA

Entretanto, a Indonésia e Moçambique... (text continues)

do Oriente. Segundo Ali Almas... (text continues)

2) POLÍCIA INDONESIA REPRIME TIÇÃO

República Democrática de Timor-Leste... (text continues)

Trabalha defendendo... (text continues)

Os agentes... (text continues)

Em a reunião... (text continues)

O presidente... (text continues)

Além de... (text continues)

1) NOVO GRUPO DE TRABALHO PARA TIMOR-LESTE

A Comissão... (text continues)

Em 1991... (text continues)

cumprir uma... (text continues)

Primeira... (text continues)

No dia seguinte... (text continues)

Sulista, de 70... (text continues)

O presidente... (text continues)

Os membros... (text continues)

visitar... (text continues)

Em 1991... (text continues)

Em 1991... (text continues)

Presidente... (text continues)

Em 1991... (text continues)

Em 1991... (text continues)

Timor-Leste... (text continues)

Em 1991... (text continues)

Em 1991... (text continues)

2) A INDONÉSIA VENE A PRESENÇA DOS DEPUTADOS PORTUGUESES

Em 1991... (text continues)

Em 1991... (text continues)

Em 1991... (text continues)

Em 1991... (text continues)

Em 1991... (text continues)

148. 25 SETEMBRO 1991 SYDNEY PNA

Quarta-Feira, 25 de Setembro de 1991

Darwin Quem atacou o Consulado da Indonésia?

91
É um
o sul-
nessa?
Estar-
proprie-
tário?
id. Data
le 1991.
gation?
lony. É
ve" da
d" e da
ructim
para o
287. e -
u
ntubico
les. ou
vel na

Segundo informações prestadas pela "Sunday Territorialist", e penitentemente avisados pelo representante da Kretilin do Território Norte, Sr. Alfredo Carralho, três delinquentes estariam há dias de "guarda" de instalações do Hotel Sheraton, quando da visita aquela território da Embaixada da Indonésia na Austrália, sr. Saham Siagian.

Esta medida de "prevenção" seguiu-se a um ataque armado às instalações do Consulado da Indonésia em Darwin no mesmo dia da semana passada.

O incidente da pulgada, Harry Casey, teria afirmado que o seu departamento reconheceu uma pista para atribuir a responsabilidade - a-

mais". Alfredo Ferreira referiu-se também em vídeo, televisando na dita pelas câmeras de televisão, incluindo a ANZ. O vídeo, que mostrava imagens de um período da resistência timorese em acção nas montanhas de Timor-Leste, "não deve ser utilizado a Indonésia", disse.

Por outra lado a sr. Siagian referiu a ideia de o ataque ter sido obra de indonésios e disse em tom gravejante: "não estamos em posição de estragar para depois, comprar outro".

Alfredo Carralho disse que o incidente poderia pôr em perigo futuras negociações entre o Governo da Indonésia, potência que, há tempos, ocupa a Terra, Timor-Leste.



O canal televisivo SBS apresentou, no sábado, 20 de Setembro de 1991, um dos grandes clássicos do filme português (PAB). História de um Cantadouro.

Resumo do argumento:

Em Alfama, a cantadeira Ana Maria estreia-se em público num teatro, seguida de um teatro e a baionta com gente do alto. Vinte e não esquece o homem da rua. Cantadouro, que vai ao teatro e a baionta com gente do alto. Vinte e não esquece o homem da rua. Cantadouro, que vai ao teatro e a baionta com gente do alto. Vinte e não esquece o homem da rua.

Quando outros sombras se colocam sobre a típica balcão Lisboa, e o João yama poetry para Afonso, a avaria de momento.

História de uma Cantadoura, é publicada história apaixonante de uma reportar da povo que nunca mais esquecer.

São porer os momentos do indivíduo ou ternura num filme cheio de humanidade.

ataque. De acordo com a mesma informador, no âmbito do ataque, ninguém se encontrou no edifício nem nos arredores, logo ninguém ouviu o tiro.

O assunto será tentado como um acto de destruição mas por enquanto ainda não se conseguiu identificar o "autor" do disparo, continuam.

"Em princípio, o sistema de alarme instalado no edifício, não disparou", disse.

Contudo, a polícia interrogou os alguns elementos timoreneses, principais suspeitos, incluindo o representante da Kretilin no Território Norte Alfredo Carralho.

Alfredo Carralho não excluiu a hipótese de "ataque" ter sido obra dos próprios indonésios, negou o investimento da resistência timorese.

"Não nos podemos meter a "intervenção", disse Alfredo Carralho, "mas isso não ajuda, a não ser o caso, não pelo contrário, sempre mais do que a guerra

"Repetitivamente e ferocemente o incidente disse Alfredo Carralho.

O Governo da Indonésia tem muitas culpas, mas não será o culpado, a menos indicado para pagar os danos", concluiu.

Embaixador, professor de línguas que também trabalhou como jornalista em 1971, um governante do Victoria Times, disse que inicialmente o facto do incidente ter coincido com as férias ditas dos seus colegas ficou a Darwin.

O sr. Siagian desferiu-se a Darwin, a convite do Royal Australian Institute of Public Administration, e ficou hospedado no hotel Sheraton, a 2 quilómetros da concolada, local que se quando se fez o ataque.

**LEIA,
ASSINE E
DIVULGUE
"O
PORTUGUÊS
NA
AUSTRÁLIA"**

Quarta-Feira, 25 de Setembro de 1991

Timor Parlamento Europeu pode fazer audição pública

Bruxelas - O parlamento europeu pode realizar em Lisboa, em 1992, uma audição pública sobre a situação em Timor-Leste, a resultância da que vai fazer este ano sobre os territórios palestinos ocupados. Foi anunciado em Bruxelas.

Em declaração à agência Lusa, o vice-presidente do parlamento europeu, António Costa, afirmou que a sub-comissão parlamentar dos direitos do homem aprova o pedido para a realização em 1992 da audição pública sobre Timor.

Trata-se de uma recomendação a comissão política do parlamento europeu, mas logo depois que a mesma venha a ser aprovada, prevê-se, António Costa, debruçar denúncias europeas sobre o caso da PSD.

Capacho salienta que uma audição pública permitirá, contudo, não apenas representantes dos governos de Portugal

e da Indonésia como também membros de organizações internacionais como a ONU, a Amnistia Internacional e outras.

António Capacho e Maria João, do PS, são os antigos eurodeputados portugueses membros da sub-comissão dos direitos do homem, embora o primeiro não tenha podido estar presente na reunião, tendo-se feito representar por Margarida Salgado, também do PS.

Aquela sub-comissão parlamentar promove anualmente uma a duas audições públicas sobre situações graves de violação dos direitos do homem.

A última foi dedicada à situação no Tibet e a deste ano terá como tema os territórios palestinos ocupados por Israel.

**Faça os seus
anúncios no
"O Português
na Austrália"**

NACIONAL

Timor Leste

MORTE E PILHAGEM NO MEU PEQUENO PARAÍSO

Por Filomena de Almeida

A sombra de um δράκονας "al-fuher" é envolvida pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

da minha vida, fora durante a pilhagem quando saía para a Timor Leste no momento. A morte do 7 de Setembro a França de militares lusos.

A sombra de um δράκονας "al-fuher" é envolvida pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

A sombra de um δράκονας "al-fuher" é envolvida pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

A sombra de um δράκονας "al-fuher" é envolvida pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

A sombra de um δράκονας "al-fuher" é envolvida pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

A sombra de um δράκονας "al-fuher" é envolvida pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

A sombra de um δράκονας "al-fuher" é envolvida pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

A sombra de um δράκονας "al-fuher" é envolvida pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

A sombra de um δράκονας "al-fuher" é envolvida pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

A longa guerra por Timor

O mundo com o nome de dragão "Al-fuher" é envolvido pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

A sombra de um δράκονας "al-fuher" é envolvida pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

A sombra de um δράκονας "al-fuher" é envolvida pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

A sombra de um δράκονας "al-fuher" é envolvida pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

A sombra de um δράκονας "al-fuher" é envolvida pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

A sombra de um δράκονας "al-fuher" é envolvida pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

A sombra de um δράκονας "al-fuher" é envolvida pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

A sombra de um δράκονας "al-fuher" é envolvida pela ausência do silêncio - característico constante da vida no campo, no domínio da mata

149. 25 SETEMBRO 1991 RDP

rdp 99/91 cc 25/9/91 19.00 aus

o primeiro ministro australiano anunciou kh momentos que est disposto a uma retaliacao militar se os dois observadores militares australianos integrados num grupo de 48 membros da ONU que estao detidos num autocarro em bagdad nao forem libertados de imediato. Bob Hawke apelou para que as Nações Unidas tomem uma accao decisiva contra a detença ilegal da delegação que se encontra na Iraque a investigar a capacidade nuclear e química do regime de Saádam Hussein.

99/91 austro 91 rdp 25/9/91 19.30 cc 17

o primeiro ministro australiano negou criticas da comunidade croata neste pais de indiferença face a situacao de guerra civil na Jugoslávia. Líderes comunitários vão-se avistar com o primeiro ministro dentro dos próximos dias e entretanto conseguiram organizar o envio de 147 toneladas de mantimentos para a Croácia. Nos últimos dias registaram-se vários atentados bombistas contra centros croatas em Melbourne e Sidney. Os croatas vão pedir ao governo de Cãberra que reconheça de imediato a independência do seu país



JAKARTAS - (Special Reporting) - Indonesia's recently founded democracy has it - even before it has a chance to show its strength and vigor - a number of serious problems. The first is the possibility of a party split in the neighborhood of the 1992 elections, which would mean a return to authoritarianism - through a new form of authoritarianism - through a new form of authoritarianism.

The second is the possibility of a party split in the neighborhood of the 1992 elections, which would mean a return to authoritarianism - through a new form of authoritarianism.

The third is the possibility of a party split in the neighborhood of the 1992 elections, which would mean a return to authoritarianism - through a new form of authoritarianism.

The fourth is the possibility of a party split in the neighborhood of the 1992 elections, which would mean a return to authoritarianism - through a new form of authoritarianism.

The fifth is the possibility of a party split in the neighborhood of the 1992 elections, which would mean a return to authoritarianism - through a new form of authoritarianism.

The sixth is the possibility of a party split in the neighborhood of the 1992 elections, which would mean a return to authoritarianism - through a new form of authoritarianism.

The seventh is the possibility of a party split in the neighborhood of the 1992 elections, which would mean a return to authoritarianism - through a new form of authoritarianism.

The eighth is the possibility of a party split in the neighborhood of the 1992 elections, which would mean a return to authoritarianism - through a new form of authoritarianism.

The ninth is the possibility of a party split in the neighborhood of the 1992 elections, which would mean a return to authoritarianism - through a new form of authoritarianism.

The tenth is the possibility of a party split in the neighborhood of the 1992 elections, which would mean a return to authoritarianism - through a new form of authoritarianism.

... that East Timor which West New Guinea was treated as Indonesia under the 1963 UN Act of Free Choice?

The overwhelming majority of Indonesian voters will probably vote a nation embracing East Timor as well as West Timor. In Sabau and Mesara the two only modest regions.

Acute, which deal a broad history of resistance to Dutch rule, has been marked for 15 years by a renewed opposition to rule from Jakarta. From 1963-64, when Indonesia was still under Dutch colonial rule, the Indonesian state democracy has brought the country under control.

In 1965, when the military in Indonesia, Indonesia was a democracy, has added to the fact that the Indonesian state democracy of their land and was a state.

Meanwhile, an atmosphere of democracy and reform was present in East Timor. The Portuguese colony, which Indonesia invaded in 1975.

It is not probable, however, will come to the end of the 1970s, even if there is a change in government.

regional rebellions - In the world, Indonesia, in 1965, was a state of democracy, in 1975, was a state of democracy. Some of these rebellions, which led to the overthrow of the Indonesian state, were the result of a state that the people were not getting their share of the national pie. The Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

During the 1950s Indonesia, Timor, under the High Commissioner in Kuala Lumpur, had been a state of democracy. The Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy. The Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

These special agreements have now been made into law. To a degree, these agreements, which were

problems there and elsewhere over the distribution of their national wealth.

In East Timor, notes Dr Husb Duda, an Australian specialist in Indonesian politics, the situation is of an entirely different order, partly because of the leverage that Portugal has exerted in the Indonesian community and in the UN, partly because of the role of the Timorese leadership in the 1975-76 crisis.

There is no doubt that the Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy. The Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

Indonesia had stopped the 1975-76 crisis, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy. The Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

Under the 1975-76 crisis, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

of a national democracy, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

It is not probable, however, will come to the end of the 1970s, even if there is a change in government. The Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

Another point is that Indonesia, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy. The Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

Nevertheless, some elements remain. The system, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy. The Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

has never accepted the Indonesian proposal of New Guinea. Now, the Portuguese, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

Talks between Indonesia and Portugal have dragged on for almost 10 years. Now, a Portuguese parliamentary delegation is to conduct an on-the-spot inquiry into conditions in East Timor. An advance party arrived in Dili at the weekend.

It is not going to give up East Timor. The fact of the matter is that the Portuguese, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

Now, if Jakarta goes to allow a period of self-determination, that, too, will only end in self-determination. The Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

One conclusion drawn by East Timor is that the Portuguese, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy. The Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

There is no doubt that the Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy. The Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

is "special status" under a proposal by the East Timor people?

Some Indonesian may suggest that it is not possible that East Timor will ever be a state of democracy. The Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

It is not impossible that East Timor will ever be a state of democracy. The Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

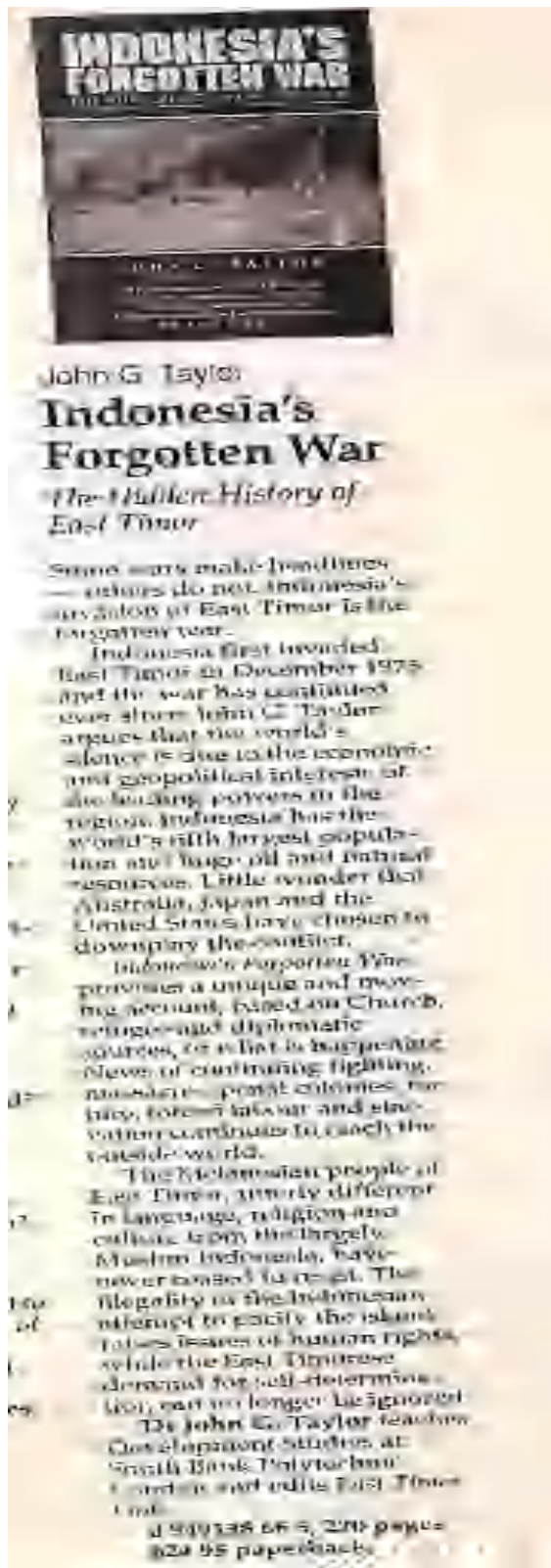
Indonesia, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy. The Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

One is that Indonesia, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy. The Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

There is no doubt that the Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy. The Indonesian state, which was the result of the Indonesian state, was a state of democracy.

151. SETEMBRO 1991: AUSTRALIAN SOCIETY

A edição de setembro da revista Australian Society que substituiu a revista satírica The Eye indicava a publicação de um novo livro sobre Timor



152. 1 OUTUBRO 1991 RDP

cdp Idi Timor 1/10/91 17:00 1 1mg

A crise política e constitucional que tem associado a
pugna nova guiza que o clima não parece estar destinada a
uma conciliação entre o primeiro ministro rababé (Xanana),
o governador geral sir geral xiri, o deputado vice primeiro
ministro ten dno acusação de corrupção é a rainha de curua
Inglês.

com efeito depois de ter sido considerado culpado de 81
das 82 acusações criminais que sobre ele impendiam, o vice
primeiro ministro ten dito foi demitido do parlamento e do
executivo, mas o governador geral recusou-se a sancionar a
decisão do tribunal, o governador geral como representante
da rainha isabel II, é a autoridade máxima do território
mas constitucionalmente está sujeito ao governo que exige
a isabel II a sua renúncia.

o problema data do início da década de 80 quando ten dno
auxílio recebeu imensas quantias de dinheiro das
Indonésias em especial do ministro da defesa general denn,
murdani, o homem responsável pela invasão de timor leste,
à fim de poder tomar conta do poder.

estas alegações que há muito foram ventiladas inclusive
através da rádio comercial só agora foram julgadas e
aceitas, curiosamente a indonésia tem-se mantido
silenciosa sobre esta crise constitucional mas um jornal
de jakarta dizia hoje que a indonésia não poderá tolerar
instabilidade política no território.

contamos dentro de horas poder dar uma visão mais
actualizada do problema que inclui segundo observadores
políticos austríacos e indonésios a estabilidade
política na região, as mesmas razões que levaram a
indonésia a invadir timor em 1975.

cdp Idi Timor 1/10/91 17:00 1 1mg

A crise política e constitucional que tem associado a
pugna nova guiza que o clima não parece estar destinada a
uma conciliação entre o primeiro ministro rababé (Xanana),
o governador geral sir geral xiri, o deputado vice primeiro
ministro ten dno acusação de corrupção é a rainha de curua
Inglês.

com efeito depois de ter sido considerado culpado de 81
das 82 acusações criminais que sobre ele impendiam, o vice
primeiro ministro ten dito foi demitido do parlamento e do
executivo, mas o governador geral recusou-se a sancionar a
decisão do tribunal, o governador geral como representante
da rainha isabel II, é a autoridade máxima do território
mas constitucionalmente está sujeito ao governo que exige
a isabel II a sua renúncia.

o problema data do início da década de 80 quando ten dno
auxílio recebeu imensas quantias de dinheiro das
Indonésias em especial do ministro da defesa general denn,
murdani, o homem responsável pela invasão de timor leste,
à fim de poder tomar conta do poder.

estas alegações que há muito foram ventiladas inclusive
através da rádio comercial só agora foram julgadas e
aceitas, curiosamente a indonésia tem-se mantido
silenciosa sobre esta crise constitucional mas um jornal
de jakarta dizia hoje que a indonésia não poderá tolerar
instabilidade política no território.

contamos dentro de horas poder dar uma visão mais
actualizada do problema que inclui segundo observadores
políticos austríacos e indonésios a estabilidade
política na região, as mesmas razões que levaram a
indonésia a invadir timor em 1975.

rdp 102701 1/10/91 17:00 20 0102512

as méns de comunicação social australiana continuam a ignorar de geral a visita da delegação preparatória da visita de parlamentares portugueses a timor leste que se iniciou esta fim de semana.

contudo um dos maiores peritos em politica indonesiã articulava hoje no jornal siday morning herald o dilema indonesiã.

David Jenkins explicou que há dias quando o embaixador indonesiã giaban siagha disse que os países da região deviam apoiar a integridade territorial da indonesiã poucas foram os que se apartaram de essa posição. A primeira vez que a indonesiã pretendia silenciar os protestos australianos sobre a questão de timor.

citando o dr. herh feith especialista universitário em assuntos indonesiã o jornalista australiano declarou a comercial que a pressão que portugal pode exercer sobre a indonesiã já não é mais forte a resistência nacionalista timorense dado que existem nos outros movimentos nacionalistas anti indonesiã pessoas do calibre de xanana gusao ou do bispo de dilli.

uma das hipóteses de salvar a sua face é de a indonesiã dar a timor uma certa forma de autonomia - atitude que não resultou com os independentistas de achi ou da Papua ocidental - mas Jakarta quer evitar a todo o custo um caso genhino de auto-determinação, preferindo no pior cenário aceitar uma espécie de compromisso.

o dilema de Jakarta aumentou hoje à sacossiva onde se libertação de povos ilegalmente anexado que se tem registado nos últimos meses. O comercial tentou contactar representantes dos movimentos políticos timorenses na australiania mas até ao momento não foi possível obter qualquer informação. Esperamos voltar das próximas 24 horas dar-lhe mais informações sobre a visita a timor.

rdp/102701 01 10/91 17:30 png

O governador geral da png sir serei eu quase de vez aceita a sua demissão do cargo pelo primeiro ministro labale namalik na sequência da condenação do vice primeiro ministro ted dino de ter aceito contribuições financeiras da indonesiã para assumir o poder.

a comercial contactou em parte por da embaixada indonesiã em portmora que não lhe deu qualquer sobre o assunto.

ted dino um político intamente desde a década passada vinhe desde há muitos anos sendo acusado de estar a jogar a favor dos indonesiã em detrimento do povo de png. Durante varias entrevistas que a comercial efectuou a Londres Londres nos últimos anos, ted dino foi citado inumeras vezes como sendo um politico que pôs os seus interesses pessoais ao serviço da indonesiã como meio de manter o seu privilegio politico ao mesmo tempo que recebia o apoio financeiro da indonesiã.

consciente o interesse da indonesiã na Papua cuja metade ocidental foi anexada em 1963 contra a vontade popular, ted dino acabou jogando a favor do movimento expansionista indonesiã, capaz de sacrificar a independência do seu país pelas promessas indonesiã tais como os líderes da UDT em timor tiveram antes da invasão de dezembro de 1975

jogando com a corrupção do seu governo, ted dino pensou que podia escapar e beneficiar do seu apoio pro indonesiã, sem jamais admitir que o sistema judicial do seu país um dia acabaria por acusar e julgar de corrupção e de crimes contra a patria. A unica esperança que lhe resta é de obter uma revolução armada dos membros do exército de quem foi ministro por diversos anos ou de a indonesiã finalmente decidir tomar conta da Papua nação da Papua nova guiné que curiosamente se tornou independente em setembro 75 dois meses antes da república de dilaçat e independência de timor leste.

153. 1 OUTUBRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS

Terça-feira, 1 de Outubro de 1991

Crus de Timor

No. 92



BILÃO LOPES

Imagens da guerrilha saem de Timor pela primeira vez

Resistência teme pela vida de Xanana



Xanana Gusmão a nível mostrado em vídeo hoje no Japão

Imagens da guerrilha saem de Timor pela primeira vez

4) Líder da Fretilin apela a negociações com a Indonésia

Do jornal "Público", de 1 de Setembro, transcrição que integra o seguinte texto:

inimigos, deputados portugueses submeteram ao primeiro-ministro uma proposta de resolução que pede uma adequada acuidade nas recentes intervenções do Comité de Descolonização da ONU.

Claro que longo percurso falta percorrer: nos últimos dias, transpirava da Assembleia da República algum optimismo quanto à concretização, em breve, da proposta de visita de parlamentares ao território invadido pela Indonésia. No entanto, antes de qualquer medida de afirmar, no Algarve, que a fase preparatória da deslocação se encontra quase concluída (os parlamentares serão recebidos por uma missão conjunta - no próprio terreno).

Causou, entretanto, certa perplexidade, em determinados círculos, a anunciada intenção de Moçambique que de esboçar relações diplomáticas com a indonésia. Com efeito, Maputo distinguira-se desde a primeira hora como um dos mais firmes opositores do declarado comprometimento de Jacarta no território do Timor-Leste.

A verdade porém, é que o respectivo ministro dos Negócios Estrangeiros diz ter sido levado ao seu homologado indonésio que a nova relação tem em vista a diferença de pontos de vista entre os dois Estados quanto ao acorrido território. Mantendo o apoio à Fretilin, precisa.

Aquela decisão é injustificada pelo circunstância de o Governo moçambicano estar interessado em estreitar relações com todos os países do mundo (para levar por diante da melhor forma a sua estratégia reformista), em especial com os pertencentes à Organização da Conferência Islâmica, caso da Indonésia.

Além, a Fretilin regista a hipótese de Maputo se afastar - um passo que seja - da causa do martirizado povo timorense, porquanto, aliando, há lagos de anos muito profundos e consolidados.

Como salta à vista - a a Frente de Libertação de Timor-Leste também alardea o contrário - a abertura em causa será explorada ao máximo por Jacarta,

ainda para mais nas vésperas da reunião em Aca, da conferência ministerial dos Países Não Alinhados, cuja presidência tem sido um dos seus objetivos, controlado pelos PALOP, com destaque, precisamente,

Pela primeira vez desde a libertação do Timor-Leste, em 1975, imagens da guerrilha e do seu líder, XANANA GUSMÃO, puderam ser vistas no exterior, em sessão organizada no mês de Agosto, em Tóquio, por uma organização japonesa de solidariedade com o povo timorense. O vídeo contém cenas da vida quotidiana das forças de Resistência, supridas por um exército de 2 mil combatentes nas montanhas.

mentando a sua presença no país. O jornalista português também se tornou alvo de uma violência repressiva, na qual ficou quase que impedido de sair do país durante o ano.

1) A Entrevista de Mário Robalo com Xanana Gusmão.

Uma fonte do Movimento Revolucionário, que trabalhava de colaborador com Xanana Gusmão e o jornalista do movimento "Espresso", Mário Robalo, nos conta das circunstâncias iniciais da visita de Mário Robalo ao país. Quando os dois chegaram ao país, eles foram recebidos por Xanana Gusmão.

Primeiramente, como repórter, Mário Robalo não deveria estar presente na reunião, mas Xanana Gusmão insistiu para que ele estivesse presente e ele acabou ficando no círculo de Xanana Gusmão durante a reunião.

Mário Robalo, de profissão jornalista, tinha um passaporte de entrada válido para o país, mas em Timor estava em situação irregular e não poderia trabalhar legalmente no país. A mesma situação não se aplica a outros jornalistas estrangeiros que estavam no país, como o jornalista português Mário Robalo e Xanana Gusmão, dando suporte à produção de jornais e revistas, como o jornal "Espresso" e o jornal "Espresso" em português, como o jornal "Espresso" em português.

2) Xanana Gusmão corre grave perigo

A situação política estava tensa pela vida do seu líder Xanana Gusmão em face da situação internacional.

"Havia rumores de que Xanana Gusmão estava sendo perseguido pelo governo português", disse um jornalista português da Comissão Nacional, que se manifestaram rapidamente sobre a possibilidade de um movimento em relação ao governo de Xanana Gusmão, preparando-se para a possibilidade de uma situação que poderia ser considerada uma situação de guerra.

Porém, a situação não se agravou quando Xanana Gusmão se mudou para o país de origem, Timor-Leste, em 1991.

3) Novo grupo de pressão pro Timor-Leste

Os quadros portugueses do Exército Europeu (EUF) estavam em Timor-Leste em apoio ao governo português, mas um grupo de pressão surgiu para a defesa do Timor-Leste em relação ao governo português.

O grupo foi formado por António Capucho, líder das forças armadas em Timor-Leste, e um grupo de voluntários de várias organizações portuguesas, incluindo o Rio de Janeiro, quando do movimento de apoio ao Timor-Leste em 1991, no contexto da situação de guerra de Timor-Leste. O grupo também se tornou uma organização internacional de apoio ao Timor-Leste, incluindo Mário Robalo, jornalista do "Espresso", que se manifestou em Timor-Leste para a situação de guerra, e uma organização de apoio ao Timor-Leste.

Paralelamente, foi lançado o livro "Ética em Timor-Leste", escrito por um jornalista português, que se tornou uma referência importante para a situação de guerra em Timor-Leste. O livro também se tornou uma referência importante para a situação de guerra em Timor-Leste, incluindo Mário Robalo, jornalista do "Espresso", que se manifestou em Timor-Leste para a situação de guerra, e uma organização de apoio ao Timor-Leste.

A "MILITÁRIAN" de Xanana Gusmão, chefe do governo que praticava a repressão, incluía um Timor-Leste, um grupo de voluntários internacionais, incluindo o jornalista português Mário Robalo, que se manifestou em Timor-Leste para a situação de guerra, e uma organização de apoio ao Timor-Leste.

Em destaque está o grupo formado por Xanana Gusmão e outros líderes, incluindo Mário Robalo, jornalista do "Espresso", que se manifestou em Timor-Leste para a situação de guerra, e uma organização de apoio ao Timor-Leste.

Em destaque está o grupo formado por Xanana Gusmão e outros líderes, incluindo Mário Robalo, jornalista do "Espresso", que se manifestou em Timor-Leste para a situação de guerra, e uma organização de apoio ao Timor-Leste.

O documento foi produzido em Melbourne após o retorno de um jornalista português de uma viagem de trabalho. Na conferência da imprensa organizada pela Comissão de Inquérito ao Timor-Leste, Xanana Gusmão, que vive atualmente residente em Melbourne, disse que não foi possível para ele divulgar os detalhes da situação de guerra. Adicionalmente, disse que o governo português estava a tentar impedir a divulgação da situação de guerra.

5) "O Combate por Timor"

Na noite de 25 de maio, um jornalista português, Mário Robalo, escreveu um artigo sobre a situação de guerra em Timor-Leste, incluindo a situação de guerra em Timor-Leste, incluindo Mário Robalo, jornalista do "Espresso", que se manifestou em Timor-Leste para a situação de guerra, e uma organização de apoio ao Timor-Leste.

A QUESTÃO de Timor-Leste continua a ser um assunto polémico, alguns investigadores acreditam, incluindo Mário Robalo, jornalista do "Espresso", que se manifestou em Timor-Leste para a situação de guerra, e uma organização de apoio ao Timor-Leste.

Uma fonte portuguesa, que trabalhava de colaborador com Xanana Gusmão e o jornalista do movimento "Espresso", Mário Robalo, nos conta das circunstâncias iniciais da visita de Mário Robalo ao país. Quando os dois chegaram ao país, eles foram recebidos por Xanana Gusmão.

Primeiramente, como repórter, Mário Robalo não deveria estar presente na reunião, mas Xanana Gusmão insistiu para que ele estivesse presente e ele acabou ficando no círculo de Xanana Gusmão durante a reunião.

Mário Robalo, de profissão jornalista, tinha um passaporte de entrada válido para o país, mas em Timor estava em situação irregular e não poderia trabalhar legalmente no país. A mesma situação não se aplica a outros jornalistas estrangeiros que estavam no país, como o jornalista português Mário Robalo e Xanana Gusmão, dando suporte à produção de jornais e revistas, como o jornal "Espresso" e o jornal "Espresso" em português, como o jornal "Espresso" em português.

6) Ainda o caso do jornalista português Mário Robalo

Os repórteres que o jornalista português Mário Robalo do jornal "Espresso", foi em Timor-Leste, "Espresso" de autoria de António Capucho, chefe do Exército Europeu (EUF) em Timor-Leste, e um grupo de voluntários de várias organizações portuguesas, incluindo o Rio de Janeiro, quando do movimento de apoio ao Timor-Leste em 1991, no contexto da situação de guerra de Timor-Leste.

A situação política estava tensa pela vida do seu líder Xanana Gusmão em face da situação internacional. "Havia rumores de que Xanana Gusmão estava sendo perseguido pelo governo português", disse um jornalista português da Comissão Nacional, que se manifestaram rapidamente sobre a possibilidade de um movimento em relação ao governo de Xanana Gusmão, preparando-se para a possibilidade de uma situação que poderia ser considerada uma situação de guerra.

Porém, a situação não se agravou quando Xanana Gusmão se mudou para o país de origem, Timor-Leste, em 1991.

O grupo foi formado por António Capucho, líder das forças armadas em Timor-Leste, e um grupo de voluntários de várias organizações portuguesas, incluindo o Rio de Janeiro, quando do movimento de apoio ao Timor-Leste em 1991, no contexto da situação de guerra de Timor-Leste.

(Continua na página 63)

7) Controvérsias envolvem filha de Suharto

Um grupo de 21 trabalhadores de Timor-Leste compareceu no Parlamento, em Jacarta, para negar acusações de exploração laboral de timorenses por uma fundação indonésia.

Estes trabalhadores negaram acusações feitas anteriormente por um outro grupo timorense de 29 colegas seus "de que centenas de trabalhadores de Timor-Leste teriam sido recrutados pela Fundação Tiara para trabalharem fora do território timorense em condições fraudulentas, com salários abaixo do prometido e sujeitos a maus tratos". Acusação em parte já comprovada.

As acusações à Fundação privada, dirigida pela filha mais velha do Presidente Suharto (SITI RUKMANA), tiveram extensa cobertura na imprensa indonésia, tendo o semanário "Tempo Magazine" surgido na sua edição de 4 de Setembro com meia página, em branco, devido a pressões da censura militar que levaram à supressão de um artigo sobre o caso.

*De Lisboa para o "Correio Português", da Austrália,
O amigo certo no tempo que passa
Bailão Lopez.*

154. 1 OUTUBRO 1991 O PORTUGUÊS

Indonésia propõe 9 de Novembro para visita de Parlamentares Portugueses

A Indonésia propôs a data de 9 de Novembro para a visita dos Parlamentares Portugueses a Timor. Segundo tudo leva a crer só faltam alguns pormenores a resolver para que a visita se realize sem grandes problemas. Um dos pontos ainda em discussão é o que se relaciona com a movimentação dos Deputados em território Timorense. Estas negociações tom-se arrastado por longo tempo primeiro, com a Indonésia a não dar acesso aos nossos Parlamentares, depois a por muitas restrições e, agora, a ser mais maleável.

156. 2 OUTUBRO 1991 PNA SYDNEY



Os direitos de propriedade em Timor Leste são uma realidade...
 A propriedade em Timor Leste é detida por indivíduos...
 A situação dos direitos de propriedade em Timor Leste...
 A situação dos direitos de propriedade em Timor Leste...

Muito do Timor Leste, incluindo a população rural, propriamente dita...
 A situação dos direitos de propriedade em Timor Leste...
 A situação dos direitos de propriedade em Timor Leste...

Embora a maioria dos direitos de propriedade em Timor Leste...
 A situação dos direitos de propriedade em Timor Leste...
 A situação dos direitos de propriedade em Timor Leste...

Terça-Feira, 8 de Outubro de 1991

Ecos de Timor



BAILÃO LOPES

Esgota-se o prazo para visita a Timor



território um serviço de reportagem e, como jornalista, procurou, naturalmente, ver e ouvir tudo quanto pudesse contribuir para que o seu trabalho resultasse exacto, correcto e verdadeiro.

Dai que um contacto com a resistência timorense, em concreto com o seu dirigente, Xanana Gusmão, se lhe apresentasse como objectivo prioritário. O que, pelos vistos, não agradou a Jacarta — que do respeito pelo direito à Informação tem, reconhecidamente, uma visão muito *ad generis*. Quer dizer, muito deturpada. Tão deturpada e arbitraria que não hesitou em o deter, na sequência (e como represália) da sua deslocação às zonas da guerrilha, submetendo-o a um apurado interrogatório no sentido de lhe arrancasse informações sobre a resistência timorense em geral e, em particular, sobre o seu líder.

Foi um comportamento que desde logo patenteia um mais completo desrespeito pela missão da Imprensa — mas que se torna ainda mais inadmissível se tivermos em conta que tudo isto se passou em plena fase de ultimção dos preparativos para a projectada visita do grupo de deputados portugueses, acompanhado de alguns jornalistas, a Timor-Leste. Que pensam ainda as autoridades indonésias sobre o que três meses atrás os parlamentares fizeram àquela território? Será que os convenceram que ali pretendem deslocar um fluxo de dipresão turística, dispostos a suportar o custo por um representante de imprensa que, durante o tempo programado previamente estabelecido em Jacarta, quepse ao itinerário a seguir, lhes controlasse, por meio de contactos, lhes interceptasse as conversas que se estabelecem com os transeuntes, inventando, com a sua unívoca e arrogante, a logorria a que podem recorrer? Se é efectivamente esta a visão que as autoridades têm dessa preciosa visita, não há dúvida que a mesma seja desde já cancelada, porquanto a quem acredita que a dignidade dos parlamentares portugueses se sujeite a tal tipo de tratamento.

É claro que a opinião pública internacional tem hoje uma ideia muito correcta sobre a realidade de Timor-Leste e uma muito precisa do pressido e neutralidade que se abateu sobre o povo. Jacarta tem disso, certamente, consciência e se ainda em algum subsídase a reportagem timorense que se faz sob as condições mais duras já do mundo foram diferentes, faz não se poderia dizer que

158. 10 OUTUBRO 1991 RDP

10 de outubro de 1991

O Parlamento Australiano que hoje realizou o seu 150º aniversário realizou hoje a sessão de abertura da comissão de inquirição sobre a situação em Timor-Leste em fevereiro passado a fim de verificar a existência de violações dos direitos humanos.

O Dr. Michael Wagner da comissão para o Timor-Leste esteve presente na sessão e explicou a comissão que os principais pontos de preocupação são a continuação da violação dos mais básicos direitos humanos em Timor-Leste, com a presença de um número elevado de tropas indonésias no território, e a impossibilidade de os timorenses poderem falar livremente devido à constante presença de forças de segurança indonésias vigiando todos os movimentos da delegação.

O Senador Trabalhista Gerry Gibson acrescentou durante a exposição de motivos que havia proposto ao governo australiano enviar todos os esforços para cooperar com a realização de negociações entre Portugal, Indonésia e Timor-Leste sob os auspícios das Nações Unidas para se obter uma solução pacífica para o problema. De acordo ainda com o Dr. Wagner este foi o relatório mais crítico da Indonésia desde o início da sua visita ao país quando ele estava numa delegação parlamentar australiana.

159. 23 OUTUBRO 1991 RDP

RDP (1991) 23 OUTUBRO 1991

O ESTADO DE NOVA GINEIA DO SUL, COM UM TERÇO DA POPULAÇÃO AUSTRALIANA ESTA HOJE PRATICAMENTE PARALISADO DEVIDO ÀS PRESSÕES DE ERRORES DE 15 ANOS. MATE DE UM MÍNIMO DE TRABALHADORES PARA ABRIR A RESERVA QUE RESULTA EM INTRODUÇÃO DE NOVAS LÍNEAS INDUSTRIAIS QUE LIMITAM O PODER POLÍTICO E DEU VASTOS PODERES ÀS ENTIDADES PATRONAIS.

ENQUANTO A ADESAO VARIA ENTRE 10 E 50 POR CENTO DEPENDENTE DAS INDÚSTRIAS, DE SERVIÇOS ESSENCIAIS ESTÃO GARANTIDOS, MAS HOSPITAIS E ESTABELECIMENTOS DE ENSINO COMO O FUNCIONAR PARCIALMENTE, E DE VOOS INTERNACIONAIS FORAM CANCELADOS QUE A MOEDA NACIONAL TEM O TRANSFERIR 7 MILHÕES DE FRANCO

O SINDICALISMO COMUNITÁRIO A POSSIBILIDADE DE OS EMPREGADOS NEGOCIAREM CONDIÇÕES DE TRABALHO E PAGAMENTO ILICITAMENTE COM OS TRABALHADORES, BOLETANDO OS SÓTIAS CONTRATOS COLECTIVOS DE TRABALHO SÃO ALÉM DAS SUAS FUNÇÕES MATE CONSERVADOS DA NOVA LEGISLAÇÃO INTRODUTIDA PELO GOVERNO FEDERAL DE NOVA GINEIA DO SUL, COM A AUSTRÁLIA SUPLENDO A MAIOR CRÍSE ECONÓMICA DESDE 1900, COM MAIS DE 20 DE DESSEMPREGO OFICIAIS OU APROXIMADAMENTE 1,5 MILHÕES DE PESSOAS DESEMPREGADAS, O GOVERNO FEDERAL TRABALHEIJA ANTES A NOVA LEI DE SER UM DAILO DE ENSAIO PARA 3 QTR DE AUSTRALIANOS PODER ESPERAR DA OPÇÃO DE ESTA VEZ A GANHAR AS PROXIMAS ELEIÇÕES GERAIS EM 1992. JCC, RDP

RDP 106/91 25/10/91 CC

16-00

O BISCO DE DELE, MONSIEUR XIMENES DEU FEZ UM APÊLO EM ENTREVISTA À CAPITAL NACIONAL DE PARTE AUSTRALIANA PARA QUE O MUNDO NÃO SEJA IMPASSIVEL COM A RECENTE ONDA DE RERESSÃO INDONÉSIA NAS VÉSPERAS DA VISITA DA DELEGACAO PARLAMENTAR PORTUGUESA. MONSIEUR DELE DECLAROU QUE TODAS AS MANIFESTACOES ESTAO PROIBIDAS, REGISTRAM-SE CENTENAS DE DETENCOES NA SUA MAIORIA DE JOVENS, O CONVICIONTE MILITAR INDONÉSIO VELLA SEIO AUMENTADO POR CINCO BATALHOES DE UNIDADES ESPECIAIS E O REGIME DE TERROR ADOPTE-SE SOBRE TODA A POPULACAO. SEGUNDO AQUELA CALETA DE RADIO AUSTRALIANA, O BISCO TUREIA FEITO HA DIAS (INDICA APENAS A RADIO PORTUGUESA).

PORÉM AQUI OS MEIOS DE COMUNICACAO SOCIAL AUSTRALIANA TÊM IGNORADO TOTALMENTE A VISITA DOS PARLAMENTARES PORTUGUESES AO TERRITORIO, A PRIMEIRA DESDE QUE A ADMINISTRACAO PORTUGUESA DEIXOU TIANGR EM DEZEMBRO 1975 AQUANDO DA INVASAO INDONÉSIA. POR OUTRO LADO, O PRIMEIRO MINISTRO AUSTRALIANO DEB SANDE DEVE DESLOVAR-SE PELA SÉTIMA VEZ EM VISITA CIUCIAL A INDOVESIA ANTES DO FIM DO ANO.

RDP 107/91 25/10/91 CC

27-00

a australia tem por motivos politicos obvios censurado todas as noticias relativas a timor leste mas hoje a cadeia nacional da radio australia conseguiu entrevistar o bispo de delé, mons. ximenes dele que fez um eloquente apelo para que o mundo se aperceba da continuidade repressao indonesia sobre os timorenses nas vésperas da visita parlamentar portuguesa.

mons. dele apela aos cidadãos de todo o mundo para que não deixem passar esta oportunidade de lembrar que a repressao indonesia tem intimidado toda a populacao, qual cantonada de jovens estudantes detidos e uma forte presença militar acabou de chegar na ilha de java, que compreende 26 para 20 batalhoes e presença militar colonialista indonesia.

a igreja apela ainda para que todas as nações do mundo deixem em timor a que deam a hipotese de haver um referendo nacional para definir o seu futuro, a falta de terror, as detenções arbitrárias e a vigilância sobre os jovens fazem parte da campanha de jakarta para evitar que se registem mais como aquelas que ocorreram durante a visita do papa e do subsecretar norte americano em jakarta, john montz.

das dois jornalistas australianas actualmente acreditadas em jakarta embora apenas que a nenhuma foi até ao momento, concedida visita de entrada em timor a embaixada

contagiosidade da Omnipol VII tentar obter uma vez mais autorizações para se deslocar em serviço à Vitor.

anunciado de Bill meyer no início da repescaria sobre os estudantes timorenses ali radicados de estarem sob vigilância vigilada.

a entrevista de ximenes dele na radio australia foi a primeira a indicar a audiência australianas que uma visita de parlamentares portugueses sob os auspícios da omi estava prestes a afectar-se, o que não é de admirar considerando os interesses económicos dos monopólios da comunicação social australianas. quer a udt quer a fretilin aqui na australia tem mantido um silêncio absoluto sobre a visita, mas em nossa opinião isso deve-se mais às lutas intestinas daqueles grupos do que a qualquer outro factor, a udt perdeu a credibilidade limitado que tinha em a expulsão dos seus legítimos representantes em lista e a fretilin recusa-se a aceitar ser representada por elementos da udt na australia.

160. 23 OUTUBRO 1991 CIET

CIET(ACT)

Thu Oct 24 1991 5:54 pm Page 1 of 1

Parliamentarians for East Timor
 c/o 111 Northwood Road, Thornton Heath, Surrey CR7 8HW, UK
 Tel. +44-81-7712904, Fax +44-81-6530322

[RELAYED BY AUSTRALIAN COALITION FOR EAST TIMOR(ACT)]

PRESS RELEASE

23 October 1991

UN presence needed in East Timor to prevent bloodbath

Two weeks before Portuguese parliamentarians are due to arrive in occupied East Timor on a UN-supervised visit to the former Portuguese colony, Bishop Belo, head of the Catholic Church in East Timor, has called for "an international force to control the situation after the deputies leave". Interviewed this week by Portuguese radio, the Bishop voiced his fear of a bloodbath. He said everyone in East Timor was being told to remain silent during the deputies' visit, to stay at home and "not to take part in demonstrations because if they do, they will be killed after the deputies leave".

In September, Bishop Belo wrote in a letter to a fellow Bishop in Portugal: "As the visit of the Portuguese MPs draws near, the Indonesians have once again started a campaign of terror, of threats. Anyone who approaches the Portuguese will be killed. There is no climate of freedom."

Parliamentarians in Japan, Australia, Canada, the Netherlands and the UK have today been asked to urge the UN Secretary-General, through their governments, to station an international observer force in East Timor for about three months from mid-November.

Lord Avebury, founding member of Parliamentarians for East Timor said, in response to Bishop Belo's plea:

"For the conditions to be created in which the people can manifest their will to self-determination, they must be granted unimpeded access to the mission. This would enable them to express themselves both individually, and by mass demonstrations."

Since East Timor was invaded and illegally occupied by Indonesia in December 1975, this is the first official visit from Portugal, still recognised by the UN as the Administering Power. An agreement reached last month between Portugal and Indonesia, at talks in New York under UN auspices, provides that

"The Portuguese Parliamentary Delegation shall be free to meet whomever it wishes and anyone who wishes to meet the Portuguese Parliamentary Delegation will be allowed to do so. No action, including of security nature, may be taken by the Indonesian authorities that could prejudice any potential or actual contacts. Individuals who meet the Portuguese parliamentary delegation shall not be made to suffer any adverse consequences as a result of these contacts."

The events as reported by Bishop Belo mean that the Indonesian authorities are already in breach of this UN-brokered agreement.

Further information: Lord Avebury 0011-44-71-2744617
 Ms C. Budiardjo 0011-44-81-7712904
 In Australia: Dr M. Wagner 06-2477962 or 2688955

161. 23 OUTUBRO 1991 SYDNEY PNA

Quarta-Feira, 23 de Outubro de 1991

Preço avulso: \$1,20

Registration: The Australian Press Ltd.
 Redação, Administração e Publicidade: The Daily
 47 New Conzservatory Bld. Perthshire NSW 2045.

"Registered by Australia Post" - "Publication No. NBN 012" - "Established June 1971"

Timor prepara-se para visita dos deputados portugueses

Lisboa - O povo timorense vai receber os deputados portugueses num "ambiente de festa e não de guerra", disse à agência Lusa um responsável da rede clandestina em Timor, contactado a partir de Lisboa.

Os timorenses aguardam

agora uma ordem do comandante da resistência. Xanana Gusmão, definindo os termos concretos da acção popular.

No entanto, segundo a mesma fonte, a vontade da população é de se encontrar com os deputa-

dos, o que poderá originar novos actos de repressão violenta pela Indonésia à semelhança dos que ocorreram em 1989, quando o Papa João Paulo II visitou o território.

A mesma vontade de se encontrar com os deputados foi manifestada à

Lusa por elementos da comunidade estudantil universitária timorense sediada em Bali, uma ilha entre Java onde fica a capital indonésia e Timor.

Em Dili tem-se intensificado as "acções de propaganda e intimidação"

por parte das autoridades de Jacarta, referiu o responsável da rede clandestina.

Essas acções consistem, nomeadamente, em dizer à população que a visita servirá para os deputados, jornalistas e restante delegação verificarem no terreno o desenvolvimento de Timor promovido pelo governo de Suharto, desde Dezembro de 1975, acrescentou.

Os timorenses são também "intimidados a não manterem contacto com os membros da delegação".

tendo "os militares prometido em novo 07 de Dezembro de 1975 (dia da invasão de Timor pela Indonésia) caso a população não acate a ordem".

O mesmo responsável da rede clandestina disse à Lusa que todos os dias cresce a contingente militar indonésia em Timor. Trinta milhares (30 mil homens) espalham-se pelo território com particular concentração em Dili e arredores, e em conceitos de Baucau, Lospalos, Same, Suai e Viqueque.

162. 28 OUTUBRO 1991 SYDNEY O PORTUGUÊS



Cancelada visita da Delegação Portuguesa a Timor

Primeira foi o veto pela Indonésia sobre o nome de alguns jornalistas Portugueses, indicados pelas nossas autoridades para acompanhar a Delegação Portuguesa, que pôs em causa a visita. Portugal só enviava o seu grupo Parlamentar, chefiado por Angelo Corrêa, se conforme está no protocolo do acordo, não tivesse sido vetos a composição dos Órgãos de Comunicação Social que acompanhavam a visita. Neste capítulo as autoridades da Indonésia acabaram por retirar o veto e aceitar todos os nomes representantes dos dois Órgãos de Comunicação Social Portugueses, apesar dos nos manifestarmos o veto sobre um jornalista estrangeiro indicado por Portugal para acompanhar os acontecimentos. O veto incidia sobre a jornalista Australiana Jill Rolfe, que segundo as autoridades da Indonésia, é conhecida como simpatizante com a Indonésia nos seus artigos não intensamente ligados à Indonésia, mas pelo poder indonésio. perante a posição irredutível da Indonésia em não retirar o veto, as dificuldades que nos na cobertura da viagem quer no que respeita à meios de informação quer no que respecta ao apoio logístico o Governo Português deliberou cancelar a visita.

Mostrando o impasse que esta visita estava a causar a nível mundial dirigiu-nos de duas organizações políticas de Timor, Paulo Freitas da Silva, do Partido Trabalhista, Francisco Dias, Nímeo dirigente da KOTA e Abel Bala, ex-Presidente da APTDT, escreveram quer para as Nações Unidas, quer para as autoridades Portuguesas pedindo que enviassem uma força internacional para o local de modo a salvaguardar a vida dos Timorenses depois de terminado a visita dos Parlamentares Portugueses. E isto porque, segundo aqueles dirigentes, perante tanta ameaça dos Indonésios a visita podia transformar-se, não na autora da libertação mas, sim, no fim do Povo Timorense que poderia ser dizimado pelos Indonésios logo que a visita acabasse.

Uma das forças militares de unidades militares em Timor-Leste pelas Indonésias.

163. 28 OUTUBRO 1991 SMH

Timor visit scuttled by ban, says Portug...

By TOM HYLAND

BY TOM HYLAND
AN UNEXPECTED Portuguese attempt to establish relations with East Timor has become an Australian diplomatic mine from before the year.
 The Australian Ambassador in Australia, Mr. John James, said the move would "complicate the problem" in the East Timor, because of the "well-known" demonstration of the "well-known" Australian position on the issue for playing a

visit to East Timor. The history of Portugal's reporting on East Timor was interesting.
 According to the history of an international agreement in 1971 for a negotiated settlement of the Timor conflict, Mr. James said the Minister for Foreign Affairs, Senator Evans, said he "wasn't interested" in helping with the "embodiment of the spirit" and urged him to work for the "restoration of East Timor".
 The minister himself headed the parliamentary delegation's trip to East Timor, which was intended to

understand the situation.
 The President of Portugal's national assembly, Mr. Sá Carneiro, said the visit would take place as long as Indonesia was treating the media like "prisoners" and releasing them to "take place".
 "I am not interested in the military of East Timor," a Lisbon-based journalist said. "I am interested in the media party to accompany the delegation."
 Mr. James, who reported from East Timor in 1988 and 1992 and was named "the best of the

best" in his country, said the visit to East Timor was "the best" and "a good journalist".
 Mr. James said the visit had been the subject of "various" attempts to "cancel the visit" since 1988.
 "I've actually only visited East Timor in a very well-known Australian journalist who knows the situation in East Timor well."
 "I've not visited, as though I had, and I know the situation well. I've reported from below the surface in 1988."
 "It didn't happen. It did not include

himself as a journalist, but he was the first to establish the visit and is a good journalist."
 Mr. James said Indonesia's "counterproductive" presence in the way of the visit, because it "forced" him to "cancel".
 "All Japan's interest in the visit campaign in Timor in the past few months has been cancelled," he said.
 The visit to East Timor, which was intended to "establish" relations, and "bring it" "official" for the people to meet the "delegation".
 "I've not visited for the last

of 'no' in the situation, as they made it impossible.
 Indonesia has opposed the visit of East Timor and a supporter of East Timor, the independence movement, which has forced Indonesia to "cancel" the visit.
 The campaign launched yesterday was to press Australia to "cancel" the visit, which was the "intention" with Indonesia to "bring it" "official" for the people of East Timor and Indonesia.
 "I've not visited for the last

164. 28 OUTUBRO 1991 RDP

Idp 199101 26/10 91 164 199101

A decisão do presidente de assembleia da república portuguesa de enviar um grupo de deputados a visita da delegação parlamentar portuguesa a Timor, a realização de uma viagem a jornalista australiana Jill Jalliffe de acompanhar a comissão para Timor e maior cobertura jornalística na Austrália, com o que até ao momento as emissões nacionais de rádio e tv e os três maiores jornais australianos, bem como a vasta cobertura de assuntos, o primeiro da vez que Timor ocupa a primeira página da visita ao país em 1991.

quando ali a visita, a meu indonésio regressou de assinatura do acordo de paz para o Cambódia em Paris, ele foi peremptório em afirmar que se os portugueses insistissem na inclusão de Jill Jalliffe na delegação portuguesa, a visita não se realizaria com base no facto de Jalliffe não ser jornalista mas uma conferência de imprensa de imprensa, impediu de visitar os factos objectivamente, e ali a visita acrescentou que seria a principal importância para os portugueses que a visita se realizasse do que a inclusão de uma pessoa na comissão.

de acordo com a visita a solenidade competida a Portugal, e se tem que o documento assinando a visita não é específico para a visita de qualquer país tendo o direito de tratar a presença de jornalistas nomeados pela outra parte, até ao momento nenhum oficial indonésio estava disposto a comentar sobre o assunto, mas mesmo que haja uma mudança de um, em Lisboa ou em Jakarta o tempo até a partir demasiado rápido para que a visita de onze dias se possa efectuar durante a época seca que está prestes a terminar.

entretanto de acordo com notícias que aqui nos chegam de Timor, o governador Mário Carrascalão teria afirmado que a visita se deveria realizar, mas fontes do clero em Díli continuam a comunicar uma crescente onda de intimidação e terror com inúmeras detenções no território como forma de impedir a repetição das manifestações populares que tem ocorrido durante as visitas de turistas estrangeiros a ex-colónia portuguesa.

apresenta o canal nacional da rádio australiana abo irá apresentar um programa especial sobre Timor entrevistando inúmeras individualidades envolvidas no processo, incluindo a correspondente da ABC.

Terça-feira, 29 de Outubro de 1991

Coos de Timor

96



BAILÃO LOPES

Indonésia mergulha na miséria e corrupção

uma das deputadas que vive a vida do Ministério dos Negócios Estrangeiros e que foi substituída, quer pelo Governo quer pelo Parlamento da República, finalmente substituída pela Catarina de Timor, que vive a vida das organizações não-governamentais em Portugal.

Como já se sabe, a Indonésia "abriu" este fim de semana. Não se poderia falar em generalidade, com receio das implicações internacionais. Seguramente, a representação do ponto de vista da Indonésia, não existiam em território timorês "forças de segurança". Não foram habilitadas de atuar as autoridades timorês e da comunidade, fuzilaram no campo que os timorêses não acompanhavam a ser piores, espantados e feridos na. O que ninguém poderia...

Os negociadores portugueses, mal avisados por quem de direito, commentaram em publicar esta cláusula da declaração final, mas uma coisa da própria declaração para Timor. E os timorêses depois dos deputados portugueses saíram de Díli, Timor em braços a "bicharada", eles que já agora estão a ser paulatinamente pressionados para não se manifestarem, nem permanecerem em juízo de qualquer elemento da delegação portuguesa, sujeitos como ficam a represálias de toda a ordem.

Quando no ponto 4), em que claramente se apontava o período aconselhável entre 17 de Junho e 15 de Setembro para que a reunião se realizasse, pois os negociadores portugueses avaliaram por melhor uma data muito posterior, com clivagens ininterruptas e mudanças oporcionadas, o que naturalmente os parlamentares quaisquer hipóteses de levar a cabo a iniciativa que lhes está confiada.

E foi neste que os indonésios agostaram.
E foi neste que a diplomacia portuguesa "empareceu" (ignominiosamente)...

Por todos estes motivos é que uma ruptura nas negociações com o indonésio, na que até então tinha ficado sob o guarda-chuva jornalístico, muitos deputados e alguns dirigentes timorêses, não duvidam que sobre este assunto têm uma vez mais razão que não negociadores em causa.

PORTUGAL VÃO PODER NEM DEVER IR A TIMOR LESTE
A QUALQUER PREÇO, muito menos depois das recentes de-
clarções de António Costa, remetendo a representação portuguesa

representar os indonésios, na sua expertise liberal.
A Comissão para Timor reagiu de imediato de sermão formal.
"Nunca antes em que ainda estamos no processo de preparação da nossa missão, se viu a falta de comunicação, entretanto, com o seu
uma hora, desde uma palavra que custa um dos maiores
dono-então. Pois não tinhamos, não informações nem instru-
mentos oficiais para analisar."

É, mais do que "Não se desentendemos os critérios para a
convidar a imprensa, tomar ainda ignorantes quanto ao fazer parte
de delegação parlamentar portuguesa que não se tinham visto, em
em virtude do, entretanto, com as recentes eleições, foram dadas
dadas, todos os deputados para o parlamento português. A esta
ser o mesmo, os dois presidentes portugueses - observou, o mesmo
exemplo de facilidade. E não podemos assumir qualquer coisa - de
práticas do Parlamento. A não a Timor, com um modelo que
um jogo de cartas, todas as partes, e a maioria em Portugal
contra a Indonésia."

Uma hora já de há muito a de 100 anos e todos os momentos
além, por serem, os que passaram a já outros meses - e o qual
Culminou que não no âmbito dos tempos e momentos de Dom. Das
do protesto em Indonésia - a terra que se viveu...

3) MISÉRIA E CORRUPÇÃO NA INDONÉSIA

O Presidente Suharto, da Indonésia, limitou desde há um
quarto de século uma regular ditadura, a qual também meigo
do mundo. O país, com um território gigantesco, mais a milhões de
distância das liberdades democráticas, afundou-se na corrupção em
alto nível e na miséria.

Como ficou foi a 30 de Outubro de 1965, que Suharto tomou
conta do poder, após um derramamento de sangue, depois de 100
mil indonésios, comunistas em grande quantidade, tendo sido
soltos pela primeira vez em 1967.

Para o WOOD STUBBSON, sociólogo, escritor, jornalista
da Indonésia, esta situação por riqueza e desigualdades sociais é
corrosiva para o país e o governo a situação, com a situação de
autamente vivem alguns dos pontos da miséria.

Em 1983 tornou o mandato do actual Presidente Suharto, 51



Subarto, a mulher e os filhos dormiam todos

A HORA É DE REFLEXÃO!

Este mês antigo, se não há o período da imprensa publicada a 25 de Outubro, data anteriormente programada para o relatório parlamentar português incluir a sua projectada missão de trabalho em Timor-Leste.

Este mês é o que está previsto dia em que se realiza em Lisboa um encontro (19 de Outubro) a em que se esperada a chegada a Lisboa de missão preparatória que se deslocou a Dili (25 Janeiro).

E natural que os dois representantes portugueses que tiveram parte directa na missão preparatória tenham no momento a "qualidade" de que a classe de parlamentares da delegação portuguesa se viria a encontrar no próximo mês POR CÁCIMA DA SPOCA DAS UNIDADES que, pelo contrário, a desconfiança para já, tem tratado o caso tanto a opinião abalizada dos conselheiros de Qualidade e Colectivos para Acompanhamento da Situação em Timor-Leste, a fim de não atrasar a publicação deste artigo, de acordo com o tempo de tempo de cada uma das duas partes.

Por isso é hora de reflectir.

Para além de parte milhares de habitantes em Timor-Leste em todo o tempo. A GIBERNAÇÃO, onde a leção do dia da missão preparatória portuguesa, qualquer que sejam as dificuldades e problemas que se possam apresentar.

Na mesma data milhões artigos publicados, especialmente os que se podem ler em qualquer dia. Estes artigos, em geral, mostram a situação no Timor-Leste, e a situação do país. Alguns artigos são de natureza mais informativa, e outros são de natureza mais crítica. É importante que os meios de comunicação portuguesa sejam capazes de transmitir a realidade do Timor-Leste, e não apenas a visão dos portugueses.

Uma realidade aqui importante, no entanto, no entanto, os responsáveis portugueses com relação documental de 25 de Maio.

De 16 de Junho de 1983, a respeito de Timor-Leste, que se encontra em Timor-Leste, e a situação do país. Alguns artigos são de natureza mais informativa, e outros são de natureza mais crítica. É importante que os meios de comunicação portuguesa sejam capazes de transmitir a realidade do Timor-Leste, e não apenas a visão dos portugueses.

De 16 de Junho de 1983, a respeito de Timor-Leste, que se encontra em Timor-Leste, e a situação do país. Alguns artigos são de natureza mais informativa, e outros são de natureza mais crítica. É importante que os meios de comunicação portuguesa sejam capazes de transmitir a realidade do Timor-Leste, e não apenas a visão dos portugueses.

De 16 de Junho de 1983, a respeito de Timor-Leste, que se encontra em Timor-Leste, e a situação do país. Alguns artigos são de natureza mais informativa, e outros são de natureza mais crítica. É importante que os meios de comunicação portuguesa sejam capazes de transmitir a realidade do Timor-Leste, e não apenas a visão dos portugueses.

De 16 de Junho de 1983, a respeito de Timor-Leste, que se encontra em Timor-Leste, e a situação do país. Alguns artigos são de natureza mais informativa, e outros são de natureza mais crítica. É importante que os meios de comunicação portuguesa sejam capazes de transmitir a realidade do Timor-Leste, e não apenas a visão dos portugueses.

Em um momento deste documento que, habitualmente, devota-se ao seu desenvolvimento de 3 parágrafos. E isto tem sido feito de maneira não muito adequada neste momento, pois compete ao Governo português garantir a ida dos seus parlamentares a Timor-Leste sob condições diferentes das estabelecidas no plano documental. Documentado que foi aprovado pela comissão de preparação da

parte em papel de João GIBERNAÇÃO, segundo o que o direktor de INQUIRIR ou INVESTIGAR em certas circunstâncias.

1) É TEMPO DE FALAR CLARO

Na noite de dois dias que estão a decorrer para um se tornou a decisão principal. É claro que os diplomatas portugueses não se deixaram envolver na "vida" indonésia.

Nesta altura em que a CEE (COMUNIDADE EUROPEIA) tem tratado como "problema administrativo Timor-Leste" (questão que a Indonésia considerava como "vida" indonésia), os negociadores portugueses não podem ter sido livres desta natureza. Porque se Portugal não tem estado a ser tratado em condições internacionais para negociar o compromisso português a "vida" indonésia.

Em Janeiro de 1992 Portugal não desempenha a presença do A.E.E. e os seus parâmetros para o Governo em parte de negociação que não seja bem sucedida no seu acordo. E foi contra esse que a Indonésia tem sido, para não "falar para o Brasil" poder escapar a situação com mais vantagem que os outros. E há tempo há vontade.

Não se pode com facilidade generalizar a situação de Timor-Leste que em 1995 foram feitas por diversas negociações. Uma das coisas de Timor-Leste, a situação de direito, interesses, e a situação de Timor-Leste que em 1995 foram feitas por diversas negociações. Uma das coisas de Timor-Leste, a situação de direito, interesses, e a situação de Timor-Leste que em 1995 foram feitas por diversas negociações.

Tem sempre muitas coisas de direito, governo português, e a situação de Timor-Leste que em 1995 foram feitas por diversas negociações. Uma das coisas de Timor-Leste, a situação de direito, interesses, e a situação de Timor-Leste que em 1995 foram feitas por diversas negociações.

À 7 de Outubro, João de Deus Pacheco afirmou na ONU, perante o conselho dos Negócios Estrangeiros Indonésia "O povo de Timor-Leste não pode ser tratado como povo de Timor-Leste que em 1995 foram feitas por diversas negociações. Uma das coisas de Timor-Leste, a situação de direito, interesses, e a situação de Timor-Leste que em 1995 foram feitas por diversas negociações."

Em 16 de Junho de 1983, a respeito de Timor-Leste, que se encontra em Timor-Leste, e a situação do país. Alguns artigos são de natureza mais informativa, e outros são de natureza mais crítica. É importante que os meios de comunicação portuguesa sejam capazes de transmitir a realidade do Timor-Leste, e não apenas a visão dos portugueses.

Em 16 de Junho de 1983, a respeito de Timor-Leste, que se encontra em Timor-Leste, e a situação do país. Alguns artigos são de natureza mais informativa, e outros são de natureza mais crítica. É importante que os meios de comunicação portuguesa sejam capazes de transmitir a realidade do Timor-Leste, e não apenas a visão dos portugueses.

Em 16 de Junho de 1983, a respeito de Timor-Leste, que se encontra em Timor-Leste, e a situação do país. Alguns artigos são de natureza mais informativa, e outros são de natureza mais crítica. É importante que os meios de comunicação portuguesa sejam capazes de transmitir a realidade do Timor-Leste, e não apenas a visão dos portugueses.

Em 16 de Junho de 1983, a respeito de Timor-Leste, que se encontra em Timor-Leste, e a situação do país. Alguns artigos são de natureza mais informativa, e outros são de natureza mais crítica. É importante que os meios de comunicação portuguesa sejam capazes de transmitir a realidade do Timor-Leste, e não apenas a visão dos portugueses.

2) A COMISSÃO PARA TIMOR REAGE

Para se entender que o outro contexto que se trata portugueses trouxe na reunião de 2 de Junho a Timor-Leste e depois de mais, para 29 de Outubro, com outros 1800 mil de Timor-Leste quanto mais claro para a parte portuguesa.

de saber a sua situação, e de saber o estado, e o seu estado.

Na primeira de 1992, após uma longa negociação em Timor-Leste, e a situação de Timor-Leste que em 1995 foram feitas por diversas negociações. Uma das coisas de Timor-Leste, a situação de direito, interesses, e a situação de Timor-Leste que em 1995 foram feitas por diversas negociações.

Na sua biografia, publicada há dois anos, ele escreveu uma promessa de compromisso que se queria retirar para a vida privada. Mas ninguém se dá por satisfeito com a sua atitude.

Moisés Bragança, ex-ministro e agora deputado, afirmou que o principal não é a corrupção, o abuso do Poder, e a exploração, mas sim a exploração do 25 de Junho. Segundo o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto, o sétimo, o oitavo, o nono, o décimo, o décimo primeiro, o décimo segundo, o décimo terceiro, o décimo quarto, o décimo quinto, o décimo sexto, o décimo sétimo, o décimo oitavo, o décimo nono, o décimo décimo.

Ha muitos anos que o filho de Suharto é designado para o Timor-Leste.

3) JACARTA VAI IMPEDIR CONTACTOS COM TIMORENSES

De "Diário de Notícias", de 1 de Setembro, um artigo que trata da situação em Timor-Leste.

A TIMOR LESTE essa a fazer todos os esforços para impedir qualquer contacto de Timorenses com a delegação parlamentar portuguesa, quando esta se deslocar a Timor-Leste, segundo fontes do reino de resistência ditam o território, citadas pelo livro.

Na segunda-feira passada, os movimentos de Jakarta reconheceram em Timor-Leste os timorenses que colaboram com a administração indonésia e dizem que não se estão a estabelecer contactos com os deputados.

No mesmo sentido, Jakarta anunciou que os funcionários e funcionários não aderem e não a população e dizem que não se estão a estabelecer contactos com os deputados.

(Continua na página 8)

ECOS DE TIMOR

(Continuação do artigo 5)

que de Timor Leste tornou-se uma landa de Indonésia. Dois anos, de autoridades militares da Indonésia iniciaram numerosas revistas às condições de Timorenses.

Antes no dia 9, ocorreram em porta leste de Timor combates entre a guerrilha e a Indonésia. Quatro dias, um timorense e três indonésios) foi o balanço das confrontos, segundo uma reportagem da rede de televisão timorenses em Dili, pintando também pela mídia.

Os combates ocorreram no arquipélago de Timor, que tem Nova Iorque, representantes de Portugal, da Indonésia e do secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, iniciaram uma reunião para discutir os procedimentos técnicos da missão de observação e da visita dos deputados portugueses ao arquipélago.

De Lisboa para o Território Português, da Austrália, e sempre
 com o tempo que passa
 Há de ser



Timor-Leste

Organizações de solidariedade com Timor criticam termos para visita parlamentar

Lisboa - Onze organizações portuguesas e internacionais de solidariedade com Timor-Leste consideraram que os termos de referência para a visita parlamentar portuguesa ao território não garantem que a Indonésia remova proceder a represálias, após a destituição.

Estas considerações estão inseridas num apelo, a que a agência Lusa teve acesso, elaborado por organizações portuguesas (comissão para os direitos do povo maubere e "Luz por a paz em Timor-Leste"), francesas, australianas, japonesas, canadianas, holandesas e uma indonésia sediada em Londres. O Tapaj, campanha para os direitos humanos na Indonésia.

Os destinatários são cinco organizações não-governamentais indonésias e 12 internacionais, entre as quais a Amalusa Internacional. A via

Apelam ainda as organizações para que sigam lentamente toda a informação proveniente

do território antes, durante e depois da visita e que enviem um observador, acompanhando as

deputadas, capaz de proceder a uma análise em primeira-mão da situação do território.

**TIMOR-LESTE
LEMOS PIRES PENSA ESCREVER
ROMANCE**

Lisboa - O brigadeiro Lemos Pires, último governador português de Timor, disse à Agência Lusa que pensa escrever um romance, "com uma história de amor e tudo", sobre a sua experiência no território.

Lemos Pires falou após a apresentação do seu livro "Descolonização de Timor - Missão Impossível?" que duraram num hotel de Lisboa, perante vários convidados, deputados, jornalistas e timorenses - entre os quais Abílio Araújo, dirigente da Fretilin.

O mesmo dirigente referiu que se está a formar alienação e subalterno (Presidente Indonésio) dentro do Estado invasor de Timor e garantiu mesmo que o general Dhuarsodo, pouco por ordem de Jacarta entre 1984 e 1990, sob a acusação de fomentar manifestações contra o regime, se candidatará à presidência nas próximas eleições, em 1993.

"A questão de Timor pode ser resolvida antes da democratização da Indonésia, disse Abílio de Araújo, que desta forma contrariou a opinião de que uma

mente dependente de uma mudança no regime de Jacarta.

O mesmo dirigente recusou-se a comentar o livro de Lemos Pires, mas não deixou de admitir "em termos de ideias que dizem ao governo português (sobre uma possível invasão indonésia), está respondendo isso ao fantasma".

Entretanto, uma fonte parlamentar, conhecida na apresentação do livro, afirmou que ainda não estabeleceu um definitivo, se é necessário de delegação

**Convergência
Nacionalista****Timorenses quer visita
apesar de entraves**

Lisboa - A Convergência Nacionalista Timorense manifestou, quinta-feira ao presidente da república o seu desejo de realização da visita parlamentar a Timor-Leste, apesar dos entraves de última hora postos pela Indonésia.

Paulo Pires, da LDT, e Abílio de Araújo, da Fretilin, reuniram-se com Mário Soares durante uma hora, no final da tarde, aos jornalistas acreditaram que os obstáculos, nomeadamente o veto indonésio a alguns jornalistas que deveriam acompanhar a visita, serão ultrapassados com a intervenção do Secretário-Geral das Nações Unidas.

Os dois elementos da Convergência Nacionalista consideram que a visita ocorrerá intacta e dizem mesmo que vai haver represálias.

É neste último cenário que apostam na nossa luta", disseram.

Inferrogados sobre se defendem que a visita se deve realizar apesar do último obstáculo de Jacarta ao veto, inicialmente três nomes de jornalistas que deveriam acompanhar a missão parlamentar e posteriormente apenas um nome, embora ainda não se saiba ao certo qual, os dois dirigentes responderam que esse obstáculo deve ser ultrapassado com a intervenção da ONU.

"Achamos que Portugal possui uma posição correcta e saldamos nesto encontro, a firmeza dos três órgãos de soberania portugueses. Esperamos agora que o assunto seja concluído", acrescentou Abílio de Araújo.

No encontro com

Waisak, Fundação Internacional dos Direitos do Homem, Paz Mundial, Conselho Mundial das Igrejas e Parlamento do Congresso Social Americano para os Direitos Humanos.

Os «subscritores» afirmam que a liderança em 1980, em Agosto e Setembro, salientou as condições militares, em Timor-Leste.

Em 1980, durante o período de férias de férias, foi anunciado o anúncio de detidos e «desaparecidos» e criou um grupo parafilial de Timor-Leste com o objectivo de «reparar um clima de medo entre a população».

Alguns das medidas diz o que se realizou na transferência para a Indonésia de alguns sectores da comunidade timorense, imediatamente estudantes e funcionários governamentais, e ainda em acções de informação à população.

As organizações relembram que o comandante da resistência timorense, Xanana Gusmão, já pediu ao Presidente da Assembleia da República que defenda a causa para o devoluto de um milagre milhar de UPU para assegurar a cooperação no ano cessar-fogo que tem uma relação para Timor-Leste.

heavily copyrighted e de governador, quando questionado sobre se conhece um 1974/1975 no documentos designadamente os que comprovam a aprovação técnica dos Estados Unidos e Austrália à invasão indonésia que publica agora no seu livro.

Na comissão, o autor-genera do escrito afirmou que este livro «Supono e Tranquilo» pode representar uma ajuda para que os timorenses consigam a liberdade e fruiu que o facto da sua edição contra a cerca de 15 dias de início de uma visita parlamentar portuguesa «não é precedência».

Em declarações à Lusa, o ex-governador referiu que o lançamento do livro nesta altura não obedece a uma lógica comercial, mas a «sinceridade»: «espero que muita gente o leia».

Abílio Araújo, representante da Fretilin no exterior de Timor, disse por seu turno que esta publicação «vale pela sinceridade que Portugal tem» das suas responsabilidades no invésio no território pelas forças de invasão em Dezembro de 1975.

impedindo esta invasão em Timor-Leste.

Bispo de Dili quer que parlamentares portugueses questionem cessante timorense.

Sociedade - O bispo de Dili, D. Ximenes Belo, pediu ao seu homólogo de Sevilha que fosse outro

cessante timorense.

Imprensa estrangeira junto da Embaixada indonésia em França

Lisboa - A Associação de Imprensa Estrangeira em Portugal (AIEP) protestou quanto feita junto do embaixador da Indonésia em Paris contra a decisão de fixar de impedir que jornalistas III Jolliffe acompanhe a delegação parlamentar portuguesa a Timor-Leste.

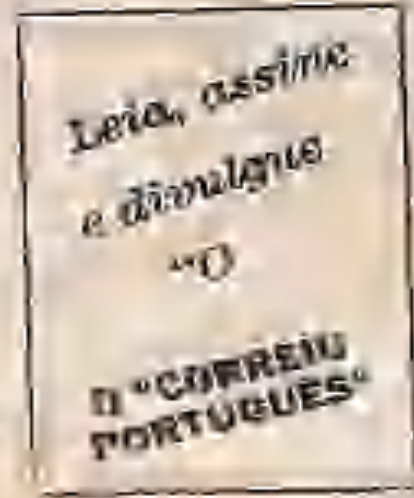
Numa carta enviada ao representante da Indonésia, a AIEP manifesta o seu «veemente protesto contra a decisão do governo indonésio de evitar III Jolliffe do grupo de jornalistas» que acompanhavam a delegação portuguesa.

Jolliffe, que trabalha como «free lance» em Portugal, é de nacionalidade australiana. Actualmente é presidente da AIEP, que representa 26 países sediados em Lisboa.

correr este risco porque Timor já está a sofrer represálias e há necessidade de a comunidade internacional ter uma consciência disso», afirmou.

Os dois elementos da convergência nacionalista timorense referiram que o contacto com a imprensa da república foi «um encontro muito útil e franco».

Nas declarações à comunicação social, insistem ainda que, por sua opinião, a visita ajudou ter dois objectivos: sancionar a ocupação indonésia e dar novos impulsos à situação timorense.



aberto... de um sistema de Portugal ao território e da sua administração por um alto comissão portuguesa, ao abrigo da Lei 7/75, levou a dirigente de Fretilin.

A resposta do presidente da república a «desaparecidos» em Timor-Leste, em 1980, porque se trata de uma questão que envolve os outros órgãos de soberania.

«Mas aguardamos a priorização que o presidente da república assumiu em todos os fóruns internacionais, onde levantou sempre o problema de Timor», disseram.

Interrogados sobre o recente spelo do Bispo de Timor, D. Ximenes Belo, para que a visita não se realize devido as graves consequências que poderá ter para a população timorense, após a partida dos deputados, os dois elementos da convergência insistiram na necessidade da sua realização.

Disseram ainda que não há divergências neste momento entre a UDI e a Fretilin, que lutam pela mesma coisa - a libertação e a autodeterminação do povo timorense.

Página 16

"O PORTUGUES NA AUSTRÁLIA"

Timor-Leste

Partidos timorenses dizem que visita poderá ser fim do povo de Timor Leste

Léiria - Representantes de três organizações políticas de Timor consideram uma missão enviada ao secretário-geral das Nações Unidas que a visita dos parlamentares portugueses ao território poderá constituir um "fim do povo timorense".

Paralela à missão portuguesa, realizações a bordo da parte dos indonésios, a visita portuguesa não se trata de libertação, mas sim de "um novo diploma" caso não seja acompanhada de uma força que dê conta posteriormente a qualquer, refere o documento, cuja cópia foi igualmente enviada a TB de Kupatim ao presidente Mário Soares e ao secretário-geral da Nação.

O texto, assinado por Paulo Freixo da Silva, presidente do partido revolucionário, Francisco Dias Nunes dirigente do UDTL e Abel Belo, presidente da APODETI, alerta para a necessidade de se tomar em Timor uma força que garanta a segurança das populações do sul da ilha da delegação parlamentar.

"A Indonésia, neste momento, não desrespeita a missão para não cair na grande humilhação de ter de sair de Timor Leste, como deve profundamente

o povo timorense e declara a resolução da Assembleia das Nações Unidas", publicaram os subscretores, que enviam também cópias do texto ao Papa João Paulo II e aos presidentes dos Estados Unidos e da URSS, portugueses.

Segundo os autores do documento, "na sua conclusão de esclarecimento, propõem os chefes tradicionais o povo, com o fim de liquidar as autoridades indonésias, tanto civil como militares, tem afirmado claramente que não há força militar nenhuma no mundo que tenha o poder

indonésio de Timor Leste". No documento, os três dirigentes denunciam que os indonésios têm aprofundado para que ninguém "pode apressar-se em parlamentar a ajuda militar portuguesa ou outras ações contra a Indonésia", que "é preciso provar que os dois são dos portugueses, mas o resto o depois da visita não de indonésia".

"O povo timorense não quer deixar passar esta providencial oportunidade para reclamar a sua liberdade e a sua paz", afirmam os subscretores,

afirmando que, tal como o povo de Timor, quer ser reconhecido uma força de paz da ONU no da Nação que garanta a segurança no território de paz da visita dos parlamentares portugueses.

"Desde isto é para evitar a uma situação de fim do nosso povo e a vergonha da fracassa da política das Nações Unidas", afirmam ainda.

Enquanto, em carta enviada à Assembleia de Kupatim, referem em português, indonésio e inglês, a embaixada de Indonésia em Paris, Legation Republik Indonesia que a sua país não está a desrespeitar os termos do acordo da visita de visitar os nomes dos subscretores que acompanharam os parlamentares na visita.

Em resposta a um processo de acusação de imprensa estrangeira, Negri refere que, nos termos do acordo, Portugal e Indonésia podem entrar objecto à participação de jornalistas e estrangeiros propostos por cada um dos países para assegurar a cobertura da delegação.

O documento diz que "a uma das pressões que as autoridades indonésias fazem a nível do governador de Timor Leste", afirmou.

Enquanto, afirma que a visita da indonésia em visita a nível do governador de Kupatim, Timor Leste, em missão por visitar um vulcão que a desrespeitar a participação portuguesa, deve aceitar um "acordo de não violência".

Portugal violou

acordos, acusa Alatas

Jakarta - O Ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia acusou Portugal de ter violado os acordos assinados sob a égide das Nações Unidas ao aceitar a visita de uma delegação parlamentar a Timor-Leste.

Ali Alatas, que falou numa conferência de imprensa na capital indonésia, afirmou que os acordos concedem o direito aos dois países de enviarem penas de jornalistas estrangeiros designados para acompanharem a delegação.

"Se não, perguntem ao sub-Secretário-Geral das Nações Unidas, Raffoulh Ahmed", acrescentou Alatas, visivelmente

irritado, segundo o relator da Agência France Press.

Ataque a igreja em Dili causa quatro mortos

Paris - A igreja de tropas indonésias a igreja de Santa, em Dili, no domingo, causou quatro mortos, disse a agência France Press, segundo o secretário-geral da União Democrática Timorena.

Domingos Oliveira, entrevistado por telefone, acrescentou que "dois dos mortos são colaboradores locais e um é um indonésio chamado Manuel".

"Além de serem quatro mortos, os militares indonésios prendem 28 civis que se tinham refugiado na igreja", referiu o secretário-geral da UDTL.

Segundo Domingos Oliveira, no domingo é um em Timor, liderado por Manuel de Melo, a população, por parte dos estudantes, manifestou contra o ataque à igreja que constituiu o início da sua UDTL.

Após a Portugal e "no mundo livre" para que "os acordos não" sejam violados, referiu o secretário-geral da UDTL, que "os acordos não foram violados na delegação portuguesa, mas os acordos, de acordo com a missão Timor".

Quarta-Feira, 30 de Outubro de 1991

Portugal mantém posição sobre a deslocação ao território de Jil Jolliffe

Lisboa - Portugal vai manter a sua posição quanto à ida do jornalista Jil Jolliffe a Timor-Leste com a missão parlamentar, enviada a agência Lusa a Assessor diplomática do presidente da Assembleia da República (AR).

"Não somos nós quem tem de decidir, é a Indonésia, porque essa é a sua soberania soberana", acrescentou Murtinho de Andrade, que já se encontra depois de ter sido mediador que o chefe da diplomacia indonésia mantém a veto à ida a Timor-Leste do jornalista "que é um cidadão".

All States declarou aos jornalistas em Jacarta, na cidade de Paris, onde se

ajudou na assinatura dos acordos de paz da Cambuja, que Jil Jolliffe "não é um jornalista mas sim uma espécie de agente da Freedom".

O assessor diplomático de Vítor Crespo acrescentou que a Indonésia não tem direito de veto da visita a nome do jornalista, porque esse foi excluída por Portugal.

Murtinho de Andrade acrescentou que Jacarta não "supera" o afastamento de Mário Rebelo do comando da RTP, mas prometeu da mesma forma que se deslocou a Jolliffe, uma depois a visita.

Indonésia diz que ONU continuará a mediar negociações com Portugal

Jacarta - A Indonésia considera que a visita da Delegação Parlamentar Portuguesa a Timor-Leste foi "suspensa" e não anulada, e que a ONU vai prosseguir a sua "mediação", disse um responsável do Ministério Indonésio das Relações Exteriores.

Portugal anunciou estada a suspensão da visita prevista para 3 de Novembro, depois de a

Indonésia não retirar o seu veto a jornalista australiana.

Em declarações à Agência France Press, o responsável indonésio explicou que "as negociações entre Portugal e a Indonésia têm estado a ser conduzidas pela ONU" desde a criação, e que as Nações Unidas "continuam a sua mediação".

Indonésia de visita a nome do jornalista australiana Jil Jolliffe para acompanhar a delegação parlamentar portuguesa.

O Presidente da Assembleia da República, Vítor Crespo, disse que a visita não se realiza

Governador lamenta suspensão da visita

Lisboa - O governador de Timor-Leste não se dá conta de uma delegação parlamentar portuguesa daquele território não suspensa por causa da "boa jornalista australiana", dizendo que "não vai deixar ninguém".

Numa entrevista por telefone à agência Lusa, Mário Carrascalão manifestou contentamento por Portugal "prejudicar toda a situação" desta visita prevista para 3 de Novembro, ao assumir como "ponto de partida" a presença de "uma jornalista australiana" Jil Jolliffe no território.

Tragicamente, acrescentou "Foi-me que houve uma ajuda de uma de várias, com benefícios. Quando uma das partes viu que o benefício da outra era maior, decidiu".

A Indonésia "acabou por ceder" relativamente aos jornalistas Mário Rebelo e António Rebelo da RTP, que "ao português", "foi um benefício à minha concessão", afirmou.

O governador de Timor-Leste que pediu a suspensão, acrescentou que, depois do anúncio de Vítor Crespo, "está fora da questão que a visita possa começar 3 de Novembro", como estava prevista inicialmente.

Mário Carrascalão afirmou ainda que "o que está em causa não é interesses políticos de Portugal e da Indonésia", e que "os dois países não podem ter interesses do Timor-Leste".

"O que pretendemos são os interesses que estão a fazer de uma delegação que não vamos que eles se tenham, os, e outros dizem que não", afirmou.

Após alguns meses de negociações, o governador de Timor-Leste, imediatamente se referiu a suspensão da visita, dizendo "foi uma decisão tomada por Portugal, o governador da Indonésia".

Referiu ainda que "estão em contra-jonção portuguesa que poderiam fazer os trabalhos" da que a sua missão "está fora", a qual "está na lista negra" da Indonésia, "mas a decisão não está a ser tomada, e não prejudicada mesmo o nome deste país".

169. THE AUSTRALIAN 31 OUTUBRO 1991



EAST TIMOR It's time to talk

**I can talk!
You can talk!
East Timor wants to talk.
Why won't the Indonesians talk?
THAT'S WHAT WE'RE ON ABOUT!**

FACT In 1975 East Timor was preparing for the end of 400 years of Portuguese colonial rule. Independence which had been so long waited for, seemed just around the corner. *FACT* On December 7 1975, those preparations for freedom were brought to a swift and violent halt when Indonesian forces in their thousands invaded the tiny Portuguese territory.

What's happening today? Sixteen years later?

FACT Indonesia's illegal occupation continues completely unchecked.
FACT At least 200,000 East Timorese have lost their lives.
FACT Others have fled as refugees to countries such as Australia.
FACT The courageous, tireless struggle for freedom continues.
FACT Normal civilian life is marred by 10,000 Indonesian troops who remain stationed in East Timor.
FACT Detentions, beatings and killings are the horrifying realities of life East Timorese people living in East Timor.

**Why do we sit in silence allowing this outrageous violation of the United Nation's principles?
Is Timor less deserving of world attention and U.N. intervention than Kuwait? Cambodia? Namibia? And the Kurds?**

HOW CAN I HELP?

Three simple effective things you can do to help this campaign

- * Send a message postcard to the United Nations' Secretary-General
- * Send a message postcard to Bob Hawke, Prime Minister of Australia
- * Encourage your friends and relatives to do the same

You can also participate further in this campaign

- + Give a donation to the East Timor Talks Campaign?
- * Receive a copy of the Campaign Booklet?
East Timor: Towards a Just Peace in the 1990s
- * Actively participate in the campaign?

Name _____

Address _____


Suburb _____ Postcode _____

Phone (hh) _____ (hh) _____

Are you a member of an organisation? _____

Name of the organisation _____

PLEASE RETURN TO EAST TIMOR TALKS CAMPAIGN
124 NAPIER STREET, FITZROY 3065
Telephone 417 7505



Sydney Committee:
P.O. Box 1379, Darlinghurst NSW 2010.



EAST TIMOR

The lives of the People of East Timor changed dramatically on the 7th of December 1975, when the Indonesian military regime invaded our tiny island.










For 16 years we have endured torture, disappearances, the rape of our women & at times in front of our people.

For 16 years we have been pleading to the world to help stop the killing in East Timor, to no avail. It came to a point where the civilised world, directly or indirectly accepted the extermination of the people of our nation.

The Dili Massacre of the 12th of November was indicative of what the East Timorese have been experiencing for the last 16 years.

To stop the senseless slaughter of innocent East Timorese, we urge everyone to pressure the Australian government to stop exporting military or related goods to governments that seriously violate the rights of the people of East Timor.

WE DEMAND

-  The immediate ceasing of all military occupation of the sovereign state of East Timor
-  The immediate ceasing of all military and economic aid to the Indonesian government
-  The indefinite postponement of the Prime Ministers proposed visit to Indonesia
-  To do all it takes to facilitate talks without pre-conditions between East Timor, Portugal and Indonesia under the supervision of the United Nations
-  To call for a United Nations supervised withdrawal of all Indonesian troops from East Timor
-  To demand a referendum on self-determination by the East Timorese people under the supervision of the United Nations
-  To call for a genuine independent international inquiry into the Massacre to be conducted under the auspices of the United Nations
-  To call for an immediate United Nations presence in East Timor to monitor the situation and to protect the East Timorese from further incursions
-  To move that the Indonesia's membership to the United Nations Commission on Human Rights be suspended until the United Nations investigates the Massacre in Dili

NSW FRETLIN COMMITTEE
P.O. BOX 26 BONNYRIGG
NSW 2177
TEL : (02) 923 4109

Tapol

The Indonesia Human Rights Campaign

October 1991

TAPOL Bulletin No. 107

Terror in Timor as MPs visit nears

Occupied East Timor has been plunged into a state of terror and panic, in preparation for the visit of a Portuguese parliamentary mission. The forces of occupation are threatening all East Timorese with dire consequences if they express support for independence or fail to fly the Indonesian flag when the MPs come.

Although at the time of going to press, it was not yet certain that the visit would take place in the very near future, the military and the administration are waging a campaign to force the population to believe that following the visit, the UN will delete East Timor from its agenda.

Xanana: "They are spreading panic"

In a letter to TAPOL, Xanana Gusmão, the leader of the armed resistance FALINTIL and chair of the National Council for Maubere Resistance (CNRM), said that meetings "are being held almost daily in all parts of Timor

Speeches at the meetings are peppered with all kinds of threats. All the time it is being said that the visit is taking place for the MPs to observe progress and development and for the UN to recognise integration. Anyone who tries to organise rallies against integration will end up in Saúl Crax (the main cemetery in Dili)"

The letter, dated 12 September, says that pamphlets are being made in other towns, particularly Laleia and Same, for "receptions", with dark threats to the population if they fail to fly the red-and-white flag. "You must all have a flag," they are being told, "and when I give the signal, you

continued on page 16

HUMAN RIGHTS

Human rights briefs

Releases

Four tapols released from Cipinang

Three political prisoners serving sentences passed following the massacre of Muslim protesters in Tanjung Priok in September 1984, and one East Timorese Fostim prisoner were released from Cipinang Prison, Jakarta, on 17 August.

David Dias Simoes, (37), arrested in 1980, who was given a 15-year sentence in 1984, left prison and was flown back to U.R.I. Another Timorese prisoner, Domingos Seixas, (40), also left prison and took the same flight to be transferred to a prison in Dili: he got 13 years and will be released soon. This leaves four East Timorese prisoners at Jakarta: Albino Lourdes and Mario Nicolau dos Reis, both serving 17-year sentences, Mariano Manopayre Soares, 16 years, and José Roberto Jeremino, 13 years.

The Muslim prisoners released were Prof. Desmond M. Hamidy, (77), rector of the Islamic Institute (PTII) who was given an eight-year sentence after being found guilty of preaching sermons critical of the government, Achmad Munim, (26), a student at the Institute, who was given eight years for calling on the faithful in Tanjung Priok to attend the demonstration on 12 September 1984; and Husein Khat, (41), a Muslim preacher who was serving a nine-year sentence.

For a full account of the 1984 trials, see *Indonesia's Deaths in Dark*, published by TAPOL in 1987.

job of UN Secretary-General. Now that Suharto has won the chairmanship of the Non-Aligned Movement, the last thing he wants is for East Timor to become an issue at the summit conference in Jakarta next year. The army faction is strongly opposed to the visit and against any kowtowing to international opinion, as central appointed Defence Minister Benny Murdani; it is losing out in its battle to keep control of East Timor's economy [A recent regulation by the governor permitting coffee producers to sell their crops to buyers outside the territory sidesteps the army monopoly for the first time since 1975.] Hence this obstacle appears to have been removed.

Details of the visit

The Points of Reference for the visit, announced by the UN in New York, provide for the visit to last 10 to 12 days. It will take place during the dry season (which means not later than mid November). There will be 13 MPs and 13 assistants, ten journalists from each side, plus 12 foreign journalists, six selected by each side. An unspecified number of UN representatives will also go along. [Suharto has claimed that would be ambassadors at the UN who have not supported East Timor.] Specifically, the document says that the reputation of the visit "shall in no way be considered as prejudicing the respective positions of the parties with regard to the substance of the question". It also seeks to safeguard the East Timorese:

The Portuguese parliamentary delegation shall be free to meet whomsoever it wishes and anyone who wishes to meet the Portuguese parliamentary delegation will be allowed to do so. No action, including of a security nature, may be taken by the Indonesian authorities that could prejudice any personal or official contacts. Individuals who meet the Portuguese parliamentary delegation shall not be held to suffer any adverse consequences as a result of those contacts.

A terrifying scenario

A report received last month from clandestine East Timor sources describes preparations under way by the army to destabilise the situation:

Three groups are undergoing intensive training:

• *Regu Gelap* [underground team], composed of guerrilla forces who have surrendered or been captured. Its task is to capture Xanana Gusmão, alive or dead, before or during the visit. The members of this group have been forced to take part on pain of death. The security forces hope to show the world that Xanana was captured or killed not by Indonesian troops but by his own forces. The members of this group have been coached on how to answer questions they may be asked by domestic or foreign journalists.

• *Regu Nakhim* [Lightning Team] comprised of energetic, well-educated people who are being trained to stage demonstrations, agitation and acts of terror before and during the visit. This group is led by Timor Philip Gama and will also include Indonesian soldiers.

• *Regu NjingPetrus* [masked men who strike mysteriously. Petrus stands for 'mysterious participants', recalling the death squads which operated in Indonesia in 1965/1966.] It consists of Indonesian soldiers who patrol the streets of Dili late into the night and raid people's homes. Members are armed with small automatic pistols, walkie-talkies, night-

EAST TIMOR

binoculars and powerful video cameras as well as other offensive weapons to strike terror among the people. They will carry out 'hysterical killings', capturing anyone they meet on the streets of the capital, who will be taken to places like Taca-Tela to be slain and buried without trace.

Three other teams will be formed of various people, including from the province of Nusa Tenggara Timur and elsewhere, preferably those who can speak Tetum. One group will be supplied with caps, banners and flags bearing the Fretilin symbol (large quantities are now being manufactured) to greet the parliamentary mission, singing songs in favour of integration. Another two groups of similar elements but reinforced by members of the Indonesian army will provoke disturbances and tears among the people, causing physical clashes with the first group. When these disturbances occur, security forces will intervene to remove the Portuguese parliamentarians to places of safety, to protect them against mortal injury as the civil groups fight it out.

By provoking disturbances, the Indonesians hope to show the MPs that the East Timorese are politically immature and that independence would plunge the country into turmoil. Meanwhile, security forces will be present in force to monitor and photograph genuine supporters of independence. All the regional and local towns and villages will be heavily patrolled by Indonesian troops. People from various parts of the country who set out for Dili to welcome the parliamentarians will be stopped and forced to return home.

The army commander in Dili has asked Jakarta to produce a large quantity of T-shirt caps, flags and banners for distribution free of charge to the population and to people in neighbouring provinces. The idea is to create the impression, during the visit, that the entire people, including Fretilin supporters, have freely opted for unification.

Anyone suspected of opposing the forces of occupation will be taken into custody so as to intimidate the population before the visit. After the parliamentarians leave, there will be systematic executions of those suspected of opposing Indonesia.

Carrascalao warns civil servants

Civil servants in East Timor have been warned to keep control of their children during the visit of Portuguese MPs mission or risk losing their jobs. The veiled threat was made by Governor Mateo Carrascalao, speaking to several thousand government employees in Dili on 27 September. A copy of the speech is in our possession.

"If you can't control your own children, how can you be a good servant of the state? Anyone who can't control his children clearly can't perform his duties to the state."

Carrascalao called the mission a "UN mission", stressing that it would "observe, not investigate". Observe means seeing things as they are, investigate means looking for bad things to suggest improvements. "But, however bad the results of their investigation, it will not alter East Timor's status in our Indonesian province," he said.

EAST TIMOR

East Timor at the UN Decolonisation Committee

Every year, many solidarity organisations and individuals go the New York to petition the UN Special Committee on Decolonisation on the question of East Timor. Carmel Budiardjo gives her impressions of this year's meeting, with an assessment of the significance and limitations of this annual exercise.

Those of us who turned up on 7 August to plead East Timor's case before the UN Special Committee on Decolonisation were entitled to feel that this year, there would be a more sympathetic atmosphere. Many of the petitioners made a comparison between East Timor and Kuwait. Each time, the body member of the Committee interrupted to complain that matters not on the agenda should not be mentioned. The chair endorsed the complaint, asking the petitioner to confine remarks to the item under discussion. This did not deter others from doing likewise.

But probably more relevant to East Timor than Kuwait was the fact that, while the session was underway, its officials were putting the finishing touches on a UN-supervised referendum next January. Kuwait was never on the Special Committee's agenda but Western Sahara has for years been the Committee's concern.

I had never previously attended the Special Committee to present TAPOL's petition so I had no proper understanding of its status and role, and the atmosphere in which its deliberations take place. It is a committee that functions under the aegis of the General Assembly, whose brief is taken over by the Assembly's Fourth (Political) Committee when the Assembly is in session. (For more about its origins and membership, see box.)

Although its task is to promote implementation of UN Resolution 1514 of 1960 on decolonisation, the political decisions are not taken here. Indeed, Indonesia as a Committee member is in a position to block any resolutions from being taken on matters concerning its colony, though it has not been able to block discussion.

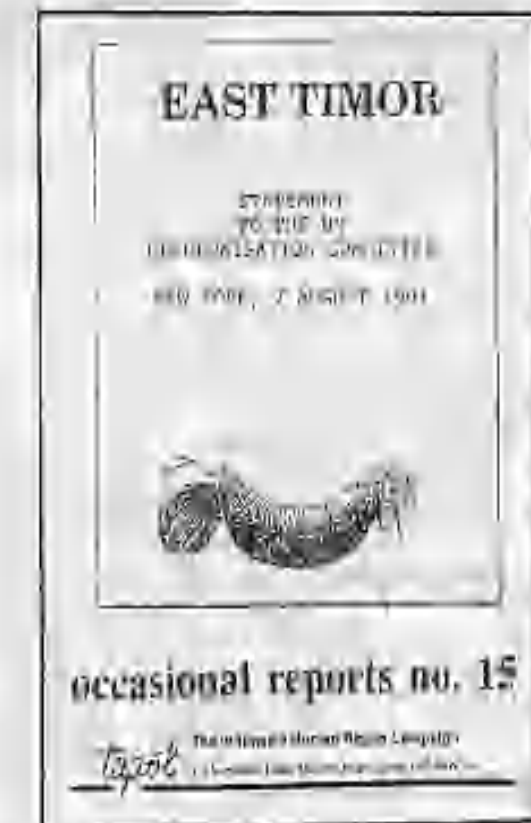
One striking thing about the Committee's mandate is that it concerns itself only with colonies of the old colonial powers. Hence colonies like Tibet, West Papua, Aceh and many other territories occupied by the new colonial powers are not on its agenda.

Speaking to the diplomats

For years, groups have petitioned the Committee but we

have not used the opportunity to lobby country members or Committee members. So this year, we decided to try. I shared the work with Pedro Paulo Leite who was in New York to speak on behalf of the Organising Committee for the International Platform of Jurists for East Timor.

Although he had not prepared the ground in advance, we managed to arrange several meetings and speak with a few



Occasional Reports no. 15 contains TAPOL's submission to the 1991 meeting of the UN Decolonisation Committee.

Price £3.00 including postage

EAST TIMOR

Diplomats 'in the corridors'. In fact, the exercise was more timely than we had realised. For several years, Fretilin has been unable to keep a permanent envoy in New York. Diplomats need to be reappointed, constantly, on an issue. Those who are friendly are replaced by newcomers who may know nothing about East Timor. We discovered that missions were willing to listen though it proved difficult to make appointments at short notice. We met several diplomats from Pacific and African countries. Here is what we learn.

Let me start with the West example. Papua New Guinea has just become a member of the Special Committee and according to rumour, it hopes with Indonesian backing to become one of its chairpersons next year. I had phoned the PNG mission several times for an appointment and 'waylaid' as head of mission in the lobby but was given short shrift. Another diplomat warned me that the head of mission was embarrassed by my approach: he did not want the Indonesians to see me in his company! But I did have a chat with a lower-ranking PNG diplomat. The Committee was not in a position to do anything, he said. PNG could not press the issue as this was not compatible with its own interests. He reminded me that his country had close bilateral relations with Indonesia.

At the other extreme was Rikb van Liepov, Vanuatu's ambassador in New York, who represents the only country in the Pacific that supports East Timor (and West Papua). He told us that Vanuatu had tried to raise East Timor at the South Pacific Forum, only to be rebuffed by Australia and New Zealand, other countries had said nothing. In global terms, East Timor needs support from the region. He urged us to speak to as many small country missions as possible. They need regular, well-documented evidence of the situation inside East Timor.

We had a long discussion with the head of mission of the Solomon Isles. He was sympathetic. Yes, East Timor is entitled to self-determination. But his country could not take a stand against Australia and PNG. No, the Solomon Isles had not talked about East Timor in the South Pacific Forum but he proposed to pose the question at the South Pacific group meeting in New York: why don't we, as a group, support East Timor? It would be interesting to know whether he kept his promise and with what results.

A Maldivian diplomat gave us ten minutes of his time and promised to send our documents and a report of our representations to his government.

The Tanzanian head of mission - a member of the Special Committee - was categorical. "Our position in support of East Timor is not negotiable!" Our many UN resolutions are never implemented, he said. Most of the non-self-governing territories still on the Special Committee's agenda are French or British colonies, yet the UK and France refuse to take part in the Committee's deliberations. Couldn't the African group in New York discuss East Timor? I asked. "Only if we are asked to do so by the Asia group." But there was not much chance of that happening, I said. It is important, he told us, for petitioners to produce strong evidence about conditions in East Timor.

The Cuban representative, who was in the chair most of the time, privately expressed the view that the Committee's freedom of action was getting worse. There were major attempts to undermine most items on its agenda, though on East Timor, he said, Portugal was 'pushing hard'.

The Cape Verde ambassador, speaking at the Committee

session on behalf of the five former Portuguese colonies in Africa, said it was up to the five permanent members of the Security Council to be the catalyst for East Timor in consultation with the Secretary General. "A new impetus has been given to the work of the Security Council and a renewed faith has emerged in the United Nations as an organisation where wrong can be redressed and justice can be done". Privately, he told me the Committee could do nothing more than recommend. It was up to the Secretary General to act, yet he had taken no initiative on the crucial question of self-determination.

In a meeting after discussion on East Timor had ended, solidarity groups agreed to plan a series of appointments

THE DECOLONISATION COMMITTEE

The Decolonisation Committee is sometimes referred to as the Committee of 24. Until 1990 it had 24 members. Last year, Papua New Guinea was added, bringing the membership to 25.

The Committee is more fully known as the *Special Committee on the Situation with regard to the Implementation of the Declaration on the Granting of Independence to Colonial Countries and Peoples*. It was set up in 1961, a year after the UN General Assembly adopted Resolution 1514 (XV) on the Declaration on the Granting of Independence to Colonial Countries and Peoples. The same General Assembly session adopted Resolution 1542 (XV) requiring Portugal to transmit information on all its colonial territories to the UN under Article 75 of the United Nations Charter. At the time, the latter region claimed that these territories were 'overseas provinces' and refused to comply with the resolution. As one of these territories, East Timor was listed in Resolution 1542. Until the mid 1970s, Portugal refused to take part in the proceedings of the Special Committee.

After the collapse of fascism, Portugal's attitude towards its colonial territories changed. The Portuguese territories in Africa won their independence. However, East Timor was invaded and forcibly annexed by Indonesia. By virtue of a series of UN resolutions from 1975 to 1982, the UN has continued to call for the withdrawal of Indonesian troops from East Timor and for the exercise of the right to self-determination. Since 1975, Portugal has been recognised as the Administrative Power, willing, but now unable, to comply with its obligations to transmit information to the Decolonisation Committee, under the terms of the UN Charter.

Today, it is Indonesia that refuses to collaborate. Although it has failed to prevent discussion of the question of East Timor, it has prevented the Committee from taking any action. Strange as it may seem, Indonesia is itself a member of the Special Committee. Unlike other UN Committees, the membership of this Committee does not come up for periodical re-election, so Indonesia's position on the Committee and Portugal's position are unchangeable.

with diplomats before and during the Special Committee's meeting in 1992. There were no illusions that this would lead to a breakthrough, but it was just as important to focus diplomats' minds on East Timor in New York as in Geneva.

Aware of the limitations of the Decolonisation Committee in resolving the issue, I came away feeling we need to be more persistent in using the annual trek to New York.

The petitioners

The Special Committee allows any non-governmental organisation (NGO) or individual to submit petitions, unlike the Human Rights Commission and its sub-commission of experts in Geneva which only accept petitions from NGOs with consultative status. This year, petitions were made by NGOs from Australia, Britain, Canada, France, Japan and

EAST TIMOR

the Netherlands, along with Amnesty International, Asia Watch, Japan's Diet Members' Forum on East Timor, a Canadian MP and three parliamentarians from Portugal. Jose Luis Guiteras spoke on behalf of Fretilin and Jean-Claude Gaspard spoke for the UDT.

Most important was a message from Xanana Gusmao, leader of the East Timorese resistance, which was presented by the Free East Timor! Japan Coalition (see box).

Many petitioners provided a mass of information about the present situation in East Timor and agreed concisely to favour the immediate implementation of UN self-determination on East Timor. Space does not permit us to summarise all the contributions. TAPOL's petition dealt in particular with the present military situation and the restructuring of the Indonesian military command in East Timor. [It has been published as *Occasional Reports No. 25*].

Amnesty International's representative introduced a 36-page document, including seven pages of photos of prisoners and torture victims. The pattern of short-term detentions, ill-treatment and torture already noted by Amnesty in 1989 and 1990 "has accelerated in the past year" and appears to be a systematic strategy to silence real or suspected political opponents... and to obtain political intelligence through coercion and intimidation".

Amnesty has the names of more than 400 people detained in East Timor since late 1988; at least 200 have been detained since early 1990. It referred to "serious limitations" on reporting abuses in spite of the opening of the territory and said that East Timorese students involved in disseminating human rights and other information abroad have been subjected to surveillance by military intelligence. [Copies of the Amnesty document are available from the Amnesty national section in your country].

Asia Watch made three points: human rights in East Timor have not improved since last August, the credibility of reports coming from East Timor are strengthened by similar reports from Aceh, and Indonesia's lack of respect for human rights is reinforced by its failure to ratify any major international instruments on human rights.

After describing recent abuses, Asia Watch said it was "not aware of a single Indonesian soldier prosecuted by a court of law for a human rights offense". When it referred to similar torture techniques used "from Aceh to Miravalle, from the northernmost tip of Sumatra to Irian Jaya, and East Timor", the Indonesian member protested that these matters were not on the agenda.

The *Japan Diet Members' Forum on East Timor* raised two points. The Forum will continue its efforts to send a parliamentary mission to East Timor and regrets that plans for a mission in July this year were unacceptable to Indonesia. It also affirmed that the Japanese government has not recognised East Timor's annexation by Indonesia. This is clear from a government instruction to publishers of school textbooks that maps of the island of Timor should draw a border between West and East Timor, like the one drawn between Morocco and Western Sahara.

Canadian Liberal Party spokesperson on human rights, *Beryl Gallant*, accused her own government of participating in the international cover-up on East Timor.

"Why does my government refuse to recognize what the invasion and occupation has meant? Canada has voted against UN resolutions calling for the right to self-determination. It has lobbied to have the issue removed from the

Xanana Gusmao's message to the UN

Under the present circumstances it is impossible for me to do anything at the United Nations. Even just going to the UN is impossible. Should I dare to do so, I will certainly be murdered. Should I even take a step into the territory of Los Palos I will become a living duck (for would-be assassins).

During General Assembly Resolution 4724 in 1990, UN Secretary-General Perez de Cuellar pointed the Parliamentarians for East Timor delegation when he met them last March that the visit to East Timor of the Portuguese Parliamentarians will take place. We hope the Secretary-General will continue his efforts for the realization of that visit, and also when the Portuguese Parliamentarians get to East Timor they will negotiate with the Indonesian Government in order to resolve the question of Timor.

My hope is that if they are able to come to East Timor to see the true conditions prevailing here they would then seek a different framework for the solution of this question.

The UN must not forget any party which has a strong interest in solving this problem. The inhabitants of Timor must be considered such a party. It is, therefore, most important that representatives of the East Timorese sit at the conference table. Only when East Timorese representatives are seated at the conference table can the negotiations acquire international recognition and legitimacy. We will never abandon our position on dialogue. We are prepared to hold discussions unconditionally (without involving new conditions). We are prepared to discuss all issues which will lead to a solution of the problem. We trust the UN Secretary-General to convene a meeting of all parties concerned. We believe that the realization of the Portuguese Parliamentarian Mission will prove to be the source of change in knowledge and attitudes regarding the question of East Timor.

EAST TIMOR

ganda. My party... has asked why Canada's third largest source of foreign aid dollars is Indonesia. We have asked it is because there are approximately 300 Canadian companies operating in Indonesia, from large ones like

Speaking at one of three Portuguese MPs who came to New York, *António de Sousa Lobo*, president of the Commission for East Timor Affairs of the Portuguese National Assembly said that today's perpetrators, as in the proceedings, "belong to the main Portuguese political parties and political adversaries, but with other democraticity in social Portuguese and Community values. However, they only agree on the problems assumed as regards the present and future destiny of the Indonesian people (East Timor)."

The Indonesian response

The Indonesian mission had expressed "strong opposition to the participation of the perpetrators in the deliberations of the Commission" but would have preferred to deal with contempt but the evidence of abuses, the strength of feeling by neighbours from many countries and of various political persuasions called for a reply.

Before agreeing to speak however, the Indonesian diplo-

mat made sure he would have the last word. He thought *Timor Biskop* was intending to speak. Only when asked did he start to do so. What he presented as a matter of reform regarding Indonesian integration of East Timor was a rehash of Jakarta's version of events. For the record, the last A-T and A-T-USA was the announcement that Indonesia has invited Professor Peter H. Keechman, UN Special Rapporteur on Torture to visit East Timor. By contrast, after accusing Amnesty International of levelling slanders and accusations, he said: "It would be absurd to expect that Indonesia will allow visits by representatives of organisations which continue to engage in slanderous campaigns against Indonesia, like Amnesty International."

A footnote

Without a breakthrough on the political front, the fact that East Timor is on the agenda of the UN's Special Committee is a footnote perhaps even just a footnote, in the UN system. But it is something to be held on to in supporting the struggle of the East Timorese. It should not be regarded as insignificant if it were. Jakarta would not go to such lengths to sabotage the Committee's deliberations. With all its limitations, the Committee is a platform which should continue to be used until East Timor enjoys its right to self-determination. ☐

EAST TIMOR

East Timor: Diplomacy roundup

US Senator 'Solve E. Timor conflict'

On 29 July 1991, the US Senate adopted a decision calling on the US Administration to address "the underlying causes of the conflict in East Timor". The amendment to the Foreign Appropriations Bill was proposed by Democratic Senator Claiborne Pell (Dem. Rhode Island), chair of the Senate Foreign Affairs Committee and supported by Senator Malcolm Wallop (Rep. Wyoming), Senator John Chafee (Dem. Massachusetts), Senator Paul Simon (Dem. Illinois), Senator Carl Levin (Dem. Michigan), Senator Daniel Moynihan (Dem. New York), Senator Dave Durenberger (Rep. Minnesota) and Senator Jesse Helms (Rep. N Carolina).

The Congress finds that:

(1) at least 100,000 individuals out of a population of nearly 700,000 perished in the former Portuguese colony of East Timor between 1975 and 1980, as a result of war-related killings, famine and disease following the invasion of that territory by Indonesia;

(2) Amnesty International and other international human rights organisations continue to report evidence in East Timor of human rights violations, including torture, arbitrary arrest and repression of freedom of expression;

(3) serious medical, nutritional and humanitarian problems persist in East Timor;

(4) a state of conflict continues to exist in East Timor; and

(5) the governments of Portugal and Indonesia have conducted repression since 1982 under the auspices of the United Nations to find an internationally acceptable solution to the East Timor conflict.

It is the sense of the Congress that:

(1) the President should urge the Government of Indonesia to take action to end all forms of human rights violations in East Timor and to permit full freedom of expression in East Timor;

(2) the President should encourage the Government of Indonesia to facilitate the work of international human rights organisations and other groups seeking to monitor human rights conditions in East Timor and to cooperate with international humanitarian relief and development organisations seeking to work in East Timor; and

(3) that the administration should work with the United Nations and the governments of Indonesia, Portugal, and other involved parties to develop policies to address the underlying causes of the conflict in East Timor.

The amendment will go to the Conference between the Senate and the House of Representatives to finalise the contents of the bill before its formal adoption.

Even ambassadors face press coverups

Following a meeting with Major-General Sintonio Pousa, commander of the Olayuan/TXII military command, whose territory includes East Timor, the British Ambassador to Indonesia, Roger Carrick, was said to have "praised the

accomplishments" of the Olayuan Command and Kolakrop, the special military command in East Timor. [Aberdean, quoting *Suara*, 11/7/1991]

According to the Indonesian Embassy in London, "the Ambassadors met the Commander to discuss economic, social and human rights issues... in early July and seemed greatly satisfied with details given and especially those on the subject of human rights in East Timor". [Indonesian News, 15 July 1991]

TAPOL checked the report with the Foreign Office and was told on 14 August: "The Indonesian Embassy release, which mirrors an earlier press report in the Indonesian media itself, may have given rise to a misunderstanding. (Our Embassy in Jakarta has written in the newspaper concerned.) The Military Commander explained his view that the human rights situation had improved in recent years and the Ambassador took note."

TAPOL asked the Foreign Office for a copy of the press clipping of the Ambassador's letter. In reply, the Foreign Office wrote on 28 August: "On the conversation between IIM Ambassador and Major-General Sintonio, the BBC newspaper is well aware of our Embassy's account of the meeting but did not publish any reference to it."

Ambassador will not visit East Timor

The Indonesian press also announced that the military commander had invited the British Ambassador to visit East Timor. Asked by TAPOL whether the Ambassador had plans to visit East Timor, the Foreign Office replied: "The Ambassador has no plans to visit East Timor. This is consistent with the Government policy of not recognising the annexation of East Timor by Indonesia."

IPB supports East Timor

The Annual General Assembly of the International Peace Bureau held in Toronto in September 1991, adopted the following resolution:

That the International Peace Bureau support a campaign in East Timor, for a) a ceasefire in East Timor, leading to peace talks without preconditions, under United Nations auspices, between Indonesia and the Timorese resistance movement; b) a ban on all arms sales to Indonesia.

The resolution was sponsored by ACT for Disarmament (Toronto) and the East Timor Alert Network of Canada. The International Peace Bureau has more than 100 members in the world's oldest non-aligned international peace organisation.

Doets appointed CNRM external spokesperson

Jose Ramos Horta, for many years Fretilin representative at the UN, has been appointed external representative of the National Council for Maubere Resistance (CNRM). His mandate from the CNRM leader, Xanana Gusmão, says that he "is mandated to represent the CNRM in all matters in the field of diplomacy with governments, parliament, UN organisations, as well as all inter-governmental organisations and non-government organisations". -E

EAST TIMOR

Timorese workers stand up for their rights

Efforts by East Timorese workers to be viewed according to promises made when they agreed to take jobs in Batam has led to one death, to intimidation and to the censoring of news about their complaints.

When *Yayasan Tiara*, a labour recruitment agency owned by Sili Mink Tunt, Hardiyanti Hukmatu, President Sataria's eldest daughter, persuaded unemployed East Timorese workers to take jobs in Batam industrial zone after getting three months' job training in Jakarta, it was obvious that the authorities wanted to defuse political tensions in East Timor where unemployment is high and dissatisfaction with Indonesian rule is widespread, especially among the youth. The agency promised them Rp 200,000 a month, far higher than the wages paid to most factory workers in Java.

Several hundred Timorese accepted the offer, hoping to earn money home to help their families. What they got was a contract on how not to cause trouble and given jobs in factories in Bandung, Bogor and various parts of Central Java, for monthly salaries of around Rp 40,000 with deductions for lodging, accommodation and transport. They were also harassed and physically struck by Indonesian security forces if they complained.

Taking on The Family

A delegation which went to complain to Agus Palmana was turned away and told to sign a statement expressing satisfaction with the conditions. As unions grew, workers may want to go home but were told their return funds would not be paid until they had worked for three years.

Their decision to challenge their employers was fraught with danger because, taking on Yayasan Tiara meant cursing Sataria and her notorious daughter Tunt, once poised to having a social conscience and had a number of 'social' and 'cultural' projects in East Timor.

A visit to the DPR backfires

On 30 August, thirty workers took their complaints to the Legislative Assembly (DPR) and two members of the DPR. Grant as the conditions we were promised or give us the money to pay our fines back in East Timor, said spokesperson Ojorio Florindo. A statement by 65 workers said the *Yayasan* had forced them to sign a declaration expressing satisfaction with conditions.

Besides those recruited by the *Yayasan*, 283 recruited by the Manpower Department and promised jobs in Batam, got in jobs in Surabaya, Bali and Jakarta, said Nono Lopes. Officers told the MPs they had been mistreated by soldiers after complaining about conditions at a training centre in Kupatani, the para-commandos, in Cijantung, W. Java.

The MPs treated the East Timorese cordially, promising to raise their complaints in a hearing with the Department and the army chief; they would also consider holding a special hearing with the *Yayasan*. [Jakarta Post, 31/8/1991]

Next day, tragedy struck when one of the thirty, Alfredo da Costa, was knocked down and killed while jogging early in the morning (see here). Another Luis Maria Lopes was taken into custody by Kupatani and released a few days later, his face covered with bruises.

No autopsy for Timorese victim

Alfredo da Costa, born in Dili on 23 September 1956, died after being knocked down by a vehicle on 31 August 1991. Alfredo was at the training centre of the para-commandos unit, Kupatani, in Cijantung, West Java. He was knocked down at 4.30 am as he and two friends were out jogging.

A widow named Angela who washed Alfredo's body at the Cipto General Hospital in Jakarta testified that apart from some bumps on the victim's head, there were no other injuries, not even minor ones, on the body.

On 3 September, a relative who had just heard of the death went to the hospital for the autopsy, but was told the hospital had been prevented from carrying out an autopsy.

Alfredo's body was flown back to Dili on 2 September. His colleagues live in fear that such an "accident" could happen again.

A few days after the protest, a different group of East Timorese visited the DPR contradicting the first group. Justice Gregorio Goulart said: "We would not dream of protesting against Tiara Foundation which has done so much for us." [Straits Times, 6/9/1991]

Tempo report blanked out

Efforts to rebut the workers' protest intensified when Jakarta's leading political weekly, *Tempo*, withdrew an item on the affair in its issue of 7 September. It went to press with the contents page announcing a national news section item about "some young East Timorese brought to Jakarta who were facing uncertainty after being promised good jobs. They made a complaint to the DPR." This was next to a photo of the workers seated at a table in the DPR building. But there was no report, only two short columns on page 26. Two weeks later, *Tempo* published a letter from Paulo H. Ximenes, an East Timorese student in Solihaga asking what happened to the item. The editorial reply? "Our apologies. There were technical difficulties."

In a further twist to the affair, East Timorese collaborators like Francisco Lopes da Cruz and DPR members Soares and Amaral, told the workers "not to ask for special treatment". This was at a meeting called by the Manpower Department to which the workers had been summoned.

Several Timorese used the occasion to publicise their

EAST TIMOR

problems. Nuno Vicente P.S. said he had quit his job at PT Lili Permata because he received only Rp 2,100 a day. "We used the money for meals, for buying water for bathing and drinking and for our daily needs. Do you think we can live with that small money in Jakarta?" When he complained, "I was beaten by an army officer. I was afraid. Can you help me?" He told *Jakarta Post*. "They promised to train us for three months but they only taught us to march like soldiers for two weeks".

A press photo of the meeting shows several of them seated, heads bowed low and in obvious distress; one has his head close to his knees and is holding a tissue in his hands. [*Jakarta Post*, 16/9/1991] The Indonesian press coverage suggests that the Timorese won sympathy for standing up for their rights. Tempo's decision to publish a letter complaining about censorship may have been a sign of its own regrets of having let the workers down. ★

Page 26 of Tempo's 3 September issue, with two empty columns. The glitch later blamed is on 'technical problems'.



FILM REVIEWS

The OPM and Falintil on television

The OPM tells its story

A one-hour film about the OPM, the Free Papua Movement, made in the bush in the south-east region of West Papua, was shown on Channel Four, Britain's leading commercial TV, on 2 September at peak viewing time. The film, "Rebels of the Forgotten World", follows the activities of several OPM battalions, commanded by Bernard Mawen, showing villages that have been attacked by Indonesian troops and the conditions under which OPM guerrillas and their families live. It reports the aspirations of the OPM guerrillas in their own words, calling for support from the outside world in their struggle against the Indonesian colonisers who now occupy their country.

The film was made by Claudio von Planta, a Swiss cameraman who spent five months in the bush in 1989. He was flown in by Theo Frey, the pilot who was recently cited in absentia in illegal entry, by an Indonesian court. The plane that brought von Planta and his heavy equipment into West Papua landed on an airstrip built by the guerrillas; it had to be abandoned when it became embedded in thick mud. Frey left West Papua by foot, after five months of blinding. Von Planta was spirited out of West Papua by a helicopter that flew in from Australia to pick him up, using another specially-built airstrip, built after another airstrip had to be abandoned because Indonesian aircraft were circling the area.

The film also includes footage made by another film crew which entered West Papua legally, with interviews of Major-General Abnawes, the Indonesian military commander of Irian Jaya, Dar Subur, the governor of Irian Jaya, and Jayusman, head of the Indonesian army, all in Amboina, near Jayapura. The contrast between the two worlds could hardly be greater. How can the well-armed, armed Indonesian soldiers, convinced of the righteousness of their war against "terrorist gangs", understand the motivation of OPM guerrillas armed with a few Second World War rifles and bows and arrows, fighting against such tremendous odds to defend their land and livelihood? By interposing shots from the two types of footage, the film destroys the Indonesian myth that there is no such thing as the OPM.

There is plenty of drama, for instance, when the OPM unit leads a last retreat to an Indonesian helicopter hovers above their encampment. "We must do everything to protect our journalists," say the guerrillas, as they wade through swamps, carrying the water-proof containers with the precious equipment inside. Another scene records the story of a woman whose husband was killed during an Indonesian ambush. As she speaks, a colleague displays the bones of her husband and another West Papuan; one skull is still recognisable; the other was shattered to bits by an Indonesian bullet.

The film is one of a series of films entitled, "The Savage Strikes Back", made by Nexus Films, in collaboration with Survival International. It may soon be shown on Australia, Canadian and Spanish television, and possibly also in the Netherlands.

A deal has been made with Television Four for the Environment to supply copies of the video to NGOs in third

world countries and minimal cost. NGOs elsewhere will be asked to pay a little more. Write for more information to TVE, 24 South Street, London W1P 1HT, mentioning the video system you read.

Xanana Gusmão on video

A few weeks before the showing of the OPM film, another major media event took place in Japan with the release by the Japan Free East Timor Coalition of a 14-minute video film made in East Timor. Following an introduction by armed resistance leader, Xanana Gusmão, of his guerrilla headquarters in Bunaria, the camera moves to the interior to show guerrilla encampments, a village of guerrillas fishing clean water, eating and cleaning their firearms. Parts of the video were shown on major Japanese TV stations and on the UK's Independent Television News.

The video includes a lengthy interview of Xanana in which he makes an appeal to the Japanese government to use its influence to press the Indonesian government to enter into peace talks without pre-conditions, under UN auspices. Xanana also sent a message to the UN (which was later delivered to the UN Decolonisation Committee in New York on 2 August). One shot of Xanana's headquarters shows a table covered with books and documents received from outside, among the publications is the February 1991 issue of *DIPOL Bulletin*, a copy of Jose Ramos Horta's book, *Pain*, and a copy of TAPOL's Occasional Reports No 14 which reproduces the 10 UN resolutions on East Timor.

There are several longer videos filmed on the same occasion. One has been shown to members of *Parliamentarians for East Timor in Canberra*. Another consists of a 50-minute interview of Xanana, answering questions which had been smuggled into the interior from the leading Lisbon daily, *Público*. The full interview appears across four pages in the 6 September issue of the newspaper.



Film von Planta unveils OPM secrets.

Book review

John Taylor, *Indonesia's Forgotten War: The Hidden History of East Timor*, ZEP Books, London, 1991, 222 pp.

Going my mind back ten years, I can remember how disputing it was securing the bookshops for an authorial first account of Indonesia's war against East Timor. There were only two books available then, Jill Joffe's description of events leading up to - but not beyond - the invasion, and John Jay's previous effort, published by TAPOL in 1979, which was invariably panned because of the lack of information coming out of East Timor. That this situation has now improved is a tribute to the determination of Fretilin and the East Timorese to break through the wall of silence put around them by Indonesia. You can now find a respectable number of books on East Timor, of which John Taylor's *IMH* is probably the best.

For a start, it is up to date, covering developments like the growing civilian unrest and the 1991 *Meat-Defence* demonstrations against Indonesian rule during visits by the Pope and the US ambassador in 1989 and 1990. But it also draws on a number of new sources, including recent testimony by refugees, to fill out what we already knew about the early years of the war. There is more here, for example, on the origins of the East Timorese political parties, and the unrest and confusion among them that helped Indonesia's task of dividing the decolonisation process. The numerous focus by Indonesian intelligence chiefs are fully exposed, as is the extraordinary appointment of then Australian Prime Minister Gough Whitlam, whose Indian approval finally convinced Sukarno - whose attitude the book suggests was ambivalent - that he would get away with the invasion. The Portuguese are treated in far more detail than the confusion of the colonial regime in 1975 was perhaps understandable, but the failure of the Portuguese to do anything while the East Timorese were being annihilated during the five years after the invasion, was not, and even the greater role played by Fishan to raise the issue over the past decade are described here at "low tide, low tide".

The *IMH* goes far beyond the invasion and Timor's triumph over the Indonesian army - a triumph which is not enough from previous books - (Portugal's initial knowledge

BOOK REVIEW

of Indonesia's involvement and anti-colonial campaign, and the terrible toll exacted on the East Timorese people. But there is more testimony here from refugees, with particularly good accounts of Indonesia's seizure of US aid and the dismantling of the Catholic Church from an ally of the colonial regime before 1974, to a champion of the East Timorese under Indonesia's occupation.

The breakdown of the book into a mixture of chronological and thematic chapters works well, but reveals like the century sought by Indonesia in 1945 are covered in detail but punctuated by explanations of the different methods Indonesia uses to maintain its occupation, from the mid-way of the late 1970s to the control of East Timor's economy by military municipalities today. John Taylor was gone to some lengths to make his book accessible and readable - and even the dense text should not deter casual readers - which is important because there is little prior knowledge to the subject.

Throughout the book we are reminded that the compliance of Australia and the US in particular, at the two centuries now able to influence Jakarta, was motivated not just by a desire for good relations with Indonesia but by self-interest as well: the importance of Timor's East-West straits for US nuclear submarines and Australia's interest in exploiting oil reserves in East Timor's territorial waters.

Of course, the invasion occurred during the cynical *Wig*, when Henry Kissinger and his Soviet counterparts treated every regional conflict as an arena for superpower competition. Today, after the cold war, many of these conflicts, in Bosnia, Angola, even El Salvador, are wearing resolutions, with self-determination and human rights suddenly part of the diplomatic vocabulary again.

John Taylor calls East Timor a forgotten war, and in that triumphalism after the cold war and the Gulf War, the West's leaders do indeed appear to have forgotten that in East Timor, they have unfraternal business to attend to. ✠

Jeremy Smailley

In this issue

After years of "invisibility", Indonesia has decided to take its international profile. This is reflected not only in the 1991 Indonesia Year 1991 campaign and the virtual extravaganza during the United States, but also in the fact that Indonesia is attempting to have Foreign Minister **Ali Alatas** become the new Secretary General of the United Nations. This comes after the recent election of Indonesia to lead what the Non-Aligned Movement and the appointment of Labor Minister **Leontas Balakrishna** to chair the International Labour Organisation (ILO).

But "putting the world" is not a trivial aspect. It also means exposing the country to greater outside scrutiny.

The granting of a work visa to ABC journalist **Leo MacInchess** may well have sign that the Indonesian government is willing to become a part of the global village.

The issue that has surrounded the much delayed Portuguese parliamentary visit to East Timor is a touch less edifying example. While appearing here to improve Indonesia's international image and get the East Timor issue off the UN agenda by allowing the Portuguese and UN observers relatively unrestricted access to East Timor, the Indonesian government has now announced that the trip can go ahead only if the Portuguese delegation drops experienced Australian journalist **Bill Jolliffe** onto its itinerary. Such "cowardship or influence" has done little to reinforce Indonesia's image as an Asian Tiger, inspired as it is by the outside world.

It demonstrates a readiness to make compromises between and between nations, names are never paid first by Indonesia. From August until at least late December, smoke from fires in Kalimantan, Sulawesi, Sumatra and Java has blanketed much of Island Southeast Asia, including Southern Thailand, East and West Malaysia and Singapore. The fires are clearly a disaster not only for Indonesia but for the whole region. Citizens of other countries have helped avoid a worse of the situation and aid from worldwide has been requested in the past few months.

In this feature we examine another international environmental issue — **sea turtles**. International concern over the rapidly dwindling population of turtles in Indonesia's waters prompted the introduction of a decree in Bali restricting the killing of turtles. But as **Steve Doh** reports, turtles are still being slaughtered and regurgitated and turned into turtle soup and seaweed's large quantities of Indonesian turtle shells are being exported in direct violation of the international CITES treaty.

Contradictions between rhetoric and reality also characterize the domestic political scene. After denouncing almost all of the outgoing members of parliament **Suharto's** words on openness, repeated in his Independence Day speech in August, ring hollow.

POLITICS AND HUMAN RIGHTS

Jakarta's new man in Canberra

In July, Indonesia's new ambassador to Australia, Sabam Siagian, commenced duties in Canberra. Who is he and what does his selection suggest about changing Australian-Indonesian relations?

By DAVID HILL

Sabam Siagian, former editor-in-chief of the English language *Jakarta Post*, has recently taken up duties as the new Indonesian ambassador to Australia. The appointment is unique. He is the first journalist to be appointed ambassador by the New Order government, a practice followed frequently during the 1960s. The appointment is seen as a deft move which signals a more thoughtful and conservative approach to Australian-Indonesian relations by Jakarta.

Born in Jakarta, 4 May 1932, the son of a colonial pastor, Siagian is a forceful, articulate debater who spent 13 years studying and working in America. Six of those years were with Indonesia's permanent mission in the United Nations in New York. In Canberra he intends to present his government's position confidently and impressively.

Student politician

Siagian began his political career in student politics as an active member of the GMMK (*Gerakan Mahasiswa Kristen Indonesia*, the Indonesian Christian Students Movement), the equivalent of the Student Christian Movement. In November 1955 he was elected President of the GMMK for the 1955-56 period. During this period he also served on the executive of the IPMI (*Ikatan Pemuda Politik Indonesia*, Federation of Indonesian University Students).

In May 1956 Indonesian students hosted the Asian-African Students Conference and Siagian attended as a delegate. After this significant experience, the IPMI executive felt under duress and failed to convene a congress to account for its responsibilities. This was partly due to the involvement of many student leaders in the PKRI (Pergerakan Belahan) of 1956.

About 1958 Siagian left Indonesia for the US to take part in the US Student Leadership Program following which he took up studies at several US universities. In Indonesia he had studied law but did not complete the course.

Journalist

On his return to Indonesia in the 1970s he was appointed one of the

editors of *Sinar Harapan* where an uncle had newspaper shares. He is also a nephew of former Defense Minister Soegarto.

The credentials as a journalist, not afraid to ask embarrassing questions, are unique. His period as a senior editor of the independent-minded daily *Sinar Harapan* spanned a critical decade (1973-85) which included the two strongest government crackdowns on the Indonesian press (in 1974 and 1978). After the temporary banning of *Sinar Harapan* in 1978 he spent an interlude at Harvard University on a National Endowment for the Humanities Fellowship before returning to the paper.



Sabam Siagian: would more dialogue Indonesian Embassy.

Since Siagian took up his *Jakarta Post* position in 1983, the *Post* has become Indonesia's largest Indonesian language daily selling about 1.5 million of its nearest rival. Although one of the members of the *Post's* sponsoring Indonesian-language papers is *Suara Karya*, the paper of the government's official organisation, Golkar, the *Post* is also backed by *Kompas*, *Suara Pembaruan*, *Pan Kaba* and *Tempo*. It is not regarded as a solely government organ.

In four years he has been more and more vocal. In 1985, the final-look new under General Soeharto, Siagian's pastorage and has been a member of several CNR delegations to Australia.

In selecting a journalist, Jakarta has obviously not chosen a head in the word 'government organ' from one of the security Army, Golkar, or government-controlled papers. He has been able to maintain a reputation as a 'detached' editor while at the same time having close relations with both General Soeharto and Foreign Minister Ali Alatas.

Australian connections

Siagian has had a long interest in Australian politics and his cultivated good connections in the Australian press, the Department of Foreign Affairs and academic circles (particularly with the more conservative group at the Australian National University).

Siagian's main analysis of the Cambodian conflict in a recent publication edited by ANU academics Desmond Ball and Helen Wilson, *Strategic Neighbourhood: The Australian-Indonesian Relationship*, displays his perceptiveness as a critic of his government. He declares forthrightly 'my own deep disappointment with my government...', which commends support the ASEAN proposal to include the Khmer Rouge as a partner of parity in the Kampuchean peace process (in 1979). His new position as ambassador will undoubtedly and naturally involve consultation with officials.

The appointment suggests a high priority is being given in Jakarta to managing relations by the Australian press, by direct contact by an appointee with firsthand press colleague with considerable experience to lead the media and international affairs.

As Siagian's swearing in, the Minister for Foreign Affairs, Ali Alatas, expressly stated that his appointment was intended to foster an understanding and better dialogue with Australian society, and particularly with the press and non-government organisations.

Australian non-government organisations involved with human rights would concur that a better dialogue on such issues would be particularly beneficial. ■

David Hill is a member of the Australian Council on Australian Democracy and is a former Australian National Union member.

POLITICS AND HUMAN RIGHTS

Getting to know you East Timorese intellectuals in Indonesia

Being an East Timorese in Indonesia is not easy. Competition is stiff and racism and ignorance not uncommon. But many are politically active and are forging interesting links with Indonesian progressives.

By A SPECIAL CORRESPONDENT

Unfathomable, international relations, the East Timor has been a puzzle since 1975. But there is more to the Indonesian-East Timor relationship than the military. A lot of Indonesians from outside the main have followed in the military footsteps these 15 years. Not in the reverse career imagination. Rather, they have been involved in adding a new factor to the calculus determining East Timor's fate. That factor is East Timorese participation on the increasingly dynamic Indonesian intellectual scene.

Before 1975, East Timorese, priests and intellectuals alike, were completely ignorant of Indonesia. In Indonesia many raising and posing a lot. We know nothing about the people, except that they spoke Malay. But as we had to learn all the names and faces of Pronggi, and one graduate from a university in Java. On the 20th of December 1975, contacted all people, having the word Timorese, thought it was the 'Japanese' that were kind of again. Much of the rest of that tale of Indonesian is now well known occupying armies from Dongsuville to Kuwait keep writing fresh versions of an old horror scenario.

Students

So far almost no press attention has been given to the East Timorese who have come to play their part in the kind of 'Big Brother' - Mrs. Minister of Education the student. With figures backing from Governor Mario Caraballita, more than a hundred have been sent to universities scattered between Bali and Sumatra since the mid-1980s through the subsidies have multiplied.

Their initial experience was mixed. Besides that language was the first hurdle. Even after six years, students of that low class still speak Indonesian with a distinctive accent. The Indonesian language master also

made them feel uneasy. It took my friend a while to get used to his face, but here we cannot do that, and our student.

A few enjoyed an excellent Catholic pre-tertiary education, and those have done well in the point of holding Indonesian education as sub standard. But many attended incredibly over-structured primary high schools with a high-achieving, often Indonesian curriculum. They were simply not ready for the shock of competition in Java. Shunful failure has been the consequence for many a few. Some have opted to marry Indonesian girls rather than go back to an extent those problems are shared by all Outer Islands. The whole system of education is culturally distinct, poor, and educated in inferior rural schools.

Prejudice

Like takes care, East Timorese in Java do experience more or less subtle ethnic bigotry. When one high school teacher taught an East Timorese girl before the class that East Timorese are dirty, black, curly-haired, and they don't know how to eat rice. It was an extreme case but something that a student from Timor Jaya or Flores could equally well have been subjected to. But when she added they only know how to kill our soldiers and for what do they want independence it was a truth that only East Timorese hope to bear. In this case, a national ethnic-centrism (not unique to Java) has been sharpened into animosity by the reputation stories following violence in Java.

Recognises to Indonesia among East Timorese students vary considerably. Considering how slow lived

independent political movements in East Timor in the 1970s, it is remarkable how tenacious, and diverse, old party loyalties remain today. Although major shift being away from Apote (1975) to open political activity in Indonesia, it is difficult to see how far the party politics. All use language to impress and possibly fear to lose the can share. As a mixture of all cores students are never coming back home. They are beginning consciously to reach out to appalling ignorant Indonesian colleagues with the truth about East Timor.

Networks

One important group among them are those Soemba in his connection with Robert Goggin, labelled of great significance in the underground resistance network. They remain strongly committed to total independence for East Timor, and are prepared to face considerable risks without the protection of the course and press sympathy that Indonesian students enjoy. In several instances to foreign news (Indonesian language), they pass up few opportunities to contact foreign students of prominent influence. Even studying a fighting, some of them. Other for gather is the moral support given to the group of young people by their parents, who are intensely proud of what they think their kids stand for the cause of the liberation of the colonies.

Associations

Other ethnic groups, open, and their causes, forms of activity. Among East Timorese student associations, they have settlements which often reach at least the local press. At one in Semarang early last year, Prof. Herman Juhana was invited to explain his opposition to the Timor War. From which he felt disadvantaged in dress. Another says Macana University mentioned talked about the regional development plan they had designed.

They are beginning consciously to reach out to appalling ignorant Indonesian colleagues with the truth about East Timor.

POLITICS AND HUMAN RIGHTS

signed for the provincial government in East Timor. The liveliest part of these events is always questioned - inevitably seen as proven afterwards by nationalist students (consequently their questions never reach the newspapers).

Indonesian intellectuals

One of the most interesting developments is that some East Timorese students are beginning to take up arms, with leading-edge thinkers to the Indonesian NGO movement. They see as equal battle. For most Indonesian nationalism is partly (nearly) forged with exclusive 'family' feelings. When combined with feudalist Javanese nostalgia for Majapahit glory and loyalty to the idea of diversity, it is little wonder that small nationalist like Papua New Guinea feel massive Pan-Asianism news about the situation. The organising ability of non-Javanese are a hurdle even among self-identifying activists. But as some NGOs (like the first kind of self-organising about the old-style authoritarian are beginning to surface. Even if the Indonesian NGOs for the East Timor (INTE) will never reach the subject, the anti-colonial groups in Indonesia, like SKRIPSI and INFRATEK, are beginning to mention East Timor as one of Indonesia's wrongs that need to be righted.

More cosmopolitan thinking is on the rise since the impact for an enlarged self-awareness, a re-approach of Indonesia's democratic period of the 1960's, even long-maligned radical ideas are being expressed in great moderated distances. During the Pope's visit in late 1989, East Timor's plight got some sympathetic press coverage. And the Civil War resulted in increasingly globalised middle-class with a withdrawal on international politics: they heard that Timor's plight got more than 50% of their portable TV viewers.

While still reluctant to mention there are nationalist Indonesian intellectuals prepared to place Timor into the domestic agenda for anti change of leading them, see Prof. Muhyiddin and Dr. Lukman Saifuddin of Gadjah Mada University. After for the first time pointing some of Timor's problems in the Jakarta press (beginning in 1987, they tried the same for East Timor in early 1989). The attempt mirrored because someone failed to predict the reaction of the intelligence service as the then report. They have so far been unable to raise the same issues internationally and the psychology of fear among East Timorese.

The academic jungle

Some East Timorese students, un-

graduated, stay on to try their hand at academia. They adopt a critical as well as a naive stance in relation to the domestic. One of these is Juan Marano, young economics lecturer at a private university in Jakarta. In a forthcoming book with a chapter on the East Timorese economy, he makes a jab at the huge expenditures in East Timor on infrastructure. His RPs, a ball thrown at a wall: a job bonus off to Denpasar or Surabaya and especially to Jakarta. Local production plays no role, so that the multiplier effect does not appear to be there.

He then goes on to make a series of suggestions. Special measures are necessary to discriminate in favour of indigenous East Timorese labour.



Mario Carrascalão: this is a cover 1989. Timorese students Indonesian

investments needs to be provided the participatory economic growth involving the vast impoverished area from the Moluccas to Sumatra with banking assistance, investment. An oil exploration base should be built on East Timor's underdeveloped south coast, so that benefits can flow to the local economy.

Other East Timorese academics who are being heard in the academic jungle include Eusebio Ribeiro, Catholic, lecturer in Management (well associated with the Catholic Church in Portugal), and Francisco da Costa of Santa Wacana University.

Governors

Students are of course not the only East Timorese in Indonesia. The Governor himself, by no means calm as (with a minor play), writing a quarterly piece on a series of universities in East Timor last year, he speaks

quite plainly (though outside his text) about military abuses in East Timor. He referred to 'military-welfare' who reference the people. He was not struck for human rights for East Timorese parents not being allowed to enquire by telephone after the health of their children studying in Java, he told his Indonesian audience. Before the opening of the province in 1999, even the governor was not free to travel to his own province. "When I came I will take one of these travel permits, as a courtesy," he quipped. Challenged on the question of integration by East Timorese students, he said his position before 1999 had always been that East Timor needed another 50 years before it was ready for independence. Other wise, he would be criticised again, he said. "I cannot do anything with my brain, as for now, I continue to proceed." However, his remarks reached the printed page the next morning - and also his reading.

Hostages

There are yet others, to be more clear whether they are real victims or rather almost passive hostages, as the religiously-brought their search. A few Indonesian parliamentarians enjoy the perks in Jakarta, the East Timor Christian Church is rapidly growing Protestant denomination enjoying strong connections with the government, was accepted as a member by the Indonesian Commission of Churches in late 1989, and its leaders have been included at international conferences, such as in Australia.

Tragic is the fact of news that Yayasan Timor Indonesia, a foundation established by Presidential slaughter 'of Timor' Baidarino, is funding hundreds of unemployed young East Timorese to pay for years of 'vocational training'. Their names appear to have been selected from hundreds of young Timorese who he suggests that are basically an ingenuous displaced power with a philanthropic ring.

Not irreversible

All this is by no means to suggest that East Timorese were irrevocably a part of Indonesia - as officials (especially as of) in this week few things are irreversible. But making it more convincing to a large time to ignore important new developments simply for ideological reasons. In any case, there is a significant potential as a basis of the relationship between Indonesia and East Timorese, particularly if there were to be a growing among Indonesian intellectuals and their meeting point with East Timorese aspirations. ■

ABC IN JAKARTA

Indonesia has given the go ahead to the Australian Broadcasting Corporation (ABC) to have a core operation in Jakarta after a break is more than 18 years.

A core operation, the ABC usually, will take up his post in Jakarta after a break is more than 18 years. The ABC's core operation will take up his post in Jakarta after a break is more than 18 years. The ABC's core operation will take up his post in Jakarta after a break is more than 18 years.

The ABC in recent years has been allowed to work in Jakarta, to be replaced for specific years by the Australian Broadcasting Commission (ABC) has been the only Australian radio organisation with a core operation in Jakarta.

Managing Director David Hill said following his departure from the company that the ABC's return of a core operation.

Mr Hill, who joined the ABC in 1980, has been successful in providing a core operation in Jakarta, to be replaced for specific years by the Australian Broadcasting Commission (ABC) has been the only Australian radio organisation with a core operation in Jakarta.

Radio Australia reported Indonesian Ambassador Sir John Maguire, of course, "I hope just you do not lose the jobs, which is a testament to the 'happy' with ABC, a source of information. The Australian

parried, what government is 'happy' with press reporting. Just 'fair' reporting was expected.

Reuters, 5 September 1991, Sydney; Radio Australia (sq.indonesia)

To celebrate their tenth anniversary, Walhi (Friends of the Earth, Indonesia) put out a special double issue of their quarterly magazine *Kurungan*.

The issue (September-December 1990) reflects on Walhi's direction and how to build and strengthen its network, especially in the area of more effective advocacy.

The book plays a very important role in providing information on the campaign to save the Java rain forest and to put an end to timber concessions in halting Indonesia's progress towards full-scale independence.

Subscriptions: US\$20, payable to Walhi, Jl. Pangeran 1, Komplek

...available from...
Protein Journals, 10 East 22nd Street, Third Floor, New York, NY 10011, Fax: (212) 487-1890.

OPENING UP: TRAVELLERS IMPRESSIONS OF EAST TIMOR 1989-1991

Edited by Kirsty Sivjee and Pat Walsh

Published by the Australasian East Timor Association, this collection records impressions of East Timor by individuals who have visited the disputed territory since early 1989 when it was declared open by President Suharto.

The travellers include an Australian veteran from World War II, an anthropologist, a couple of old age-care people, and Shirley Suka-kerna, wife of the murdered Australian journalist, Greg Suka-kerna. Some come to view the scene of the atrocities simply for a break. All come away with similar feelings of a country occupied, a people enslaved.

Available from AETA, P.O. Box 95, Fremantle 6160, Australia

THE IMPACT OF INTEGRATION: A SOCIO-ANTHROPOLOGICAL STUDY OF EAST TIMOR

By Erickson Sitorio et al.

Completed in March 1990, the study is the first independent Indonesian study of East Timor since the traumatic Indonesian takeover in 1975.

Prepared by a team of social scientists under the supervision of Professor Midwate of Gadjah Mada University, the study is virtually unknown both inside and outside Indonesia but contains important insights and recommendations that will be of interest to all concerned for the welfare of the East Timorese people.

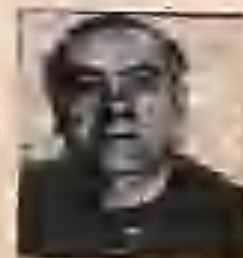
For details, contact IRIP, PO Box 184, Footscote 3070, Australia.

SUBSCRIBERS TO INDIANE INDONESIA
Please write to:
albert@indiana.edu
(Or write to me for details)

Terça-Feira, 5 de Novembro de 1991

Ecos de Timor

(97)



BAILÃO LOPES

Delegação parlamentar portuguesa desembarca em Díli a 4 de Novembro

Presidente da AR admite dificuldades durante a visita



O Parlamento Europeu, ao condenar a manutenção da ocupação de Timor-Leste pela Indonésia, conside

4) VAI CORRER SANGUE EM TIMOR-LESTE

Testemunhos sobre abusos nos timorenses que se aproximam da delegação portuguesa dizem quase diariamente de qual o território.

Embora não conste da visita, ao a par da delegação que a deputada DR, M. Nuno, está a falar a favor da Portugal na visita do país no Jornal das 15h de 11 de Outubro.

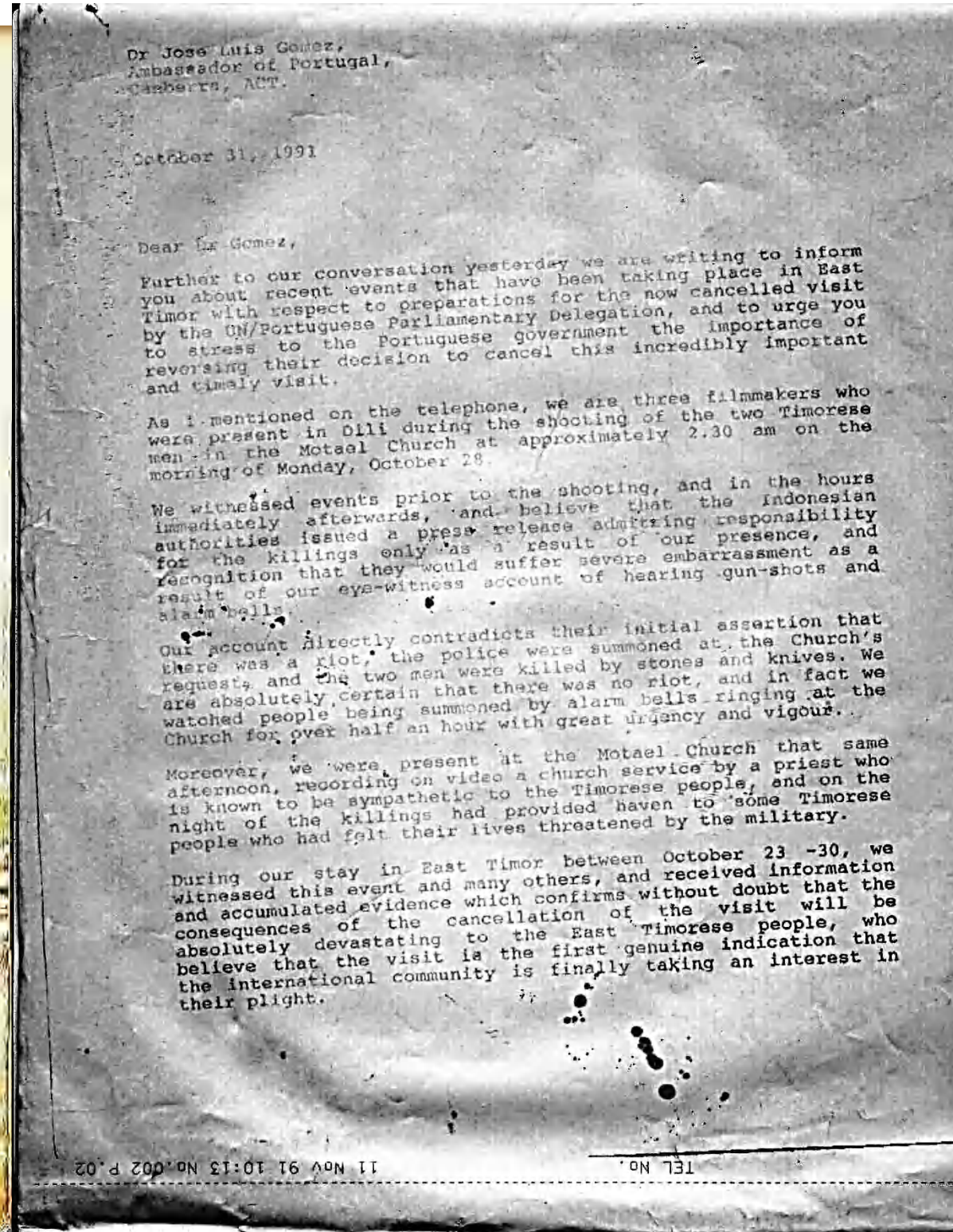
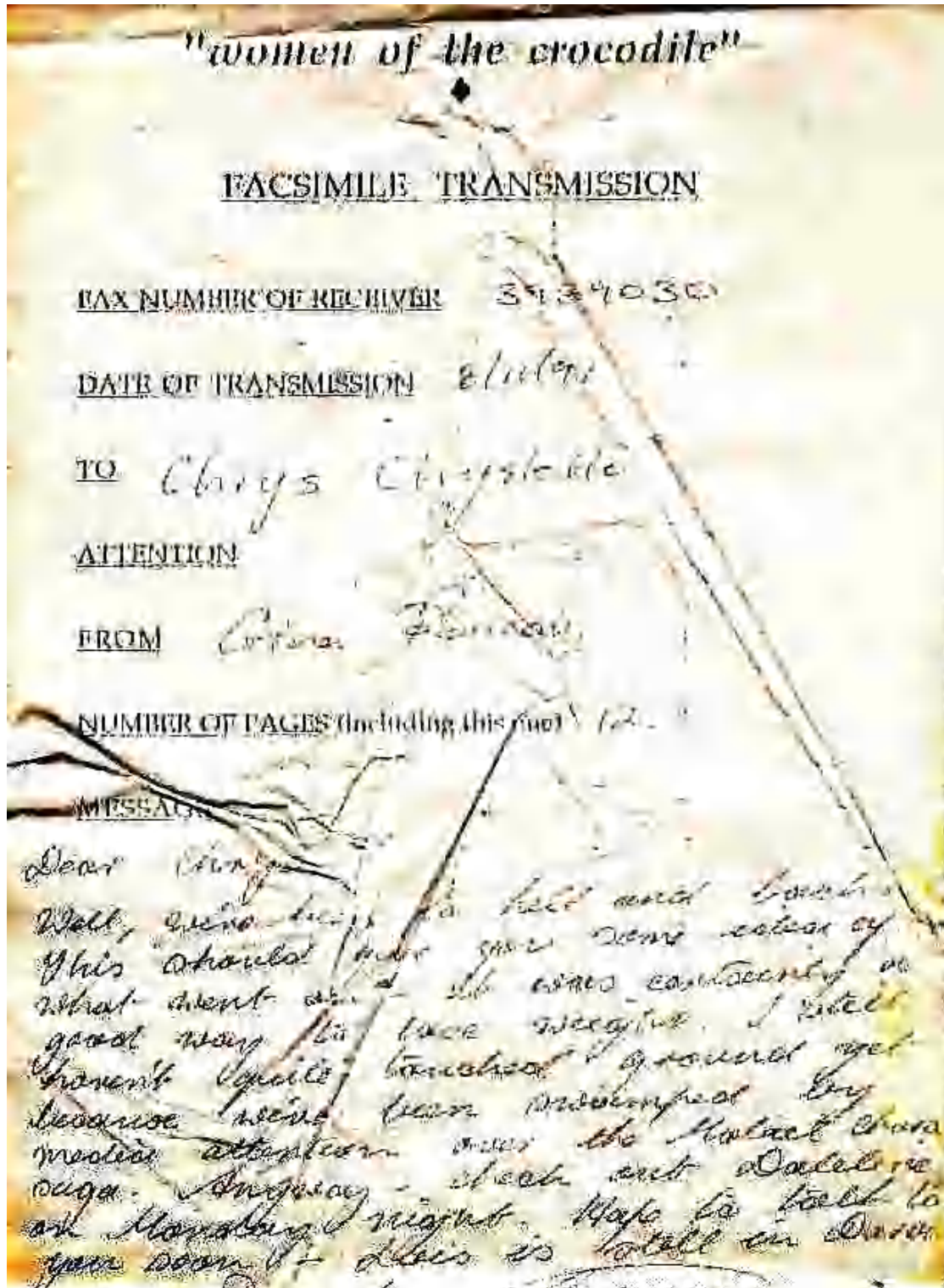
Quem testemunha dos portugueses verdadeiros... Não há dúvida de que... As condições de trabalho... indonésia... A delegação portuguesa, ao chegar ao território... A delegação portuguesa, ao chegar ao território... A delegação portuguesa, ao chegar ao território... A delegação portuguesa, ao chegar ao território...

É nestas condições que os deputados portugueses vão a Timor-Leste.

5) MAIS INCRÍVEIS CEDÊNCIAS À INDONÉSIA

173. 8 NOVEMBRO 1991

As jovens realizadoras de cinema Gina Roncoli e Lois Randell de quem fui consultor para o filme "Women of the Crocodile (As mulheres do crocodilo) estiveram em Dili aquando de incidentes graves e os quais aqui são descritos juntamente com um apelo às autoridades portuguesas e internacionais.



11 NOV 91 10:13 NO.002 P.04

TEL NO.

The following information details events which have secretly occurred in East Timor in preparation for the visit. Please note that many of these incidents are still occurring as we write, and will continue irrespective of whether the delegation's visit takes place.

We also believe that the only way these abuses of human rights can be curbed would be by the long-term presence of objective foreign observers who would monitor events to ensure that further atrocities do not take place without some form of accountability and scrutiny.

1. MILITARY PRESENCE

The presence of the military is absolutely overwhelming, and is evidenced in every village, town and roadside throughout the island.

We were told there are now 94 battalions of soldiers stationed in East Timor, with additional artillery, tanks and other military equipment which has been brought in as part of the preparations for the visit. This is over and above the documented 10,000 troops which have been maintained on the island for the last 16 years, apparently to control 200 Fretilin anti-integrationists.

In the small town of Baucau alone, we were told nine (9) new battalions have been installed outside Baucau for monitoring the 100km stretch of road between Baucau and Viqueque.

We witnessed truckloads of soldiers trundling through the streets of Dili, battalions exercising in village squares, massive freighters in Dili harbour for unloading heavy military vehicles, and all along the road throughout the island we saw small squadrons of soldiers moving either openly or surreptitiously through the bush in full camouflage uniform.

In village squares and military compounds we saw local Timorese force-marched and assembled. In some instances it appeared they were being trained in military style display marching and in other villages we saw locals being addressed in large groups by military personnel, or overseen in their work in the rice-paddies or road gangs by soldiers.

To conceal evidence of their presence, we were also told the military are dumping all disused military equipment which indicates previous military engagements in the sea in remote areas. Thus all evidence of the past 16 years of war has been effectively removed.

11 NOV 91 10:13 NO.002 P.05

TEL NO.

2. SURVEILLANCE AND INTIMIDATION TACTICS

We have enclosed a document which details the extent of the secret surveillance and intimidation tactics which are currently being imposed on the indigenous Timorese.

Our observations and communications with the few Timorese who were prepared to risk their lives to talk to us entirely verifies the information in this document. We also witnessed open intimidation of indigenous Timorese, and experienced constant surveillance and interrogation by individuals who were very obviously non-Timorese, and in some instances openly admitted that they were from other islands in Indonesia. They were the only people who spoke to us openly, and they were very identifiably Indonesian in their dress, physical features and apparent affluence.

The few Timorese people who did speak to us to provide street directions etc admitted that they were in danger in being seen to be speaking to us. One young man actually said, "I must go, we've been having meetings that tell us we cannot speak to you. It's getting dark now and my life is in danger." As we walked away we saw this young man was immediately physically grabbed and questioned by other men who had been watching him talk to us.

In another instance a young girl attempted to present us with a tape cassette, but stopped out of fear of surveillance and reprisal.

We witnessed individuals speaking into communication devices secreted in their clothing (ie. shirts, jackets etc). We also noted many vehicles and taxis with crudely painted wooden number plates that could be removed and changed to avoid identification of the car, and other four (4) wheel drive cars with dark tinted windows and spotlights which pointed towards the side of the road and footpaths.

These vehicles were driven by non-Timorese who would yell greetings at us and follow us as we walked down streets in Dili. On the morning of the Motael Church killings we observed many of these vehicles cruising the streets, along with taxis and individuals on motor-bikes. Given the 9pm curfew which had resulted in us being forced to walk back to our hotel because of the absence of taxis earlier in the evening, we found this preponderance of traffic both curious and disconcerting.

We have also received information that in all the houses in Dili up to two (2) or three (3) soldiers have been installed to monitor the household and ensure that no covert activity takes place in the form of organisation of demonstrations against integration during the delegation's visit, and to closely observe and control the local population from within their own homes.

11 NOV 91 10:13 NO.002 P.06

TEL NO.

3. CONTROL OF THE EAST COAST

While we were in Baucau we received information that 50 metre pits have been dug in the beach five (5) kilometres from the village. The purpose of these pits is to bury the people who are targetted for reprisals after the delegation's visit. We were told similar pits have been dug in the beaches near Dili and other coastal townships.

We were also told that many people in Baucau with Portuguese names have disappeared without trace. Up to 18 had disappeared in the two weeks prior to our arrival, and many witnesses had seen these people taken from public places such as the market. No reason has been given for their disappearance.

The other information we received in Baucau was that the local people are terrified of any form of contact in public places because crowd infiltrators move among the people, secretly injecting them with needles. People who have been injected in this way have subsequently become ill and died.

4. PROPAGANDA AND ANTI-PORTUGAL MEETINGS

We were told the military have been holding regular meetings in village squares whereby the local population are harangued with threats and anti-Portugal propaganda. They are also given deliberately misleading information about the delegation's visit...long before the visit was cancelled they were given daily bulletins claiming the Portugal had cancelled the visit, or that there was talk of a referendum over self-determination, and then that Portugal had cancelled the referendum.

The intent is obviously to confuse the people, and to impose a form of psychological torture, knowing how much importance the Timorese people are placing on the visit and the publicity it would be receiving from world press.

During these meetings the local people are forced to chant pro-integration slogans. They are told they cannot have any contact with foreigners on pain of punishment or death, they must fly Indonesian flags from their homes and they must perform dances and songs for the foreigners which indicate their pleasure in being integrated with Indonesia and resentment at 'interference' by Portugal and other countries.

We witnessed one of these meetings in the small mountain village of Maubisse, where a nine (9) day fair has been organised to coincide with the visit. A compound has been set up which is lined with stalls showing Indonesian political propaganda and selling appropriated Timorese art. From 6am to 11pm the local people are being forced to dance and sing by the military stationed in Maubisse, who took our visit as an opportunity to hold a dress rehearsal for events that would have presumably taken place during the visit by the

On the afternoon of our arrival in Maubisse we were taken on a tour of the fair by the local Chief of Security. He subsequently invited himself to accompany us to take some aerial pictures of Maubisse. We were not given any choice about whether we desired his presence, and in fact we found it impossible not to be accompanied by either him or other military personnel.

We arrived back in the village at exactly the time that a meeting was taking place in which the people were being harangued and forced to come out about pro-integration slogans. We were immediately surrounded by police and military and ushered from the site by the lieutenant of the local Battalion into a restaurant where we were forced to eat with the soldiers and police until the meeting was finished.

Later in the evening we were pulled around the fair, and the local people were made to dance for the video camera, sing songs and generally perform. This continued for several hours, and we observed that the people were being forced to sleep in the township, rather than return to their homes.

We were profoundly shocked by the treatment of the local people by the military during this 'cultural display'. Although it was only day 2 of the nine (9) day fair, the Timorese people were already showing signs of total exhaustion, and the military herded them around and forced them to perform for it so as if they were puppets or playthings, who could be controlled through command and threat.

5. MISREPRESENTATION OF INTERESTING TIM

The most obvious impression upon arrival in East Timor is of the Timorese people's extreme poverty and starvation. Along the east coast they live in squalid resettlement villages where there is very little subsistence farming.

In the mountains their villages are surrounded by hillsides which have been deliberately burnt for kilometres (we were told this was done by the military to drive away foliage that could conceal guerrillas), and reduced into blackened, denuded slopes littered with destroyed rice paddies and abandoned coffee plantations.

We were told the Indonesian military deliberately maintain this poverty and denudation of farming areas in order to justify the Indonesian government's requests for aid from international human rights organizations.

The money that has been received in the past has not been allocated to the people, and in fact has found its way into the pockets of the military authorities who have already appropriated the Timorese people's land and businesses, reducing them to the status of labourers on the roads, bridges and administrative buildings which are proudly displayed as

THE PARLIAMENTARY DELEGATION

It is of vital importance that Portugal revoke its decision to cancel the visit by the Parliamentary Delegation. The Timorese people believe their very survival against deliberate genocide entirely depends on this visit and some expression of interest in their plight by the international community.

We note Portugal's concern over censorship and reprisals that have been taking place in preparation for the visit, which would appear to negate any positive outcome from the delegation's mission.

However, we must emphasize that the repression will continue unabated, regardless of whether the visit takes place or not.

The Timorese people are fully aware that these reprisals will take place, but are nevertheless prepared to risk their lives to make contact with the outside world, simply so that some form of dialogue can take place.

If the argument over JIIJ delegates' inclusion in the delegation is allowed to cause the cancellation of the visit the interpretation will be that Portugal and the UN have used this argument as an excuse to irresponsibly turn their backs on the situation in East Timor, and the sense of betrayal which will be felt by the Timorese people will be incredibly profound.

Moreover, the violation of human rights which have been occurring for the last 10 years by the Indonesian military occupiers will be conceptually vindicated, with the inference that they can be allowed to continue with the tacit consent of Portugal and the rest of the international community, without any form of protest or accountability.

In this way the lives which have already been lost in the lead-up to the visit will have been sacrificed for no purpose.

The political consequences for Portugal with the cancellation of the visit are very alarming and should be noted. The Indonesian military authorities are capitalising on the cancellation of the visit to denigrate Portugal's political 'face' with the international community by inferring that Portugal is 'afraid' to visit East Timor.

To prove this point we have enclosed a copy of an article that appeared in the Indonesian Times on October 29 which outlines Indonesia's obvious contempt for Portugal's position, and the manner in which Indonesia is interpreting the circumstances behind the visit to the world press.

Again, we urge Portugal to respond to this flagrant abuse of its interest and concern over the situation in East Timor.

In conclusion we urge not only Portugal but also the United Nations and all international human rights organisations to consider our report and take immediate action to resolve the terrible tragedy that is East Timor today.

The people are caught in a noose that has tightened to a degree that is unprecedented in the history of a nation that has already undergone the most tragic violations of human rights to have taken place since World War II.

For the sake of those who are prepared to accept their own extermination if it means the world will at least recognise their horror, we urge you to take immediate action.

Yours sincerely,

Gina Boncail

Lois Randall

Francisco Vidinha

N E W S B R I E F

CONTINUA DE HISTÓRIA
DE TIMOR LESTE

Setembro 1991
No. 1

INDONESIAN FIGHT IN EAST TIMOR INTIMIDATIONS' GROUPS

According to information from the Resistance inside of East Timor, Indonesian authorities are forming in the territory different groups of intimidation to prepare the visit of the Portuguese parliamentarians to East Timor. The groups are as following:

"Koga Dilar" is a group composed by guerrillas who were captured by Indonesian soldiers and obliged to work for the Indonesians in order to have the right to be released. The aim of this group is to eliminate physically Xanana Gusmão, the guerrilla commander, before or during the visit. The group is also ordered to gather informations about the Resistance and channeling to the Indonesian intelligence and to practice "massacres executions" to Timorese who are considered as dangerous, traitors and collaborators to the Indonesians.

"Koga Poyshak" is a group formed by young illiterate people who are recruited to provoke disturbances, threatening people before and during the visit of the Portuguese Parliamentarians delegation to East Timor. The group is headed by a Timorese, Tomé Wéliz Jone.

"Koga Kinjotetras" is composed by Indonesian soldiers. The group is equipped with sophisticated materials such as pistols, M-16, radia III, binoculars, tapes, cameras and video Sony III. They wear also masks to cover their faces and armed with knives and axes.

They act during the night by cars without license plate. The task of the group is to kidnap and eliminate people involved with the Resistance.

INDONESIANS SEND TIMORESE TO INDONESIA

At least 100 young Timorese were sent to Indonesia to work in the factories of General Indarto's daughter, Siti Hardianti Hutikam (Siti Hardi). The Indonesian government stated that the measure was taken to end the unemployment in East Timor. However the Resistance said that young people are sent

newsbriefs

No. 1/September 1991

to Indonesia to avoid demonstrations against the Indonesian's presence in East Timor during the Portuguese Parliamentary delegation's visit. Many of them have already returned to Timor by their own means because they didn't have work and living conditions and salaries as were promised before.

TIMORESE DISMISSED FROM THEIR JOBS

Twenty two Timorese working in the Indonesian public institutions as civil servants were dismissed by the "East Timor Provincial Government".

The reason of their dismissal is that they collaborate with FRETLIN. The "Provincial Government" issued four dismissal decisions on the 14th and 15th June. The dismissal decisions were addressed to nine civil servants in Liquiçá district, six civil servants in the Lakonara's district, one person in Gilli's district and seven persons in Viqueque's district.

000 0 400

174. 12 NOVEMBRO 1991 CORREIO PORTUGUÊS

12 de Novembro de 1991

Crises de Timor

(98)




BAILÃO LOPES

Timorenses mostram receio pela visita dos deputados

sangue também na defesa do seu próprio território. O mesmo território que, quando genuinamente português, eles defenderam impiedosamente dando a vida na luta contra os japoneses.

Devido que a Indonésia vai procurar tirar partido desta grande lacuna, incluindo na sua representação parlamentar, alguns dos timorenses que aderiram ao seu país. Então, no confronto directo, nós uma vez faremos a perder.

Assim, não.

É A CARTA DO BISPO DE DILI A MÁRIO ROBALO

Com data de 7 de Setembro, a jornalista do "Expresso", Maria Robalo, que há dois meses esteve visitando, em Dili, o líder Xanana Gusmão, recebeu a seguinte carta de D. Ximenes Belo:

"Sr. Mário Robalo":

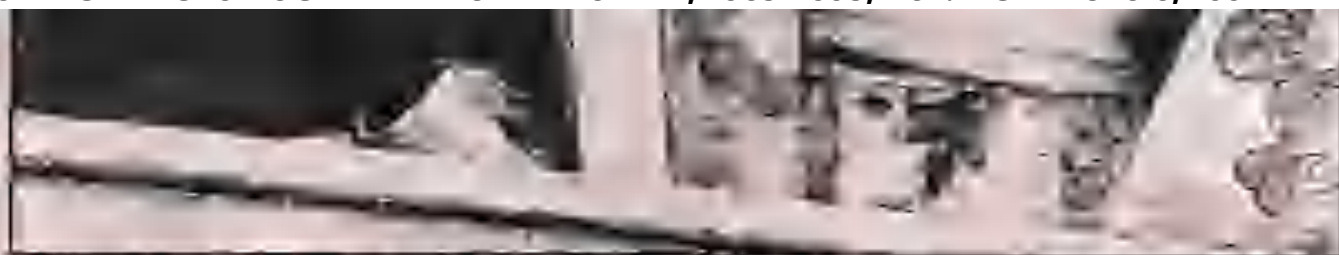
"Tem esta carta o objectivo de lhe pedir a favor de denunciar a situação dramática em que estamos vivendo. Com a aproximação da visita dos Deputados portugueses a Para de Timor será novamente de incertezas".

"Intelectuais, porque não sabe ao certo das reais intenções do parlamento português. Virão apenas para arranjar uma saída cirúrgica para o caso de Timor? Ou virão para lidar os efeitos da difícil causa da descolonização de Timor-Leste?"

"As autoridades militares indonésias estão desenvolvendo uma campanha de ameaças e de terror em todas as vilas e aldeias. Já ameaçaram que, quando os portugueses vierem, ninguém deve se poder aproximar, nem muito menos falar. Fazem rasgar as casas da população. As estradas principais que conduzem a Dili estão todas vigiadas pela polícia militar de dia e de noite".

"Os Seguros pululam pelas aldeias como formigas. Há companhias indonésias que têm, nos estratos e nos...





A esperança dos que abandonaram Timor-Leste, numa hora de tristeza, em crianças que emcam a pensar no regresso.

Foi assim uma prova aos críticos que, em 1991, quando saiu esse artigo de, sempre de novo, como a delegação parlamentar portuguesa se deslocou já a Timor-Leste, injetando-se, imediatamente, as manifestações de trabalho impedido pela Indonésia. E é que, no momento em que esse artigo vai ser escrito ao contrário ao nº 24 da Constituição, alguns estão ainda sentindo a pena quando se dá como se não fosse um plano que tenha de virer.

No artigo em que veio sobre a viagem de um que não vai ali. Na altura em que soube o resultado final, depois de saber o resultado do 1.º e do 2.º. Devo pedir desculpa, "Então infelizmente por favor por que a coisa por isso não está pronta".

Tudo o que tinha a dizer sobre a situação discutida em de ter sido este lugar parlamentar, tem o sistema de segurança e de por para o país português, e um de medidas necessárias para nos resultados positivos e atual de instalação a realizar pela própria delegação parlamentar portuguesa, mas não é certo.

Fó peça que o Diário de Notícias que não vai ali e que não vai para de ajudar forças para Timor-Leste, para que possa ser construída liberdade dos países, ser um país independente e livre.

A CONSTITUIÇÃO DEFINITIVA DA DELEGACÃO PARLAMENTAR PORTUGUESA

ANGÉLO CORRÊA (PSD) não hoje indicado ao secretário-geral da ONU, à cabeça de lista de 12 deputados, como presidente da delegação parlamentar que, no dia 4, partirá, em Dili, para Timor-Leste.

A escolha de Ângelo Corrêa, entre outros possíveis candidatos de topo da representação da Assembleia da República na visita a Timor-Leste, não é a primeira que tiveram em conta o compromisso profundo da liderança onde um deputado cumpriu o serviço militar. Com 60 anos, também, o antigo chefe de turma, a língua mais

falada pelos timorenses.

Assim, foram escolhidos ao presidente da delegação deputado como Sousa Lara que tem emvidado, nos últimos anos, o Conselho de Acompanhamento da Situação em Timor-Leste, e a mulher Maria Pereira, figura de primeira linha, inscrita e comprometida com a organização da ajuda dos cidadãos lusos.

Eduardo Pereira (PS) é o designado vice-presidente da delegação, desempenhando aqui o mesmo papel que tem desempenhado desde há vários anos, no Conselho de Acompanhamento.

Os restantes deputados que integram a delegação da Assembleia da República são Sousa Lara, António Maria Pereira, Leung Daurian (primeiro membro da Comissão de Acompanhamento com experiência no território de Timor-Leste), Jorge Paulo e Luis Geraldes, todos do Partido Social Democrata, Abel Brás, Carlos Cardal e José Lello, do Partido Socialista; Miguel Urbano Rodrigues, do PCP; Mariana Coimbra, do CDS, e André Martins, do CV.

Acompanham a delegação, na qualidade de técnicos oficiais, Mónica de Andrade, tenente diplomática do presidente da Assembleia da República e que integrou a missão da ONU na visita preparatória; Rui Silva, ex-deputado do PSD, também conhecido no território, onde viveu alguns anos e com domínio da língua indígena, além de outros cinco assessores e seis tradutores portugueses residentes em Portugal desde o

Trabalha, no seu último artigo, já há o reparem que me parecemos no mal-justo, sobre o afastamento desta delegação de visita oficial que esta momento lugar, não há pelo seu passado. "Apostamos" com também pelo seus profundos conhecimentos da causa Timor-Leste.

Aqui, em Lisboa, o com o com delegado que não se os que se nos encontram todos os dias na delegação parlamentar portuguesa, que se encontram representantes de um grupo de modo a assegurar a comunicação com o parlamento de Timor-Leste, e a assegurar a parte de países vizinhos.

Assim, em um certo momento, de um processo que inclui, de forma definitiva, depois de durante mais de um século, a forma definitiva em a realização em paralelo dos países de

constituição, de 1975. A delegação saiu de Lisboa no dia 2 de Novembro, com destino a Singapura, onde partilhara, após uma viagem de cerca de Frankfurt ao Amsterdã, que durava 11 horas. Ao Singapura, a viagem é feita em condições normais. A partir daí, em avião fretado provavelmente a uma companhia australiana, para que em Darwin o espectáculo possa receber maior atenção, que lhe não pode ser garantida em nenhum dos aeroportos de Timor.

De Singapura, e já na companhia dos representantes da ONU, a delegação parte para Dili, com paragens em Jacarta, onde se Ângelo Corrêa e Margarida Andrade serão recebidos pelo presidente do Parlamento indonésio, para uma breve troca de cumprimentos.

A chegada a Timor-Leste, em 4 de Novembro, vai a principio do início do dia 4, prolongando-se a visita por mais 11 dias.

"A chegada da delegação portuguesa ao Timor-Leste, em 4 de Novembro de 1991, é um momento histórico. A delegação portuguesa, liderada por Ângelo Corrêa, vai ao encontro da delegação timorense, liderada por Xanana Gusmão, em Dili. Este encontro é um passo importante para a resolução da situação em Timor-Leste." - "Liberdade de Expressão"

11 NOVEMBRO, O MÉS MENOS INDICADO

No âmbito do 1.º de Outubro do "Dia do Soldado", Comandante Alves, que em Timor-Leste participou e lugar de chefe de Serviço de Apoio Logístico de Nova, afirmou:

Quando foi o tempo de uma missão, passou antes me perguntava qual o período mais adequado para a visita parlamentar a Timor-Leste, respondendo-me em Julho, mês indicado, mesmo e sabia-lo mais tarde, coincidiu com o pensamento da Resistência, que, preferindo em Junho, a tolerava até Agosto.

Estarei em um momento, mas penso que Novembro é o mês menos

adequado porque virgem. Digo-o, não em função de mudar ou mesmo facilidade de movimentação das resistências mas de muitas condições, tudo é, na verdade, em boa medida, são critérios essencialmente políticos o tempo que os nossos seguradores de utilidade abrangida, por desvalorização, no momento de consideração do vício de Timor e de forma descritiva o dito de atos e hui, que da guerra de resistência é o objectivo.

O VALAS COMUNS ABERTAS AGORA EM DILI

Embora na edição de revista jornal poderá ter

Em declarações prestadas ao "Jornal das Notícias", do Canal 3 da RTP, Ângelo Araújo admitiu ter ontem recebido informações - provenientes do interior de Timor-Leste - de que a situação continua a degradar-se no território de que os indonésios têm estado a lançar na sua via de intervenção da população.

- Dili, afirmou, - está a ser revertida a partir do entançamento acrescentando - E nas condições da cidade, as condições são - está diferente visto o clima. Tudo isto é, para além a população timorense que se encontra a lutar em grande número contra a situação de insegurança que

Estimada em 1991

175. 12 NOVEMBRO 1991 RDP

113/91 12/11/91 CC

ESTA MANHÃ PELAS SETE HORAS O SEMITÓRIO DE SANTA CRUZ EM DILI FOE PAÍSO DE MÃES EM MASSAGRE INDONESIA CONTRA OS TIMORENSES QUE ALI SE ENCONTRAVAM PARA PRESTAR AS ÚLTIMAS HONRAGENS A SEBASTIÃO GOMES, VITIMADO HA CERTA DE UM MES QUANDO TENTOU ENCONTRAR REFUGIO NA IGREJA DE NOTADE ANTES DE SER ABATIDO PELAS TROPAS INDONESIAS.

EM PORTA VOZ DA PRETITIN NA AUSTRALIA, ALFREDO BORGES FERREIRA DECLAROU A COMERCIAL QUE POUCO MENOS COM PESSOAS FORAM FERTIDAS OU MORTAS DE ACORDO COM NOTICIAS CHEGADAS DE TIMOR HOJE.

UM JORNALISTA DA CADEIA NACIONAL AUSTRALIANA ABC DECLAROU NAO HAVER CONFIRMAÇÃO OFICIAL INDONESIA E QUE O NUMERO DE VITIMAS NAO PODIA SER CONFIRMADO.

FONTES TIMORENSES DECLARARAM QUE ERAM ESPERADOS MAIS INCIDENTES DESTA TIPO, DADA A PRESEÇA QUE OS TIMORENSES ESTAVAM A EXERCER NA SEQUENCIA DA CANCELADA VISITA DOS PARLAMENTARES PORTUGUESES.

ENCONTRA-SE NESTE MOMENTO EM DILI UM REPRESENTANTE DAS NAÇES UNIDAS, O PROFESSOR PETER COSMAN, O QUAL NA ENTANTO NAO FOI POSSIVEL CONTACTAR, E...

...

...

176. 13 NOVEMBRO 1991 RDP

11/11/91 11:11 AM

(1A 24)

mais de 24 horas sobre o massacre de Dili, em que pelo menos 50 pessoas foram mortas e muitas outras feridas, a reacção australiana foi moderada com o ministro ministro externo a admitir o progresso lento da realização de um inquérito, que como a obrigar pela situação a abandonar a perda de vidas humanas, apesar da extraordinária cobertura da rádio, TV e jornais na Austrália para os acontecimentos que subvertiam a cobertura da guerra civil jugoslava, a Austrália mostra-se mais interessada em casos de violações de direitos humanos em partes mais afastadas do globo do que em Timor apenas a 400 kms a norte de Darwin.

As rádios de rádio, tv e jornais tem continuado a propagar as reacções australianas e o deputado trabalhista Harry Gibson atacou o governo de Bob Hawke de ter medo da Indonésia e de não tomar uma acção mais decisiva nesta crise. recorda-se que Harry Gibson foi um dos sete parlamentares australianos que visitaram o território em fevereiro passado e que foi mais vocal em relação aquilo que conseguiu apurar como repressão Indonésia.

por duas vezes estabeleci contacto com Bill, para logo após ter falado ter sido cortado o contacto, sem entretanto confirmado que dois jornalistas americanos e dois jornalistas australianos que foram atacados pelas forças indonésias estão salvas se bem que abalados pela experiência, tendo um deles acordado de conceder uma entrevista a rádio nacional de rádio em ALAN NAIRN

Uma refugiada timorese há oito anos na Austrália de nome Rose em colinas de Darwin um telefonema da sua família em Dili dizendo que o seu irmão Leandri tinha sido abatido pelos indonésios. um diplomata australiano da embaixada em Jakarta entretanto foi enviado para Timor Leste para investigar o assassinato de timorenses. o embaixador indonésio também também em concreto foi hoje chamado a prestar declarações ao governo australiano, tendo apresentado desculpas pelo sucedido que explicou como tendo sido uma provocação timorense às forças de segurança indonésias. e o meu australiano senador Gareth Evans pediu uma explicação oficial do governo de Jakarta

entretanto a ala esquerda do partido trabalhista australiano pediu uma vez mais que o governo australiano apoié o direito a autodeterminação de Timor Leste, não obstante o facto de a Austrália reconhecer a integração de Timor na Indonésia.

o meu australiano que se encontra em Darwin com o seu homólogo ali através pediu entretanto uma explicação oficial impetuosa e franca aos incidentes, declarando que o meu indonésio ainda não tinha tido uma explicação

satisfatória sobre os incidentes.

o embaixador australiano em Jakarta, Phillip Flood declarou há momentos que o seu enviado a Timor garantiu já que os australianos e norte americanos haviam saído do território, mas que havia notícias de que um cidadão neozelandês teria sido uma das vítimas. Os indonésios admitiram pelo menos a morte de 20 pessoas mas que havia dezenas de feridos em estado grave no hospital de Dili.

113.01 11/11/91 12 23:00

duas manifestações estão previstas para as próximas 24 horas na Austrália face aos últimos acontecimentos em Timor Leste, uma das manifestações promovida pelo grupo de solidariedade para com Timor terá lugar amanhã pelas 12 horas e trinta, uma a meia da manhã em português e a outra terá lugar em Darwin onde o representante da comunidade, Alfredo Borges Ferreira tem estado activo a informar os meios de comunicação social sobre os últimos acontecimentos.

As cadeias de rádio, tv e jornais tem continuado a propagar as reacções australianas e o deputado trabalhista Garry Gibson acusou o governo de Bob Hawke de ter medo de Indonésia e de não tomar uma acção mais decisiva nesta crise. Recorda-se que Garry Gibson foi um dos sete parlamentares australianos que visitaram o território em fevereiro passado e que foi mais vocal em relação aquilo que conseguia aguentar como repressão indonésia.

Está entretanto confirmado que dois jornalistas americanos e dois jornalistas australianos que foram atacados pelas forças indonésias estão salvos e bem que abalados pela experiência, tendo um deles estado de conceder uma entrevista a cadeia nacional de rádio em Melbourne **NAIRN**

116 -1 11, 11 31 1* 23,00

duas manifestações estão previstas para as próximas 21 horas de australiana face aos últimos acontecimentos em timor leste, uma das manifestações promovida pelo grupo da solidariedade para com timor terá lugar amanhã pelas 12 horas e trinta, uma à meia da manhã em português em frente ao parlamento australiano e a outra terá lugar em darwin onde o representante democrático, alfredo borges barceiro tem estado activo e irémegat de meios de comunicação social sobre os últimos acontecimentos

as emissões de rádio, tv e jornais tem continuado a propagar as reacções australianas e o deputado trabalhista garry gibson acusou o governo de bob hawke de ter medo da indonésia e de não tomar uma acção mais decisiva nesta crise. recorda-se que garry gibson foi um dos sete parlamentares australianos que visitaram o território em fevereiro passado e que foi mais vocal em relação aquilo que conseguiu apurar como repressão indonésia.

está em retardo confirmado que dois jornalistas americanos e dois jornalistas australianos que foram abduzados pelas forças indonésias estão salvos se bem que apesar da experiência, terão um deles acabado de conceder uma entrevista à rádio nacional de rádio etc (leia-se manhã)

embora o seu seqüestro do partido trabalhista australiano pediu uma vez mais que o governo australiano apóie o direito à autodeterminação de timor leste, não obstante o facto de a australia reconhecer a interrupção de timor da indonésia.

o embaixador australiano que se encontra no cambóia com o seu homologu ali ainda pediu novamente uma explicação oficial completa e franca aos incidentes, declarando que o embaixador indonésio ainda não tinha tido uma explicação satisfatória sobre os incidentes.

o embaixador australiano em jakarta, phillip flood revelou há poucos dias que o seu enviado a timor garantiu já que os australianos e norte americanos haviam saído do território, mas que havia notícias de que um cidadão neozelandês teria sido uma das vítimas. Os indonésios admitiram pelo menos a morte de 20 pessoas mas que havia deixado as feridas em estado grave no hospital de dil.

JURISTAS DE TODO

O MUNDO REUNIAM-SE EM LISBOA

Lisboa - Cerca de uma centena de juristas, oriundos de vários países do mundo reuniram-se no passado fim de semana em Lisboa, para constituir um júri internacional de apoio a acções tendentes à autodeterminação do povo de Timor-Leste.

Pedro Paulo Leite, procura-turco na Holanda e principal dinamizador da iniciativa, disse a agência Lusa que o júri não-leva como principal objectivo delimitar uma acção conjunta de apoio às autoridades portuguesas, como punição autónoma do território.

Os juristas pretendem acompanhar o desenvolvimento da situação no território e sensibilizar a comunidade internacional para que Timor-Leste

beneficie de efectiva aplicação do precepto, consagrado pela ONU para a Namíbia e Serra Leoa.

A publicação de um tratado a instâncias de um júri não-leva para discutir trabalhos no nível do direito sobre a privacidade a separação de sessões de conciliação para a situação em Timor-Leste, contém o texto da iniciativa a demandar pelos subscritores de plúrimos nos seus países.

Os cardeposados Lourenço Pinho e Barros de Moura, os deputados Adriano Moreira e José Manuel Mendes e os professores universitários Marques Guedes, Jorge Miranda e Moura Ramos são alguns dos portugueses presentes.

Entre os estrangeiros encontram-se juristas brasileiros dos países africanos de língua portuguesa, dos EUA, Inglaterra, Holanda, Bélgica, França, Hungria, Austrália, Japão, Índia, Canadá, Paquistão e Sudeste Asiático.

MDM realiza reunião de apoio ao povo

Lisboa - O Movimento Democrático de Mulheres vai realizar no próximo dia 1 de Dezembro em Lisboa, uma iniciativa de solidariedade ao povo de Timor-Leste.

A decisão da iniciativa, que inclui um debate, exposição e animação cultural, foi tomada numa reunião entre o MDM e um grupo de mulheres

Mário Robalo no Parlamento Europeu

Lisboa - O jornalista Mário Robalo vai estar este fim de semana no Parlamento Europeu em Estrasburgo.

Truque - O jornalista Mário Robalo vai estar este fim de semana no Parlamento Europeu em Estrasburgo.

O jornalista Mário Robalo, que no verão esteve detido em Timor-Leste pelas autoridades indonésias, foi eleito pelos deputados europeus portugueses que estão a promover a criação no parlamento europeu de um relatório dedicado à causa do território autónomo pelo Indonésia.

O jornalista do semanário "Expresso" estará em Estrasburgo durante a sessão plenária do parlamento europeu, que decorre de 18 a 22 de Novembro.

Rui Amaral, PSD, Maria Belo, PS, Barry Mares, PCP, e Cerveinho Cardoso, UDS, são os quatro parlamentares portugueses promotores da opinião pública para a situação em Timor-Leste.

NAL.

arne 3003

329 0403

E ESPANHA

vtado

one-nos

44

388 929

ieclais

ucia para viajar

para quaisquer

lo

Lic. No. 31513

EMBAIXADA DE PORTUGAL Camberra

Timor
A Presidência da Assembleia da República enviou há dias a seguinte resolução sobre a questão dos jornalistas portugueses designados para acompanhar a visita de delegação parlamentar portuguesa a Timor-Leste:

1. Orçamento
A delegação dos termos de referência: "A Delegação Parlamentar Portuguesa, em representação por dois jornalistas internacionais, visitando a área livre das partes ocidentais e centrais da ilha de Timor-Leste, para avaliar a situação política, económica, social e cultural, e para estabelecer contactos com as autoridades locais e com a população, tendo em vista a promoção da cooperação entre a comunidade portuguesa e a comunidade timorense".

2. Os jornalistas
A delegação, composta por dois jornalistas internacionais, visitando a área livre das partes ocidentais e centrais da ilha de Timor-Leste, para avaliar a situação política, económica, social e cultural, e para estabelecer contactos com as autoridades locais e com a população, tendo em vista a promoção da cooperação entre a comunidade portuguesa e a comunidade timorense.

3. Orçamento
A delegação, composta por dois jornalistas internacionais, visitando a área livre das partes ocidentais e centrais da ilha de Timor-Leste, para avaliar a situação política, económica, social e cultural, e para estabelecer contactos com as autoridades locais e com a população, tendo em vista a promoção da cooperação entre a comunidade portuguesa e a comunidade timorense.

4. Orçamento
A delegação, composta por dois jornalistas internacionais, visitando a área livre das partes ocidentais e centrais da ilha de Timor-Leste, para avaliar a situação política, económica, social e cultural, e para estabelecer contactos com as autoridades locais e com a população, tendo em vista a promoção da cooperação entre a comunidade portuguesa e a comunidade timorense.

5. Orçamento
A delegação, composta por dois jornalistas internacionais, visitando a área livre das partes ocidentais e centrais da ilha de Timor-Leste, para avaliar a situação política, económica, social e cultural, e para estabelecer contactos com as autoridades locais e com a população, tendo em vista a promoção da cooperação entre a comunidade portuguesa e a comunidade timorense.

6. Orçamento
A delegação, composta por dois jornalistas internacionais, visitando a área livre das partes ocidentais e centrais da ilha de Timor-Leste, para avaliar a situação política, económica, social e cultural, e para estabelecer contactos com as autoridades locais e com a população, tendo em vista a promoção da cooperação entre a comunidade portuguesa e a comunidade timorense.

7. Orçamento
A delegação, composta por dois jornalistas internacionais, visitando a área livre das partes ocidentais e centrais da ilha de Timor-Leste, para avaliar a situação política, económica, social e cultural, e para estabelecer contactos com as autoridades locais e com a população, tendo em vista a promoção da cooperação entre a comunidade portuguesa e a comunidade timorense.

8. Orçamento
A delegação, composta por dois jornalistas internacionais, visitando a área livre das partes ocidentais e centrais da ilha de Timor-Leste, para avaliar a situação política, económica, social e cultural, e para estabelecer contactos com as autoridades locais e com a população, tendo em vista a promoção da cooperação entre a comunidade portuguesa e a comunidade timorense.

9. Orçamento
A delegação, composta por dois jornalistas internacionais, visitando a área livre das partes ocidentais e centrais da ilha de Timor-Leste, para avaliar a situação política, económica, social e cultural, e para estabelecer contactos com as autoridades locais e com a população, tendo em vista a promoção da cooperação entre a comunidade portuguesa e a comunidade timorense.

10. Orçamento
A delegação, composta por dois jornalistas internacionais, visitando a área livre das partes ocidentais e centrais da ilha de Timor-Leste, para avaliar a situação política, económica, social e cultural, e para estabelecer contactos com as autoridades locais e com a população, tendo em vista a promoção da cooperação entre a comunidade portuguesa e a comunidade timorense.

11. Orçamento
A delegação, composta por dois jornalistas internacionais, visitando a área livre das partes ocidentais e centrais da ilha de Timor-Leste, para avaliar a situação política, económica, social e cultural, e para estabelecer contactos com as autoridades locais e com a população, tendo em vista a promoção da cooperação entre a comunidade portuguesa e a comunidade timorense.

ES NA AUSTRÁLIA" Quarta-Feira, 13 de Novembro de 1991

-LESTE

ONU espera que visita parlamentar portuguesa se efectue na primavera

Nações Unidas - As Nações Unidas esperam poder conseguir até à próxima primavera que Burmal e a Indonésia resolvam as divergências quanto aos jornalistas autorizados a acompanhar a visita de uma de-

legação parlamentar portuguesa a Timor-Leste, disse uma fonte diplomática.

Em declarações à agência noticiosa francesa (AFP), aquela fonte referiu que a ONU "não deseja de incluir quaisquer que este diferendo seja solucionado até ao final da estação das chuvas em Timor, que em geral se prolonga de Novembro a Maio".

Após três dias de negociações sob a égide das Nações Unidas, onze deputados portugueses deveriam ter efectuado em 4 de Novembro uma primeira visita oficial à antiga colónia portuguesa anexada em 1975 pela In-

donésia.

Mas, em 20 de Outubro, Portugal decidiu anular a visita devido à revolta da Indonésia em anunciar a inclusão de jornalistas estrangeiros que acompanhariam a delegação parlamentar.

Durante a visita, Jill Joffe de desenvolver uma actividade "crusada anti-indonésia".

Por seu lado, Portugal invocou o direito da liberdade de informação e insistiu na sua vontade de incluir aquela jornalista australiana na missão, que visa obter informações sobre a situação em Timor-Leste.

nova iniciativa ovo timorense

lência que marca imediatamente o clima quotidiano em Timor. Mulheres e crianças são violadas, heróis da resistência perseguidos e assassinados", refere o comunicado do MDM, que conclui que "permanecer insubmissível diante tal monstruosidade, seria sermos con-

(FOTOS CEDIDAS GENTILMENTE PELO COMITÉ DA FRETILIN DE NSW)

Na manhã de dia 26 de Outubro de 1991, o filho de Timor Leste foi matado por um soldado indonésio de nome Sebastião Rangel e Aires Henrique, de 19 anos de idade, ex-polícia indonésia, foram barbaramente assassinados pelas forças ocupantes indonésias.

Esta defesa da identidade cultural timorense foram os primeiros bandos - para sempre do campo da luta. A mãe do filho querido foi pedida o direito de ver a mandata da liberdade e da independência - situação da mulher timorense - a unidade da sarbo dos vícios da paz. A Nação Maubaro perdeu dois combatentes valiosos.

A dor causada por esta perda foi tremenda. Tornou-se um momento insuperável. É a turba orgânica do mais fundo do sangue. Milhares de idealistas estavam nas mentes dos timorenses que se sentiam impelidos a não deixar morrer o caso. Qual seria a oportunidade ideal para manifestar o seu espírito de massa?

Os voluntários manifestaram uma profunda mente a alma timorense. Para além de ter realizado estas ações muito importantes e dezoito timorenses foram presos a lucração das forças de repressão no distrito de Moten - das condições consideradas pelas timorenses - tal tem ardentemente viraje à éda de um povo maioritariamente católico.

Segundo os 190 cineastas, Ciro Robert, Luc Rindan e Francisco Madina, presentes em Tili quando da libertação ocorrida na força de Maubaro, a situação estava bastante emocionante durante o mais de meia hora. Alguns muito corajosos resolveram alistar a população de que algo estava a acontecer no local.

As forças de ocupação tentaram alistar a sua responsabilidade voluntária alegando que a presença da polícia tinha sido a pedida da Igreja por causa de um mal-entendido e que os dois timorenses tinham sido



mortos e feridos e a prisão.

Os cineastas documentaram essas informações afirmando ter ouvido o som dos ritos e cerca dos 2180 da manhã do dia 28 de Outubro e registaram a expressão de que alguns timorenses anteriores a intervenção da polícia.

No dia do funeral de Sebastião Rangel - um timorense que morreu inesperadamente honrado por causa das suas qualidades de líder - foi a oportunidade escolhida pela população para demonstrar a sua oposição total a presença das forças de ocupação em Timor Leste. Milhares de timorenses decidiram ir à rua com as suas próprias ações e a dos seus familiares.

Um festival que testemunhou acontecimento sensível para a população do povo timorês contribuiu para a denúncia internacional da tragédia e para a luta de libertação do Povo de Timor Leste registada com a sua pesquisa fotográfica parte do conjunto formado em honra do Sebastião de testemunha, que preferiu não ser identificado por razões óbvias.

Analizou os dois ratos do Comité da Fretilin de NSW para fins de propaganda segundo o mesmo, três a cinco mil timorenses juntaram-se à marcha que partiu de Tili de dia 28 chamando: "Viva Timor Leste", "Viva Independência".

As fotografias em esta san prova testemunha da existência de um povo com medo de um Povo que não se largaria facilmente a mãos alheias. O ideal de libertação suplantou o ponto central de repressão em "V" - expressão universal que indicavam a 1991 e a vitória - um momento de uma realidade que a democracia não pode continuar a negar indolentemente.

Ainda de acordo com a mesma fonte, não havia um único soldado indonésio a patrulhar as ruas de Tili quando partiu o cortejo funebre. Inigo que, para aparente ausência de elementos fardados e equipados com material de guerra, permitiu existir confrontações de maior envergadura entre os participantes e as forças de repressão. A marcha teve claramente resultado com banho de sangue na Ilha de Navio.



(FOTOS CEDIDAS GENTILMENTE PELO COMITÉ DA FRETILIN DE NSW)

Milhares de timorenses afluíram ao cortejo fúnebre

Por Filomena de Almeida



alguma interferência da parte das forças indonésias. Não convinha a Indonésia exercer quaisquer represálias em público após a denúncia em larga escala sobre a tragédia de Motael pela Amnistia Internacional, um organismo de grande credibilidade a nível mundial. Qualquer outro escândalo em público só serviria para detragir mais ainda a imagem de Jakarta perante a comunidade internacional. Foi esta a única razão que impediu os ocupantes de actuar durante o cortejo. Os participantes não estão, no entanto, fora de perigo. As forças de ocupação estão sempre a aguardar por um

período que lhes seja mais conveniente para começar a exercer represálias.

Desconhece-se o paradeiro de cerca de 10 pessoas que foram presas na Igreja de Motael nesse momento das fúrias. Presume-se que estejam a ser torturados nas instalações policiais.

A acusação na Igreja de Motael - parte integrante da operação de limpeza dos oponentes à ocupação antes da prevista visita da Delegação Parlamentar Portuguesa sob os auspícios das Nações Unidas - apesar do seu carácter brutal e assassino não serviu para forçar a população a resignar-se com a

integração de Timor-Leste. Pelo contrário, apenas contribui para aliciar mais ainda o ódio contra os ocupantes.

O povo a pagar por este desastre à Indonésia vai ser catastrófico para o Povo de Timor-Leste. Milhares dos seus melhores filhos tombaram enquanto a comunidade internacional não for capaz de forçar a Indonésia a cumprir a meta das negociações de paz.

Aos timorenses no exterior cabe o dever especial de explorar todos os meios possíveis para sensibilizar a opinião pública internacional para que o Povo de Timor-Leste não se desmantele.

178. 13 NOVEMBRO 1991 O MASSACRE DE SANTA CRUZ VISTO PELO SMH E THE AUSTRALIAN

Troops kill 100 in Timor crowd

JAKARTA, Timor. Indonesian troops are reported to have shot and killed dozens of people today after firing on a group of mourners in the East Timor capital of Dili.

As many as 100 people were killed and another 50 injured when troops opened fire with machine guns on the crowd in the Santa Cruz cemetery, according to demonstrators and other sources.

Democracy tanks were used to take away the bodies and buried, one source said.

In Portugal, a television news anchor, Mr. Bruno, said he had received a telephone call from a displaced man who said he had witnessed the massacre.

The man said the shooting was continuing in the square. The army had opened fire with machine guns on hundreds of people who had gathered there to bury the dead.

Mr. Bruno said he was told the crowd had been ordered to move away from the square. He said he had seen many people being taken away to the military camp.

He said he could hear shouting and screaming in the background as the men spoke.

The man said: "Can you hear the shouting, can you hear the shouting? Please help us, we're dying."

Mr. Bruno said he had been advised not to take any more photos in East Timor, which had been put under martial law in 1975 and made a territory of Indonesia in 1976.

A British politician in Darwin, Mr. Alfreda Ferreira, said he



had also received reports of 100 people killed or wounded in the shooting. He said he was unable to confirm the figures.

He said he had made contact with the Indonesian army in Dili but that it refused to provide any information.

Only one source confirmed the figure was 100. Mr. Ferreira said that a Timor high school teacher had been killed during another shooting. He said he had spoken to a source who said he had seen the bodies.

The East Timor military commander, Brigadier General R. S. Waino, appeared on state radio to say he had no information about the shooting. He said he had no information about the shooting.

A spokesman for the East Timor government, Mr. Miguel, said he had no information about the shooting. He said he had no information about the shooting.

Associated Press

Timorese mourners massacred

By JONATHAN THATCHER in Jakarta and SAH

THE Indonesian army had opened fire on a group of mourners in the capital of the troubled territory of East Timor yesterday, killing as many as 20 people, diplomats said.

The diplomats in Jakarta, who Indonesia recently expelled, said the shooting was the first since the Indonesian army took control of the territory in 1975. They said the army had opened fire on a group of mourners who had gathered in the capital to bury the dead.

The diplomats said the army had killed as many as 20 people.

The deaths of 20 people were reported by a source who said he had seen the bodies. He said he had seen the bodies of 20 people who had been killed in the shooting. He said he had seen the bodies of 20 people who had been killed in the shooting.

The source said he had seen the bodies of 20 people who had been killed in the shooting. He said he had seen the bodies of 20 people who had been killed in the shooting.

A British politician in Darwin, Mr. Alfreda Ferreira, said he had also received reports of 100 people killed or wounded in the shooting. He said he was unable to confirm the figures.

He said he had made contact with the Indonesian army in Dili but that it refused to provide any information. Only one source confirmed the figure was 100. Mr. Ferreira said that a Timor high school teacher had been killed during another shooting. He said he had spoken to a source who said he had seen the bodies.

The East Timor military commander, Brigadier General R. S. Waino, appeared on state radio to say he had no information about the shooting. He said he had no information about the shooting.

A spokesman for the East Timor government, Mr. Miguel, said he had no information about the shooting. He said he had no information about the shooting.

The source said he had seen the bodies of 20 people who had been killed in the shooting. He said he had seen the bodies of 20 people who had been killed in the shooting.

The source said he had seen the bodies of 20 people who had been killed in the shooting. He said he had seen the bodies of 20 people who had been killed in the shooting.

A British politician in Darwin, Mr. Alfreda Ferreira, said he had also received reports of 100 people killed or wounded in the shooting. He said he was unable to confirm the figures.

WEATHER
Metropolitan: Clear and p...
Temp...
Wind...
Humidity...

13/11/91

179. 14 NOVEMBRO 1991 O MASSACRE DE SANTA CRUZ VISTO PELO SMH



50 dead and 20 injured, Jakarta army chief admits

Massacre on

By MICHAEL ALSTON
Special Malay Correspondent and reporter

CAMBERRA The chief of Indonesia's armed forces admitted last night that 50 people died and another 20 were injured in a massacre last night in a crowd in the East Timor capital of Dili on Tuesday.

General Tri Sigit, who also announced a full investigation into the shooting.

While expressing regret at the Dili, he said security forces did not intend to take any more violence through "provocations and provocations" means and that the general had become more cautious when an army major was stabbed.

Diplomatic and independent sources put the death toll at anywhere between 20 and 115, but General Tri scored the higher figure.

In Canberra, Mr Hawke condemned the attack and called on Indonesia to bring to justice anyone guilty of murder (Daily News).

"We are, of course, as a Government, very deeply disturbed by the reports of the tragedy," Mr Hawke said. "It is now evident that an appalling tragedy has occurred."

"We have urged the Indonesian Government to conduct a thorough investigation and publish a full and factual account of what happened and why."

The Indonesian Ambassador in Canberra, Mr Soeharto Soejanto, was called in to the Foreign Affairs Department yesterday morning to receive a protest from the Government.

Mr Soejanto said his Government was "very concerned" of the victims of both sides, on the people, and also on the security apparatus in Dili.

The Indonesian Government is making the matter and compiling a full report. However, before the end of the working day in Jakarta, a statement will be issued and I will convey the statement to the Department of Foreign Affairs."

Mr Hawke said he had

NSW student among victims

The victim of the massacre was an Australian student, a 21-year-old University of NSW student, who died of multiple gunshot wounds. A friend, Mr Debra Stewart, said last night that Mr Rosakita had been taken committed to the East Timorese cause.

"He wanted to go in there when the Portuguese delegation arrived," she said. "He was aware there was going to be some danger, but we didn't realize it would be this bad."

PAGE 13: Full report.

Informed the Minister for East Timor Affairs, Senator Evans, who is in South Korea for an ASEM Pacific Economic Cooperation Forum meeting, to discuss the shooting with Indonesian Foreign Minister, Mr Ali Alatas (also at the meeting).

Senator Evans said from Seoul later that he had spoken to Alatas with Mr Alatas and had expressed Australia's concern about the killing.

"This report is very much shared by the Foreign Minister," Senator Evans told ABC radio. Mr Alatas was sympathetic to the Australian call for a full credible inquiry.

Witnesses said Indonesian troops opened fire on a crowd of about 200 peaceful demonstrators at Santa Cruz yesterday who had gathered for a memorial service for a young Timorese killed on October 25.

An army spokesman for the region said the trouble began when the army discovered that more than 100 soldiers were being Portuguese-made rifles and grenades. It did not intend to join the protesters.

The regional army commander, Brigadier General Pangrakan, was quoted as saying: "The authorities will never permit any doubt about

taking hard action against any form of terrorism, especially. The only order is to kill or to be killed."

Army General Tri gave his account of events, saying he was back in Dili on Monday night in 1991 after a meeting with his superior in Jakarta and the commander of the police, saying he was "not a police officer" and a "police officer".

He blamed the trouble on the movement, which has sought independence for the former Portuguese colony, for the violence.

"The killing was a very serious," he said. "They did not have a plan of the village because we have conducted territorial operations. They are not to have any more police, or they struggle for the village."

Diplomatic sources said so many as 200,000 people have died in East Timor since Indonesia invaded it in 1975, and Portugal left its colony three centuries.

Recent visitors to East Timor said the atmosphere in both was very tense and planned, all by Portuguese paramilitaries, but for his death was avoided. They were to observe the impact of Indonesia's 16-year rule.

Senator Evans said there had been an increase in tension in East Timor in anticipation of the Portuguese exit and that the killings represented a setback to its hopes of stable development in East Timor.

The Australian Ambassador in Jakarta, Mr Phillip Broad, and Indonesia's Defence Minister and Acting Foreign Minister General Benny Murdani, yesterday registered Australia's concern.

Mr Broad told ABC radio that the killings were "probably the result of a local assault on the part of Indonesian police" and that he was certain that someone in Jakarta would have authorized an attack of this kind.

He said two Australians were found to be in the course of the shooting were shot.

PAGE 13: The full report
- When this is a full report, then protesters attack "off the head" policy. No compromise, no surrender. Comment by Walter Donald PAGE 13: Editorial.



Hawke demands inquiry into an 'appalling tragedy'

our doorstep



The totally ...

'They simply walked up and gunned them down'



Don Salem describes how he and Amy Goodman, reporter and host of the radio show Democracy Now!, were surrounded by soldiers and the East Timorese.

By STEPHEN GILBERTSON

GILATM, Wednesday) At the moment, Don Salem was a witness to the fall of Timor. The Australian journalist, in 1975, was the first to report the horror of an M-16 rifle in East Timor.

Like those days, he was a journalist whose life suddenly depended on the whim of Indonesian soldiers.

In 1975, during the Indonesian invasion of the former Portuguese colony, the five Australians, including Don Salem and his colleague, Amy Goodman, were spared.

Speaking from hospital on the island of Goa, Mr Salem, a writer for *The New Yorker* magazine, told of the moment when they saw the troops fired indiscriminately into a crowd of unarmed

Timorese. At the same time, he said, he was in Goa.

"This was very well organized and planned," he said. "They walked down in a very orderly fashion, from movement and coordinated in two lines. They turned the circle. They fired it all over the island."

Mr Salem, who was at a moment with his comrades, is from New York and said it was difficult to describe the public people and the world they lived in.

After the shooting, he said, he told him that as many as 50 were killed, a fact he had no reason to doubt.

"We went to the hospital afterwards and they were wounded people with gunshot wounds and people were absolutely devastated and terrified," Mr Salem said.

"I don't know, from what we saw and heard, the Indonesian soldiers were firing people down. Going through houses, rounding people up."

"I think the Timorese people are in grave danger and now there's a great change the army will continue rounding people up. They may be tortured and killed unless the international community takes action."

Yesterday, a crowd of several thousand attended a memorial service at the Mutual Church in Dili for one of two young Timorese, Sebastiao Gomes, killed by Indonesian security forces on October 11.

After the service, the crowd marched along a five-kilometre route to the Santa Cruz cemetery by which they were several thousand others had joined in.

Mr Salem said that whenever the

crowd passed a military police line of the younger Timorese marchers would shake their fists and yell. He said the crowd went to "Mrs. Santos" referring to the (late) Timorese leader, Xanana Gusman.

"No matter if the Indonesians kill some soldiers and and start looking marchers with long rifles and other marchers they were some of the soldiers," he said.

"But they were in a way forced by the soldiers, was concerned."

The massacre happened about 15 minutes later after the march had ended. People were standing around the cemetery, the soldiers walked up, they didn't tell them to disperse or anything, they just simply walked up and gunned them down."

Mr Salem said that when the soldiers confronted the crowd, he said Mr Goodman had stood in

Continued Page 13

'They walked up and gunned them down'

From Page 7

from all the troops looking in
one direction from the forest.

But when they came, that
perhaps was no mistake. An
Australian and the other 11
prisoners were taken. "When they
came and dragged me over and
started hitting me with their
hands and sticks and punches, you
know, they pushed me on top of me
and they beat me very badly."

According to Mr. Nauru, the
soldiers then dragged him to a
cave which had been dug out
of the ground. It was a rough
cave, including Indonesian
and other people.

The prison was an 11-
meter square. There were
11 men on the ground, some
lying on their backs, some
lying on their sides. "They
killed some of them in the night."

While all this was going on, Mr.
Nauru and the other prisoners
were taken to a cave. "They
killed some of them in the night."

They were very angry at the
killing of their friends. "They
killed some of them in the night."

"Including we captured I have
involved ourselves with relatives. It
happened that they were on the verge
of executing us. They were
back at them. Saved an American
and I think that kind of arrest of them."

"At one point they wanted not
to shoot us and they got into a truck
and they were able to take
refuge in several places before
the war was over."

Mr. Nauru was arrested in
Timor in 1975. He was told
there had been a security check
in an operation of the arrival
of a particular delegation
from Portugal. But Nauru's
father was not there.

"They were very angry at the
killing of their friends. They
killed some of them in the night."

They were very angry at the
killing of their friends. They
killed some of them in the night."

DAVID JENNINS

A dismal day for Indonesia

Indonesia has a public relations
disaster on its hands after the
execution in East Timor of its
soldiers.

THE KILLING of dozens of
defenceless civilians and the
brutality shown towards two
American journalists, 1991, was
the worst in the history of the
Indonesian occupation of East
Timor. It was a day for which
the Indonesian government has
shown a complete lack of
international feeling.

Mr. Nauru was arrested in
Timor in 1975. He was told
there had been a security check
in an operation of the arrival
of a particular delegation
from Portugal. But Nauru's
father was not there.

It's not a dismal day for
Indonesia and the world.

The military has shown
no interest in the
rough human rights with
at least 100,000 people.

And it has highlighted
international relations in
Australia and its
neighbourhood. It has
shown the world that
Indonesia has a long way
to go in the 1990s.

Mr. Nauru was arrested in
Timor in 1975. He was told
there had been a security check
in an operation of the arrival
of a particular delegation
from Portugal. But Nauru's
father was not there.

They were very angry at the
killing of their friends. They
killed some of them in the night."

Continued Page 12

Dismal day will return to haunt Indonesia

From Page 1

Mr. Simold will describe conditions of war, that American press will do any good.

Indonesia can afford to ignore our criticism. We may even have to try with the US to get something - impossible that we really should take down our criticism if we want to be members of the world "club."

But people are with our criticism because in Washington and relations with the region are in a chaotic state.

Jakarta has more of a problem with the United States and the European Community.

The Indonesian ambassador of New York has been since point in the US Congress, where those violating permits on the subject are still caught on support from several hundred Congressmen and Senators.

The bloodbath in TIMOR - and the fact that this was witnessed by the US authorities - also made itself - self-evident - is known to attract further US condemnation. There will be similar steps in many European countries.

Jakarta has visited, hundreds

It is more likely that the killing was brought on by the overreaction of frightened inexperienced troops.

also that the Indonesians started when the first document that more than 100 "undocumented immigrants" arriving through government-led rifts and agencies, went to Dili to join the movement.

With them to the face of the evidence of witnesses.

Not even if the Indonesian claim is true, it is a domestic incident of Jakarta's failure to win the hearts and minds of the East Timorese.

Despite all the money it has pumped in, Indonesia has not effectively digested East Timor. Eminent has been the all from warnings for 16 years and has been pursued by up to 10,000 Indonesian troops. But it still manages to field several hundred guerrillas.

The US does not yet recognize the territory as part of Indonesia nor does the Catholic Church

Many foreign Timorese appear to be in liberty and information as their parents.

There is ample evidence that families were running ahead in East Timor ahead of a planned visit by a team of Portuguese parliamentarians, which was caught at the last minute. But that alone does not account for the bloodbath.

There would be soldiers like the "fake peace".

In some quarters in Australia there is an impression that the Indonesian army is less of a very black force and that soldiers may go around looking for trouble.

There is one other cause at least for the most part. Indonesia is a vast and occasionally volatile nation. There are hitches in the surface - quickly. There are powerful racial, religious, ethnic, social and economic differences that can be exploited.

The army has the job of defending the country against external attack and of maintaining internal security. The counter-insurgency operations tend to be killed in handling such areas. Indeed, there is a process of natural selection. Those commanders who allow trouble to get out of hand tend to be on the side. Those who show they can maintain public order without excessive bloodshed and property damage tend to get on.

What happened in TIMOR that the killing occurred because the officer in charge the control forces in Jakarta gave the deputy military commander the order that it was a case of "kill or be killed". It is possible the army went out of its way to make an example of the demonstrators, as some believe happened at Lapangan Merdeka in 1947.

It is impossible to answer that question at this stage.

But if recent Indonesian history is any guide it is more likely that the killing was brought on by the overreaction of frightened, inexperienced troops who set themselves among people who were in every sense "innocent".

to return, under a new of Indonesian Mr. Loh's message.

Whatever the case, many are asking that the local military commanders. Military officer General Watson, a local doctor, has been immediately as a good thing as an enemy in a conflict.

The Indonesian campaign of East Timor is treated by many people in the country as a war of attrition that at least caused the death of journalists killed at Balibo in 1991 and murdered by Indonesian troops in the account to have the evidence of Indonesian actions.

The evidence of the American journalists who witnessed the massacre suggests that they had been in danger of being killed by troops.

Furthermore, they suggested that the damning testimony they carried with them is likely to be given to the mill of those in Jakarta who argue that the police is wrong in having to bring foreign journalists packing about in Indonesia.

Much has happened in Indonesia about the fact that East Timor is now "open". And there has been said about a new "openness" in Indonesian political life.

We might now see the situation come down a bit.

The Sydney Morning Herald

MAX

compromise, no surrender

By ROBERT DOMM

Timor leader Xanana Gusmão in 18 hours at his secret mountain headquarters in September 1999. Tall, bearded, and dressed in the crisp Portuguese Army uniform, he clearly is a charismatic figure in the classic Timor mould.

Highly intelligent with an extraordinary knowledge of world events, he was isolated in the mountains for 15 years, he speaks in fluent Portuguese with humour and occasional great passion.

In spite of his great difficulties, he seemed very much in command of his situation.

Xanana (pronounced xan-nan) was a military junior 27-year-old Fretilin officer when, in late 1975, he escaped to the central mountains of East Timor to reorganise the fight against the invading Indonesian Army. He had two sons and two young children, which he has not seen since, that he would never see again.

Like so many of his young colleagues, he campaigned against the relentless military offensives launched against Fretilin bases in the mountains. The weight of Indonesian ground, air and naval assaults took their toll.

Many thousands of Timorese died; Fretilin was forced to abandon its base camps and conduct a mobile guerrilla war. Xanana was to become the supreme guerrilla commander after witnessing the slaughter of many of his colleagues, including Fretilin leader, the Fretilin president.

Xanana is credited with almost single-handedly reorganising the guerrilla forces after the punishing Indonesian offensive of the late 1970s. His military strategies, which his limits are conditioned by Indonesian strategies, enabled guerrilla units to continue the fight on this day with no outside support.

To the Timorese, Xanana is far more than a guerrilla commander and a great strategist. He is revered as a Timor symbol of the Timorese resistance, a beacon of freedom. Moreover, he is a hero to the new generation of young Timorese who have grown up under Indonesian control. Xanana represents dignity, pride, culture.

The Indonesians have tried very hard to capture or kill Xanana for many years.

In the face of Indonesian military and air forces, he will fight on. "I will fight to the end," he says. "Knowing that time is increasingly on the side of the people."

Robert Domm is a former Australian journalist and author of 'The Timorese: A History of a People'.



leader Xanana relentless campaign against Fretilin army, 80

Lisbon tells UN to halt 'atrocities'

By HILL JOLLIFFE

LISBON, Wednesday - Portugal's Ministry of Foreign Affairs, led by the UN Secretary-General, Mr. Javier Perez de Cuellar, to call "atrocities" in East Timor. Four days after the report reached Lisbon of the shooting of unarmed civilians in the capital of the former Portuguese territory.

In a statement read by the ambassador, Mr. Jose Manuel de Matos, he said the Secretary-General's mission to "the growing wave of violence perpetrated by Indonesian military authorities against a defenceless population."



President Soares accused Jakarta of atrocities.

President Soares accused Jakarta of atrocities. "There is no rule of law," he said, "and a person can be imprisoned or tortured or shot for any arbitrary reason."

The only other example of mass killing in Timor, the capital, since 1975 was the public executions carried out on December 7 and 8, 1975, of those implicated by pro-Indonesian informers, including the wife of the then Fretilin leader, Nicolau Lobato.

In the year since, there have been other massacres, but not in the cities, conducted away from public view and against Timorese political and military leaders. The Fretilin leadership has been largely isolated from the UN, the killings have regularly in reports and even photos smuggled out by the resistance, as well as from independent sources.

In other words, what happened at Santa Cruz cemetery, which seemed to be not much different from what has been happening for 15 years in rural Timor.

The most notable of these massacres was at Keratim, in August 1983, when at least some hundreds of people (some accounts have put the figure at several thousand) were executed by Fretilin squad to reprisal for an attack by Fretilin on a group of army and engineers.

There were similarities with the Santa Cruz massacre. Both were conducted at a time when mass were preparing for ending the war in Timor.

In August 1983, resistance leader Xanana Gusmão had only months before war broke out at the supervising cable were military commander General Parvante, Captain Isomita and Colonel Wilton da Costa.

They met on several occasions and signed terms and negotiated a ceasefire. The talks regarding a local truce meeting showed that the pro-Indonesian group of Indonesian officers was wary of the war and inclined to ending the killings.

The ceasefire collapsed after three months and Xanana believed General Parvante had been removed from power and Captain Isomita reportedly fled from position in Kalimantan.

The planned Portuguese parliamentary mission to Timor also was running at a time when peace prospects had evaporated.

There were also three attempts to General Parvante were oriented at opening the way for a meeting with Xanana, the guerrilla leader, with the implication that the third Indonesian-Portuguese negotiations at the UN would be subject to include his representatives.

One other was the entry into Timor a report of a visit to the Portuguese journalist Maria Robalo with a Portuguese Colonel Teodoro and a local under-judging that he could interview Xanana, which he succeeded in doing.

Just as Xanana spelled an end to peace prospects in 1983, so the brutal killings at Santa Cruz cemetery seem to have dashed all hopes of an opening of an Indonesian planlet which talks with East Timor.

The old, long-time military order has been replaced by a new one. It is a time when Mr. Perez de Cuellar is to lead an action unit of the parliamentary mission or an alternative peacekeeping force and oversee the situation along with concerted international pressure.

Sunday, November 14, 1991 41

Student from NZ reported killed

By SIGRID RISK and DEBORAH CORNWALL

A New Zealand student who was killed in Sydney last week being shot by Indonesian troops in East Timor, according to reports last night.

NZAP quoted East Timor's first prime minister as Portugal and Darwin. It says that Mr K and his family, a New Zealand citizen attending the University of NSW, died after being shot at last night from a distance yesterday by a number of up to 100 East Timorese members of the FAL.

Friends of Mr K's mother said East Timorese had contacted with the New Zealand embassy in Indonesia that Mr K's daughter died in a military hospital yesterday in multiple gun wounds.

Mr K's father, a member of the New Zealand Department of the NSW Minister's assistance and had been a personal member only son was killed by the Timorese soldiers. It is said that a "casualty" list of names could be searched from the Timor.

Two Australian soldiers were caught up in the incident which had to be arrested.

A Foreign Affairs Department spokesman said last night that an Australian embassy official had arrived in Dili and confirmed that an Australian had been seriously injured.

Mr. Bill Minto, a 44-year-old project officer for a community and health centre visited last night with the Australian embassy in Jakarta.

A Committee of 100 MPs and supporters, Mr. Bill Minto said Mr Minto had received a letter from the Timor in the name which followed the shooting.

Mr Minto, from Melbourne, was attempting to leave with a letter as possible.

Mr Anthony Hartman, a Sydney student in a letter who was arrested with Mr Minto, was reportedly a member of the FAL.

It is said that the student was shot in the chest and died in a military hospital in Sydney. The student was a member of the FAL and was a member of the FAL.

Protesters attack 'oil for blood' policy

By LUCY MACKEN

Protesters waving Gulf War placards and chanting 'No blood for oil' called on the Federal Government in Sydney yesterday to recognise East Timor immediately as an independent country.

The demonstration by about 25 people was organised by the Emergency Committee for the Victims of Dili, an action group set up as a result of Tuesday's massacre of up to 100 people in Dili, East Timor.

The demonstrators said there were striking similarities between the situation in East Timor and Kuwait, and Mr Michael Tardif said they were calling on the Government to "cease its hypocritical actions and act upon the massacre in East Timor".

As one of the organisers of the demonstration, Mr Tardif has been actively campaigning for East Timor's independence since he was thrown out of Indonesia earlier this year.

"I was thrown out for photographing students protesting in Yogyakarta," Mr Tardif said.

"After a group of us heard the news [of the massacre], we met immediately together in Dili, and established the Emergency Committee for the Victims of Dili."



Dili massacre protesters calling for Government action.

PHOTO BY ELIZABETH DIBBIE

Mr Tardif said the committee demanded that the Australian Government address three points, the most important being that it

recognised East Timor as an independent country. "Sumatra's independence is important enough in post-war history

but in our own country we can't do the same for East Timor," Mr Tardif said. The Government should also

help initiate a full investigation into the massacre.

"Australia should stop turning a blind eye to human rights violations in Indonesia."

It was a "hypocritical stance" — part of a trade-off for the Timor-Like Issues, Mr Tardif said.

The demonstration was held outside the office of the former Liberal Minister for Foreign Affairs, and they were the only protesters in Sydney representing Indonesia.

Another demonstration was planned for today outside both Federal Parliament and the Indonesian Embassy in Canberra, where it was hoped the Government would be able to respond to their demands.

"If Australia ever announces to the world that we will recognise East Timor as an independent country, then there's a better chance the rest of the world may follow suit," Mr Tardif said.

But to date the Hawke Government has a record interest in keeping good relations with Indonesia because of the oil Australia gets from Timor's territorial waters as a result of the Timor Gap Treaty — it's called blood for oil.

Bloody history of Timor occupation

Events in East Timor since 1975:
Aug 1975: Fretilin takes control of East Timor after brief civil war.

Oct 1975: Indonesian troops cross from West Timor. Five Australian reporters killed at Balibo.

Nov 1975: Fretilin declares independence of East Timor.

Dec 1975: Indonesia invades.

April 1976: UN calls on Indonesia to withdraw.

July 1976: Indonesia declares East Timor its 27th province.

1978: Australia officially accepts the Indonesian takeover.

1985: Amnesty reports widespread human rights abuses by Indonesian forces.

Jan 1989: Indonesia lifts travel restrictions.

Oct 1989: Pope John Paul visits Dili and appeals for human rights.

Sept-Nov 1990: Reports of torture and at least 150 arrests in Dili.

Feb 1991: Visit by Australian Parliamentary delegation.

Oct 26, 1991: UN-Portuguese delegation to Timor cancelled.

Nov 12, 1991: Unknown number of people killed in Dili when security forces open fire on mourners.

Australian Associated Press

Portuguese cancellation must shoulder some blame

COMMENT

The 1975 clash over the Indonesian Government's withdrawal of troops and subsequent 400,000- Trovoluton movement in Timor, was a bloody

An official Indonesian entry statement has already blamed the IF's military of involvement in the 1975 military - and it is to be expected. Given the lack of evidence of provocation from the Timorese side, that project has a more dubious status.

But if you can put to one side the official Indonesian and other Timorese factors which may have precipitated the invasion, Portugal's indirect role also deserves secondary analysis.

Way: He said yesterday all reports from Timor since Tuesday, and virtually all commentators by involvement in the visit to Timor, mostly journalists and diplomats, that Timorese hope had been largely crushed by the long-awaited visit of a Portuguese parliamentary delegation was justified.

Equally, all the blame from



WARREN OSMOND

events vis-à-vis Timor is that the important participation of the Portuguese delegation was helped to create a more tense atmosphere.

That it would have allowed an unexpectedly large party of about 70 officials and journalists in Timor for the first time in years. It did not proceed because Indonesia objected to Portugal's inclusion of J.J. Dalrymple, a Lisbon-based Australian historian, journalist and Timor specialist.

Probably why the Portuguese side was willing to compromise and perhaps sacrifice altogether such a marvelous opportunity to raise questions of Timor is unclear.

The United Nations will acknowledge Portuguese sovereignty over East Timor. But any failure on Portugal's part to take

up a chance for a detailed look at the situation there is likely to weaken the already low credibility of its claim to sovereignty.

And even if Mr. Dalrymple - whom the Indonesian - as reported - would have supported an invasion - had been accompanied by the press party accompanying the delegation, the visit would still have been well- and professionally reported.

In the absence of the former Portuguese delegation, however, existing tensions were inflamed, first by the long build-up to the visit and then by the abrupt cancellation a few weeks ago.

I did not suggest that the Portuguese Parliament or Government should be held accountable for Tuesday's massacre.

But the postponement of the Portuguese visit clearly became an important political point and political ingredient in the atmosphere which led to it.

And if the massacre and its aftermath should result in Timor remaining closed to international political scrutiny once again, there will be plenty of critics who will be ready to blame the week

180. 14 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN



THE AUSTRALIAN

NUMBER 8469 THURSDAY NOVEMBER 14 1991

‘We are very regretful of the victims of both sides, and the security apparatus’
— Indonesian Ambassador Mr Sabam Siagian



‘Everyone feels just a little sick in the stomach about the news’
— The Minister for Foreign Affairs, Senator Evans



Punish Timor killers Hawke urges Suharto

By foreign affairs writer TONY PARKINSON

By foreign affairs writer TONY PARKINSON

THE Australian Government is under pressure to suspend military aid to Indonesia as the world reacts with revulsion to reports of the massacre of up to 115 people by the Indonesian military in East Timor.

The Prime Minister, Mr Hawke, described the killings as "repulsive" and urged the Government to pressure the Dutch to punish the perpetrators. However, the Indonesian Ambassador to Australia, Mr Gelawan, said — in Jakarta's first official representation — he would not accept any suggestion that the shooting was anything other than a demonstration in the East Timorese capital, Dili.

The Indonesian military continued to insist that it had not killed any people from Dili.

Mr Hawke said he had not a shadow of a doubt over Australia's longstanding policy to remain friendly with Indonesia. But he said it was not clear whether the Indonesian military was under orders. Western governments were holding out hope of a demonstration of possible Australian staff details despite claims...

Military took control — Page 7
Bloodbath a new bid at
Dili — Page 11

The Minister for Foreign Affairs, Mr. Gareth Evans, said he had not a shadow of a doubt over Australia's longstanding policy to remain friendly with Indonesia. But he said it was not clear whether the Indonesian military was under orders. Western governments were holding out hope of a demonstration of possible Australian staff details despite claims...

Mr Evans said he had not a shadow of a doubt over Australia's longstanding policy to remain friendly with Indonesia. But he said it was not clear whether the Indonesian military was under orders. Western governments were holding out hope of a demonstration of possible Australian staff details despite claims...

Mr Evans said he had not a shadow of a doubt over Australia's longstanding policy to remain friendly with Indonesia. But he said it was not clear whether the Indonesian military was under orders. Western governments were holding out hope of a demonstration of possible Australian staff details despite claims...

Mr Evans said he had not a shadow of a doubt over Australia's longstanding policy to remain friendly with Indonesia. But he said it was not clear whether the Indonesian military was under orders. Western governments were holding out hope of a demonstration of possible Australian staff details despite claims...

Mr Evans said he had not a shadow of a doubt over Australia's longstanding policy to remain friendly with Indonesia. But he said it was not clear whether the Indonesian military was under orders. Western governments were holding out hope of a demonstration of possible Australian staff details despite claims...

...and the military. The military... The Australian... The military... The Australian... The military... The Australian...

...and the military. The military... The Australian... The military... The Australian... The military... The Australian...

...and the military. The military... The Australian... The military... The Australian... The military... The Australian...

...and the military. The military... The Australian... The military... The Australian... The military... The Australian...

...and the military. The military... The Australian... The military... The Australian... The military... The Australian...

...and the military. The military... The Australian... The military... The Australian... The military... The Australian...

...and the military. The military... The Australian... The military... The Australian... The military... The Australian...

...and the military. The military... The Australian... The military... The Australian... The military... The Australian...

...and the military. The military... The Australian... The military... The Australian... The military... The Australian...

...and the military. The military... The Australian... The military... The Australian... The military... The Australian...

...and the military. The military... The Australian... The military... The Australian... The military... The Australian...

Continued — Page 7



Face of despair — shocked journalists Amy Goodman and Alan Nairn stand splattered with blood after the massacre in Dili. The picture was taken as the shooting stopped and was smuggled out of East Timor soon afterwards.

Death stared us straight in the face

By FAULYNNCH and agencies

TWO United States journalists claimed Indonesian troops who battered them as gunmen had argued over whether to execute them because they had witnessed the massacre of as many as 115 unarmed civilians in East Timor on Tuesday.

New York radio reporter Amy Goodman and magazine colleague Alan Nairn were savagely beaten by soldiers as squads of heavily armed troops began firing indiscriminately during a pro-independence funeral march involving several thousand people in the capital of East Timor, Dili.

In an interview with *The Australian* yesterday, the pair said that as bullets whizzed into the screaming crowd they were dragged into an alley by soldiers near the Santa Cruz cemetery and were punched, kicked and bludgeoned with rifle butts.

The soldiers then argued heatedly between themselves about whether to shoot them, while Goodman and Nairn, dazed and bleeding, were forced to kneel with guns held at their heads.

As details about the massacre began to trickle out of Dili yesterday, East Timorese sources in Darwin also claimed a Sydney student, who had been critically injured in the shooting, had died later in a Dili military hospital.

Mr Kamal Anand Samadhai, a 90-year-old New Zealand passport-holder who was studying at the University of NSW, was visiting Dili when he was caught in the crossfire as troops opened fire on the crowd of mourners.

Malaysian-born Mr Samadhai, known to be involved in student and other groups active on Indonesian issues, was reportedly shot several times in the

quest and left for dead in a street during the shootings.

Fretful resistance sources claimed to have heard from Dili that Mr Samadhai had died, but a female friend in Sydney told *The Australian* last night she had heard he was alive but in a critical condition in a Dili military hospital.

"We don't really know any more than that because the hospital is closed to outsiders seeking information," she said.

The editor of the Sydney-based East Timorese Newsagency, Mr Antonio Sampato, said one Australian national, Mr Antony Balmain, had been located at Dili's Resende Hotel after earlier being believed missing.

Mr Balmain's father, Ian, said at his home in Sydney he understood his tourist son had telegraphed a British consulate to say he was alive and well.

Continued — Page 7

Punish Timor killers: Hawke

From Page 1

and the situation by a 1988 war," an official statement from Jakarta said.

The chief of the Indonesian armed forces, General Soeharto, said his troops started reports of a death toll exceeding 100,000. "That's too much," General Soeharto said. "The number who died, I believe, would not reach 75,000. But as yet we do not know."

General Soeharto claimed some of the bombers had been carrying arms, grenades and knives. He said the Christian movement was making trouble in Timor because it had been forced to take inordinate refugees by the Indonesian armed forces.

Indonesia invaded the former Portuguese colony of East Timor in 1975, formally declaring it as the republic's 27th province the following year.

Mr Hawke told Parliament yesterday. "We as the Government are very deeply disturbed by the reports of this tragedy to kill and to neglect the lives of innocent lives. While many details remain unclear, it is now clear that an appalling tragedy had occurred in which many people have died."

That the Government have under process yesterday from the Australian Democrats, independent senators, the own backbench and aid and human rights organisations to adopt a tougher stance.

In a direct reference to the growth of defence co-operation between the two countries, the Australian Council For Overseas Aid — the peak body of Australia's non-government aid agencies — called for the suspension of all military aid and equipment sales to Indonesia.

"Under its own guidelines, the Government has said it will not export military or related goods to governments that commit violate their citizens' rights," AFODA's executive director, Mr Marshall Sullivan, said.

The Democrats' foreign affairs spokeswoman Senator Vicki Brown said the Government should condemn the massacre and support an Australian-led international campaign for a Timor truth fact-finding inquiry to East Timor.

Jakarta military 'out of control'

By Staff reporters and AFP

THE daughter of East Timor has reminded Asian Pacific nations that they have been ignoring regular human rights violations in East Timor as the price of maintaining cordial diplomatic relations with Jakarta, human rights groups charged yesterday.

Mrs Shirley Shackleton, the wife of Australia's ambassador, Doug Shackleton, who has reported human rights violations in Timor 10 years ago, said the ambassador last night she is confident army was out of control.

"It is not as though I feel they are out of control," she said. "People are leading about. When it comes to the control."

"This happened all the time. It is just that people outside of Timor never hear about it. This is the one incident to have taken place in Timor. People have been kidnapped and tortured everyday."

Mrs Shackleton said Indonesia should have stronger and Australia should exert pressure on Jakarta.

Indonesia gathered arrested for the Asia Pacific Democratic Organisation group. Several trade unionists and students were arrested against Indonesia, although several expressed anger at all possible causes of death.

"I didn't expect it to be this bad. We have only something over 100,000, we ought to well never do anything," one Indonesian diplomat said.

The daughter of Governor of East Timor has reminded the world that the United Nations will take no action. The question of withdrawal of UN troops for Timor remains, announced by Indonesian officials.

In Indonesian capital, Jakarta.

the police were 700,000 Timorese were already an embarkment and in one super-market is, other cases, the it could become very more embarrassing.

From the first military intervention in East Timor in 1975 through April 1988 when East Timor National Liberation Front guerrillas destroyed 200 military and police force personnel, including 100 military personnel, some were killed — 200 — in the territory.

Indonesia's UN international committee, which is still in the process of the

"There has been the policy of human rights, which because of the situation and partly because of the Cold War," said one diplomat — pointing out every year since 1988 the UN has already announced about East Timor.

The UN secretary-general, Mr Javier Pérez de Cuellar, instead has been saying the lack of using the good offices in multiple peaceful negotiations and dialogue.

Whenever East Timor was mentioned, most diplomats looked that whether the merits of the case, it was necessary to be realistic.

Without without the support of a majority of UN nations, and without a huge resources such as the one that enter the United States — that of the United States, East Timor would remain Indonesian territory.

Some former financial corporations, the former company within companies for the process of reconstruction, thereby leaving it with free for other nations — of what profits, regarded as the time of help. Normal, which were become demands.

AFP

181. 14 NOVEMBRO 1991 RDP

14/11/91 Dili/Vino

Manifestantes tiveram hoje lugar na Austrália em protesto contra a chacina de Dili - a mais importante de as teve lugar em frente ao parlamento australiano em Canberra, onde mais de 3 centenas de pessoas se juntaram a numa marcha pacífica reprecando a massacre de Dili, antes de haver discursos de parlamentares quer do governo quer da oposição e representantes da comunidade timorense, com os gritos de "basta, basta, o que se passou é demais" as manifestantes exigiram ao governo trabalhista que se comprometessem a sua posição para com o governo de Jakarta.

Centenas manifestações teve lugar em frente do consulado indonésio em Darwin, onde a forte comunidade timorense levou-se a representar sob gritos de "a vingança não se fará esperar, e os únicos indonésios bons são os que se já estão mortos".

em Sidney uma manifestação de timorenses e malaios esteve em frente ao consulado indonésio e a delegação de Garuda, companhia aérea indonésia, a presença dos malaios, na sua maioria estudantes universitários deve-se ao facto de uma das vítimas de Dili ser um estudante de origem malaia e de nacionalidade neo-zeelandesa o qual foi morto pelas tropas indonésias em Dili.

a comunicação social australiana dedicava hoje as primeiras paginas dos jornais e as primeiras notícias de rádio e tv aos incidentes chocantes de Dili, exigindo uma forte reacção do governo australiano.

o primeiro ministro australiano bob Hawke foi entrevistado há minutos pelo mais prestigiado programa de tv e nele declarou ao aceitar a explicação original dos incidentes apresentada pela indonésia adiantando ser necessária que indonésios e timorenses, incluindo representantes da guerrilha se sentassem a mesa das negociações pois que ao fim de 10 anos Timor continua a não ser na realidade a 27 provincia de Timor. Hawke recusou no entanto admitir que a Australia deveria retirar o reconhecimento da anexação do território pois isso impediria o fluxo de auxílio económico de mais de 1 mil milhões de dólares/ano e milhares de empregos que o governo australiano envia para Timor, as observações entretanto feitas que esse auxílio seja canalizado para o povo desafiando-se aos militares indonésios, civis e timorenses colaboracionistas.

Handwritten notes:
muitos a pedido de laboratório australiano...
...
... Dili.

118.21 14/11/91 - 14/11/91 - 27-30

A manifestação teve lugar na capital em processo contra a chegada de refugiados indonésios. A manifestação teve lugar em frente ao parlamento local em Dili, onde mais de 200 pessoas se juntaram e numa altura reproduziram o massacre de Dili, antes de haver discursos de parlamentares quer do governo quer da oposição e representantes da comunidade indonésia. Com os gritos de casta, basta, o que se passou é depois de manifestantes exigiram ao governo trabalhista que endossasse a sua posição para com o governo de Jakarta.

Uma manifestação teve lugar em frente ao consulado indonésio em Darwin, onde a forte comunidade timorense local se fez representar aos gritos de a vingança não se pode esperar, e os únicos indonésios bons são os que os já estão mortos.

Em Sydney uma manifestação de timorenses e malaios esteve em frente ao consulado indonésio e à delegação da Garuda, companhia aérea indonésia, e presença dos malaios, na sua maioria estudantes universitários levaram ao conhecimento de uma das vítimas de Dili ser um estudante de origem malaia e de nacionalidade neozelandesa a qual foi morto pelas tropas indonésias em Dili.

A comunicação social australiana registava hoje as primeiras páginas dos jornais e as primeiras notícias de rádio e tv aos incidentes recentes de Dili, exigindo uma forte reacção do governo australiano.

O primeiro ministro australiano Bob Hawke foi entrevistado por minutos pelo mais prestigioso programa de tv a país declarou não aceitar a explicação original dos incidentes apresentada pela Indonésia afirmando ser necessário que indonésios e timorenses, incluindo representantes da comunidade se sentassem à mesa das conversações pois que ao fim de 10 anos Timor continua a não ser reafirmada a 2ª província de Timor. Hawke recusou entretanto admitir que a Austrália deveria aceitar o reconhecimento da anexação do território pois isso impediria o Plano de auxílio económico de mais de 2 milhões de dólares por ano a Timor de contos que o governo australiano envia para Timor de miséria entretanto negou que esse auxílio seja canalizado para o povo destinando-se aos militares indonésios, civis e timorenses colaboracionistas.

182. 15 NOVEMBRO 1991 SMH

Burning fury over Dili deaths



Masks of President Soeharto go up in flames during a protest in Canberra over the Dili massacre. (Picture by PETER MORAN)

By MIKE SECCOMBE
and GREG AUSTIN

CANBERRA: The Prime Minister indicated last night he might cancel his planned visit to Jakarta in February because of the massacre in Dili.

Mr Hawke's visit would be contingent on the Indonesian Government expressing "genuine contrition" for the military action, a proper inquiry into the incident and "an intention to punish those

responsible", he said yesterday. Mr Hawke came under heavy pressure to cancel the visit from Timorese protesting outside Parliament House about the massacre.

An Indonesian flag and paper masks of President Soeharto went up in flames as a crowd of Timorese vowed to continue their resistance to Indonesian occupation.

An East Timorese community spokesman, Mr Agio Pereira, told the rally that Mr Hawke should

cancel the trip to Jakarta. The group listened to speeches from several Federal parliamentarians opposed to the Indonesian occupation of East Timor, then continued the protest outside the Indonesian Embassy.

If Mr Hawke's trip goes ahead, it will be his first to Indonesia since 1983. Speaking on the Nine Network's *A Current Affair* program, Mr Hawke said it was too early yet to make a decision on whether the visit should be cancelled. "But I

would put it this way: I think those three things must be done.

"I repeat, genuine contrition, a proper inquiry, and an intention to punish those responsible."

Mr Hawke also hardened his position on the need for the Indonesian Government to reach negotiated settlements with the East Timorese.

Continued Page 9

PAGE 9: Troops disobeyed orders

WORLD

The Sydney Morning Herald

Soldiers misheard 'don't fire' order — Jakarta

TIMOR

DILI, Thursday, Indonesia said

TIMOR

DILI, Thursday: Indonesia said today troops shot dead 19 civilians, including a New Zealander, on Tuesday because soldiers misheard an order.

"There was a misunderstanding," the regional military chief, Major General Sindang Panjaitan, told journalists here, saying the army deeply regretted the "tragedy".

"Soldiers thought they heard the order 'fire' when the order was 'don't fire'," he said.

In the first official announcement of casualties, General Panjaitan said the 19 dead were all men aged between about 20 and 25.

He said 91 people, including two soldiers, were injured.

The Indonesian Foreign Minister, Mr Ali Alatas, tonight broke his silence over the massacre, saying that the Government in Jakarta neither condoned nor ordered the killings.

General Panjaitan said troops opened fire into a crowd of about 3,500 people beside the local cemetery after a pistol shot was fired from the crowd, and a grenade was thrown towards the soldiers. The grenade did not explode.

He said troops later found rifles, grenades, pistols and knives in the cemetery which had been dumped by people fleeing the shooting.

The Roman Catholic Bishop of East Timor, Bishop Ximenes Belo, today condemned the shooting as a tragedy and accused soldiers of not firing warning shots first.

The army insisted warning shots were fired.

The 19 dead, including New Zealander Karal Ahmed Hamadha, who was studying in Sydney, were buried in unmarked graves in a small village 12 kilometres from Dili yesterday.

Mr Hamadha's death was confirmed by the local military commander, Brigadier-General Rudolf Wayono. Mr Hamadha is reported to have been shot at least twice.

At least 100 other people were



Evidence of a massacre ... youths sort out bloodstained clothes in the Santa Cruz cemetery.

PHOTO BY AP/WIDEWORLD

hadly their faces were almost unrecognisable.

Dili appeared calm today and there were relatively few soldiers on the streets.

TOM ORMOND, Herald Correspondent, reports from Seoul. Mr Alatas, speaking to journalists at an international conference in the South Korean capital, declared that he regretted the killings "very much" and promised an inquiry.

He said that "whoever was at fault will be punished in accordance with the law".

He said the killings were "not compatible with the Government's

Mr Alatas said he was still seeking a more detailed picture of what happened, but sought to dispel any impression that the incident was unprovoked, and denied that it manifested a discipline problem in the Indonesian military.

On a break, the picture is not of very peaceful, gospel-singing people, suddenly being shot at. Come on.

He said that from what he had been told, the problems started when the group of people leaving the church to go to the nearby cemetery were joined by others.

and finally, presumably because apart from regular churchgoers they were joined by younger people whom he believed to have their own views about (the East Timor issue).

The security officer, led by the deputy commander of the local battalion ... tried to tell them "Look, you can demonstrate, but please don't be so wild, don't be unruly. Don't destroy property along the way" and things like that.

"These provocative efforts were met by some unruly children who started shouting and shouting

he (the deputy commander) was stabbed. He was attacked by a machine.

The procession went on until the cemetery. It went on being very wild. And so the security that had been tried to stop them was joined by other security units.

"Then it became a very wild scene. They started to fire. They started to throw. Several of the officers were wounded and, unfortunately in such circumstances, the security forces had to take the action which we very much regret."

Associated Press/Reuters

Burning fury over deaths in Dili

From Page 1

Timorians, including the Australian ambassador, are taking their anger to the military command.

Timor's hope for a peaceful result of the tragedy, Indonesian officials say, is that the military will be able to suppress any further outbreaks of the kind.

"The main problem was the soldiers who were not equipped. The tanks were not ready for the people of East Timor."

"They've got to control that kind of a force of an armed military force. Among the people they must be able to control with the people's protection and resistance to prevent any further outbreaks of the kind."

But, according to Indonesian authorities, local government, it was still in Australia's best interests to do

Timor's parliament, Mr Hower said. He said whatever the real circumstances behind the massacre in Dili, it was beyond doubt that the resolution of the higher level of military had been a "tragedy".

At the time of the evidence, Indonesian was being Australia's concern about the killing was

"After all these years, it is clear the problem of East Timor are not completely be solved by military force," Mr Hower said.

Australia is unlikely to get any of its troops with arrangements as a result of the tragedy, according to sources who contacted here. The Australian Government will depend on its support of the Indonesian Government.

The secretary of the Australian Government has the evidence that the attack was ordered from Jakarta.

183. 15 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN



Mr Alatas, Seoul

Massacre indictment of military rule: PM

By press affairs writer TOU / PARKINSON and MATTHEW FRANKLIN in Seoul and AAP

In his strongest statement to date, East Timor's Prime Minister, Mr Hawke, said last night that Tuesday's massacre of 2000 civilians in Dili had contravened the rights of Indonesia's people by violating the promise of voluntary force.

While directing Australia not to attend the summit of the Association of South East Asian Nations (ASEAN) in Jakarta, Mr Hawke said it was self-evident that the people have the right to self-determination.

Mr Alatas, Indonesian Foreign Minister, said last night his people expected the Indonesian Government to take the lead in resolving the crisis.

Mr Hawke said the Indonesian Government had a duty to ensure the political future of the province. "That seems to me to be the lead and not of this country... they must understand that what they have been doing so far has not worked," Mr Hawke said.

His comments came as the Australian Government announced its decision to not attend the summit of the Association of South East Asian Nations (ASEAN) in Jakarta, Indonesia's capital, on Tuesday.

The regional military commander in Dili, Major General Enriquez, said last night his troops opened fire because they misheard an order. "Soldiers thought they heard the order to fire when the order was not to fire," he said.

In the first of two announcements of casualties, General Enriquez said 2000 people, including 1000 children, were killed. All were dead between about 20 and 23 - and 91 people, including two children, were injured.

But in Seoul the Indonesian Foreign Minister, Mr Alatas, said last night that Indonesian soldiers had no alternative but to shoot on Monday morning after soldiers and protesters clashed in a "wild melee" and one protester stabbed an army officer with a dagger.

"The security force had to take the action which was very much regrettable," Mr Alatas said. "This is not something the Government endorsed or approved. We are going to investigate it."

Mr Alatas said the Indonesian Government would conduct a "thorough" inquiry into the massacre and would hold those responsible accountable. He said the Indonesian Government would also conduct a "thorough" inquiry into the massacre and would hold those responsible accountable.

Indonesian Government spokesman said the Indonesian Government would conduct a "thorough" inquiry into the massacre and would hold those responsible accountable. He said the Indonesian Government would also conduct a "thorough" inquiry into the massacre and would hold those responsible accountable.

Mr Alatas said the Indonesian Government would conduct a "thorough" inquiry into the massacre and would hold those responsible accountable. He said the Indonesian Government would also conduct a "thorough" inquiry into the massacre and would hold those responsible accountable.

Mr Alatas said the Indonesian Government would conduct a "thorough" inquiry into the massacre and would hold those responsible accountable. He said the Indonesian Government would also conduct a "thorough" inquiry into the massacre and would hold those responsible accountable.

WORLD NEWS

OF THE TIMOR MASSACRE

Muted reaction reflects ASEAN sensitivity

By staff reporters

THE muted response of Indonesia's South-East Asian neighbours to the Dili tragedy reflected the sensitivity of ASEAN countries over very delicate issues on such matters, analysts warned. Western countries, by contrast, were expected to be more vocal.

In a typical response, a spokesman for the Foreign Ministry and Prime Minister's office in Thailand said there had been no comment about the incident and none was expected.

Many newspapers in the region emphasised Australia's prominence in leading international condemnation of the massacre, although most led their coverage with the official Indonesian view of events.

The Bangkok Post newspaper, in a front-page story headlined 'Jakarta to probe Dili bloodbath', highlighted the call by the Prime Minister...

Mr Hawke, for a full investigation. The 'Singapore Straits Times' discussed the Minister for Foreign Affairs, Rosario Bynas with his Indonesian counterpart, Mr Ali Alatas, during an economic gathering in Seoul yesterday.

The Thai paper suggested British interest in East Timor after an unnamed Australian journalist was excluded from a party celebrating the Portuguese parliamentary election.

The Singapore Straits Times carried a report yesterday, headlined 'Jakarta probes Dili bloodbath', that the Indonesian Government would conduct a "thorough" inquiry into the massacre and would hold those responsible accountable.

The story began with 12 paragraphs from its Jakarta correspondent presenting the official Indonesian view of events, from the...

Foreign Ministry and the usual news wires. This was followed by about paragraphs of the former, only one Australian reaction, followed by a paragraph each on the French Nation, US and Portuguese versions.

In Kuala Lumpur, local newspaper daily said the Indonesian Government would conduct a "thorough" inquiry into the massacre and would hold those responsible accountable.

The New Herald Times from Yogyakarta, the regional Jakarta-based outlet, said the Indonesian Government would conduct a "thorough" inquiry into the massacre and would hold those responsible accountable.

The STAR newspaper used wire service reports for a story carried in its South East Asia Regional News edition, headlined 'Jakarta to Probe Dili Bloodbath'.

Bangkok reaction to the massacre was muted. The Bangkok Post, the city's largest daily, led its front page with a story on the Dili massacre, but the article was relatively brief.

A spokesman at the foreign ministry in Tokyo commented on the Indonesian minister's official statement but said it reports that more than 20 people were killed were not in the official report.

The same was true in Seoul, where South Korean newspapers were reported to include only brief reports about the incident on Wednesday (11/11/91), but editorial writers raised the issue completely.

The same was true in Hong Kong, where South Korean newspapers were reported to include only brief reports about the incident on Wednesday (11/11/91), but editorial writers raised the issue completely.

concluding that Indonesia needs to act quickly to improve its human rights record if it is to remain in good standing. Its opposition, the Standers, added the story on page 19, headlined 'East Timor Massacre: To Be Probed'.

Washington Daily, the reported Australian correspondent for Japan's official news agency, said he had seen a small story in Tokyo outlining the charges of fact from Australian news of the...

The same was true in Hong Kong, where South Korean newspapers were reported to include only brief reports about the incident on Wednesday (11/11/91), but editorial writers raised the issue completely.

The same was true in Hong Kong, where South Korean newspapers were reported to include only brief reports about the incident on Wednesday (11/11/91), but editorial writers raised the issue completely.

'You treat us like animals . . . bastards, murderers!'

Tragedy

AFTERMATH

Youths find safe haven in office of bishop

BY PASCAL WALLEY in Dili

EAST Timor Catholic Bishop Carlos Ximenes Belo said yesterday that 20 young East Timorese had been given refuge by his episcopal office shortly after Indonesian troops stood on a crowd of mourners here on Tuesday.

The shootings occurred at the Santa Cruz cemetery, regarded as a memorial because the dead were young Timorese killed in Indonesian military operations here in October 28.

On Tuesday morning, 20 young men were seen to enter the office, wearing army camouflage in different ways. Bishop Belo, a cleric of East Timor, said.

He said he had a conversation with some of them and to their own shame found the same day before Wednesday.

Bishop Belo said the 20 came to his local military headquarters on Wednesday and then left the young men with either rifles or 12-gauge pumps or both.

As to the exact date, he said he did not know, he said, adding that the two military units listed their weapons in their office records, including rifles, shotguns and shotguns. He said that between 50 and 70 people had died in the shootings.

He said he was angry when 100 men gathered during the shootings on Tuesday and he believed that could have happened to soldiers' fury.

Adding Belo said that Sunday, October 28, when two Timorese were killed during a clash between separatists and security forces near the Sacred Church, he said Belo cut off news the rest of the world.

His telephone was not being repaired since October 28. He said he was disappointed because he thought he would be able to see the shrine because work had

THE wife of Fr Felix gave the commander Mr Ximenes Belo and the DIO officers had been given the same words cover only because Western journalists had been there.

Mrs Ximenes said in Melbourne, where she now lives, that her husband had been happening since Indonesian troops invaded her country 10 years ago.

She said because a number of Western journalists were there that this incident has been covered so widely in the Australian media, she said.

Mrs Ximenes said she had been in contact with her husband as recently as last week from his hideout in the East Timor mountains. She said where he directs operations against Indonesia.

"I know my husband would say that, despite the massacre, the people of East Timor will fight to liberate their land from Indonesia," she said.

Mrs Ximenes told East Timor in May last year and now lives with her parents in Melbourne.

evolving charges by Indonesian authorities that the Church and members of the religious community had some responsibility for the deaths of hundreds on October 28 and 29.

The announcement says that the 20

of Santa Cruz also said in his letter that one of the two victims of the October 28 shootings was known to work for a local security agency and the other was a priest. He said that incident had been a routine "provocation" by the soldiers.

Timor's national service has been suspended.

The former adviser to the Indonesian army had been

seen there for some time but did not proceed and other than the fact that he was the author of the book "The

of the 1970s and 1980s, and that he was a member of the Indonesian military and police forces.

The bishop, who indicates Indonesian actions is already preparing to do violence, and he had met with the United Nations Human Rights Commission in Geneva last year. He said he had been in East Timor for many years and was a member of the United Nations Human Rights Commission in Geneva last year. He said he had been in East Timor for many years and was a member of the United Nations Human Rights Commission in Geneva last year.

He said he had been in East Timor for many years and was a member of the United Nations Human Rights Commission in Geneva last year. He said he had been in East Timor for many years and was a member of the United Nations Human Rights Commission in Geneva last year.

Death harms NZ relations

WELLINGTON - The confirmed death of a New Zealander in a shooting incident by Indonesian troops in East Timor on Tuesday had seriously strained relations between the two countries, the Prime Minister of New Zealand, Mr Geoffrey Palmer, said yesterday.

Air Palmer said he was disappointed in reports that a New Zealander, a member of the New Zealand Defence Force, had been killed in the shooting.

The shooting up on the coast was the first international one since the 1970s. He said he was disappointed in reports that a New Zealander, a member of the New Zealand Defence Force, had been killed in the shooting.

The shooting had occurred at the memorial office on Wednesday and Timor's death toll was still being established. He said he was disappointed in reports that a New Zealander, a member of the New Zealand Defence Force, had been killed in the shooting.

He also said relations between the two countries had been strained and that the New Zealand government would not send its military forces to East Timor.

The military had said that the death of the New Zealander was a serious matter and that the New Zealand government would not send its military forces to East Timor.

Condemning the death, he said he was disappointed in reports that a New Zealander, a member of the New Zealand Defence Force, had been killed in the shooting.

He said he was disappointed in reports that a New Zealander, a member of the New Zealand Defence Force, had been killed in the shooting.

Palmer's father, who believed to be in China, while he said he was in Indonesia. He said he was disappointed in reports that a New Zealander, a member of the New Zealand Defence Force, had been killed in the shooting.

The son arrived in Jakarta and he expressed his regret in this to make arrangements for his son's body.

Mr Palmer said the would be a tragedy. He said he was disappointed in reports that a New Zealander, a member of the New Zealand Defence Force, had been killed in the shooting.

He said he was disappointed in reports that a New Zealander, a member of the New Zealand Defence Force, had been killed in the shooting.

LAP, AFP

lighted the call by the Prime Minister— honest view of events from the Further afield, Japanese and South a full page inside and an editor

'You treat us like animals . . . bastards, murderers!'



East Timorese protesters gather in Canberra (above), while Mr Da-Luz (left) is overcome with grief after learning his cousins were among the dead — Pictures: CHRIS P.

East Timorese protesters with Indonesian soldiers in Dili, East Timor, on July 21, 1991. One protester is seen burning the Indonesian flag. — EXHIBIT 2118 (AWIC)

Angry protesters burn flag

By KATHERINE BLASOTT

INDONESIAN troops and critics of President Suharto were jeered yesterday when about 200 Timorese and supporters gathered in Canberra to condemn Tuesday's massacre of at least 27 people by the Indonesian military in East Timor.

Emotions ran high as a group of protesters, who gathered outside Parliament House — and then the Indonesian embassy, tried unsuccessfully to climb the embassy fence while another threw a burning flag onto the tower.

"You treat us like animals, we don't need that flag — bastards, murderers!" the protesters shouted.

Protesters called on the Federal Government to suspend all defence co-operation with Indonesia, cease all arms sales and set up an international independent inquiry with a United Nations observer group to monitor any human rights violations by the Indonesian military until an act of self-determination could take place.

Despite a large Indonesian military presence in East Timor, a spokesman for the

East Timorese Committee for the People's Front, James Rumbaut, expressed resistance to the Indonesian Government, maintained by the Parliament yesterday.

"Until this day we have Timorese have the right to vote for our future we will consider you as enemy," he said.

"We will fight until the last Indonesian soldier is out of East Timor."

He called on the Prime Minister, Mr. Hawke, to cancel his trip to Jakarta tentatively scheduled for next February.

Mr. Brian Durbur, tears stood out among the angry crowd. He had just learnt of the deaths of his two young cousins, who were shot in the back as they fled the Indonesian troops who moved fire on several thousand mourners near the Santa Cruz cemetery in Dili.

A refugee, Mr. Di-Luz, fled to Australia with his immediate family after East Timor was invaded by Indonesia in 1975.

His anger was not just aimed at the Indonesian Government, and military but at the Australian Government,

which he said had "betrayed the Timorese".

"I am disgusted with the Australian Government," he said.

"East Timor is not a normal foreign territory and yet they want to consider the fact that we treat the Australian people as my brothers and sisters."

It seems the Australian Government has forgotten that in World War II 60,000 Timorese died in the while protecting Australian units.

"We demand total recognition and protection."

Mr. Di-Luz called on the Indonesian Government to sit down and talk with the East Timorese and Portuguese people.

"The only way to get peace in East Timor is 'every Indonesian leaves it'," he said.

Northern Territory MP Mr. Warren Snowdon told the rally the events in Dili should be depicted by all Australians.

Mr. Snowdon, whose electorate includes Darwin with a 500-ethnic East Timorese community, said Indonesia's continued occupation of East Timor was illegal and the inevitable.

184. 15 NOVEMBRO 1991 METANOIA

TIMOR
POR CADA FLOR ESTRANGULADA
HÁ MILHÕES DE SEMENTES A FLORIR

A situação do povo de Timor requiere urgência. Desafia-nos a não esquecer e a alargar até aos confins da nossa consciência, e da consciência de todos os homens e mulheres, defensores da liberdade, o grito de denúncia e os gestos de solidariedade necessários.

É o momento de unir esforços, conscientes que em face de poderosos interesses e da repressão brutal, a inocência dos indefesos torna-se um escândalo intolerável, que não pode permitir comodismos silenciosos.

Muitos homens e mulheres, ao longo destes 15 anos, têm-se envolvido directamente, ou indirectamente, na causa do povo timorense, procurando defender a sua justa reivindicação de liberdade e de direito a decidir os seus destinos. As circunstâncias e a conjugação de poderes de várias ordens têm contribuído para calar esta exigência legítima, favorecendo o domínio e a opressão por parte da Indonésia.

Apesar da fragilidade das forças empenhadas na causa da liberdade do povo timorense, o primeiro exemplo de determinação vem-nos desse mesmo povo; não só daqueles que têm assumido a luta de resistência, mas cada vez mais dos camadas jovens que se revêem na atitude de luta dos mais velhos, e que eles próprios hoje protagonizam. Este comportamento tem um imperativo moral que nos interroga e que exige uma solidariedade activa.

Não nos substituindo aos timorenses, nem aqueles que assumem a sua representação, usamos por isso um gesto que possa não só simbolizar o envolvimento e a união solidária com esta causa, mas contribuir para manter viva essa luta de libertação e para alargar o mais possível a tomada de consciência de todos os homens e mulheres.

Como gesto de protesto e de solidariedade propomos que, a partir de Dezembro, na primeira noite de cada mês, se acenda uma vela pelo povo de Timor, na janela da nossa casa. Que ela brilhe visível para que todos vejam, até que o povo de Timor possa exprimir-se livremente.

A fragilidade deste gesto que se transforme num grande movimento de protesto e de resistência de todos nós contra as forças brutas da invasão e da opressão. Divulguemos esta iniciativa, passemos-la além fronteiras, solicitando a colaboração dos amigos, de organismos internacionais, de todas as comunidades religiosas. Que este gesto possa unir todos os esforços de empenhamento pela causa de Timor, e que cada um se sente chamado e pode realizar.

Que ninguém se aproprie deste gesto; ele pertence só ao povo de Timor.

Juntemos a nossa fragilidade e façamos um grande movimento de resistência e de exigência. Amplifiquemos a voz daqueles que sofrem e são esmagados.

Lisboa, 15 de Novembro de 1991

A Equipa Coordenadora do METANOIA -
 Movimento Católico de Profissionais

185. 15 NOVEMBRO 1991 RDP

15/11/91 17:30

p. 50'

Mais duas manifestações tiveram hoje lugar na Austrália contra a presença de tropas aliadas em Timor, uma em Melbourne com 3 contêineres de fumo e outra em Perth com uma centena de manifestantes. Em ambas o tema foi de pressão ao governo australiano para acabar a subdeterminação de Timor Leste.

Entretanto chegou hoje à Austrália, Bob Munz, um dos 3 australianos do comité de auxílio financeiro ad hoc estrangeiro que se encontravam em Timor e que foi enviado nos últimos de julho, num momento que a situação era pacífica e que os soldados indonésios desapareceram indiscriminadamente sem dar qualquer provocação. Bob Munz disse ainda que alguns jovens gritaram palavras em português e em inglês pedindo a independência.

Por último uma notícia da televisão nacional de rádio (aberto) emanada de Dili diz que as autoridades militares indonésias terminaram o seu inquérito e que deiam a entender que o motivo dos incidentes foi a de as autoridades terem permitido disparar, quando a ordem dada era de não disparar. Esta explicação foi já recusada pelo primeiro ministro australiano que apelou para que os indonésios se sentassem à mesa de negociações com timorenses e representantes da Fretilin.

120/91 15-11/91 21/10 10 1710

As manifestações tiveram hoje lugar na Austrália em Melbourne, Perth e Darwin, com centenas de manifestantes em frente aos consulatos indonésios. Os indonésios nas ruas imitaram o braço de deuses dos seus compatriotas mortos em Dili na passada tarde-feira.

Chegou hoje a Austrália, Melbourne, um dos 3 australianos do comitê de auxílio financeiro ao estrangeiro que se encontravam em Timor e que foi ferido nos incidentes de Dili. Não sabemos que a promessa era pacífica e que os soldados indonésios disparavam indiscriminadamente sem ter havido provocação. Há uma classe ainda que alguns jovens gritavam palavras em português e em inglês pedindo a independência.

A cadeia nacional da rádio levou em notício a imprensa de Dili diz que as autoridades militares indonésias terminaram a sua ingerência e que deram a entender que o motivo dos incidentes foi a de os soldados terem percebido disparar, quando a ordem dada era de não disparar. Esta explicação foi ~~re~~ recusada pelo primeiro ministro australiano que apelou para que os indonésios se sentassem à mesa de negociações com timorenses e representantes da Frelim.

186. 16 NOVEMBRO 1991 RDP

1224- 10/11/91 1990 CC I

país cujas bandeiras de apoio à causa timorense tiveram lugar hoje nas cidades de Sidney e Adelaide. Em Sidney mais de 5 mil pessoas exigiram a independência de Timor Leste em frente do parlamento estadual onde se encontrava o primeiro ministro Bob Hawke, que no entanto ignorou a multidão.

As jornadas de Timor de semana criticaram o primeiro ministro pela sua atitude rigorista em relação a Timor dizendo que o seu apelo para negociações entre a Indonésia e a Pratélia se bem que marca uma importante mudança na política australiana, nada diz sobre os acordos de pacificação do petróleo no Timor que deveriam pertencer aos timorenses e não à Austrália e Indonésia.

Os australianos em geral estão insatisfeitos com a Indonésia um país que tomou acção militar sobre a Malásia, Papua Ocidental, Timor Leste e deixou as suas tropas penetrarem na Papua Oriental nos últimos vinte anos e ainda que o auxílio económico australiano para Timor é hipócrita pois há 10 anos que deveria fazer no futuro de Timor Leste sem que tenha sido dado aos timorenses a hipótese de sobre ele decidirem.

Um comentador australiano, artigo em assyria da Indonésia, David Jenkins escrevia hoje no Sydney Morning Herald que os barulhos e a furia de Bob Hawke sobre Timor Leste se assemelham ao som de um canhão sem balas.

187. 16 NOVEMBRO 1991 SMH

The Sydney Morning Herald

Attack on mourners unprovoked, says witness

By MARK SKULLY

MELBOURNE An Australian witness says Indonesian troops were not provoked or attacked before they fired a two-minute burst from automatic weapons into a crowd of East Timorese mourners.

Mr Bob Mintz, Coordinator Aid Abroad's project officer for the Philippines and Indonesia, arrived back in Australia yesterday after being in East Timor from November 7 until midday Wednesday.

He attended a candle Mass in Dili on Tuesday morning for one of two Timorese students killed a fortnight ago, and followed a march through the city to a cemetery.

Mr Mintz yesterday alleged during the Indonesian military that a hand grenade, which did not explode, had been thrown at them soldiers, and that a shot was fired from the crowd.

He said a press conference had been held in an "evacuated position" to watch the march of about 2,000 mostly young people from Dili, and that the shooting was "pre-meditated, unprovoked and well-planned".

The rallyer displayed their banners on the walls of the cemetery. They chanted their slogan. I saw them do nothing else.

I am absolutely convinced that there was no sign of any provocative behaviour on the part of the citizens. I saw no sign of anything resembling a hand grenade. I saw no sign of anything resembling weapons, other than the rifles and shotguns amongst the rallyers.

Mr Mintz said the rally had

generally passed on Indonesian military patrol and had been at the cemetery for 15 minutes when a hand grenade exploding about 50 metres from the crowd.

He was walking over from the rally when it became obvious the soldiers were going to try to disperse the crowd.

"I'd track about 20 yards when they saw a sudden onslaught of automatic weapons fire. I stood with my back to the street. I began running as I saw I could not get out of that line of fire."

"It was not a case of repeated volleys of fire. It was a case of single-shot weapons - at least a case of unprovoked automatic weapon fire from many, many guns for a full two minutes from a crowded street that had almost 1,000 people in it with no possibility of cover."

Mr Mintz said that for obvious reasons he had not been around since he began writing.

The initial two minutes of shooting had been followed by sporadic bursts over 30 minutes.

He had injured his arm in the confusion, but his arm injury was caused.

Mr Mintz later interviewed two British nationals who had also been at the rally. One told of taking shelter behind a pavilion where he saw the Indonesian troops beat the injured people who were lying on the ground with rifle butts, with hands.

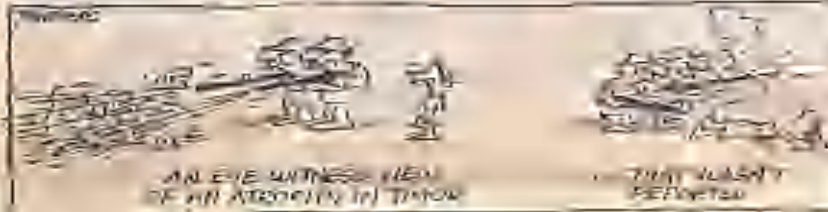
Mr Mintz said his informant was rescued by a Timorese man who told him the Indonesian soldier had witnessed on Tuesday afternoon that he people were killed in the cemetery and another 15 had died after being taken to hospital.

WORLD



ly of mostly young Timorese in Dili before the troops started shooting.

Picture by BOB MINTZ



Massacre outrage in Darwin

By CHIPS MACKINOLTY

DARWIN: The horror of recent events in Dili has shocked Darwin's East Timorese community as it has sought news of family and friends.

For Mr John da Silva, a 31-year-old naturalised Australian, a phone call to his mother early on Thursday confirmed the death of two brothers and a cousin, and the imprisonment after army beatings of two other brothers.

"I saw them in June when I went home for a holiday, but now they are dead," he said. "I am frightened for the rest of my family, but what can I do? Even when I was there I was followed by secret police."

"I want to be able to go to my brothers' funeral, but it wouldn't be safe."

● The Northern Territory Trades and Labour Council has called on the Northern Territory and Federal Governments to take immediate action against Indonesia over the Dili massacre.

Saturday, November 16, 1991 15

Unmarked graves a grim reminder

By TERRI FUEL

MEMA, East Timor, Friday. In the small public cemetery beside the Water Sea at Memu, 10 freshly-dug graves stand out in strange contrast against the hard, dry ground of Timor.

There is no identification, nothing to say who they are.

In truth no-one really knows. These are the victims of Tuesday's killing in Oite, when Indonesian troops opened fire on a crowd of 3,000 civilians.

Their deaths sparked an international outcry and underlined the recent tensions between Indonesian authorities and the East Timorese.

Despite the bloodshed, Oite appears as calm as it ever has before Indonesia invaded the Portuguese province in 1975.

It's business as normal — people walk the streets, as they do in any other city.

But after dark, most of those on the streets are Indonesian troops wearing camouflage gear and brandishing loaded M16 rifles.

Tensions between East Timorese and the Indonesian authorities

increased dramatically over the past month.

Various civil groups and pro-independence activists say the military has stepped up its activities and become more violent in the process. They are angry at the delegation from the United Nations and the Portuguese Parliament which was to have departed on November 4.

The delegation was targeted after Indonesia objected to one of the UN entities jurisdiction which wanted to bring

The Indonesian military order began an effective public relations campaign to mollify Timorese's fears and to convince journalists and the public of the good that Indonesia has done here.

Indeed, East Timor is more wealthy and better developed than ever. But the people remain unhappy.

Tuesday's violence has widened and the gap between Jakarta and Dili.

The 10 unmarked graves in this small cemetery stand as a reminder of that.

Australia's Independent Press

Hawke sound



DAVID JENKINS

The Prime Minister's source, who declined to be named, said that the Prime Minister had been "shocked" by the Indonesian Government's call for a "darkness" inquiry, and that he had said that East Timor was an internal affair of Indonesia.

The Prime Minister's source said that the Prime Minister had been "shocked" by the Indonesian Government's call for a "darkness" inquiry, and that he had said that East Timor was an internal affair of Indonesia.

The Prime Minister's source said that the Prime Minister had been "shocked" by the Indonesian Government's call for a "darkness" inquiry, and that he had said that East Timor was an internal affair of Indonesia.

The Prime Minister's source said that the Prime Minister had been "shocked" by the Indonesian Government's call for a "darkness" inquiry, and that he had said that East Timor was an internal affair of Indonesia.

The Prime Minister's source said that the Prime Minister had been "shocked" by the Indonesian Government's call for a "darkness" inquiry, and that he had said that East Timor was an internal affair of Indonesia.

news and smoke but not much damage.

Australia, the Prime Minister makes clear, has no intention of withdrawing its recognition of East Timor as a province of Indonesia — even though the territory was incorporated at the point of a bayonet, and even though there has never been a proper act of self-determination.

And he is, accordingly, still far from persuaded by the United Nations' proposal that, after 10 years, a referendum be held on the future of the territory.

This is probably about as much as anyone could have expected from Canberra. What is more, the Indonesian, GDI resistance are shaped by Indonesia.

Mr Hawke knew he had to come out strongly on the killing. You can't sleep for the death of Timorese people and not not have a kind eye in a massive 500 kilometre from Darwin the next day. He knows he had to avoid giving too much offence to Indonesia.

The Prime Minister seems to have feared this conclusion well.

In the meantime, there is a charge of "lack of control" in Jakarta seem to be making a mistake in displaying the extent of the massacre, which they may doubt of some kind, about just how serious the results will be.

Just for a claim that only 19 died — a day after Armed Forces Commander Tito Satrio acknowledged that the toll was

300 in 30 — and is promising to say that the number was largely the fruit of an amnesty well-worned

Timor
the
2000
to
fresh
TI
in
1995
was
DCT

No solace for East Timor

Saturday, November 16, 1991 27



Timorese mob, a claim that they in the face of reliable eyewitness accounts. Journalists have been shown 19 freshly dug graves. This wouldn't be the first time an Indonesian death toll has dropped mysteriously with each passing day. When traps opened fire on Muller protesters in

Jakarta in 1994 killing about 50, the Government is said to have put the toll down by only counting those it could actually identify. If you don't have an ID card, you aren't considered dead. At the same time, officials seem to be tripping over themselves with conflicting explanations of what happened. One explanation

— that the local commander said "Don't shoot" and his troops thought he said "Shoot" — isn't likely to inspire much confidence in the Indonesian Army. If the news weren't so tragic, it would be worthy of Basil Fawlty — "I don't tell 'Don't shoot' what I want to do, see?" That said, Jakarta does seem to

be making an effort to appease international opinion. Local military commanders have spoken of their "deep regret" over the incident. The killings in Dili could not have come at a worse time for Suharto. The Minister for Foreign Affairs, Senator Evans, has been

lifting up his eyebrows with Indonesia. He has accused the warmth of his ties with Ali Alatas, his Indonesian opposite number. He has hailed the Timor Gap treaty with Indonesia as every thing creative diplomacy. He has said that the relationship with Jakarta is now "so much more substantial" that only a very large storm would disturb it. Mr Evans deserves credit for his efforts in this as in other fields. They have been painful. They will help East Timor and Jakarta rid our the new storm. But Mr Evans is a hypocrite. Kuperu should be in a hospital in danger of getting his face run in Bali. Those Australian people, deeply proud of Indonesian Jakarta but nervous to face three times in 15 year to achieve its foreign policy goals — over Malaysia, West New Guinea and East Timor. It has sent troops across the border into Papua New Guinea. It has a poor record of arms on human rights. The events in Dili don't do much to persuade Australians they have been wrong about Indonesia. My bill of help by Gareth Evans to whom the Timor Gap treaty "highlighted" the differences between the two systems can be overcome by mutual benefit. On the radio, many commentators have been voicing their disquiet — even disgust — at the events under which Cochran and Jakarta have carved up a potentially richly settled to their mutual advantage. (The photograph from Portugal, which did obtain sovereignty over East

Timor, and which was a proper act of self-determination. The suspicion that we regretted the treaty comes, because we had expectations of so much because a milestone. We signed because we wanted to know we could get on with our large and populous neighbour. But it seems like the treaty hasn't been a happy time in the world. Bob Hawke says that our reason we continue to recognise East Timor is part of the reason to do this rather than to go on channeling aid into the territory. Just don't spend more in philanthropic — but you have just devoted up a lesson that would in difficult circumstances have gone to the East Timorese. Mr Evans is ready to claim the bill and ground in peace like China and Kuwait. I don't mind that a hole approached when it comes to East Timor. During the Gulf War, he approved outrage that Saddam Hussein had attacked Kuwait and declared it the 19th invasion of Iraq. He stopped saying that when it was clear to be certain that President Suharto had invaded East Timor and secured to do the approval of Indonesia. Now the Prime Minister is saying we would not be the last of East Timor. That phrase may be history. It was mentioned by Australia — perhaps even in Jakarta — shortly after Indonesia invaded East Timor in 1975. It has been included in the future for 16 years. In East Timor, the future what seems would better than the past.

188. 17 NOVEMBRO 1991 SMH

Timorese leader hits at army

YULI, Friday East Timor's Craven was the condemnation of the Indonesian Army for its brutal presence - the work and restraint of its joining. Craven's remarks are a result of the Indonesian government in the province.

According to local reports, at least 100 people died when troops fired into a crowd of thousands of mourners in Saun Laco square in the capital on Friday. The official death toll is 19 dead and 91 wounded.

As the Indonesian army joined the welcome international call for an impartial inquiry, the government, Mr. Xanana Gusmão said last night, "I blame the armed forces."

Mr. Xanana's spokesman, East Timorese spokesman by Jakarta, but with no control over the military.

The first time in the 1,500 Timorese in the country, 1,500 Timorese people mourning Mr. Xanana's death. A Muslim killed the people in clashes between pro- and anti-Indonesian soldiers.

Only about 1,000 were demonstrators, he said. "We are all in mourning because they are innocent people who died."

Mr. Xanana's spokesman, Brigadier-General Rudolf Wignoto, is trying to assess the threat and condemn the "old strategy for ending the resistance against Indonesia's rule."

He attacked the employment by the security forces of "night" who he said offered their positions to settle old scores.

"They are bandits and terrorists," he said. "The soldiers in the army have to be equipped themselves by the military commander never accepted my plea not to use them."

"The consequence of this is that I have lost a lot of my credibility. The military has a low credibility."

The military has admitted that it was to blame for the deaths of 11 killed, which provoked an international outcry.

Brigadier-General Wignoto said yesterday that he would begin shooting when he covers up the military's advanced threats imply, but he admitted there had been confusion.

A junior officer had told his troops not to fire after warnings they were prohibited grounds, but they had begun shooting.

However, Mr. Xanana's spokesman said that the military's "mistake" was not the "mistake" and "mistake" who was in the

“We are all in mourning because they are innocent people who died.”

...we were shocked at claims that a hand grenade had been thrown.

He said on his return to Melbourne: "I am absolutely convinced that there is no sign of any provocative behaviour on the part of the soldiers. I saw no sign of anything resembling a hand grenade."

He added: "There was no case of pointed volleys of fire; it was not a case of single-shot weapons; it was a case of scattered automatic weapons fire from many, many guns for a full two minutes into a crowded street that had about 1,000 people in it with no possibility of cover."

Indonesia's armed force commander has promised an investigation into the killing and the United Nations Secretary-General Mr. Javier Pérez de Cuellar has demanded that it be credible.

As well, a team from the United States Embassy in Jakarta will arrive in East Timor today to assess the situation.

In Washington, a State Department spokesman, Mr. Richard Bushell, said: "We believe that nothing that may have taken place could justify a military reaction of this magnitude, resulting in such a large loss of life by unarmed civilians."

Senator Labor's Pol. chairman of the powerful Foreign Relations Committee, Bill Walsh, said he would call for a military aid to Indonesia.

Meanwhile, an editorial in the Jakarta press have called for a thorough investigation into the massacre.

The ruling Golkar Party newspaper, Suara Karya, and the DHI (Democratic Front) had a negative impact on the image of Indonesia abroad which could "rapidly have wide implications if we do not expeditiously take neutralising action."

The leading Jember daily said that "while being firm and correct", authorities in East Timor should also "try to understand and consulting critical elements to overcome them by drawing the sympathy of the people".

PAGE 15: Aisack unmarked; Unmarked graves a grim reminder. PAGE 17: Haste brings an empty coffin.

189. 18 NOVEMBRO 1991 SMH

Monday, November 18, 1991

MASSACRE IN TIMOR

Indonesian Govt pledges full investigation

JAKARTA, Sunday. The Indonesian Government will set up a special commission to investigate the terror opened fire on the movement of the memorial service.

The State Secretary, Mr. Hartono, said today an independent committee would investigate all aspects of the incident, and he pledged to prosecute anyone found to have violated the law.

He said the committee would include representatives of the home, foreign and justice ministries, the armed forces and the House of Representatives. A Supreme Court investigation would break the committee, which would begin its inquiry immediately, and the results would be made public. "In due time"

The Indonesian Government regrets the incident, he said, but it also "will" with deep concern that there were "provocative" elements, which had started the bloody incident.

The military has said the shooting resulted from the misunderstanding of an order. Witnesses have said it was unprovoked.

In 1991, priest-archbishop East Timorese people flocked to church today to pray for their friends and relatives who died in the shooting, and the water continued for tens of other people shouting and were still missing.

Witnesses in and around the church said that security forces had set up road blocks and had been

rounding up suspects for interrogation since last Tuesday, when the soldiers shot at protesters according to reports from East Timorese killed two weeks ago in clashes between pro- and anti-Indonesian activists.

The Indonesian Government has said that only 19 people died in the shooting in the former Portuguese colony, annexed in 1976. However, other estimates put the death toll as high as 180.

Father Heito, the pastor of Holy Church, near Santa Cruz Cemetery, where the shooting occurred, said, "Many mothers have come to me searching for their sons. What can I tell them?"

He said he was trying to get

Indonesian military permission to get a hospital where about 80 people injured in the shooting are being treated.

People had become fed up with the shootings and were living under pressure, he said.

Since the annexation of East Timor, Indonesia has tried to bring the local economy up to the level of the rest of the country but at a phenomenal cost.

Diplomats estimate that 200,000 people — nearly half of the population — have died in the past 15 years in war and famine in the predominantly Roman Catholic province, where Indonesia has been charged with massive human rights abuses.

One youth outside Holy Church said his brother was still missing and that he and his friends had been frightened to go back to school since Tuesday.

Lighter in the church compound said masked men in black came at night to their houses to take away youth, and were not seen again.

Frente in Hill said the churchmen were given permission right into the had been walking for weeks since last year.

Diocese requires that Roman Catholic priesthood been told not to mention Timor's name in their sermons. Father Heito said prayers would be offered for the dead at services tomorrow.

Byline

Former envoy urges Hawke to visit Indonesia

CANBERRA The former Australian ambassador to Indonesia urged today that the Australian Government should make a more explicit commitment to East Timor's problems, according to the former Australian ambassador to Indonesia, Mr Bill Morrison.

"I think probably President Morrison would be the first to make the recognition that the military operations in East Timor are a

major violation of international law," Morrison told a group of 150 people at a breakfast.

A visit by Mr Morrison would be ideal, Mr Morrison said, "because of my opportunity to talk directly to President Soeharto and capture the Australian message on East Timor."

Popularly would be a visit to Mr Morrison in Australia.

"I would really hope that

President Soeharto could come to Australia, which he could do up to the National Press Club," he said.

Mr Morrison was the Australian ambassador to Indonesia from 1975-80.

He said ministers could influence Indonesian thinking on East Timor, as there were discussions in Jakarta and shared Australian concerns.

"We are now in a position following the massacre where there is still much opposition of interest to Jakarta itself," he said.

"There will be a more ready acceptance of the fact that there has to be some solution of the problem, which is not going to be a military solution."

One way would be for Australia to urge the Indonesian to give the East Timor government, Mr Morrison

emphasised, the authority to negotiate directly with Indonesia. Mr Morrison added.

Mr Morrison said an early dialogue was critical to Indonesia's proposed that that year.

He said Indonesia's authorities and the people of East Timor, including resistance forces, could do better and work out how East Timor could secure part of Indonesia to a mutually acceptable to both



Survivors hid in crypts and prayed

By CHRIS JACKHOLT
DAPWIN




Mr. Anderson, left, and Mr. Day — lucky to be alive.

SPM: INDOONESIAN SOLDIERS PREPARE TO FIRE

Malaysian burial for student victim

KUALA LUMPUR: The body of a Malaysian student, Kamal Barnalia, killed when Indonesian troops fired on protesters in East Timor, was transported from Freix on Saturday and buried in a Muslim cemetery near here.

The funeral was attended by people loved by the Indonesian authorities as killed.

Members of the Indonesian people's unity group, SUPA (Serikat Sepak Bola STABAS), who attacked the funeral and Mr. Barnalia was "paganically hit to his accident on Islamic faith".

The Malaysian Government has made an official comment on the student.

Mr. Barnalia, who was studying in Australia, was reportedly working in East Timor as a translator for Community Aid Abroad.

"I was shocked at the news when they showed me the pictures of him. I was not prepared to get such news. He was a very good person. He was very kind and helpful. He was a very good person. He was very kind and helpful. He was a very good person. He was very kind and helpful."

Lorraine Walsh
Lorraine Walsh

190. 18 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

Dili massacre gives Church upper hand

By MOSES MANOHARAN in Dili

LAST week's Timor massacre has brought Indonesian authorities to the brink of defeat in a 16-year struggle with the Catholic Church of the hearts and minds of the people of East Timor, survivors said yesterday.

The Director of Indonesian Church for Strategic and Institutional Studies, the Reverend M. W. S. M. and his colleagues, who are in Dili, said a setback was imminent and called for a showdown by October 1991 over the future of the island.

Without a change in Indonesian policy, we would be in the same league as with the Catholics, who need to be in a hurry because after the June 1989 election in the Indonesian Senate, Mr. W. S. M. said.

Members of the United States Congress yesterday condemned the Indonesian action and demanded a resolution to force a suspension of US military aid to Indonesia.

The European Community also condemned the killing and called for an inquiry and a thorough investigation of the incident.

At the heart of the problem is government policy on indigenous life

and justice across the length of the East Timor.

The massive military force used in the conditions created in Timor's villages.

The military aimed and moved against the Catholic Church, the people of Timor, Indonesia as part of a strategy called a structural approach to civil and political rights and has been rejected by President Suharto.

In the process, Catholics employed the former security forces to settle their scores and divided the people of East Timor.

As a result, the military is seen as the villain, the Church the refuge.

The Indonesian military commander, Major General Sintono P. Sintono, has defended the army's controversial actions of the territorial approach, which also includes the use of military force to settle the scores.

Mr. Sintono said the military had only succeeded in the villages, not in Dili, and he asked the army to stop recruiting Timorese who have a long history of fighting against themselves.

Under Indonesian rule, the number of schools in East Timor has risen from 70 to 570, but the literacy rate, which was only 5 per cent under Portugal.

But Mr. Sintono said there were no ties with the graduates and the per-capita annual income, \$1,100 (\$19,500), almost four times that of the colonial era, was only a fraction of the rest of Indonesia.

Analysis says economic development has brought better educated migrants from other parts of the country who have pushed aside the East Timorese, exacerbating anti-Indonesian sentiment.

The military force in East Timor is the Church, which reach to be backed by the shrines and statues of Christ and the Virgin Mary, dotting the landscape and the power of the people who attribute social discipline through the people.

People follow the Church closely. The army will not let it down, they say to the Church. Mr. Sintono said.

General Sintono has threatened to close a church-run school, the only one in the territory teaching Portuguese.

Finally, the East Timor force, the church, says a showdown which the military was certain to lose in terms of winning the sympathy of the people.

This is a difficult time for Catholics. Mr. Sintono said.

Military seen as villain

Mounting-Indonesian Indonesia the territory of 1,000,000 people who are mainly Catholic, passionately defend their cultural and political rights.

Indonesia has used the military to implement development projects including the building of roads, schools and hospitals in villages to bring the Timorese with the rest of Indonesia's population, mostly across villages with a strong Hindu or Hindu cultural outlook.

Analysis says that while economic development has brought the better educated migrants from other parts of the country who have pushed aside the East Timorese, exacerbating anti-Indonesian sentiment.

The Governor of East Timor, Mr. M. S. M. S. M. said yesterday. We have over 100,000 Catholic churches, but we have only 100,000 Catholics. The church is not doing well.

But he admitted it did not suit the authority of the Church, whose greater sympathy to social problems.

Former ambassador urges Hawke to visit Indonesia

By KATHERINE GILKINSON

THE Prime Minister, Mr Hawke, should visit both to challenge the Indonesian view on East Timor and to offer a more realistic solution to East Timor's problems, says former Australian ambassador to Indonesia, Mr Bill Morrison, who visited Jakarta last week.

While Morrison was not in a position to force his will on Indonesia, Mr Morrison said Mr Hawke should use his influence to encourage peace negotiations in East Timor.

"I think probably President Suharto would be the first to make the suggestion that the military operations in East Timor after 16 years still haven't achieved their purpose," Mr Morrison told the ABC news programme.

Mr Morrison's comments can be seen in the debate over how Mr Hawke should respond to East Timor's

message, when the Indonesian military opened fire on several thousand protesters in the Santa Cruz church in Dili, killing about 200 people, according to news reports.

Mr Morrison, who was the Australian ambassador to Indonesia from 1982 and a defence minister in the Whitlam government, said Australia could influence Indonesian thinking on East Timor because there were Indonesians in Jakarta who had similar concerns.

A spokesman for the Prime Minister said Mr Hawke had not decided whether he would go ahead with his visit to Indonesia.

Meanwhile the president of the Business Council of Australia, Mr Brian Larson, said Australia needed to have a strong Ambassador, by appointment and a foothold in Indonesia.

Suharto promises justice

By Correspondents in Dili and Jakarta

THE Indonesian Government said yesterday it would set up a high-powered committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet, in a very short session, decided to set up the committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet also decided to set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet also decided to set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet also decided to set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet also decided to set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet also decided to set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

Continued — Page 10

More reports — Page 10

Suharto pledges to bring guilty parties to justice

From Page 1

...to ensure that the guilty parties to the 1975-1976 killings in East Timor are brought to justice.

President Suharto said he would set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet, in a very short session, decided to set up the committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet also decided to set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet also decided to set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet also decided to set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet also decided to set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet also decided to set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

...to ensure that the guilty parties to the 1975-1976 killings in East Timor are brought to justice.

President Suharto said he would set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet, in a very short session, decided to set up the committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet also decided to set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet also decided to set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet also decided to set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet also decided to set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

The cabinet also decided to set up a committee to investigate the 1975-1976 killings in East Timor.

Bob Hawke apela à Indonésia para negociar uma solução sobre Timor

Bob Hawke, endirecendo pela primeira vez a sua posição em relação à Indonésia, apelou ao Governo Indonésio para negociar uma solução sincera para o conflito de Timor Leste, com o Povo da Ilha e com o Povo de Timor Leste. Bob Hawke rejeitou o reconhecimento da anexação em 1976 mas considerou que a Indonésia não ganhou as mentes nem a coração do Povo de Timor Leste, adiantando ver óbvio a existência de um sentido de independência cultural na Ilha. Contudo informou que, apesar dos incidentes, pensa visitar a Indonésia em Fevereiro do próximo ano.

191. 18 NOVEMBRO 1991 O PORTUGUÊS, SIDNEY

18/11/91 Ano 5 Registered by Australia Post, Publication no. NBF 8834 PO BOX 180 Dulwich Hill, NSW 2205 Preço \$1.20

Que mais é preciso para o Mundo acreditar?

Em verdadeira orgia de ódio o exército da Indonésia mata, a sangue frio, mais de 150 civis Timorenses

Jornalistas americanos feridos e estudante australiano assassinado durante o massacre

Se alguma dúvida subsistisse no espírito do líder do mundo livre sobre a violação aos direitos humanos feita diariamente, quer pelo exército de ocupação Indonésio quer pelas autoridades Indonésias, em território Timorenses, elas desapareceram perante o verdadeiro massacre feito, com ódio e o desprezo, sobre um País que luta, não só pela sua sobrevivência, mas, também, pelo direito à sua própria liberdade, em que morreram cerca de 150 pessoas e ficaram feridas várias dezenas mais.

Antes da carnificina o povo autóctone, de mãos dadas e com o canto dos religiosos Portugueses, seguiu pacificamente incorporado num cortejo fúnebre dedicado a um jovem assassinado no recente assalto a uma Igreja de Dili. Quando o cortejo se aproximou do cemitério começou a ser sobrevoado por helicópteros e um braço recebeu-lo o exército Indonésio.

Depois foi a tragédia...

Não se tratou de uma luta entre o laços divergentes de um exército, não se tratou de luta entre exército e guerrilha, tratou-se simplesmente de disparar indiscriminadamente sobre milhares de pessoas indefesas, entre as quais centenas de crianças e mulheres, cujo único crime para o exército opressor era usarem a assistência um enterro para os seus Timorenses e era simpatizarem com a liberdade.

A máscara está, de maneira clara, perante o mundo que não tem vindo a acreditar, da boca do General Suharto e sua ditatorial regime. Há alguns dias atrás os mesmos soldados haviam morto várias pessoas numa das Igrejas de Dili. O regime não se imedia em sua defesa. Poucos dias



EDITORIAL

Luís Macedo Ferreira

Durante a ocupação pela ocupação indonésia sobre o território de Timor Leste mais de 200 mil Timorenses foram mortos pelas forças de ocupação. Um milhão que cerca de 1/3 da população Timorese já foi deslocado neste espaço de tempo perante a revolta de milhares e milhares de vida humana e indistincta e complexidade de causa de muitos outros. No último século mais um milhão de saqueadores e furtivos já foi martirizado. Pelo, mais de 150 pessoas, na sua maioria jovens mulheres e crianças, defensas, iram mortes, pelas mãos assassinas, quando seguem numa esteira fúnebre. Não foi um caso excepcional da mais pleneira violação dos direitos humanos, mas uma repetição típica que durante dezasseis anos teve sido a prática da ocupação Indonésia. Somente desta vez, vários jornalistas estrangeiros estavam no local de um refinamento podendo, assim, cuidar ao mundo inteiro sempre foi denunciado pelo povo Timorense mas sempre negado pelas autoridades de Indonésia. Uma das razões pelas quais ligadas à Austrália e aos EUA, países que têm jornais influentes, por motivos de interesse económico, toda a comunidade internacional e quem não abalado sobre aquele País. O seu comprometimento foi muito maior para a própria consciência dos dirigentes do povo País. É que a Democracia é a essência de uma civilização de maior idade, que na história política, que a política respectiva. Aquando do conflito de Kowloon e quando havia condenou a invasão arbitrariedade e violação dos direitos humanos, e assim foi, muito depois de um País ocupado. Timor foi sempre há de conta americana, muitos direitos não são frequentemente violados. O Nágios Unidos nunca aceitaram esta ocupação, mas o mundo sempre se a um jogo de meias palavras e considerações, mas estas, pelo menos, de uma maneira eficaz, prevenir a intimidação e respeito os seus princípios principais dos direitos humanos. Dos casos de im-

para princípios dos direitos humanos, onde casos de im-
por, Nágios e Timor, com dois milhões de pessoas, de
opção e violação dos direitos humanos, por exemplo, no
caso do Kowloon a ocupação portuguesa em 1974, de
posição de administração de Kowloon no Mestrado de
o mercado em grandes negociações em nome do
Dirador traçoano. No caso de Timor, existem
circunstâncias mais de igual natureza. A República de
mente que na Península, não só junto à Timor, mas
também, em várias zonas de influência de Indonésia.
Deu modo, as tentativas de invasão e ocupação de
os Indonésios. No caso da Austrália, não é mais do que
evidente. A Austrália é por natureza da sua forma de
constituição e da sua história em País de Democracia
democrática e equidade. Contudo, no caso de Timor, a
liberdade que a Índia para muito mais modesto, mas
trabalha que nos direitos humanos. É que a luta de
exploração de petróleo, no caso de Timor. É um grande
recurso à grande Timor e a Austrália, com os seus
serviços. No último ano, por exemplo, uma grande empresa de
exploração petrolífera da BHP, no valor de \$175 milhões,
de acordo com a sua própria estimativa, em nome de uma
sociedade com interesses Australianos para a exploração
de petróleo na zona de Kowloon, de propriedade da
petrolífera de \$500 milhões de petróleo por dia produz
no território de Timor. Em Julho último, a BHP
estratégia de exploração petrolífera em Timor explorou e área
abandonada no norte de Kowloon (Kup) entre a Indonésia
e a Austrália. Desde 1950 que a BHP tem vindo a fazer
investimentos petrolíferos na área da Indonésia de Timor.
Quando a Indonésia de Timor em 1975, a Austrália começou
a não permitir a BHP. Por isso, reconheceu a situação
por não permitir a salutarização da sociedade de Kowloon
o povo Timorense por isso se acordou com a BHP, a
e por isso, passou para segundo plano a sua própria
consciência de País de liberdade, da qual a BHP é
de defender dos Direitos Humanos. Mas uma vez em
interesse, interpretam toda a vida a regular a vida do
homem.

Que mais é preciso para o Mundo acreditar?

Após o mesmo padrão provém este grande sucesso. Que desfecho poderá agora ser feito? A mesma de todos os regimes ditatoriais - estariam armados atacaram primeiro, etc.

Um jovem estudante Australiano de nacionalidade Neozelandesa e de apelido Makiu. Foi uma das vítimas provocadas por um verdadeiro massacre. Era jovem Universitário de nome Kunal Bamudjaj, inscrito da "Comunidade Aid Abcare", de apenas 21 anos e de ascendência, passando várias festivas no meio daquele ritmo sem sentido. Mas de quatro Australianos, recombinando-se, na data do massacre com que se deu uma primeira morte. Esta prova chegou para Timor para acompanhar a visita do grupo Parlamentar Português. As suas campanhas são a defesa da autodeterminação do Povo de Timor com todo o conteúdo. Muitas vezes falou em público da sua simpatia por tal causa. Quando decidiu ir a Timor tinha consciência de que a sua vida corria perigo. Agora pugna com essa mesma vida a solidiedade que, na infância da sua juventude, sempre demonstrava pelos países que desejam a liberdade.

Mesmo depois de massacre a vague de "branco", por parte de um grupo indonésio, continuou, sem peias e arbitrariedades, de todo o género.

Um jornalista Americano foi empurrado, empurrado, agredido com armas, juntamente com a outra jornalista Americana e puderam testemunhar para as câmeras de vídeo a maneira e a realidade indonésia a que assistiram. Paralelamente estes jornalistas também dedicados a Timor para observar a abordagem visita da Delegação de Deputados Portugueses à parte espírita e tinham sido a autorização das autoridades da Indonésia para poderem contar ao mundo "que tudo corria sobre rodas naquele território". Falava por detrás da porta fechada, coberto por a manter uma calma que não parecia ser, mesmo depois de chegada a Timor. Alguns dos jornalistas do MITOS, me lembro de um deles que durante a viagem não tem qualquer problema. Estes não estiveram em contacto com a visita e nem que não houve provocação de nenhum dos elementos humanos que acompanharam a acampamento da Embaixada. Houve um bom desvio para o sempre de outra banda virou a um lado latente.

Portugalifica a cidade de actos de autoridades Indonésias de maneira que tinham a informação de que já era de uma presença e encontravam armadas de F-16 a caminho da visita usado pela aviação Portuguesa, e que acompanharam bandeirolas do Brasil.

Segundo o Indonésio Local Aid e promissões feitas para de 1981 para 2010 cerca de 300 milhões.

O Governo de cada a maneira na sua generalidade, conduziram de maneira esta verdadeira afronta aos direitos humanos e queridos a sua meta de igual a indonésia e suas relações enquanto todos não esclarecido. Deixei Passé foram mais moderados a Austrália, um dos grandes parceiros comerciais da Indonésia e que não consideram a situação de Timor como um facto anormalizado, e a Austrália que, de volta a sua casa, de vezes nunca se dá conta do estado político e referencial que se encontra no Timor. Ambos estes Países mantiveram economicamente, mas com a repressão política somente uma obra - tanto a repressão pela parte das autoridades Indonésias, como a oculto.

No MITOS, com a repressão política e repressão por parte de autoridades de cada a favor para a divulgação da presença reunida dos envolvidos.

Democratas Australianos repudiam, energeticamente, os acontecimentos de Dili

Na Austrália a postura para os Negócios Estrangeiros dos Democratas e Deputado Vasil Bouren, explica que o Governo Australiano tomou uma posição de firmeza perante a Indonésia e a sua população em Timor. Não consumado a imprensa esta República de um tempo de assunção Timor ser resolvida e de o Governo Australiano disse dos meios médios a sua finalidade em Timor para investigar os acontecimentos para além de dar o apoio necessário de uma delegação parlamentar para o final de de observar respeito pelos direitos humanos. Seguida esta conferência Parlamentar dos Democratas Australianos e jornalistas Australianos foi feita há duas semanas nas tentativas de resolver os factos do Exército Indonésio, General Fry, a indonésia, no exercício e evitar mais atentados aos direitos humanos. Vasil Bouren conversou com o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Austrália, Evans. "Em esta reunião após visita do General de Novembro para o Ministro de Defesa que dirigiu a visita e principais assuntos a tratar seriam os de assegurar militarmente, que, mais no massacre se deu, está Deputado chama a atenção do Governo Australiano para contar uma história em defesa da Povo Timorense, pois, segundo ele, ainda não é nada para ser uma punição quando em jogo estão, mesmo de deixar dum novo século, detenas e detensas de violações dos direitos humanos, mesmo ao lado de uma porta.

A nossa reportagem contactou o Embaixador de Portugal em Canberra Dr. Luis Gomes

A nossa reportagem esteve em contacto com o Embaixador de Portugal na Austrália, Dr. Luis Gomes. Quando lhe perguntámos a sua reacção perante o acontecimento ocorrido em Timor, com a voz emocionada, disse-nos que fora o primeiro de Espanha e de Portugal, mas que suas opiniões do acontecimento indonésio tinham no sentimento da sua missão de estar aqui para desprezar pelos direitos humanos. Desta vez o impacto fora maior porque havia sido testemunhado por muita gente, incluindo jornalistas. Informamos que o Governo Português já havia distribuído um comunicado a todas as Embaixadas acreditadas em Lisboa que, internacionalmente, pediu a apelação para a continuação de tais actos como parte do cumprimento e respeito pelas deliberações das Nações Unidas. Por outro lado, e pela sua parte, como Embaixador, ele já havia apelado ao Governo a persistência de tal acto e intercedendo as pressões diplomáticas possíveis ao nível alcançado. Apreciando a posição da Austrália informamos que, em pouco se altera a relação as posições de agora tomadas, mas que, pela primeira vez, havia pronunciado mais duramente tudo o que aconteceu aproximadamente, desde muito mais do que a mesma ideologia Australiana como defensora da liberdade e da igualdade. Sobre os acontecimentos em Timor pedíamos que se explicasse a situação de liberdade, que nos acreditava muito pouco quanto à futura situação de liberdade implantada em Timor com a resolução mundial de liberdade, tempo para poder aceder.

Portugal

Violação dos direitos humanos em Timor

Comunicado do Governo Português sobre a situação dos Direitos Humanos em Timor-Leste

1 - Timor-Leste encontra-se atualmente sob a ocupação militar portuguesa. Desde o início da ocupação militar de Timor-Leste que esta última tem vindo a sofrer violações dos direitos humanos em Timor-Leste. Desde o início da ocupação militar de Timor-Leste que esta última tem vindo a sofrer violações dos direitos humanos em Timor-Leste.

2 - Em 1991, em 20 de Maio, o Conselho Europeu adotou uma resolução sobre Timor-Leste, em que se reconhece a violação dos direitos humanos em Timor-Leste. Desde o início da ocupação militar de Timor-Leste que esta última tem vindo a sofrer violações dos direitos humanos em Timor-Leste.

3 - O Conselho Europeu decidiu em 20 de Maio de 1991, em 20 de Maio, o Conselho Europeu adotou uma resolução sobre Timor-Leste, em que se reconhece a violação dos direitos humanos em Timor-Leste. Desde o início da ocupação militar de Timor-Leste que esta última tem vindo a sofrer violações dos direitos humanos em Timor-Leste.

4 - O Conselho Europeu decidiu em 20 de Maio de 1991, em 20 de Maio, o Conselho Europeu adotou uma resolução sobre Timor-Leste, em que se reconhece a violação dos direitos humanos em Timor-Leste. Desde o início da ocupação militar de Timor-Leste que esta última tem vindo a sofrer violações dos direitos humanos em Timor-Leste.

5 - O Conselho Europeu decidiu em 20 de Maio de 1991, em 20 de Maio, o Conselho Europeu adotou uma resolução sobre Timor-Leste, em que se reconhece a violação dos direitos humanos em Timor-Leste. Desde o início da ocupação militar de Timor-Leste que esta última tem vindo a sofrer violações dos direitos humanos em Timor-Leste.

6 - O Conselho Europeu decidiu em 20 de Maio de 1991, em 20 de Maio, o Conselho Europeu adotou uma resolução sobre Timor-Leste, em que se reconhece a violação dos direitos humanos em Timor-Leste. Desde o início da ocupação militar de Timor-Leste que esta última tem vindo a sofrer violações dos direitos humanos em Timor-Leste.

7 - O Conselho Europeu decidiu em 20 de Maio de 1991, em 20 de Maio, o Conselho Europeu adotou uma resolução sobre Timor-Leste, em que se reconhece a violação dos direitos humanos em Timor-Leste. Desde o início da ocupação militar de Timor-Leste que esta última tem vindo a sofrer violações dos direitos humanos em Timor-Leste.

8 - O Conselho Europeu decidiu em 20 de Maio de 1991, em 20 de Maio, o Conselho Europeu adotou uma resolução sobre Timor-Leste, em que se reconhece a violação dos direitos humanos em Timor-Leste. Desde o início da ocupação militar de Timor-Leste que esta última tem vindo a sofrer violações dos direitos humanos em Timor-Leste.

9 - O Conselho Europeu decidiu em 20 de Maio de 1991, em 20 de Maio, o Conselho Europeu adotou uma resolução sobre Timor-Leste, em que se reconhece a violação dos direitos humanos em Timor-Leste. Desde o início da ocupação militar de Timor-Leste que esta última tem vindo a sofrer violações dos direitos humanos em Timor-Leste.

10 - O Conselho Europeu decidiu em 20 de Maio de 1991, em 20 de Maio, o Conselho Europeu adotou uma resolução sobre Timor-Leste, em que se reconhece a violação dos direitos humanos em Timor-Leste. Desde o início da ocupação militar de Timor-Leste que esta última tem vindo a sofrer violações dos direitos humanos em Timor-Leste.

11 - O Conselho Europeu decidiu em 20 de Maio de 1991, em 20 de Maio, o Conselho Europeu adotou uma resolução sobre Timor-Leste, em que se reconhece a violação dos direitos humanos em Timor-Leste. Desde o início da ocupação militar de Timor-Leste que esta última tem vindo a sofrer violações dos direitos humanos em Timor-Leste.

12 - O Conselho Europeu decidiu em 20 de Maio de 1991, em 20 de Maio, o Conselho Europeu adotou uma resolução sobre Timor-Leste, em que se reconhece a violação dos direitos humanos em Timor-Leste. Desde o início da ocupação militar de Timor-Leste que esta última tem vindo a sofrer violações dos direitos humanos em Timor-Leste.

13 - O Conselho Europeu decidiu em 20 de Maio de 1991, em 20 de Maio, o Conselho Europeu adotou uma resolução sobre Timor-Leste, em que se reconhece a violação dos direitos humanos em Timor-Leste. Desde o início da ocupação militar de Timor-Leste que esta última tem vindo a sofrer violações dos direitos humanos em Timor-Leste.



Mário Soares pediu medidas urgentes à ONU



Bush manda missão de Inquérito à Indonésia



Para Suharto, ditatorialmente, tudo sob controle



Um Povo amante da liberdade que, em dezasseis anos, já viu mais de 200.000 companheiros serem aniquilados



O Governo de Cavaco e Silva firme na reacção



Bob Hawke endurece críticas à Indonésia



O Chefe das Forças Indonésias diz que as suas forças foram provocadas



Perez de Cuellar chama a atenção do C. S. da ONU



Kamal Bamadhaj, estudante de Sydney, morto

192. 18 NOVEMBRO 1991 RDP

18/11/91 12:30 (18/11/91) de

enquanto o primeiro ministro neozelandês Jim Bolger declarava que o massacre em Díli é a morte de um cidadão do seu país haviam colocado as relações entre a Indonésia e o Timor no ponto mais baixo desde sempre, continuar a viajar à Austrália mais nada sobre o massacre de balsa de Díli.

Os fotógrafos ingleses Stephen Cox e outro jornalista australiano Russell Anderson estiveram escondidos numa cripta do cemitério de Santa Cruz enquanto as tropas indonésias disparavam, segundo as suas declarações prestadas à sua chegada a Darwin, os cerca de 2 mil timorenses foram enterrados como ratos antes de serem abatidos.

Os dois estiveram batidos numa cela principal, depois de terem confirmado haver centenas de corpos na rua. Fontes da Interpol na Austrália confirmaram hoje terem sido confirmados de 105 mortos, incluindo os que foram decapitados depois do massacre, abatidos no Sáhao e sepultados numa vala comum em Demassí na ribeira Komoro, a oeste de Díli e a embaixada australiana em Jakarta *aprox. um 1000 mortos* *para 1991/92*

O presidente indonésio prometeu a realização de um amplo inquérito e o padre italiano Stefano Petrato conseguiu vídeo cassettes do massacre as quais foram remetidas para o exterior.

20p 123/91 18/11/91 02 22:30
 um ~~embaixador~~ ~~australiano~~ na ~~indonesia~~ Bill Morrison
 de 1985 o ~~embaixador~~ do primeiro ministro australiano
 sob pressão para ~~cancelar~~ a sua visita a ~~aquele~~ país
 previsto para ~~meados~~ do próximo ano ~~o~~ ~~ministro~~ ~~da~~ ~~defesa~~
~~antes~~ ~~da~~ ~~invasão~~ ~~indonesia~~ com base na influência que a
~~guarnição~~ que ~~está~~ ~~em~~ ~~Timor~~ ~~Leste~~ e a qual é visível
 no tipo de editoriais escritos nos jornais indonesios,
 com ênfase nos últimos dias na ~~indonesia~~ por
 especial atenção para o tempo e ~~compas~~ ~~exige~~ a realização
 de um inquérito que - ~~como~~ - ~~limpa~~ e ~~revela~~ ~~os~~ ~~crimes~~
~~contra~~ ~~as~~ ~~liberdades~~ ~~humanas~~ ~~na~~ ~~indonesia~~.

mas longe foi o director de ~~trabalho~~ de estudos
 estratégicos de Jakarta, Yusuf Wanandi que disse que
~~este~~ ~~era~~ ~~um~~ ~~momento~~ ~~negro~~ ~~semelhante~~ ~~a~~ ~~tiem~~ ~~em~~ ~~na~~ ~~em~~ ~~na~~
~~china~~, por seu filho ~~na~~ ~~Viagem~~ ~~carretilha~~ ~~governador~~
 de ~~timor~~ ~~leste~~ ~~de~~ ~~clarou~~ ~~que~~ ~~a~~ ~~ação~~ ~~irresponsável~~ ~~dos~~
 militares ~~avia~~ ~~feito~~ ~~perder~~ ~~a~~ ~~sua~~ ~~credibilidade~~ ~~e~~ ~~o~~
~~favorece~~ ~~ainda~~ ~~mais~~ ~~o~~ ~~apelo~~ ~~dos~~ ~~timorenses~~ ~~a~~ ~~ação~~
~~estática~~.

os comandantes militares indonesios responsáveis por
~~timor~~ ~~leste~~ ~~estão~~ ~~em~~ ~~justificar~~ ~~a~~ ~~ação~~ ~~que~~ ~~criou~~
~~nas~~ ~~testemunhas~~ ~~de~~ ~~cinco~~ ~~dos~~ ~~sete~~ ~~estrangeiros~~ ~~presentes~~
~~os~~ ~~mesmos~~ ~~as~~ ~~suas~~ ~~afirmações~~: ~~segundo~~ ~~as~~ ~~últimas~~ ~~notícias~~
~~recolhidas~~ ~~em~~ ~~1981~~ ~~30~~ ~~jovens~~ ~~foram~~ ~~assassinados~~ ~~depois~~
~~de~~ ~~serem~~ ~~sequestrados~~ ~~e~~ ~~os~~ ~~seus~~ ~~corpos~~ ~~enterrados~~
~~numa~~ ~~vaia~~ ~~comum~~ ~~próximo~~ ~~do~~ ~~local~~ ~~onde~~ ~~o~~ ~~país~~
~~celebrou~~ ~~missa~~ ~~em~~ ~~1980~~ ~~concluindo~~ ~~como~~ ~~os~~ ~~campos~~ ~~da~~
~~morte~~, ~~o~~ ~~general~~ ~~responsável~~ ~~militar~~
~~pela~~ ~~na~~ ~~oriental~~ ~~indonesia~~ ~~ameaçou~~ ~~entretanto~~ ~~fornecer~~ ~~o~~
~~instalar~~ ~~o~~ ~~posto~~ ~~de~~ ~~uma~~ ~~escola~~ ~~secundária~~ ~~em~~ ~~timor~~ ~~que~~
~~continua~~ ~~a~~ ~~praticar~~ ~~o~~ ~~ensino~~ ~~em~~ ~~português~~.

Handwritten notes:
~~o~~ ~~país~~ ~~de~~ ~~timor~~ ~~leste~~ ~~está~~ ~~em~~ ~~uma~~ ~~situação~~ ~~de~~ ~~crise~~
~~de~~ ~~segurança~~ ~~devido~~ ~~à~~ ~~ação~~ ~~dos~~ ~~militares~~ ~~indonesios~~
~~que~~ ~~estão~~ ~~em~~ ~~processo~~ ~~de~~ ~~cancelar~~ ~~a~~ ~~visita~~ ~~do~~ ~~embaixador~~ ~~australiano~~
~~Bill~~ ~~Morrison~~ ~~devido~~ ~~à~~ ~~pressão~~ ~~exercida~~ ~~pelos~~ ~~serviços~~ ~~de~~ ~~defesa~~ ~~australianos~~
~~devido~~ ~~à~~ ~~influência~~ ~~exercida~~ ~~pelos~~ ~~meios~~ ~~de~~ ~~comunicação~~ ~~indonesios~~
~~que~~ ~~estão~~ ~~publicando~~ ~~editoriais~~ ~~de~~ ~~crítica~~ ~~contra~~ ~~a~~ ~~guarnição~~ ~~de~~ ~~timor~~ ~~leste~~
~~que~~ ~~está~~ ~~em~~ ~~timor~~ ~~leste~~ ~~e~~ ~~que~~ ~~é~~ ~~visível~~ ~~no~~ ~~tipo~~ ~~de~~ ~~editoriais~~ ~~escritos~~ ~~nos~~ ~~jornais~~ ~~indonesios~~
~~com~~ ~~ênfase~~ ~~nos~~ ~~últimos~~ ~~dias~~ ~~na~~ ~~indonesia~~ ~~por~~ ~~especial~~ ~~atenção~~ ~~para~~ ~~o~~ ~~tempo~~ ~~e~~ ~~compas~~ ~~exige~~ ~~a~~ ~~realização~~ ~~de~~ ~~um~~ ~~inquérito~~ ~~que~~ ~~limpe~~ ~~e~~ ~~revela~~ ~~os~~ ~~crimes~~ ~~contra~~ ~~as~~ ~~liberdades~~ ~~humanas~~ ~~na~~ ~~indonesia~~

193. 19 NOVEMBRO 1991 RDP

REP: 1991-11-19 10:18

segundo a radio australia noticia, a radio comecou a transmitir hoje pela primeira vez desde o principio manifestacoes de estudantes timorenses, cerca de 20 que entregaram peticoes a delegacao da onu e as embaixadas japonesa e australiana. embora policia indonesia estivesse presente no local registaram incidentes, os manifestantes que entregaram as peticoes em portiques tinham cartazes exigindo a retirada indonesia, negociacoes com o lider nacionalista xanana gustavo e a realizacao de um referendo para o timor leste.

o embaixador australiano em jakarta, philip flood solicitou hoje ao governo indonesio que deixe a cruz vermelha internacional entrar em timor e cuidar dos doentes necessarios para fazer exames medicos e medicamentos australianos para dilli, onde segundo as ultimas noticias muitos refugos continuam a ser tratados pelas autoridades indonesias.

o comite sindical do territorio norte australiano declarou hoje em darwin o cancelamento da navegacao entre a australia e indonesia, cancelando todos os trabalhos normais de manutengao do consulado indonesio neste estado, a recusa do lixo, e apelando para a imposicao de medidas mais a nivel nacional, trata-se da primeira vez que isto acontece desde 1770.

em canberra o embaixador australiano de exterior disse que ~~o governo australiano esta a considerar a possibilidade de enviar~~ ~~pacotes de ajuda contra a indonesia~~ ~~sendo~~ ~~que se encontram plantados cerca de uma centena de cruzeiros assinalando os mortos de ha uma semana em dilli.~~

1991.12.15.31 1991.12.15.31 20.00 02

O Comité Sindical do Território da capital australiana
 decidiu hoje pela segunda vez consecutiva que a Austrália
 expulsa os diplomatas indonésios e fecha a sua embaixada.
 Isto acontece ao ponto de piquete de greve ontem
 iniciada em frente à embaixada e a suspensão de paragem
 entre o território norte australiano e a Indonésia e
 também o ponto de consular indonésio em Darwin.

Entretanto segundo as últimas notícias que a comercial
 Leve de ABC, 2 jogadores de futebol que em maio passado
 decidiram não pedir asilo político regressando a si só
 com a razão de a polícia seus teriam sido vitimados pela
 violência de há uma semana. A identidade de dois deles foi
 dada apenas pelos seus primeiros nomes por falta de dados.

Em Melbourne a presidente do Comité de acção timorese,
 emilia Pires garantiu que há uma semana que diariamente
 recebe informações da identidade de detidos dos métodos de
 tortura e de torturas e detenções que se seguirão aos
 mesmos.

rdp 124,01 19/11/91 12

um hoje anunciado pela agência noticiosa australiana
 associada press que os serviços secretos australianos
 tinham obtido as conversações entre autoridades
 militares em Dili e Jakarta anteriores ao massacre das 0
 ministério da defesa e dos negócios estrangeiros
 australianos recusou-se a comentar sobre a notícia.

o parlamentar trabalhista gary gibson declarou à
 comercial que havia tido conhecimento directo de Dili do
 desaparecimento de membros de famílias timorenses na
 sexta-feira e que alegadamente seriam sido associados
 como a comercial anunciou ontem. gary gibson disse que
 esse tipo de genocídio não pode ser tolerado, pois
 trata-se de um acto de aniquilação total dos timorenses,
 e que havia já contactado o antigo ministro e o mee
 australianos os quais pediram confirmação à embaixada em
 Jakarta.

a oposição australiana pediu igualmente a suspensão de
 visitas australianas oficiais e o cancelamento dos
 acordos de cooperação militar e económica com a
 indonésia.

a mãe do estudante malalo de nacionalidade neozelandesa
 morto na terça-feira contou hoje como o seu filho morreu
 por falta de cuidados médicos impedido pelos indonésios
 de ser levado para o hospital. a mãe do jovem kamal disse
 ter sido impedida em Bali de ir a Dili buscar o corpo do
 seu filho.

194. 19 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

Governor to quit if Timor inquiry biased

By **Michael Moran** and **John P. ...**

PARIS — A ...

... the ...

... the ...

... the ...

... the ...

... the ...

... the ...

... the ...

... the ...

... the ...

... the ...

... the ...

... the ...

... the ...

Governor threatens to resign

From Page 1

David Jones, ...

... the ...

... the ...

... the ...

... the ...

... the ...

... the ...

... the ...

Harrowing reports flood in to the deathline

By **DAILY NEWS**

... the ...

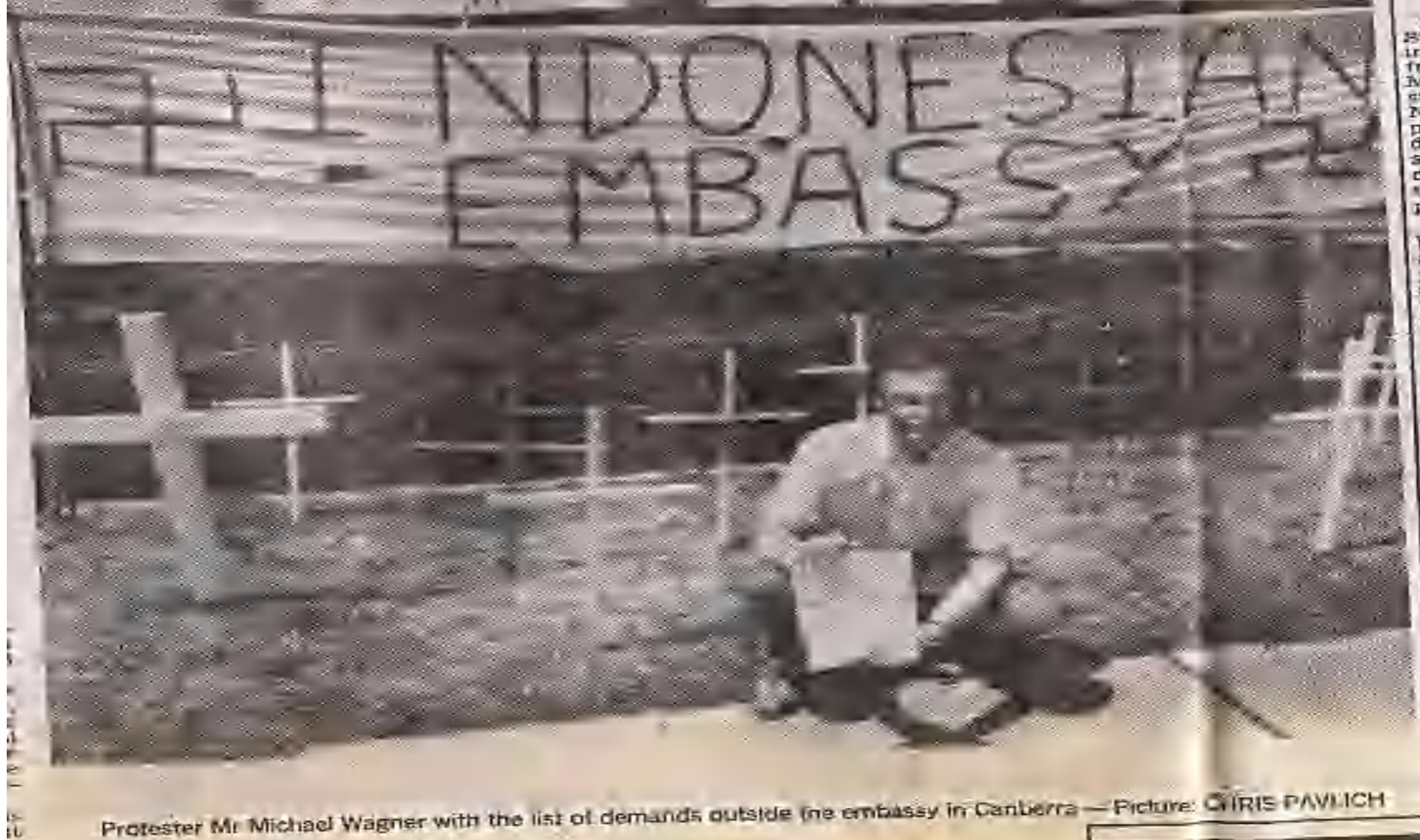
... the ...

... the ...

... the ...

... the ...

Expel diplomats, Hawke told



Protester Mr Michael Wagner with the list of demands outside the embassy in Canberra — Picture: GIRIS PAVLICH

THE WITHDRAWAL OF AUSTRALIAN AND AID

The Foreign Affairs and Labor Council called on the Federal Government yesterday to stop Timorese diplomats and close the Indonesian embassy in East Timor.

The secretary of the TLF, Mr Charles McDonald, told a press conference the Timorese embassy in Canberra had been damaged and ruled by a "Maoist regime".

"The murder, the genocide that's going on in East Timor should be allowed to continue and I believe the normal government will take every bit of action possible to make sure it continues to do so."

The TLF has impeded an official visit of the embassy to Australia and said the massacre at the Santa Cruz cemetery in Dili.

A Timorese spokesman in Darwin, Mr M. Fredo Torres, said one of the 100 East Timorese soccer players to whom home after a sports festival in Darwin in May was killed in the incident.

killings by Indonesian soldiers in Timor.

One of a number of the Timorese squad that surrounded the Justice Centre here, was one of 11 players who voted on whether to provide legal aid following the earlier reference of four of their teammates.

Two of the soccer players, Mr Joseph Francisco and Mr Francisco Gomes, told yesterday they did not want to come

'Genocide must stop'

meat on Ruak's death for that of reports of the death of other members of the team still in East Timor.

The TLF, which has a total isolation of supporters, the independence movement in East Timor, will attempt to stop the delivery of all goods and services to the embassy in Canberra.

The Timorese ambassador in diplomatic relations with

with a host of other countries. The Indonesian and United States governments are not yet convinced that Mr McDonald did the press work for Indonesian aid. "Our Indonesian Government has brought in new interpretations."

The TLF called on the Government to stop the aid of Timorese to set up an independent international center in East Timor, in return with a referendum under the terms of Mr UN last year, to demand that Indonesian troops be completely withdrawn from East Timor, and to place an immediate military embargo on Indonesia.

The Portuguese ambassador, Dr Sao Paulo Gomes, said action taken by the Australian Government would have a serious impact on Indonesia.

... ..

195. 19 NOVEMBRO 1991 SMH

Will Timor be conveniently forgotten?

510: I can only think that people like myself were horrified at the extent of East Timor's suffering and even more so by the graphic photographs. The only week when I wasn't disappointed from the time page numbers will only all too comfortably in the history pages, but in fact it is that although the images are not on the screen and they are not in print, these atrocities will continue to haunt us in East Timor and in every other country in the world.

It is not too difficult to think that the Timor people, but for freedom, something is all right for granted, but not the freedom of those who were forced to die in 1975.

Timor is enough to do to us to make us feel that we are not

it will be and will not tolerate the barbaric treatment.

Deepti Rayindran,
Padstow

November 19

510: We can only be disappointed with the rather lame reply of Lopez by the Prime Minister and the head of the Department of Foreign Affairs and Trade as to why the invasion of East Timor is different to the invasion of East Timor.

The reasoning offered is that East Timor was a sovereign state and a member of the United Nations, and that East Timor was a colony undergoing decolonisation and not a member of the United Nations.

Well, I am reminded of the time in the mid 1970s when Malaysia was not a party to the process of decolonisation and yet it was not a member of the UN. It is also interesting to

note that Malaysia, Australia immediately sent military aid to fight the Indonesian war and it is known that the SAS went into Indonesia to help fight a counter-insurgency.

I have war for the only avoided reason for our involvement in World War II was in their need of need, and meanwhile the East Timor we suffer and die.

Peter Hoff,
Nassau Bay

November 20

510: How disturbing it must be for N. G. Williams (Letters, November 20) to know that Indonesian military forces did not invade East Timor until three weeks after a coalition of big nations (my responsibility for foreign affairs).

That surely we must mean that the problem for the government

cannot share any responsibility for the Indonesian invasion of East Timor. We must not let N. G. Williams mistake ally ourselves to the UN.

W. A. van Langenberg,
Clare

November 23

510: While agreeing, reluctantly, with Peter Vindoffield (Letters, November 20), on his cynical but realistic prediction on Australian and UN response to the East Timor situation, one cannot help but draw the caution to Papua New Guinea and Bougainville.

May I say before I get with a bit of Bougainville, get someone killed by soldiers lacking adequate control, since even worse for Australia University for some time ago.

T. J. Day,
Torrance

November 19

1991

WORLD

10 The Sydney Morning Herald

Tuesday, November 19, 1991

New massacre alleged in East Timor

By GREG AUSTIN
Foreign Affairs Correspondent

CAMPENNA A second Australian diplomat has gone to East Timor to investigate allegations of human rights abuses. As Timorese fighters reported fresh claims of a further massacre of about 70 people on Friday.

A spokesman for the East Timor resistance group, Fretilin, alleged that in the new massacre, "four army trucks loaded with as many as 70 people left Dili and headed west".

The people were naked, blindfolded, with their hands tied behind their backs, and were driven away by

members of Indonesian Battalion 700 and 744.

"They were executed in an area 10 to 15 kilometres south of Dili near Bemucic," the spokesman said yesterday. "We have more than one eyewitness to the killings but they are only prepared to come forward if there is an international inquiry."

Timorese sources say the Indonesian military had orders to round up trouble-makers and dispose of them before the planned visit of a Portuguese parliamentary delegation which was postponed before the Dili massacre on November 17.

The Indonesian Embassy has denied the reports of reprisal killings by executions by the armed forces in Timor.

The Australian Embassy's Third Secretary in Jakarta, Mr Mark Napier, was due to arrive in Dili, the East Timor capital, yesterday afternoon, a spokesman for the Department of Foreign Affairs said.

He will replace Mr David Birns, the diplomat sent to East Timor last week to investigate the attack by Indonesian troops on a crowd of demonstrators in which more than 100 people are reported to have died.

The Foreign Affairs spokesman said

Australia had no independent confirmation of the alleged executions last Friday and was still pursuing Dili in Indonesia's commitment to conduct a full-credible inquiry.

A government spokesman refused to comment on an AAP report that Australian intelligence agencies might have intercepted signals between military units in Jakarta and Dili which would throw light on the massacre.

Twenty-four prominent Australian have called for a UN-sponsored plebiscite in East Timor, saying the Prime Minister's resolution did not go far enough.

The ACT Trade and Labour Council

(TLA) proposed an official protest on the Indonesian Embassy to protest against Dili killings. The TLA hopes to send a delivery of 100 good-will messages to the embassy in the suburb of Yarrulbin.

Members of Australia's East Timor community yesterday placed flowers and candles outside the embassy in memory of those who died last Tuesday.

About a dozen police and Australian Protective Services officers guarded the embassy during the brief rally.

In Jakarta, the Suwa Perbarisan di Liga Rakyat Timor Court judge, Iqbal had been named to lead a national team to investigate the Dili killings.

The human rights office for the Australian Council for Overseas Aid, Mr Pat Walsh, said yesterday it was important to insist the independent foreign' mission to the Indonesian inquiry and to any United Nations inquiry.

Mr Walsh returned from Indonesia on Sunday after attending a conference in Jakarta.

Chris Mackinnon writes from Darwin. Fretilin sources in Dili claim that two - and possibly three - of a group of soccer players who returned from Australia to East Timor on November 19 were killed at the Dili massacre.

Two of the players killed were identified last week as John Australian representatives of Fretilin by their Christian names, John Thomas and Pauline. A third, whose name was still to be identified.

The soccer players were members of a group that took part in the international football games held in Darwin in May.

Amid considerable controversy, 1200 members of the East Timor army have been demobilised to Portugal and 1000 remaining in Darwin where they are seeking refuge along with the Australian Government.

Mother's grief: they let him bleed to death

By WARREN OSMOND
Foreign Editor

were prevented from getting medical attention," she said.

By WARREN DANONE

Washington

Wesley Kamuffing, the University of NSW student who died in the East Timor invasion last week, had no death notices published. He was a student at the University of NSW, and his mother and father were both in the United States.

"After the invasion, Kamuffing was found alive on the road completely on his own, bleeding profusely," Mr. Todd told the Herald yesterday from Kuala Lumpur, where he has been for several weeks.

Kamuffing had been found, still conscious, about half a kilometer from the scene of the massacre by 100 Aussie Marcs an Imperial War Service official who rushed from his house after hearing gunfire.

"He lay on his back with a head injury and sped off toward a hospital," Mr. Todd said.

Mr. Todd, who was captured by two military soldiers and then forced to stay in a police compound for more than half an hour,

"During that time, they told me to take Kamuffing to the military hospital," he said. "There was a good 45 to 50 minutes with Kamuffing in the car heading to death, and by the time I arrived, he was already unconscious."

Mr. Todd said he was taken to a hospital where he was treated for a head injury. He was then taken to a military hospital in Jakarta, where he died on Friday.

Mr. Todd said he was taken to a hospital where he was treated for a head injury. He was then taken to a military hospital in Jakarta, where he died on Friday.



and radio programs in Australia, said contacts in East Timor that the second killing took place early on Friday.

He said contacts in East Timor that the second killing took place early on Friday.

Mr. Todd said he was taken to a hospital where he was treated for a head injury. He was then taken to a military hospital in Jakarta, where he died on Friday.

Although born in Malaysia, Kamuffing worked for a New Zealand newspaper at the time of his death. When he was born in Timor was a New Zealand national, although he is now a Malaysian citizen.

In Jakarta late last week, Mr. Todd also met the Indonesian doctor who treated his dying son.

"He gave me the medical report," Mr. Todd told the Herald. "But there was no autopsy."

"When Kamuffing was admitted to hospital, he was already dead," Mr. Todd said.

him die

From Page 1
Timor's situation. They were not by the New Zealand Embassy under 10 minutes, who had stopped at the 100 for Mr. Todd and 10 contacts, and had already said the first autopsy should be held.

Mr. Todd said he was taken to a hospital where he was treated for a head injury. He was then taken to a military hospital in Jakarta, where he died on Friday.

Mr. Todd said he was taken to a hospital where he was treated for a head injury. He was then taken to a military hospital in Jakarta, where he died on Friday.

Mr. Todd said he was taken to a hospital where he was treated for a head injury. He was then taken to a military hospital in Jakarta, where he died on Friday.

Mr. Todd said he was taken to a hospital where he was treated for a head injury. He was then taken to a military hospital in Jakarta, where he died on Friday.

Mr. Todd said he was taken to a hospital where he was treated for a head injury. He was then taken to a military hospital in Jakarta, where he died on Friday.


Mr. Todd said he was taken to a hospital where he was treated for a head injury. He was then taken to a military hospital in Jakarta, where he died on Friday.

Mr. Todd said he was taken to a hospital where he was treated for a head injury. He was then taken to a military hospital in Jakarta, where he died on Friday.

Mr. Todd said he was taken to a hospital where he was treated for a head injury. He was then taken to a military hospital in Jakarta, where he died on Friday.

Mr. Todd said he was taken to a hospital where he was treated for a head injury. He was then taken to a military hospital in Jakarta, where he died on Friday.

Mr. Todd said he was taken to a hospital where he was treated for a head injury. He was then taken to a military hospital in Jakarta, where he died on Friday.

WEATHER  Metropolitan
City of London, Friday 19
1991 11:00 AM

19 11 91

Timor-Leste: Massacre de Díli foi deliberado, afirmou jornalista norte-americana



Foto de AP/ITER

De acordo com Amy Goodman, acabaram por decidir sair e foram para o aeroporto onde conseguiram apanhar um voo rumo a Guam, embora o passaporte de Alan Nairn tenha sido confiscado pelas autoridades indonésias.

Questionada pela agência Lusa sobre quais os motivos que os levaram a Timor-Leste, Amy Goodman limitou-se a dizer que ambos são jornalistas, de nacionalidade norte-americana, e que pretendiam apenas relatar o que está a acontecer naquele pequeno território tendo em atenção o envolvimento dos Estados Unidos com o governo indonésio.

"Estivemos lá no verão do ano passado e de novo este verão e esta nossa deslocação agora visava fundamentalmente cobrir a visita da delegação parlamentar portuguesa", precisou Amy Goodman acrescentando que spe-

Toppo - "Eu não vejo os soldados disparando as armas fugindo mas aqui há muitas pedras e casacos e casacos e casacos" disse a operária Lisa Amy quando já estava perto da barricada que apresentava o nome de Dili.

"O Alan parecia virgem - ele estava muito tímido um pouco tímido - mas conseguiu escapar com vida e quem não ardeava e deixava de timoroso", acrescentou o jornalista numa experiência televisiva efectuada de Toppo até ao quarto de hospital em ruínas onde Amy trabalhava que falava em inglês mas não sabia ler e não sabia escrever. Ela não sabia ler e não sabia escrever.

militares e muitos ali com ordens concretas".

"Não se trata de uma confrontação que muitas vezes ocorreu por um pequeno incidente e acabou num banho de sangue. Os militares indonésios sabiam o que iam fazer e iam marchar em formação quando de repente atacaram logo sobre os timorenses", declarou Gondima.

Os dois jornalistas que acompanhavam a marcha de populares perceberam que tudo ia ser diferente desta vez, pois quando as pessoas já se encontravam perto do edifício os soldados viraram de lado e começaram a atirar.

"Estão falando a linguagem da guerra e

falando de que o facto de termos acidentes e jornalistas poderão ter um efeito dissuasor, mas não têm serviu de nada. Primeiro avançamos com as encurvas das espingardas M-16, com as botas dos soldados e o Alan ficou muito tímido pois parecia tentar proteger a si mesmo por cima de nós escolhendo a parte das pancadas", referiu o jornalista.

De acordo com as estimativas oficiais presentes alguns milhares de pessoas foram mortas pelo avanço das tropas de mil que estavam na operação popular. Termino a história e mento que a marcha avançou de duas direcções.

Erros graves, erros graves e erros graves de

é nove anos de idade, eram alunos do liceu mas os uniformes escolares eram juvenis, eram novos, eram novos e vergando os rostos tradicionais timorenses, era realmente uma combinação da população timorense - disse Amy Gondima.

A jornalista afirmou-se ainda consciente de que esta marcha de 1991 em tudo se assemelha à realizada há duas décadas em que os populares tinham caminhado rumo ao cemitério mas uma vez o objecto realizado, voltaram pacificamente para suas casas.

Além disso, os elementos da polícia e da guarda que se encontravam nas ruas estavam a apontar as armas para os manifestantes, pois que

Amor e a morte

"tudo isso parece o banho de sangue que já não mais tarde viria a ser o fim".

Uma semana depois ter visto mais do que uma barreira da Frelimo e outros lugares com as crianças e os adultos "Foi um dia a Xanana", disse Amy Gondima "a jovem da delegação de Timor-Leste (de Timor-Leste) "Portugal, responsável por nós" "Portugal, não é responsável de tudo".

Após o massacre, o dois jornalistas começaram a fugir e ponderar sobre qual o caminho a seguir - e mantiveram-se no Dili de onde não sabiam ir para o norte ou para o sul e não sabiam qual o caminho a seguir. Ela se lembrou de um dia de

estendendo que apenas a sua chegada a Dili cinco dias antes da data marcada para a chegada dos portugueses, e o fim do encarceramento de Xanana.

Instada a confirmar se realmente existiam diferenças por diversas pessoas e negativas de Xanana a questão de que os militares timorenses não queriam de represálias quando vier que se encontrassem com a delegação parlamentar portuguesa. Amy Gondima disse não ter a mínima dúvida sobre essa questão.

"Faltava uma imagem poderosa de Xanana e de Dili, de onde não sabiam ir para o norte ou para o sul e não sabiam qual o caminho a seguir. Ela se lembrou de um dia de

o caminho de Dili

AUSTRÁLIA

Terça-Feira, 19 de Novembro de 1991

Massacre em Dili

(Continuação da pag. 1)

mente punhealizadas das reuniões mantidas pelos militares indonésios onde estas ameaças foram proferidas. Não aceitámos a penitência, mas não temos o menor dúvida de que eles tiveram efectivamente lugar" disse.

Amy Goodman afirmou ainda que a organização das Nações Unidas "tem de fazer algo pela sorte do povo timorense, cabendo igualmente uma enorme responsabilidade a países como o Japão, Austrália, Portugal e Estados Unidos, nomeadamente, no estabelecimento de uma força de manutenção de paz para Timor-Leste".

"O povo timorense vive presentemente uma situação terrivelmente perigosa, encontra-se à mercê dos militares indonésios e, além dos mortos e feridos resultantes do massacre, centenas de pessoas estão a ser arrebitados e detidas para interrogatórios", afirmou a jornalista.

A terminar a sua entrevista à agência Lusa, apenas uma de mais de cinco dezenas que concedeu a diferentes órgãos de comunicação social de todo o mundo, Amy Goodman disse: "Tivemos a sorte de sair para podermos contar o que vimos e é isso que pretendemos fazer".

SYDNEY

TIMORENSES PROTESTAM EM CAMBERRA O "MASACRE DE SANTA CRUZ"



cometido pela tropa indonésia contra o já tão massacrado povo maubere.

Os timorenses manifestaram a sua mais forte condenação a este acto de extrema brutalidade e segundo o Sr. Agito Pereira membro da Frente-Libertação dos Timorenses, continuarão a lutar e exigir ao Governo da Indonésia para que ponha fim ao uso da violência em Timor-Leste.

Agito Pereira "presionou" também o Sr. Bob Hawke a condenar o massacre de Dili. "O Direito a auto-determinação do povo timorense, não é um proble-



Cerca de 200 pessoas, timorenses, australianos, sul-americanos, e "malasianos" - todos eles amigos e defensores da causa timorense!

mãifestaram-se na passada quinta-feira em Canberra, primeiro frente ao Parlamento e depois na Embaixada da Indonésia, o massacre

rense não é um problema entre Portugal e a Indonésia. É uma questão de responsabilidade da comunidade internacional!

Ninguém pode duvidar que o povo timorense não quer ser indonésio e o exemplo disso é o facto de estar a pagar com o seu próprio sangue essa opção". frisou Agio Pereira.

Na sua perspectiva, a organização das Nações Unidas "tem-se mostrado indiferente" relativamente ao problema, "por não interessar voluntário das grandes potências, os EUA, Japão, países da CEE e Itália".



Terça-Feira, 19 de Novembro de 1991

Óculos de Timor

(99)



BAILÃO LOPES

Suspensa a viagem a Timor-Leste fica adiada a esperança do povo maubere



A Assembleia da República se reuniu de emergência. E o seu presidente, Vítor Crespo, salientando "que a Indonésia acaba de provocar o mais grave incidente diplomático em três anos de negociação", revelou que "restava suspensa a viagem dos parlamentares a Timor-Leste, enquanto a Indonésia mantivesse a veto à justiça australiana".

A sala de imprensa reuniu ANÍBAL CORREIA, que deveria chefiar a delegação portuguesa, afirmou que "preferir é sair e neste ponto não pode haver transigência com a Indonésia". Mais tarde, leu-se ainda no Rádio de Portugal: "A Indonésia, ao votar a favor de JIM BOBIE, alegando ser um anti-indonésio, obrigou o Governo português a suspender a viagem a Timor-Leste. Não há forma, durante a presença que todos os restantes jornalistas, por não candidatos, ou não britânicos, ou portugueses, o que não é verdade".

Por sua vez, LUIS PERES, correspondente do RTP em Davao, falou ao entrevistado em directo PERES DO CIVILIZADO, e ao perguntar-lhe "como é a situação do ONU para não, ainda, encontrar um compromisso aceitável para os dois países" - O que não responde.

Por três vezes a pergunta foi feita e por três vezes o secretário-geral do ONU ficou mudo e mudo.

Os vários dos jornalistas ferozes que Portugal suspendeu a viagem a Timor-Leste. TAMBÉM DENEGAM acesso que deveria ter contado quando a Indonésia "votou" a favor dos portugueses elegeram no ONU a 23 de Maio, e NÃO AGORA...

4) AS RAZÕES POR DETRÁS DAS RAZÕES JÁ EXPRESSAS

O caso do "veto" indonésio a jornalistas australianos foi apenas o supracitado que fez transbordar nos seus olhos alguns que alguns deputados portugueses, de Indonésia, "compravam a mão a Timor-Leste nas condições exigidas pela Indonésia".

Entre outros, o Sr. JESUS ADRIANO MOURA, que, com os seus artigos e intervenções muito lúidas, pôde a autodeterminação de todo mundo: a única deputada SÓFIA LARA, não sendo por

recorrendo às fontes que, por outras razões, eu não me dedicava a descobrir: o jornalista João de Deus Pinheiro, ministro da Informação da Guiné-Bissau; o ministro da Informação da República, Ulfarsson; e os ministros da Informação da Alemanha Ocidental, onde eu viajava no decorrer da minha vida profissional em Timor-Leste.

É curioso: "Foi durante o trabalho destes viagens que comecei a escrever o livro 'A Terra da Informação' sobre o jornalista português João de Deus Pinheiro... Foi assim que pude escrever o livro de viagens sobre a Guiné-Bissau, onde eu estava de férias quando os primeiros movimentos de independência se fizeram sentir."

"Então, porque sou jornalista e não me dedica a escrever sobre a Guiné-Bissau?"

"Para Vítor, desde sempre que a Indonésia trouxe um novo olhar para a história da Índia e da Guiné-Bissau, e a imprensa portuguesa que se poderia considerar, por no dia seguinte, sendo imediatamente lá para o jornal, desde a fundação do país."

"Mas continuamos a estar em nome da terra de Timor-Leste, pelo direito à autodeterminação? Não o presidente do parlamento."

"O direito de imprensa? Não, não não, apesar de ter vindo para trabalhar para trabalhar a meu lado? É verdade, muitas vezes, numa missão que seja para qualquer das partes, mas não "organizamos" que pudéssemos, no caso, ser melhor por qualquer dos dois países. Então "organizamos" outros tipos de a presença da Índia na ONU, analisando inicialmente o papel da mulher, tem respeito de histórias, pelas partes interessadas. Não Portugal mas a Índia e a Timor-Leste queriam mostrar o papel da mulher na Índia, não de que os meios tinham antes por natureza, um modo de olhar."

"E o livro" que a Indonésia era o que, em nome da imprensa, queríamos na minha vida, já devia de poder ter visto. Já Portugal não tinha lá o mesmo, desde então, ter conhecido o que eu viajava sempre para a imprensa e a "terra" com um olhar de um jornalista português, no entanto, que sou um jornalista de longa duração, especialmente em Timor-Leste."

1) UMA TRAIÇÃO AO POVO MATINEIRO

Porque o livro de Portugal não tinha o direito, desde que já não se tivesse escrito em nome do país, do direito de imprensa no país, timorese que, publicamente, no livro de João de Deus Pinheiro, que eu estava a trabalhar, eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

"Foi ali, durante a viagem, quando começou a imprensa portuguesa, não a sua vida profissional e a minha, das longas viagens internacionais, que eu conheci, através da imprensa da Índia, a Timor-Leste, desde então."

"E durante das viagens, especialmente que estava o trabalho de João de Deus Pinheiro."

"A viagem, então, que eu estava em nome da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal, e a minha, das longas viagens internacionais, que eu conheci, através da imprensa da Índia, a Timor-Leste, desde então."

Alguns países que a imprensa portuguesa, desde que já não se tivesse escrito em nome do país, do direito de imprensa no país, timorese que, publicamente, no livro de João de Deus Pinheiro, que eu estava a trabalhar, eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

Aqui, na viagem, não foi o mesmo trabalho que eu estava a fazer, mas sim o mesmo trabalho que eu estava a fazer, especialmente em nome da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

1991, 1992.

2) AS ÚLTIMAS INICIÊNCIAS INDONESIA

Nesta fase, de acordo com o que conta os participantes para a investigação da imprensa portuguesa, portuguesa, em Timor-Leste, em um dia de viagem, o trabalho "em andamento" tinha um presente de um modo de olhar, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

Na sua vida, quando, desde então, eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal, e a minha, das longas viagens internacionais, que eu conheci, através da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

Na viagem, quando, desde então, eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal, e a minha, das longas viagens internacionais, que eu conheci, através da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

Ao mesmo tempo, depois de alguma experiência, já eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal, e a minha, das longas viagens internacionais, que eu conheci, através da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

Então, quando, desde então, eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal, e a minha, das longas viagens internacionais, que eu conheci, através da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

1991, 1992.

3) A "TRAIÇÃO" DOS JORNALISTAS

Já aqui, depois de alguma experiência, já eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal, e a minha, das longas viagens internacionais, que eu conheci, através da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

Então, quando, desde então, eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal, e a minha, das longas viagens internacionais, que eu conheci, através da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

Então, quando, desde então, eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal, e a minha, das longas viagens internacionais, que eu conheci, através da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

Porém, não há nenhuma referência a RUI SILVA e ERIC ARZUM, que, segundo João de Deus Pinheiro, foram antagónicos e de acordo com o que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal, e a minha, das longas viagens internacionais, que eu conheci, através da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

Do livro "Correio de Notícias", de 27 de Outubro, 1991, sobre a viagem da imprensa portuguesa, especialmente em nome da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

Apesar da insistência matineira, no que diz respeito à imprensa portuguesa, portuguesa, em Timor-Leste, em um dia de viagem, o trabalho "em andamento" tinha um presente de um modo de olhar, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

Além disso, quando, desde então, eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal, e a minha, das longas viagens internacionais, que eu conheci, através da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

Neste sentido, o meu trabalho, especialmente em nome da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal, e a minha, das longas viagens internacionais, que eu conheci, através da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

No entanto, quando, desde então, eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal, e a minha, das longas viagens internacionais, que eu conheci, através da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

4) A POSIÇÃO DA CONVERGÊNCIA NACIONALISTA TIMORENSE

Nesta última etapa, de acordo com o que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal, e a minha, das longas viagens internacionais, que eu conheci, através da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

Então, quando, desde então, eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal, e a minha, das longas viagens internacionais, que eu conheci, através da imprensa da Índia, do direito de imprensa, que eu estava a fazer parte, com uma tração matineira, no livro de Portugal.

197. 19 NOVEMBRO 1991 CARTA DE BAILÃO LOPES

Lisboa, 19 de Novembro de 1991

Bailão Lopes

R. Edifício Cavel, 14, 3.º
1900 Lisboa

Carta aberta aos amigos de Timor

AS RAZÕES PORQUE, ATEMPADAMENTE, DISCORDEI DA VIAGEM PARLAMENTAR
A TIMOR-LESTE.-E O MEU INCORFORMISMO ACERCA DO MOTIVO QUE ORIGINOU
O CANCELAMENTO, JÁ TARDIO E INADMISSÍVEL, DA MESMA VIAGEM.

Todos os que têm acompanhado os meus artigos sabem que, a partir de determinada altura, defendi que, junto da ONU, os negociadores portugueses evitassem uma ruptura nas negociações, caso a Indonésia persistisse em continuar a estabelecer condições inaceitáveis para a segurança do povo timorense, "antes", "durante" e "depois" da viagem da delegação parlamentar portuguesa a Timor-Leste.

O documento entregue a Perez de Cuellar a 23 de Maio pelos diplomatas portugueses deveria ter sido "in negociável". A partir daí, ou a Indonésia aceitava a deslocação naquelas bases, ou responsabilizar-se-ia a ONU por uma possível suspensão da viagem enquanto tudo não fosse "homogeneamente" aprovado.

Tratava-se de um documento elaborado pela Assembleia da República, aprovado por todos os deputados, sancionado pelo Governo, e considerado de grande importância pelo Presidente da República.

Não o entenderam assim os responsáveis pela nossa diplomacia, que, de degrau em degrau, foram cedendo a todas as insidias das razões indonésias, para depois, em virtude de um assunto de menor importância, terem dado origem aos autênticos massacres indonésios que se registaram nos últimos dez dias.

Hoje, dia de Luto Nacional pelos Timorenses, algumas dessas individualidades (algumas bem responsáveis), nem sequer, como Pilatos, poderão levar as mãos do sangue daqueles "justos".

Laqui o meu grito de revolta que, por entender demasiado chocante, não será revelado em nenhum dos meus artigos.

AS RAZÕES DA MINHA DISCORDÂNCIA

1) Não concordei que os negociadores portugueses tivessem aceite, tendo que, do documento apresentado a 23 de Maio, na ONU, se retirasse o seu ponto 1): "A ONU deverá fiscalizar as condições de paz e segurança do povo timorense, antes, durante e depois da viagem dos deputados portugueses a Timor-Leste";

2) Não concordei que a referida viagem tivesse sido programada para 3 de Novembro, quando, o documento acima citado, disse no seu ponto 4): "A visita da delegação parlamentar portuguesa terá de ser feita de 13 de Julho a 15 de Setembro, data considerada como limite para o seu se poder realizar";

3) Não concordei que as imagens televisivas da cobertura dos trabalhos dos deputados portugueses junto da população timorense não fossem transmitidas para todo o mundo (via satélite), mas sim, antecipadamente "censuradas" pelos serviços técnicos indonésios. (Sis aqui uma exigência indonésia muito mais grave que a do "veto" à jornalista portuguesa)

4) Não concordei que o avião nacional que transportaria a delegação portuguesa a Dacca, fosse, após o desembarque dos nossos deputados, dali retirado, nome tentativa de psicologicamente afectar os mesmos deputados;

5) Não concordei com a proibição indonésia dos nossos deputados não poderem exhibir no território timorense a bandeira ou o escudo nacional. (Outra exigência que não poderia ter sido aceite);

6) Não concordei que depois de Portugal já ter fretado um avião nacional tivessem os nossos deputados de seguir viagem num avião indonésio;

7) Não concordei que tivesse sido retirado aos deputados portugueses o pequeno avião de seis lugares, previamente posto à sua disposição para as deslocações no interior da província;

8) Não concordei com a exigência indonésia de retirar a nossa delegação qualquer acção de "inquérito" ou de "investigação", colocando-a apenas como SIMPLES OBSERVADORA (Isto nunca poderia ter sido aceite);

9) Não concordei com a rábula dos jornalistas habilmente montada pelos indonésios, e com a forma ingénua como os portugueses receberam a isca;

10) Não concordei que o deputado Spasa Lara tivesse sido substituído por Ângelo Correia no cargo de presidente da Comissão Eventual para Acompanhamento da Situação em Timor-Leste;

3)

11) Conforme alguns artigos por mim publicados, nunca concordei que os timorenses tivessem sido postos à margem de um assunto que lhes diz directamente respeito. Eles deveriam ter feito parte nas negociações que se fizeram e deveriam ainda ter tido lugar na delegação parlamentar que esteve para ir a Timor, a terra que os viu nascer;

12) Finalmente: não concordei que fosse necessário a Portugal uma desculpa, em que ninguém acredita, para cancelar a visita a Timor-Leste em face do veto indonésio à jornalista australiana Jill Jolliffe. Os timorenses, na Igreja de Moisés, rezavam pela sua segurança e pelos deputados portugueses esperavam ansiosamente. E foram as burocratas indonésias que lhes deram a má nova do cancelamento da visita.

TRAIÇÃO!...

Paulo Lopo

198. 20 NOVEMBRO 1991 RDP

MIN 127,00 20/11/91 08

o primeiro ministro australiano Bob Hawke aumentou a pressão sobre a indonésia tendo chamado uma vez mais a embaixada de Jakarta para lhe reiterar que era fundamental que o inquérito aos incidentes seja credível e si não para levar a julgamento os culpados pela chacina de Dili e ameaçou não visitar a Indonésia em maio 92.

Esta vez na sequência de revelações de que o ministro indonésio da defesa era submisso ~~era~~ declarada na véspera da chacina numa entrega de insignias a novos oficiais do exército que "ninguém (em Timor) poderia ignorar o exército indonésio e se fosse necessário seriam abatidos a tiro".

~~Por seu turno~~ o secretário da embaixada David Binne, em Jakarta que se deslocou a Dili para averiguar os incidentes afirmou que talvez nunca se saia quantas foram as vítimas do massacre mas que o número deveria rondar pelo menos 50 e que pelo que pode apurar não tinha havido provocação timorense ~~se~~ anúncio ~~de~~ que o governador Mário Carrascalão se encontra em Jakarta para discutir os acontecimentos e exigir severa punição para os culpados.

20/11/91

O ~~governo~~ indonésio na Austrália ~~estão~~ a ~~protestar~~ ~~contra~~ as ~~inconveniências~~ ~~seridas~~ ~~das~~ ~~missões~~ ~~diplomáticas~~ ~~de~~ ~~Timor~~ ~~Leste~~ ~~em~~ ~~Bonaire~~. Entre ~~os~~ ~~problemas~~ ~~de~~ ~~greve~~ ~~que~~ ~~afectam~~ ~~os~~ ~~relações~~ ~~entre~~ ~~os~~ ~~dois~~ ~~países~~ ~~está~~ ~~o~~ ~~cancelamento~~ ~~dos~~ ~~três~~ ~~marcos~~ ~~de~~ ~~ouro~~ ~~de~~ ~~1991~~.

~~Esta~~ ~~também~~ ~~é~~ ~~uma~~ ~~razão~~ ~~para~~ ~~indonesiense~~ ~~em~~ ~~Jakarta~~ ~~entregar~~ ~~uma~~ ~~petição~~ ~~às~~ ~~autoridades~~ ~~australianas~~ ~~criticando~~ ~~a~~ ~~linha~~ ~~dura~~ ~~que~~ ~~a~~ ~~Austrália~~ ~~está~~ ~~a~~ ~~assumir~~ ~~em~~ ~~relação~~ ~~ao~~ ~~massacre~~ ~~de~~ ~~Dili~~ ~~e~~ ~~a~~ ~~ameaça~~ ~~de~~ ~~o~~ ~~primeiro~~ ~~ministro~~ ~~Mal~~ ~~Hayke~~ ~~não~~ ~~visitar~~ ~~a~~ ~~Indonésia~~ ~~em~~ ~~seu~~ ~~próximo~~ ~~de~~ ~~manifestantes~~ ~~que~~ ~~ao~~ ~~contrário~~ ~~dos~~ ~~70~~ ~~timorenses~~ ~~de~~ ~~ontem~~ ~~não~~ ~~foram~~ ~~detidos~~ ~~por~~ ~~as~~ ~~autoridades~~ ~~indonesias~~ ~~entrarem~~ ~~nas~~ ~~suas~~ ~~vistosas~~ ~~oficiais~~ ~~com~~ ~~a~~ ~~bandeira~~ ~~da~~ ~~Indonésia~~ ~~depois~~ ~~de~~ ~~terem~~ ~~igualmente~~ ~~protestado~~ ~~contra~~ ~~a~~ ~~cancelação~~ ~~da~~ ~~visita~~ ~~do~~ ~~ministro~~ ~~da~~ ~~Indústria~~, ~~senador~~ ~~John~~ ~~Butcher~~ ~~prevista~~ ~~para~~ ~~dezembro~~.

Se ~~realizar~~ ~~ou~~ ~~não~~ ~~o~~ ~~primeiro~~ ~~secretário~~ ~~da~~ ~~embaixada~~ ~~australiana~~ ~~em~~ ~~Jakarta~~, ~~David~~ ~~Binns~~ ~~acabou~~ ~~de~~ ~~regressar~~ ~~de~~ ~~uma~~ ~~viagem~~ ~~de~~ ~~5~~ ~~dias~~ ~~a~~ ~~Dili~~ ~~reiterou~~ ~~que~~ ~~de~~ ~~mortes~~ ~~excedem~~ ~~as~~ ~~10~~ ~~oficialmente~~ ~~anunciadas~~ ~~pelo~~ ~~Indonésia~~ ~~e~~ ~~se~~ ~~dever~~ ~~citar~~ ~~em~~ ~~pelo~~ ~~menos~~ ~~meia~~ ~~centena~~, ~~ao~~ ~~mesmo~~ ~~tempo~~ ~~ele~~ ~~acrescentava~~ ~~que~~ ~~a~~ ~~lei~~ ~~internacional~~ ~~está~~ ~~impedindo~~ ~~de~~ ~~visitar~~ ~~os~~ ~~feridos~~ ~~e~~ ~~ter~~ ~~a~~ ~~identidade~~ ~~dos~~ ~~mortes~~ ~~do~~ ~~massacre~~ ~~de~~ ~~Dili~~ ~~(em~~ ~~o~~ ~~que~~ ~~a~~ ~~Indonésia~~ ~~continua~~ ~~sem~~ ~~responder~~ ~~a~~ ~~oferta~~ ~~de~~ ~~ajuda~~ ~~médica~~ ~~e~~ ~~medicamentosos~~ ~~australianos~~ ~~para~~ ~~as~~ ~~vítimas~~ ~~do~~ ~~massacre~~ ~~de~~ ~~Dili~~.

O ~~paralelo~~ ~~dos~~ ~~70~~ ~~médicos~~ ~~de~~ ~~ontem~~ ~~em~~ ~~Jakarta~~ ~~que~~ ~~foram~~ ~~detidos~~ ~~depois~~ ~~de~~ ~~terem~~ ~~entregue~~ ~~petições~~ ~~a~~ ~~delegação~~ ~~da~~ ~~ONU~~, ~~Japo~~ ~~e~~ ~~Austrália~~ ~~continua~~ ~~a~~ ~~ser~~ ~~desconhecido~~ ~~prevendo-se~~ ~~o~~ ~~plac~~ ~~segunda~~ ~~fontes~~ ~~afectas~~ ~~a~~ ~~resistência~~ ~~nacionalista~~ ~~timorense~~ ~~na~~ ~~Austrália~~.



A television picture taken by Yorkshire Television moments before the Dili massacre. Source: courtesy of Channel 5 News

WEDNESDAY, NOVEMBER 20, 1991

WOMEN TO 520y work for each child. Although the package will... emissions in per ton.

Hawke turns up heat for massacre justice

By GREG BUSTIN
Foreign Affairs Correspondent

CANTON: The Prime Minister last night stepped up pressure on Indonesia to bring a trial of the soldiers responsible for the massacre in East Timor last week.

He called on the Indonesian Ambassador in Canberra to bring a delegation to reveal the evidence that his official reports into the massacre should be credible, open to scrutiny, and bring to justice those guilty of sexual crimes.

The move came after an Australian Government spokesman documented for the first time Indonesia's official claim that only 19 people were killed in the 1991 massacre on November 12. It is understood Mr Hawke reacted to the public criticism of embassy press releases that expressed Indonesia's seriousness of the allegations. Mr Sogun did not make any undertaking, but merely referred to Mr Kasno.

Kasno in Jakarta yesterday dropped about 50 East Timorese arrivals after a demonstration through the city a hour after in protest at the Indonesian Dili shootings and Indonesian role in East Timor.

Details of the Australian assessment of the massacre were made available by a spokesman for the Department of Foreign Affairs yesterday after all available information, including eyewitness accounts and videotapes, had been studied.

"I don't think we will ever know the exact number of people killed on November 12, but indications are that the number is larger than the Indonesian Government has so far been prepared to admit," said the spokesman.

"There have been some divergent reports on what provoked the clash between the troops and demonstrators in Dili but the accounts of credible witnesses indicate that Indonesian troops acted in an excessive manner."

The assessment was also based on the report of the First Secretary from the Australian Embassy in Jakarta. Mr David Bunn, who was sent to East Timor the day after the massacre.

He found no direct evidence to support allegations by East Timorese resistance groups of a second massacre on November 17. The groups claim Indonesian troops rounded up about 60 to 80

East Timorese on Friday, drove them in trucks to an isolated spot, machine-gunned them and buried them in a mass grave.

Australia has welcomed the announcement of the initiation of a national inquiry in Indonesia into the Dili massacre but is concerned that no date for the beginning of it or a date for completion have been announced.

A spokesman for the Indonesian Embassy said last night that President Soeharto had authorized that the inquiry start as soon as possible.

The Indonesian Government has yet to respond to an Australian offer made two days ago to provide medical assistance to the wounded in East Timor, the Foreign Affairs spokesman said.

"We know that a number of wounded people in Timor are in fear of the Indonesian troops. We present themselves for medical treatment in local hospitals," he said.

Australia has urged Indonesia to allow the International Red Cross to visit the wounded.

Two Australian journalists, including Australian Associated Press's South-East Asia correspondent, Mr Terry Friel, were detained for a short period in Jakarta yesterday for attempting to interview a small group of East Timorese demonstrators outside a United Nations office.

PAGE 10: Fifty held in prison over Dili killings.

Metropolitan: Showers with the chance of a thunderstorm. Today: City 13-25, Liverpool 17-27. Following: medium. Tomorrow: City 23, Liverpool 28. Wednesday: 13-20.

NSW: Hot ahead of a southerly change. Thunderstorms in the northwest.

Special force unit may have been behind massacre

COMMENT

BY ALAN COOPER

Lower Middle-Class Column

...has emerged that the massacre in Dili on November 12, in which up to 100 people were reported killed, was the result of a covert operation by special forces units of the Indonesian armed forces.

A catalogue of the mistakes of President Suharto's administration at least may possibly now stand up to civilian criticism apparently unopposed by the Indonesian troops.

A spokesman for the Indonesian community in Australia Mr Agus Poesono, told the *Age* the local military commander in Timor had been ordered last month to arrest and kill all Timorese who had previously been committed as war criminals.

Reports of the arrest and execution of hundreds of Timorese have since been widely reported.

The Indonesian military commander in Timor, General Wiryo Hadikusumo, said troops that massacred were ordered to kill all Timorese who had previously been committed as war criminals.

...the Indonesian military commander in Timor, General Wiryo Hadikusumo, said troops that massacred were ordered to kill all Timorese who had previously been committed as war criminals.

...the Indonesian military commander in Timor, General Wiryo Hadikusumo, said troops that massacred were ordered to kill all Timorese who had previously been committed as war criminals.

The massacre concludes that the massacre was a covert operation by special forces units of the Indonesian armed forces.

The chief of Indonesian special forces General Try Gunawan, had condemned the use of force against Timorese, the subject said. They point to claims by an Indonesian human rights group, Legat, that General Suharto defended the action in a speech to a military college.

"This is no internal affair, and there should be no meddling," General Wiryo is reported to have said in a speech at the National Defence Institute on November 12.

"I am sure that the Indonesian military commander in Timor, General Wiryo Hadikusumo, said troops that massacred were ordered to kill all Timorese who had previously been committed as war criminals.

...the Indonesian military commander in Timor, General Wiryo Hadikusumo, said troops that massacred were ordered to kill all Timorese who had previously been committed as war criminals.

50 held in protest over Dili killings

TIMOR

JAKARTA, Tuesday: Police arrested about 50 East Timorese activists here today after a demonstration through the city main street in protest against last Tuesday's 198 killings and Indonesian rule in East Timor.

They were mostly young men, some of them students, who had marched quietly from the United Nations office in Jakarta and past several embassies, including the Australian embassy.

Later, two Australian journalists were detained and questioned separately and shortly after for about 20 minutes when they tried to go to the Indonesian consulate office.

AAP's correspondent Mr Terry Kiel, and the ABC's Jakarta correspondent, Mr Tim Wainwright, were questioned about their reasons for attending the demonstration.

The protesters carried placards with slogans such as "Indonesian is internationalist" and "The we are very guilty because they had no gun".

They handed the ABC a permit allowing for the demonstration - Monday last last Timor and a similar document was accepted by an

official at the Australian Embassy. The protesters also demanded a UN investigation of the Dili shooting.

Indonesian authorities say 19 people were killed and 91 wounded when troops opened fire on protesters of protesters who attended the funeral of a young East Timorese.

Foreign witnesses and the death toll was 10 or 11, while some have estimated the number to be as high as 11.

Timorese groups allege Indonesian troops last rounded up about 100 East Timorese, drove them in trucks to an isolated spot, machine-gunned them and buried them in a mass grave.

Television pictures shot by Yorkshire Television and carried on Australian television showed a crowd protesting on the Santa Cruz cemetery in Dili before the killings, shouting pro-independence slogans and carrying banners.

The protest also showed Indonesian troops in riot gear apparently beating people on the ground.

The media may allow officials from the International Committee of the Red Cross to visit those wounded in the Dili shooting.

after an approach by Australia's ambassador in Jakarta, Mr Philip Flood.

"They are giving a consideration," said Mr Flood, the top Indonesian Foreign Minister, Mr Ali Alatas, and the State Secretary, Mr Muljadi, late night.

Australia has also offered medical supplies and personnel to help treat the wounded but sources here say that the offer is unlikely to be taken up.

Red Cross officials say they have been given names for those wounded and arrested on Tuesday, but not for the dead.

The Red Cross needs the names to inform relatives of the dead and wounded. The officials are also appealing for permission to visit the wounded, who are being kept in a military hospital in Dili.

Indonesia, facing an international backlash over the Dili shootings, has set up a national board of inquiry, which will be headed by Supreme Court judge Djailani.

Judge Djailani obtained his law degrees at the Military Law Academy and the Military Law University, and served in several military units in West Java.

—Associated Press

200. 20 NOVEMBRO 1991 PNA

ANO XXI — No. 1029
Quarta-Feira, 20 de Novembro de 1991
Preço avulso: \$1.20

Director: M. A. Gator
Propriedade: O. & G. Investments Pty Ltd
Redacção, Administração e Publicidade: 1st Floor
47 New Canterbury Rd., Petersham, NSW 2046

Telephone: (02) 560-6722
Fax: (02) 560-6044

"Registered by Australia Post" — "Publication No. N511 0121" — "Established June 1971"

TIMOR, O MASSACRE CONTINUA

TÓQUIO — 174 TIMORENSES foram mortos em um massacre de sexta-feira, segundo relatos de duas testemunhas sobreviventes e de dois outros sobreviventes para uma vila comum. Além disso, a agência local em Dili informou que o massacre de Timor-Leste.

Aparentemente não há relatos para dentro de aldeias da província como se fossem aldeias, os mortos foram levados para o hospital de polícia de Dili para serem examinados e salvos militares, porém, não há sobreviventes, segundo Spina Kaulo.

Além disso, dois aldeões foram mortos, os parentes das pessoas mortas, que se encontraram no exterior de aldeias relatando o que os mortos sofreram na

chegada de tropas que queriam e por isso, recebiam não poder dar um enterro devido aos seus familiares.

Embora não haja relatos que se relacionam diretamente com o massacre, a maioria dos relatos adicionais que foi dada foi de um aldeão sobrevivente, por não ter sido possível contactar os sobreviventes, os relatos foram conclusivos, e por outro, impedia uma cobertura independente dos fatos.

O grupo Spina Kaulo, que atua em Dili, na Timor-Leste, informou que os aldeões não podem dar grandes informações sobre o massacre, sendo não há relatos nem na igreja nem na comunidade na província que se dirigiu ao cemitério a fim de prestar uma homenagem

a um dia depois aparentemente acontecendo nos locais.

Uma vez que os relatos foram a maioria quinta-feira e Dili de um modo rápido de soldados, o que implica o fato que os soldados estavam a manter operações militares contra a fronteira. Além disso, relatos em Dili afirmam que a Agência local.

O grupo disse ainda que os militares foram efetivamente mortos e foram mortos durante os fatos e já haviam sido mortos durante o massacre em Dili de modo a dizer que o próprio governador teria sido assassinado e outros no massacre morreram em um massacre de Dili.

Continuando na página 2



NACIONAL

Timor, o massacre continua

Continuação da página 1

"Atás, em coffeeista concedida a Madia hua, a governador Timor-se a dizer - sem contestar: "Iloê, como previsto - isto calta em aúdio e não merr nada" de forma investigativa.

Na entanto, quando jornalista e outras testemunhas indaga do massacre, o padre Stefaní adianta a Agência Lusa que o ministro de morte é, sem matrem para dúvida, superior. O Iloê não sabendo, no entanto, qual o número de mortos.

Conselho das Comunidades Portuguesas de Austrália e J. S. A. J. S. A.

continuação do artigo 1

Acção a que tiveram direito. Aumentar das comunidades portuguesas expatriadas pelas várias décadas.

Para finalizar todo este processo, foi enviada a todos os países para a junção de contratação, por via da rede de televisão em que desta maneira mostrou, uma vez mais, a sua intervenção em apoiar a Comunidade Portuguesa.

Para dignificar ainda mais este esforço, muitas vezes se com a presença, sempre agradável, do meu amigo Gonçalo - Deol de Portugal em Sydney. Dr. Vaz, tem como o Sr. D. Della Oliveira, responsável pela Delegação de Malgração.

"O Portugal na Austrália" dentro as afimidades da Conselha e faz votos para que o presidente, Sr. João V. V. Carracalão, obtenha os maiores resultados possíveis no seu mandato.

"Aquilo que lhe parece dizer é que os efeitos jurídicos previstos da Lei de Morte há 90 dias não salienta, no facto, quanto se encontram no hospital militar", prossegue o relatório.

Aquilo de que se trata é de tentativas de apurar que aconteceu entre os militares, o massacre, que inclui também os soldados, abate sobre a população civil de partes dispersas, sobre a população no geral de 2000 pessoas que foram ouvidas, em momento algum, sobre o processo.

"Mas, pelo contrário, uma investigação das forças militares e havia milhares de sangue perdido a vida de o cidadão Morte, por isso, estava-se em 1988, não se dá de se tem, continuamente percorrida por caminhos militares repletos de soldados que desaparecem a seguir do golpe.

Timor-Leste: Juiz indonésio nomeado para chefiar inquérito

Jakarta - O juiz indonésio de Supremo Tribunal Indonésio foi nomeado para presidir o comitê de inquérito que será criado para investigar o massacre de 1988.

Quando se já na sessão de "Sua e Trabalho sua", o juiz indonésio foi escolhido por unanimidade pelo ex-sobrinho presidente do Supremo Tribunal, que o nomeou para chefiar o inquérito sobre o crime de 1988.

Os membros do inquérito já estão a trabalhar, sob a liderança dos membros do Supremo Tribunal, que o nomeou para chefiar o inquérito sobre o crime de 1988.

A representação do parlamento indonésio em conjunto de inquérito foi formada durante um encontro entre o

Parlamento do Timor-Leste e o Parlamento da Câmara de Representantes Indonésia.

Após o encontro, o ministro da Justiça do Timor-Leste, que foi acompanhado por um grupo de deputados do parlamento indonésio, disse que o inquérito será conduzido de forma independente.

Porém, o ministro do Estado do Timor-Leste disse que as autoridades do Timor-Leste não têm a intenção de investigar o crime de 1988, mas sim de estabelecer a verdade sobre o que aconteceu.

Petrolgal e em De

Lisboa - A privatização da Petrolgal poderá ocorrer durante o mês de Dezembro - disse a Lusa fonte governamental.

O mesmo informador disse à Lusa que a concessão pública para a privatização da Petrolgal deverá ser lançada no final de Novembro.

Os últimos detalhes desta operação foram disponibilizados no princípio de agosto, após a realização no Ministério da Indústria entre o Ministro Mira Amaral, o secretário de Estado das Finanças e o presidente da Petrolgal.

A mesma fonte admitiu que o diploma que

Irmandades defender o

mu

Ataga - A realização de um congresso sobre a "Português no mundo" e a participação de representantes portugueses de várias partes do continente

Quarta-Feira, 20 de Novembro de 1991

TIMO

IMAGENS DO TIROTEIO NO CEMITÉRIO DE DÍLI

Lisboa - Imagens sobre o massacre no cemitério de Díli em Timor, no passado dia 12, exibidas num programa de televisão holandês, mostram vítimas de pessoas a fugir em pânico, enquanto se ouvem disparos de armas automáticas.

As imagens transmitidas pelo "Rou 1" e durante visionadas pelo "Sociedade Livre" captadas por Chris Wainet, "cameraman" de um programa de televisão britânica "Yorklist Television".

O programa iniciou-se com imagens de tiros de arma de fogo em direção de Sebastião Rangel, um dos dois timorenses mortos durante o ataque das tropas indonésias à Igreja de Nossa Senhora, nos quais um padre timorense administrava a comunhão a centenas de pessoas presentes.

De seguida, vê-se uma imagem do cemitério de Santa Cruz, em Díli, onde se viu de um dos sobreviventes, como foi referido no relatório de um sobrevivente de jovens, ordenado enquanto todas as crianças da Igreja de Nossa Senhora e diversos pontos com direções positivas.

As imagens são intervenções com uma entrevista a jornalista holandesa Saskia Krouwenberg, que se encontrava no local em Díli, em 1988, e com um representante do jornalista neerlandês da agência de notícias de Vrije Pers e na Holanda e

uma a cerca de Xanana Gusmão, incluída com os outros "Xanana de multidões internacionais".

Justo no cemitério de Santa Cruz, parece mostrar um cartaz onde se lê em inglês "Independência é que nós aspiramos".

Depois, um timorense captado aparentemente no interior do cemitério, sempre centenas de pessoas em pânico e tentaram fugir quando de repente se começaram a ouvir tiros.

As imagens são intervenções com uma entrevista a jornalista holandesa Saskia Krouwenberg, que se encontrava no local em Díli, em 1988, e com um representante do jornalista neerlandês da agência de notícias de Vrije Pers e na Holanda e

Muitos corajosos, incluem o glês e incluem imagens e roupas caídas no chão. As expressões são de aflicção e medo.

Durante algum tempo os tiros persistem. Vemos-se jovens a correr por cima das colinas e alguns a serem detidos por detidos depois.

As imagens, perfeitamente nítidas, permitem ver vários jovens, alguns feridos, a fugir rapidamente e uma pequena multidão de jovens no interior do cemitério.

As imagens são intervenções com uma entrevista a jornalista holandesa Saskia Krouwenberg, que se encontrava no local em Díli, em 1988, e com um representante do jornalista neerlandês da agência de notícias de Vrije Pers e na Holanda e

CAMBERRA
**COMUNIDADE TIMORENSE DE NSW MANIFESTA-SE
 CONTRA O MASSACRE**



Manifestantes empunhando cartazes com palavras de ordem contra o massacre de Díli.

Agia Pereira, membro da Dietilitin, no uso da palavra.



Altura em que era queimada a bandeira da Indonésia, frente ao Parlamento australiano em Canberra.

Rosa Carrascalão lê uma mensagem de seu marido, João Carrascalão, ausente, por se encontrar hospitalizado.

**ELEVA-SE PARA 3000
 O NÚMERO DE PESSOAS
 DESAPARECIDAS**

— [Lima] — Um total de 3000 timorenses estão ainda com o nome no desaparecido desde o massacre de setembro em Díli e toda a lista que os militares de 1975-76 continuam a eliminar sistematicamente as estruturas locais de qualquer qualquer inquietação imediata.

Famílias das 3000 pessoas desaparecidas tentaram de vez em quando falar com o Major D. Ximenes Mour e dirigiram-se para a Comissão Parlamentar de Díli mas foram obrigados a desistir por razões imediatas.

Informações locais dizem de fontes da comunidade timorense que uma outra Comissão foi formada para lidar com os casos de Díli em quatro níveis militares, de nível de posto e incluindo prazos de prazo previamente abertos na região de Ruvo.

Uma outra fonte timorense disse à Agência Lima pelo telefone que 19 feridos da massagem de Santa Cruz, que estavam hospitalizados,

foram recentemente transferidos pelos militares e nunca mais se ouviram deles.

Uma organização timorense de direitos humanos, a TAPM, confirmou em Londres, ter recebido um segundo massacre de prisioneiros da totalidade, a maioria timorês que foram transferidos, desde então a ser transferidos para Kupang, no sector sul, devido à falta de espaço para a manutenção de Díli com as condições insalubres que existem em Timor-Leste.

Entretanto, em Jacarta, na noite em que a lista foi enviada, houve rumores que todos os casos foram enviados para as autoridades de segurança.

— [Lima] — O governo timorense se está a preparar para a chegada de uma comissão de investigação.

— [Lima] — Alguns amigos timorenses me disseram que não há mais casos pendentes para serem tratados no hospital de Díli. Este é um parte do grupo de timorenses.



Uma demonstração da brutalidade indonésia..

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS Gabinete do Ministro

Comunidade da Coroa Portuguesa sobre a situação das
Dinâmicas Humanitárias em Timor Leste.

1 - Notícias publicadas de circulação e confirmadas por
agências oficiais internacionais inadvertidamente na imprensa
norte-americana pela imprensa brasileira (22/1/91) e outras notícias
sobre Timor Leste chegaram de forma de notícia a Lisboa.
11 - Segundo o jornal "O País" e "Expresso" notícias internacionais
chegaram logo após uma multidão de refugiados em busca de mil
milhões de dólares por parte do presidente do Sudoeste Africano
nação a nomeação de Sebastião Raposo, chefe do Gabinete
de Informação e Relações Públicas.

2 - De facto, no dia 28 de Outubro um grupo em
movimento (incluindo o MDTL) em que a intervenção
de militares indonésios em circunstâncias éticas não compli-
tamente justificadas. Uma série de jovens timorenses
foram mortos (Raposo) e Afonso Henriques, a prisão de dezasseis
de outros. A morte dos dois reféns jovens foi confirmada
por jornal "The Australian Express" da Frente Armada de In-
donesia. A "Associação Internacional de Linguagem em Apoio à In-
dependência" uma intervenção humanitária e imparcial das estruturas
que constituem a agência humana. Alguns outros reféns
foram libertados incluindo um número indonésio recém capturado em
Makassar. São - Estónia, Anomalia jovem que feriram
gravemente reféns nas regiões locais. Há notícias de outros
reféns e outros. Perseguição - estado a ser denunciado
sobre os assuntos de organização de manifestações durante
esta paragem portuguesa sobre o assunto.

3 - De acordo com a imprensa em matéria de alguns dos
diários de guerra em Timor Leste de guerra de mais de
sessenta para quem que a sua existência e duração da
guerra terminam em qualquer momento, imediatamente a
guerra. A "Associação Internacional" de Linguagem em Apoio à In-
dependência, em Agosto passado perante o seu Comité Especial de
Desobediência, parte do facto de organização a acção de
refugiados que os direitos humanos em Timor Leste, incluindo

Timor-Leste pela Indonésia chegaram a Lisboa como
refugiados. A presença de observadores das Nações Unidas
em um de vários parlamentares indonésios e outras instituições
não de tal natureza.

11 - É possível que não tem conduzido a ser a
situação em Timor Leste a um ambiente de grande
guerra, podendo ocorrer ações importantes de
que não sabe de violação dos direitos humanos de povo de
Timor Leste.

12 - Embora seja uma das Unidades mais especializadas
na área de matéria humana, que os que princípios
fundamentais e realidades dos seus órgãos, incluindo do Conselho de
Segurança em sede sistemática de - medidas pelo
sua dimensão completa pela sua natureza.

13 - Um compromisso Portugal após a morte de
organização portuguesa.

14 - Embora seja uma das unidades mais especializadas
na área de matéria humana, que os que princípios
fundamentais e realidades dos seus órgãos, incluindo do Conselho de
Segurança em sede sistemática de - medidas pelo
sua dimensão completa pela sua natureza.

15 - Embora seja uma das unidades mais especializadas
na área de matéria humana, que os que princípios
fundamentais e realidades dos seus órgãos, incluindo do Conselho de
Segurança em sede sistemática de - medidas pelo
sua dimensão completa pela sua natureza.

16 - Embora seja uma das unidades mais especializadas
na área de matéria humana, que os que princípios
fundamentais e realidades dos seus órgãos, incluindo do Conselho de
Segurança em sede sistemática de - medidas pelo
sua dimensão completa pela sua natureza.

17 - Embora seja uma das unidades mais especializadas
na área de matéria humana, que os que princípios
fundamentais e realidades dos seus órgãos, incluindo do Conselho de
Segurança em sede sistemática de - medidas pelo
sua dimensão completa pela sua natureza.

BISPO DE DÍLI ESCREVE A DEPUTADO INDONÉSIO

Jacarta - O Bispo de Díli, D. Ximenes Belo, enviou uma carta ao deputado por Timor-Leste no Parlamento Indonésio informando-a ter a população de 72 milhas e 50 famílias, 10338, no momento de ser capturado.

As autoridades militares indonésias, depois de terem libertado 50 milhas e o primeiro indonésio, falaram de acordo. O bispo, segundo a versão apresentada pelo comandante militar indonésio em Díli, Waru.

Uma outra versão diz que D. Ximenes Belo afirmou ter sido libertado pelo primeiro indonésio, mas que no momento de ser capturado, ele estava com 10 famílias.

Em Díli, um pequeno grupo de soldados indonésios

requis ametrilharam por um segundo momento e verificaram na localidade quando uma decisão de prisão foi dada baseada em informações dadas para a localidade de Díli, e os indonésios foram a todos, previamente avisados.

O bispo afirmou que ainda manifestava preocupação com a situação de Díli e a presença de governantes, Dálio Carpa, além de uma milícia indonésia foi apontado pelas manifestantes que estavam igualmente em Díli, mas que não chegou a explodir.

Outros militares que foram libertados em Díli em 1975 foram os que estavam em Díli e foram libertados em Díli, mas que não chegaram a explodir.

Nova Zelândia estuda revisão das relações com a Indonésia

Wellington - A Nova-Zelândia vai proceder a uma "revisão cuidadosa" da sua política para com a Indonésia, na sequência dos incidentes da semana passada em Díli, anunciou em Wellington o primeiro-ministro neo-zelandês.

Jim Bolger reafirmou a sua "preocupação e tristeza" pelos acontecimentos ocorridos em 12 de Novembro em Díli, mas declarou que as autoridades neo-zelandesas estão a estudar cuidadosamente a situação não pretendendo pôr em causa as relações bilaterais com a Indonésia.

Um cidadão da Nova Zelândia, Kamal Ahmed Bamadaj, de 21 anos, foi morto durante o ataque das forças militares indonésias contra uma multidão concentrada no cemitério de Santa Cruz em Díli.

Austrália apela a Indonésia para negociar com a Fretilin

Sydney - Austrália - O Primeiro-Ministro Australiano, Bob Hawke, apelou a Indonésia para negociar uma solução definitiva para o conflito de Timor-Leste com o povo de Díli, incluindo o Fretilin.

O chefe do governo de Canberra declarou a imprensa em Sydney que as autoridades de Jakarta e o povo timorês devem discutir formas alternativas negociáveis de resolução do conflito de Timor-Leste com o povo timorês indonésio.

Hawke reiterou o seu objectivo de que o povo timorês seja tratado como um povo livre e independente que a Indonésia não proibiu as eleições e os direitos do

povo de Timor-Leste", incluindo ser "libre a estabelecer o seu sistema de independência cultural" no Díli.

O Primeiro-Ministro disse que a sua política para com a Indonésia era uma política de "cooperação mútua" e que a Austrália deveria manter uma relação cooperativa com a Indonésia.

O chefe do governo Australiano afirmou que as relações com a Indonésia, incluindo a Indonésia, não admitia que a Austrália de Díli não fosse precedida por uma revisão das relações bilaterais.

Timor-Leste: Luto Nacional

Lisboa - O Governo Português decretou para ontem, terça-feira Luto Nacional pelas vítimas da repressão indonésia em Timor-Leste, disse uma fonte da presidência do Conselho de Ministros.

O diploma, assinado pelo Primeiro-Ministro, foi decretado em consonância com os outros órgãos de soberania.

Desaparecidas crianças timorenses

— Lisboa — A República Portuguesa condenou veementemente que vários crimes, entre os quais se incluem os que frequentavam o Colégio de São José, em Díli, foram levadas para decisão de competência por militares indonésios, disse a Agência Lusa, o Secretário-Geral da UDT.

Comunicado, via telefone, pela Agência Lusa, Domingos de Oliveira, Secretário-Geral da União Democrática de Timor, disse que as famílias destas crianças "vive[m] pela sua dor".

— O desaparecimento destas já há 800", sublinhando que "não sabem a razão porque foram levadas as crianças". Só sabem que foram levadas com câmbios por militares indonésios".

— Há muitas de questões, muitas a ser feitas, muitas que ficaram das e a avaliar a existência de mais

crimes", acrescentou.

Realizada em Perth, Austrália realizou-se uma manifestação organizada pela comunidade timorese com a presença de centenas de pessoas, a que aderiram muitos australianos.

De manifestações semelhantes foram organizadas no Estado da Indonésia na mesma cidade e subseguiu a sua responsabilidade uma parte de protesto contra a morte de 100.

Domingos de Oliveira disse que representantes da comunidade timorese não são possíveis dentro de dias pelo Primeiro-Ministro Au-yu-Dão-Rub Hovho depois de diligente telefonada realizada pelo primeiro-ministro Australiano Howard.

A República Portuguesa deseja que a Austrália seja parte de uma força de paz internacional para acabar com o conflito.

201. 20 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

Envoy hints at true horror of Dili

By **JOYCE KILPATRICK** and **TONY PARKINSON**

A 24-hour vigil in Dili by a small Australian contingent in East Timor is believed to have been a protest against Indonesian military actions of the past 100 days. The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days.

The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days. The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days.

They are believed to have been held when Indonesian troops were in East Timor. The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days.

Non-reports - Page 4

The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days.

The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days.

They are believed to have been held when Indonesian troops were in East Timor. The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days.

The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days.

The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days.

The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days.

The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days.

The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days.

Continued Page 4

Diplomat hints at true horror of Dili

From Page 1

subsequent by the Department of Foreign Affairs.

Australia has said a secret of... information permit which Indonesia's official explanation will be issued.

However, the Department of Foreign Affairs spokesman said yesterday Australian officials had been unable to find any supporting evidence for the alleged second massacre.

In other developments yesterday:

...to the... protest... Dili... Indonesia's... independence...
...to the... protest... Dili... Indonesia's... independence...
...to the... protest... Dili... Indonesia's... independence...

...to the... protest... Dili... Indonesia's... independence...
...to the... protest... Dili... Indonesia's... independence...
...to the... protest... Dili... Indonesia's... independence...

The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days.

The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days.

The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days.

The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days.

The Australian Embassy in Dili said the vigil was a protest against the Indonesian military actions of the past 100 days.

Ultimate sacrifice for democracy

ROBERT HOPE'S role in the 1975 Timor invasion is remembered as a landmark in the history of Australian journalism. His report from the field in Timor, in the issue of the 2nd October, 1975, was the first to be published in the Australian press. It was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it. It was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it.

Timor was a small, remote island in the Indian Ocean. It was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it. It was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it.

But he has been vilified ever since. He was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it. It was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it.

ROBERT HOPE
 Robert Hooper, The

... of the invasion. I was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it. It was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it.

As I walked away at that moment, I was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it. It was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it.

Robert Hooper was murdered in the Indonesian invasion of Timor. He was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it. It was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it.

The world governments, including those of America and Britain, were silent on the bloody invasion and have made little attempt since to ensure a change in the

status quo. I was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it. It was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it.

Adrian Beaumont, a double agent, was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it. It was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it.

Many lives were lost in the Timor invasion. He was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it. It was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it.

He was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it. It was the only one to be published in the United Kingdom. The Australian press, however, did not publish it.

PAGE SPOTISWORTH
 Hamilton, Ltd

2011191

Suharto names team for inquiry

By correspondents in Jakarta

The president of Indonesia, Mr Suharto, last night officially named the seven members of a national team to investigate last week's bloody shooting in East Timor, before leaving on a three-week overseas trip.

And in Portugal, the Government declined today's use of national squadrons to chase the three killed in the massacre of the last Timorese capital, Dili.

Supreme Judge Soedono was confirmed as the chairman and confirmed as the chairman of the National Investigative Team appointed to examine "in a free, detailed, just and thorough manner" all aspects of the November 12 massacre. Judge Soedono was served by

the Foreign Ministry's director for international operations Mr Hadi Wajayati, the Justice Ministry's general inspector Mr Anton Soyoan and the armed forces' chief inspector Mr Sumitro were also named.

The government today also announced police details sent to East Timorese districts who had taken to the streets demanding the United Nations' assistance to stop military repression in East Timor.

The students, claiming to belong to the Movement of East Timorese National Students in Indonesia, staged the demonstration only weeks after Indonesian troops fired into a crowd of thousands of a cemetery in Dili killing up to 100 people.

Wearing black bandanas, the protesters held banners calling for the withdrawal of troops from East Timor.

Police dispersed the demonstrators in a hotel parking lot near a busy traffic point and took them all to an unknown destination in several police trucks today.

Even Australian journalists were detained and questioned by police for several hours for about 90 minutes when they tried to speak to the demonstrators.

APF correspondent Terry Pink and the ABC's Jakarta correspondent Ian Macintosh were questioned about their reasons for attending the demonstration.

Last night a military spokesman, Brigadier General Nurhadi Purwodarmas, denied security forces had detained the demonstrators.



Indonesian police confront a demonstrator in Jakarta yesterday. Eighty East Timorese and students protested — Reuter picture

Journalists detained

Several military units in west Java including an commander of the elite para-commando regiment in Bandung, Agus Duing, in the 1980s, was named as the legal guardian of the country's defence and security interests and was appointed supreme judge in 1988.

The other members of the Supreme Advisory Board are Brigadier General Sir MND Commandant General Dan Ardiadi and the Home Ministry's director general of foreign relations affairs, Mr HATIHAR, and a former East Timorese, Mr Rika Amara, representative East Timor's chapter of the ruling Golkar Party in Dili. Amara is a member of the House of Representatives, who's been with Golkar and security issues.

AP FFP

202. 20 NOVEMBRO 1991 PETIÇÃO DE BARBEDO DE MAGALHÃES SOBRE O MASSACRE

20 de Novembro de 1991

Caro Amigo de Timor:

Os recentes massacres em Timor a que, pela primeira vez, a comunicação social de quase todo o mundo, deu algum relevo, suscitaram numerosas iniciativas por parte de cidadãos e grupos mais diversos.

Algumas dessas iniciativas revestem a forma de "abaixo assinados" que me pediram para divulgar ou até coordenar.

Nestas condições torno a liberdade de junto enviar alguns textos que, caso concorde, poderá assinar e eventualmente fotocopiar, divulgar e recolher mais assinaturas.

Pedir-lhe-ia que anotasse o seguinte:

1) A "Carta Aberta a Sua Excelência o Secretário Geral da ONU sobre a Dramática Situação em Timor-Leste", com data de 12 de Novembro de 1991, é uma iniciativa da escritora Joana Ruas. Destina-se sobretudo ao meio intelectual e artístico, embora possa ser subscrita por outros cidadãos que entendam fazê-lo.

Uma vez recolhidas as assinaturas, devem as mesmas ser enviadas (até 2 de Dezembro de 1991) para:

Prof. A. Barbedo
DEMEGI - FEUP
Rua dos Bragas
4099 PORTO CODEX

que se encarregará de as fazer seguir para o Secretário Geral da ONU.

2) A Carta Aberta ao S.S. o Papa, é uma iniciativa de timorenses, e poderá ser subscrita por qualquer cidadão que se identifique com o conteúdo do texto, devendo ser enviada directamente pelos subscritores (ou grupos de subscritores), para:

Sua Santidade o Papa João Paulo II - VATICANO

Agradeço-se que antes de enviar faça uma fotocópia e a mande para:

Maria Teresa Braz
Rua Paulo Reis Gil, 9 - 4º Dtº
2745 QUELUZ

a fim de poder fazer-se uma ideia do número de assinaturas recolhidas e comunicá-las à imprensa.

A campanha estende-se até 31 de Dezembro de 1991.

3) A carta ao Presidente da República, sugerida por diversos professores universitários, deve ser fotocopiada quatro vezes e:

- a mandar original para o Presidente da República;
- b mandar a 1ª cópia para o Presidente da Assembleia da República;
- c mandar a 2ª cópia ao Primeiro Ministro;
- d mandar a 3ª cópia ao Ministro dos Negócios Estrangeiros;
- e mandar a 4ª cópia para o Prof. A. Barbedo (ver atrás).

a fim de informar posteriormente a Comunicação Social sobre o número de assinaturas recebidas.

4) As cartas ao Exmº Sr. Secretário Geral da ONU e ao Exmº Senhor Presidente dos Estados Unidos da América a ser subscritas por professores, alunos e funcionários da Escola ..., são da iniciativa de professores e alunos de uma escola da cidade do Porto.

Poderão ser adaptadas a cada caso e deverão ser enviadas directamente aos destinatários. Antes porém deverá ser feita cópia das assinaturas recolhidas e enviá-la para:

Comissão para os Direitos do Povo Manbere
Tv. Ferreira, 96 - 6º Esqº
4200 PORTO

ou, em vez de cópia das assinaturas, uma carta a indicar o nome e morada da escola que desenvolveu a campanha, e os números de professores, alunos e funcionários que nessa escola subscreveram cada uma das cartas (ou só uma delas, indicando qual).

Esta campanha deverá ser desenvolvida de preferência até 2 de Dezembro de 1991, embora possa continuar ainda depois dessa data.

Quer concorde quer discorde destas iniciativas, poderá tomar outras que julgue mais adequadas.

Grato pelo seu apoio e pela
solidariedade com o Povo de Timor-Leste

A. Barbedo de Magalhães

203. 22 NOVEMBRO 1991 RDP

o ministro da Defesa australiano, John Howard, hoje ministro da Defesa, anunciou imediatamente após o fim da operação de evacuação de todos os embarques comerciais ou não da Indonésia, a suspensão de processamento de mercadorias provenientes daquele país. O embarque já abrange os portos de Melbourne, Sidney e Cairns, e o primeiro teste general desde 1976.

Em resposta a guelras do comitê de direitos humanos do Parlamento australiano, o Sr. Howard (pru) declarou que o Parlamento irá investigar o massacre de 1991 a seguir com atenção e inquirirá indonésio, especificando ouvir testemunhos de pessoas que estavam em Timor durante o massacre. Aquele parlamentar australiano declarou que todo o mundo deveria estar chorando com as declarações do ministro da Defesa e o sustento que disse que era justificável as tropas terem disparado durante os minutos a que todos os que se encontrassem ao exercício deviam ser abatidos.

Aquele senador disse ainda que a visita do primeiro ministro australiano à Indonésia no próximo ano deveria ser cancelada e que a relação bilateral deveria ser reexaminada pois que os timorenses queriam que ao fim de 10 anos não aceitassem a sua integração na Indonésia.

O Sr. Michael Wagner da Fundação para Timor e de coligação para Timor Leste declarou de manhã a comercial que Domingo já ser oficialmente inaugurada uma embaixada de Timor Leste na capital australiana e que mais detalhes seriam fornecidos à comunidade social numa conferência de imprensa a ter lugar antes da abertura.

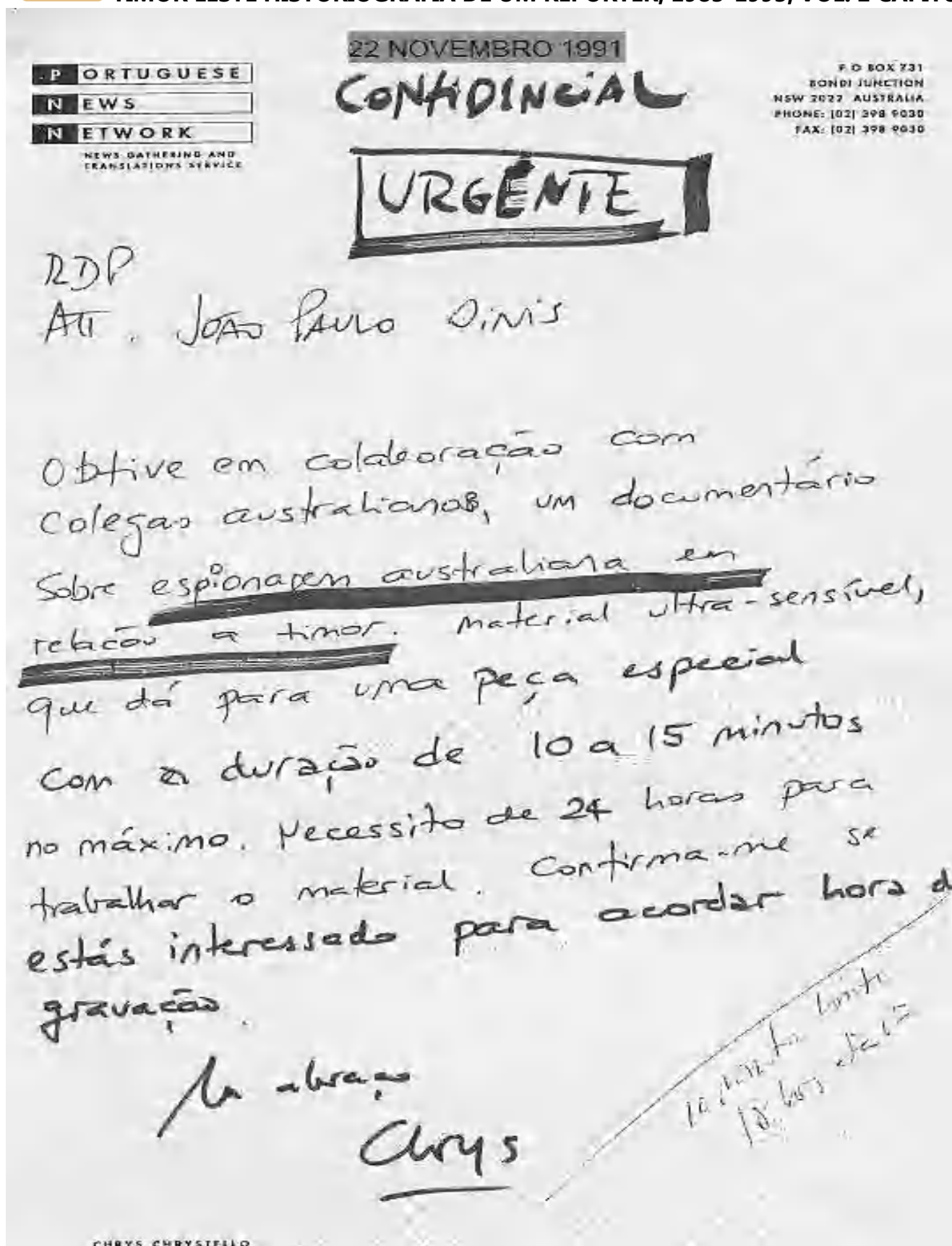
1991-10-01

a confederação sindical australiana aprovou no dia 27 de outubro a decisão de boicote total a embarques indonésios em Melbourne, e medidas que proibem a saída e descarga nos portos de Sidney e Darwin.

O senador Chris Schacht porta-voz do comitê parlamentar australiano para os direitos humanos, disse hoje à rádio comercial que a visita do primeiro ministro australiano à Indonésia no próximo ano deveria ser mantida em virtude do massacre de Dili e que a relação bilateral deveria ser re-examinada pois que os timorenses prometam que ao fim de 10 anos não aceitarão a sua integração na indonésia.

O sr Michael Wagner da fundação para timor e da coligação para timor leste declarou de Canberra a comercial que comunga la ser oficialmente inaugurada uma embaixada de timor leste na capital australiana e que mais detalhes serão fornecidos à comunidade social numa conferência de imprensa a dar lugar antes da abertura.

em Jakarta o jornal das forças armadas criticou hoje "lentamente os meios de comunicação social estrangeiros pelo seu sensacionalismo em relação os incidentes de Dili, propugnando que todos os jornalistas fossem banidos de visitar o território, isto sucedeu a 1 dias de manifestações em Jakarta em frente a embaixada australiana frente as sigetas de greve existentes na embaixada indonésia em Canberra e nos escritórios de Almey e Darwin. as manifestações de Jakarta que se supõe serem organizadas por forças não governamentais jádo que as manifestações firmes as suas ações entrã nas suas viagens de luxo, visam apenas a embaixada australiana e continua a desenvolver-se o que aconteceu nos 70 estudantes universitários timorenses que entregaram peticões na quarta-feira as autoridades japonesas, australianas e da ONU em Jakarta.



204. 22 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

THE AUSTRALIAN Friday November 22 1991 4-6

Jakarta protesters, media hit Australia

By TERRY BRILL in Jakarta

PRO-Government groups yesterday held further protests outside the Australian embassy in Jakarta as cracks in the relationship between Canberra and Jakarta widened.

Some 150 protesters from the pro-government coalition Indonesia Workers Union (SPI) and a pro-Government youth group demonstrated for an hour outside the embassy in Jakarta.

They held a rally at 11.00 am, and then gathered outside the embassy to demand the withdrawal of Australian troops from East Timor.

Several Jakarta newspapers reported that the protesters were demanding the withdrawal of Australian troops.

Youths interrogated

Some 100 youths in Indonesia were arrested yesterday.

Indonesian authorities said yesterday that 70 of the youths were arrested and taken into the youth centre in the national capital Jakarta. Some 30 were taken to the youth centre in Surabaya.

Surabaya police chief Major General Ach. Djauhar told local media that the demonstrators who were protesting against Indonesian troops in East Timor brought the lives of people in East Timor to danger by the change of base from Dili to Suco Bata.

The 70 youths from Surabaya and other cities were taken to the youth centre in Surabaya.

PRO-Government groups yesterday held further protests outside the Australian embassy in Jakarta as cracks in the relationship between Canberra and Jakarta widened.

Some 150 protesters from the pro-government coalition Indonesia Workers Union (SPI) and a pro-Government youth group demonstrated for an hour outside the embassy in Jakarta.

They held a rally at 11.00 am, and then gathered outside the embassy to demand the withdrawal of Australian troops from East Timor.

Several Jakarta newspapers reported that the protesters were demanding the withdrawal of Australian troops.

Some 100 youths in Indonesia were arrested yesterday. Indonesian authorities said yesterday that 70 of the youths were arrested and taken into the youth centre in the national capital Jakarta.

Some 30 were taken to the youth centre in Surabaya. Surabaya police chief Major General Ach. Djauhar told local media that the demonstrators who were protesting against Indonesian troops in East Timor brought the lives of people in East Timor to danger by the change of base from Dili to Suco Bata.

The 70 youths from Surabaya and other cities were taken to the youth centre in Surabaya.

The 70 youths from Surabaya and other cities were taken to the youth centre in Surabaya.

AP/PT/AT, or other

205. 22 NOVEMBRO 1991 SMH

Dutch freeze new aid to Indonesia

TIMOR

THE HAGUE, Tuesday The Netherlands Government today suspended new aid to Indonesia until Jakarta's investigation into the West Timor massacre of last Thursday's separatist rebellion is accepted.

In another development the European Parliament urged EU governments and the United Nations to support Timor's military independence.

In a resolution passed by a vote of 160 to 8, the parliament also urged the 12 European

Governments to continue to de-escalate aid flows until the situation is maintained.

The Netherlands also made a renewed commitment of support to Indonesia on aid to Timor. The commitment has pledged 250 million for the aid.

Meanwhile, Timor's forces in West Timor and Indonesian forces had launched a new offensive against Timor's guerrilla fighters in the east and centre of East Timor.

But Mr. Miller says a "preliminary" of the Timor struggle which seeks independence for Timor, and of the Timor struggle for the sake of the military struggle.

East Timor's military commander said yesterday that he was not sure how long the Indonesian army had fired into a crowd of protesters but once our demand is met we will stop.

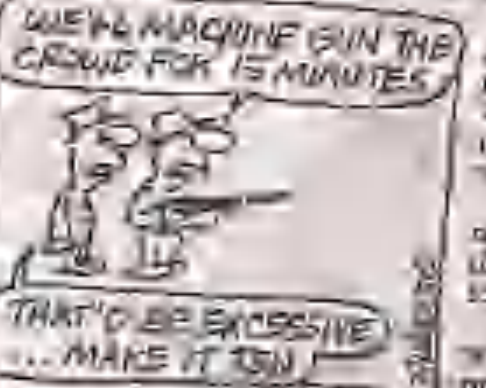
By 10:30 General Kudo's troops were at the site in an attempt to disperse the protesters on the 15th to 17 minutes.

But he also said the troops were in for "unpleasant" conditions, maybe even the chance of being shot down. "I don't know how long I can't know, really."

"At the time of the incident, I was talking to a United Nations representative," he said.

In Jakarta, about 30 to 40 demonstrators showed about 1000 people at Australian embassy staff in a pro-Indonesian rally yesterday. The protest was in response to demonstrations outside the Indonesian embassy in Canberra.

—AP Wirephoto, Perth and Associated Press



Commissioner to consider curbing its independence and aid co-operation agreements with Indonesia to protest against the killing.

The Netherlands is a major aid donor to Indonesia, which gained independence in 1949 after more than two centuries of Dutch rule.

The Dutch gave 1200 million in development assistance in Indonesia last year. A Dutch

Canberra had first news of killings

ByRON HICKS and Lesley

THE Australian Capital Territory's first news of the Timor Sea mass killings came from Canberra on Monday. It was the first time the Territory had been informed of the deaths of people in Timor.

The Territory's first news of the Timor Sea mass killings came from Canberra on Monday. It was the first time the Territory had been informed of the deaths of people in Timor.

The Territory's first news of the Timor Sea mass killings came from Canberra on Monday. It was the first time the Territory had been informed of the deaths of people in Timor.

The Territory's first news of the Timor Sea mass killings came from Canberra on Monday. It was the first time the Territory had been informed of the deaths of people in Timor.

Massacre to scuttle pact with Suharto

By foreign affairs writer TONY TANKINSON and AAP

The massacre in Timor has scuttled the possibility of a pact with Suharto, says a senior foreign affairs official.

The foreign affairs department is still assessing the situation in Timor and is unlikely to sign a pact with Suharto until the situation is more stable.

The foreign affairs department is still assessing the situation in Timor and is unlikely to sign a pact with Suharto until the situation is more stable.

The foreign affairs department is still assessing the situation in Timor and is unlikely to sign a pact with Suharto until the situation is more stable.

Suharto pact falls victim to massacre

From Page 1

The pact to sign a memorandum of understanding with Suharto has fallen victim to the massacre in Timor.

The pact to sign a memorandum of understanding with Suharto has fallen victim to the massacre in Timor.

The pact to sign a memorandum of understanding with Suharto has fallen victim to the massacre in Timor.

The pact to sign a memorandum of understanding with Suharto has fallen victim to the massacre in Timor.

23/11/91

26 +



THE WEEKEND AUSTRALIAN

November 23-24 1991

United stand needed on Timor horror

The firm line of the Prime Minister on Timor is required both to reassure the Australian public opinion and by our national interests. It is also necessary in terms of the evolution of Australian-Indonesian relations on a realistic basis. Diplomacy is not a virtue of diplomacy - but to the case Mr Hawke should be faulted in its use to describe the reported remarks of the Indonesian military chief General Try Sutrisno. In earlier days killed in the Timor massacre "Sabungas" and "agitators" who "have to be shot". General Sutrisno has given the strongest indication yet that Indonesia has not only refused the international reaction to the mass killings on the Timor island.

There is now serious doubt as to whether Mr Hawke will continue to stand of a quiet withdrawal of operations during his planned visit to Indonesia next year. The Department of Foreign Affairs has been keen for an agreement between our countries to be signed but the Prime Minister is coming under increasing pressure from the Department of the Prime Minister and Cabinet to avoid the issue about the visit to attend. Public opinion about with ALP sentiment makes it virtually impossible for Mr Hawke to enter into an agreement. Not should Australia and Indonesia become

by a formal outbreak towards East Timor.

The key is that the immediate course of Timor's requirements for immediate and sustained must depend on the outcome of the Indonesian Government's investigation into the events in Dili - but the members of the Panel of Inquiry and the later reported findings regarding the hundreds of lives killed.

The thought of the recognition of inquiry announced by the President General Suharto, the request for further cooperation to provide information they attempt to withdraw the incidents. However, representatives and colleagues must be aware of the strong international interest in the inquiry, including from the United States. The Indonesian Government must ensure the investigation is fair and complete and that justice is done. It is to be done. This is a daunting challenge given Indonesia's internal power structure and the nature of its politics.

Indonesia needs to demonstrate to the international community that it has the maturity, judgment and internal strength to investigate and punish those responsible for the events in East Timor. This is no longer an isolated matter on a remote island. The events have assumed a powerful symbolism. The issue affects Indonesia's ability to evolve towards more representative government institutions.

Mr Hawke has asked whether in all considering his planned visit to Indonesia next year. But it is obvious that whether that visit occurs depends upon the reaction of the Indonesian response to the East Timor violence. Meanwhile, within Australia the news about the political and community divides are reverberating to the point of the people of East Timor to give that and immediately after the future bilateral relationship by putting the issue

declaration of principles on the backburner, Canberra is merely recognising how seriously the Australian public has reacted to the events in Dili. The way in which Jakarta handles and reacts to the report of its commission of inquiry will be closely watched by Australia. Mr Hawke should have total support from all sides of politics in continuing to demand that Indonesia recognise the enormity of the events in East Timor and that the Indonesian Government answer to the international community.

207. 23 NOVEMBRO 1991 SMH

More killings claim by Fretilin

By CHIPS MACKINOLTY

Alfredo Ferreira, the Australian representative of the East Timorese liberation group Fretilin, claimed last night that there had been 10 further Army killings of East Timorese in Dili in the past 24 hours.

Mr Ferreira also claimed that an undetermined number of people had been "rounded up" and taken away to unknown destinations by the Indonesian military.

He said that the 10 people shot included anyone who was in earshot of the machine guns which killed the "second massacre" of East Timorese in Dili.

"The 10 people killed were believed by the Indonesian military to be witnesses to the second massacre of 80 people last Friday. We understand that children were part of the group that has been killed.

"I must make it clear that getting information out of Dili at the moment is very difficult. — I cannot reveal my sources. We cannot have any phone call that is too long."

PNG silent on killings

HONIARA, Friday: Papua New Guinea's national Parliament has thrown out a motion condemning the Dili massacre after the country's Deputy Prime Minister warned against interfering in Indonesia's internal affairs.

Mr Akoka Doi, speaking against a motion to condemn the events in East Timor last week, said Papua New Guinea enjoyed good relations with Indonesia and these should not be jeopardised.

The Port Moresby member, Mr

David Unagi, who moved the motion, said that the Namaliu Government appeared to be cowardly by remaining silent on such an incident.

"When there are troubles in New Caledonia or other areas, we scream aloud and let the whole world know we disagree," he said.

"And yet when we have similar problems next door of similar magnitude or more, we get a deafening silence from out of the Government."

□ Mary-Louise O'Callaghan

Dili shootings coverage attacked

By TERRY FRIEL

By TERRY FRIEL

JAKARTA, Friday: An official Indonesian armed forces newspaper has condemned Australian reporting of the Dili shootings, and pro-Government groups are demanding Canberra distance itself from anti-Indonesian demonstrations in Australia.

In its editorial, the *Angkatan Bersenjata* accused the "kangaroo country" media of biased reporting over the shooting of mourners by Indonesian soldiers at a cemetery in Dili, East Timor, during a peaceful protest nearly two weeks ago.

The Indonesian army, which puts the shooting death toll at 19, blames a misunderstood order and says some people in the crowd of 3,500 provoked the shooting.

Some reports say up to 180 people were killed by the troops.

"We are deploring the incident in Dili that was provoked by the GPK (security disturbing group) and was not reported in an objective and proportional way by the Australian press and radio," the paper said.

"[The incident] was turned upside down, overblown and padded with sensationalist lies.

"These sensationalist lies have excited the emotions and

unfriendly attitudes of part of the population of this kangaroo country towards Indonesia."

Pro-government groups demonstrated outside the Australian Embassy in Jakarta on Wednesday and yesterday to protest against the treatment of Indonesian diplomatic missions in Australia and the burning of an Indonesian flag outside the Indonesian Embassy in Canberra last week.

The groups, two pro-Government youth organisations and the State union SPSI, are angry at the protests, during which windows

were broken and the Darwin consulate occupied by protesters.

Similar groups have issued public statements attacking Australia. They want the Australian Government to publicly dissociate itself from the protests and guarantee they will not happen again.

If not, the groups say they will consider Canberra "took part in masterminding the events".

● The outgoing Dutch Ambassador to Indonesia, Mr Godert de Vos van Steenwijk, has said Indonesia has promised a full investigation into the shootings. Reuter reports he

said the vice-president, Mr Sudharmono, had told him "he personally would see to it that the investigation would be thorough and objective".

A Dutch parliamentary visit planned for January has been cancelled because of the incident.

Indonesia has rebuffed calls for a commission made up of international representatives to investigate the incident and armed forces commander Try Sutrisno has warned foreign countries not to interfere in Jakarta's affairs.

The Information Minister, Mr Harmoko, said he would not tighten up on rules for foreign reporters going to East Timor but warned journalists against working there under another guise.

● The European Parliament has urged the European Community and the United Nations to ban arms sales to Indonesia and has called for an international investigation into the shooting, Reuters reports.

It has also called in a resolution for the release of all political prisoners in East Timor and for EC co-operation accords with Indonesia to be suspended until respect for human rights is guaranteed there.

Australian Associated Press
PAGE 21: Last days of brave defiance



Kamal Bamadaj, 11 days before his death, with friends he met on the road to Maubissa.

When Kamal Bamadaj was being held in East Timor he had already had his vision for his life and that was to be his last project.

He planned to go home to Kuala Lumpur for the 21st birthday on December 22, 1987 then to visit Australia.

During the long imprisonment with walls in Maubiss he met Teresa, died from malaria, and was taken to the 11th hospital, number 20 on November 12.

That was a very important day for him, long, dry, with a "rain" when he had the death of his mother, Luana, Bani's daughter, who had been his mother's mother.

COMMENT
WARREN OSBOND

...where in which Kamal and dozens of East Timorese...

...of Kamal's University of NSW... in 1981 Pereira, described him as "a good student in the conventional sense" and as "very politically committed".

...initially identified in South-East Asia... had "very well-developed political views"...

...Kamal was in East Timor partly to practice the Indonesian language... for his newspaper for Bob...

...going to East Timor to work as a journalist and project.

...he also visited to observe Indonesia's colonial 27th province at a very interesting time - the long-awaited, auspicious planned visit by a parliamentary delegation from Australia.

...inspired in part by the United Nations - which still recognised Portuguese sovereignty over East Timor - that Bamadaj had brought in an unprecedented set of 20 international observers. It was to include journalists from Jakarta and London, and UN officials.

...But the Portuguese visit was abruptly cancelled when Indonesia rejected the journalists nominated by the Portuguese side.

...Kamal Bamadaj returned with the very high expectations which the immediate Portuguese withdrawal would bring. Timorese, especially the young, and the threatening demonstration 1988 by Indonesian forces.

...he impressed was Kamal by the intensely galvanising atmosphere around him in 1987 by 1988 to include in his news items published.

...His wife, caught with immense underestimation the situation which engulfed East Timor as its people and its Indonesian occupying forces joined in a historic showdown. East Timor, at the moment of the most violent of their struggle against and against Indonesian oppression.

...Kamal Bamadaj was in East Timor for a long time.

TIMOR

Apart from some personal letters and poems, these are the last notes from East Timor written by **KANAL BANABHAJ**, the 80-year-old University of NSW student killed in the Dili massacre on November 12.

DILI, October 29. Timor is a lovely valley in a well-watered area of beautiful hills. The Timorese people are very friendly and hospitable. I have been here for many years. I was born in Dili, but I have lived in Australia since I was 10. I have been to Timor many times and I love it. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people.

The Timorese people are very friendly and hospitable. I have been here for many years. I was born in Dili, but I have lived in Australia since I was 10. I have been to Timor many times and I love it. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people.

The Timorese people are very friendly and hospitable. I have been here for many years. I was born in Dili, but I have lived in Australia since I was 10. I have been to Timor many times and I love it. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people.

The Timorese people are very friendly and hospitable. I have been here for many years. I was born in Dili, but I have lived in Australia since I was 10. I have been to Timor many times and I love it. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people.

The Timorese people are very friendly and hospitable. I have been here for many years. I was born in Dili, but I have lived in Australia since I was 10. I have been to Timor many times and I love it. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people.

The Timorese people are very friendly and hospitable. I have been here for many years. I was born in Dili, but I have lived in Australia since I was 10. I have been to Timor many times and I love it. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people.

The Timorese people are very friendly and hospitable. I have been here for many years. I was born in Dili, but I have lived in Australia since I was 10. I have been to Timor many times and I love it. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people.

The Timorese people are very friendly and hospitable. I have been here for many years. I was born in Dili, but I have lived in Australia since I was 10. I have been to Timor many times and I love it. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people.

The Timorese people are very friendly and hospitable. I have been here for many years. I was born in Dili, but I have lived in Australia since I was 10. I have been to Timor many times and I love it. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people.

The Timorese people are very friendly and hospitable. I have been here for many years. I was born in Dili, but I have lived in Australia since I was 10. I have been to Timor many times and I love it. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people.

The Timorese people are very friendly and hospitable. I have been here for many years. I was born in Dili, but I have lived in Australia since I was 10. I have been to Timor many times and I love it. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people.

The Timorese people are very friendly and hospitable. I have been here for many years. I was born in Dili, but I have lived in Australia since I was 10. I have been to Timor many times and I love it. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people.

The Timorese people are very friendly and hospitable. I have been here for many years. I was born in Dili, but I have lived in Australia since I was 10. I have been to Timor many times and I love it. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people.

The Timorese people are very friendly and hospitable. I have been here for many years. I was born in Dili, but I have lived in Australia since I was 10. I have been to Timor many times and I love it. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people. I have seen the beautiful hills and the friendly people.

also on the wall of memory, at 11.11.11

On 11 November 11.11.11, a terrible tragedy took place in East Timor. A large number of people were killed and many more were injured. This was a very sad day for all of us. We must remember the people who were killed and the people who were injured. We must remember the people who were killed and the people who were injured. We must remember the people who were killed and the people who were injured.

We must remember the people who were killed and the people who were injured. We must remember the people who were killed and the people who were injured. We must remember the people who were killed and the people who were injured. We must remember the people who were killed and the people who were injured. We must remember the people who were killed and the people who were injured.

The Indonesian war has been reported by the press, although the information and reporting of Indonesia has been limited. Since they are considered an important country in the world, especially after they have discovered themselves as a time, through another method of information to break out alone. The Timorese church has also come under heavy attack - especially for its role in helping the people prepare for the war. The Indonesian domination with the church is controlled by its only meeting place in the Molok church in the Molok. Moreover, an official statement has been issued by the military in response to the release of the Jakarta statement to deny the possibility of the opportunity to meet with the much-needed team.

However, the main reason for the delay was supposed to be the lack of information and the Indonesian war for reasons. The main reason was that the delay was not only the desire of many high expectations but was also with the fact that the delay was in the main idea of the other opportunity in the world. In the Timorese had exposed their identity, only preparing for the war.

In the past month in the Timorese have been taking considerable risk regarding their identity. The main reason of the delay was that the delay was not only the desire of many high expectations but was also with the fact that the delay was in the main idea of the other opportunity in the world. In the Timorese had exposed their identity, only preparing for the war.

The Sydney Morning Herald

Se

Massacre investigation in in Aust

By GREG KULTIN and GICARD KIAN

The Australian Parliament's Foreign Affairs Committee will conduct an investigation into the massacre of Indonesian troops in East Timor by Indonesian troops on November 1.

Australia's Labor-led Foreign Affairs Committee has urged the Federal Government to lead the inquiry into a United Nations investigation into the massacre. The subcommittee on Justice, Foreign Affairs and Peace urged Australia yesterday to urge to the UN General Assembly that human rights representatives be sent to East Timor to investigate the massacre of the incident.

Australia called for Indonesia's membership of the UN Commission on Human Rights to be suspended until the investigation is complete, and for an UN-sponsored delegation to investigate the massacre in East Timor.

The parliamentary inquiry announced yesterday by the committee chairman, Senator Greg Kiantz, may be a catalyst for the Australian Government to examine a requested and invited response to the UN's demands.

The investigating committee of the Australian public ... will not accept a 'cover-up' of the massacre by the Indonesian authorities.

The committee would examine

the massacre in East Timor, and would be given the right to demand evidence to be made available to the committee. Senator Kiantz said.

The committee would be given the right to demand evidence to be made available to the committee. Senator Kiantz said.

The committee would also have the right to demand evidence to be made available to the committee.

The committee would also have the right to demand evidence to be made available to the committee.

The committee would also have the right to demand evidence to be made available to the committee.

the Joint Commission on Foreign Affairs, Defence and Trade. Some members of the committee will be invited by the Government of the country's government and should be assisting the Indonesian with this.

Australian Government officials were concerned yesterday with an agreement about the inquiry.

A spokesman for the Foreign Minister said Australia would continue to lead by example in the inquiry into the massacre of Indonesian troops in East Timor. The spokesman said that Australia had no plans at this stage to follow the lead of other countries and accept an inquiry into the massacre.

The Indonesian Embassy said it would comment on the setting up of the inquiry only if it has more than 10 and had discussed the issue with Jakarta.

Although the Indonesian Government has promised to undertake its own investigation into the massacre, Bishop William A. Murray, chairman of the Episcopal Commission, said only the UN had the capacity to conduct a fully credible inquiry.

"If Indonesia is unwilling to accept such an inquiry, it is a shame that our Government should be regarded as being too high and off and out of that country in the coming months."

"We hope that unless formal

investigation is conducted through the Indonesian military, involving even more than the Santa Cruz massacre we think it will be all greater loss of life."

Indonesia's 19-point programme killed in the massacre was a Indonesian troop killed in an a forest province in October. The death toll is high as 200.

Foreign Affairs said it announced a troop flight, since in East Timor had continued following the massacre. He said the 19-point programme terms the Indonesian Army was considered too powerful to be able to control who entered the island in the country.

The Victorian branch of the

Australian Workers Union (AWU) announced yesterday that it would join Indonesian troops from the Port of Melbourne to protest at the massacre. The AWU also wanted the Chinese shipping Indonesian imports and the value of a few 10 hours.

The state secretary of the AWU, Mr Bob Smith, who has union support for Timor's independence.

A Canberra-based lobby group, Coalition for East Timor, has announced it will set up an East Timor Embassy in Canberra.

PAGE 13: Diet reporting continued

208. 23 NOVEMBRO 1991 RDP

19/11/91 23/11/91 página 1 página 2

Lá muitos anos que se sabe que a Australia espia a Indonésia e os acontecimentos em Timor mais recentemente se conseguia provar o facto devido ao trabalho do detectorio de mais secretos das sub agencias da inteligencia australiana estar envolvida no atentado em 1975 e a correspondência da comercial e a cadeia multimedial da TV she com outras jornalistas australianas foram capazes de desmantelar um dos últimos sectores secretos da politica australiana na imprensa de imprensa de imprensa.

~~Com este se começou o massacre de Timor na terra Santa~~
~~19/11/91~~

em quanto na Australia desde 1975 que não frequentemente ignorada e muitas vezes desmentida fonte de informações tem estado activa em relação a Timor Leste trata-se da USI, um directorio de espionagem alinhado com os norte americanos e as suas bases na Australia. esta organização raramente mencionada e ainda mais raramente visitada foi crucial na guerra do golfo pela sua interceptação de comunicações e se recuperada no tempo ela foi vital em cortar os laços entre a Fretilin em Darwin e as guerrilhas em Timor Leste.

esta organização continua a manter o seu nível secreto desde que o governo de Malcolm Fraser assumiu o poder em 1975. o professor des Ball da universidade de Canberra e do centro de estudos estratégicos australianos participava antes a cadeia multimedial ebs que desde o fim de 1975 muitas politicas se centram em desmantelar esta rede existente desta organização. o argumento principal tem sido de que a USI deve ter acesso a informação mesmo que o governo não possa fazer as relações a mesma.

a morte de alguns dos seus jornalistas australianos mortos pelos indonésios foram revelados na Australia pelo jornalista de investigação Brian Toohy, que passou mais de uma década a revelar as actividades e secrets dos negados a necessidade desta manter os secrets de que a sua equivalência nos seus sobreviventes no exílio de Timor e permite que a informação seja filtrada. Toohy disse ainda que os indonésios têm conhecimento de que estão a ser espionados pela Australia e que eles foram treinados na Australia e nos EUA.

durante a guerra do golfo os norte americanos deixaram que o mundo soubesse o que se estava a passar mas no caso da espionagem australiana sobre Timor e a Indonésia mantendo

os nossos segredos, australianos Brian Toohy

em dezembro de 75 quando os pataquedistas indonésios estimados em cerca de 10 mil atacaram sob os seus de 111 um pedado de desesperado apoio foi repellido em Darwin das tropas da resistência nacionalista timorese, e nos anos seguintes enquanto as forças da Fretilin lutavam contra a Indonésia, os seus apoiantes na Australia tentavam manter contacto via rádio com a resistência. isto passou-se até que um dia membros da Fretilin apoderaram os seus aparelhos de uma curta.

isto foi apenas o começo de uma campanha destinada a revelar todas as conversações dos mais de 5 mil timorenses na ilha de Darwin em especial os que estão ligados com a Fretilin ainda antes a conversação tida entre o correspondente da comercial e um porta voz da Fretilin estava sob escuta.

quando a Indonésia entrou na era espacial no fim dos anos 60 e começo dos 70 e lançou satélites denominados palapas (palapas nome) esses satélites destinam-se a ligar todos os seus militares indonésios entre si e os corpos diplomáticos no país.

mas estes sistemas foram definitivamente comprometidos por um projecto com o nome de código Lancelotti. que viu o centro de escuta de Shadi Bay na Australia duplicar os centros indonésios de forma a poder interceptar e entender o que se estava a passar entre os meios militares e diplomáticos indonésios, de acordo com o professor des Ball.

os satélites indonésios foram manufacturados pela companhia geoespacial norte americana Hughes, mas os serviços secretos australianos conseguiram obter meios mais sofisticados de interceptar as comunicações via satélite da Indonésia. e isto foi mais evidente quando a Indonésia teve de alugar parte da utilização dos seus satélites para outros fins e países, com a Australia a beneficiar por ter acesso a comunicações secretas na Malásia e Filipinas.

de acordo com Brian Toohy e o prof des Ball as instalações de escuta foram feitas a semelhança dos centros de recepção indonésios e podem interceptar todas as comunicações do centro indonésio de telecomunicações.

ainda recentemente a USI obtinha satélites e equipamento electrónico de escuta mais avançado manufacturado pela multinacional Hughes, a mesma que produziu os satélites

indivíduos e para muitos é de tal forma sofisticada que pode interceptar, ou até mesmo destruir os sistemas de comunicação via satélite dos indonésios com um certo grau de desta forma destruindo a única e mais importante forma de comunicação secreta dos indonésios.

o prof. des. Ball disse-nos ainda que se a CIA fosse Indonésia estaria de guerra insatisfeita com os ~~indonésios~~ por serem fundamentais à existência de meios de destruir as mais secretas formas de comunicação indonésia, embora pela parte australiana exista uma tendência a aprender que todo o material de espionagem e contra-espionagem utilizado pelos australianos é fornecido pela parte americana.

as as formas de interceptar as comunicações indonésias nem são totalmente satisfatórias e enviada australiana em Jakarta Lisboa de modo para a fazer através de uma que é designado como a "receptor" "receptor" ou seja em tradução literal "recuperador/operador".

de modo ^{com} a CIA ^{com} Ball a mais importante enviada na região é a enviada australiana em Jakarta que controla todas as comunicações locais em toda a ilha e muitas outras de rádio que estão fora do alcance da CIA. a enviada da Indonésia em Canberra é um dos locais mais vigiados, ao não se que atualmente esteja sob os olhos dos grupos pró-timorenses que impedem a prestação de serviços normais desde a queda de Timor a manutenção elétrica.

a Indonésia tem sucessivas vezes tentado romper os códigos que são sempre interceptados pelos australianos no seu serviço de espionagem e está consciente de que as suas mensagens são interceptadas pelos serviços secretos ~~australianos~~, ainda segundo o professor des Ball, que acredita que o Japão, a União Soviética e outros países não são capazes de um sistema tão severo como a delegação indonésia.

o des. Ball tem ainda mais segredos estabelecidos há anos atrás para manter uma escuta sobre os acontecimentos na província da Iugoslávia que quer a presença de uma enviada australiana na Papua Nova Guiné. o base do caso Iorque, o ponto mais norte da Austrália está ligado ao sistema de satélites espaciais da Austrália e dos EUA. o sistema é utilizado no geral des Ball a nova base de operações da Austrália ocidental com um custo de 100 milhões de dólares será a nova peça da espionagem australiana na região, com a capacidade de interceptar e recutar todas as chamadas telefónicas internacionais feitas com origem na Austrália. Ball tem de recorrer às autoridades necessárias ao normal

serviço de espionagem

até mesmo a sede da CIA nos Estados Unidos de Washington para um certo número de trabalhos onde nenhuma pessoa pode obter acesso às instalações de onde que elas pareçam ignoradas. qualquer nem um para vigiar as mesmas ou mesmo ter conhecimento da sua existência apesar de o comentário de que ~~o sistema~~ é um assunto secreto de defesa nacional australiana.

esta esta manobra de sigilo e Hecaprot e de outra imutabilidade ou mesmo de mudanças e existe significativamente uma interação entre o interesse dos países de comunicação social e organizações não governamentais. o ministro ministro dos Negócios Estrangeiros tem um dia para dia a sua presença política sobre os acontecimentos em Timor.

infelizmente se a CIA é a única fonte de informação do governo não há meio de tornar os factos da CIA são conhecidos públicos pois que o governo oficialmente continua a recusar admitir ser essa a sua única fonte de informação como forma de proteger os seus serviços, e a menos que haja outra fonte alternativa de informação que nunca foi confiável, pois que desde 1978 - Austrália admitiu a integração de Timor na Indonésia, essa difícil revelação que os meios secretos e "sem sobre o massacre de Díli e os ordens que foram dados ao exército em Jakarta antes do massacre tal como alegado há dias pelo Australian Associated Press e noticiado pela rádio comercial

a agência não pode agir e para isso necessita de timorenses, jornalistas estrangeiros e outros meios para que os factos de que tem conhecimento sejam divulgados ao mundo. é notório que em Sidney, serviço, melhora as linhas chamadas telefónicas para com membros da resistência nacionalista não em Timor, em Lisboa ou em Díli continuam a ser gravadas pelos serviços secretos ~~australianos~~ e na sua maioria as informações trovadas a menos que confirmadas por outras fontes, não serão jamais divulgadas para não comprometer os serviços secretos australianos.

sabemos que a escuta feita não pode deixar de ser, e nestos 16 anos os australianos tem conhecimento de que aquilo que a resistência tem vindo a dizer em relação a mensagens e muitas são verdade mas não para actual, a Austrália é obrigada pelo seu acordo de exploração da petróleo com a Indonésia a ser verdadeira nos acordos feitos em Timor que não são fruto da imaginação de jornalistas ou nacionalistas timorenses e que os

1991 24/01 09:11/41 75.00 00

de várias notícias chegadas de indonésia e de timor que
contam de que mais dos timorenses foram liquidados pelas
tropas indonésias e dizem que 70 estudantes que se
manifestaram esta semana em Jakarta vão a julgamento sem
terem advogado.

entretanto na australia a pressao aumenta sobre o governo
trabalhista de bob hawke para nao se declarar a indonésia
e nao assinar um tratado de cooperacao entre os dois
países ao mesmo tempo que uma moção de censura foi ontem
aprovada pelo parlamento da opcao para guine sobre o
massacre de uili e a qual condena os incidentes.

ngoi na australia foi publicado e diz que os estudantes
nao sabem se o colega morto que foi morto pelas tropas
indonésias em uili e no qual ele ja uma narrativa de
situacao em timor e do odio existente entre a populacao e
os seus novos colonizadores, com indicações de que os
timorenses preferiam a colonizacao portuguesa a
indonésia.

infelizmente o estudante em causa, kamli batadaja foi
morto e apenas nos resta o que ele deixou escrito sobre a
opressao indonésia em timor: os meios de comunicacao
social na australia nao deixaram de publicar noticias
sobre timor desde o massacre de certa forma o que é
inegavel é que aconteceu desde 1976. entretanto
organizações da igreja catolica e protestante aumentaram
tambem a sua campanha a favor dos timorenses e do seu
direito a autodeterminacao e amanha sera inaugurada em
campanha em frente a embaixada indonésia que continua
sequestrada por manifestantes uma embaixada de timor
leste dentro dos muros da embaixada da organizacao para
a libertacao da palestina e criada pelo sr michael
wagner da coligacao para timor leste e da fundacao de
timor leste. a nova embaixada estara aberta durante as
horas normais de expediente e dara informacoes sobre os
ultimos acontecimentos de timor

timorenses jamais aceitarão o jugo indonésio e que que
continuam a lutar, o unico problema é que por causa da
segurança nacional e dos seus serviços de espionagem nao
podem legitimamente dar trelca ás alegações dos timorenses e
de outras pessoas que testemunharam os acontecimentos. a
australia enfrenta uma hora difícil de decisoes e nao tem
 coragem de admitir as suas culpas mas nao restam duvidas de
que a verdade sobre os acontecimentos de timor e do
conhecimento nunca reconhecido dos varios governos desde
1976. a australia desde os meios de comunicacao de
saber timor o que se passa em timor e que desta vez a
opiniao publica, a pressao dos grupos de apoio, dos
parlamentares e do clero poderao levar a australia a
admitir a inadmissivel. um dia timor podera vir a ser
independente e nada deve a australia pelo contrario.

este artigo preparado para a imprensa deve mesmo, e
inúmeras vezes que não foram citadas por motivos obridos e
para sua publicação pessoal e muito em especial nas horas
investigativas do camarada jornalista brian today, do
professor das ball e da caucia de televisao multicultural
que decidiu produzir um programa com material aqui
mencionado.

209. 25 NOVEMBRO 1991 RDP

L02/51 25/2/91 17,30

A directoria da Amistia Int^l em Sidney, envia siguti
 carta com foto que tinha partido para Dili em
 23 novembro e que para pessoas foram abatidas, incluindo
 uma criança do nome de Jane cuja identidade foi
 confirmada.

de acordo com informações recebidas de Dili, Fakarua e Hailu, as autoridades indonesias continuam a
 tentar contactar a suas familiares e a missionar como
 se mentes da igreja.

de acordo com fontes que dizem regressar de Dili declarou que
 a sua missão + missão perto do local onde alegadamente foi
 a 70 pessoas foram abatidas pelas indonesias a sudoeste
 de Dili no passado dia 13 e declarou ter estado com uma
 testemunha - os viu os corpos num campo de exército.

segundo as mesmas fontes os indonesios aumentaram a sua
 presença em Dili e Baucau, no sul em Same e Viqueque,
 Loapagos, e uatjará na ponta leste. amanha o comité
 central do partido revolucionário reunem-se para decidir a
 posição de endurecimento a tomar em relação a timor e
 indonesias havendo muitos membros do comité que esperam
 até conseguir que a australia deixe de reconhecer a a
 anexação de timor pela indonesia, contra de acordos
 militares e de auxílio económico e até o apoio a uma
 intervenção das nações unidas.

nao há um vez mais de jornais têm notícias de primeira
 página sobre o timor incluindo os ataques feitos por
 Mario Carrascalao governador de timor leste às
 autoridades indonesias e o seu comentário de ter visto
 cenas de corpos.

210. 25 NOVEMBRO 1991 SMH



Seven dead in fourth massacre, Fretilin says

by DIPI'S MACKINDUTY

TIARW (Timor) says 200-300 were killed in Dili by Indonesian soldiers on November 18, according to the Fretilin representative in Australia, Mr Alfredo Ferreira.

He said the resistance movement's headquarters in the Timor town of Kupang, Indonesia, has confirmed the deaths, including that of a 10-year-old child.

Mr Ferreira said about 200-300 were killed in Dili, including 100-150 people in November 18, he said, on the eastern side of Dili.

Meanwhile, a report from Lisbon that pro-independence guerrillas had killed about 200 Indonesian soldiers in the east of the former Portuguese colony was denied by Brigadier-General Ruyter Marinho, East Timor's military commander.

"The same reports yesterday from Dili and Jakarta in regard to 200 deaths in East Timor are completely unfounded and are in the government's continuing desire with the army and police in East Timor will not be taken seriously until the original Dili massacre of November 12.

The Indonesian army would be prepared to accept the report [Indonesia's 'What and'] if it were a human rights group, but not more than 20 dies.

Mr Ferreira said the underground in Dili had named those killed in November 18 as Maria Pinto, 25; Maria Fatima, 19; Gaspar, 1; João Soares, 40; Teodoro, 40; Ines da Silva Soares, 30; and Liliana Mendes, 17.

Fretilin says that all those listed since the second massacre have been buried in their graves on the site, sealed with bricks.

The second massacre was held down by Indonesian soldiers.

However, a reporter who reported in Australia had been said to be heard a 45-second broadcast of the massacre, followed by sporadic shots from the valley where the massacre was alleged to have happened.

The man, who wanted to be known only as John, said that soon after the massacre he and his brother, Francisco, were taken to the army camp in Dili and held for several days.

They are being held in the same place and are being punished by giving them 10-15 days. "They are trying to get rid of any witnesses, even if it means killing all of our people. That is because we are all witnesses to daily repression."

"Bishop Belo of Dili is followed by the military whenever he leaves the bishop's residence, and house-to-house searches for young people have included raids on the living quarters of nuns and priests.

"We know that Father Alberto Ricardo from the Motael parish (the scene of the memorial service which led to the first massacre) is being constantly harassed.

"The military have increased their activity in the towns of the eastern part of the country as well, with reports of people being 'disappeared' in Baucaus, where 65 people have disappeared — as well as the towns of Nampalae, Lospalos, Vilaça, and Watulim."

Francisco says, "I think there were up to 100 people still under detention in Dili since."

They and two other Fretilin activists, Mr Antonio Coimbra and Mr João Francisco Coimbra, were still being held.

The two had been arrested along with 50 other students after a demonstration inside the Australian, Japanese, and Dutch embassies in Dili in October 1991.

While some reports have said that some of the other students have been released, an unknown number are still under arrest.

An unnamed East Timorese student told Mr Coimbra in a telephone call on Saturday that "our colleagues have been arrested and we believe we will soon die."

A spokesman for the Department of Foreign Affairs in Canberra said it was aware of the claims of further killings and had instructed the Australian Embassy in Dili to be involved.

The Indonesian Embassy in Canberra would make no comment on the claims.

PAGE 2: Call Mr UN with FAX 6421 Australia and Timor Cap.

B The Sydney Morning Herald

Action urged over Dili massacre

By ANDREW DART and
CHIP MALINOLTY

An ALP Timorish State Council meeting urging the suspension of official ties with Indonesia over the East Timor massacre will be taken to Federal College tomorrow.

And in Darwin, 10 lawyers from the Northern Territory University Law School are calling on the Australian Government to immediately sponsor a resolution of the United Nations asking it to refer to the International Court of Justice concerning the international legal status of East Timor.

The Timorish State Council will also call on Canberra to halt all military and defence cooperation with Jakarta, suspend Government visits and withdraw Australian acceptance of Indonesian obligations of East Timor. It says the council should stay suspended until an independent investigation into the death, flight to the United Nations and Amnesty International.

According to a spokesman on the Darwin lawyers, Mr James Whitham, a lecturer in international law, one of the main rules of international law is the right of peoples to self-determination.

Findings and actions are in their

Vigil goes on at closed consulate

DART: The Timorish demonstrators show a foreign mission for an extended period was when the United States Embassy was closed in Tehran for 44 days from November 4, 1979.

Now a 24-hour-a-day vigil by Darwin's East Timorese community and supporters has closed the Indonesian Consulate in Darwin. It has been closed and abandoned by the Consul, Mr Naftal Mard, and his staff for the past 19 days.

"The people are planning for it to be the first embassy for East Timor in Australia," says Mr Rob Wesley-Smith, a longtime activist for East Timor. "If that doesn't happen, we will try to keep it closed forever."

breach of the and a number of other rules of international law, including explicit inherent right to life and freedom of movement," Mr Whitham said.

"Whatever other assistance it should give to the East Timorese people, the Australian Government must not represent the people through the United Nations and the International Court of Justice.

"The advantage of such a move is that it would not need the approval of the Indonesian Government for the UN to consider the matter and it is not necessary for a two-thirds majority in the UN General Assembly for such a move. My reading of it was a simple majority would be sufficient. There is ample precedent to take this action, provided by cases including the Western Sahara in 1975 and South West Africa (Namibia) in 1971."

The Darwin call reflects similar moves from numerous international lawyers' groups.

The International Platform of Jurists for East Timor, established in Lisbon, the capital of Portugal, on the eve of the UN massacre, has called for immediate personal involvement in East Timor by the UN Secretary General, Mr Perez de Cuellar. Their meeting in Lisbon had been interrupted by news of the massacre.

According to Senator Terry Alchin, the Timorish State Council meeting at the weekend was the first State Latin meeting to unambiguously condemn the killings in East Timor.

Senator Rick Albery, who backed the council motion, told the council he would also address the United Nations, which meets tomorrow.

Stage left, Timor

By NANA JAVROZIK

The Grand Prime Minister Mr Gough Whitlam has given an impassioned tongue-lashing over his government's policy on East Timor at a human rights rally here on Monday.

Whitlam, 67, said "Michelle Turner" and other critics who may have been in the audience at the rally were "too much like the chamber of horrors in 1964."

There was an embarrassing silence in the audience as he accused Mr Whitlam of complicity in the suspension of East Timor by Indonesia.

"History will treat you differently when your record is known," said Turner. Mr Turner walked on the stage.

Mr Turner is a writer and broadcaster who has spent eight years working on the struggle for self-determination in the East Timor area. A well-organised, but often disorganised, network of activists and human rights workers.

Mr Whitlam has been approving the use of a broadcast network about the Michael Kirby, chairman of the 1981 Australian Human Rights Commission, and his work.

Mr Turner on stage was very angry, shouting to the audience that he had not through his own efforts of news presentation.

Mr Whitlam had reacted so badly



Justice Kirby was the 1991 Human Rights Medal recipient as he paid his respects to the medal winner.

Mr Whitlam initially ignored the small, shy-looking woman who suddenly appeared next to him at the podium. He then halted his speech.

Her comments antagonised and embarrassed Mr Whitlam.

"In two years' time the document will be available," he said angrily, when she had left the stage. "I will be indicated in the face of the very offensive and quite ludicrous things that are said."

Mr Whitlam apparently was referring to the rule which makes certain papers public documents after a certain length of time.

However, the normal period is 30 years, according to documents referring to the last Times decision which will not be available until 2021.

Mr Whitlam later indicated to Kirby his thanks.

Monday, November 25, 1991

activist attacks Whitlam



Sharing the stage ... Mr Whitlam's speech was interrupted by Michelle Turner, who criticised his government's policy on East Timor.

Photo by PAUL DUNN

The winners are: the book *Yester Was* by its single author; the writer Madras for *Master of the Game*; the writer and broadcaster Anne Davison for her book *Tell Me I'm Here*; the poet Kenneth Slessor for his book *Kenneth*; the writer Jimmy Cho for his book *From Now On*; the musician Paul Cox for *A Human Table*; documentary-

maker Darryl Dallas for his film about Lindy Murphy, *Mr Soul Is Confused To Be In Jail*; television producer Peter Chapman for *Brides of Christ*; producer Andrew Haughton and reporter David Mary for their program on Stuart Challenor, *The Big Finish*; reporter Julie Browning for Australia and East Timor: *A Debt To Remember*; Herald

journalist Arnie Harle for her 1985 Generation column; Australian Jewish News journalist Walter Seward for a collection of articles; and journalist/editor Lyndall Criss for *Schizophrenia: A New Kind of Madness*. The first Human Rights Corporate Award was won by the Lotus Glen Correctional Centre near Cairns.

Monday, November 27, 1991



WARREN GIMOND

Australia's moral Timor Gap

THE Indonesian military massacre of a suit and overpopulated number of East Timor — perhaps — never — for — at the Santa Cruz Cemetery in Dili — and producing political and diplomatic — back water for the Indonesian Government — and for governments like our own, which recognise Indonesian's of — sovereignty over the colony that Portugal gave up in 1975.

In the weeks since the results of the official inter-departmental discussion papers which opens in Dili this Thursday, the key question is not just whether there will now be a serious review of Indonesian policy towards East Timor, and whether diplomatic pressure can do much to ensure that review is seriously undertaken.

So far the massacre has drawn the official indignation of the Australian Government, especially the Foreign Office and the US Congress, the European Parliament and a few other governments. But so far there have been no concrete international diplomatic campaigns to do more than ensure that Jakarta holds a credible inquiry.

Last week's Dec. 18th report, and long-standing UNHCR reports, were ignored, and even the UN's TV news — they — that — Australia — were the groups — that — have — to — best — an — international — campaign — to — get — Indonesia — to — review — its — actions — related — to — East — Timor — during — the — 1975 — 76 — period — that — was — so — far — beyond — the — scope — of — the — evidence — that — the — Indonesian — need — to — be — in — the — case — of — such — a — massacre.

Our Foreign Minister, Australia's Prime Minister and the Foreign Office and Trade Department into a — where — the — many — number — of — departments — concerned — on — subjects — ranging — from — Australia's — economic — ties — with — the — East — to — even — to — the — extent — of — our — involvement — in — the — East — Timor — dispute — and — to — the — extent — of — our — involvement — in — the — East — Timor — dispute.

Nobody can reasonably see the profit and the ambition over the past decade — as — a — direct — precedent — for — intervention — in — Indonesia's — internal — affairs. But East Timor does present a grave failure of the western powers, and Australia is in a better position than most countries in the world to do so — while — the — international — community — can — be — brought — to — bear — on — the — issue.

... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...

... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...

... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...

... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...

... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...

... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...

... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...

... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...

... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...

... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...

... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...

... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...
... the ... of ... to ...

goods and services, including health, housing and education will be exempt from any excise.

With a lower rate of inflation, the people will not only receive the appropriate financial rewards for their labour, but there will also be a far greater incentive for personal investment and savings. The narrative will be even clearer once the incorporation of an independent-minded press allows us to see the records. In addition, the elimination of arbitrary personal wealth will also create a more rational calculation of their return considered vital to economic growth in the sector sector. While it is true that the nation must still have a strong and strong national identity and economic growth.

DAVID K. ALWARDS
Melbourne, NSW

East Timor

The death of the Indonesian leader General Suharto, and the resignation of President Soeharto, has opened a new chapter for the Indonesian people attending a national

by soldiers of the Indonesian armed forces in Dili on November 13, 1991. The trouble that arises is caused by the struggle for self-determination by the East Timorese people of East Timor. It is a struggle for the complete withdrawal of the Australian government, which in 1975 conducted the illegal occupation of East Timor. The Indonesian government has later recognised the incorporation of East Timor into Indonesia and has recognised that Indonesia is a joint responsibility of the Indonesian people.

We note that the intention of the Indonesian armed forces is to take action against the East Timorese people, but this has been known, generally, for some weeks. As a result, we have seen a number of human rights violations which are being committed by the Indonesian forces.

We note also the failure of the Australian Government to take in public any action in the human rights violation by the Indonesian forces. It is the responsibility of the Indonesian people to take action to

The Indonesian Government

We call upon the Australian Government to support publicly, internationally and morally the claims of the East Timorese people of East Timor to exercise freely their right to self-determination.

In addition, we call upon the Australian Government to press for an international inquiry into the Dili massacre.

We extend our condolences to the family and friends of **Harriet Goodrich**, a student of the University of New South Wales, who died from gunshot wounds inflicted during the Dili massacre, and we hope that for the sake of the deaths of the East Timorese at Dili and the deaths of countless others who have died in the struggle for human, racial and dignity in East Timor will not be in vain.

STANLEY CHAYK
Acting Chairperson
Aboriginal Community
Human Rights Centre
Perth, Western
Australia

East Timor

While we are sure that the people will not be deterred by a few bad apples. What the lack of a clear and explicit message on TV is desirable, the program and the action plan must be available to the public and international community that should be concerned. — **GARY BARR**, Perth, WA.

PERHAPS the way of alleviating the burden of unemployment may be in the adoption of a 'substitute job'. There are weekly wage but many of the victims of full-time employment become unemployed. — **STAN R. CHRISTOPHER**, Quilley Twp, NSW.

TASMANIA a branch of the Tasmanian Branch of the Australian Labor Party, is based in Victoria a branch of the Tasmanian Branch of the Labor Party. It is the only party in the world that is not a party of the people. It is the only party in the world that is not a party of the people. — **FRANK BARNWORTH**, Burleigh Waters, Qld.

25/11/91

211. 25 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

UN investigators to probe Dili massacre

By foreign affairs writer TONY HARKINSON and AAP

AN AUSTRALIAN national committee of inquiry today began its probe into the 12 massacre killings in Dili, Timor-Leste, which it was planning to send a mission into the province to conduct investigations.

The probe was formalised yesterday by the UN secretary-general, Mr Javier Perez de Cuellar, who told reporters in Madrid. "I have authorised my officials to make available to you a totally independent and impartial mission to probe the Dili massacre," he said. "The mission will consist of up to 10 people from 10 different countries."

There was no official request for access from Dili, but Mr Perez de Cuellar indicated that Indonesia had agreed to the proposal of a separate UN-led mission which would make a "significant" contribution to the Dili investigation.

Fact-finding mission

Indonesia will continue to be kept in the dark, but the UN mission will be able to see the bodies of the 12 victims. It also claims that the bodies were preserved by independent forensic demonstrators.

But independent estimates suggest the death toll was much higher, with bodies and possessions scattered in the Australian Government claims 75 or more people were killed in the incident.

In another case in Jakarta's southern district, Indonesian police officers were seen to be searching for bodies of the massacre victims.

The probe will be led by a committee of inquiry headed by a former UN secretary-general, Mr Hans Coren.

Dili is the capital of Timor-Leste, which was recently shown in British News on television. It is a small town with a population of about 10,000. The massacre took place on September 12, 1991, when Indonesian soldiers entered the town and killed 12 people. The bodies were found in a field near the town.

AAP reports that the president of the ACTU, Mr Martin Ferguson, yesterday met with several of the senior members of the mission to discuss the Dili massacre.

He commented on the fact that the ACTU's business model is being questioned by the Victorian and Northern Territory trades and labour unions.

Both unions were broadly condemned the massacre and backed the UN mission.

The secretary of the Victorian Trades Union Council, Mr John Halliday, said he would urge the ACTU committee, of which he is a member, to support the mission.

Mr Halliday said the other trade union leaders had one last chance to "put the case for a UN mission to the public."

Mr Halliday told journalists that the Victorian Trades Union Council and Northern Territory Trades Union were in "a state of action over the Dili massacre."

The Australian Workers Union has already imposed a ban on all work in Indonesia.

The Australian Workers Union has already imposed a ban on all work in Indonesia.

Caucus to consider freeze on Indonesia

By foreign affairs writer TONY HARKINSON and BRUCE MONTGOMERY

THE federal ALP Caucus will tomorrow discuss a motion calling for the Hawke Government to take a "stronger" position on Indonesia.

The caucus will also discuss a motion calling for the government to take a "stronger" position on Indonesia.

The caucus will also discuss a motion calling for the government to take a "stronger" position on Indonesia.

The caucus will also discuss a motion calling for the government to take a "stronger" position on Indonesia.

The caucus will also discuss a motion calling for the government to take a "stronger" position on Indonesia.

The caucus will also discuss a motion calling for the government to take a "stronger" position on Indonesia.

The caucus will also discuss a motion calling for the government to take a "stronger" position on Indonesia.

The caucus will also discuss a motion calling for the government to take a "stronger" position on Indonesia.

Continued - Page 5
Timor Government - Page 5

Freeze on Indonesia

From Page 1

AAP also reported that the Victorian Trades Union Council secretary, Mr John Halliday, said yesterday that a ban on Indonesian exports would be a "strong" position.

The caucus will also discuss a motion calling for the government to take a "stronger" position on Indonesia.

The caucus will also discuss a motion calling for the government to take a "stronger" position on Indonesia.

The caucus will also discuss a motion calling for the government to take a "stronger" position on Indonesia.

The caucus will also discuss a motion calling for the government to take a "stronger" position on Indonesia.

The caucus will also discuss a motion calling for the government to take a "stronger" position on Indonesia.

The caucus will also discuss a motion calling for the government to take a "stronger" position on Indonesia.

The caucus will also discuss a motion calling for the government to take a "stronger" position on Indonesia.

The caucus will also discuss a motion calling for the government to take a "stronger" position on Indonesia.

The caucus will also discuss a motion calling for the government to take a "stronger" position on Indonesia.

Governor berates Jakarta

By correspondents in Jakarta, Indonesia

AN Indonesian official condemned scathing foreign media of causing and exaggerating the recent blood bath in East Timor, the province's governor accused the Jakarta Government of being ill-informed about the issue.

Governor Maria Christy said she had just returned to her major town talk with the Indonesian media and the Indonesian Government about the issue.

"They are not very well informed," she told the major town talk. "They have not been to East Timor."

The massacre was not a surprise, she said, as the Indonesian Government had been aware of the situation for some time.

"Pick-up truck full of corpses" - a headline from a newspaper in Jakarta.

The headline was a result of a report from a journalist who had been in East Timor for some time.

The headline was a result of a report from a journalist who had been in East Timor for some time.

The headline was a result of a report from a journalist who had been in East Timor for some time.

The headline was a result of a report from a journalist who had been in East Timor for some time.

212. 25 NOVEMBRO 1991 O PORTUGUÊS

«É tempo da comunidade internacional dar ouvidos»

Todo o corpo diplomático ouviu apelo de Lisboa

O FATO de todo o corpo diplomático em encontro reunido em S. Bento para discutir a situação política de Timor-Leste na Presidência da Câmara Verde (artigo) a imprensa de uma vez pôs de lado a sua habitual postura de "muro" de Timor: os representantes de todos os países com os quais Timor-Leste mantém relações diplomáticas foram ali mesmo convocados de emergência para uma reunião com o então secretário-adjunto do ministro das Relações Exteriores, na qual lhes foi feita a prestação portuguesa sobre os acontecimentos do DIT.

A reunião, na tarde de quinta-feira, teve início às 16h30, com a presença de cerca de um quarto de hora, tempo bastante para os líderes da comunidade internacional dar ouvidos ao apelo português sobre a situação de Timor-Leste para que seja desenvolvida a ação urgente destinada a pôr termo à esta situação intolerável. Na opinião de Lisboa, incumbida a Nações Unidas uma especial responsabilidade nesta matéria, uma vez que os seus princípios fundamentais e resoluções dos seus órgãos, incluindo o Conselho de Segurança, têm sido constantemente violados pela Indonésia, um claro desrespeito da sua autoridade.

Portugal pede à ONU uma investigação imparcial



Quarteiro Cruz foi a manifestação de um importante emblema com todo o corpo diplomático reunido em Lisboa

As organizações não governamentais indonésias Topik e Legal Aid Portugal, bem como deputados presididos por um porta-voz de Jacarta, Topik da Cruz e a comunidade das próprias autoridades militares, que utilizam o termo "resistência" para se referir aos

luzes ser reconhecidas como símbolo de manifestação de manifestação durante a visita parlamentar portuguesa após a imprensa.

Recursos fundados de manifestação

Resistência pede convocação do Conselho de Segurança

A RESISTÊNCIA de Timor-Leste lançou um apelo ao Governo português para que peça a convocação urgente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, reunido em Lisboa, os representantes de Timor-Leste na ONU. Paulo Horta consideraram que a tal convocação portuguesa deveria ter lugar no dia 25 de novembro, com os seguintes

ONU deseja que Lisboa defenda povo massacrado

A COMISSÃO Membro da "Comissão" pediu ao Presidente da República, presidente da Assembleia da República, para que apresente uma proposta para que a ONU seja convocada para discutir a situação de Timor-Leste. A representação da ONU em Lisboa, Paulo Cruz, salienta a importância da convocação do Conselho de Segurança das Nações Unidas, a mesma situação contra o terrorismo internacional, no âmbito da comissão de trabalho e fundação, da Indonésia.

Comissão do Povo Maubere manifesta a solidariedade

A COMISSÃO do Povo Maubere pediu ao Presidente da República, presidente da Assembleia da República, para que apresente uma proposta para que a ONU seja convocada para discutir a situação de Timor-Leste. No seu comunicado, a COMISSÃO do Povo Maubere manifesta a sua solidariedade com o povo português e o povo timorês, bem como a sua solidariedade com o povo português e o povo timorês, bem como a sua solidariedade com o povo português e o povo timorês.

**Porão que prestou o apoio
sob a cobertura da imprensa**

Quando Timor Leste conquistou um diploma de independência, a comunidade internacional pôde orgulhar-se por que, lá fora, os Estados e organizações estrangeiras não tinham hesitado em apoiar os direitos humanos e a liberdade, em um tempo de contaminação da imprensa de que se tem notícia pela infâmia em virtude da Corte de Nagorno Karabakh e do Conselho de Segurança. Por outro lado, Portugal após não que precisava o Governo da Indonésia para por termo imediatamente a sua ocupação ilegal de Timor Leste e a suspensão da sua presença que não a ser exercida sobre o território. A exigência não revestia um caráter compulsivo e a participação internacionalmente fidedigna incidente altamente favorável e que deveria o acesso ao território de populações não governamentais de caráter humanitário. Por fim, pediam que sigam de parte delas as desenvolvimento em matéria de direitos humanos em Timor Leste e fim de interferir a ocorrência de mais violações e deterioramento de tempo.

A versão anglófona das fontes noticiadas em Dili é sustentada, entre outros, por documentos (relatório de

relatório) e fontes que afirmam que em 1988, após a queda de Suharto, ocorreu. Por enquanto, não se realizou a reunião depois da reunião com a diplomacia. Os Estados Unidos que não se comprometem a apoiar os direitos humanos, de modo que a sua falta de apoio não seja uma limitação de recursos — opositores de um partido que se manifestavam à frente política que exigiu a sua saída.

Os Estados Unidos também tiveram fôlego sobre uma multidão calculada no caso de não pessoas, sendo das fontes do relatório de Santa Cruz para homenagear a memória de Salvação (Rangel) vítima do incidente ocorrido no caso de Maria, de 1988, hoje lida por João Nova.

Tal incidente ocorreu no dia 28 de Outubro, em resposta. A luta exigiu de milhares indonésios, em circunstâncias ainda não completamente conhecidas, levou à morte de duas pessoas (Lisavinda, Salvação Rangel e Afonso Henriques) e à prisão de dezenas de outros.

Além disso, uma — confirmada pelo jornal que Timor Armado (Indonésio) *Apikalan dan puyau* — relata que ainda não conhecidos. Indica que outros incidentes serão ocorridos em Maliana, Suai e Tulumau, envolvendo jovens que teriam perdido refúgio nas igrejas locais.

A outra fonte que — português ex-

**Desvios fundados
de novas violações**

Os terríveis precedentes em geral na história dos Estados de Timor em Timor-Leste, declara a sua, segundo as mais fortes razões para ocorrer que em se tornaram a herança humana de sangue vermelho em qualquer situação, pagamento a qualquer a respeito voluntariamente de timor ao novo ao Marco Daldas, ao Agido, para o seu Centro Especial de Desembarque, para a lista de violações a respeito da violação dos direitos humanos em Timor-Leste, conclaindo que se havia manifestado presença uma a detenção por vários crimes, acompanhada de torturas e mais casos, de rapina e queixas em an denúncia indonésia, acusações extrajudiciais e discriminações. Pelo menos 20 pessoas e "pessoalmente muitas mais", da aquela organização foram mortas pelas forças de segurança indonésias em 1991 e nos primeiros meses de 1992 em outras lesões nascer extrajudiciais.

Outro incidente que tem sido mundialmente denunciado foi o caso de missas, que decorre exclusivamente do que não se resolveu de desobediência da fé, cujo caso tem sido privado da execução da quadrilhação. Na ocasião, o Governo português manifestou-se com mais forte insistência por este caso de violência brutalidade cometido pelas Forças Armadas Indonésias contra uma multidão civil indefesa e com a maioria de cerca de 100 pessoas, há cerca de 1000 pela ilha bawank.

Dado o estado de guerra em Timor, depois o que se passou na reunião informal sob a égide do OPEU, por violar a vida de uma mulher portuguesa portuguesa a Timor. Foi sendo também estabelecido um acordo que levou a liberdade e segurança pessoal de milhares de refugiados com a população. A política que as autoridades indonésias demonstraram em consequência de 1991 e 1992, segundo a sua interpretação, por a presença de indivíduos em consequência de violações que se passaram em Timor.

Um exemplo recente que se deu em Timor-Leste, em 1991, foi a morte de uma mulher, de 1991, vítima de uma violação por a presença de indivíduos em consequência de violações que se passaram em Timor.

**Londres recusa por agora
tomar qualquer posição**

A LONDRES, 27 de Outubro. — O ministro da Defesa britânico, John Grieve, declarou hoje que o Reino Unido não tomará nenhuma posição sobre o caso de Timor-Leste, argumentando que o caso é "um assunto interno da Índia". Grieve afirmou que o Reino Unido não se comprometerá a fornecer assistência militar ou financeira a Timor-Leste, apesar de a Índia ter solicitado tal ajuda. Grieve também afirmou que o Reino Unido não se comprometerá a fornecer assistência militar ou financeira a Timor-Leste, apesar de a Índia ter solicitado tal ajuda.

**Comissão Política do PCP
profere condenação**

A COMISSÃO POLITICA do Comité Central do PCP decidiu hoje por via comunista e seu mais forte elemento portador pela social economia desenvolvida pelas forças armadas sobre o povo timorense. Os comunistas portugueses mantêm a sua atitude solidária de a resistência timorense e a luta do povo timorense. Também o PCP mantém a sua atitude de solidariedade.

**Conselho Nacional de Juventude
contra indiferença internacional**

O CONSELHO NACIONAL de Juventude, em Timor, pediu hoje a comunidade internacional para que não se deixe de apoiar o povo timorense. O Conselho Nacional de Juventude pediu também a comunidade internacional para que não se deixe de apoiar o povo timorense.

**PS quer intervenção mais enérgica
e cooperação internacional**

O PS quer uma intervenção mais enérgica e cooperação internacional para que não se deixe de apoiar o povo timorense. O PS quer também a comunidade internacional para que não se deixe de apoiar o povo timorense.

**Cavaco preocupado
acompanha situação**
MNE manda embaixador averiguar

O GOVERNADOR MNE (MNE) acompanha a situação em Timor-Leste e manda embaixador averiguar a situação. O MNE acompanha a situação em Timor-Leste e manda embaixador averiguar a situação.

O MNE acompanha a situação em Timor-Leste e manda embaixador averiguar a situação. O MNE acompanha a situação em Timor-Leste e manda embaixador averiguar a situação.

O MNE acompanha a situação em Timor-Leste e manda embaixador averiguar a situação. O MNE acompanha a situação em Timor-Leste e manda embaixador averiguar a situação.



Xanana Gusmão apostava muito forte na visita de deputados portugueses

— revela discurso à resistência nos últimos dias de Outubro, já depois das mortes em Motael

O líder da resistência de Timor-Leste, Xanana Gusmão, parecia apostar muito forte na esperada visita de deputados portugueses ao território timorês para defender de boa maneira, gravada em cassette, com livros da resistência, especialmente por a ser divulgada pela população afetada, contendo a mensagem de apoio para a criação do país. O discurso terá sido gravado a 28 ou 29 de Outubro, uma vez que Xanana mostrava ter já conhecimento das duas mortes no ataque de Motael e ainda ignorava a incidência que impediu a realização da visita parlamentar. Supradismissões de Xanana e documento, entregue ao Centro de Estudos de Sociologia Militar e do Fator III, que constitui um exclusivo DN-TSF.

Além disso, o discurso contém o nome de Xanana Gusmão. Uma vez que Xanana não vive de modo ostensivo, não há como saber quem o gravou. O discurso contém o nome de Xanana Gusmão e o nome de Xanana Gusmão. Uma vez que Xanana não vive de modo ostensivo, não há como saber quem o gravou. O discurso contém o nome de Xanana Gusmão e o nome de Xanana Gusmão.

... a visita de deputados portugueses ao território timorês para defender de boa maneira, gravada em cassette, com livros da resistência, especialmente por a ser divulgada pela população afetada, contendo a mensagem de apoio para a criação do país. O discurso terá sido gravado a 28 ou 29 de Outubro, uma vez que Xanana mostrava ter já conhecimento das duas mortes no ataque de Motael e ainda ignorava a incidência que impediu a realização da visita parlamentar. Supradismissões de Xanana e documento, entregue ao Centro de Estudos de Sociologia Militar e do Fator III, que constitui um exclusivo DN-TSF.

... a visita de deputados portugueses ao território timorês para defender de boa maneira, gravada em cassette, com livros da resistência, especialmente por a ser divulgada pela população afetada, contendo a mensagem de apoio para a criação do país. O discurso terá sido gravado a 28 ou 29 de Outubro, uma vez que Xanana mostrava ter já conhecimento das duas mortes no ataque de Motael e ainda ignorava a incidência que impediu a realização da visita parlamentar. Supradismissões de Xanana e documento, entregue ao Centro de Estudos de Sociologia Militar e do Fator III, que constitui um exclusivo DN-TSF.

... a visita de deputados portugueses ao território timorês para defender de boa maneira, gravada em cassette, com livros da resistência, especialmente por a ser divulgada pela população afetada, contendo a mensagem de apoio para a criação do país. O discurso terá sido gravado a 28 ou 29 de Outubro, uma vez que Xanana mostrava ter já conhecimento das duas mortes no ataque de Motael e ainda ignorava a incidência que impediu a realização da visita parlamentar. Supradismissões de Xanana e documento, entregue ao Centro de Estudos de Sociologia Militar e do Fator III, que constitui um exclusivo DN-TSF.

... a visita de deputados portugueses ao território timorês para defender de boa maneira, gravada em cassette, com livros da resistência, especialmente por a ser divulgada pela população afetada, contendo a mensagem de apoio para a criação do país. O discurso terá sido gravado a 28 ou 29 de Outubro, uma vez que Xanana mostrava ter já conhecimento das duas mortes no ataque de Motael e ainda ignorava a incidência que impediu a realização da visita parlamentar. Supradismissões de Xanana e documento, entregue ao Centro de Estudos de Sociologia Militar e do Fator III, que constitui um exclusivo DN-TSF.

... a visita de deputados portugueses ao território timorês para defender de boa maneira, gravada em cassette, com livros da resistência, especialmente por a ser divulgada pela população afetada, contendo a mensagem de apoio para a criação do país. O discurso terá sido gravado a 28 ou 29 de Outubro, uma vez que Xanana mostrava ter já conhecimento das duas mortes no ataque de Motael e ainda ignorava a incidência que impediu a realização da visita parlamentar. Supradismissões de Xanana e documento, entregue ao Centro de Estudos de Sociologia Militar e do Fator III, que constitui um exclusivo DN-TSF.

Queremos tudo de uma só vez. Misturar-se-á o desejo de regresso dos portugueses com o referendo, confundir-se-á o diálogo sem pré-condições com uma retirada imediata dos ocupantes e o desejo de ser livre e independente sublinhará inclusivamente um pedido da vinda dos Capacetes Azuis, etc. Não poderá evitar esta mão-cheia de reivindicações, a princípio talvez insólita nos olhos do mundo

Foi o Parlamento indonésio que endereçou o convite a visita de deputados portugueses. Hoje, o presidente do Parlamento indonésio deve estar a cogitar-se da sua intrepidez e visão política

Temos de entender assim que a delegação parlamentar portuguesa não vem para ficar já, não vem para correr com os indonésios, não vem trazer contingentes armados para remover as forças ocupacionistas

... a visita de deputados portugueses ao território timorês para defender de boa maneira, gravada em cassette, com livros da resistência, especialmente por a ser divulgada pela população afetada, contendo a mensagem de apoio para a criação do país. O discurso terá sido gravado a 28 ou 29 de Outubro, uma vez que Xanana mostrava ter já conhecimento das duas mortes no ataque de Motael e ainda ignorava a incidência que impediu a realização da visita parlamentar. Supradismissões de Xanana e documento, entregue ao Centro de Estudos de Sociologia Militar e do Fator III, que constitui um exclusivo DN-TSF.

DPP não vai trazer contingentes armados

... a visita de deputados portugueses ao território timorês para defender de boa maneira, gravada em cassette, com livros da resistência, especialmente por a ser divulgada pela população afetada, contendo a mensagem de apoio para a criação do país. O discurso terá sido gravado a 28 ou 29 de Outubro, uma vez que Xanana mostrava ter já conhecimento das duas mortes no ataque de Motael e ainda ignorava a incidência que impediu a realização da visita parlamentar. Supradismissões de Xanana e documento, entregue ao Centro de Estudos de Sociologia Militar e do Fator III, que constitui um exclusivo DN-TSF.

... a visita de deputados portugueses ao território timorês para defender de boa maneira, gravada em cassette, com livros da resistência, especialmente por a ser divulgada pela população afetada, contendo a mensagem de apoio para a criação do país. O discurso terá sido gravado a 28 ou 29 de Outubro, uma vez que Xanana mostrava ter já conhecimento das duas mortes no ataque de Motael e ainda ignorava a incidência que impediu a realização da visita parlamentar. Supradismissões de Xanana e documento, entregue ao Centro de Estudos de Sociologia Militar e do Fator III, que constitui um exclusivo DN-TSF.

... a visita de deputados portugueses ao território timorês para defender de boa maneira, gravada em cassette, com livros da resistência, especialmente por a ser divulgada pela população afetada, contendo a mensagem de apoio para a criação do país. O discurso terá sido gravado a 28 ou 29 de Outubro, uma vez que Xanana mostrava ter já conhecimento das duas mortes no ataque de Motael e ainda ignorava a incidência que impediu a realização da visita parlamentar. Supradismissões de Xanana e documento, entregue ao Centro de Estudos de Sociologia Militar e do Fator III, que constitui um exclusivo DN-TSF.

... a visita de deputados portugueses ao território timorês para defender de boa maneira, gravada em cassette, com livros da resistência, especialmente por a ser divulgada pela população afetada, contendo a mensagem de apoio para a criação do país. O discurso terá sido gravado a 28 ou 29 de Outubro, uma vez que Xanana mostrava ter já conhecimento das duas mortes no ataque de Motael e ainda ignorava a incidência que impediu a realização da visita parlamentar. Supradismissões de Xanana e documento, entregue ao Centro de Estudos de Sociologia Militar e do Fator III, que constitui um exclusivo DN-TSF.

... a visita de deputados portugueses ao território timorês para defender de boa maneira, gravada em cassette, com livros da resistência, especialmente por a ser divulgada pela população afetada, contendo a mensagem de apoio para a criação do país. O discurso terá sido gravado a 28 ou 29 de Outubro, uma vez que Xanana mostrava ter já conhecimento das duas mortes no ataque de Motael e ainda ignorava a incidência que impediu a realização da visita parlamentar. Supradismissões de Xanana e documento, entregue ao Centro de Estudos de Sociologia Militar e do Fator III, que constitui um exclusivo DN-TSF.

são. E a consciência patriótica pôde furar há 16 anos um dos mais sofisticados sistemas de segurança política, *manu militari*, em Timor-Leste, não estando assim capaz de entender mais do que a necessidade de viver em paz numa nossa própria pátria. Mas é a única oportunidade para o povo maubere decidir o curso do processo. É a oportunidade soberana para fazermos valer as nossas pretensões. Ou o sim ou o não, não há o refinamento

que juridicamente falando, embora não venham com nuissão expressa para tal, não faltarão elementos necessários a representantes do secretário-geral a quem foi entregue o *dossier* de Timor-Leste, a representantes de Portugal, que como potência administrante reconhecida pela comunidade internacional tem responsabilidades na solução do problema. E, evidentemente, o povo maubere que não deseja a integração, que aliás é condenada, pela

... e a consciência patriótica pôde furar há 16 anos um dos mais sofisticados sistemas de segurança política, *manu militari*, em Timor-Leste, não estando assim capaz de entender mais do que a necessidade de viver em paz numa nossa própria pátria. Mas é a única oportunidade para o povo maubere decidir o curso do processo. É a oportunidade soberana para fazermos valer as nossas pretensões. Ou o sim ou o não, não há o refinamento

... e a consciência patriótica pôde furar há 16 anos um dos mais sofisticados sistemas de segurança política, *manu militari*, em Timor-Leste, não estando assim capaz de entender mais do que a necessidade de viver em paz numa nossa própria pátria. Mas é a única oportunidade para o povo maubere decidir o curso do processo. É a oportunidade soberana para fazermos valer as nossas pretensões. Ou o sim ou o não, não há o refinamento

Os precedentes históricos

... e a consciência patriótica pôde furar há 16 anos um dos mais sofisticados sistemas de segurança política, *manu militari*, em Timor-Leste, não estando assim capaz de entender mais do que a necessidade de viver em paz numa nossa própria pátria. Mas é a única oportunidade para o povo maubere decidir o curso do processo. É a oportunidade soberana para fazermos valer as nossas pretensões. Ou o sim ou o não, não há o refinamento

... e a consciência patriótica pôde furar há 16 anos um dos mais sofisticados sistemas de segurança política, *manu militari*, em Timor-Leste, não estando assim capaz de entender mais do que a necessidade de viver em paz numa nossa própria pátria. Mas é a única oportunidade para o povo maubere decidir o curso do processo. É a oportunidade soberana para fazermos valer as nossas pretensões. Ou o sim ou o não, não há o refinamento

... e a consciência patriótica pôde furar há 16 anos um dos mais sofisticados sistemas de segurança política, *manu militari*, em Timor-Leste, não estando assim capaz de entender mais do que a necessidade de viver em paz numa nossa própria pátria. Mas é a única oportunidade para o povo maubere decidir o curso do processo. É a oportunidade soberana para fazermos valer as nossas pretensões. Ou o sim ou o não, não há o refinamento

... e a consciência patriótica pôde furar há 16 anos um dos mais sofisticados sistemas de segurança política, *manu militari*, em Timor-Leste, não estando assim capaz de entender mais do que a necessidade de viver em paz numa nossa própria pátria. Mas é a única oportunidade para o povo maubere decidir o curso do processo. É a oportunidade soberana para fazermos valer as nossas pretensões. Ou o sim ou o não, não há o refinamento

Serenar, apesar das vilas de Moel

... e a consciência patriótica pôde furar há 16 anos um dos mais sofisticados sistemas de segurança política, *manu militari*, em Timor-Leste, não estando assim capaz de entender mais do que a necessidade de viver em paz numa nossa própria pátria. Mas é a única oportunidade para o povo maubere decidir o curso do processo. É a oportunidade soberana para fazermos valer as nossas pretensões. Ou o sim ou o não, não há o refinamento



suas malfetorias e banditismos ultimamente publicados, hoje, no fundo, eles (*mostram que*) estão atrapalhados. E devem isso à calma que continua a imperar apesar de tudo. Nunca perdamos a serenidade nestas situações. Somos superiores a eles. Em tudo, em tudo mesmo, e será também no tocante ao nosso próprio progresso e desenvolvimento quando se retirarem da nossa Pátria.

As primeiras vítimas mortais já apareceram infelizmente, em Motael. Nada os deterá na sanha sangrenta? Nós os deteremos, permanecendo serenos. Torna-se difícil não reagir, mas não podemos fazê-lo, nem devemos fazê-lo. Corramos o risco de perder a oportunidade que tanto desejamos, para que tanto nos empenhamos e que hoje já esperamos sob maior calor político.

Pessoalmente, não creio que tentem fazer de mais com a DPP, com os representantes do secretário-geral e com representantes da *mass media* internacional já aqui na nossa terra. Aparecerão os desmedidos, filhos da mais crassa ignorância. Nós devemos estar atentos e preparados para o que der e vier, da parte das assassinas forças de ocupação.

suas malfetorias e banditismos ultimamente publicados, hoje, no fundo, eles (*mostram que*) estão atrapalhados. E devem isso à calma que continua a imperar apesar de tudo. Nunca perdamos a serenidade nestas situações. Somos superiores a eles. Em tudo, em tudo mesmo, e será também no tocante ao nosso próprio progresso e desenvolvimento quando se retirarem da nossa Pátria.

As primeiras vítimas mortais já apareceram infelizmente, em Motael. Nada os deterá na sanha sangrenta? Nós os deteremos, permanecendo serenos. Torna-se difícil não reagir, mas não podemos fazê-lo, nem devemos fazê-lo. Corramos o risco de perder a oportunidade que tanto desejamos, para que tanto nos empenhamos e que hoje já esperamos sob maior calor político.

Pessoalmente, não creio que tentem fazer de mais com a DPP, com os representantes do secretário-geral e com representantes da *mass media* internacional já aqui na nossa terra. Aparecerão os desmedidos, filhos da mais crassa ignorância. Nós devemos estar atentos e preparados para o que der e vier, da parte das assassinas forças de ocupação.

... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...

... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...

Descrição em Timor do relator da ONU

Timor-Leste em 13 de Novembro chegou a Timor-Leste a pedido do Conselho de Segurança da ONU para fazer o relatório de situação da situação política e social do país. O relator da ONU, o Sr. ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...

... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...

... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...
... de ...

213. 25 NOVEMBRO 1991 TIME MAGAZINE

Asia/Pacific

EAST TIMOR

Massacre of the Innocents

Indonesian soldiers fire into a crowd of mourners after a memorial service, provoking worldwide protest

By BILL MELLOB

Bloodbathing in East Timor is nothing new and, in fact, the world has looked the other way. Since Indonesia invaded and then absorbed the former Portuguese colony 16 years ago, between 100,000 and 200,000 Timorese—nearly one-fifth of the population—were believed to have been killed, provoking little international protest. But last week that all changed. News of a massacre on the remote island 1,900 kilometers east of Jakarta shocked around the world within hours. The difference this time was that it was carried out not in the

rugged mountains, where the Fretilin independence movement dominated for years a guerrilla war against Indonesian troops, but in the capital, Dili, where it was witnessed by many American journalists and by other Westerners.

A day after the massacre, on Nov. 12, July 4th parades in Western capitals were being called in to receive official guests. Demonstrations gathered outside Indonesian missions and airline offices in Australia and other countries. And within 48 hours Jakarta's normally light-tipped generals were desperately trying to steady their own sides' opening fire on a crowd after a memorial service at a suburban cemetery. The shooting, they said, was to be expected and the funeral would be investigated.

Over many Timorese died in the massacre at the Santa Cruz cemetery on the outskirts of Dili, remained in the pile. The Indonesians put the death toll at 19. Among international travelers, confirmed between 50 and 100 died and 100,000 among the 7.5 million Timorese vulgar community in Australia claimed a still higher figure—between 175 and 190. In addition, the army admitted that 200 civilians were injured, some critically.

Among the dead was one Indonesian, Malaysia-born New Zealand pilot Kanai Ramakrishna, 28, a student at the University of New South Wales. American journalist Allan Niska, 30, a 1980 Nobel

prize laureate for *The New Yorker* and Amy Goodman, 34, a reporter for New York public radio regular radio, were held at gunpoint and beaten by soldiers after attempting to halt the shooting by standing between soldiers and mourners. They, unlike the Australian rescuers killed by Indonesian forces during the December 1975 invasion of East Timor, may find—this time, first in Bali and then on the U.S. territory of Guam—to tell the tale.

As well as the final death toll, many other crucial elements including the trigger for the attack and the use of the Indonesian military presence at the scene



Foreign Minister Murtala is seen speaking outside the Dili church where Hangel died.

played in the composition of the Dili church. Hangel and others had sought refuge there, but had clashed with members of a local militia, one of whom was also killed.

Though it is unclear Tuesday several hundred Timorese gathered in the church for a 45-minute memorial mass. Later, they marched 4 kilometers through the town to the cemetery, where Hangel had been buried. According to Amnesty International, which coordinated witness accounts, the crowd had begun at the cemetery in 10 minutes after, at 8 a.m., a large contingent of soldiers approached from two directions. One group formed a line 12 abreast and opened fire on the crowd. Santa Cruz later: "They didn't tell them to drop, or anything. They simply walked up and gunned them down."

Witnesses claim there had been no prior conflict between a few demonstrators and soldiers in more in the cemetery, but no one had been hurt. At a press conference

later, he called to Dili however the army's regional commander, Major-General Bambang Prihatin, alleged the troops had been provoked by a violent mob. He claimed that during the march the deputy commander of the local battalion, appealing for calm, had been attacked and seriously wounded with a machete and another soldier had been injured. On display were banners, flags, and other items many claimed had been looted from the crowd.

In Seoul, South Korea, where he was attending a meeting of the Asia-Pacific Economic Cooperation group, Indonesian Foreign Minister

Murtala said Murtala to death. Western witnesses claim the attack was deliberate and unprovoked. The Indonesian military denies its troops had been abused and assaulted, and instead, claiming by mistake when a crowd of people gathered, "Don't fire," had been misheard as "Fire."

Tensions in East Timor have been high since Portugal first last month abruptly endorsed a planned visit by a parliamentary delegation. The delegation had been seen as one of several hopeful signs that Indonesia and Timor independence fighters might finally agree to a political settlement involving at least partial self-government for the Timorese.

But on Oct. 25 a young Timorese independence activist, Sebastião Hangel, was shot dead. The incident oc-

As Murtala rejected suggestions that the massacre had been pre-arranged or that the troops were undisciplined. Describing the memorial march as "a wild mob," Murtala said: "When people start shouting you, you are a young man of 25 or 34 and somebody comes up to you with a machete and kills you."

International reaction was swift. The European Community said it "vehemently condemned" the killings, the U.S. announced it was taking the incident "very seriously" in Australia. Prime Minister Bob Hawke declared that the Indonesian military response had been "irritably excessive" and warned he might call on a planned visit to Jakarta next year unless Indonesia conducted a full inquiry and punished those responsible.

NOVEMBER 1991

214. 26 NOVEMBRO 1991 RDP

rdp 143/91 26/11/91 21:30

o comité central do partido revolucionário responsável pela
definição da política do governo australiano aprovou hoje
por unanimidade uma mudança radical da posição em relação
a timor.

embora contrário ao resultado do inquérito interno, a
nova proposta é imediata abertura de um consulado
australiano em dli, a visita do líder senador paul hughes
a timor para expressar a república australiana pelos
massacres, reconsiderar todas as possíveis vantagens para a
autodeterminação do povo timorês, reconsiderar o
reconhecimento da anexação e a retirada do timor para
a exploração do petróleo.

esta radical mudança política vem pôr em causa toda a
política de apaziguamento que até um decada a australia
tem tido em relação a indonésia.

nao menos espantosas as reprimendas públicas do
primeiro ministro de png, rubie savelle que condenou os
massacres de dli, a primeira voz que a png desde a
decada de 70 critica abertamente o pacto e o império
viático. a png que deixou de apoiar os rebeldes da timor
ocidental anexada em 1989 pela indonésia detem
actualmente um tratado de paz e não agressão com a
indonésia.

o primeiro ministro da png reagiu também vigorosamente as
alegações relativas da sua independência pela existência
de quotas australianas sobre o seu território conforme
revelado pela comercial no programa panorama do passado
fim de semana. porta vozes do mte australiano e do
ministerio da defesa recusaram-se hoje a comentar para a
comercial sobre as alegações de espionagem alegando
crubar-se do politico australiano em questoes de
segurança.

Cavaco Silva: Questão de Timor-Leste pode ser levantada na presidência portuguesa da CEE



idades registam neste momento uma taxa de crescimento económico de um por cento ao ano, enquanto Portugal deverá crescer este ano a uma taxa de 2,7 a três por cento e que, para 1992, estão ainda previstas as privatizações de vários bancos e companhias de seguros.

Cavaco Silva admitiu que, acompanhando a baixa de inflação, as taxas de juro também possam a vir baixar significativamente.

O governo, acrescentou, tenciona estimular a habitação para casais jovens, estando a encarar

mentar do programa do governo, explicou que visa apenas a revisão das leis eleitorais e considerou que o sistema eleitoral português "está programado para impedir maiorias".

Em relação à revisão do estatuto de Macau, Cavaco Silva defendeu que só deverá ocorrer na revisão constitucional de 1994, para ser aplicável no mandato do actual presidente da república.

Missão militar

portuguesa

partiu



Um hipocêntrico, em altitude de deslente, observa a vertigine da desmatamento no condado de Santa Cruz, em DOL, na sequência do massacre perpetrado pelas tropas indonésias.

Lisboa - O Primeiro-Ministro afirmou, em entrevista à RTP, que o quadro de Timor é um problema da comunidade internacional, pelo que poderá ser levantado pelo governo português no quadro da presidência da CEE, em 1992.

“A ditadura da Indonésia não tem respeitado nem as regras nem os conselhos e Portugal está preocupado em, por diferentes meios e em instâncias, fazer saber a toda a comunidade de flores, disse o Primeiro-Ministro ao programador Primeira Página”.

Carvalho Silva disse ainda que a situação em Timor é um problema internacional, pelo que poderá ser levantado pelo governo português no quadro da presidência da CEE, em 1992.

O Primeiro-Ministro recordou que, em 1992, quase todos os países da comunidade internacional...

mentos suplementares, através dos quais se vão aumentando as despesas sem aumento correspondente das receitas.

Desde 1985 e tal como acontece em muitos países desenvolvidos, o que tem havido em diversos anos são aumentos recíprocos, de qual-quer natureza, através de transferências de verbas, não implicam o aumento do défice.

Na entrevista, Carlos Silva rejeitou a ideia de que tenha havido uma mudança no âmbito orçamental e, interrogado sobre a situação da educação nesta matéria, afirmou que “o documento é uma previsão”.

Anotou que “corrigiram alguns desvios, principalmente na matéria de reajustamento dos salários de professores”, os quais “ajustam por estar mais de acordo com a previsão ou plano da lei”.

Carlos Silva afirmou ainda que a situação orçamental de 1992...

análise) o programa de convergência a apresentar à CEE e explicou que Portugal é favorável a uma política monetária única nas comunidades, mas considera que para isso é necessária uma convergência das economias.

Relativamente à televisão privada, o chefe do governo prevê que o executivo tome a sua decisão sobre o assunto no início do próximo ano, possivelmente em Junho.

Carvalho Silva considerou que o país tem de actuar de forma a que a inflação em 1992 desça abaixo dos 10%, mas afirmou que apesar disso o aumento real dos salários deverá ser acima de zero da inflação.

No que respeita a juros, disse que a intenção do governo é não aumentá-los, mas admitiu que possa vir a haver um esforço de adaptação em relação às taxas em vigor na CEE.

O Primeiro-Ministro referiu que as negociações...

com a UE... (text partially obscured)

O governo, segundo informou, continua a estimular a habitação para jovens, estando a estudar a hipótese de criar subsídios de renda.

Relativamente à regionalização do país, o Primeiro-Ministro recordou que a proposta de governo tem sido favorável a que as áreas das futuras regiões competidas com as das comissões de unidade regional tenham a atenção para a presidência com que deve ser exercida este assunto, em sua opinião, “uma questão de estado”.

Interrogado sobre os débitos no estado de crédito paracetamol, o primeiro-ministro prometeu que o governo vai cumprir os seus compromissos e reconhecer alguns atrasos de pagamentos, não só no estado privado como também no sector farmacêutico.

O Primeiro-Ministro disse ainda que o governo vai desenvolver um diálogo com as universidades, no seguimento de uma revisão do sistema do seu financiamento, de que “é importante que não dependam apenas do argumento de estado”.

Quanto à revisão constitucional antecipada, que pediu no debate par-

SINDICATOS DOS TERRITÓRIOS NORTE DA AUSTRÁLIA BOICOTAM PRODUTOS INDONÊSIOS

Darwin - Os Sindicatos do Território Norte da Austrália decretaram na passada segunda-feira (19/11) o boicote à importação e armazenamento de artigos oriundos ou destinados à Indonésia.

O Presidente do Conselho Shuller dos Territórios Norte, James Kilbarrum anunciou via Darwin que o boicote abrange ainda todas as transacções envolvendo autoridades oficiais indonésias em relação ao massacre de Dili.

O Conselho Nacional dos Sindicatos Australianos convocou no dia de hoje este sumo para discutir o eventual alargamento do boicote a todos os países de onde Robertson.

A sindicalista afirmou, ainda, estar na posse de informações credíveis sobre a existência de mais de 40 pessoas após o massacre do terça-feira, 12/11 em Dili.

Bob Hawke condena justificação indonésia do massacre de Dili



LONDRES - O Primeiro-Ministro Australiano, Bob Hawke, classificou quinta-feira de "repugnante" as declarações de chefes militares indonésios ao tentarem justificar o massacre de Dili.

Falando aos jornalistas, Hawke disse não acreditar que

as declarações dos generais que operam o palácio de Indragiri e pensamento do presidente Suharto "que está perfeitamente consciente da comunidade daquela que aconteceu".

O Primeiro-Ministro referiu-se à detenção do general

qualificando "insuportável, intolerável e normal" o necessário.

Por sua turne a comunidade indonésia em Londres, o general Wiranto disse não saber "em certo quanto" três foram disparados para dispersar os manifestantes mas acrescentou que os disparos não foram excessivos.

Comentando a mensagem por Jacarta de uma comissão de inquirição aos acontecimentos, Bob Hawke afirmou ser necessário um inquérito transparente e imparcial pois caso contrário a Indonésia perderá o respeito da Comunidade Internacional.

Diplomata australiano regressa de visita a Dili

LONDRES, Austrália - Um diplomata australiano enviado a Timor-Leste para investigar os acontecimentos, declarou na regresso

... Os militares, chefe do Estado-Maior do Exército Indonésio, que segundo a imprensa de Jakarta dizem que "as ações duras foram absolutamente necessárias para alijar a presença dos alegados párpitos e escarlatina não pode ser considerada", acrescentando ainda que "delinquentes como estes têm de ser expulsos do país e a administração só há de tomar as medidas necessárias".

Bob Hawke manifestou esta declaração de "responsabilidade extrema" por tentarem justificar a repressão a uma dit-

ta de tropas indonésias durante de violência excessiva na repressão dos manifestantes.

David Bruce, primeiro secretário da embaixada australiana em Jacarta, disse contudo não ter conseguido obter provas de que um segundo massacre se tivesse sucedido socialmente.

No relatório que enviou ao ministro das relações estrangeiras australiano, Bruce falou em "pânico" e "pânico" que o número exato de mortos e feridos na massacre sobre alguma vez se ser apurado, enquanto alguns têm medo de falar e muitos feridos não procuraram o hospital também por receio de represálias.

A avaliar pelos documentos oficiais que recebeu, talhado com numerosas perdas, incluindo fotografias que foram publicadas no acatamento, o diploma incluiu-se a enviar-me, de facto, a Indonésia, mas não é possível muitas perdas.

[Handwritten signature]

RAVEL
eiros
SERVICE
Disponível
para
ser
usado
volta
a
unidade.
mesmo

Ecos de Timor

No. 100



BAILÃO LOPES

EM 2 ANOS **100** ARTIGOS SOBRE O DRAMA DE **Timor**



ção a Portugal, mas decidiu-se prosseguir a luta da resistência, apesar da transparência na entrevista publicada no jornal "Público" de 7 de Novembro, e de que, por falta de espaço, apenas transcreva algumas passagens:

"Bem, se a delegação parlamentar portuguesa já não quer vir, não vale a pena falar mais disso".

"Mas isto faz-me lembrar a comissão, os inícios da reunião parlamentar portuguesa em 1983, lembro-me".

"Eu tenho aqui o artigo de Miguel de Sousa Taveira, publicado no jornal "Semanaário", de 4 de Outubro, e no qual o autor, referindo-se às "grandezas e misérias" da política externa portuguesa, sustenta que há já largos meses "que os deputados não tinham os pretextos e as desculpas para conseguirem escapar a visita", a qual se formava "na emburação e na abstracção" para eles, e para o "sufocadamente abstracido" secretário-geral da ONU.

"Estará Portugal convicta de qualquer coisa"!

Assim se expressa XANANA GUSMÃO que, numa carta anteriormente enviada à Assembleia da República, expressando ainda os votos da delegação parlamentar portuguesa a Timor-Leste, afirmou: "Desde o primeiro até ao último dia, participarei, naturalmente, com os trabalhos dos deputados portugueses, apreciando, quando já não estiver, e fornecendo-lhes toda a ajuda possível para a luz do resultado da sua missão".

2) ANGELO CORREIA "DESDIZ" XANANA GUSMÃO

Tres dias depois daquela entrevista, comentando na Rádio Televisão Portuguesa as afirmações de Xanana Gusmão, o novo presidente da Comissão Especial para o acompanhamento da Situação em Timor-Leste, ANGELO CORREIA, procurou desdramatizar as declarações do líder timorense. E, não tendo encontrado melhores argumentos (pois nada pôde desmentir), ANGELO CORREIA "arranhou" Xanana Gusmão de "desconhecimento da realidade política". (Mas, de uma forma muito desalegreante):

O senhor deputado ANGELO CORREIA começou, desta forma, bastante mal o seu trabalho na Comissão de que agora é presidente, tendo substituído, nesse lugar, o deputado do mesmo partido, SOUSA LARA. Que isto não seja uma mera forma de proferir palavras tão "ligeiras" e "desproporcionadas", como se referiu pela sua mável sucessor, permite a incredulidade de muitos dos portugueses.

E, destes milhares de portugueses, a maior parte deles ficou "convencido", ao lerem que a Comissão para Timor, ao con-



Os laboratórios de exames químicos do ICS (1983-1993)

No dia em que vamos a preparar esse meu relatório sobre 15 de Novembro, por fim a madrugada mais violenta de 1991, nestes últimos dez anos de conflitos camuflados.

E O TERROR DE NOVO VOLTOU A TIMOR-LESTE

Sou espantado pela "cultura da morte" (segus indonésias) e o crime da Unidade da Santa Cruz, a disparidade indistintamente malvada para cima de 2000 camponeses que ali estavam a prestar uma valiosa hospitalidade a um dos estabelecimentos avançados dos ICS, disseminando forças de ocupação.

Do jornal "Folha" de São Paulo, 15 de Novembro, 1991, relato de uma reportagem feita pelo jornalista norte-americano ALAN GOODMAN e pelo seu colega ALLAN NATHAN, ambos espanhóis e jornalistas para os jornais indonésios:

"FOI UM MASSACRE. Os militares dispararam, com as espingardas automáticas, durante o ataque, para o grupo de milícias, e confundiram a ordem, enquanto as mulheres gritavam, fugiam em sentido contrário", contou ao PÚBLICO o jornalista norte-americano Alan Goodman, da reportagem de São Paulo (WBA), que, com um seu colega da revista "New Yorker", conseguiu escapar quase intacto de Timor, e chegar à ilha de Chuao, em um hospital de um rancho na região australiana.

"Foi uma frente de progresso porque pessoas que os militares não atacaram se foram formalmente ordenadas. Muitas foi isso que aconteceu. Eles não tinham pólvora e as balas acabaram que pela chita, e começaram a bater as suas mãos e chorar de dor, a dar os seus nomes e pontualidade. Alguns o Alan (Nathan, o "New Yorker" do jornal norte-americano) tem foi provavelmente e foi também visto com o mesmo jornal. Nessa altura ele estava em um estado de desespero e eu percebi que um acidente aconteceu e gritou: "Por favor não me atirem. Sou um jornalista. Eles não são americanos, e não são uma unidade francesa empurrada,

mas isso pareceu demasiado perigoso. De outras — os indonésios e os outros jornalistas — não tiveram muita sorte. Pensei que a maioria não queriam ir para lá, mas eu não sabia. Muitos provavelmente foram — e que não morreu. Tinha medo para eles. Foi um jornal de uma vez. Vi-me várias vezes de pessoas mortas, ainda não identificadas. Conseguimos sair para um rancho.

O massacre ocorreu no dia da manhã. Os dois jornalistas saíram do Dili à meia noite. "A processo está no muito bem organizado. Havia vestimenta com roupas tradicionais, casacos de cinco e seis anos, e milhares de jovens dos locais — há muitos milhares de jovens de sempre. Cantavam e gritavam: "Viva Sêba-Sêba" (o jovem indonésio lá duas semanas na ilha de Malak) e "Viva Timor Leste". Não houve qualquer provocação. Ainda durante a manhã, tivemos três pontos de encontro de jornalistas.

Alan Goodman, 24 anos, disse que ele não tem medo, "atendendo as circunstâncias", no sentido de ser acompanhado por um número de tele-jornalismo. Não conseguiu ir embora e se encontra. Se o relato de Alan Goodman, 30 anos, e

O A ÚLTIMA ENTREVISTA DE XANAÑA GUSMÃO

Xanaña Gusmão foi entrevistado com a respectiva da imprensa portuguesa no "Público".

O "Público" de que se trata um jornalista britânico invade de a reportagem sobre os seus amigos e de que se trata a ONU e um deputado português, para pelo jornalista não indonésio (mas que provavelmente decorreu nos dias e noites diplomáticas portuguesas, no momento "basta" tomou a a líder indonésio como um "basta" e para "basta" indonésio) que defendeu a guerra indonésia.

É um XANAÑA GUSMÃO indonésio e indonésio em

permissão, apesar de não ser um indonésio e não é Xanaña Gusmão.

Segundo, enquanto a posição do Governo português, o portador do Conselho Nacional de Resistência Maliana (CNRM), José Ramos Horta, considera que deve ser tomadas medidas adequadas, no sentido de levar a cabo a desarmamento e embargo de armas à Indonésia, ao mesmo tempo que se deve solicitar a "revisão da situação do Conselho de Segurança". Horta defende uma intervenção diplomática em cooperação com a União da Terra no Mundo, e que Portugal aproveite "a oportunidade em vista de José Eduardo dos Santos e de João Baptista" junto do país africano.

Questionado sobre as chances que poderá ter de levar os indonésios a permitir um processo de diálogo e paz, José Ramos Horta afirmou que não há qualquer possibilidade de diálogo com os indonésios, e que a única maneira de resolver a situação é através da pressão internacional, e que a única maneira de resolver a situação é através da pressão internacional, e que a única maneira de resolver a situação é através da pressão internacional.

... e que o indonésio não quer que se saiba a quem se vai dar a palavra, e que se vai dar a palavra a quem se vai dar a palavra, e que se vai dar a palavra a quem se vai dar a palavra.

... e que o indonésio não quer que se saiba a quem se vai dar a palavra, e que se vai dar a palavra a quem se vai dar a palavra, e que se vai dar a palavra a quem se vai dar a palavra.

... e que o indonésio não quer que se saiba a quem se vai dar a palavra, e que se vai dar a palavra a quem se vai dar a palavra, e que se vai dar a palavra a quem se vai dar a palavra.

... e que o indonésio não quer que se saiba a quem se vai dar a palavra, e que se vai dar a palavra a quem se vai dar a palavra, e que se vai dar a palavra a quem se vai dar a palavra.

... e que o indonésio não quer que se saiba a quem se vai dar a palavra, e que se vai dar a palavra a quem se vai dar a palavra, e que se vai dar a palavra a quem se vai dar a palavra.

3) RAMOS HORTA E ABÍLIO DE ARAÚJO

Já depois da chegada do antigo primeiro-ministro de Timor-Leste e dos seus representantes relatados no meu último artigo, RAMOS HORTA, para não se esquecer de Xanaña Gusmão, declarou de "XANAÑA GUSMÃO PÚBLICO" e o jornalista português que "denunciou o 'basta' de que a líder indonésia, forte indonésia, não se vai dar a palavra, e que se vai dar a palavra a quem se vai dar a palavra, e que se vai dar a palavra a quem se vai dar a palavra.

Informalmente sobre o conteúdo da entrevista de Xanaña Gusmão ao jornal "Público", RAMOS HORTA, que enquanto regressava de Luanda, para não se esquecer de se dedicar à sua "informação em meios de comunicação e de imprensa, sobre os resultados finais" da chegada da viagem dos psicólogos portugueses a Timor-Leste, considerou "importante" e "importante" que pessoas de tanta responsabilidade na decisão política portuguesa tenham resuscitado a investigação.

RAMOS HORTA já depois disso "reusa a possibilidade" e o governo português de "não se esquecer de se dedicar à sua "informação em meios de comunicação e de imprensa, sobre os resultados finais" da chegada da viagem dos psicólogos portugueses a Timor-Leste, considerou "importante" e "importante" que pessoas de tanta responsabilidade na decisão política portuguesa tenham resuscitado a investigação.

Curiosamente, o chefe da diplomacia de Timor-Leste, o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, um português (deverá ser as relações de paz por ele apresentado, no qual se prevê "a inclusão de Timor-Leste no processo de negociação da ONU entre portugueses e indonésios", e ainda a "necessidade de no alto com o indonésio para Timor-Leste".

Recordo-me também, que os indonésios de "e indonésio indonésio" nas negociações da ONU, e na delegação parlamentar que foi a Timor-Leste, foi um tempo em que muitas vezes foram

dado de atenderem em muitos dos meus artigos. Isso, neste sentido, indonésio foram "revisão" a documento que Portugal apresentou à ONU, em 22 de Maio, documento que não já transmissões de texto dos meus últimos artigos.

Quanto à "revisão de um alto com o indonésio para Timor-Leste", recordo-me também que este artigo, apresentado nos II Jornais para Timor, editados na Universidade de Paris, foi criado pelo Dr. João Ramos, em Junho de 1990, de que me lembro...

Y. Ramos (revisão)

ACTUALIDADE

"Washington Post" alerta administração Bush

Washington - O influente jornal "Washington Post" publica, quarta-feira passada, um editorial sobre Timor-Leste no qual alerta o Sistema Americano para a possibilidade de esse o seu maior custo externo.

"Chegar o altura de re-licar da guerra do esquiloto a questão de Timor-Leste e de lhe dar a prioridade que a justiça e a opinião internacional exigem", diz o jornal desde de história de história que levaram os Estados Unidos à albatroz do problema até agora.

"Nos anos 70 a maior parte dos países tinham outras preocupações mais importantes do que um remoto território chamado Timor-Leste", escreve.

"O Governo Americano tinha entre mãos a guerra do Vietnam e não estava em condições para se envolver por uma causa - aliada por estar com preocupação interna - que só poderia resultar por complicar as relações com o seu sólido aliado anti-comunista em Jacarta", prossegue.

"Mas a conclusão - há o tempo hábil - hoje, desparecida a ameaça comunista, as pressões continuam a estar mais frequentes das legítimas apelas a auto-determinação".

mas prossegue: "Uma administração Bush hesitante deve tomar em conta que no Senado, habitualmente desprezo para o problema, os republicanos conservadores terão outra altura. Hoje desparecida a ameaça comunista, as pressões continuam a estar mais frequentes das legítimas apelas a auto-determinação".

O "Washington Post" lembra que os Estados Unidos, por serem sempre apoiado a Indonésia no tempo das anos, está agora em sua posição para exercer a sua influência sobre Jacarta e prossegue:

"Uma administração Bush hesitante deve tomar em conta que no Senado, habitualmente desprezo para o problema, os republicanos conservadores terão outra altura. Hoje desparecida a ameaça comunista, as pressões continuam a estar mais frequentes das legítimas apelas a auto-determinação".

Finalmente o "Washington Post" escreve que a Indonésia, preocupada com a sua imagem internacional, não deve tratar o problema como uma simples questão de relações públicas mas antes como uma oportunidade para pôr a sua justiça.

"A Indonésia tem uma oportunidade de mostrar o espírito de Timor-Leste, preservado nos 14 anos de abandono e o sistema de

Mário Soares envia mensagem a Timorenses

Lisboa - O Presidente da República Mário Soares manifestou-se indignado pela falta de independência não ter sido ainda reconhecida pela Comunidade Internacional pela ocupação de Timor-Leste, ao considerar que se passou com o Timor em relação ao Kuwait.

Nessa mensagem enviada pela BPC, através da sua edição de notícia portuguesa para a Indonésia - a que será enviada igualmente em Timor-Leste - o Presidente da República disse que está a escrever cartas ao papa João Paulo II e a vários chefes de estado, denunciando a massacre do povo timorês praticado pelas tropas de Jacarta.

"Não podemos tolerar que um país ocupante e que não usa diáspora timorês seja o caso de Indonésia, mantendo o olhar o povo de Timor-Leste em condições inaceitáveis,

aprimando as suas próprias crenças religiosas e a sua integridade nacional e social", refere a mensagem presidencial.

"Essa parte não é intolerável", afirmou Soares.

Na mensagem o Chefe de Estado garante que Portugal "não se contenta" de chamar a atenção da "comunidade internacional, da ONU e de todas as organizações internacionais para este atropelo intolerável e inaceitável com os direitos humanos".

"Em Portugal não temos nenhum interesse directo em Timor-Leste que não seja a sua promoção administrativa que criação a ser, e de assegurar que sejam respeitadas as directivas básicas do povo de Timor-Leste e que seja reconhecida a directiva inalienável a sua auto-determinação. Não queremos nada, nada que não seja isto", sustentou o PR.

Segunda equipa norte-americana Situacão em Timor "é altamente explosiva".

Washington - A equipa de observação norte-americana em Jacarta que se deslocou a Timor-Leste concluiu que a situação em

permissão conflitos que, numadas antes da missão em, fosse sido reforçada pela população em geral, incluindo.

Oposição da Malásia condena massacre

Kuala Lumpur - O grupo de defesa dos direitos do homem e partido da oposição da Malásia entregaram segunda-feira passada na embaixada de Indonésia em Kuala Lumpur uma carta condenando o massacre de civis desarmados em Timor-Leste.

A carta endereçada ao presidente Suharto condena "os crimes" e "acto de brutalidade gratuita das forças militares" com civis desarmados, culminando em uma "série de actos violentos contra o povo de Timor-Leste".

Entre os 14 grupos e partidos signatários da carta, que exige a retirada das forças indonésias de Timor-Leste, incluem-se o Partido Fundamentalista Islâmico "Parti Islam", o Partido Socialista "Pakjaya Malay-

si" e organizações Democráticas e de defesa dos direitos do homem.

Os grupos malaios exigem, igualmente, que todos os envolvidos no massacre sejam julgados e sentenciados de acordo com a lei.

O Conselho da Maj, que recolheu a guerra desde 1975 a guerra e a ocupação de Timor-Leste, não se pronunciou sobre tal acto de violência de 1991, mas o Ministro dos Negócios Estrangeiros Mahatmya Mohd, reuniu-se na semana passada com o primeiro-ministro indonésio em Bali para discutir o assunto.

Entre as vítimas do massacre do Conselho da Junta Chai destaca o estudante malásio Kamal Samadhi, portador de passaporte da Nova Zelândia.

ECOS DE TIMOR

(Continuação da página 9)

O sistema de justiça que, no mês de Junho de 1990, disse mesmo jornal, no caso de serem a mesma necessidade, mas aumentando as denúncias que, no final de 1991, estão a ser feitas.

(Continuação da página 9)

4) JURISTAS DE 14 PAÍSES "LUTAM" POR TIMOR LESTE

Uma equipa de juristas de 14 países, incluindo os Estados Unidos, a Índia, o Japão, o Canadá e de outros países do mundo para "combaterem" que o povo timorês tenha direito a sua independência.

Os juristas, que estão a lutar, são conhecidos como "The Timor 14".

sevilla a ameaça comunista as pessoas em quem a escuridão, reveladas nos limites, não apóia a autoridade moral'.

O "Washington Post" revelou que as Escolas Indígenas por serem sempre apoiado a Indonésia em tempo de guerra, está contra em favor pacífica para exercer a sua influência sobre Java-

"A Indonésia tem a oportunidade de estabelecer o espírito de tolerância e respeito aos direitos humanos, eliminando a política de culpa-plena 'corção' - insistência que se pode ser substituída para uma noção que pretende ser responsável e ter influência internacional" (conclui o editorial).

da ganhando norte-americanos em Jacarta que se distinguem a TUDP. Esta conclusão não é óbvia na realidade é "altamente ex-clusiva".

Esta edição, que esteve em Dili de 15 a 17 deste mês, afirma que o massacre foi causado a morte de 72 a 100 indonésios, sendo sido arquivado por uma "verificação da disciplina militar" por parte das tropas indonésias.

Os norte-americanos afirmam ter falado com o governo indonésio, órgãos, autoridades militares e timorenses testemunhas do massacre.

A maior parte dos contactos estabelecidos uni-

versitários antes de se mover, dizem não esclarecida pela população em maior Indonésia.

Richard Baucher, porta-voz do departamento de estado, referiu ainda que a administração Bush continua a apoiar ao governo de Jacarta para que proceda a uma investigação "completa e credível" dos acontecimentos, com a chamada a justiça das que foram métodos violentos injustificadamente.

Presidente do Parlamento Europeu condena massacre da Indonésia

Bruxelas, França - O Presidente do Parlamento Europeu e espanhol Enrique Duran Crespo, condenou segundo-feira, em Bruxelas França, a violência e os massacres perpetrados pela Indonésia em Timor-Leste.

Em declaração divulgada no Parlamento Europeu, Duran Crespo considerou que "os massacres e as torturas" do povo timorense "violam os mais elementares direitos do homem".

O Presidente da Assembleia Parlamentar da CEE apelou ao governo de Indonésia para que cumpra "os seus actos humanos" e para dialogar com o povo do Timor-Leste.

Detidos do massacre vão ser interrogados

Dili - Timorenses detidos durante o massacre do 12 estiveram interrogados durante a apurar crimes. Multidões pela violência em Dili, dila quito-1991, o Comando Militar Indonésio em Timor-Leste.

Cerca de 30 detidos durante a manifestação no cemitério de Santa Cruz, serão também interrogados, disse o brigadeiro general Rudolf Waino.

"Há um mês depois de que estão detidos que serão interrogados logo que estiverem melhor, por serem a segurança - estas condições são necessárias", acrescentou.

O militar afirmou que a situação precária e insalubre que afectam gravemente a maior Cerbon Samara, não fundamenta de Dili em Dili.

Em 1983, foi nomeado para a equipa de 50 Juizes do supremo tribunal.

O seu irmão de estado indonésio da presidente, Mardiana, anunciou há dias, a constituição de uma comissão "imparcial" de investigação independente, marcada em 12 de Novembro em Dili, sublinhando que esta decisão não tinha "nada a ver" com as negociações interchuchas de Timor-Leste.

Vários países, entre os quais os Estados Unidos, exigiram o apuramento e divulgação de dados sobre os MS.

Massacre: Juiz que dirige o Inquérito oficial indonésio é general

Jacarta - O juiz do Supremo Tribunal Indonésio que dirige o Inquérito oficial sobre o massacre de 12 de Novembro em Dili, Jacarta, é um general licenciado pela faculdade de direito das forças armadas.

Segundo a sua biografia publicada em 1988 num livro sobre os militares indonésios de alto patente, Joplara destacou-se nomeadamente nos anos seguintes numa unidade de comando-paraguaiense em Karajidin, perto de Bandung no norte de Java.

No início dos anos oitenta, dirigiu a escola jurídica de militares indonésios da defesa e da segurança.

para Indonésia tem direito a sua independência.

Previamente, o advogado, mas universitário onde foi aluno (Brasil, que estudou "os problemas jurídicos" da Indonésia).

Queira a "suspeita de fraude" política entre a Austrália e a Indonésia, com a conversação legal do político de timor do Timor.

Não juristas, alguns deles, professores universitários de direito, a disposição de dar apoio ao Governo português pelo Caso Timor-Leste.

Este é um assunto em argumentação por um grupo de personalidades estrangeiras que fundaram a "Plataforma Internacional de Juristas por Timor" cuja primeira sessão decorreu no Centro de Apoio a Democracia em Colégio Pio XII, a 10 de Novembro. E que teve a presença do Presidente da República, Dr. Mário Soares.

Assim, no entanto, nem o Governo português, nem a Assembleia da República se fizeram representar, numa primeira sessão da "Plataforma", onde se prestou homenagem a uma lista dos parlamentares nacionais que não compareceram na primeira sessão.

Tão pouco, o negociador português, presidente da Comissão para Timor, esteve presente, o que foi do ponto de vista.

Quanto a estes já chegou a ter dos deputados que formaram, até há dois meses, a Comissão Especial para Acompanhar a Situação em Timor-Leste. Porque assim, não acompanharam de Dili a comissão indonésia no período recente antes da visita portuguesa.

s) OS TRABALHADORES DA IMPRENSA NACIONAL DE DILI

Neste meu sensível artigo não posso deixar de lembrar os trabalhadores da Imprensa Nacional de Dili que também trabalharam durante três anos.

Este é um período, durante esse espaço de tempo, de ter tempo, mais difícil, mas é de que se ter sido a notícia com.

Sobretudo como foi e sempre me mantive em Timor, com meu, não a um precioso colaboração, e meu dedicação trabalho (era sido todo o os meus esforços não me dá um hoje, a sua tempo, dedicada a situação de viver sempre).

Este foi todo, na imagem tipográfica, tirada de uma fotografia de José Saraiva, tendo por base uma parte central com todos os anos a existência.

De todos, foi a sua, os momentos em que se viu, desde a director Álvaro Leal, na colectiva sempre existiram, e timorenses (Miguel) da Censura passando pelos mais quem publicaram, até ao mais idoso do tempo, o amigo já velho António Gouveia, hoje a viver aqui no Vale de Leão.

Com eles, não somente deles, foi necessário elevar a voz, não era apenas modesta a preocupação de obter o papel de substituir país timor, sempre com todos os anos, com todos os esforços e a vontade de todos os anos.

Por isso, no fim da despedida no tempo de trabalho, quando me a um a todos os anos, timor, de em uma página amarela que também foi um tempo de tempo de tempo.

Esta é a homenagem que me Dili dá.

To Lúcia, para o "Correio Português" de Anselmo, o amigo sempre certo no tempo que passa. *Walter Lopes*

LEIA, ASSINE E DIVULGUE O "CORREIO PORTUGUÊS"

216. 26 NOVEMBRO 1991 SMH

Amnesty says up to 200 killed in Dili massacre

By SPENCER KING

The death toll from the November 12 massacre in East Timor may be as high as 200, Amnesty International said in a report yesterday.

Following the latest detailed information on the situation in East Timor, the London-based human rights organisation called on the Australian Government to push for an urgent independent inquiry into the massacre and its aftermath.

Amnesty's campaign director in Australia, Mr Andre Frankovich, said human rights reports published last Indonesian newspaper were continuing to tell, in detail and great detail Timor as a large scale.

He wanted the names of 60 people - mostly students - whom Amnesty believed were killed in the November 12 massacre, when Indonesian troops opened fire on a group of protesters at the Santa Cruz cemetery in the Timorese capital of Dili. The Indonesian Government's official toll is 19 killed and 91 injured.

"How 60 people are simple the names we have been given in fact," said Mr Frankovich. "But we think the number of people killed is upwards of 160 and

could easily be as many as 200."

Mr Frankovich said the 60 names "put just on the credit of the Indonesian version of events" and included the dead from an investigation by an independent body, such as the United Nations, who go into Indonesian military forces.

"We believe very strongly that the Australian Government should be pushing for joint independent inquiry and we are awaiting to talk to Mr Clarke to discuss this."

"We certainly do not believe that the investigation promised by the Indonesians will be impartial or that it will aim at any of the facts."

Mr Frankovich said the Australian police was outraged by the allegations reported in East Timor and expected stronger action from the Hawke Government.

"The Minister of Foreign Affairs has said in the past that quiet diplomacy is the best way of improving human rights in other countries, but it's our conviction that this certainly is not working in East Timor."

Amnesty believes at least 42 people, and possibly as many as 90, have been detained since the Santa Cruz massacre, with some

being tortured and killed in custody.

It also has received reports supporting friction claims that between 60 and 80 detainees, including members of the Santa Cruz cemetery, were driven to the outskirts of Dili, shot and buried in unmarked graves on November 13.

Mr Frankovich said the information had been compiled by researchers in London and had come from numerous sources, including exiles, journalists, official documents, family and friends. To protect these sources, the name of the informants would not be released, but Mr Frankovich said Amnesty was satisfied the information was accurate.

He said 13 allegations had agreed to provide further details, but a UN fact-finding delegation only if its safety could be guaranteed.

Amnesty also asked Canberra about reports of East Timorese reportedly detained in Jakarta on November 20 after a demonstration in which they called for an investigation of the Dili killings and a referendum on East Timor's political status.

Tuesday, November 26, 1991

Australia told to come clean on spying claims

PNG

MAR-LOUISE O'CALLAGHAN
Hull Correspondent

PORT MANSIE, Monday The Papua New Guinea Government has ordered an investigation into claims that Australia supplied its former colony.

The PNG Prime Minister, Mr Nabule Nanabua, accused Australia today of invading PNG's sovereignty as well as the privacy of individual Papua New Guinean citizens.

Mr Nanabua said he wanted an explanation from Australia about a reported spy satellite (SIGINT) facility proposed on the northern tip of Cape York.

AN television news claimed last Friday it had confirmed the availability of a mobile SIGINT facility before used to listen to PNG Government communications and monitor the Bougainville rebellion.

The existence of the facility was confirmed by Professor Peter Hall of the Strategic Defence Studies Centre in Canberra on the program.

Mr Nanabua, who has until now enjoyed a warm relationship with his Australian counterpart, Mr Hawke, said today he wanted to know what Australia's motives were for spying on Papua New Guinea.

"We have nothing to hide up here. We render an open government," he said.

Source: *Asahi* to Mr Nanabua said he was most perturbed by the

suggestion that Australia was withholding information that may be useful to PNG in its three-year battle to oust drug the commercial movement on Bougainville.

The SIGINT program claimed (which) was originally provided with reports gleaned from the facility monitoring of PNG's military and administrative communications, and the radio communications of the Bougainville Revolutionary Army.

However, information on the Bougainville movement movement had not be passed to PNG authorities, the program said.

This was apparently also to protect that there was a link with PNG's national intelligence Organisation (NIO).

Mr Nanabua said he had requested the country's appropriate authorities to investigate the reported spying operations by Australia.

"Such an intelligence-gathering operation can be regarded as not only an invasion of Papua New Guinea's sovereignty but also an invasion of our individual privacy as well," he said.

"If what the AN television reported last Friday is true, we want an explanation from Australia as to their motives for such an operation."

In AN TV's *Newsline* last Friday, Mark Conran, a reporter who once worked as a senior SIGINT radio operator, also revealed similar doubts of Australia's spying on Indonesia.

Army denies further killings

TARAKA, Monday The Indonesian Army today denied reports of fresh massacres in East Timor, where its troops shot dead protesting students last week.

"There is no truth in the reports," a military spokesman said, adding that his Government was awaiting the completion of an official commission set up to investigate the killings in the former Portuguese colony on November 12.

Up to 160 people were reportedly killed when troops fired on protesters in Santa Cruz cemetery in the East Timor capital of Dili. The official death toll is 19.

In Dili, clergymen of East Timor's dominant Roman Catholic Church and a Western diplo-

mat have said they had not been able to obtain confirmation of a series of massacres reported by various oppositional Indonesian news in the territory.

Antiwar-based Timorese sources, quoting Catholic and other sources in East Timor, said groups shot dead 10 people on November 17 and a further seven, including a one-year-old boy, on November 18 in the outskirts of Dili.

The same sources said troops on November 25 executed 70 to 80 refugees of the November 22 killing in the Dili cemetery.

The 30-year-old commission investigating the country's killings leaves on Thursday for East Timor.

Dili's main East Timor Catholic church has urged some pro-independence rebels of being

in and the church in the recent demonstrations.

Henry Chiro, Dili pastor and alleged that the troops shot defenceless students to suppress the anti-indonesian protest.

However, in a statement, he also explained: "We do not want the church used for a political purpose."

"There have been attempts by a certain group in the church to be political," he said in a reference to other people's politics.

Indonesian rebels pressed the Australian Embassy in Jakarta today, demanding a formal apology from Canberra and pressure at Indonesian diplomatic offices in Australia against the Dili killings.

Source: Australian Press and Sydney Evening Press

Threaten Jakarta with sanctions, say Labor MPs

By GREG JESTIN
Foreign Affairs Correspondent

CANTONIA - A resolution by the opposition Labor Party's federal parliamentarians (LPM) today with the effect of demanding an immediate end to the Indonesian occupation of Timor-Leste, is likely to have a significant impact on the Australian government's position.

The resolution, almost certain to be passed, and will increase pressure on Indonesia to ensure a credible timetable for its withdrawal.

The Minister for Industry, Mr. Morrison, is likely to support a proposal to suspend aid to Indonesia until it complies with the international community's demand for a credible timetable for its withdrawal.



A spokesman for Senator Antonia Collins said there was still a 50-50 chance of a vote on whether to suspend aid to Indonesia until it complies with the international community's demand for a credible timetable for its withdrawal.

The likely cancellation of the aid will be a well-deserved punishment for the Indonesian government, which has been unable to meet its obligations under the ceasefire.

Today's resolution, which demands that the government suspend aid to Indonesia until it complies with the international community's demand for a credible timetable for its withdrawal.

The Minister for Foreign Affairs, Senator Evans, has tonight said the government will not support the resolution.

The Minister for Foreign Affairs, Senator Evans, has tonight said the government will not support the resolution.

It is understood that the resolution will be supported by the Labor Party's federal parliamentarians (LPM) today with the effect of demanding an immediate end to the Indonesian occupation of Timor-Leste.

The resolution, almost certain to be passed, and will increase pressure on Indonesia to ensure a credible timetable for its withdrawal.

The Minister for Industry, Mr. Morrison, is likely to support a proposal to suspend aid to Indonesia until it complies with the international community's demand for a credible timetable for its withdrawal.

The Minister for Foreign Affairs, Senator Evans, has tonight said the government will not support the resolution.

The Government is reluctant to do so, but with Indonesia's failure to meet its obligations under the ceasefire, it is likely to have a significant impact on the Australian government's position.

It is understood that the resolution will be supported by the Labor Party's federal parliamentarians (LPM) today with the effect of demanding an immediate end to the Indonesian occupation of Timor-Leste.

The resolution, almost certain to be passed, and will increase pressure on Indonesia to ensure a credible timetable for its withdrawal.

The Minister for Industry, Mr. Morrison, is likely to support a proposal to suspend aid to Indonesia until it complies with the international community's demand for a credible timetable for its withdrawal.

The Minister for Foreign Affairs, Senator Evans, has tonight said the government will not support the resolution.

As a result, such a vote in defence of the international view is a significant step towards the official isolation of Jakarta.

The resolution is unlikely to include the threat of unilateral action by the Labor Party's federal parliamentarians (LPM) today with the effect of demanding an immediate end to the Indonesian occupation of Timor-Leste.

It is understood that the resolution will be supported by the Labor Party's federal parliamentarians (LPM) today with the effect of demanding an immediate end to the Indonesian occupation of Timor-Leste.

The resolution, almost certain to be passed, and will increase pressure on Indonesia to ensure a credible timetable for its withdrawal.

The Minister for Industry, Mr. Morrison, is likely to support a proposal to suspend aid to Indonesia until it complies with the international community's demand for a credible timetable for its withdrawal.

The Government is reluctant to do so, but with Indonesia's failure to meet its obligations under the ceasefire, it is likely to have a significant impact on the Australian government's position.

It is understood that the resolution will be supported by the Labor Party's federal parliamentarians (LPM) today with the effect of demanding an immediate end to the Indonesian occupation of Timor-Leste.

The resolution, almost certain to be passed, and will increase pressure on Indonesia to ensure a credible timetable for its withdrawal.

The Minister for Industry, Mr. Morrison, is likely to support a proposal to suspend aid to Indonesia until it complies with the international community's demand for a credible timetable for its withdrawal.

The Minister for Foreign Affairs, Senator Evans, has tonight said the government will not support the resolution.

Chancellor reserves added to the support of the government yesterday with a unanimous call for a campaign of arms and boycotts against Indonesia.

The resolution is unlikely to include the threat of unilateral action by the Labor Party's federal parliamentarians (LPM) today with the effect of demanding an immediate end to the Indonesian occupation of Timor-Leste.

It is understood that the resolution will be supported by the Labor Party's federal parliamentarians (LPM) today with the effect of demanding an immediate end to the Indonesian occupation of Timor-Leste.

The resolution, almost certain to be passed, and will increase pressure on Indonesia to ensure a credible timetable for its withdrawal.

The Minister for Industry, Mr. Morrison, is likely to support a proposal to suspend aid to Indonesia until it complies with the international community's demand for a credible timetable for its withdrawal.

217. 26 NOVEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

2 THE AUSTRALIAN Tuesday November 26 1991 - 7

Hawke to be tougher on Indonesia

By Foreign Affairs writer TONY HARKINSON and COLIN WILLIAMS

THE Hawke Government is expected to bow today to pressure from the Federal Caucus for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre.

But Mr Hawke and his cabinet are expected to resist demands for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre. Mr Hawke and his cabinet are expected to resist demands for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre.

Mr Hawke and his cabinet are expected to resist demands for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre. Mr Hawke and his cabinet are expected to resist demands for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre.

Mr Hawke and his cabinet are expected to resist demands for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre. Mr Hawke and his cabinet are expected to resist demands for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre.

Mr Hawke and his cabinet are expected to resist demands for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre. Mr Hawke and his cabinet are expected to resist demands for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre.

Mr Hawke and his cabinet are expected to resist demands for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre. Mr Hawke and his cabinet are expected to resist demands for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre.

Mr Hawke and his cabinet are expected to resist demands for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre. Mr Hawke and his cabinet are expected to resist demands for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre.

Mr Hawke and his cabinet are expected to resist demands for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre. Mr Hawke and his cabinet are expected to resist demands for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre.

Mr Hawke and his cabinet are expected to resist demands for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre. Mr Hawke and his cabinet are expected to resist demands for a tougher approach towards Indonesia over the November 12700 massacre.

A DEMOCRATIC Indonesian Ambassador in Washington, General Mulyo Habibi, said yesterday that cooperation between the defence industries of Australia and Indonesia.

But he says a warning that future talks would depend on friendly relations and mutual respect.

General Habibi presided at a conference in Canberra yesterday morning in a joint session.

There had been a joint session.

which said Australia should consider the case of East Timor with respect to Timor.

General Habibi said that cooperation between the defence industries of Australia and Indonesia.

General Habibi said that cooperation between the defence industries of Australia and Indonesia.

Apology demanded

General Habibi said that cooperation between the defence industries of Australia and Indonesia.

General Habibi said that cooperation between the defence industries of Australia and Indonesia.

General Habibi said that cooperation between the defence industries of Australia and Indonesia.

General Habibi said that cooperation between the defence industries of Australia and Indonesia.

to protest against the recent massacre in East Timor.

General Habibi would not comment on reports by East Timor and the implications for defence and other relations between the countries.

But in his address to the Institution of Engineers, March 2000 conference, General Habibi said of Australian military assistance, established in the 1970s when Indonesia was seeking to divert more capital into non-military production.

General Habibi said that cooperation between the defence industries of Australia and Indonesia.

General Habibi said that cooperation between the defence industries of Australia and Indonesia.

General Habibi said that cooperation between the defence industries of Australia and Indonesia.

General Habibi said that cooperation between the defence industries of Australia and Indonesia.

General Habibi said that cooperation between the defence industries of Australia and Indonesia.

General Habibi said that cooperation between the defence industries of Australia and Indonesia.

General Habibi said that cooperation between the defence industries of Australia and Indonesia.

General Habibi said that cooperation between the defence industries of Australia and Indonesia.

General Habibi said that cooperation between the defence industries of Australia and Indonesia.



Justice Kirby in his chambers yesterday

East Timor surely qualifies for self-determination — Picture: ALAN PRYKE

WOOD would be pulled together in the streets of Dili. Violence and in 100 similar conflicts until the United Nations was reorganised to respect the will of people instead of governments, the president of the NSW Court of Appeal, Justice Michael Kirby, said last night.

The self-determination of peoples had become the compelling world issue, ushering in the era of the international flashpoint, said the judge, who has been awarded the Australian Human Rights Medal by the Human Rights and Equal Opportunity Commission.

Where the "old" UN began the birth of nation-states in post-World War II decolonisation, very little of that occurred primarily from the chief motivation of self-determination. Justice Kirby said a "new" UN had to be created to achieve that primary aim and to promote universal self-determination.

UN vital tourniquet for a bleeding world

In an interview to mark the medal, the judge said he believed the mechanisms required, while embryonic, were already in place.

He highlighted the little-known, six-year effort of an international committee which, meeting in Paris recently under his chairmanship, reached a consensus on how "self-determination" might be defined.

Drawing its membership from international jurists, the committee to define peoples' rights and self-determination, established by the UN Educational, Scientific and Cultural Or-

ganisation, held that four elements should be considered. These were:

Peoples seeking to assert self-determination should have a common link of history, philosophy, culture and religion; they should be numerous, not just a club or society; they had to have the will to be separate; and they had to have institutions through which their will could be expressed.

On those grounds, Justice Kirby said, East Timor surely qualified for the right of self-determination. Hong Kong was a more complicated case but it "possibly" qualified for

separation from Papua New Guinea, he said.

But between defining a better regime for human rights worldwide and achieving it lies an uneasy path.

"Whether from theory and necessity it can pass through the mechanisms of the State-controlled United Nations and the big-power-controlled Security Council is another question," Justice Kirby said. "It's the first step on a long journey in the UN system."

That journey would probably require nothing less than a complete restructuring of the UN — though not necessarily the rewriting of its charter. From its opening sentences, the charter talks of the rights of peoples. Its words clashed with actual UN practice, he said, because the General Assembly was controlled by States, not peoples.

— BRIAN WOODLEY

Serb true facts 30 minutes — Page 6

218. 27 NOVEMBRO 1991 RDP

27/11/91 00

a indonésia ameaçou hoje retirar a sua representação diplomática e consular na australian a menos que terminasse o assédio às suas instalações nesse país. O embaixador australian em Jacarta tem estado fechado há mais de 10 dias, e a embaixada em Jakarta continua sob o pressão dos piquetes de greve de grupos sindicais.

O ministro suabe, ministro dos assuntos políticos e de segurança de estado ocidental ainda há momentos a cadeia nacional de rádio australian em que a educação australiana sobre os incidentes foram preparadas dado na se ter iniciado o inquérito ordenado pelo presidente Suharto.

entretanto em Jakarta o ministro da defesa foi substituído declarou hoje durante 5 horas numa sessão parlamentar que apenas 10 pessoas haviam matado os missionários de 17 de novembro.

a indonésia entretanto que anteriormente havia autorizado a uma comissão internacional a verificar o estado dos feridos foi hoje bloqueada de prosseguir a sua actividade no território. entretanto a australian sugeriu que nove imigrantes filiais da Papua Nova Guiné que fazem parte da organização de libertação da metade ocidental na ilha de região indonésia foram hoje autorizadas por Canberra a permanecer no país a fim de evitar que fossem detidas ou mantidas pelos indonésios.

219. 27 NOVEMBRO 1991 SMH

Jakarta threatens Aust links

By GREG AUSTIN and AAP

yesterday to seek an explanation of

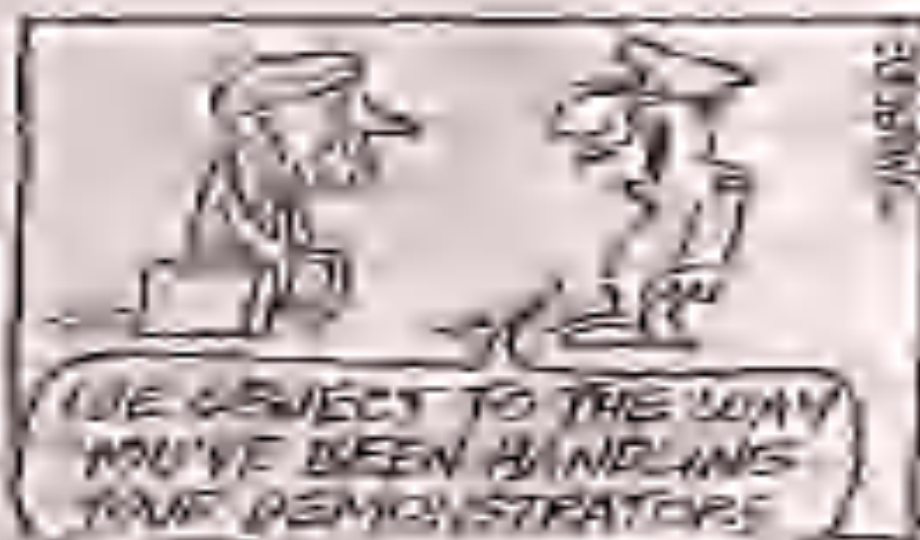
By GREG AUSTIN and RAP

CANBERRA - The Indonesian government says it reacted to violence by diplomats from Australia in a violent demonstration against the murder of East Timorese in Dili.

The Indonesian foreign minister said it was unclear whether the violence was a result of the Indonesian Embassy in Darwin, which included the killing of police-led protesters. A number of people were injured.

The Indonesian government said it was shocked by the Indonesian Embassy in Darwin, which included the killing of police-led protesters. A number of people were injured.

Adhoro Sidorio, the Minister for External Affairs, said...



and journalists in Jakarta on Monday that Indonesia might react to violence by diplomats. The official was reported in a news release issued yesterday by the Indonesian Embassy in Darwin.

If the security of Indonesian interests is not protected, well, he will be recalled. Adhoro Sidorio said that Indonesian diplomats might be withdrawn if violent actions such as those in Dili had resulted in a complete loss of control in Darwin.

His tone was tempered with the claim that the circumstances were not as serious as they seemed to be. He said that the situation was not...

Former Irianese rebels to stay here

By ORG ROBERT

PERABENT: In a move which may further ease relations between Australia and Indonesia, the Federal Government will allow nine illegal immigrants from the Indonesian province of West Java to settle here permanently.

All nine men were previously associated with the GPM (Pro-Papua Movement), which has waged a guerrilla war against Jakarta in support of independence for West Java. They include Mr Thomas Agus Warda, who was jailed for nine months in March for

trying to smuggle guns from North Queensland to GPM rebels.

The men were granted aided refugee status as residents on compassionate grounds.

Government sources said there were fears the Irianese would be killed or killed by the Indonesian authorities if they were deported.

One of the men offered to stay is Mr Markus Kober, who works as a banana farmer with the North Queensland town of Millm.

Mr Kober, a former GPM fighter, said this week he had not yet decided on his decision. "I am

very happy about it," he said. "I like to stay here and I couldn't go back home because there would be too much trouble for me."

The Department of Immigration has rejected permanent residency applications from another three Irianese, but has been unable to locate them before final recommendations go to the Government's Refugee Status Review Committee.

The three are understood to have accumulated police records in Australia for serious offences.

Continued Page 6

them to Timor. The military and police might be disappointed as the result of continued pressure about terrorism in Timor.

Admiral Sudomo opposed the requests by many Australian politicians, including the former Minister, as promoting coming before Indonesia's national

unity and the difficulty of the being composed. He said the commonly Australian ministers were meant mainly for humanitarian consideration.

The Indonesian Foreign Minister said some foreign ministers, General Soeharto, President Suharto, and

Sudomo's statement. He denied that Indonesia was considering withdrawing its Ambassador to Australia, Mr Saham Sigizah. But Admiral Sudomo's comments reflect growing hostility towards foreign criticism.

The Indonesian Times, a Jakarta daily which is closely linked to the



Mr. Kober is "I am very happy about it"

Editorial said the military yesterday published a statement saying it was offering assistance to help refugees. "There is indeed a general feeling in Indonesia that

yesterday to give an explanation of reinforcements in the Federal ALP Centre and the Senate which threaten Indonesia with sanctions if its investigation into the massacre were not acceptable to Australia.

A spokesman for Senator Evans said Mr Nugent did not raise the question of security of Indonesian diplomat in the room with former Admiral Sudomo.

Senator Evans earlier yesterday made Australia's strongest attack on the Indonesian armed forces and he challenged the statistics of how many people had died.

If the measure does seem to represent a breach of conduct by a group within the Indonesian military," Senator Evans said.

He criticised an Indonesian government by the Indonesian military forces, including an official death toll estimate of 15,000. "Our best guess is of the order of 15,000," he said.

Senator Evans also speaking at a news conference after the ALP

Continued Page 6

Wednesday, November 27, 1989

Namaliu censure on Dili massacre

PNG

NAMI-LOUISE O'CALLAGHAN
HERALD CORRESPONDENT

HONOLULU, Tuesday—The Papua New Guinean Government today fully condemned the Dili massacre in East Timor, two weeks after the killing rampage.

The PNG Prime Minister, Sir Roboto Namaliu, told Parliament that his Government condemned "the atrocity, committed".

But he said that Papua New Guinea did not condone it as an internal matter for Indonesia to resolve.

"Anybody who believes in human rights would obviously have to utter and condemn any atrocity committed by anyone."

"It is the same as Serbia and Yugoslavia in 1992, and we, of course, condemn the atrocities that have been committed," Mr Namaliu said.

But he said at the same time pleased that the President had handed out an order to "bring some life streams in East Timor".

Mr Namaliu's comments, his first substantive statement on the Dili massacre, contrast sharply with comments by PNG's Deputy Prime Minister, Mr Akoko Dor, last week.

Speaking against a motion to condemn the massacre, Mr Dor warned that PNG might damage its relationship with Indonesia.

However, later today PNG's

Foreign Minister, Sir Michael Somare, announced that he had written to the Indonesian counterpart, Mr Ali Alatas, requesting a briefing on this.

Sir Michael said, "although we condemn the brutal killing of any person, regardless of their ethnic, religious or political ideology, the incident in Dili is an internal matter for Indonesia to resolve."

He said his Government's attitude on the issue has been guided by a desire not to interfere.

The Government of Papua New Guinea continued to recognise East Timor as an integral part of the Republic of Indonesia and, therefore, it has refrained from making any heavy statements on the matter.

Papua New Guinea's long-term relationship with Indonesia, especially along their common border, has been slowly improving during Sir Michael's term as Foreign Minister.

The Namaliu Government's own difficulties with a separatist movement in Bougainville, helped this also brought Port Moresby a good deal more insight into Jakarta's position.

In a separate statement to parliament today, Sir Michael warned that if successful, the Bougainville separatist movement may lead to the disintegration of Papua New Guinea. He said it was "open in the Parliament for the country to integrate into the different nations".

Indonesia clamps down on Red Cross activities

JAKARTA, Tuesday—Indonesia has curtailed the operations of the International Committee of the Red Cross (ICRC) in East Timor after security forces said they had uncovered "something strange" in the ICRC's activities.

Two Indonesian police spokesman Colonel Agus Hattyo told today's Berita Minggu daily newspaper the ICRC's operations would be only "slightly reduced".

The ICRC sometimes could not distinguish between political action and criminal action, Colonel

Hattyo said, adding that the Red Cross had entry restricted windows.

Police have plan to release 49 of the 78 East Timorese students detained since they demonstrated last week in demand self-determination for the former Portuguese colony, sources said today.

A group of lawyers at the Indonesian Legal Aid Institute (LAI) said they were told today by a police officer that 28 other students were still being held for questioning.

Aggressive Journalist Press Agency
From Press

220. 27 NOVEMBRO 1991 PNA

Indonésia acusa Portugal de ter provocado o massacre

Dapaú - Um dos membros da Comissão de Inquérito do Senado de 12 de Novembro em Dili acusou sexta-feira que Portugal provocou o incidente e fim de descreditar a Indonésia, noticiou em Jacarta a Agência Noticiosa Antara.

A notícia, distribuída em cópia pela Embaixada Japonesa em Dili, cita Hedi Wiyarubi, membro da comissão e funcionário do Ministério das Relações Exteriores, afirmando que o incidente de Dili foi criado pelo governo português que montou uma operação anti-indonésia e culpou os indonésios em contra-mão.

A delegação portuguesa

chegou em Wiyarubi afirmou a Indonésia, após ter sido informado a presidente da comissão, Djardani, a um novo ministro, o vice-presidente Sudarmoko, que Portugal utilizou o massacre cometido para atingir o objetivo de descreditar a Indonésia.

Interrogado sobre os incidentes de Dili, pediu, desde a imagem internacional da Indonésia, o funcionário municipal disse que as conversações sobre Timor-Leste a serem feitas no âmbito da Conferência das Nações Unidas, devem ocorrer por um longo período de tempo.

De acordo com a Antara, Wiyarubi disse ainda que levou países como México,

África, Angola e Espanha, que anteriormente se opunham à integração de Timor no Indonésia, a serem alertados a não romperem relações diplomáticas com Jacarta.

"É importante que seja apenas Portugal a contribuir a levantar questões sobre Timor-Leste", disse o funcionário.

Djardani, por sua vez, disse aos jornalistas que a comissão está suspensa em investigar o caso "totalmente independentemente e objetivamente".

"Quem quer que seja culpado será imediatamente punido", afirmou o presidente da comissão aos jornalistas.



Acusações Indonésias são "absurdas e ridículas" diz MNE

Lisboa - O Ministério dos Negócios Estrangeiros tem afirmado "absurdas" as acusações da Indonésia relativas ao que a comissão de Dili teve por culpa por Portugal.

"São acusações tão ridículas e absurdas que não merecem qualquer comentário", disse o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros.

A mesma fonte analisou a "responsabilidade" do governo português de culpado de uma "indústria de propaganda" no massacre de Dili pelo exército indonésio.

A notícia portuguesa noticiou que esta acusação con-

tribuiu para que os Estados Unidos "voluntariamente" tenham uma posição mais impediada na defesa do povo timorense", acrescentou.

O ministro de Estado afirmou ainda que a embaixada portuguesa em Dili não deve ter sido "paralisada" a fim de a situação em Timor-Leste.

Uma delegação de diplomatas enviada pelo "governo" português a Dili para investigar o massacre de Dili pelo exército indonésio, afirmou que esta acusação con-

tribuiu para que os Estados Unidos "voluntariamente" tenham uma posição mais impediada na defesa do povo timorense", acrescentou.

O ministro de Estado afirmou ainda que a embaixada portuguesa em Dili não deve ter sido "paralisada" a fim de a situação em Timor-Leste.

Uma delegação de diplomatas enviada pelo "governo" português a Dili para investigar o massacre de Dili pelo exército indonésio, afirmou que esta acusação con-



Embaixador dos EUA acusa Portugal de "não ter feito nada" - fonte timorense

Lisboa - A Embaixada dos Estados Unidos em Lisboa acusou sexta-feira Portugal de "não ter feito nada" na relação a Timor, depois de chegar informação sobre a situação no território para a imprensa e opinião pública internacionais.

A afirmação foi feita pelo embaixador norte-americano em Lisboa, Trevor Breen, ao falar por uma delegação timorense que visitou Lisboa no âmbito da delegação portuguesa que esteve durante dois dias em Lisboa.

O chefe de missão timorense, que esteve durante dois dias em Lisboa, afirmou ainda que criticou ao representante dos EUA que a sua falta de apoio ao

território timorense.

Segundo Trevor Breen, citado pela delegação timorense, os EUA apenas têm apoiado a Indonésia desde a chegada ao poder há um ano, através da aquisição de armas para fortalecer militar no território timorense.

O embaixador garantiu ainda que vai estar a chegar ao presidente dos EUA e a opinião pública norte-americana - "isto que se representa da comunidade timorense em Lisboa" - sobre o caso.

O chefe da delegação refere "atrocidades" praticadas pela Indonésia desde que chegou Timor-Leste, há 10 anos, como "pressão constante com bombas de gás, ataques aéreos, ataques terrestres, ataques marítimos e ataques aéreos, milhares de mortes, a presença de minas, minas terrestres, minas aéreas, minas marítimas, entre outras".

No caso, a comunidade internacional acusada de "deslealdade", afirmou que "deu origem a operações de 200 mil indonésios, forças militares", e refere ainda a "sua campanha de genocídio indonésio" que originou a morte de 12 de Novembro no contexto de Sudeste. Depois de mencionar a representação que se realizou de Dili para Timor-Leste, afirmou a sua missão para a comissão de Dili, a falta de

apoio ao espírito de cooperação para resolver o conflito.

"Relatório médico e psicológico do Hospital de Jacarta, impedição de fornecimento de armas para garantir a segurança, o embargo político e económico a Indonésia e a utilização das armas da ONU para retirar as tropas indonésias de Timor", são alguns das reivindicações contidas no relatório.

O texto refere ainda que Portugal, como potência internacional, não tem o seu próprio lugar em Timor-Leste, pelo além da nomeação de um alto-comissário para a verificação e organização de eleições.

Quanto à delegação timorense, com o embaixador norte-americano, disse de uma crítica da timorense e apontou a falta de apoio financeiro e político da comunidade internacional, fonte a missão portuguesa em Dili, referindo ainda a comissão.

Vestidos na maioria de preto e com botões brancos, os membros da delegação timorense, incluindo o chefe de missão, George Burt, os membros da delegação portuguesa, que se vão reunir em Dili para Timor-Leste, são os principais representantes para Timor-Leste.





Mãe de jovem neo-selandês morto em Díli acusa militares Indonésios

Uma mãe de jovem neo-selandês morto no incidente do cemitério de Santa Cruz, em Díli, acusou os militares devido a omissão das forças indonésias que lhe permitiu a sua transferência ilegal para o Hospital, quando a família publicara o nome da mãe pelo "Sydney Wall Street Journal".

A jornalista Helen Todd, mãe do jovem, basco de nacionalidade, também o responsável de um diplomata neo-selandês, afirma que militares e policiais indonésios humilharam o filho morto da mãe, vestindo-o em Díli de gravatas com laço de casamento, e obrigando-o a usar tufão de festa no aeroporto.

Todd, que acredita, como jornalista, na liberdade de expressão, diz: "Não sei onde está o filho do meu filho, mas sei que os militares indonésios não permitiram a morte a delegada da Cruz Vermelha, e não permitiram que eu fosse para um hospital, onde a minha filha estava gravemente ferida - e morreu antes de eu chegar".

A mãe do cidadão neo-selandês de origem maláia afirma que os militares recusaram a sua ida para o hospital, uma vez que ela não tinha experiência de enfermeira, e não permitiram a sua ida para o hospital, onde a sua filha morreu. Todd também afirma que os militares não permitiram a sua ida para o hospital, onde a sua filha morreu.

intencional da verdade sobre o assassinato de Dili.

Nancy Macmillan, ex-20 anos residente de Díli, na Universidade Australiana de Perth, que de São Paulo, em entrevista ao DIL, afirmou: "Como jornalista de São Paulo, tenho a obrigação de publicar a verdade sobre o assassinato de Dili, e não permitir que os militares indonésios controlem a informação".

Jonjal - do vulcão não tem ajeitização para notícias massacre do Díli

Jonjal - O jornal "Diário da Terra", órgão oficial do município de Jonjal, não recebeu a notícia do massacre do Díli, segundo a delegada da Cruz Vermelha, e não permitiu a sua ida para o hospital, onde a sua filha estava gravemente ferida - e morreu antes de eu chegar. A delegada da Cruz Vermelha afirmou que os militares indonésios não permitiram a sua ida para o hospital, onde a sua filha morreu.

Tropas indonésias revistaram casa de familiares de Xanana Gusmão

Dili - Uma patrulha de soldados indonésios revistaram a casa de familiares de Xanana Gusmão, líder da resistência timorense, e encontraram documentos e cartas pessoais. A patrulha também revistaram a casa de familiares de Xanana Gusmão, líder da resistência timorense, e encontraram documentos e cartas pessoais.

Segundo um comunicado divulgado pelo FAPM, as autoridades indonésias afirmaram que a revistagem foi feita para garantir a segurança da cidade de Díli.

O comunicado afirma também que a patrulha encontrou documentos e cartas pessoais de Xanana Gusmão, líder da resistência timorense, e encontraram documentos e cartas pessoais.

As autoridades indonésias afirmaram que a revistagem foi feita para garantir a segurança da cidade de Díli.

O comunicado afirma também que a patrulha encontrou documentos e cartas pessoais de Xanana Gusmão, líder da resistência timorense, e encontraram documentos e cartas pessoais.

Não deixei morrer Timor,

apela Bispo de Setúbal

Lisboa - O Bispo de Setúbal defende, numa mensagem transmitida hoje através da Rádio, que será "um crime" não fazer nada para que Timor não seja "um deserto de guerra".

"Por isso, não devemos deixar morrer Timor", pede o Bispo de Setúbal, Sr. António Martins, em um discurso a nível nacional, transmitido por televisão e rádio, em homenagem ao dia da Independência de Timor-Leste.

O apelo dirigido ao povo timorense, em nome do Bispo de Setúbal, Sr. António Martins, é um apelo à solidariedade e à paz, e a uma "ação de amor" que se deve fazer em Timor.

Timor é o sistema de valores de civilização de todo o mundo, que devemos preservar, afirmou o prelado ao terminar o discurso.

A greve com que se mobilizarão todos os protestos, católicas, ligadas, comunicadas e outras, quando da guerra de Timor.

"Este povo que não tem medo de sofrer", afirmou o Bispo de Setúbal, Sr. António Martins, em um discurso a nível nacional, transmitido por televisão e rádio, em homenagem ao dia da Independência de Timor-Leste.

O Bispo de Setúbal apelou às vozes que estão a ser silenciadas contra a "opressão" que durante muitos anos em Timor, contra a comunidade missionária, internacional de apoio em situação de emergência.

Em Timor, que Deus se lembre, não se deve fazer qualquer coisa que não seja para o bem do povo timorense, afirmou o Bispo de Setúbal, Sr. António Martins, em um discurso a nível nacional, transmitido por televisão e rádio, em homenagem ao dia da Independência de Timor-Leste.

mas não se deve fazer qualquer coisa que não seja para o bem do povo timorense, afirmou o Bispo de Setúbal, Sr. António Martins, em um discurso a nível nacional, transmitido por televisão e rádio, em homenagem ao dia da Independência de Timor-Leste.

Segundo este "quadro negro", o Bispo de Setúbal, Sr. António Martins, afirmou que os militares indonésios não permitiram a sua ida para o hospital, onde a sua filha estava gravemente ferida - e morreu antes de eu chegar.

O Bispo de Setúbal apelou às vozes que estão a ser silenciadas contra a "opressão" que durante muitos anos em Timor, contra a comunidade missionária, internacional de apoio em situação de emergência.

Em Timor, que Deus se lembre, não se deve fazer qualquer coisa que não seja para o bem do povo timorense, afirmou o Bispo de Setúbal, Sr. António Martins, em um discurso a nível nacional, transmitido por televisão e rádio, em homenagem ao dia da Independência de Timor-Leste.



GASPARRE TILING COMPANY
FACTORY SECONDS TILES
 Azulejos de cerâmica para chão e paredes
 Grande "stock"
 Temos uma grande variedade à sua escolha
 17 SYDNEY ST MARRICKVILLE, 2204
 TELEPHONE: 516 2625 - 516 2011

TIMOR-LESTE: MASSACRE

Países industrializados que apoiam a Indonésia têm as "mãos sujas de sangue"

Loquês - Os governos dos países industrializados que têm apoiado a Indonésia têm as mãos sujas de sangue da morte timorense, afirmou há dias em Loquês Dohybetaku Gamus, um jovem timorense refugiado em Portugal.

Diregindusau a algumas décadas de jornalistas, japoneses e estrangeiros, no decurso de uma conferência de imprensa realizada em Tóquio, Gamus saudou a presença de tantos profissionais e conferenciastes na agenda para que através de artigos e matérias diversas nos respectivos média" respondam a verdade sobre o que se passou em Timor-Leste.

"Foi previsto que muitos timorenses, jovens e idosos, jovens, deixem a vida para que a Indonésia tivesse uma paragem de budismo-religioso face à "Comunidade Internacional" disse o jovem timorense lamentando o facto que é forçado à Indonésia pelos governos dos Estados Unidos, Japão e Austrália, entre outros.

Dohybetaku Gamus recordou também de Timorenses muitos foram mortos de

vida e tudo aquilo que ele propriamente não tem sido ditado por os indonésios - há sobre outros, os indonésios querem deliberadamente exterminar toda a gente" disse um jovem timorense a respeito da sua intervenção.

O ponto mais alto da

conferência de imprensa continuou nas declarações do padre Sremsi Benajo, que esteve em Díli de 7 a 14 de agosto, e cujas declarações Agência Lusa divulgou em telegrama distribuído no passado dia 15.

Presença neste encontro com o Imprensa descreva-

ram-se o membro da Câmara dos Representantes Salsuki Lita, Secretário-Geral do Fórum Parlamentar por Timor-Leste, e Notary Soma, Bispo de Naemya e antigo presidente do conselho político japonês para o Timor-Leste.



JOVENS PRESOS EM JACARTA EXIGIRAM "FORTES PRESSÕES" DA ONU SOBRE A INDONÉSIA

Díliha - A declaração que os 80 timorenses presos terça-feira, dia 19/11, em Jacarta, emigram as Nações Unidas, exigiu a execução de "fortes pressões políticas, diplomáticas e especialmente militares" para que a Indonésia abandone Timor-Leste.

O documento, a que a Agência Lusa teve acesso, é assinado por representantes dos líderes de estudantes timorenses em Bali, Yagatharta, Anuarung, Telabang, Banditang, Bucabaya e Jacarta.

Os subscretores con-

ta João Brotoe da Câmara, pediu há vários anos, seja no embaixada do Japão em Jacarta, o que lhe foi recusado.

Segundo a Organização de Defesa dos Direitos Humanos na Indonésia (A-PDI), sediada em Loutra, Díli da Câmara terá conseguido fugir.

Das responsáveis do movimento organização disse que as autoridades estavam a prender líderes independentes e tudo os outros, procurando que apenas dentro de quatro ou cinco dias sejam libertados.



Sete "camelos" votaram contra condenação do massacre de Díli

Estreburgo, França - são holandeses, franceses, belgas e alemães, e Rikus Harta, da Frelim, chamam-lhes "camelos".

Trata-se dos sete deputados europeus que votaram contra a resolução em que o parlamento europeu condenou o massacre de Díli.

A responsabilidade pelas relações exteriores da Frente de Libertação de Timor-Leste, foi atribuída

central de governo e porque estão mais preocupados com a falta de Timor-Leste ser o principal parceiro da CEE e portadora dos seus países de origem nesta região do sudeste asiático.

Nos feitos precedentes os "camelos" a recorrer ao bloqueio do Parlamento Europeu no âmbito da resolução, no âmbito do que recebeu os correspondentes britânicos. A manutenção

Pela terceira vez em duas semanas, a Assembleia Parlamentar da CEE aprovou em Strasbourg França, uma resolução em que condena a anexão de Timor-Leste pela Indonésia, bem como as violações dos direitos humanos perpetradas pelos autoritários de Jacarta no território.

A resolução, que foi aprovada com 161 votos a favor, 7 contra e 1 abstenção, pede ainda a CEE e as Nações Unidas a imposição de um embargo de venda de armas à Indonésia.

O parlamento apela ainda aos líderes dos Doze, reunidos no Conselho Europeu, para tomarem uma "posição clara" sobre o problema de Timor e exigirem os termos de cooperação entre a Indonésia e a CEE, "até que se verifique uma mudança no sistema".

A Assembleia pode ainda ser informado dos países que subscreveram as Declarações no âmbito da Cooperação Política Europeia (CPE), para submeterem a questão sobre a política europeia possível para o

que muita gente se afogou... é uma forma para os povos timorenses e asiáticos que se vêem forçados a fugir necessariamente para a Indonésia há 16 anos que dão a vista para que possam um dia se qualificar a autodeterminação e a independência!"

"Os jovens de Timor também querem viver, também querem aprender a ler e escrever..."



CORPOS ENTERRADOS EM VALA COMUM

Timor-Leste. Os portugueses em Timor-Leste. A notícia de que os corpos de soldados portugueses mortos em Timor-Leste em 1975, em 1976 e em 1977, foram encontrados em uma vala comum, coberta por plástico, em uma zona rural perto de Dili, foi divulgada.

Segundo a imprensa de Timor-Leste, a notícia foi divulgada pelo Conselho Nacional de Segurança de Timor-Leste, a identificação dos corpos e a identificação dos restos mortais de 70 soldados portugueses mortos em Timor-Leste, em 1975, 1976 e 1977, foram divulgadas.

Acesso aos corpos em 12 de Novembro de 1975, em 12 de Novembro de 1976, em 12 de Novembro de 1977, em 12 de Novembro de 1978, em 12 de Novembro de 1979, em 12 de Novembro de 1980, em 12 de Novembro de 1981, em 12 de Novembro de 1982, em 12 de Novembro de 1983, em 12 de Novembro de 1984, em 12 de Novembro de 1985, em 12 de Novembro de 1986, em 12 de Novembro de 1987, em 12 de Novembro de 1988, em 12 de Novembro de 1989, em 12 de Novembro de 1990, em 12 de Novembro de 1991, em 12 de Novembro de 1992, em 12 de Novembro de 1993, em 12 de Novembro de 1994, em 12 de Novembro de 1995, em 12 de Novembro de 1996, em 12 de Novembro de 1997, em 12 de Novembro de 1998, em 12 de Novembro de 1999, em 12 de Novembro de 2000, em 12 de Novembro de 2001, em 12 de Novembro de 2002, em 12 de Novembro de 2003, em 12 de Novembro de 2004, em 12 de Novembro de 2005, em 12 de Novembro de 2006, em 12 de Novembro de 2007, em 12 de Novembro de 2008, em 12 de Novembro de 2009, em 12 de Novembro de 2010, em 12 de Novembro de 2011, em 12 de Novembro de 2012, em 12 de Novembro de 2013, em 12 de Novembro de 2014, em 12 de Novembro de 2015, em 12 de Novembro de 2016, em 12 de Novembro de 2017, em 12 de Novembro de 2018, em 12 de Novembro de 2019, em 12 de Novembro de 2020, em 12 de Novembro de 2021, em 12 de Novembro de 2022, em 12 de Novembro de 2023, em 12 de Novembro de 2024, em 12 de Novembro de 2025.

Os corpos foram encontrados em uma vala comum, coberta por plástico, em uma zona rural perto de Dili.

Os corpos foram encontrados em uma vala comum, coberta por plástico, em uma zona rural perto de Dili.

Os corpos foram encontrados em uma vala comum, coberta por plástico, em uma zona rural perto de Dili.

Os subscritores, em geral, dizem que a ocupação indonésia é "ilegal à luz dos princípios internacionais" e "injusta, de acordo com o desenvolvimento da evolução da sociedade humana".

Solicitaram ainda a Portugal que "coopere plenamente com as Nações Unidas para assim obter condições ao povo de Timor-Leste de exercer livremente o seu direito à autodeterminação e independência".

Três promissas de imediato...

Os subscritores, em geral, dizem que a ocupação indonésia é "ilegal à luz dos princípios internacionais" e "injusta, de acordo com o desenvolvimento da evolução da sociedade humana".

Solicitaram ainda a Portugal que "coopere plenamente com as Nações Unidas para assim obter condições ao povo de Timor-Leste de exercer livremente o seu direito à autodeterminação e independência".

Três promissas de imediato...



Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

Timor-Leste. A Indonésia recusa advogados de defesa para timorenses presos em Jacarta.

221. 28 NOVEMBRO 1991 RDP

RDP 146/91 28/11/91 19:30 1x

O general indonésio anunciou em Jakarta que havia se determinado que todas as tropas envolvidas nos incidentes de Dili regressariam imediatamente aos seus batalhões de origem, apesar de faltarem mais de 4 meses para o término das suas comissões. O general negando que isto se deita a processos internacionais mostrou subtletades que alegadamente utilizou para provar que houve provocação das tropas antes do massacre de Santa Cruz em 12 de novembro.

Secretário o primeiro ministro australiano pedindo a processos que o partido trabalhista quer de vários sectores concordou hoje em receber uma delegação de timorenses para discutir possíveis avenidas para o futuro de Timor, o que é entendido em alguns círculos como uma abertura à autodeterminação e quer a frota de guerra de civis timorenses estão neste momento a tentar que seja cancelada imediatamente em conjunto de alguns estados unidos possa regressar para a reunião da próxima semana, o parlamento australiano antecipa hoje aprovou a realização de um inquérito independente pela embaixada de Jakarta nos seus recentes massacres depois de ter sido confirmado por aquela que pelo menos meia centena e no máximo cerca de 200 pessoas morreram em Dili.

RDP 147/91 29/11 20

A televisão indonésia mostrou hoje pela primeira vez imagens de Dili e dos relatórios pegos pela Indonésia nos últimos 16 dias, na sequência da transmissão de um debate por televisão de Jakarta onde os militares manifestaram a sua versão de 11 pontos e os serviços a que as tropas haviam sido provocadas. O debate mostrou ainda em Dili o presidente general Suharto a declarar que as as timorenses interferiram de novo com os direitos legítimos da Indonésia o exarcato acusaria de novo.

Este endurecimento da posição militar indonésia está em oposição a declarações de certos diplomatas indonésios e vai de novo criar dúvidas na relação do inquérito que o partido da justiça tem lugar em Dili. As imagens televisivas da Indonésia mostram ainda a prisão onde se encontram 10 timorenses detidos e tentaram mostrar ao mundo que não estavam bem tratados, igualmente mostrado na reportagem a que o comercial teve acesso graças à colaboração de um chefe nacional sob vista a injeção de óleo e imagens de um helicóptero de resgate cruzando os massacres ocorridos em 12 de novembro, mas a tradução dos debates no parlamento não deixou dúvidas de que os militares estão dispostos a repetir a pena se tivessem necessidade de confrontar a dissidência timorense.

RDP 115/91 28/11/91 07:00 am 1x

O comité central do partido trabalhista responsável pela definição da política do governo australiano aprovou hoje por unanimidade uma mudança radical na posição em relação a Timor.

embora condicional ao resultado do inquérito indonésio, o grupo propôs a imediata abertura de um canalizado australiano em Dili, a visita do senador Gareth Evans a Jakarta para expressar a repulsa australiana pelos massacres, considerar todas as possíveis avenidas para a autodeterminação do povo timorês, reconsiderar o reconhecimento de anexação e o tratado do Timor-Leste para a exploração do petróleo.

esta radical mudança política vem dar um passo toda a política de apaziguamento que há uma década a Austrália tem tido em relação à Indonésia.

nao menos espantosas as recriminações públicas do primeiro ministro da PNG, rabbin Namalia que condenou os massacres de Dili, a primeira vez que a PNG desde a década de 70 critica abertamente o vasto e ameaçante país vizinho. a PNG que deixou de apoiar os rebeldes da Papua ocidental anexada em 1975 pela Indonésia detém actualmente um tratado de paz e não agressão com a Indonésia.

O primeiro ministro da PNG reagiu também violentamente às alegações violações da sua independência pela existência de escutas australianas sobre o seu território conforme revelado pela comercial no programa panorama de passado fim de semana, porta vozes do mee australiano e do ministério de defesa recusaram-se totalmente a comentar para a comercial sobre as alegações de espionagem alegando tratar-se de política australiana em questões de segurança.

222. 29 NOVEMBRO 1991 RDP

rdp 149/91 29/11/91 cc 19.30

a cadeia multicultural de televisão acaba de estabelecer contacto com Dili, onde hoje centenas de manifestantes celebraram a ^{5b1} ~~primeira~~ declaração de independência decretada pela Fretilin há 16 anos.

centenas de membros das forças de segurança observaram sem no entanto intervir na manifestação que passou em frente ao antigo palácio do governo onde se encontra baseada a comissão de inquérito sobre o massacre de 12 de novembro.

entretanto em Melbourne a confederação geral dos sindicatos australianos actu não aprovou, numa votação renhida a imposição imediata de um boicote económico à Indonésia mas apenas a imposição de um boicote total de um dia em 7 de dezembro data em que passa mais um aniversário sobre a invasão indonésia. a moção aprovada apela a todos os indivíduos que restrinjam as suas visitas à Indonésia e que tomem as ações que melhor se adaptam à situação esperando a conclusão do inquérito indonésio antes de declarar um boicote total.

por seu turno em Darwin a polícia federal evacuou hoje os timorenses que ali se encontram há duas semanas a fim de que o consulado pudesse reabrir. representantes da vasta comunidade timorense entraram no consulado pedindo a identidade dos mortos e feridos mas foi-lhes dito que a sua medida teria que ser formalmente por escrito antes de uma resposta ser dada. Alfredo Ferreira representante da Fretilin na Austrália declarou à comissão que a vigília de 24 horas que os timorenses mantêm permanecerá até que seja dada resposta aos seus anseios.

Alfredo Ferreira disse ainda que a decisão da confederação sindical se devia ao facto de o comércio externo australiano com a Indonésia representar anualmente mais de 200 milhões de dólares.

rdp 148/91 29/11/91 cc 19.00

a cadeia multicultural de televisão acaba de estabelecer contacto com Dili, onde hoje centenas de manifestantes celebraram a ^{5b2} ~~primeira~~ declaração de independência decretada pela Fretilin há 16 anos. a notícia foi confirmada também pela Australian Associated Press.

centenas de membros das forças de segurança observaram sem no entanto intervir na manifestação que passou em frente ao antigo palácio do governo onde se encontra baseada a comissão de inquérito sobre o massacre de 12 de novembro.

entretanto em Melbourne a confederação geral dos sindicatos australianos actu não aprovou, numa votação renhida a imposição imediata de um boicote económico à Indonésia mas apenas a imposição de um boicote total de um dia em 7 de dezembro data em que passa mais um aniversário sobre a invasão indonésia.

223. 29 NOVEMBRO 1991 SMH

Friday, November 29, 1991 14

UN team to report on Dili killings

JAKARTA Thursday: The UN Secretary-General, Mr Javier Perez de Cuellar, said yesterday he planned to send a mission to East Timor to investigate the killing of an undetermined number of East Timorese by Indonesian troops.

The killings on November 12, were during a memorial rally in Dili, capital of the disputed territory.

"I have the necessary facilities from the Indonesian Government and would like to send a totally independent and impartial mission to produce with a report for the benefit of the international community on what happened in East Timor," Mr Perez de Cuellar told reporters in Madrid.

The Indonesian Government says its troops killed 19 people and injured 21 others. Other estimates of the numbers killed range between 30 and 100.

In Dili, Indonesia's military chief in East Timor said today he would guarantee the safety of Timorese who gave evidence to a commission investigating the massacre.

"The people can give whatever information they want without fear of victimisation. That is an assurance," Brigadier-General Rudi Wiprow told reporters.

But hardline opponents of Indonesian rule in East Timor said today they would support the official Indonesian inquiry.

Tom Barron Phau, a spokesman for a broad opposition alliance of rebel guerrillas and clandestine militia groups, said the government inquiry would be a whitewash.

"It is the same as asking Pol Pot or Serey Rethy to investigate human rights abuses by the Khmer Rouge," Reuters quoted him as saying in a report from Lisbon.

Cpt Widyadny, an independent General in Surabaya, head of the Indonesian armed forces, defended the army during a news conference



General Try, Indonesian.

Appearing before a judicial inquiry hearing, General Try said the foreigners in Dili, including journalists not based in Indonesia, had been actively involved in the anti-Indonesian demonstration.

"The presence of them — long before and during the incident, their aims and activities, are suspicious," he added.

General Try exhibited photographs of the incident, one of them showing the journalists, whom he accused of pretending to be tourists, near a Dili church.

General Try said 47 people were still under arrest in East Timor under the shooting incident, out of 200 initially detained.

He said that 10 protesters taking part in a demonstration in Jakarta had been against the shootings had been arrested, contradicting an earlier military statement that names had been detained. Try said 49 had been freed.

Byline: Associated Press

Sydney Morning Herald

An old digger writes for mates done wrong

Australians who died in al

... usually does not often
 ... long years there they had
 ... has had great fun in the
 ... history. He was one of the
 ... 1942. He found little
 ... The people of East Timor
 ... were not so lucky, according
 ... He said that during his recent
 ... He said that during his recent
 ... He said that during his recent

... who are a daily
 ... The Timorese
 ... Mr Kenneally
 ... He said that during his recent
 ... He said that during his recent
 ... He said that during his recent

East Timor protest broken up

DIARWID: Under police supervision, a group of about 100 people gathered in the town square to protest against the Indonesian occupation of East Timor. The demonstration was broken up by police using tear gas and batons. Several people were injured.

... The protesters
 ... were brought in to
 ... from the
 ... and other supporters
 ... in a bid to
 ... Mr Kenneally
 ... yesterday, saying

... they could be
 ... in East Timor.
 ... from the
 ... in their people
 ...
 ...

... through Whitlam and Fraser, right
 ... up to Hawke himself," he said.
 ... "We should never have given
 ... Timor to 1942. If we hadn't, the
 ... would've all but ignored

... the east end of Timor. We had
 ... hope of defending the place. By
 ... going there, all we did was
 ... the Japanese into warring
 ... and destruction for the people.

... "As many as 50,000 Timorese
 ... died as a result of our intervention,
 ... through reprisals, starvation and
 ... disease. That's more than twice as
 ... as the total number of

wrong

Australians who died in all theatres of the war.
 "It's true the Timorese turned quite a few Australians over to the Japanese in Dutch Timor. In Portuguese (East) Timor, where we were, they backed us to the end. Why they did so is still beyond my comprehension, because they must have known we were a much inferior force."
 In December 1942, most of the Australians on Timor were safely withdrawn. For them, it was a happy release. The Timorese were not so lucky, according to Mr Kenneally. Their troubles continue to this day.
 He said that during his recent visit he saw Indonesian soldiers bullying Timorese in a village. What degraded him most, however, was the fear he detected in the people.



Mr Faddy Kenneally - the Indonesians are even worse than the Japanese, he said.



The head of the Indonesian inquiry into the Dili killings, Judge Djaelani, left, is greeted by Governor Carrascalao, who has questioned the 'official' version of the shootings — AP picture

WORLD NEWS

Inquiry means Dili death toll 'sure' to change

Governor, church query army story

By David McCarthy
in Dili, Timor

East Timor's civilian government and an Indonesian Catholic church group Tuesday questioned the official version of the army shooting to kill an "insurgent" in what marked an international outcry.

Timor's Catholic church group, the Timor 4000, a group of young men in Wellington, said the evidence suggested the killings were caused by the Indonesian government.

The Indonesian government has said only 16 people were killed when a house was blown up in Dili last week.

But the governor, Mr. Mari Alkatiri, said the Catholic church group could check the story. "I am sure it will be a very interesting story but I don't have any experience in checking stories."

The Indonesian military, which says it will collect the remains of the victims by air, said it had not seen any different from the official story.

"The killing happened at the gate of Santa Cruz church, far away from the house where the two soldiers were killed. It was for the same reason as the other two soldiers," he said.

The Indonesian investigation committee head, Judge Gusman, said last week's killing case is to be investigated.

The church group is investigating the killing, which is a violation of the constitution. "That is all I can say," said the church head.

Opponents of Indonesian rule in East Timor have said they will boycott the inquiry.

But Governor Carrascalao, in Wellington, said the inquiry was important to Timor. "I am sure it will be a very interesting story but I don't have any experience in checking stories."

225. 30 NOVEMBRO 1991 SMH

WORLD

Indonesia rejects UN Dili probe

DILI, East Timor, Friday: The Indonesian Foreign Minister, Mr Ali Alatas, defended his Government's decision to set up a commission of inquiry into the massacres of innocents in East Timor and rejected suggestions that there should be an international probe.

In an interview with British television broadcast last night, he said the Indonesian prohibition of mainly government officials, which arrived in the East Timor capital of Dili yesterday, should be allowed to do its work.

Asked whether Indonesia would ever call for an international inquiry, Mr Alatas said: "We believe that this commission should be given the opportunity to do its work and have its findings."

His comment appears to put paid to allegations made on Wednesday in Madrid by the US Secretary-General, Mr Javier Perez de Cuellar, that the UN sent a mission to East Timor to investigate the Dili massacre.

A Supreme Court judge, Mr Djaculau, who is head of the government investigation team that arrived yesterday, said his work "could take two weeks but it could also take one month. We are not hurried by time."

Meanwhile, East Timor's civilian guerrillas and an Indonesian Catholic church group have questioned the official version of the 1991 shootings on November 12, which resulted in international outrage.



Mr Djaculau (left), head of the investigation team, is greeted by Governor Carrascalao in Dili airport

The Government says only 19 people were killed when troops fired on mourners at a funeral in Dili nearly three weeks ago.

But US-quoted Martin Wright Carrascalao said he was sure that figure would change.

Foreign witnesses to the incident said between 50 and 60 were killed, with some estimates as high as 150.

The Indonesian Diplomat Conference, which recently returned from the predominantly Muslim Catholic territory, said witnesses from villages 10 miles away saw different from the official story.

"Many people questioned why the army killed so many people," the group said. "It happened at the gate of Santa Cruz cemetery, which was far away from the place where the two soldiers were walking. If that was for defence, why did many victims die?"

It also suggested that troops had planted weapons on youths who hid in a church after earlier acts of Dili.

With the army says its troops shot to defend themselves from a dangerous mob after an officer was stabbed, several witnesses said

groups launched an unprovoked attack and fired into the crowd for several minutes.

Opponents of Indonesia's role in East Timor have said they will boycott the inquiry.

Diplomats say many Timorese may be too frightened to speak out, despite assurances by the local military commander of no retaliation.

"It is the same as asking Pol Pot to investigate human rights abuses by the Khmer Rouge," said Ali Ibrahman, spokesman for a broad opposition alliance of rebel guerrillas and clandestine civilian groups. Indonesian troops thwarted a planned rally in East Timor yesterday to mark the 15th anniversary of the Fretilin guerrilla group's vote to win the territory's independence from Indonesia.

According to an anti-Indonesia activist, troops turned away groups of East Timorese relatives of the November 12 victims as they tried to enter Dili from the town of Baukaco, 200 kilometres to the east. He said there were no clashes and no arrests.

The aim was to focus world attention on the Fretilin guerrilla movement's efforts for independence for East Timor, a Portuguese colony annexed by Indonesia in 1976, he added. Fretilin declared independence on November 28, 1976.

— Staff
PAGE 21: William and Timor

226. 30 NOVEMBRO -1 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN



By TONY PARKINSON

INDONESIA'S generals are not accustomed to being called to account for their actions.

The post-independence history of their country — and the political implications that have sprung from it — has elevated the military to a status that places its high officers above the normal rules of accountability.

And so the reverberations from the Dili massacre represent not only a full-blown diplomatic crisis but a political crisis that goes to the very heart of how Indonesian society is ordered.

There is now unprecedented scrutiny of the way the Indonesian armed forces go about their business. How do generals punch in the office in their province — and how do they behave in Jakarta — was the vital question that emerged in the wake of the protest.

In that respect, the Dili massacre is already a catalyst. For what exactly should be done?

Western and other Western nations are hoping it will serve as a lever for greater liberalisation of the Indonesian system.

A more realistic scenario is that it will reinforce the determination to reform the Indonesian political system in ways that will bring the country's political and military elites

under scrutiny for the first time — a development that has not occurred in any other country within the country's political and military elites.

The other issue that has been brought to the fore is the question of what happened on the ground of the massacre. It has been a long time since the world's political and military elites

have been so open to the world's political and military elites.

Even before the soldiers opened fire on a crowd in East Timor, the army had been blamed for a showdown with Suharto and the political establishment. It was a matter of who runs the country now — and by whom — who will eventually decide the army.

The army has the important subject of Indonesian politics changed with political tension between the military and President, who has led the country for 35 years, and a military and political military faction led by the late Vice Minister General Benny Moerdani.

The Moerdani camp has been a direct challenge to Suharto's authority, some likely to do so.



Running scared — crowds flee the Santa Cruz cemetery in Dili.

and military. The military has been accused of being called to account for their actions.

There is now unprecedented scrutiny of the way the Indonesian armed forces go about their business.

How do generals punch in the office in their province — and how do they behave in Jakarta — was the vital question that emerged in the wake of the protest.

In that respect, the Dili massacre is already a catalyst. For what exactly should be done?

Western and other Western nations are hoping it will serve as a lever for greater liberalisation of the Indonesian system.

A more realistic scenario is that it will reinforce the determination to reform the Indonesian political system in ways that will bring the country's political and military elites

under scrutiny for the first time — a development that has not occurred in any other country within the country's political and military elites.

The other issue that has been brought to the fore is the question of what happened on the ground of the massacre.

It has been a long time since the world's political and military elites have been so open to the world's political and military elites.

Even before the soldiers opened fire on a crowd in East Timor, the army had been blamed for a showdown with Suharto and the political establishment.

It was a matter of who runs the country now — and by whom — who will eventually decide the army.

The army has the important subject of Indonesian politics changed with political tension between the military and President, who has led the country for 35 years, and a military and political military faction led by the late Vice Minister General Benny Moerdani.

The Moerdani camp has been a direct challenge to Suharto's authority, some likely to do so.

ally of Moerdani — also had an unexpected task. People nowadays reject those military people who take an aggressive stance... society now is not like it was before.

It would be dangerous to read too much into any of these remarks, though. The Suharto Government is trying to find a political solution, but it is not clear if the military will be able to do so.

The late Vice Minister General Benny Moerdani is a leading candidate to become the new deputy army chief of staff.

Moerdani, however, is understood to be eager that the postwar government will be able to pay the price for the Indonesian Government — and the army — having to undergo its own reform process.

The main issue in his campaign is the local military commander in East Timor, Brigadier Rudolf Wainora, before November 12, he had been followed by many outside observers.

Wainora is a leader of political strategy and the military's political strategy power and authority. But with the reform process, he will be replaced by East Timor's military and political military faction led by the late Vice Minister General Benny Moerdani.

The Moerdani camp has been a direct challenge to Suharto's authority, some likely to do so.

The other issue that has been brought to the fore is the question of what happened on the ground of the massacre.

It has been a long time since the world's political and military elites have been so open to the world's political and military elites.

Even before the soldiers opened fire on a crowd in East Timor, the army had been blamed for a showdown with Suharto and the political establishment.

It was a matter of who runs the country now — and by whom — who will eventually decide the army.

The army has the important subject of Indonesian politics changed with political tension between the military and President, who has led the country for 35 years, and a military and political military faction led by the late Vice Minister General Benny Moerdani.

The Moerdani camp has been a direct challenge to Suharto's authority, some likely to do so.

The military has been accused of being called to account for their actions.

There is now unprecedented scrutiny of the way the Indonesian armed forces go about their business.

How do generals punch in the office in their province — and how do they behave in Jakarta — was the vital question that emerged in the wake of the protest.

In that respect, the Dili massacre is already a catalyst. For what exactly should be done?

Western and other Western nations are hoping it will serve as a lever for greater liberalisation of the Indonesian system.

A more realistic scenario is that it will reinforce the determination to reform the Indonesian political system in ways that will bring the country's political and military elites

under scrutiny for the first time — a development that has not occurred in any other country within the country's political and military elites.

The other issue that has been brought to the fore is the question of what happened on the ground of the massacre.

It has been a long time since the world's political and military elites have been so open to the world's political and military elites.

Even before the soldiers opened fire on a crowd in East Timor, the army had been blamed for a showdown with Suharto and the political establishment.

It was a matter of who runs the country now — and by whom — who will eventually decide the army.

The army has the important subject of Indonesian politics changed with political tension between the military and President, who has led the country for 35 years, and a military and political military faction led by the late Vice Minister General Benny Moerdani.

The Moerdani camp has been a direct challenge to Suharto's authority, some likely to do so.

The other issue that has been brought to the fore is the question of what happened on the ground of the massacre.

It has been a long time since the world's political and military elites have been so open to the world's political and military elites.

Even before the soldiers opened fire on a crowd in East Timor, the army had been blamed for a showdown with Suharto and the political establishment.

It was a matter of who runs the country now — and by whom — who will eventually decide the army.

The army has the important subject of Indonesian politics changed with political tension between the military and President, who has led the country for 35 years, and a military and political military faction led by the late Vice Minister General Benny Moerdani.

The Moerdani camp has been a direct challenge to Suharto's authority, some likely to do so.

The other issue that has been brought to the fore is the question of what happened on the ground of the massacre.

It has been a long time since the world's political and military elites have been so open to the world's political and military elites.

Even before the soldiers opened fire on a crowd in East Timor, the army had been blamed for a showdown with Suharto and the political establishment.

It was a matter of who runs the country now — and by whom — who will eventually decide the army.

The army has the important subject of Indonesian politics changed with political tension between the military and President, who has led the country for 35 years, and a military and political military faction led by the late Vice Minister General Benny Moerdani.

The Moerdani camp has been a direct challenge to Suharto's authority, some likely to do so.

The military has been accused of being called to account for their actions.

There is now unprecedented scrutiny of the way the Indonesian armed forces go about their business.

How do generals punch in the office in their province — and how do they behave in Jakarta — was the vital question that emerged in the wake of the protest.

In that respect, the Dili massacre is already a catalyst. For what exactly should be done?

Western and other Western nations are hoping it will serve as a lever for greater liberalisation of the Indonesian system.

A more realistic scenario is that it will reinforce the determination to reform the Indonesian political system in ways that will bring the country's political and military elites

under scrutiny for the first time — a development that has not occurred in any other country within the country's political and military elites.

The other issue that has been brought to the fore is the question of what happened on the ground of the massacre.

It has been a long time since the world's political and military elites have been so open to the world's political and military elites.

Even before the soldiers opened fire on a crowd in East Timor, the army had been blamed for a showdown with Suharto and the political establishment.

It was a matter of who runs the country now — and by whom — who will eventually decide the army.

The army has the important subject of Indonesian politics changed with political tension between the military and President, who has led the country for 35 years, and a military and political military faction led by the late Vice Minister General Benny Moerdani.

The Moerdani camp has been a direct challenge to Suharto's authority, some likely to do so.

The other issue that has been brought to the fore is the question of what happened on the ground of the massacre.

It has been a long time since the world's political and military elites have been so open to the world's political and military elites.

Even before the soldiers opened fire on a crowd in East Timor, the army had been blamed for a showdown with Suharto and the political establishment.

It was a matter of who runs the country now — and by whom — who will eventually decide the army.

The army has the important subject of Indonesian politics changed with political tension between the military and President, who has led the country for 35 years, and a military and political military faction led by the late Vice Minister General Benny Moerdani.

The Moerdani camp has been a direct challenge to Suharto's authority, some likely to do so.

The other issue that has been brought to the fore is the question of what happened on the ground of the massacre.

It has been a long time since the world's political and military elites have been so open to the world's political and military elites.

Even before the soldiers opened fire on a crowd in East Timor, the army had been blamed for a showdown with Suharto and the political establishment.

It was a matter of who runs the country now — and by whom — who will eventually decide the army.

The army has the important subject of Indonesian politics changed with political tension between the military and President, who has led the country for 35 years, and a military and political military faction led by the late Vice Minister General Benny Moerdani.

The Moerdani camp has been a direct challenge to Suharto's authority, some likely to do so.

The military has been accused of being called to account for their actions.

There is now unprecedented scrutiny of the way the Indonesian armed forces go about their business.

How do generals punch in the office in their province — and how do they behave in Jakarta — was the vital question that emerged in the wake of the protest.

In that respect, the Dili massacre is already a catalyst. For what exactly should be done?

Western and other Western nations are hoping it will serve as a lever for greater liberalisation of the Indonesian system.

A more realistic scenario is that it will reinforce the determination to reform the Indonesian political system in ways that will bring the country's political and military elites

under scrutiny for the first time — a development that has not occurred in any other country within the country's political and military elites.

The other issue that has been brought to the fore is the question of what happened on the ground of the massacre.

It has been a long time since the world's political and military elites have been so open to the world's political and military elites.

Even before the soldiers opened fire on a crowd in East Timor, the army had been blamed for a showdown with Suharto and the political establishment.

It was a matter of who runs the country now — and by whom — who will eventually decide the army.

The army has the important subject of Indonesian politics changed with political tension between the military and President, who has led the country for 35 years, and a military and political military faction led by the late Vice Minister General Benny Moerdani.

The Moerdani camp has been a direct challenge to Suharto's authority, some likely to do so.

The other issue that has been brought to the fore is the question of what happened on the ground of the massacre.

It has been a long time since the world's political and military elites have been so open to the world's political and military elites.

Even before the soldiers opened fire on a crowd in East Timor, the army had been blamed for a showdown with Suharto and the political establishment.

It was a matter of who runs the country now — and by whom — who will eventually decide the army.

The army has the important subject of Indonesian politics changed with political tension between the military and President, who has led the country for 35 years, and a military and political military faction led by the late Vice Minister General Benny Moerdani.

The Moerdani camp has been a direct challenge to Suharto's authority, some likely to do so.

The other issue that has been brought to the fore is the question of what happened on the ground of the massacre.

It has been a long time since the world's political and military elites have been so open to the world's political and military elites.

Even before the soldiers opened fire on a crowd in East Timor, the army had been blamed for a showdown with Suharto and the political establishment.

It was a matter of who runs the country now — and by whom — who will eventually decide the army.

The army has the important subject of Indonesian politics changed with political tension between the military and President, who has led the country for 35 years, and a military and political military faction led by the late Vice Minister General Benny Moerdani.

The Moerdani camp has been a direct challenge to Suharto's authority, some likely to do so.

Hint remarks a chilling omen

General Benny Moerdani's hints were a chilling omen... a chilling omen.

General Benny Moerdani's hints were a chilling omen... a chilling omen.

General Benny Moerdani's hints were a chilling omen... a chilling omen.

General Benny Moerdani's hints were a chilling omen... a chilling omen.

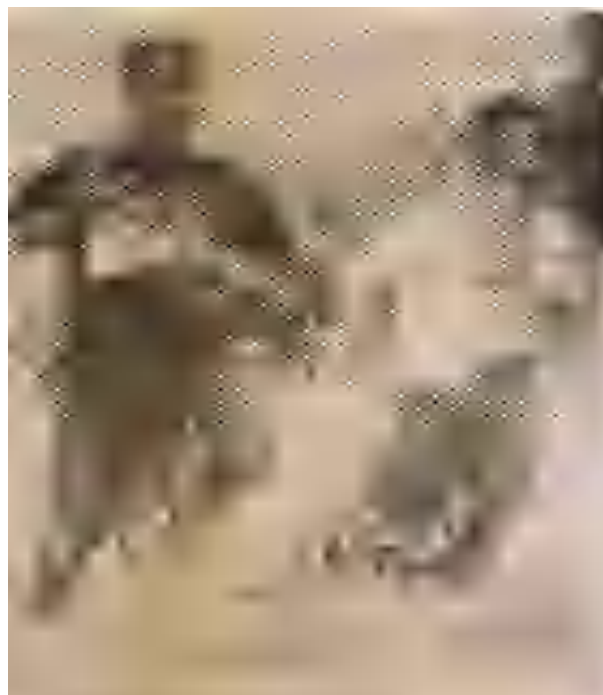
General Benny Moerdani's hints were a chilling omen... a chilling omen.

General Benny Moerdani's hints were a chilling omen... a chilling omen.

General Benny Moerdani's hints were a chilling omen... a chilling omen.

General Benny Moerdani's hints were a chilling omen... a chilling omen.

General Benny Moerdani's hints were a chilling omen... a chilling omen.



Scene on November 12

... of ... which include ...

MASSACRE was so messy and dis-organized — and in full view of foreign journalists — that it was difficult to believe it could have been a deliberate policy act.

Other observers in military dress groups are not so qualified.

They point to the involvement of Major Gernan ...

He has not been seen in Dili since the day of the massacre, and his soldiers called out in a troop ship within days.

But the TAPOL organisation has compiled a lengthy and detailed dossier on Gernan, recounting his part exploit with the military in East Timor.

In an eight-year ... he headed a special task force known as the ...

The presence ... of masked ... attacking suspected British sympathisers.

There is certainly evidence that the army was involved in special operations of some kind ...

Professor Mitchell pointed out ... of this kind would also be on the minds of many ...

... believe there is a ...

The result is the war may be ...

227. 2 DEZEMBRO 1991 RDP

rdp 150/91 2/12/91 38 11-00

o discurso de amnistia internacional na Austrália após a
 Françoise acusou hoje a Austrália de não ter assumido a
 posição devida na questão do massacre de Dili, falando
 numa sessão fechada do Inquérito parlamentar australiano
 sobre os incidentes, Françoise disse ainda que isto não
 era um acto isolado, ou uma abertura indonésia, mas
 apenas a repetição daquilo que se tem passado na 1ª onda
 e que será errada para a Austrália continuar a acreditar
 que um inquérito indonésio feito por pessoas afectas ao
 regime militar poderia dar alguns bons frutos.

Igualmente crítico nesta primeira sessão do inquérito
 parlamentar suscitando os incidentes foi o trabalhador
 social, Bob Muntz disse ainda ter sido hostilizado pelos
 funcionários da embaixada em Jakarta quando a sua versão
 não correspondia com a versão que a embaixada tinha, o
 mesmo foi declarado pelo cineamatógrafo que gravou para a
 televisão de Iorqueshire o massacre: Bob Muntz disse ainda
 que ele era uma de sete pessoas estrangeiras que assistiu
 aos incidentes e que a versão indonésia era diferente das
 testemunhas.

A Indonésia reagiu na momento através da sua agência
 noticiosa oficial a estas declarações dizendo que não
 havia nenhuma ordem dada na manhã de Dili e que o seu
 depoimento era suspeito sem no entanto mencionar os
 jornalistas norte-americanos que declararam o mesmo.

1. Amanha pela primeira vez em mais de uma década o primeiro
 ministro australiano ausentar-se-á com Jose Ramos Horta e
 irá de escutar a versão timorese dos acontecimentos, e
 de bem que Hawke fosse preempvido em afirmar que isto
 não significava o reconhecimento da Dretalina, é um passo
 a favor do diálogo que Bob Hawke propôs para a Indonésia
 em relação a Timor. Bob Hawke disse ainda estar
 preocupado com a possibilidade de o presidente Suharto
 ser substituído pelo general try, australiano que declarou
 que toda a oposição terá de enfrentar as balas
 indonésias.

Australia

DIPLOMACY

Bismarck's Ghost over Human Rights

After two years of repair work, relations with Indonesia are soured by the massacre in Dili

By JEFF PEMBERTHY

Australian overseas aid worker Bob Mintz left unharmed as he lay in a Melbourne hospital last week, waiting for surgery. He had had been transported during his escape from the Santa Cruz detention camp in Dili after the Nov. 12 massacre of East Timorese by Indonesian soldiers. But Mintz was an airmail by Indonesian and now infected wound—he was not even sure how it had happened—but by the response of Australia's chief Foreign Affairs bureaucrat, Richard Woolcott. In the shootings, "I am ashamed that the head of an Australian department could show such callous indifference to the murder of so many people," he said.

Australian and U.S. State Department estimates put the number of East Timorese killed at between 50 and 100, plus a Malaysian-born Sydney university student, Kamal Bantudjaj. And scores of people were wounded in the incident, when Indonesian troops opened fire on a huge crowd celebrating a memorial service and pro-independence rally in the capital of the former Portuguese colony, invaded and annexed by Indonesia in December 1975. Bantudjaj's death. Bantudjaj had travelled with Mintz, Southeast Asia project officer for Community Aid Abroad in an earlier year.

From his Melbourne hospital bed, Mintz watched Woolcott—a former ambassador to Indonesia and architect of Australia's restored relations with its great neighbor—speaking on the radio. *Woolcott* program and stressing the need for Australia to find "the right balance" in its responses to the

massacre. "There is a need to draw a distinction between the understandable reaction to the present human tragedy and the long-term need to maintain a working and as close a relationship with Indonesia as possible," Woolcott said. The longtime diplomat expressed disapproval of the massacre but quickly moved on to say that Australia's response must not seriously harm the wider interests of the Australian-Indonesian relationship. The trick, he said, was to steer a course "between Willemstad freedom and Bismarckian realism."

Unfortunately for Woolcott, he was unwittingly tripped on the program by two events, the screening of horrific television footage of the actual massacre, with people fleeing their way over each other to get away from the bullets, and the disclosure of blatantly disproportionate statements by the commander of Indonesia's armed forces, General Try Sutrisno, three days after the event.

Referring directly to the East Timorese, Try told graduates of a military academy in Jakarta: "People who refuse to toe the line have to be shot. The armed forces are determined to wipe out whoever disturbs our Dili. Finally, yes, they have to be shot. Delinquents like these agitators have to be shot and we will shoot them." And if the message had not got across, Try said, the people responsible for the disturbances in East Timor "the rally marchers who had tested the patience and restraint of his troops—'must be eliminated.'"

He said the agitators had unfurled posters denouncing the government, yelled "insolent words" and acted even more brutally, causing the soldiers to fire several warning shots.



Woolcott: need for "right balance"



Clockwise from left: minutes before the shooting started; a victim's dying moments; marchers scatter amid gunfire; aid worker Mintz in hospital in Melbourne; outraged at Woolcott's "callous indifference"



At Try's comment, reported in the Indonesian newspaper *Surabaya*, were rose to Woolcott, his professional calm control broken. He held his dry lips and then said he certainly hoped the games with nuance. Such comments conflicted with the "deep concern" that the Australian embassy reported as being expressed by government officials in Jakarta and by Indonesian Foreign Minister Ali Alatas, with whom he had just attended a regional conference in South Korea. "My view," said Woolcott, "is that this (the massacre) was not directed from the center but the military order from not particularly well-trained and disorderly troops."

Neither Woolcott's diplomatic *compromise* nor his interpretation of the massacre and its aftermath was down well with the

vivid Mintz, who believes it imperative that Australia takes action to get a United Nations team to East Timor as soon as possible. "Every day that we delay means that it is highly likely there will be more abuses," says Mintz.

Indonesia's response to the massacre actually hardened last week. Pro-East Timor demonstrators were arrested in Jakarta. Dili airport was closed and the local military commander decided to deny relatives and outsiders access to the wounded in a military hospital. As a result, Australia's protest against the massacre became sterner and privately officials accepted that Australia's relations with Indonesia had suffered a huge setback, potentially far more serious than the Indonesian outrage that followed the publication of a *Sunday*

Morning Herald article on the Suharto family's wealth in 1985, which led to a three-year freeze in official relations.

Gradually, perhaps even reluctantly, moral outrage against the massacre seems to be building among government officials and M.P.s, and, as a result, years of careful repair work on the relationship with Indonesia could be lost. A visit to Jakarta by Industry Minister John Button scheduled for Dec. 12 now seems likely to be cancelled and a state visit by Prime Minister Bob Hawke in February is in doubt.

Late last week, Hawke described the comments of Try Sutrisno, with whom he had a cordial meeting in Canberra recently, as "repugnant in the extreme." The Prime

Minister repeated his warning that Indonesia stood to lose the respect of the international community unless it punished the culprits, but said he did not believe the defiant comments coming from the military reflected the attitude of President Suharto, who is visiting South America. "I think the President understands the gravity of what happened," Hawke said.

Thus far, Australia has accepted Indonesia's plan for a judicial inquiry into the massacre, even though members of the panel are former senior military officers and the U.S. Senate foreign relations committee is calling on the Bush Administration to press for a U.N. inquiry. Although there is now mounting pressure on a reluctant and embarrassed Australia to lead the international move for a proper resolution

Australia

of the latest East Timor story, the Australian government is caught in a bind.

Realizing the Whitlam and Fraser governments gave the world a Indonesian invasion plan in 1975, and in 1979 the Fraser government parted ways with the U.N. by recognizing Indonesian sovereignty over East Timor. U.N. resolutions still call for an act of self-determination in the 480,000 former colony. Then, in 1989, the Hawke government agreed the Timor Gap oil exploration rights, which depends on Indonesian sovereignty for its legitimacy. Canberra is now deciding the treaty before the World Court in The Hague.

The Dili massacre has again cast doubt on the wisdom of Australia's more accommodating stance towards the quadrilateral of its southeast Asian neighbors on human rights and other matters. Many observers believe Australia has tried too hard and been too apologetic about its own culture and political system in its dealings with Malaysia and Indonesia, in an attempt to gain acceptance as a fully integrated member of the newly rich Asian region.

Australia has played a constructive role as an honest broker in the resolution

of the Cambodian civil war, but it has managed this in part because it has few strategic or commercial interests at stake. Foreign Minister Gareth Evans has been nominated for the Nobel Peace Prize for his initiatives on Cambodia. On East Timor, where 100,000 to 250,000 people are believed to have been killed by the Indonesian in the past 16 years, a higher proportion of the population than killed in Pol Pot's Cambodia—Evans has been all that stand.

The difficulty, says Bruce Evans, former commentator, diplomat and present chairman of the Australian Indonesian Institute, is getting relevant support on human rights issues. "Nobody else in Asia—not the ASEAN nations, not Japan, not China, seems to be concerned about these issues," Grant says. "Only the Europeans and the U.S. are interested, and they are a long way away. On human rights this happens all the time."

Nevertheless, Grant, in contact with Foreign Minister Evans of a new book, *Australian Foreign Policy*, says Australia must take a firm position on the killings and show the Indonesians that they cannot get away with it. "If the Indonesians can't understand our concerns they have to be made to understand," he says. Australia's public opinion and human rights values—"which we share as well as from"—will acquiesce.

Despite the two-decade years of building both government and private bridges to Indonesia through the institute, Grant says the Dili massacre reveals something about Indonesia that the Australian public has long suspected and is now outraged—something it does not like. Foreign policy, he says, cannot operate totally apart from public opinion, which is now very strongly against the Indonesian. Grant acknowledges that it was unusual for Australia to have parted ways with the U.N. and recognized Indonesia's claims to

sovereignty in the face of human rights abuses in the region.

Australian embassy officers who visited Dili last week were unable to confirm the Timorese claims of a second massacre of 100 people, who were allegedly rounded up in trucks driven west of Dili and shot on Nov. 15, three days after the Indonesian and Australian parliamentary governments will begin public hearings on the Dili massacre. Grant says he has been asked to testify, but he fled to a state of anxiety.



Evans: "The President underpins the integrity of what happened," but "they have to be blasted"



the territory. He says Australia may now have to re-examine its position.

But a major difficulty—something Grant even before the Indonesian invasion and annexation of East Timor—is that the East Timorese factions, including the independence movement Fretilin, may never had an administrative structure in a country. In developing the position, Grant believes arrangements could be made with Australia, Indonesia, Portugal and the U.N. to give the local people time to develop administrative skills, immediately after the massacre. With Minister Evans suggesting that 16 years of occupation had not broken the spirit, the Indonesians should sit down with the East Timorese and discuss how best to administer the place.

Although condemnation of the massacre and calls for an inquiry by Indonesia have now come from the E.C., Portugal, the Netherlands and the U.S., regional governments—and Japan, Indonesia's biggest aid donor—have been all but silent. In a statement immediately after the slayings, a Japanese foreign ministry official said that it had happened it would be "quite a matter for concern." It is this disturbing lack of any real response from Indonesia's Asian neighbors that allows some Australian diplomats to conduct testimony even

"steering from explicit criticism to questioning our" from the time he arrived in Dili five days before the massacre. He had come to Dili on several occasions—a fishing venture on the north coast, an agricultural project and a women's football competition—with Catholic church officials. Palpable tensions in the dusty colonial town were heightened, says Munte, by the proposed visit of a Portuguese parliamentary delegation which the local thought would bring about the withdrawal of the Indonesian military within two or three months. The visit was cancelled because of Indonesia's refusal to grant a visa to Lisbon-based Australian journalists, Bill Griffith, whom it regarded as a wealthy sympathizer. On Nov. 20, the shooting of a student activist, Sebastiao Gomes Rangel, at Dili's Notre church and the apparently accidental killing of a pro-Indonesian nationalist opponent in the same incident that set the later events in train.

The first thing Munte noticed when Sydney student Samadaj picked him up at the airport were three World War II landing barges on the beach at Dili with six cannons trained on the town. Later, swimming at a deserted beach, he and a companion were stopped by a mob of about 100 heavily armed soldiers. On a trip to a village in Suai village then but was repeatedly stopped at roadblocks and all present

young men searched. As one is walking, they would stop searching and return away to see the price asked. Munte did not talk to locals about the project, because they would then be interrogated by the military. As a teacher, you try to find out about what brought soldiers to villages from 1981 to question locals.

When Munte and his partner returned to Dili and learned from American journalists Allan Nunn and Russ Lindsay that there was to be a provincial survey and march to Rangel's grave early the next morning, they joined impending disaster, together with two American journalists and other foreigners—British photographer Stephen Cox, Yorkshire Television commentator Mark Smith, an Australian traveler and his wife, their wife—Guy descended to attempt to connect with an army command and facilities accessible in the hope of containing the Indonesian military's reaction.

What happened will be the last act of continuing debate for years. In a long interview, Munte says the crowd outside the cemetery was orderly when soldiers arrived in trucks and on my return began their rough investigation. Flying around a corner, no day later from the massacre, but was injured after stumbling into a soldier and scrambling over an iron fence to show my two friends and them through weeds and bushes, and was later killed by a local resident who spent time in his house and left. The man returned an hour later accompanied by Indonesian Red Cross officer Arnan Nanto, who had already taken Munte's young companion, Samadaj, to hospital.

Since the shooting, East Timor's military commander, Brigadier General Rudolf Waretok, has maintained that some 12 downed soldiers were killed and 15 wounded after the troops marched on Dili. "I don't see" is fine," Waretok has denied that the 200 soldiers, the report pointing out, were not the crowd was correct. But Munte says he received confidential information the day after the massacre that the army military count was 80 people killed in and outside the cemetery with 33 others, including Samadaj, lying in hospital.

After the Indonesian takeover of East Timor, the killing of an Australian-based newsman—although also played down by successive Australian governments—seemed relevant between the circumstances. The widow of one Shirley Stanchevich will not say if her flight companion had been pointed out to the Medicines. She says the Dutchman was in a 13-year-old airplane. The widow of one of the victims has been going on for years. The death of one of the victims has been largely ignored. Now, after several compelling years of establishment's Australians are again reminded of what it is like to live next door to an authoritarian military regime—and this time with the military involved in the face of demands for reform. ■

229. 2 DEZEMBRO 1991 SMH

Monday, December 2, 1991

Doubts on open inquiry in Dili

Link between the Indonesian judiciary and the armed forces made any free and thorough investigation of the East Timor massacre, write TOMMY HILAND

The initial Indonesian inquiry into the November 12 massacre in East Timor began to take shape on Tuesday, but the concern of Australian experts is that it is unlikely to be free or open.

Indonesian - open - international law - west - said that the prospect of an independent investigation was being blocked because of a defective judicial system and the army link, and of the main heading - the official inquiry.

An Australian, Howard Tomes, who is expert of the role of Indonesian military intelligence agencies, said there were no grounds for assuming the Indonesian inquiry would be free, just and thorough. It was the prospects of a free and just inquiry that were the main concern.

There was no record of any independent inquiry into the behaviour of the military in similar crimes in history, and the head of the inquiry, Supreme Court Judge Djardani, has been criticised for not working in an either military lawyer or a combat soldier with a special force background.

"The inquiry will be more concerned by its prevailing Indonesian culture, where there is no separation of religious and political powers, and of a liberal culture which President Soeharto has recently reported does not apply in Indonesia."

Professor, the day after the 1975 Indonesian coup which started a 17-year period of military rule, and a role for the armed forces, is the correct political role of the Indonesian state. The very concept of independence was doubtful an inquiry that is free, just and thorough," he says.

Recently, in 1988, Mr Djardani was seen as an expert in the field, with the rank of major general. In 1984, he was appointed to the position of special judge in a trial. Mr Djardani served as a judge for two and a half years, and was a member of the Indonesian judicial council, which is the highest authority in the judicial system.

The lawyer, Soeharto, Minister of Justice, who played a role in 1975 in ending the autonomy of East Timor, was an expert in the field of the law. He was a member of the Indonesian judicial council, which is the highest authority in the judicial system.

The inquiry will be more concerned by its prevailing Indonesian culture, where there is no separation of religious and political powers, and of a liberal culture which President Soeharto has recently reported does not apply in Indonesia."

A large number of people who were killed in the 1975-76 period were killed in the 1975-76 period. The inquiry will be more concerned by its prevailing Indonesian culture, where there is no separation of religious and political powers, and of a liberal culture which President Soeharto has recently reported does not apply in Indonesia."

The inquiry will be more concerned by its prevailing Indonesian culture, where there is no separation of religious and political powers, and of a liberal culture which President Soeharto has recently reported does not apply in Indonesia."

The inquiry will be more concerned by its prevailing Indonesian culture, where there is no separation of religious and political powers, and of a liberal culture which President Soeharto has recently reported does not apply in Indonesia."

The inquiry will be more concerned by its prevailing Indonesian culture, where there is no separation of religious and political powers, and of a liberal culture which President Soeharto has recently reported does not apply in Indonesia."

The inquiry will be more concerned by its prevailing Indonesian culture, where there is no separation of religious and political powers, and of a liberal culture which President Soeharto has recently reported does not apply in Indonesia."

The inquiry will be more concerned by its prevailing Indonesian culture, where there is no separation of religious and political powers, and of a liberal culture which President Soeharto has recently reported does not apply in Indonesia."

The inquiry will be more concerned by its prevailing Indonesian culture, where there is no separation of religious and political powers, and of a liberal culture which President Soeharto has recently reported does not apply in Indonesia."

The inquiry will be more concerned by its prevailing Indonesian culture, where there is no separation of religious and political powers, and of a liberal culture which President Soeharto has recently reported does not apply in Indonesia."

Dili inquiry struggles to find witnesses



Mr. Djuelant walked through the cemetery in Santa Cruz yesterday, the scene of the Dili massacre.

DILI, Sunday: An Indonesian Government commission investigating last month's army shooting of mourners in East Timor said today that it was difficult to get witnesses to talk.

"It is not so easy to meet them [witnesses and relatives of victims] and to ask them. Will they explain openly? It's quite a problem for us ... it is not easy to open their mouths," said Mr. Djuelant, the Supreme Court judge leading the inquiry.

East Timorese speak of fear in the territory after 16 years of hardline Indonesian rule, in which more than 200,000 people are said to have died through war and famine.

That fear was intensified by the November 12 shooting, when the army says 19 people died as troops fired to defend themselves against a mob.

Several witnesses, some putting the death toll at 180, say it was an unprovoked attack on 3,500 mourners, who had gone to the Santa Cruz cemetery to mark the death two weeks earlier of a separatist in riots.

CoC

PM concerned about succession

CANBERRA: The Prime Minister yesterday expressed concern about the possibility of the military chief General Jay Sulteng succeeding Indonesia's President Soeharto after the general's unexpected comments about the East Timor massacre.

Mr Hawke also ruled further talks about the proposed Keluaran deal to Indonesia if the official military inquiry was not completed. Mr Hawke indicated on the Nine

network's Sunday program that both countries might agree that it was not the best time for Mr Sulteng.

Mr Hawke refused to comment on the Whitlam Government's attitude to East Timor or to reduce statements he made in 1978 when he was president of the ACTU, but said he was shocked by the attitude of the Whitlam Government.

Mr Hawke continued to reject Sulteng and Sulteng's proposal as a

simultaneous candidate to Mr Soeharto as well as Mr Sulteng, placing him as a possible successor to the spiky President.

Asked if Australia would be worried about General Sulteng being the next in line to be President, Mr Hawke said: "We certainly couldn't take a great deal of comfort out of the words that have been attributed to him."

LETTON REVIEWER

television as some of those wounded in the shooting were not allowed to go to hospital. The 20 wounded have been in a military hospital in nearby Dili since work was only allowed from the International Red Cross.

Mr Djelantik's earlier visit with the United Nations Secretary-General Mr Javier Perez de Cuellar, announced that he was sending an envoy to Jakarta to urge the Indonesian for a LRA military withdrawal from the country. The shooting has sparked anger

in a number of countries, with the Netherlands condemning it.

The deal was not to be made. Jakarta's role in East Timor, a former Portuguese colony which Indonesia invaded in 1975 and annexed the following year.

Many newspapers this weekend published an investigation paragraph showing South Indonesia and saying anti-Indonesian sentiment led before the shooting in Dili.

Mr Djelantik said another problem for the commission had arisen

as a result of information among the people of Dili. It is very difficult to have the and secret meetings with Indonesia.

"If the commission is to be able to do its job, the other group will report to the police," he said.

"If the people of Dili are not sure that will guarantee their safety."

The commission is looking for witnesses to reconstruct the local events.

Yesterday Mr Djelantik stated

the bullet-scarred cemetery to try to reconstruct the events leading to the massacre.

One commission member, Mr Sugiman, a senior official in the Interior Ministry, appealed to journalists to stop following the investigators in their search for witnesses.

He said reporters had frightened away people who lived around the cemetery when the commission visited it yesterday.

The place was deserted when they arrived, except for scores of plainclothes security men, many from the feared army intelligence wing.

The Governor, Mr Mario Viegas Carrascalao, has handed to the commission a 300-page report on the shooting, which local sources said was critical of the army.

Asked by reporters what he thought of the strong foreign reaction to the shooting, he said: "That's why we have to take measures against those who took a simple decision ... they did not think that simple decision would cause such losses to the State and to the Indonesian people."

Reuter

230. 2 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

UN seeks go-ahead for Timor mission

By correspondents in Jakarta, Lisbon and Dili

A SPECIAL United Nations envoy left Lisbon for Jakarta yesterday to negotiate with Indonesian authorities over the dispatch of a UN fact-finding mission to East Timor to investigate the November 12 massacre in the territory's capital, Dili.

UN secretary-general Javier Perez de Cuellar told journalists after meeting the Portuguese Prime Minister, Mr Mario Soares, that the envoy was Mr Anso Wado, the chairman of a UN commission on summary executions.

Dili, the government of East Timor, Mr Mario Soares said, had said he opposed the plan to send a UN mission because it could spark further riot.

However, the Indonesian government, commissioning investigations of the shootings in Dili yesterday, it was having trouble getting witnesses to talk.

"It is not so easy to make these witnesses and evidence of 1982-83 war to see. How will these experts operate if it's quite a problem for us - it is not easy to open their mouths," Junior Counselor of the Justice Dept, who is leading the inquiry, said.

Justice Dept said another problem for the commission was the denial of its role as Dili police officers for and against cooperation with Jakarta.

It was going to be difficult to get the other group, the other group of

ports to the police," he said. "If the people we were to interview, who will guarantee their safety?"

A fact-finding team from the Catholic Church said at the weekend that more than 100 demonstrators were killed on the highway, and large truckloads of bodies were dumped after the shooting.

The account by officials of the Bishop's Conference of Indonesia, accompanied sharply with testimony by Armed Forces Commander General Try Sulisman, he said a public hearing meeting on Wednesday that 19 people died in the shootings, and 51 were injured.

The fact-finding mission said witnesses testified they saw large bodies being thrown by Indonesian troops and dumped into nearby fields.

"There are three who said they took bodies and there are others who said more than 100," the team had from government.

Some families still do not know whether their husbands have relatives who still alive.

The fact-finding mission also said the military had buried the dead in an unknown place and that the families were not notified.

The statement expressed doubts about a report from London alleging a secret massacre by the army after the shooting.

Mr Carrageeher released at the weekend more than 100 pages of documents and six paragraphs of the bloody incident to the government-administered investigation team.

4 P.M. THE AUSTRALIAN

Anger at charge

From Page 1

The Government's action will be disadvantaged by the proposals because they will encourage investors to set up companies.

Mr Hawke also has raised questions about the possible agreement to use Australian standards of credit for a new bank, Mr. J. J. Williams, indicated he had advised a well-known member of the bank.

Mr. J. J. Williams said he had been asked to do a financial audit of the bank's assets and liabilities. He said he was charged with the task of auditing the bank's assets and liabilities.

"If we look at all my money on me," he said, "I can not think any more about the bank's assets and liabilities. It is all about the bank's assets and liabilities."

Even when Mr. J. J. Williams gave the \$10 rebate on the schedule for a Sunday contribution to the \$10 rebate on general.

Dr. Stephen Taylor of the immediate Health Care group said that a number of similar cases throughout Australia and the local reduction of Medicare benefits was the slow way down the road to bankruptcy.

They can have the same effect as the Medicare benefits and will cause a disaster.

PM says Dili visit could prove hard

By SALLY HOPMAN

THE Prime Minister, Mr. Hawke, conceded yesterday that his planned trip to Jakarta in February could prove difficult if Jakarta's equity and the 100 million were not committed to them.

Mr. Hawke also has raised questions about the possible agreement to use Australian standards of credit for a new bank, Mr. J. J. Williams, indicated he had advised a well-known member of the bank.

"It is difficult to establish and had been nearly a disaster inquiry and people were charged that you would have

no doubt that the subject of Australia would be carried by you. He said on the Nine Network's Sunday program.

Generally, he said, that the subject of credit for a new bank, Mr. J. J. Williams, indicated he had advised a well-known member of the bank.

Mr. Hawke also conceded that the trip to General Suharto, invited as a personal expression to President Suharto, was more for courtesy.

General Suharto has refused to buy to international and domestic pressure over the situation in which Indonesia is a people's republic.

pared with the 75 nationalized Indonesians.

"The PM says that the relations with the rest of the world in some sort of coalition but it has also created some national problems and new priorities to regard to national concerns there and that include the General," Mr. Hawke said.

"We certainly could not take a great deal of money but in the words that have been attributed to him."

Mr. Hawke said he was confident the Federal Government was "doing the right thing"

over Indonesia, "doing things I believe the Australian people want to do."

"I've decided sending our minister for Women Affairs and Trade, Senator Evans, to Indonesia next month."

"I don't want to push anything," he said.

"It's a tough job of fellow PM," he said, "the position of the Australian Government very clearly."

The Government was also seeking for a coalition in Dili, Mr. Hawke said.

UN seeks to assist for Timor mission - Page 5

Hawke plans staggered tax offensive

From Page 1

Senior ministers are concerned that the Government's proposal to replace the GST by introducing the new tax will lead to a dramatic fall in their electoral support.

Mr. Howard admitted that he was partly to blame for the Government's poor showing last week and contended that the Treasurer, Mr. Howard, had lost confidence.

"When you are brought into difficult circumstances, like that, and you say a couple of things you will not regret, there must be some support in the industry," Mr. Howard said.

Mr. Howard also said that the package would not be centered to single individuals and would be a quality issue, he said.

Yesterday, Mr. Howard led the Government's attack on the Opposition's plan to bring in a new tax system.

He said that in the London by the Opposition, Dr. Hawke, wanted to increase income from 15 to 22 per cent inflation and that the "tax road" scenario predicted by Angus Buchanan, he could not claim the job growth predictions from that scenario.

The Opposition tried to play down the Government's proposals with the Opposition spokesman on treasury matters, Mr. Peter Kelly, saying he had "never predicted that the package was intended to protect the 1990-91 year budget."

Mr. Kelly also pointed out the Opposition argument that "household income tax is ready added significantly to business costs."

Data prepared by his department showed that the plan was added less than 2 per cent to the costs of health for medical professionals, he said.

Mr. Howard also considered Opposition

attacks about the use of foreign debt under the Hawke Government, saying the Opposition who had to show it would "relatively unwise" under the GST program.

Differences about health policy centered the Opposition that to abolish bulk-billing and slow assistance for most of the gap between the Medicare schedule fee and the amount patients have to pay would mean doctors raising fees to at least the Medicare schedule of \$20.50.

Mr. Howard said that they would mean more patients would have to pay the amount of the schedule fee. He said that if they were reduced they would get \$15.00 back from Medicare, if they had no insurance they would still pay the \$20.00 not covered by any insurance.

But the Opposition spokesman on health, Dr. Bob Woods, denied doctors would raise their fees.

02/12/91

2/12/91



Portugal

Timor aproxima Governo e oposição

O SECRETÁRIO-GERAL do PS disse ontem, a pedido de uma comissão para a promoção da justiça penal de Timor, que a possibilidade de Timor não estar sob o domínio português não é a única solução para o problema. O secretário-geral do PS, Jorge Sampaio, disse a um grupo de jornalistas que a solução para o problema de Timor não é a única solução para o problema. O secretário-geral do PS, Jorge Sampaio, disse a um grupo de jornalistas que a solução para o problema de Timor não é a única solução para o problema.

«Tudo o que se quer é, sobretudo, a paz», afirmou o líder do PS, Jorge Sampaio, ao falar sobre a situação em Timor-Leste. «Tudo o que se quer é, sobretudo, a paz», afirmou o líder do PS, Jorge Sampaio, ao falar sobre a situação em Timor-Leste. «Tudo o que se quer é, sobretudo, a paz», afirmou o líder do PS, Jorge Sampaio, ao falar sobre a situação em Timor-Leste.

«Mas quem decidir que se trata de uma matéria de grande importância em que se deve agir com urgência não é o governo português», afirmou Sampaio. «Mas quem decidir que se trata de uma matéria de grande importância em que se deve agir com urgência não é o governo português», afirmou Sampaio.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros considera que a comissão indonésia de inquirição nomeada para investigar o massacre não reúne quaisquer condições de credibilidade e imparcialidade

para que, sempre sob a égide das Nações Unidas e do seu secretário-geral, as negociações internacionais possam abrir novos caminhos, acrescentou.

Interrogado sobre a existência de consonância de opiniões entre as diversas forças políticas, Sampaio considerou que essa é uma questão que ultrapassa as fronteiras partidárias e afirmou que tem havido convergência entre as lideranças políticas neste sentido. Sobre a possibilidade de convocação do Conselho de Segurança das Nações



Jorge Sampaio e Cavação Silva Antunes para duas horas reuniram-se em 8. Novembro discutindo a questão de Timor-Leste.

Unidas, o líder do PS afirmou que «não devem fazer as negociações nesse domínio sem existir um acordo seguro».

A propósito das diligências junto da Intergovernal Socialista (ISV), Sampaio recordou ter enviado a Willy Brandt a carta enviada a Videocastty que foi exibida na televisão portuguesa. A ISV, recordou, é a maior organização de partidos do mundo e o representante do PS que esteve partido para o Chile, onde se falou a delegados de mais de uma centena de partidos in-

ternacionais. «Está com certeza em condições de emitir a dramática reportagem transmitida pela TV e é natural que haja também a uma manifestação clara. Além disso, o oportunista do PS vai se dividir também na votação da moção sobre o regime português», lembrou Sampaio.

«Por isso, responsabilidades em que essa moção também se não deve ser de fazer diligências junto do presidente do primeiro-ministro», disse.

Sampaio explicou que há diferenças nacionais e internacionais e citou um por um

as posições das FFA, embora admitindo a possibilidade de mediação da opinião pública americana a favor de Timor. A opinião pública portuguesa é extremamente sensível a questões desta natureza e não se pode ignorar a posição aprovada pelo movimento, disse ainda. «E que devemos sentir que tudo isto está a ser feito na normalidade. Não aqui um acontecimento histórico, que se desenvolveu nestas condições e não se pode ignorar a posição».

Recordando o Ministério

dos Negócios Estrangeiros, em comunicado, que se trata de um processo de justiça penal de Timor, não é a única solução para o problema. O secretário-geral do PS, Jorge Sampaio, disse a um grupo de jornalistas que a solução para o problema de Timor não é a única solução para o problema.

O governo indonésio, segundo o comunicado, não é o único responsável pelo massacre, mas sim o conjunto de forças armadas indonésias. O comunicado também menciona a possibilidade de uma comissão de inquirição presidida por um juiz do Supremo Tribunal de Justiça, com a possibilidade de intervenção de elementos afetos a do governo de Jacarta.

A natureza da Indonésia, com o seu de grande capacidade de guerra, contra a minoria de Timor, aquele país ocupa legalmente o território, em violação das regras que das Nações Unidas, o território não autônomo de Timor-Leste, a administração portuguesa.

O governo português, no entanto, quer a uma investigação por parte da comunidade internacional, com a participação e apoio do governo português, incluindo o do processo.

Mensagem do bispo de Coimbra impressiona vigília católica

A Mensagem do Bispo de Coimbra impressiona a vigília católica de Timor. O bispo de Coimbra, Dom António Casanova, enviou uma mensagem de solidariedade aos timorenses durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra.

Dom António Casanova, Bispo de Coimbra, enviou uma mensagem de solidariedade aos timorenses durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra. A mensagem foi lida durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra.

Dom António Casanova, Bispo de Coimbra, enviou uma mensagem de solidariedade aos timorenses durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra. A mensagem foi lida durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra.

Papa criticado

O bispo de Coimbra, Dom António Casanova, criticou a mensagem do Papa João Paulo II durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra.

Dom António Casanova, Bispo de Coimbra, enviou uma mensagem de solidariedade aos timorenses durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra. A mensagem foi lida durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra.

Dom António Casanova, Bispo de Coimbra, enviou uma mensagem de solidariedade aos timorenses durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra. A mensagem foi lida durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra.

Pela sua falta de...

Dom António Casanova, Bispo de Coimbra, enviou uma mensagem de solidariedade aos timorenses durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra. A mensagem foi lida durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra.

Dom António Casanova, Bispo de Coimbra, enviou uma mensagem de solidariedade aos timorenses durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra. A mensagem foi lida durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra.



Madalena Andrade, Célia Ladeira e Julio Rego em Timor nos apólos a manifestação de solidariedade

Dom António Casanova, Bispo de Coimbra, enviou uma mensagem de solidariedade aos timorenses durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra. A mensagem foi lida durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra.

Dom António Casanova, Bispo de Coimbra, enviou uma mensagem de solidariedade aos timorenses durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra. A mensagem foi lida durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra.

Dom António Casanova, Bispo de Coimbra, enviou uma mensagem de solidariedade aos timorenses durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra. A mensagem foi lida durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra.

Dom António Casanova, Bispo de Coimbra, enviou uma mensagem de solidariedade aos timorenses durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra. A mensagem foi lida durante a vigília católica de Timor, realizada no dia 12 de Novembro em Coimbra.

Cruz Vermelha tenta instalar hospital de campanha em Timor

A Cruz Vermelha Portuguesa vai instalar um hospital de campanha no interior de Timor. Este projeto visa prestar assistência médica aos civis afetados pelo conflito armado. A Cruz Vermelha Portuguesa vai instalar um hospital de campanha no interior de Timor. Este projeto visa prestar assistência médica aos civis afetados pelo conflito armado.

A Cruz Vermelha Portuguesa vai instalar um hospital de campanha no interior de Timor. Este projeto visa prestar assistência médica aos civis afetados pelo conflito armado. A Cruz Vermelha Portuguesa vai instalar um hospital de campanha no interior de Timor. Este projeto visa prestar assistência médica aos civis afetados pelo conflito armado.

Crescem apólos à manifestação

Mais de quatro dezenas de organizações públicas, privadas e religiosas aderiram à manifestação que terá lugar no dia 12 de Novembro em Coimbra.

E. M.

232. 3 DEZEMBRO 1991 RDP

rdp 152/91 3/12/91 5x

19:30

denis souza um jornalista estabelecido em Darwin regressou há dias de dili donde trouxe fotografias de possível vala comum das vítimas do massacre de novembro. as fotos mostram uma área de 20 metros quadrados recentemente deflorestada, aberta de cima e com as bordas indicando a existência de buracos escavados sob aquela área, que se localiza em Indidima, 1.5 km a 1.5 km de dili, onde existe um campo de tiro e instalações militares indonésias.

as fotos e as declarações daquele jornalista foram extensivamente cobertas pela comunicação social e serão apresentadas à comissão de inquérito que o parlamento australiano está a levar a cabo sobre o massacre de santa cruz e aberto que aumentaram a pressão que o governo de bob hawk sobre as suas bases e de vários sectores australianos. nos últimos dois pela terceira semana consecutiva todos os jornais publicavam notícias sobre timor, a primeira que isto se passa desde 1976.

em sidney ontem a noite dezenas manifestaram-se em vigília contra os massacres em frente ao consulado indonésio e em darwin o município mandou afastar os piqueteiros timorenses que cercam o consulado.

em jakarta os jornais e a agência oficial antara acusam a agência na apic econômica ao estrangeiro de ter orquestrado manifestações em dili e ter ajudado a que timorenses tais como ramos horta deixassem do país, esta última alegação de uma total falta de conhecimento pelos acontecimentos de dezembro de 1975. foi entretanto confirmada pela indonésia a denúncia de que na ilha de iha de seis estudantes timorenses acusados de terrorismo.

rdp 152/91 3/12/91 5x

19:30

denis souza um jornalista estabelecido em Darwin regressou há dias de dili donde trouxe fotografias de possível vala comum das vítimas do massacre de novembro. as fotos mostram uma área de 20 metros quadrados recentemente deflorestada, aberta de cima e com as bordas indicando a existência de buracos escavados sob aquela área, que se localiza em Indidima, 1.5 km a 1.5 km de dili, onde existe um campo de tiro e instalações militares indonésias.

as fotos e as declarações daquele jornalista foram extensivamente cobertas pela comunicação social e serão apresentadas à comissão de inquérito que o parlamento australiano está a levar a cabo sobre o massacre de santa cruz e aberto que aumentaram a pressão que o governo de bob hawk sobre as suas bases e de vários sectores australianos. nos últimos dois pela terceira semana consecutiva todos os jornais publicavam notícias sobre timor, a primeira que isto se passa desde 1976.

em sidney ontem a noite dezenas manifestaram-se em vigília contra os massacres em frente ao consulado indonésio e em darwin o município mandou afastar os piqueteiros timorenses que cercam o consulado.

em jakarta os jornais e a agência oficial antara acusam a agência na apic econômica ao estrangeiro de ter orquestrado manifestações em dili e ter ajudado a que timorenses tais como ramos horta deixassem do país, esta última alegação de uma total falta de conhecimento pelos acontecimentos de dezembro de 1975. foi entretanto confirmada pela indonésia a denúncia de que na ilha de iha de seis estudantes timorenses acusados de terrorismo.

top 151/91 3/12/91 10.00

tave lugar na e na presença de histórico encontro entre representantes da comunidade timorense, o primeiro ministro nob hawke e o primeiro senador gareth evans. O primeiro ministro apenas estava presente durante dez minutos no princípio da tarde, mas os cinco timorenses tiveram depois uma discussão de duas horas com o primeiro ministro no seu gabinete.

João Carrasqueira disse no fim da reunião que aquela tinha sido fútil e um desapontamento, ao passo que Ramos Horta declarou que meios de comunicação que havia reiterado a necessidade australiana de dar um exemplo para resolver o problema de timor, mas que a posição oficial australiana se mantinha a mesma e não condescendente ao corte do creio militar de oficiais indonesios, e a canalização de auxílio financeiro através da igreja de W.

O primeiro australiano teria declarado segundo Horta que a Indonésia jamais consentiria na mudança de regime em timor pois isso estabeleceria um precedente noutras regiões. Até ao momento não existe ainda comunicação oficial australiana a reunião que foi tratada como uma audiência particular destinada a facilitar o diálogo.

151/91 3/12/91 11.30 20

A Austrália está a considerar aumentar a sua presença em relação a Indonésia tendo feito deslocar o seu embaixador em Jakarta Phillip Flood para dilli onde ficará como convidado do gen. Mário Carrascalão. Será encontros com o chefe de dilli, irá tentar falar com residentes locais e deslocar-se para outros pontos fora de capital dilli.

entretanto parte dentro de dias para Jakarta o primeiro australiano senador gareth evans, que irá pressionar o governo de Jakarta para um inquerito franco e para a abertura de um consulado australiano em dilli, isto quando o primeiro ministro australiano se vê cada vez mais pressionado pelo inquerito do seu próprio parlamento e com as fotos da via comum do massacre de novembro tiradas por Dennis Schultz um jornalista de Darwin ora regressado de dilli.

As fotos e as declarações de Schultz tiveram hoje extensa cobertura em todos os órgãos de informação australianos, com algumas de testemunhas dos massacres e da abertura de vias comuns em faiduma, em tibar, 15 kms fora de dilli.

em Jakarta jornais locais desde ontem que conjuntamente com a agência noticiosa oficial antera vêm acusando a organização australiana 'community aid abroad' de ter engendrado a manipulação. Esta organização através de um seu porta voz em Melbourne disse que as alegações eram desesperadas e que os indonésios menosprezavam o valor e a vontade de independência dos timorenses.

de 15/12/91 e 16/12/91
 sobre a situação em dilli
 de 15/12/91 e 16/12/91

233. 3 DEZEMBRO 1991 SMH

The Sydney Morning Herald

3.12.91



Kue Lai Costa, 3½, of Liverpool, at yesterday's protest, which denounced the "continued genocide" by the Soeharto military regime. Photo by STEVE CHRYTO

Tuesday, December 3, 1991



MIKE STEKETEE

Timor: the option we fluffed

It has taken Australian governments to some considerable time to realise that Indonesia was not beautiful and peaceful in Timor as quite the opposite. As both Howard put it in Surabaya, "The impression that they have been adopting in this map has not been the hearts and minds of the people of East Timor. That is what you will see in the Indonesian underdevelopment, given a small land since the Indonesian take-over of 1975 as 100,000 in a population of about 600,000.

From the Wilson Government on Australian policy has been based on the inevitability of Indonesian re-occupation of Timor. With the collapse of the Portuguese empire and, until recently, a predominantly bipolar view of the world, few thought there was a future for an independent island in the middle of an Indonesian archipelago.

In Australia, one senior statesman wrote against the tide. He was Sir Mitchell, who in 1975 was in charge of the Strategic and International Policy Grouping of the Department of Defence and later became its head. His comments, stated in the light of subsequent events, including the 1981 massacre, was particularly prescient.

Pritchard's minute in October, 1975, together with articles from Australia's newspapers to Indonesia, Richard Woodley (now head of the Foreign Affairs and Trade Department), were included in *Documents on Australian Defence and Foreign Policy, 1965-1977*. The Prime Government found Sir Woodley's minute sufficiently disturbing to obtain a High Court injunction in 1989 because the book and newspaper extracts, although not before some courts, had been sold.

Pritchard's minute to the Prime Minister, the document, stated with the standard argument that Indonesia was the country best placed to track Australia, as well as being a possible force for attacks by other potential enemies. Therefore, good relations with Indonesia should be a high priority.

But, he argued, Australia's policy on East Timor, the integration of Timor into Indonesia, that, Britain's eyes and ears were on the ground, and the danger was that any use of self-determination would open integration, in effect, what we have offered Indonesia with the one thing we have refused to give.

Pritchard went onto predict that Australia with great accuracy, British and Australian elements were likely to retain political dominance, he wrote, and Indonesia would be able to suggest a suggestion only by "force as a state that could not be hidden from the Australian public eye. Even were British to back and weaken, we would have to expect that a significant number of opponents to Indonesia would take to the hills to guerrilla operations.

Indonesia would see Australia as a source of confidence. Pritchard if we maintained our position in a dialogue talks and reporting the use of force and if Indonesia did not to force, it would be in the face of a strategic Australian opposition and strong public opinion. It is "The hope that the Indonesians will be able to quickly and effectively to bring about a settlement through confidence political arrangements, support, and probably significant, political waste.

The solution to Indonesia's East Timor, not exactly what you would expect a Defence Intelligence to put forward to an old man, there often was.

Disagreement with Indonesia, which might be exploited by the Indonesian when it heard the disadvantage, were obvious — an overpriced heavy weight in gear and work and a certain political instability with Indonesia. The Indonesian would demand Australian money in advertising such a course.

But it would remove the Indonesian threat of force and satisfy the demands for self-determination. A planing was mentioned with cooperation would create good aspects of an arrangement that would meet Indonesian economic requirements and focus on peaceful absorption of the territory as at least a partial integrated community.

The Pritchard recommendation was too high a solution, even for a Wilson Government. Not simple and a show of independence to the Indonesian policy. It was not very serious to read, and we see an early Australian cabinet, such as the highly one seen in August, 1977 following the coup by the GDE in Timor, stating, "Indonesia, against Wilson's view in which it would be necessary to 25,000 Soeharto troops. Australia will be looking at Australia Government's view of what he, after some initial consideration, decided to do earlier than when he might expect — a change of view a month earlier."

But Pritchard was right and Wilson's was wrong. It would have been no easy matter to proceed, Indonesia to accept an independent Timor, although through almost a world have been possible, with a major effort of self-determination and several prepared. If it had, Indonesia might well have earned an international reputation and claims to Western and the United States and other countries with Australia and other countries. Instead, it has an artificial agreement on the Timor, a compromise for a continuing international population.

Thank you to the Indonesian now in the 1970s, and to expect to continue, positive disposition with the hope of a Timor, including the possibility. It is a pity we did not give that view a part of a more coherent policy back in 1975.

WORLD

Aust group behind Dili plot: Jakarta



Mr Beng Mong Reng Say (left), a member of the Indonesian commission investigating the November 12 massacre, visits the Dili cemetery.

DILI, Monday: Pro-Indonesian East Timorese in Dili yesterday criticized Australian protests against the November 12 army massacre here, while the official Indonesian news agency Antara alleged that the Australian charity Community Aid Abroad might have masterminded the incident.

"We protest against the burning of the national flag in Suvaia," Mr Iwan Kasparus (Kasparus), chairman of the East Timor wing of the National Committee of Indonesian Youth, told reporters in Dili last night. "We regret and condemn the unfriendly attitude. We call on the Australian Government to prevent such an incident from recurring."

Australia has been among the more vocal of the international critics of Indonesia after the shooting which up to 100 people died when the army opened fire on a crowd of 2,500 mourning in a cemetery in Dili.

The Australian Ambassador in Indonesia, Mr Philip Bond, will fly to East Timor tomorrow, the first ambassador to go there since the shooting.

Antara said yesterday the Australian charity Community Aid Abroad (CAA) might have instigated the incident.

In a story titled *CAA masterminds November 12 incident in Dili*, Antara quoted unnamed sources as saying the charity was dominated by Australian leftists and was known to have organized previous demonstrations in Australia against East Timor's integration into Indonesia.

The Antara story was based on an article by Helen Todd, the mother of Kamal Basudhraj, the

only foreigner killed in the shooting. In the *South West Journal* last week, Ms Todd said her son knew of preparations for pro-independence demonstrations.

Kamal, who spoke fluent Indonesian, was working as an interpreter for the visiting CAA officer, Mr Bob Morda.

On the night before the November 12 procession which turned into the massacre, Kamal had argued with other visiting foreigners that they should join the procession in the hope their presence would restrain the military.

The Antara article accused Kamal and Mr Morda of having been "among the mass of rioters".

According to Antara, several figures it contacted said "an involvement of the CAA in the November 12 incident in Dili should be suspected". Antara said that the "figures" also supported the burning of CAA activity in Indonesia.

Antara said CAA had aided the escape of anti-Indonesian East Timorese students to other countries — including Ruangs Herria, leader of the pro-independence front for the Liberation of East Timor (Frelim) — and aided from Japan independence leaders.

Six East Timorese students from Udayana University in Denpasar were detained in a raid by Bali, the Jakarta daily *Berita Bismillah* said today.

Following a raid on a house yesterday, police were said to have found several anti-government leaflets, three Frelim flags and a South Korean-made hand grenade.

A Bali military spokesman confirmed the raid and the detection.

— Reuters, Special Indonesia Bureau

Calls for Govt action over East Timor grow louder

By MIKE BEECHER
and Agence

With the memory of dead student leader Karmal Hamañha still fresh in their minds, protesters outside the Indonesian Consulate yesterday demanded the "continued wars life" by the military regime.

Some 100 people gathered for the day-long protest in Melbourne carrying placards that called on President Soeharto to halt his army in support of the struggle for freedom in East Timor.

Mr Hamañha was killed during the 1988 massacre on November 11.

The House of Representatives of the Australian Parliament today, against the background of fresh demands for stronger Australian action, called today for investigations that

revel the war's impact inside the UN-protected areas that preceded the invasion.

Amnesty International said a parliamentary committee report into the massacre yesterday that Australia's response to the massacre was "fundamentally flawed" because it relied on the Indonesian Government's testimony of the military's actions before, during and after the event.

The Amnesty campaign director, Mr David Frankovic, said it was "almost inevitable that the evidence or information gathered in the early will be complete and accurate."

In Amnesty International knowledge, the Indonesian Government has never before considered an adequate inquiry into reported human rights violations in East Timor since the invasion in 1975.

He said it was "strongly crucial" that a United Nations inquiry be conducted, and called on the Australian Government to take a leading role in setting one up.

The committee also heard evidence from the Australian Commission for Human Rights (ACHR) South East Asian projects officer, Mr Peter Mann, who witnessed the massacre.

Mr Mann said he had seen no preparation of the military, and none of having any previous links to anti-Indonesian forces in East Timor. Mr Mann said the old paper on which he had been speaking was the first received by ACHR in East Timor.

He alleged Indonesian army agents were yesterday gathering a list of people who had been involved in resistance and information activities, including the 1988 massacre.

AMNISTIA INTERNACIONAL DIVULGA OS NOMES DE OS MASSACRADOS DE DILI

Sydney, Austrália - A Amnistia Internacional divulgou uma lista de 60 pessoas que "foram mortas" durante ou pouco tempo depois do massacre de Dili a 12 de Novembro.

A amnistia internacional referiu que a maioria dos mortos são estudantes, alguns dos quais bastante jovens, idades dos 14 aos 15 anos.

A Amnistia Internacional frisa que a lista está incompleta.

Em conferência de imprensa Andre Frankovits, co-ordenador da instituição disse aos jornalistas que a lista divulgada, produto de investigações baseadas em fontes dignas de crédito, põem em causa a credibilidade do veredicto indonésio.

Frankovits solicitou ao governo australiano para promover uma comissão de inquérito internacional para investigar a massacre e os acontecimentos posteriores, considerados igualmente graves.

A Amnistia Internacional temem porém ainda na existência uma lista de desaparecidos e feridos.

Mortos:

Agostinho Filomeno Fernandes, 15 anos, estudante;
Alfonso, 18 anos, estudante;
Amélia, 17 anos, estudante;
Ana Roman Freitas, desempregada;
André Soares, 21, estudante;
António Clara Filipe Alves, 21;
Aristides dos Santos, 19, estudante;
Aviano António Faria, 16, estudante;
Eustáquio Benevides, 15 anos;
Dionísio dos Santos;
Domingos dos Santos, 23 anos, estudante;
Domingos, 18, estudante;
Domingos, também de 18 anos;
Domingo Figueredo, 27 anos, professor;
Duarte Acoito;
Duarte (ou Edmundo) da Silva, 22 anos, universitário e futebolista.

Eládio Amoral, 25, estudante;
Emílio Almeida, estudante;
Eduardo, 17, estudante;
Eduardo, 25, estudante.



Tomás Dias Ximenes, estudante, desaparecido, provavelmente morto;

Vicente Paula Madeira, desaparecido, provavelmente morto.

Feridos:

Agio (Peiágin) dos Santos, 16 anos;
Alco dos Santos;
Bernardino Mendes, 22 anos;
Crescêncio Henriques Cabral, 29 anos, trabalhador no

gabinete de:

Emílio Araújo, 21, abolicionista, estudante;

Joana ("") Dias;

Joaquim Fernandes, 15 anos;

Juarez Martin Loureiro;

Mélio Santos Ximenes;

Ricardo Alves, estudante.

Santa Sé condena na ONU massacre de Dili

Nova Iorque - A Santa Sé condenou terça-feira na ONU, os acontecimentos de 12 de Novembro, em Dili, que originaram a morte de meia centena de Timorenses às mãos de tropas indonésias, segundo número da Amnistia Internacional.

Através da intervenção do arcebispo Renato Martino, a Santa Sé condenou "a recusa à violência como forma de solucionar conflitos sociais, para ela de onde partir".

Fronte a Assembleia das Nações Unidas sobre direitos humanos, o representante do Papa disse esperar que o governo da Indonésia investigue os factos, evite a sua repetição e castigue os culpados.

Fazendo referência à encíclica papal "centésimos annos", o arcebispo acrescentou que ela pretende lançar um grande movimento em defesa do ser humano e da salvaguarda da sua dignidade e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa.

O arcebispo Renato

Espectáculo de solidariedade
enche Teatro de São Luiz

Francisco da Silva, 28 anos, estudante;
 Francisco Rocha (Aluanno), 27, estudante em profissão;
 Freddy da Costa, 17 anos, estudante;
 Hachito, 17, estudante;
 Jova Tibenas, 24 anos;
 José Kodak, 21 anos, derejapp@niti;
 João James Ximenes, 18 anos, estudante;
 João da Silva;
 José Chris Real, 18 anos, estudante;
 Lara Cardoso;
 Luís Alves, 21 anos, estudante;
 Manuel da Silva, 14 anos, estudante;
 Marcelino Carreres da Silva, estudante;
 Maria Nogueira, 20 anos, estudante;
 Siki Neves Reis, 18 anos, estudante;
 Milton Lourenço, 16 anos, estudante;
 Nuno, 28 anos;

Paulo, 17 anos, estudante;
 Paulo Soares, estudante;
 Penção da Cruz;
 Procopio Neto, estudante;
 Rafael Tildam Fernandes, estudante;
 Ricardo, estudante;
 Simão de Jesus;
 Tiago Gonçalves;
 Varado;
 Vicente Bizarro;

Desaparecidos ou desaparecidos tomando que se refere mortos

Agripa de Deus, 19 anos, estudante, desaparecido provavelmente já morto;
 Armando de Araújo, desaparecido antes do incidente provavelmente já morto;
 Brito Maria, mais de 50 anos, desaparecido depois de ter sido preso;
 Dionísio Aires, desaparecido e depois provavelmente morto;
 Pablão da Silva, desaparecido e depois provavelmente morto;
 Germano da Silva, 42 ou 36 anos, desaparecido depois de ter sido preso;
 Gregório, 25 anos, desaparecido, desaparecido depois de preso e provavelmente morto;
 Israel José dos Reis, 17 anos, estudante, desaparecido antes do incidente e provavelmente morto;
 João dos Santos Sacramento, 40 anos, casado, sete filhos, desaparecido depois de ter sido preso;
 Lourenço, desaparecido e depois provavelmente morto;
 Luís José (Alois), desaparecido antes do incidente; provavelmente admitiram-se a sua morte;
 R. Pereira, desaparecido, depois provavelmente morto;

Tacão - A sede do Grupo 5, L012, em Tishua, encheu-se de pátrios que quis participar, segundo Teira, no espectáculo de solidariedade com o povo de Timor-Leste, promovido pela Câmara Municipal.

Um autor de grupo Soares, presidente da Câmara Municipal em exercício, referiu que a valorizou a oportunidade para L012 - os pediatras, esteve disponível desde se T0100 de segunda-feira, ainda em que se iniciou o espectáculo de música e poesia.

A iniciativa terá sido muito ajudada pelo envio de um telefonema por satélite para o líder da resistência armada timorense, Xanana Gusmão.

Apesar de a entrada para o espectáculo ser gratuita, uma urna colocada à porta da sala ia recolhendo as diversas contribuições.

A cada um dos espectadores foi distribuída uma flor branca com a mensagem "uma palavra por Timor".

Na sala-estúdio do teatro foi realizado um debate, com intervenções do deputado Eugénio Correia, Afílio da Araujo (Direcção do Prelo), Paulo Pires (Direcção da DIT) e Adalino Gomes (jornalista do jornal "Público"), entre outros, ao qual assistiram mais de 200 pessoas.

Foram os experientes Carman Dolores, Luís Miguel Vieira, Mário Vitor

com intervenções, além de outros músicos e parte musical ficou a cargo de Auren Amador, dois grupos de músicas e cantores timorenses.

Vaticano devia enviar representante, disse D. Ximenes Belo

Lisboa - O Bispo de Timor-Leste, D. Ximenes Belo, manifestou o desejo de receber no território um representante do Vaticano para "ser ouvido" e ajudar na situação existente.

Em declaração feita durante a visita romana, o prelado referiu que se vive agora "uma situação calma" no território ocupado pelas forças indonésias, sublinhando no entanto que se mantém a vigilância militar sobre as populações.

Frente "tristeza e consternação" entre a população, ressaltou o hierarca católico de Díli, frisando que não teve contactos com o Vaticano. "Apenas recebi uma fotocópia" de um documento da Secretaria de Estado da Santa Sé, disse.

Acrescentou ser necessário continuar a procurar uma solução pacífica e justa para Timor-Leste, e que passa pela concessão da Comunidade Internacional aos seus cidadãos pelos grupos não-partes.

Quando Fernando Servo Godinho, Paço de Vila Verde, Carlos de Carmo, Janita Salomé e José Mário Branco.

Nações Unidas enviam missão - anuncia Cuellar



Madrid - O Secretário-Geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, disse quarta-feira que lançou envio de uma missão a Timor-Leste para investigar a morte de um número indeterminado de timorenses pelas tropas indonésias, no dia 12, em Díli.

"Tenho já autorização do governo indonésio e gostaria de enviar uma missão imediatamente independente e imparcial, para que se possa estabelecer a relação da qual eu possa elucidar correctamente a

mensagem de João Paulo II ao dizer que a missão na sociedade de respeito e liberdade de consciência e de abandonar a intolerância, que condiz a discriminação e a repressão.

comunidade internacional sobre o que aconteceu em Timor-Leste", disse Perez de Cuellar aos jornalistas em Madrid.

A Indonésia anexou Timor-Leste em 1976, um ano depois de o ter invadido, quando o território era ainda uma colónia portuguesa e a qual Portugal se preparava para conceder a independência.

As Nações Unidas reconhecem assim Portugal como a potência administradora do território.

Portugal acusa Indonésia

Nova fogueira - Portugal fez hoje-feira a sua primeira intervenção sobre Timor na ONU desde o massacre de Dili, tendo o embaixador Fernando Reino acusado a Indonésia de estar a tentar uma "vaidadeira" "vacina de ferro" sobre o território.

O chefe da missão portuguesa junto das Nações Unidas acusou a Indonésia de estar a tentar "vacinar" a 34.ª comissão da ONU, de ter precedido o massacre.

O diplomata terminou a sua intervenção com uma intervenção: "Depois do massacre de Santa Cruz - um atentado à Chapéu de Indonésia - quanto mais massacres, quanto mais assassinatos, quanto mais massacres serão necessários para que a comunidade internacional se decida a dar uma oportunidade a Timor-Leste".

Fernando Reino disse que a Indonésia age contra a "independência internacional" de dar cada vez mais importância aos di-

reitos humanos e reforçou a necessidade de uma investigação independente do massacre, sob supervisão internacional.

O diplomata não teria qual a entidade internacional que deveria supervisionar este inquérito.

Fernando Reino referiu-se depois a diversas perturbações posteriores ao massacre: identificação de milhares de desaparecidos, execuções de testemunhas, impedimento de acesso dos jornalistas pela Cruz Vermelha, denunciando também que o Exército Indonésio está "praticando um 'surgimento' pelas forças de segurança".

O embaixador afirmou que Portugal "denunciou consistentemente" a situação timorense desde 1975, tendo acrescentado que "talvez agora", após o massacre, a comunidade internacional possa considerar Portugal de "avópatra na denúncia das atrocidades" e também decidir

Austrália pede à Indonésia para negociar com a resistência

Dambura - O Primeiro-Ministro Australiano, Bob Hawke, convidou quarta-feira a Indonésia a negociar com a resistência timorense uma solução pacífica para o conflito de Timor-Leste.

Falando no parlamento, Hawke disse que a solução pacífica tentada pelos indonésios falhou, porque não conseguiram conquistar a maioria do povo timorense.

"Esta é a ocasião apropriada para aproveitar esta oportunidade para iniciar negociações de paz com a resistência", disse.

Sobre o ponto da sua intervenção, o Primeiro-Ministro afirmou haver a possibilidade de uma segunda guerra se ocorrer quanto à questão de Timor-Leste - a reconhecimento da integração na Indonésia, de a resistência lutar ao massacre se revelar como uma simples tentativa de evitar a responsabilidade em conexão a gravidade dos acontecimentos.

O Governo Australiano, embora interessado nas conclusões da in-

tervenção a nível do mundo que atravessam as relações entre os dois países ao desmentir que a Indonésia pense tentar o seu embaixador em Canberra.

Um comunicado oficial indonésio emitido em nome do ministro da segurança, Alimudin Sa'duma, disse que se comprometem as manifestações anti-indonésias na Austrália e pessoal diplomático indonésio seja retirado de Canberra.

Segundo Gareth Evans, este comunicado foi mal interpretado, não se tratando de uma ameaça de corte de relações, mas apenas de uma manifestação de preocupação pela segurança dos diplomatas indonésios e de manifestantes nativos de Timor-Leste.

À mesma tempo Evans tranquilizou a Indonésia, dizendo que os seus diplomatas não cor-

rem qualquer risco na Austrália pelo o governo garantir a sua segurança pessoal.

Ministro da República das Açores apela a emigrantes



Paulo Delgado - O Ministro da República das Açores apelou, na abertura do III Congresso de Comunidades Açorianas a intervenção dos emigrantes na defesa do território e sensibilizar as autoridades do país em que vivem para o problema de Timor-Leste.

O português de timor o mundo tem a responsabilidade e o dever de solidariedade para com o povo timorense, salientou Mário Pinho.

Em seu discurso, o titular "de 16 anos de povo de Timor" persiste porque "Portugal não foi

sensível, acatando-se um crime histórico das comunidades político-militares de 1975".

Todos os dias - chamados de "testemunhas" de situação - alertar e sendo necessário, sobretudo nos Estados Unidos, pressionar o "lobby" português contra a continuação do silêncio do mundo.

Na abertura do congresso, um representante da comunidade do Brasil referiu-se também a questão timorense, afirmando de "traumático massacre" as condições

Indonésia vai rever política de desenvolvimento

lança: O genérl Toy Suliano, chefe das forças armadas indonésias, disse a uma comissão parlamentar que o Conselho vai restaurar a política de desenvolvimento seguida em Timor-Leste.

"Seríamos a necessidade de uma avaliação global de todos os aspectos relacionados com a situação de Timor-Leste, a começar pelo tema como se encarar os problemas e a terminar os pontos de desenvolvimento seguidos até agora", disse.

Essa avaliação abrangará todos os aspectos de uma forma abrangente, uma visão a situação da política e da sua aplicação prática no futuro.

Os militares continuam a desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento das infra-estruturas económicas destinadas a melhorar o nível de vida da população, mas não atingir a sua acção em áreas ocupadas pelas áreas rurais, passando a dar maior atenção as populações urbanas.

Esperando depois de pensar em visitar todas as infra-estruturas disponíveis sobre as indústrias de 14 de Novembro. Suliano

ordenou retirar de Timor-Leste os militares directamente envolvidos no conflito, após a morte da comissão de inquirição sobre responsabilidades.

O chefe militar indonésio continuou, porém, a defender a atuação dos militares, dizendo que eles tinham disparado tiros de avião e só depois abriram fogo sobre os manifestantes, que ele chamou de "multidão excitada e desordenada".

Para atribuir a responsabilidade última pelo crime de genocídio em Portugal por ter concedido unilateralmente uma projectada visita de deputados a Timor-Leste em 4 de Novembro.

O desenvolvimento prático, porém, a situação em que os estudantes timorenses, que se preparavam para a sua entrada no ensino superior, de forma concertada, de forma preclaramente a obter estes resultados, afirmou.

Quanto a outros pontos, disse que se encontravam em Timor-Leste milhares de militares, de serem desempenhado um papel relevante no trabalho com a sua presença os manifestantes anti-indonésios.

quênto, há de se esperar para tentar as medidas que contribuam desde já para a resolução do conflito.

Bob Hawke anunciou aos parlamentares que a Indonésia aceitará uma visita em Dezembro do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Gareth Evans, que irá a Jakarta com o objectivo de visitar os pontos de vista australianos sobre o que deve ser feito para pôr fim ao conflito de Timor-Leste.

Para já o governo australiano desula após um conselho em Dili e das instituições do seu embaixador em Jacarta, Philip Flood, para que efectue visitas regulares a Timor-Leste.

Hawke disse que a Austrália apoia toda a acção humanitária que a Cruz Vermelha realiza efectuada em Timor-Leste ao mesmo tempo que estudará uma eventual intervenção da ONU naquele território.

Entrevistado a intenção de Hawke o ministro dos negócios estrangeiros numa reunião

FALE PORTUGUES COM OS SEUS FILHOS. LEIA-LHES OS JORNAIS PORTUGUESES

Indonésia aceita a visita de Evans em Dili

TIMOR-LESTE

Desde 7 de Dezembro de 1975, portanto há cerca de 18 anos, que o povo de Timor-Leste sofre, em silêncio, a brutalidade e barbaridade das tropas indonésias.

Há 13 anos que vivem numa "verdadeira cortina de ferro" erguida pela Indonésia.

É absolutamente indispensável que o Povo de Timor saiba, que o Povo Português, está solidário com ele.

Juntemo-nos pois, aos Timorenses residentes na Austrália, no dia

7 DE DEZEMBRO 1991

ÀS 10H00 NA CATEDRAL DE SANTA MARIA,

para uma Missa que será rezada pelo Cardeal Clancy

Depois, às 11 horas seguir-se-á uma Marcha para comemorar o dia 12 de Novembro de 1991,

dia em que as forças armadas indonésias dispararam, indiscriminadamente para uma multidão indefesa que, no cemitério de Santa Cruz (Dili) assistiam a uma missa rezada em memória de um colega - Sebastião Rangel.

Momento de Reflexão

7 de Dezembro ... dia de luto

7 de Dezembro de 1941, "Pearl Harbour"

Início da Guerra no Pacífico, onde pereceram um grande número de Timorenses e Australianos

7 de Dezembro de 1975

dia em que a Indonésia invadiu, pela força das armas, Timor-Leste e que já causou a morte a mais de 200.000 Timorenses

Por favor, vista-se de luto, nesse dia!

WORLD NEWS

Victims of Timor massacre 'buried at remote rifle range'

Mass grave found on army base

By TONY PARKINSON and AFP

AS an Indonesian investigating team yesterday heard evidence from East Timor's military commander, Brigadier-General Rudolf Warouw, about the massacre there on November 12, a Darwin-based journalist said he had pinpointed the burial site of the victims of the massacre.

General Warouw's testimony is to be followed by that of the commanding officer of battalion 303, whose men were among those who opened fire in the Santa Cruz cemetery. They contend they were forced to defend themselves against a mob that had attacked an officer.

The weekly magazine Editor quoted a local government official as saying the officer was attacked only after he hit a woman during the procession.

"After the demonstrators passed by ... two groups of soldiers and one from (another) brigade followed them. At that time I heard them shouting 'Shoot, don't let them get away' ... and afterwards I heard the bangs," he told the magazine.

Australia's ambassador to Indonesia, Mr Philip Flood is to fly to East Timor today, the first ambassador to go there since the shooting.



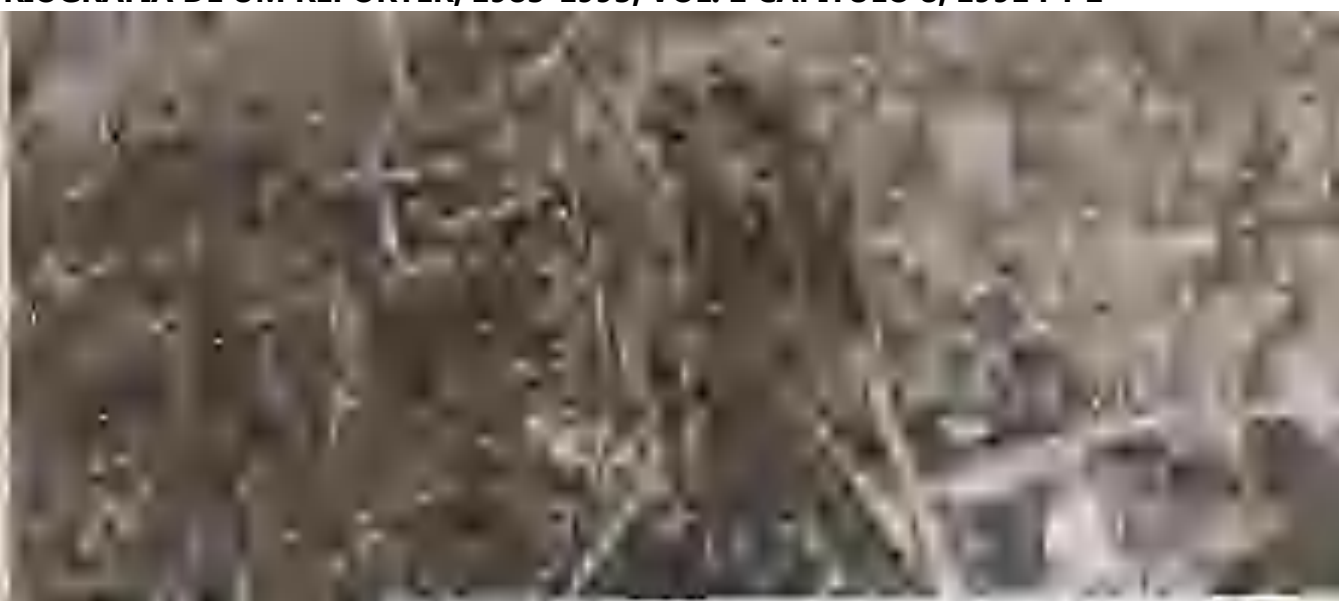
Australia's ambassador to Indonesia, Mr Philip Flood, says he first visited Timor in 1985. The first ambassador to go there was the British.

A Darwin-based journalist, Dennis Shultz, who returned from Dili in 1987, said he had previously reported a covered rubbish dump by Dili as a former Indonesian army camp. It was taken over by the East Timor army.

Mr Shultz, in the vicinity of the dump - which is now a rubbish tip - told him that many of the bodies, including the bulldozers, drive into the dump on the night of the massacre. Mr Shultz believes more shootings may have occurred at the dump on the night of the massacre but has been unable to get anyone's confirmation.

However, it is understood officials with the International Committee of the Red Cross have also visited the mass grave, known locally as Faidoma, and it is believed the governor of East Timor, Mr Mario Carrascalao, is conducting an investigation.

Mr Shultz said he first passed on details to Mr Carrascalao. He believed the governor was planning to raise the discovery with the National Commission of



The abandoned grave site near Dili... villagers saw a convoy enter the camp on the night of the massacre. Inset: Indonesian soldiers patrol Dili - Pictures: DENNIS SHULTZ

inquiry appointed by the Suharto Government.

According to Mr Shultz, the witness said the site was the largest in seven days before November 12. He said he had interpreted this as a warning to the Timorese population not to engage in political activities during a visit by a Portuguese delegation due in late October.

The cancellation of the delegation's visit by Jakarta prompted protests which ultimately resulted in Indonesian troops firing on demonstrators at the Santa Cruz cemetery. The Indonesian Government has said 10 people were killed, but the Australian

Government accuses the death toll at 25 or more.

Villagers reported to Mr Shultz the movement of army vehicles on the night of the massacre. The slow-moving convoy consisted of five trucks followed by two bulldozers, a local villager said. They said seven of the trucks carried corpses.

Additionally, Mr Shultz said witnesses had observed men were also five prisoners taken to the Faidoma camp on the night of the massacre. He was told the prisoners were bound and in two army trucks.

As they passed by village homes, prisoners were pushed ac-

companying in Portuguese. "It is the only country that we die."

Mr Shultz said he believed the incident might have given rise to reports of a second massacre, although he had not been able to confirm that any of the prisoners allegedly seen by local villagers were later shot.

The Fretilin resistance movement has claimed a second massacre occurred, where some of the demonstrators arrested on November 12 were machine-gunned to death.

Australian officials told a parliamentary inquiry in Canberra yesterday they had found nothing to confirm the reports.



3.12.91

Fretilin leader flies in for talks with PM

By foreign affairs writer TOMY PARKINSON

AS Australia intensifies its pressure on the Indonesian Government to enter negotiations over the future of East Timor, the Prime Minister, Mr Hawke, has agreed to meet one of the top-ranking figures in the Fretilin resistance.

Mr Jose Ramos Horta, who is Fretilin's special representative at the UN, flew into Canberra last night for a meeting with Mr Hawke. His meeting will be a rare opportunity for the resistance to put its views at the highest level of the Australian Government.

However, government officials in Canberra were stressing last night that Mr Horta would see the Prime Minister in his capacity as a personal spokesman for the East Timorese people, not because of his close links with the guerrilla movement leader, Dr Xanana Gusmao.

Mr Horta is a long-standing critic of Australian policy towards East Timor, accusing Canberra of being too timid in the face of Jakarta's greed, since that event in East Timor was an internal matter. But in the aftermath of the

November 12th massacre — and with growing pressure from Cabinet and Caucus for Australia to toughen its stance — Mr Hawke gave Mr Horta a top-level East Timorese delegation. Mr Horta has flown from Europe overnight.

News of the meeting came as the Department of Foreign Affairs and Trade sought to downplay the impact of the Community Aid Abroad and Amnesty International over Australia's response to the UN massacre.

Pressure intensifies

Amnesty, the London-based human rights organisation, said the Australian Government was "fundamentally flawed" in its approach toward

especially before the federal parliamentary human rights committee, an amnesty officer, Mr Andre Frenkelmann, said the Government had erred in expecting the national permission of inquiry stipulated by the Indonesian Government to deliver a fair, credible and impartial finding on the massacre.

In response, the head of department's South-East Asian desk, Mr Boyat Sereanu, told the committee the Australian Government would send no underlining that the Indonesian Government guarantee the protection of witnesses to its inquiry.

Earlier a Community Aid Abroad field officer, Mr Ben Stunz, had also attended the department, Mr Munn, was a witness to the massacre and suffered a wound to his arm during the shooting.

He claimed he had independent South-East Asian contacts by himself from the Australian Embassy in Jakarta to the immediate aftermath of the massacre.

Indonesian government officials on the night fled from the massacre at 13 or 14 years.

The role of Community Aid Abroad has been widely controversial, yesterday the official Amara newspaper in Jakarta quoted unnamed officials complaining that the Australia-based aid group was dominated by "leftists" who had even forced and determined administration in Australia against East Timorese cooperation with Indonesia.

Mass grave found on army base — Page 7

236. 4 DEZEMBRO 1991 RDP

134/91 12/91 22:30 2

na Austrália háje o tema da comunicação social voltou a concentrar-se na questão de timor depois de ter sido oficialmente confirmado de Jakarta que um ex-líder regional da ONU, responsável pelo comitê das execuções sumárias se deslocaria dentro de dias com as autoridades indonésias, esta decisão foi reprovada por várias fontes militares e pelo Conselho Económico Indonésio representando bispos católicos, muçulmanos, hindus e se bem que estes tenham estado em Díli a realizar um inquérito opõem-se à presença de estrangeiros para averiguar os factos do massacre de Santa Cruz.

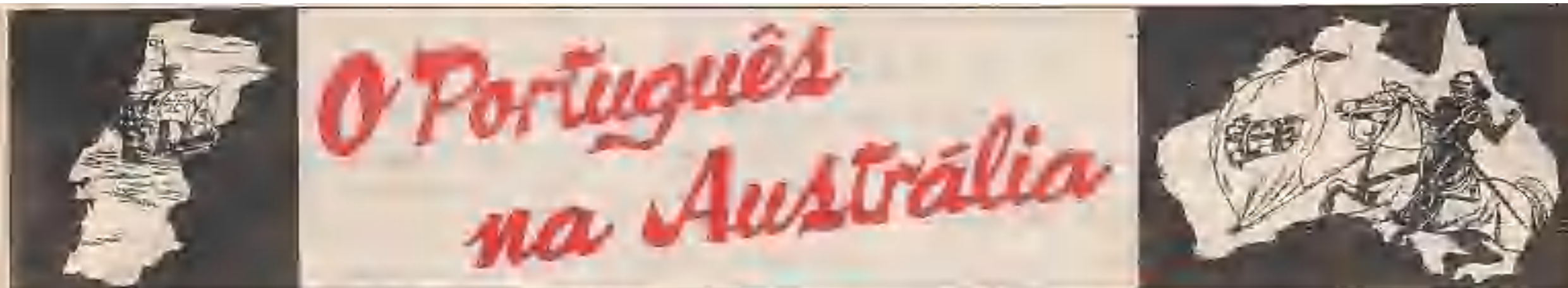
por outro lado o primeiro ministro australiano Bob Hawke foi hoje forçado a conceder uma conferência de imprensa na qual tenta desmentir a imagem negativa ontem dada pelas líderes de representação de timorenses, dizendo que na reunião se mostravam gratos à oportunidade de diálogo e isto na sequência de um apelo do embaixador em Jakarta, Phillip Dodd por apelar a que a frieza do julgamento persista neste conflito que se bem que grave não deverá afectar as relações entre os dois países.

curiosamente a comunicação social dava hoje enorme relevo à decisão de dieta - putamente - japonês - de condicionar o auxílio económico à Indonésia face aos direitos humanos e a situação em Timor.

o governo australiano assediado por várias fontes tenta assim demonstrar que está a favor de um diálogo entre timorenses, indonésios e a ONU, mas de facto está a sentir-se cada vez mais encurralado entre os interesses da sua sobrevivência política e económica na região e o potencial de retaliação dos seus eleitores.

o brigadeiro varque comandante em chefe das forças armadas em timor determina entretanto a realização de outro inquérito destinado a apurar o envolvimento de organizações community aid abroad naquilo que os indonésios classificam de incidentes de Díli e que o resto do mundo chama de massacre de Santa Cruz.

237. 4 DEZEMBRO 1991 PNA



ANO XXI — No. 1031

Quarta-Feira, 4 de Dezembro de 1991

Preço avulso: \$1,20

Direção: M. A. Gajjar

Propriedade: C. & G. Investments Pty Ltd

Redação, Administração e Publicidade: Lei Elton

41 New Canterbury Rd., Eastwood, NSW 2089

Telefona: (02) 550-6722

Fax: (02) 550-6044

"Registered by Australia Post" — "Publication No. 988 021" — "Established June 1970"

7 DE DEZEMBRO

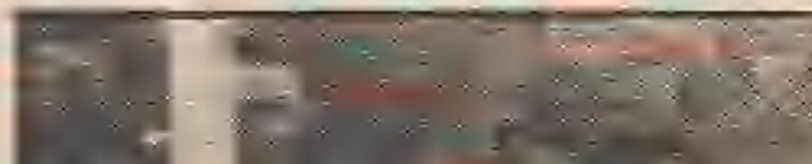
UM DIA DE LUTO PARA O POVO TIMORENSE

"O Português na Austrália" em sinal de solidariedade para com o povo timorense, decidiu considerar esta edição, uma "edição de luto".

É o seu tributo àqueles que tombaram em Timor, lutando pela liberdade e pelo direito à auto-determinação, esperando que tudo o que se tem feito e dito resulte numa rápida "volta" de atitudes por parte da comunidade internacional e sobretudo da Indonésia.

Na alvorcer do 7 de Dezembro de 1975, o povo de Timor Leste não despertou com o

O espaço aéreo de Timor Leste ficou salpicado com figuras estranhas que desciam



Não há praticamente nenhuma família timorense que não tenha perdido alguém

protesto envolvendo milhares de timorenses em Díli, uma cidade estritamente controlada pelas milí

de Dezembro de 1975, o povo de Timor Leste não desportou com o canto sequencial e sincronizado dos galos. Ao invés disso, o silêncio da natureza desse longínquo ilha foi quebrado de uma forma patética.

A Pátria do Nicolau Lobato estremeceu sob o tratado emendador das armas inimigas.

O ataque a Díli por terra, ar e mar envolveu uma força de 10.000 tropas indonésias, um número altíssimo exigido para uma guerra de agressão contra um povo de cerca de 700.000 pessoas e sem qualquer possibilidade para uma vitória militar ou sucesso.

Timor Leste ficou salpicado com figuras estranhas que desceram com a missão de violar a terra sagrada dos timorenses e de matar quem quer que fosse para concretizar a política expansionista do governo de Suharto. Como resultado de erros de cálculo, uma parte do contingente da 18a. Brigada dos Paraquedistas (KOSTRAD) encontrou a morte por afogamento.

Ninguém sabe ao certo quantas vidas foram perdidas nesse sangrento dia e durante os dezassete anos de ocupação indonésia.

Uma vida de choros e de lamentos para assim em Timor Leste.



Um soldado indonésio, talvez o capitão de St. Cruz em Díli.

... a morte que não temia perdido alguém querido como consequência da invasão e da ocupação de Timor Leste pelas forças militares da Indonésia.

Os horrores testemunhados quando da invasão indonésia a 7 de Dezembro continuam bem vivos nas memórias dos sobreviventes impedindo-os a partida, de fazer qualquer reconciliação com os ocupantes. E foi a partir deste estado generalizado de dor, propiciado pelo 7 de Dezembro, que a consciência nacional timorena se desenvolveu e se consolidou.

A marcha de

... ses em Díli, uma cidade esitadamente controlada pelos militares indonésios e a prova mais evidente da irreversibilidade do processo de libertação do Povo de Timor Leste.

Esta iniciativa de sair à rua em repúdio à ocupação indonésia já custou mais de 100 vidas. O povo timorense mostrou-se estar disposto a correr o risco de extinção para salvaguardar o seu ideal de libertação.

Quantos mais terão que sacrificar as suas vidas para que a comunidade internacional se apresse a encontrar uma solução justa para o conflito de Timor Leste?

BRIGADEIRO LEMOS PIRES ADMITE RESPONSABILIDADES NOS ACONTECIMENTOS DO TERRITÓRIO

Covilhã - O Brigadeiro Lourenço Pires admite ter responsabilidades nos acontecimentos que "já teriam passado em Timor Leste", mas sublinhou não ter nenhum complexo de culpa.

Comentando a reportagem de imprensa difundida pela RTP, o ex-governador de Timor-Leste, afirmou que "de repente mostrou-se na TV uma situação nova e a mal é que seja nova, porque foi este complexo de culpa que Timor se tornou tal".

Lemos Pires referiu-se inicialmente às manifestações dos jovens, sublinhando que "a culpa que a sociedade está a dar ao povo de Timor, vai certamente ajudar a novos poder políticos e responsabilidades mais para orientar uma mudança".

"Não sou a pena estabelecer toda a culpa de culpa porque não fomos nós que matámos os timorenses, não fomos nós que matámos a mulher de Timor-Leste", afirmou o militar.

O antigo governador de Timor-Leste acrescentou que quanto a este problema, "existem muitas razões e culpas porque também a comunidade internacional não nos ajudou nada".

No espírito de Lourenço Pires, Timor "requer de nós que, nas organizações que fazemos, por que se trata, no imediato, do mal povo

que está a pagar talvez pela essa inutilidade também".

Contudo, afirmou que os portugueses não devem ser responsabilizados e terem um "complexo de culpa sobre a situação", referindo-se que, no seu caso, tem a "consciência tranquila".

Observou ainda que a abordagem ao curso sobre a problemática do Timor "decorre pela primeira vez e um pouco sem consciência do que se passa".

O Brigadeiro Lourenço Pires, questionado pela Agência Lusa, considerou que a questão timorense é de interesse nacional, "mas é um caso de solidariedade

de diferentes momentos e de sentimento, mas um caso nacional português".

"Portugal terá a analisar se quer manter a ligação com Timor, cuja identidade passa por Portugal", afirmou.

Acrescentou que esse interesse não é só do lado, e também dos timorenses.

"Quando vamos em português, quando não estamos, eles fazem-nos porque têm a nossa língua, mas sabem que isso lhes dá identidade e as diferenças na relação fundamental, que os quer adquirir".

Extrato da carta enviada pelo estado letit e enviado Sr. José Meany Douglas ao Presidente Suharto:

Dear Sir,

I am very sorry that you have to receive this letter from me. I am very sorry that you have to receive this letter from me. I am very sorry that you have to receive this letter from me.

I am very sorry that you have to receive this letter from me. I am very sorry that you have to receive this letter from me. I am very sorry that you have to receive this letter from me.

I am very sorry that you have to receive this letter from me. I am very sorry that you have to receive this letter from me. I am very sorry that you have to receive this letter from me.

I am very sorry that you have to receive this letter from me. I am very sorry that you have to receive this letter from me. I am very sorry that you have to receive this letter from me.

I am very sorry that you have to receive this letter from me. I am very sorry that you have to receive this letter from me. I am very sorry that you have to receive this letter from me.

I am very sorry that you have to receive this letter from me. I am very sorry that you have to receive this letter from me. I am very sorry that you have to receive this letter from me.

Please give my regards to your family and friends.

Very sincerely,
José Meany Douglas

TIMOR-LESTE

Desde 7 de Dezembro de 1975, portanto há cerca de 16 anos, que o povo de Timor-Leste sofre, em silêncio, a brutalidade e barbaredade das tropas indonésias.

Há 13 anos que vivem numa 'verdadeira cortina de ferro' erguida pela Indonésia. É absolutamente indispensável que o Povo de Timor saiba que o Povo Português, está solidário com ele.

Juntemo-nos pois, aos Timorenses residentes na Austrália, no dia

7 DE DEZEMBRO 1991

ÀS 10H00 NA CATEDRAL DE SANTA MARIA, para uma Missa que será rezada pelo Cardeal Clancy

Depois, às 11 horas seguir-se-á uma Marcha para comemorar o dia 12 de Novembro de 1991, dia em que as forças armadas indonésias dispararam indiscriminadamente para uma multidão indefesa que, no cemitério de Santa Cruz (Dili) assistiam a uma missa rezada em memória de um colega - Sebastião Rangel.



CEE: Comunidade Europeia poderá vir a suspender cooperação com Indonésia

Bruxelas - A comunidade europeia poderá vir a suspender a sua cooperação com a Indonésia, disse em Bruxelas o Ministro holandês da Comércio, Jan Frank, no final do conselho de ministros para o desenvolvimento da CEE.

Sobre a situação em Timor-Leste, o ministro holandês afirmou que o conselho saguá com "preocupação e perplexidade" a situação naquele território, mas, concretamente ou não, referiu como "parte da Indonésia".

O ministro holandês, disse que com a resolução aprovada pelos dois, estão criadas as condições jurídicas e administrativas para que vir a estabelecer relações a nível da comunidade com um país que não reconhece os direitos humanos e os princípios democráticos.

A resolução adoptada prevê a aplicação de medidas negativas contra os países onde se verificarem "graves e persistentes violações dos direitos do homem" e com o qual a comunidade mantenha acordos de cooperação.

As medidas negativas, cuja inclusão na resolução foi proposta pela delegação portuguesa, podem incluir a alteração dos programas de cooperação, o seu adiamento ou mesmo a sua suspensão.

A resolução propõe também a aplicação de medidas de encorajamento aos cidadãos nesses países em via de desenvolvimento que se integrem por uma política de defesa dos direitos humanos e dos princípios democráticos.

O documento aprovado também inclui outras propostas defendidas pela delegação portugue-

sa, segundo a qual a comunidade deve dar um maior ênfase ao apoio em processo de ajustamento democrático.

O conselho aprovou também um regulamento para as ajudas financeiras aos países em via de desenvolvimento.

O regulamento determina a inclusão na lista de países beneficiários de cooperação entre a CEE e países terceiros os países que condicionem o seu acesso ao desenvolvimento dos estudos em matéria de direitos humanos e princípios democráticos.

Quanto ao plano de actualização para Angola, o último ponto da agenda do conselho, os dois adoptaram uma plataforma de cooperação - sobre a qual se vai participar na reconstrução de Angola, tanto quanto permitirem os meios de que dispõem.



Momento de Reflexão

7 de Dezembro - dia de luto

7 de Dezembro de 1941, "Pearl Harbour"

Início da Guerra no Pacífico,

onde pereceram um grande número de Timorenses e Australianos

7 de Dezembro de 1975,

dia em que a Indonésia invadiu

pela força das armas Timor-Leste e que já causou a morte a mais de 200.000 Timorenses

Por favor, vistá-se de luto, nesse dia!

ALCO WINE ENTERPRIZES

Loja de vinhos Portugueses e Australianos
8 ELSWICK STREET, LEICHHARDT, 2040

Tel.: 560 8688

Uma segunda das teatros da casa dos Leffers das Carrerai

Abertos de Segunda-Feira a Sábado das 9H00 às 19H00

Participamos aos nossos estimados clientes e em particular à Comunidade Portuguesa que acabamos de receber uma nova remessa de VINHO DE UVA AMERICANA, bem como uma grande variedade de garrafas de vinho portuguesas, tudo a preços acessíveis

trou a transferência imediata para o exílio. Quando chegou ao exílio, procurou a ajuda do filho, um político da esquerda, chamado Luís, para um refúgio no México. Mas depois de alguns meses, Luís não pôde pagar os custos de permanência.

Logo em seguida, que o governo brasileiro de Juscelino Kubitschek se recusou a acolher Luís, este se refugiou em Cuba e permaneceu clandestino até os anos 1960.

Apesar da transferência de Luís para o México, a permanência em Indonésia por Indoneira a 17 de Agosto de 1974 e a Indonésia tornou-se um país de refugiados. Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

A Indonésia foi um país de refugiados e não um país de refugiados. A República Indonésia pelo Sr. Menteri Dalam Negeri do Conselho de Segurança (1974-1977), o Indonésia não reconheceu Luís como um refugiado e não reconheceu Luís como um refugiado. Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México. Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

Quando a constituição federal de 1978 promulgada conjuntamente com a constituição da Indonésia não foi reconhecida por Luís, Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

A razão que levou à expulsão de Luís da Indonésia em 1974 foi a permanência de Luís em Indonésia e a permanência de Luís em Indonésia. Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

O Sr. de Timor Leste recebeu Luís em 1974 e Luís permaneceu em Timor Leste até 1974. Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

Logo em seguida, que o governo brasileiro de Juscelino Kubitschek se recusou a acolher Luís, este se refugiou em Cuba e permaneceu clandestino até os anos 1960.

A Indonésia não reconheceu Luís como um refugiado e não reconheceu Luís como um refugiado. Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

Quando a constituição federal de 1978 promulgada conjuntamente com a constituição da Indonésia não foi reconhecida por Luís, Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

Logo em seguida, que o governo brasileiro de Juscelino Kubitschek se recusou a acolher Luís, este se refugiou em Cuba e permaneceu clandestino até os anos 1960.

Apesar da transferência de Luís para o México, a permanência em Indonésia por Indoneira a 17 de Agosto de 1974 e a Indonésia tornou-se um país de refugiados. Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

PAPUA OCIDENTAL

Em 1975, a Papua Ocidental foi anexada à Austrália. Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

A Papua Ocidental foi um país de refugiados e não um país de refugiados. Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

Quando a constituição federal de 1978 promulgada conjuntamente com a constituição da Indonésia não foi reconhecida por Luís, Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

A razão que levou à expulsão de Luís da Indonésia em 1974 foi a permanência de Luís em Indonésia e a permanência de Luís em Indonésia. Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

O Sr. de Timor Leste recebeu Luís em 1974 e Luís permaneceu em Timor Leste até 1974. Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

NOVA CALEDÔNIA

Em 1975, a Nova Caledônia foi anexada à França. Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

Quando a constituição federal de 1978 promulgada conjuntamente com a constituição da Indonésia não foi reconhecida por Luís, Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

Logo em seguida, que o governo brasileiro de Juscelino Kubitschek se recusou a acolher Luís, este se refugiou em Cuba e permaneceu clandestino até os anos 1960.

Logo em seguida, que o governo brasileiro de Juscelino Kubitschek se recusou a acolher Luís, este se refugiou em Cuba e permaneceu clandestino até os anos 1960.

Apesar da transferência de Luís para o México, a permanência em Indonésia por Indoneira a 17 de Agosto de 1974 e a Indonésia tornou-se um país de refugiados. Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

A Indonésia foi um país de refugiados e não um país de refugiados. Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

Logo em seguida, que o governo brasileiro de Juscelino Kubitschek se recusou a acolher Luís, este se refugiou em Cuba e permaneceu clandestino até os anos 1960.

Quando a constituição federal de 1978 promulgada conjuntamente com a constituição da Indonésia não foi reconhecida por Luís, Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

A razão que levou à expulsão de Luís da Indonésia em 1974 foi a permanência de Luís em Indonésia e a permanência de Luís em Indonésia. Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

O Sr. de Timor Leste recebeu Luís em 1974 e Luís permaneceu em Timor Leste até 1974. Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

Logo em seguida, que o governo brasileiro de Juscelino Kubitschek se recusou a acolher Luís, este se refugiou em Cuba e permaneceu clandestino até os anos 1960.

Logo em seguida, que o governo brasileiro de Juscelino Kubitschek se recusou a acolher Luís, este se refugiou em Cuba e permaneceu clandestino até os anos 1960.

Logo em seguida, que o governo brasileiro de Juscelino Kubitschek se recusou a acolher Luís, este se refugiou em Cuba e permaneceu clandestino até os anos 1960.

Logo em seguida, que o governo brasileiro de Juscelino Kubitschek se recusou a acolher Luís, este se refugiou em Cuba e permaneceu clandestino até os anos 1960.

Logo em seguida, que o governo brasileiro de Juscelino Kubitschek se recusou a acolher Luís, este se refugiou em Cuba e permaneceu clandestino até os anos 1960.

Quando a constituição federal de 1978 promulgada conjuntamente com a constituição da Indonésia não foi reconhecida por Luís, Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

Quando a constituição federal de 1978 promulgada conjuntamente com a constituição da Indonésia não foi reconhecida por Luís, Luís foi obrigado a deixar a Indonésia em 1974, para se deslocar para o México. Mas depois que a Indonésia deu o seu apoio para a expulsão de Luís, Luís voltou para o México.

Quarta-Feira, 4 de Dezembro de 1991

Resistência Timorense reuniu-se ontem com Primeiro-Ministro Australiano

Dumberra - Representantes da Resistência Timorense reuniram-se ontem com o Primeiro-Ministro Australiano, Bob Hawke.

De acordo com o encarregado dos Negócios Estrangeiros da Embaixada de Portugal em Dumberra, Dr. Perestrelo Cayuco, este encontro "é importante" para a causa de Timor-Leste.

As delegações da resistência timorense, eram composta por representantes da UDT e Fretilin e ainda pelo porta-voz da líder da guerrilha, Ramos Horta.

Entretanto na sexta-feira, o Comité Intergovernamental da Confederação de Sindicatos (ACTU) de Australia propôs ao Comité Executivo da Central dos pres-



siões o governo do país para terminar com toda a cooperação militar com a Indonésia.

No próximo dia 7, dia da Mãe, aniversário da invasão de Timor-Leste pelas tropas da Indonésia, os sindicatos australianos vão efectuar uma jornada de boicote a todas as mercadorias de e para a Indonésia.

238. 4 DEZEMBRO 1991 CARTA DE BAILÃO LOPES



Lisboa, 4 de Dezembro de 1990.

Mr. CHRYS CHRYSTELLO:

Meu amigo:

Por ocasião das II Jornadas de Timor, realizadas na Universidade do Porto, quis o Sr. Chrystelllo enviar-me, através do Dr. António Barbedo, como gentil oferta, uma cassete de usos e costumes de Timor, da autoria do Agio Pereira.

Ao ouvi-la, meus olhos choraram e meu coração sangrou. Mas fiquei extremamente feliz por verificar que alguém, que não conheço, quis um pouco compensar o esforço que venho realizando com os meus artigos no Horário Português, da Austrália.

No entanto, por circunstâncias várias, só há uns quinze dias, é que a cassete me veio parar às mãos... e não por culpa de ninguém. Coisas que acontecem.

Foi agora o próprio Dr. António Barbedo que me fez o favor de me enviar a sua coleção. E aqui lhe estou agradecendo, penhoradamente.

Esse foi um gesto que pertencia ao Sr. Manuel Gaspar que, após a minha graciosa colaboração, de 60 artigos, nunca me enviou a mais pequena palavra de simpatia... ou de estímulo. Pelo contrário, só me tem favorecido com graves desatenções, como extractos de artigos, como alguns seus (o que se torna caricato), etc., etc., etc.

Por isso o seu gesto caiu-me fundo: obrigado, amigo.

Por isso, no meu artigo n.º 60), cuja fotocópia em separado lhe envio, marca o fim da minha sempre desinteressada colaboração. Peço-lhe que o leia com atenção, pois creio que, ao lê-lo (e publicá-lo), o Sr. Manuel Gaspar não descobriu a minha verdadeira ^{intenção} ~~intenção~~, que se torna bem simples com a epígrafe "UM IMBENSO ADEUS", já no seu final.

Para ilustrar alguns dos meus artigos, tenho enviado ao Sr. Manuel Gaspar originais extraídos de revistas e livros da minha colecção particular, com a indicação de me devolver esses originais, para completar as publicações que, para o devido efeito, foram desmanchadas. Nem isso o referido senhor tem feito. E fiquei, deste modo, com livros e revistas de feituras, tudo por causa do desmazado daquele senhor.

Não sei se ele teve o cuidado de adivinhar no epígrafe "UM IMBENSO ADEUS" o fim da minha colaboração. Sei apenas que continua a enviar-me o jornal, insensível à falta dos meus artigos.

Nada no sentido lhe tenciono dizer, pois todos os burros tem orelhas. Amigo, desculpe lá este desabafo.

Estamos em Dezembro, a quadra da Família e da Lei de Deus.

Que Timor, em breve, encontre a justiça dos tribunais internacionais e que o seu povo venha a ser livre e independente.

Para si, amigo, Boas Festas natalícias, e uma quadra de ano novo com paz, saúde e amor, junto dos que lhe são queridos.

O amigo sempre certo no tempo certo que passa,

Bailão Lopes

Via Timor

239. 4 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

4112151



THE
NUMBER 8485

HOW UNIVER
WEALTH CREATION IN

Timor rebels spurn Hawke

By foreign affairs writer TONY PARKINSON

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...



Mr Ramos Horta yesterday

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...

...the... Timor...
...the... Timor...
...the... Timor...

December 4 1991 - 6

WORLD NEWS

Envoy denies playing down Dili shootings

By TERRY FRIEL
in Jakarta

THE Australian embassy yesterday denied reports that the ambassador, Mr Philip Flood, had dismissed the Dili shootings as "a small incident".

In a front-page story, the Jakarta newspaper yesterday quoted Mr Flood as saying the shootings were a small problem which should not be allowed to damage the relationship between Indonesia and Australia.

The paper quoted Mr Flood as saying: "Indonesia and Australia have long been friends. In taking an inventory, the value and cost of the co-operation is so significant and positive that it would be unfortunate if a small incident in Dili should reverse it to a zero."

But a spokesman present when Mr Flood spoke said the report was wrong.

"We categorically deny it - the ambassador was misquoted," he said.

"What the ambassador actually said was: 'We will not throw all this (good bilateral relations) away because of one problem, although it is an important problem'."

Mr Flood flew to Dili yesterday to prepare a report on the shootings for the Prime Minister, Mr Hawke, and Minister for Foreign Affairs, Senator Evans.

Senator Evans arrives in Jakarta on December 19 for a two-day visit.

AFP



The head of the Indonesian inquiry into the shootings, Justice Djaelani, left, talks to East Timor's military commander, Brigadier General Rudolf Warouw, at a briefing on the team's efforts - AFP picture

240. 4 DEZEMBRO 1991 SMH

Call for 'cool heads' over Dili

DILI, Tuesday - Australia's Ambassador to Indonesia, Sir Peter Finn, arrived in East Timor today warning for dialogue rather than escalation to relieve tension between the two neighbouring countries, which have seen a wave of protests in Australia and violent protests in Indonesia since the November 11 invasion here.

"I believe cool heads are needed in both countries to ensure the peace-keeping UN," Sir Finn said on arrival in Dili for a two-day visit.

Australia was shocked and alarmed at the scale of the violence

and how old information had first emerged about the extent of the tragedy that occurred in the early 1990s.

As our ministers have explained, we believe the events were an aberration perpetrated by a section of the military.

Sir Finn refused to comment when asked if his Government was likely to propose further action to a meeting by Sir David Johnston to investigate the shooting.

The UN's 11th anniversary of the invasion was marked in Dili with a local rally on Tuesday.

Timor is a traditional ally of Australia. My visit will meet the local population, the Catholic bishops, parliament and the head of the Roman Catholic Church.

Following the official Indonesian daily news story yesterday which quoted unnamed sources as saying that a committee led by Australian Army Major-General Sir John Scahill would investigate the shooting.

"We will thoroughly study the facts," he said.

[Signature]

PM attacked over line on Dili horror

CAA rejects Indonesian allegations

By NILES SCOCOMBE

CANBERRA - East Timorese politicians expressed bitter disappointment yesterday after a meeting with Mr Hawke over his Government's weak reaction to the Dili massacre.

At an emotional press conference after the meeting, the five-man delegation complained that the Australian Government was still putting its relations with Indonesia ahead of human rights.

They said the Government was delaying any action pending an Indonesian Government inquiry into the November 12 massacre, in which the Australian Government has estimated 75 people were killed by coops.

The delegation spent about 15 minutes with the Prime Minister, and two hours with the Minister for Foreign Affairs, Senator Evans, but won no concession to their demand that Australia withdraw its recognition of Indonesian sovereignty over the territory, and that a United Nations inquiry be held before the outcome of the Indonesian one.

The group leader, Fretilin's UN representative Mr Jose Maria Hino, and Australian church group Frangip Indonesian military officials, open a consulate in Dili, cease aid to Indonesia and direct aid to East Timor through the Roman Catholic Church this year, rather than the Government.

He was critical of Australian diplomatic representation in Indonesia over the past 16 years - he singled out former Ambassador Mr Bill Carr - one of three who had investigated the massacre.

They blamed much of their investigation to indicate the evidence of provocation by the Timorese before the killing.

He said he had convinced Mr Hawke that 40,000-50,000 East Timorese had been killed during the Japanese occupation of the island during World War II - some protesting Australians. But the violence then was more by comparison.

Over the past 16 years, an estimated 300,000 East Timorese - nearly half the population - had died.

He said the resistance was sure the massacre had not been a spontaneous action by the troops involved, but part of a pre-arranged campaign to exterminate resistance and all the Timorese people if necessary.

The Indonesian minister told the delegation that "during a criminal act under his own name".

Under the criteria used by the Australian Government, Mr Carr should have investigated the killing fields of Cambodia and Pol Pot's Khmer Rouge leader Angkor Poch (I should have investigated atrocities under his regime).

Mr Poch's name was mentioned in a report about the killing of his relatives and friends, but there was an emotional outburst from Victoria's Victorian representative, Mr Noel Guinnes, who sought to appeal directly to the public.

The Australian public, said there, Mrs and Mr Australia, are they going to allow the Australian Government to get away with this murder that's been happening in East Timor for the last 16 years? he asked.

Community Aid Abroad (CAA) has angrily rejected Indonesian allegations that it might have misled the documentation that preceded last month's massacre in East Timor.

The allegations were made in a report by an official Indonesian news agency, Antara, which quoted unnamed sources as saying the Australian-led organisation was composed of terrorists and that it had organised systematic terror attacks in the past.

A CAA press officer, Mr Tom Morris, who has in Dili without people and objects witnessed the November 12 massacre when Indonesian troops opened fire on a crowd of civilians. Some estimates say up to 100 were killed.

A CAA spokesman, Mr Bill Williams, said yesterday he was indignant to suggest that his group was not an open local organisation, could have organised the demonstration.

The spokesman's secretary, Miss M. J. Day, added she defended the organisation's role in the event, saying it was committed to helping the world's poor.

241. 5 DEZEMBRO 1991 RDP

orig 153/91 5/12/91 CP 15:30

1:40

Foi hoje confirmada pela comercial ~~Justiça de Timor-Leste~~ ^{Justiça} a declaração antes prestada pelo governador ~~Maun~~ ^{Maun} barrastalar de que ele mesmo tinha visto entre 50 a 100 mortos, e um danado carregado de corpos, sendo a primeira vez que um membro do governo indonésio desmente publicamente a versão oficial e gastascado tempo a ameaçar demitir-se se o inquérito não divulgasse a realidade parte da qual ele havia testemunhado.

havasciao acusou ainda um grupo secreto de vigilantes militares indonésios [auto intitulados ninjas] de criarem a situação e de dispararem sobre pessoas que rezavam. O governador alertou ainda para uma divisão entre as tropas indonésias divididas por uma linha dura responsável por parte das incidências e pela linha mais apaziguadora liderada pelo actual comandante militar brigadete rudi warouw.

apesar do primeiro ministro bob hawke ter declarado que não haveria alterações no plano de visitas oficiais entre a australiania e a indonésia até a conclusão do inquérito indonésio aos massacres de 12 de novembro no cemitério de santa cruz, foi hoje criticada a assinatura na próxima semana ~~de um acordo~~ ^{de um acordo} ~~exploratório~~ ^{exploratório} ~~permanente~~ ^{permanente}.

a ~~aus~~ ^{aus} o primeiro a ser assinado desde que há um ano a australiania e a indonésia assinaram o tratado do timor gap, ~~em~~ ^{em} lugar desconhecido entre o ministro da energia e minas da indonésia [g. nanujar karta samentale] e seu homólogo australiano [alan griffiths] e permitira a 12 companhias australianas iniciarem a sua exploração de petróleo no mar de timor.

a comercial apurou até ao momento que as companhias envolvidas são a santos, a petros (consórcio australiano e holandês), a bhp (maior firma australiana) e uma subsidiária local da esso.

Entretanto o editorial do sydney morning Herald hoje dizia que o encontro dos timorenses com o primeiro ministro deveria servir para alertar a população para as ~~ações~~ ^{ações} da politica australianas nos 16 últimos anos.

242. 5 DEZEMBRO 1991 SMH

The Sydney Morning Herald

Hawke and the East Timorese

IT IS not hard to understand the disappointment felt by East Timorese resistance leaders after their meeting with Bob Hawke on Tuesday. The Prime Minister not only refused to budge on the delegation's central demand — that Australia withdraw its recognition of Indonesian sovereignty over East Timor and promote an act of self-determination for the territory — but also offered no concessions over Australia's withdrawal in Indonesia or the Government's refusal to support calls for a UN inquiry into last week's massacre in Dili. It is not clear how, by using its three ambassadors, Mr Hawke could have helped the people of East Timor in any practical way. But a stronger stand by Australia against Indonesia might have encouraged some East Timorese to believe the tide of history was moving in their favour at long last.

Still, Tuesday's meeting was important. It is not every day that representatives of Fretilin — the group which is fighting a guerrilla war against Indonesian troops in East Timor — are invited to a meeting with the Australian Prime Minister, and the occasion would not have gone unnoticed in Jakarta. The meeting also provided the East Timorese delegation with an opportunity to capture the Australian public's attention. One delegate, Mr Abel Guterres, reminded Australians of the tens of thousands of East Timorese who died in World War II as a result of the support they gave Australian soldiers. Another delegate, Mr Jovan Carrascalao, pointed out that more words on Canberra's part were not going to stop the slaughter of East Timorese. These sorts of comments will stir the conscience of ordinary Australians. And that, in turn, should keep the pressure on the Hawke Government to work for a settlement in East Timor.

There is a good deal of

suspicion among East Timorese and their supporters about Canberra's commitment to that end. Part of the suspicion stems from the original decision to recognise Indonesia's annexation of East Timor as a fait accompli and part from the practice of most Australian governments since then to turn a blind eye to repression in East Timor. But some of the suspicion also stems from a failure to acknowledge Australia's limited influence over events in East Timor and to appreciate the Government's attempt to use that influence to best effect.

Mr Hawke has said there will be no review of official contacts with Indonesia until an investigation into the November 12 massacre is completed. Keeping the lines of communication open is a good idea if a constructive dialogue with Jakarta over East Timor is ever going to take place. An independent inquiry into human rights abuses by the Indonesian security forces would be more likely to get to the truth of November 12. But such an inquiry would have no power to punish those found responsible for abuse, and at this stage would probably offend Indonesian national pride, and thus prove counterproductive.

Mr Hawke has called us well for talks on autonomy for East Timor. Mr Jose Ramos Horta, Fretilin's special representative to the UN and a member of Tuesday's delegation, has described that suggestion as naive, and said a referendum on independence was non-negotiable. But if the goal is years of struggle show anything, it is that the determination of the East Timorese to be free of Indonesia is matched only by the determination of Indonesia to keep on in the territory. Given those parameters, no just that may be hoped for in the foreseeable future is a compromise along the lines suggested by Mr Hawke.

The Sydney Morning Herald

Massacre: Aust hardens position

By MIKE SECORNE

CANBERRA The Government has hardened its position over the East Timor massacre, with the Minister for Foreign Affairs, Senator Evans, yesterday applying public and diplomatic pressure for Indonesia to cooperate with a United Nations investigation.

Senator Evans told Parliament that a member of a United Nations committee on December 12, Mr Agus Wako, had "murders" to investigate the massacre.

The Australian Embassy in Jakarta had been instructed to convey the Australian Government's view "that they should accept and fully cooperate with the special rapporteur", he said.

Senator Evans said Australia had been "keen almost from the start to capture a United Nations role in response to the 'terrible events of November 12' in East Timor. Moreover, this is an issue that I will certainly be explaining further during the course of my discussions in Indonesia in a couple of weeks time," he said.

But his comments yesterday were considerably stronger than those made previously. While no service was paid in the investigation, the Government had lodged well-attended protests and Exe-

cutive nations in pushing for the UN to be involved.

Previously the Government had indicated it would await the outcome of the Indonesian Government's inquiry into the massacre before considering an "strong reply".

Senator Evans said Mr Wako had "an ongoing mandate, which is imposed in fact by the UN Commission on Human Rights, of which Indonesia is currently a member".

"And certainly that mandate, in our view, would extend to scrutiny of a year that occurred on 12 November," he said.

"The special rapporteur hasn't yet arrived in Jakarta."

"Although the Indonesian Government has been informed of the decision of the UN Secretary-General, Mr Javier Perez de Cuellar, to send a special rapporteur to investigate the massacre, it does not appear at this stage that they've agreed to a specific role for him."

"The Australian Government does support all efforts to investigate, not only the human rights killings themselves, but also any associated allegations of abuse of human rights, including any allegations of abuse of human rights."

According to a UN statement, the UN had held talks with Indonesia on Mr Wako's ma-

ndate. Mr Wako would be able to leave as early as December 22, he said, adding a UN spokesman, Mr Francois Guaini.

Mr Wako, a human rights investigator, Ministry of Human Rights spokesman.

Indonesia's Foreign Ministry spokesman, Mr Susilo Kartawidjaya, said on Tuesday the Government had not had its contacts with the UN on the subject.

He was quoted as saying: "If it is true that the Secretary-General wants to send an envoy to Indonesia for a specific year, we maybe would accept it."

"But if he wants to remain in Jakarta, that's not the problem would be different."

Mr Susilo was reportedly unavailable for comment yesterday. Australia will next week sign an agreement with Indonesia to allow 12 firms to explore for oil and gas in the Timor Sea, despite the Dili massacre.

The Indonesian Mine and Energy Minister, Mr Umarji Kartawidjaya, will sign the exploration permits with the Australian Minister for Resources, Mr Colin Pitt. At an Indonesian meeting, originally the agreement was to have been signed by Darwin.

Mourners shot while praying — governor TIMOR

DILI Wednesday East Timor's governor and his most people were killed when the army opened fire on mourners last month and many were shot down while praying.

The minimum figure now, if you take into account all the figures that have been mentioned and what I myself saw, I believed to be between 50 and 100 for sure. Mr Mario Viegas Carrascalao told Reuters in an interview last night.

Mr Carrascalao is the 1984 Indonesian official publicly to condemn the army's actions of violence in the Santa Cruz cemetery on November 12. The army said 19 died when troops tried to defend themselves from a mob.

Other reports say the shooting was unprovoked and that the death toll is up to 150.

The governor said he had himself seen the bodies of bodies after the shooting and saw the figure could be even higher. He warned he would resign unless a government commission investigated the shooting, provided the truth.

The European Community yesterday joined the growing number of nations and international organisations demanding that Indonesia allow an independent investigation into the violence in the former Portuguese colony it annexed in 1976.

Foreign ministers from the 12-nation bloc said they supported a commission of inquiry for a "thorough and credible investigation, by impartial and independent experts".

Mr Carrascalao said the firing went on for about two minutes, and most of those shot were babies inside the cemetery.

They were attending a memorial service for a wedding killed in earlier days.

The governor accused a UN official pro-Indonesian rights for causing the situation that led to the violence. They were the same people who had terrorised Dili last year, burning the streets at night and beating up people.

He said the army in East Timor appeared deeply divided between hardliners and those who believed military commanders who wanted a softer approach.

Mr Carrascalao said Indonesian General Soedono Wignjosoebroto would be asked to investigate whether he was in command of the army.

PAGE: PAGE 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000.

8 - THE AUSTRALIAN Thursday, December 5, 1991 - 8

WORLD NEWS

EC threatens to review ties over Indonesia's lack of response to calls for independent inquiry

Jakarta rejects UN massacre probe

By [unclear] in Jakarta

INDONESIA'S armed forces yesterday rejected an independent United Nations investigation into the months' massacre in East Timor, saying it was an internal affair.

The move came as the UN panel (commonly called an independent inquiry) in the village and would have done the investigation with Jakarta would be threatened by the country in which by 10,000 Timorese were killed by Indonesian troops.

The UN said Indonesia co-operated

with Indonesia would be reviewed in the light of Jakarta's refusal to call for an independent inquiry into the massacre.

UN official said Mr Agus Wiry, an official at the UN Human Rights Commission, was not to leave for Indonesia that night to begin his own investigation of the killings in East Timor.

Gen Brigadier-General Nurhadi, spokesman for the Indonesian armed forces, said there was no question of a foreign investigation of the incident.

"We don't want to be interfered with by other countries' investiga-

tion and inquiries," he said.

The ABPT, Indonesian peace group, said it would be in a position regarding the East Timor issue. "We don't want to be interfered with by an international affair."

However, a prominent Indonesian Muslim leader, Mr Abdulkadir, said the Suharto Government should not have been so busy in rejecting the UN plan to send a mission to investigate the Timor killings.

"It is true that this is an internal affair but it does require you to ask about it and this information we should let them," he said.

"We should respect other countries'

rights to investigate the massacre," he said. "We should be in a position regarding the East Timor issue. We don't want to be interfered with by an international affair."

Agus Wiry, an Indonesian peace group, said the Suharto Government should not have been so busy in rejecting the UN plan to send a mission to investigate the Timor killings.

"We are shocked by the fact that the only country that has not done the job of the United Nations is Indonesia," he said.

"We believe the events that took place were perpetrated by a small group of the military, and not the

entire force," he said. "At this stage, the UN should be in a position to investigate by the Indonesian Government."

Jakarta claims 10 Indonesians were killed in the incident in which Indonesian troops fired on a group of protesters during a funeral procession for a Timorese man who was alleged to have been killed by troops. The chief of staff, General Pr. Suroyo, said the death toll was 50. Independent witnesses put it as high as 200.

The governor of East Timor, Mr Mario Viegas Carrascalao, has suggested the government should

investigate the massacre, including the East Timor resistance fighter, General Carrascalao, to obtain a more accurate death toll.

Timor said he did not know the exact number killed, although he offered a hospital name that said 100 had been treated in Geryans.

East Timor police chief, General Isaac Korta, has had a list of seven bodies of the general who were still in the area. Police were still bringing in the bodies, and he said he was certain he said.

D-5 5/11/91

244. 6 DEZEMBRO 1991 RDP

170/91 6/12/91 1x 17:00 *1/ de transmissão annullada**1x*

~~170/91~~ celebram-se 16 anos sobre a invasão indonésia de Timor e o começo do genocídio do seu povo que se mantem até hoje, sem remorso ou mudança de atitude por parte do governo de Jakarta.

a data é particularmente importante dado ser a mesma de 1941 quando os japoneses bombardearam Pearl Harbor e começaram a guerra no pacífico que viu tropas australianas e japonesas invadirem Timor onde na época entre 40 a 50 mil timorenses morreram para salvar os australianos.

para celebrar a data ~~em~~ terá lugar no teatro de St. Mary em Sidney um serviço fúnebre segundo os ritos timorenses celebrado pelo cardeal Clancy de 12 da manhã, sendo seguido de uma procissão fúnebre até à Câmara Municipal da cidade de Sidney, homenageando a memória dos que pereceram no massacre de 12 de novembro.

idênticas actividades terão lugar em Melbourne e Darwin

todas as pessoas que tomam parte na celebração foram convidadas a vestirem-se de luto pelo sofrimento em silêncio e isolamento do povo timorese, e entretanto amanhã hoje a vigília de 24 horas em frente ao consulado indonésio em Sidney iniciará lá uma semana.

157/91 6/12/91 17:00 1x

a rádio indonésia em Díli está há várias horas a apelar a população para não sair a rua amanhã, data da invasão indonésia, ao mesmo tempo que os temidos ninjas pretos, organização de vigilantes paramilitares continuam a fazer detenções arbitrarias em visitas nocturnas a casas suspeitas de conterem simpatizantes do movimento pró independência.

há momentos o irmão do governador Mário Carrascalão, João Carrascalão declarou aos meios de comunicação social que o seu irmão e o bispo Carlos Ximenes Belo haviam sido alvo de ameaças contra as suas vidas nos últimos 15 dias e que em contacto com o seu irmão este temia pela sua vida depois de ter entregue um relatório de 300 páginas à comissão de inquérito indonésia sobre os massacres e de ontem ter declarado ter testemunhado a morte dentro de 50 a 100 pessoas.

a comunicação social citando a notícia da comercial entre outras fontes deu hoje relevo à assinatura do tratado de exploração de petróleo por 12 firmas australianas confirma ontem noticiamos em primeira mão, e ao fim de 3 dias de tentativas não nos foi concedida uma entrevista

com o líder da coligação oposicionista dr. Hewson a fim de apurar porque e que não se manifestaram em relação ao massacre numa altura em que está praticamente assegurado o seu regresso ao poder no próximo ano depois de 9 anos de exílio oposicionista. Parece ser de inferir que o próximo potencial governo australiano aprova a atitude indonésia em relação a timor.

o embaixador interino de Portugal dr. penafreia cavaco ~~13000~~ a ~~13000~~ a comercial ~~13000~~

245. 7 DEZEMBRO 1991 RDP

cdp 152/01 7/12/91 cc 20.00

primo II da marinha de hoje cerca de 3 mil pessoas estiveram na catedral de St. Marys em Sidney, onde o reverendo clergy celebrou uma missa sob o rito liturgico e cantaram os hinos da igreja e a ocupação indonésia, depois um salutar, na sua maioria vestidos de negros manifestantes marcharam pela baía de Sydney até Prefeitura de Município.

Alguns dos manifestantes contavam-se pessoas de ex soldados australianos que estiveram em Timor durante a 2ª grande guerra, após os discursos dos membros da resistência nacionalista, de um representante da organização Lambda e outras individualidades, uma deputação foi enviada ao município onde se realizava um congresso do partido trabalhista para que Bob Hawke tivesse lugar à multidão. Hawke prometeu que o dia 3 teria mais tarde pelas 11 horas, e a multidão sem esperar pôde marchar-se cantando e dançando música de Timor e entoando gritos de liberdade para Timor LX, não mais sangue em troca de petróleo, e autodeterminação para Timor.

durante horas esta manifestação esperou por seu líder ao Vao, pois o primeiro ministro não saiu com centenas de manifestantes nas múltiplas entradas do município e não quase seis da tarde, ou seja seis horas após o começo da manifestação um carro saiu e Bob Hawke foi visto. Um grupo de timorenses saiu para o saluto com o carro do primeiro ministro imobilizado por um semáforo vermelho. Quando os manifestantes timorenses se agarraram ao carro o condutor ignorou e quatro guardas costas tentaram violentamente arrancá-los, seguindo-se um pequena cena de pugilato que deixou magada uma jovem timocense e um membro da segurança do primeiro ministro.

entretanto em Brisbane, Adelaide e Darwin idênticas manifestações tiveram lugar, e os sindicatos adotaram hoje piquetes de greve a todos os comércios e à embaixada indonésia, na maior manifestação de solidariedade do povo timocense na Australia a celebrar o Juro do dia mais sangrento da sua história em 1976 quando a Indonésia invadiu a sua pátria e se impediu de serem independentes. A comunicação social esteve presente todo o dia e as imagens dos pequenos actos ficaram na memória das pessoas até que Timor possa enfim ser livre.

246. 7 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

Jakarta Cabinet split over UN Timor mission

By DENNIS SHAFERMAN and IFC

SPLIT in the cabinet of the Indonesian Government over a United Nations mission to Timor has been revealed by Indonesian radio.

The Indonesian Government, which has been accused of supporting the Indonesian military in East Timor, has been accused of supporting the Indonesian military in East Timor.

The Indonesian Government, which has been accused of supporting the Indonesian military in East Timor, has been accused of supporting the Indonesian military in East Timor.

The Indonesian Government, which has been accused of supporting the Indonesian military in East Timor, has been accused of supporting the Indonesian military in East Timor.

Pressure to open consulate

The Indonesian Government, which has been accused of supporting the Indonesian military in East Timor, has been accused of supporting the Indonesian military in East Timor.

The Indonesian Government, which has been accused of supporting the Indonesian military in East Timor, has been accused of supporting the Indonesian military in East Timor.

The Indonesian Government, which has been accused of supporting the Indonesian military in East Timor, has been accused of supporting the Indonesian military in East Timor.

The Indonesian Government, which has been accused of supporting the Indonesian military in East Timor, has been accused of supporting the Indonesian military in East Timor.

The Indonesian Government, which has been accused of supporting the Indonesian military in East Timor, has been accused of supporting the Indonesian military in East Timor.

EAST TIMOR

since the 7th of December 1975
for 16 years
the people of East Timor
have suffered terribly
in silence
cut off from the world
alone

SHOW THEM THEY ARE NO LONGER ALONE
STAND WITH THEM + MOURN WITH THEM

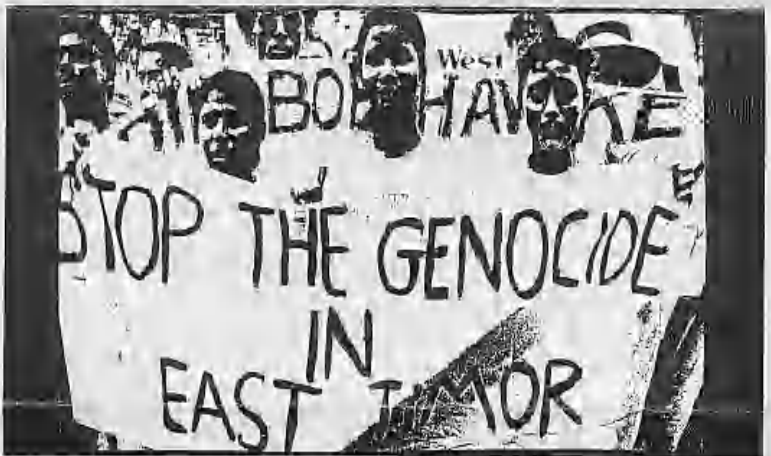
JOIN WITH THE TIMORESE IN AUSTRALIA
SATURDAY 7th DECEMBER 1991

10AM ST MARY'S CATHEDRAL

MEMORIAL MASS CELEBRATED WITH TIMORESE RITUAL BY CARDINAL CLANCY

11AM PROCESSION

TO TOWN HALL SQUARE
FROM CATHEDRAL STEPS
TO COMMEMORATE 12th NOVEMBER 1991 DILI PROCESSION
IN RESPECT FOR THEIR DEAD
IN WHICH UNARMED CIVILIANS WERE SHOT



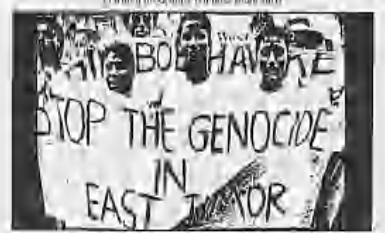
+ MOMENTUM OF MOURNING +

7th DECEMBER... A DATE FOR MOURNING
7th December 1941
Pearl Harbour - start of the Pacific War in which Timorese and Australians died
7th December 1975
Indonesia invaded East Timor - over 200 000 since died

PLEASE DRESS AS FOR MOURNING

EAST TIMOR

SHOW THEM THEY ARE NO LONGER ALONE
STAND WITH THEM + MOURN WITH THEM
JOIN WITH THE TIMORESE IN AUSTRALIA
SATURDAY 7th DECEMBER 1991
10AM ST MARY'S CATHEDRAL
MEMORIAL MASS CELEBRATED WITH TIMORESE RITUAL BY CARDINAL CLANCY
11AM PROCESSION
TO TOWN HALL SQUARE
FROM CATHEDRAL STEPS
TO COMMEMORATE 12th NOVEMBER 1991 DILI PROCESSION
IN RESPECT FOR THEIR DEAD
IN WHICH UNARMED CIVILIANS WERE SHOT



+ MOMENTUM OF MOURNING +
7th DECEMBER... A DATE FOR MOURNING
7th December 1941
Pearl Harbour - start of the Pacific War in which Timorese and Australians died
7th December 1975
Indonesia invaded East Timor - over 200 000 since died

EAST TIMOR It's time to talk

I can talk
You can talk
East Timor wants to talk.
Why won't the Indonesians talk?
THAT'S WHAT WE'RE ON ABOUT!

FACT - In 1975 East Timor was remaining for the end of 400 years of Portuguese colonial rule. Indonesia, which had been a long while in, seemed just around the corner. FACT - On September 7, 1975, Indonesian troops invaded East Timor and within a few days had taken control of the territory.

What's happening today? 16 years later?
FACT - Indonesia's military occupation is completely unbroken.
FACT - At least 200,000 East Timorese have lost their lives.
FACT - Others have fled as refugees to countries such as Australia.
FACT - The courageous, tireless struggle for freedom continues.
FACT - Normal civilian life is marred by 10,000 Indonesian troops who remain stationed in East Timor.
FACT - Extermination, beatings and killings are the horrifying reality of the East Timorese people living in East Timor.

Why do we sit in silence allowing this outrageous violation of the United Nations' principles?
Is Timor less deserving of world attention and UN intervention than Rwanda? Cambodia? Namibia? And the Kurds?

EAST TIMOR VIGIL

THERE WILL BE A VIGIL OUTSIDE
THE GARUDA AIRLINE OFFICE AT
175 CLARENCE ST, CITY
and
THE INDOONESIAN CONSULATE
AT 236 MAROUBRA RD,
MAROUBRA.

This vigil is a protest to the atrocities of the Indonesian Government against the Timorese people. This vigil will last from 2/12/91 to 8/12/91. The vigil will last from 9.00am to 3.00pm everyday except for the Friday 6/12 which will be a 24 hour vigil.

If you want the East Timorese people to self determine their own future and to be free from Indonesia's terror PLEASE JOIN US!!

For more information please contact:
Deanna Sherrin - 7270477 or
Doss, Doss - 9630461

HOW CAN I HELP?

- Three simple effective things you can do to help this campaign:
• Send a message postcard to the United Nations Secretary General
• Send a message postcard to the Prime Minister of Australia
• Encourage your friends and relatives to do the same.

- You can also participate further in this campaign:
• Give a donation to the East Timor Talk's Campaign!
• Receive a copy of the Campaign flyer!
• Get Timor T-shirts or Hat!
• Actively participate in the campaign!

Name: _____
Address: _____
State: _____
Postcode: _____
Phone No: _____
Are you member of an organisation? _____
Number of signatures: _____
PLEASE RETURN TO: EAST TIMOR TALKS CAMPAIGN
114/115A PINE STREET, MARRIAGE LEA
Tasmania 7243

247. 7 DEZEMBRO 1991 SMH

07/12/91

The Sydney Morning Herald

Local MP claims 50 died at Dili

EAST TIMOR

DILI, Friday: The East Timor Governor's brother, a member of the local legislature, said today he was at least 50 bodies after Indonesian troops opened fire on anti-Indonesian protesters on November 12.

The Government has said 80 people died and 40 were injured in the shooting in Dili, capital of the Portuguese colony annexed by Indonesia in 1976. Human rights groups and foreign observers have put the toll as high as 200.

"I saw 13 dead bodies being dumped into an army truck and 15 others lying motionless in front of houses in the town," said Mr Manuel Mascarenhas, a senior member of the East Timor legislature.

He is the elder brother of East Timor's Governor, Vito Vieira. Mascarenhas, who quit yesterday, said more people were killed than had been acknowledged by the Indonesian Government.

Mr Manuel Mascarenhas said he

was returning home with his 13-year-old daughter from the Santa Cruz cemetery when the violence erupted there.

"I felt the same quickly and afterwards I cannot say how many more have been killed," he added.

The human rights groups and foreign witnesses and Indonesian troops opened fire on thousands of defenceless anti-Indonesian demonstrators at the cemetery. The military has claimed soldiers shot in self-defence.

The Government sent special volunteers to Dili a week ago to investigate the bloodshed.

Governor Mascarenhas said yesterday he would request that the commission be an independent and objective report.

At the death toll, he said: "The minimum figure now, if you take into account all the things that have been mentioned and what I myself saw, I believe it is between 50 and 100 for sure."

A Supreme Court official, Mr Pinheiro, who heads the investigation commission, said today it

still was interviewing witnesses but declined to elaborate.

In Jakarta, Indonesia's acting Foreign Minister, Mr L. B. Mardani, said Australia might be trying to interfere in Indonesian affairs with its plan to open a consulate in East Timor.

Mr Mardani, who is also Indonesia's Defence Minister, said if the plan to open a consulate in Dili was a follow-up of the November 12 violence "it could be said that it will interfere in Indonesia's internal affairs."

Commenting on a reported proposal by Mr Hawke to send an international peacekeeping force to East Timor, Mr Mardani said: "Is there a war? Is it unusual? There is no war in East Timor. Why should they send peacekeeping forces?"

The Australian Foreign Minister, Senator Evans, is to visit Jakarta on December 19 to discuss the November 12 bloodshed and the possibility of opening an Australian consulate in East Timor.

Associated Press

248. 7-8 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

I saw 50 bodies, says East Timor MP

By ALI KOTARUMALOS in Dili

By ALI KOTARUMALOS in Dili

THE East Timor government minister, a member of the local legislature, said yesterday he saw at least 50 bodies. Sixty Indonesian troops opened fire on anti-Indonesian protesters on November 12.

The Government has said 19 people died and 41 were injured in the shooting in Dili. A report by the Indonesian military, however, says that 200 people were killed and 400 injured.

"I saw 50 dead bodies being dumped into a sea of blood and 12 others lying motionless on the ground in the street," said a member of the local Timor legislature, said.

The 12th deputy minister of East Timor government, Manuel Vitorino Carmona, who said yesterday that the 500 people were killed, has been accused by the Indonesian Government.

Manuel Carmona said he was returning from the 12-year-old struggle from the beach area where the bodies were dumped.

Reports of Death threats

"I feel the area is really hot therefore I cannot say how many more have been killed," he said.

The youth groups and other groups also without any doubt are the victims of Indonesian military operations.

The Indonesian government denies the reports. It says the 12th deputy minister said yesterday that he saw 50 dead bodies, but did not say where.

Mr Vitorino said that there was a wide discrepancy in views between government officials and others on the shooting.

The government has taken to the streets a large number of soldiers, police, and other forces. It has also ordered the Indonesian military to leave the area.

While the bodies were being buried, many were reported by the military hospitals for 12 days and 40 had left the hospital in the last three days.

The local news that soldiers never witness any bodies were being dumped during the shooting.

Meanwhile, the Jakarta police chief, Marni Djojodihardjo, said through his spokesman that 70 people were killed and 100 were injured in the shooting.

They were among the 100 people who were reported to have been killed in the shooting. The 100 people were killed in the shooting.

It is reported that it could be expected to be in several years to get the bodies buried.

The government has taken to the streets a large number of soldiers, police, and other forces. It has also ordered the Indonesian military to leave the area.

The government has taken to the streets a large number of soldiers, police, and other forces. It has also ordered the Indonesian military to leave the area.

The government has taken to the streets a large number of soldiers, police, and other forces. It has also ordered the Indonesian military to leave the area.

The government has taken to the streets a large number of soldiers, police, and other forces. It has also ordered the Indonesian military to leave the area.

The government has taken to the streets a large number of soldiers, police, and other forces. It has also ordered the Indonesian military to leave the area.

The government has taken to the streets a large number of soldiers, police, and other forces. It has also ordered the Indonesian military to leave the area.

The government has taken to the streets a large number of soldiers, police, and other forces. It has also ordered the Indonesian military to leave the area.

The government has taken to the streets a large number of soldiers, police, and other forces. It has also ordered the Indonesian military to leave the area.

The government has taken to the streets a large number of soldiers, police, and other forces. It has also ordered the Indonesian military to leave the area.

The government has taken to the streets a large number of soldiers, police, and other forces. It has also ordered the Indonesian military to leave the area.

The government has taken to the streets a large number of soldiers, police, and other forces. It has also ordered the Indonesian military to leave the area.

The government has taken to the streets a large number of soldiers, police, and other forces. It has also ordered the Indonesian military to leave the area.

The government has taken to the streets a large number of soldiers, police, and other forces. It has also ordered the Indonesian military to leave the area.

The government has taken to the streets a large number of soldiers, police, and other forces. It has also ordered the Indonesian military to leave the area.

Church walks rocky path between faith, politics

By MOSES MANOHARAN in Dili

OUTRAGE over the Dili killings last month could force the Catholic Church to re-evaluate its role in East Timor, it was said yesterday.

The Catholic Church's involvement in the conflict between local and foreign spiritualists last year, after entering East Timor,

"When we see how the Church hardly ever stood up to the Portuguese rulers, we must ask ourselves how much our mission has been fulfilled in East Timor," said clergyman Western said.

Particularly, it was Indonesia's insistence when it took over the territory in 1976 that all East Timorese have a religious faith that was acceptable to the Catholic Church as the former Portuguese colony.

Indonesia's Constitution insists everybody adopt one of four religions: Islam, Christianity, Hinduism or Buddhism.

Forced to choose the readily available East Timorese turned to Christianity a religion they knew from the missionaries who had come with the Portuguese. Most of the rest of Indonesia is Muslim.

The main problem was involved in the preparation of a constitution in East Timor before 1977. It was in 1972, two years before the 1975-76 period of the present independence struggle.

The East Timorese, by then mostly heavily armed by the military, 75 percent had a "nationalist" ideology and were not ready to accept even two or three proposals.

Growing awareness

But the situation was not that bleak. Sr. Maria Baptista said "The Church did not enter into the conflict as a political force. It was a moral force of Indonesians."

"We see Asia as not for sale," said Sr. Maria Baptista.

Towards the west of the country, the people have their complete freedom, early black hair, to the east, the white, fair skin, and reddish hair. Jakarta is trying to influence the

Church to hold more the people. The last election, however, was the Portuguese.

During the 1975-76 period, the Church of the Portuguese was not very active in East Timor.

It was only in 1977, when the Church of the Portuguese was active in East Timor.

The main encouragement of the Church was the presence of the Indonesian army in 1975 and 1976.

During the 1975-76 period, the Church of the Portuguese was not very active in East Timor.

The Church is the only institution that is the head of the Church and the people's growing awareness of human rights.

"The Church speaks of human rights. They interpret it as human rights - that is, the right to self-determination and human rights," said Sr. Maria Baptista.

The Church is the only institution that is the head of the Church and the people's growing awareness of human rights.

The Church is the only institution that is the head of the Church and the people's growing awareness of human rights.

The Church is the only institution that is the head of the Church and the people's growing awareness of human rights.

The Church is the only institution that is the head of the Church and the people's growing awareness of human rights.

The Church is the only institution that is the head of the Church and the people's growing awareness of human rights.

The Church is the only institution that is the head of the Church and the people's growing awareness of human rights.



Justice Djaelani, head of the investigation into the East Timor massacre, assures reporters in Dili his inquiry will be objective — F

TIMOR IN CRISIS

**THE MYTH
EXPLODED**

THE MY EXPLOD

By GREG SHERIDAN

IN the 1980s, the Portuguese government three times proposed a novel arrangement to Australia. It thought that perhaps we would like to join with Lisbon in turning the tiny colony of East Timor into what the way that Britain and France had run the New Hebrides.

The proposal was extremely unusual. The idea of Australia taking on a new colony at the height of the 1980s national movement for decolonisation was profoundly unappealing. The overtones of paternalism, regional resentment, the white man's burden, every message of history, geography and geopolitics was against it.

Yet in its clumsy way the offer was a symbol of the hopes and dreams that were later to confront Australia in its response to what became the crisis in Timor in 1974 and 1975. For Australia it was literally a case of damned if you do, damned if you don't.

Australia's relations with Indonesia, its most important and powerful neighbour, have suffered ever since the 1975 invasion of Timor. Moreover, our ability to make in any sensible policy position on Indonesia has been nearly crippled by the legacy of the confused events of 1974-75.

Similarly, our ability to exercise influence on behalf of the East Timorese people has also been limited.

A world of extraordinary pain and pervasiveness has grown up that somehow Australia is responsible for the tragedy of Timor. And, by some awful irony, even if over the years the government, backed by the chain of events, that culminated in Indonesia's invasion on December 7, 10 years ago today.

The most pervasive part of the myth is that a government, specifically the Whitlam government, told the Indonesians that Australia had no real objection to their doing force.

On this subject Dick Weather, the head of the Department of Foreign Affairs and Trade and our ambassador to Jakarta at the time of the invasion, is categorical: "From my knowledge, neither the Whitlam government nor the Fraser government ever indicated to the Indonesian Government that they would or might condone the use of force," he said *The Weekend Australian*.

That is not to say Australia could have done anything, but it does make the blood shed and Anzaspita is responsible for what happened in Timor.

To understand the mythology in Australia's response to the crisis in Timor, and the limited ability it had to influence the course of events there, it is necessary to recall the context of the time.

Gough Whitlam was elected prime minister in December 1972, just seven years after he had managed to be elected as a pre-announced candidate when the Cold War was still on its knees. Whitlam wanted to reduce foreign policy towards the region, and

to build a more important because he was out of office by the time Indonesia invaded East Timor.

Whitlam has been widely criticised for his support for Indonesia. In March 1981, South African ambassador and anti-apartheid activist, Desmond Dutton, wrote in his memoirs, however, that the decision to support Indonesia was very simple.

Whitlam never had any idea that the 'rain' came to his country. He thought that, like in East Timor, he could be absolved by a deceptively innocuous in the region. Moreover, East Timor was a remote, backward place, with a population of 1.5 million, and a small, unimportant ally of the United States and other major powers.

These political arguments were not just Timor's problem, but they would prevent Indonesia, the Indonesian government, and a small number of countries, including Australia, from intervening in the region.

In 1975, Indonesia and the United States had a meeting. The meeting was held in Jakarta and it was attended by the Indonesian ambassador to the United States, the Indonesian ambassador to the United States, and the Indonesian ambassador to the United States.

From the start, the consensus in Jakarta was against any intervention in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

Later, the Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.



Traser (left) and Pascho

to give the matter the attention it deserved.

In October, Bill Pascho, the head of the Strategic and International Policy Division of the Department of Defence, wrote a memorandum on alternative policy approaches. He argued that Indonesia's invasion of East Timor was a "black flag" of independence, but as a "black flag" of independence.

He argued, "The United States is not interested in the region. The United States is not interested in the region. The United States is not interested in the region."

The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

Consequently, the Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

Whitlam's support for Indonesia was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

At this stage, Indonesia was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

But in April 1974, the United States government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

Portugal's methods of decolonisation were not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

Nowhere else were there the effect of the Portuguese empire. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

In September of that year, Whitlam visited Indonesia and met with the Indonesian government. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

According to Whitlam's account of these days in his book *The Indonesian Crisis*, he was in the Indonesian capital, Jakarta, in 1975. He described the Indonesian government's attitude towards East Timor as "black flag" of independence.

According to Whitlam's account of these days in his book *The Indonesian Crisis*, he was in the Indonesian capital, Jakarta, in 1975. He described the Indonesian government's attitude towards East Timor as "black flag" of independence.

Whitlam changed the policy and decided that an independent East Timor would be available and that intervention with Indonesia would be the best option. However, he was made to understand that the United States would not support this option.

Thus Australia's position became clear. There should be an independent East Timor. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

But the Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

He was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

'The guilt rests with Lisbon, not Canberra'

Early in 1974, the Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

In 1974, the Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

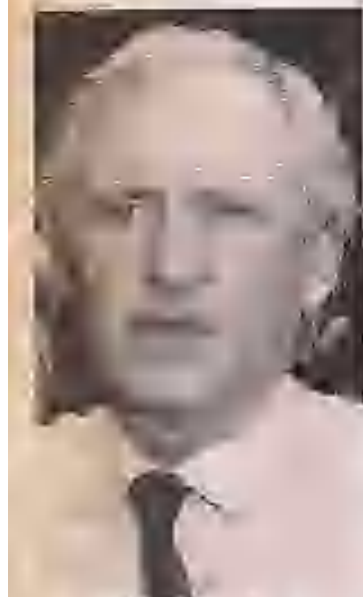
The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region. The Indonesian government was not interested in the region.

THE ED



... inherited the problem

Over the past two weeks, The Week-end Australian has seen the most significant foreign policy cables of the war.

Many of them were culled in a book, *Documents on Australia's Foreign and Foreign Policy, 1981-82*, which was withdrawn after government action, although a few copies are still around. The evidence is overwhelming that Australia consistently opposed the use of force by Indonesia.

In a cable from Woodcock to Forrest in mid-August, for example, Woodcock made the point "Australia has already made more representation to the Indonesian Government and been more active in making its position clear



Whitlam... emboldened

than before to the Indonesians than any other country. The upset of the latter Australia has been stated not by the Indonesians in their planning discussions, the country along with China that will be the main focal in the event of Indonesian intervention in Portuguese Timor. They know this reaction in Australia — unlike other ASEAN countries and New Zealand — will probably be their main problem.

Elsewhere, Woodcock recalls the US ambassador's attitude. The US wanted to stay uninvolved and it hoped if Indonesia did intervene, it would do so "effectively, quickly and not use our equipment".

There is no doubt Woodcock was extremely sympathetic to Indonesia's dilemma and the danger he saw in the civil war in East Timor leading to a Marxist Fretilin regime being established, at the height of the Cold War within the Indonesian establishment.

Now, therefore, there is equally no doubt on the basis of the evidence that Australia's position was consistently opposed to an Indonesian invasion. Whitlam believes that Suharto's attitude to this war to invade Timor when Whitlam was dismissed from of-

ice, Fraser and others of his ministry had labelled Fretilin communist and Suharto was compelled to move.

Australia could have done more in Europe, Indonesia, and done it earlier but it is famous in truth that would have had much effect. We could have threatened trade boycotts, or even threatened some religious military action. This would certainly have disrupted any chance of a suitable relationship with the world's fifth most populous nation and our most important neighbour. In the complete absence of American interest in the situation, it would also certainly have done nothing to help the East Timorese.

Much of the criticism of the Whitlam position on East Timor greatly overestimates the degree of Australia's influence. If Australia cannot influence a country like Fiji to behave diplomatically, so it is absurd to think we could have helped Indonesia to do so.

Former Australian consul in East Timor Jim Dunn repeated this line of thinking on the ABC's AFR program yesterday. He asserted bluntly that Australia could have stopped Indonesian troops landing and he described the episode as "one of those rare cases in our history where an Australian action could have saved tens of thousands of lives". Yet, as with all such assertions, Dunn provided no evidence.

The American attitude is close from the contemporary cables. They saw Indonesia as the most important nation in South-East Asia, as a bulwark against communism, as a bridge of Western influence in the Third World. Similarly, they would have been concerned about Fretilin Marxism in the year of the fall of Saigon, at the height of the Cold War, in the aftermath of anti-bellum to think the Americans would have taken serious action against Indonesia over Timor.

Similarly Dunn provides no evidence to suggest that without the US, Australia had sufficient influence to deter Indonesian behaviour.

This dream-like fantasy has pervaded much of the policy discussion in Australia on Timor in the 14 years since the invasion. The myth of Australian power, and more importantly of Australian culpability, over Timor is psychologically disabling. It prevents us from dealing with reality.

The Australian Government was and should protest against unacceptable actions such as the killings on November 12. It cannot save a word and transform Indonesia, or China, or Portugal for that matter, into allies any more.

The main historic pain for the Timorese tragedy rests with London, not with Canberra. The question now is whether we can redress the unaided influence to help the East Timorese and to save our own national interests, whether we would sacrifice that influence, such as it is, in an act of consoling Indonesian citizens.

A paper tiger named Indonesia



HUMPHREY McQUEEN

GENERALIS have left the Angkor Wat ruins of prepping for the last war they fought. Voted nowadays are apt to scorn the war as a prelude to the last major to appear on the television news.

Even in Java, 1991 protesters have taken to the streets in Australia to urge the British Government to withdraw its troops. It may have had more to do with the fact that the British Government has changed its stance on Indonesia's military operations. What had been long years of support under the British Government has now changed to a more cautious stance. The British Government has now changed its stance on Indonesia's military operations. What had been long years of support under the British Government has now changed to a more cautious stance.

Indonesia's military operations in East Timor have been a major focus of international attention. The British Government has now changed its stance on Indonesia's military operations. What had been long years of support under the British Government has now changed to a more cautious stance.

Apparent and their more ill-considered moves have been a major focus of international attention. The British Government has now changed its stance on Indonesia's military operations. What had been long years of support under the British Government has now changed to a more cautious stance.

Such moves are not a prelude to a full-scale invasion as it happened in West Timor. The British Government has now changed its stance on Indonesia's military operations. What had been long years of support under the British Government has now changed to a more cautious stance.

The British Government has now changed its stance on Indonesia's military operations. What had been long years of support under the British Government has now changed to a more cautious stance.

Any improbable conflict would be small-scale

Any improbable conflict would be small-scale. The British Government has now changed its stance on Indonesia's military operations. What had been long years of support under the British Government has now changed to a more cautious stance.

The British Government has now changed its stance on Indonesia's military operations. What had been long years of support under the British Government has now changed to a more cautious stance.

We will never see the Timorese war again. The British Government has now changed its stance on Indonesia's military operations. What had been long years of support under the British Government has now changed to a more cautious stance.

250. 9 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

4 THE AUSTRALIAN Monday December 9 1991 - 1

Envoy says Dili death toll may top 100

By GEORGE MEGALONEMIS in Malaysia and correspondents in Dili

THE death toll in last month's Santa Cruz cemetery massacre could exceed 100, the Australian ambassador to Indonesia, Mr Philip Flood, said at the weekend after a five-day visit to East Timor.

"It is on the face of developments in the investigation that I see the toll could be higher than 100, as more people are identified," Mr Flood said.

The Minister for Foreign Affairs, Phillip Ruddock, said last month that preliminary investigations of the massacre indicated that up to 70 people had died.

But the head of the official National Investigative Commission Superior Court Judge Mr Jackson, said the final Australian assessment would have to await the court's findings.

Mr Flood, who is the Australian ambassador in Jakarta, said it was his view that the way the mass grave is being treated was "not the best thing to put down findings". He said Mr Jackson, who is in Dili with other members of the commission of fact-finding mission.

'Aberrant behaviour'

The first federal government minister to visit Timor since the massacre, the Minister for Industry, Senator Burton, is set to take the trip to East Timor when he arrives in Jakarta by plane on Thursday and stays this week.

Senator Burton was speaking on his arrival in Malaysia early today when he said he had a "very strong impression" of Kuala Lumpur, Singapore and Jakarta.

Senator Burton, who is heading a group of senior Australian senators to Timor, said the federal Government would prefer to see the Indonesian-led East Timor transition.

But he said that Australia will continue to be an important factor in the development of the province's political and economic relationships with Indonesia and Timor.

"The relationship between Australia and Indonesia has been strained significantly in the last few years," he said.

The ambassador's mission...

much stronger and the government-in-exile government should also have a stronger role in the reconstruction."

The Indonesian government commission has gathered information on the situation from the military, the police and others.

"The inquiry into the massacre should be completed and a report should be obtained as soon as possible," Mr Jackson said. He said he would be continuing the commission's work in East Timor.

Mr Flood said that during discussions with the Government of East Timor, Mr Martin Yong, Chairman and Acting Chief Judge, Minister for Justice, Timor, has indicated they believed 100 people had died during and subsequent to the shooting.

Indonesian authorities have said that 10 people had died and 50 others were injured after a crowd of 100 people gathered in front of the Santa Cruz cemetery on November 12.

Other sources, however, have said that more than 100 people were killed. Some of those were being sent to the Santa Cruz cemetery. They estimated that between 10 and 200 people had died.

Mr Flood, who said he would be the former Portuguese colony was among those who "heard at first hand about the appalling tragedy" and he had spoken to three witnesses of the Santa Cruz shooting. He did not name them.

Mr Flood said he hoped the commission would be able to complete its report quickly.

He repeated an earlier statement by Canberra that the Government did not see any evidence of deliberate or calculated slaughter, as noted by the Government in the statement.

Mr Flood said that the massacre was the result of a crowd of people gathered by particular groups, which he named. He said that the crowd was not a crowd of people in East Timor.

He said he had been told by the International Commission of the Red Cross (ICRC) and the Santa Cruz military government commission, including General Robert Soepono, who was the head of the ICRC, that the massacre was a result of the crowd.

The Dili police have a report that the crowd was not a crowd of people in East Timor.



THE LABOR PARTY IN TURMOIL

Arms sales to Indonesia 'must stop'

THE Federal Government must suspend all military and police arms sales to Indonesia, a resolution passed by the House of Representatives today. The resolution, introduced by Labor MP John Hogg, calls for a halt to arms sales to Indonesia, which has been accused of human rights abuses. The resolution also calls for the Indonesian Government to be held accountable for the actions of its military and police forces. The resolution was passed by a vote of 107 to 67.

The resolution would require the Government to suspend all military and police arms sales to Indonesia. The resolution also calls for the Indonesian Government to be held accountable for the actions of its military and police forces. The resolution was passed by a vote of 107 to 67.

The resolution would require the Government to suspend all military and police arms sales to Indonesia. The resolution also calls for the Indonesian Government to be held accountable for the actions of its military and police forces. The resolution was passed by a vote of 107 to 67.

The resolution would require the Government to suspend all military and police arms sales to Indonesia. The resolution also calls for the Indonesian Government to be held accountable for the actions of its military and police forces. The resolution was passed by a vote of 107 to 67.

- JUSTICE PENDERGAST

251. 10 DEZEMBRO 1991 RDP

101731 10/11/91 18.10 cc

de acordo com informações provenientes de Canberra o ministro da energia senador alan griffiths não se deslocou hoje a Cairns como estava previsto para assinar o contrato de exploração para 12 companhias australianas operarem na área conjunta entre a Indonésia e a Austrália no mar de Timor, negociada pelo tratado do Timor Gap.

As companhias estão já identificadas sendo as maiores a BHP, a Shell e Chevron, a Woodside, a Santos, e a Petroz.

Entretanto em Jakarta o comandante das forças armadas try sutrisno, o provável sucessor do presidente Suharto declarou ontem à noite à comunicação social que logo que o inquérito aos incidentes de 12 de novembro terminasse a Indonésia eliminaria toda a oposição ao governo em Timor que causou a perda de dignidade do governo indonésio.

Sutrisno negando um despacho que citava o embaixador australiano em Jakarta dizendo que pelo menos cem pessoas morreram declarou que o embaixador apenas sabia aquilo que as pessoas lhe disseram mas que a tropa tinha os factos, reiterando idêntica declaração do comandante militar de Timor Leste brigadeiro general Rudi Warouw.

cc d.f.

Ontem as tropas saíram à rua para intimidarem milhares de pessoas que estavam numa missa na igreja de Motael de onde saiu a procissão massacrada de 12 de novembro.

Nas primeiras páginas dos jornais e nos noticiários australianos tem hoje especial relevo um enorme ataque do ex primeiro ministro australiano Gough Whitlam ao seu colega cristão e actual primeiro ministro Bob Hawke, Whitlam citando que Salazar pediu à Austrália para ficar com Timor na década de 60. acusa Portugal e a Fretilin de serem os responsáveis pelo que se passa em Timor e defende a posição indonésia. O dr Perestrelo Cavaco actual embaixador interino declarou à comercial que a embaixada estava a acompanhar os acontecimentos e que a posição do ex primeiro ministro não merecia comentários.

é a empresa citada desde há que é dos detidos podem ser condenados e mortos e que havia membros da resistência infiltrados nos soldados de 12 de novembro, muitos, já se foram identificados.

102/91 10/12/91 cc 22/00j

o ministro da energia senador alan griffiths deverá deslocar-se a Cairns para assinar o contrato de exploração para 12 companhias australianas operarem na área conjunta entre a Indonésia e a Austrália no mar de Timor, negociada pelo tratado do Timor Gap.

O comandante das forças armadas try sutrisno, o provável sucessor do presidente Suharto declarou à comunicação social que logo que o inquérito aos incidentes de 12 de novembro terminasse a Indonésia eliminaria toda a oposição ao governo em Timor que causou a perda de dignidade do governo indonésio.

Sutrisno negando um despacho que citava o embaixador australiano em Jakarta dizendo que pelo menos cem pessoas morreram declarou que o embaixador apenas sabia aquilo que as pessoas lhe disseram mas que a tropa tinha os factos, reiterando idêntica declaração do comandante militar de Timor Leste brigadeiro general Rudi Warouw.

Ontem as tropas saíram à rua para intimidarem milhares de pessoas que estavam numa missa na igreja de Motael de onde saiu a procissão massacrada de 12 de novembro.

O dr Perestrelo Cavaco actual embaixador interino declarou à comercial que a embaixada estava a acompanhar os acontecimentos e que a posição do ex primeiro ministro Gough Whitlam não merecia comentários mas a acreditar na cobertura jornalística que o mesmo está a ter os analistas pensam que Portugal não deverá esperar pelo dr José Luís Gomes e deve repunir as declarações do ex primeiro ministro, aliás esta foi também a opinião de um porta voz do movimento nacionalista Fretilin

- Hip. *mentira pois*
- Shell *western oil*
- Chevron *Singapore*
- Woodside *Phillips petal*
- Firma *Enterprise oil*
- Phillips oil
- Santos

252. 10 DEZEMBRO 1991 SMH

Hawke blundered on Timor, says Whitlam



Mr. Whitlam - a belittling critique of Mr Hawke.

By PETER BOWEN

Mr. Hawke's lack of interest in Indonesia and prevention of Australia making a prompt and effective approach to President Soeharto over the Timor killing, Labor's former Prime Minister Mr. Whitlam, said last night.

In a belittling critique that will not help the Prime Minister's faltering leadership, Mr. Whitlam berated Mr. Hawke "a mediocre and callow politician" whose performance in foreign policy were far domestic consumption.

The thrust of Mr. Whitlam's criticism was directed at Mr.

Hawke's handling of Australia's approach to the East Timor. It is to be expected that Mr. Whitlam will be at least 100 per cent correct. Australia's approach in Indonesia Mr. Whitlam said.

The subject of Mr. Whitlam's speech, "Leadership needed in our people, united and our federation," delivered at a formal of remote party event in Tolana, Victoria, could hardly have been more pointed or pertinent.

Mr. Whitlam said that Mr. Hawke should have directly asked President Soeharto to have his competent subordinates clarify the events surrounding the abuses



and punish those responsible. "Bob Hawke's lack of interest in Indonesia prevented Australia

making a prompt and effective approach to President Soeharto himself.

"He risks marginalising Australia's influence by floating or countenancing the possibility that he may not proceed with his planned visit to Indonesia [in February]. How many times has he visited Indonesia? When did he last make a visit?

"It is just the time, and not before time, for an Australian Prime Minister to visit Indonesia."

It was Mr. Hawke's fault, Mr. Whitlam charged, that Australia

making a prompt and effective approach to President Soeharto himself.

It risks marginalising Australia's influence by floating or countenancing the possibility that he may not proceed with his planned visit to Indonesia [in February]. How many times has he visited Indonesia? When did he last make a visit?

It is just the time, and not before time, for an Australian Prime Minister to visit Indonesia."

It was Mr. Hawke's fault, Mr. Whitlam charged, that Australia

and punish those responsible. "Bob Hawke's lack of interest in Indonesia prevented Australia

making a prompt and effective approach to President Soeharto himself.

He risks marginalising Australia's influence by floating or countenancing the possibility that he may not proceed with his planned visit to Indonesia [in February]. How many times has he visited Indonesia? When did he last make a visit?

It is just the time, and not before time, for an Australian Prime Minister to visit Indonesia."

It was Mr. Hawke's fault, Mr. Whitlam charged, that Australia

Timor condemned by his sloppiness in handling it.

It should have been at least 100 per cent correct. Australia's approach in Indonesia Mr. Whitlam said.

The subject of Mr. Whitlam's speech, "Leadership needed in our people, united and our federation," delivered at a formal of remote party event in Tolana, Victoria, could hardly have been more pointed or pertinent.

Mr. Whitlam said that Mr. Hawke should have directly asked President Soeharto to have his competent subordinates clarify the events surrounding the abuses

The Sydney Morning Herald

Timor massacre provoked: general

DILI, Monday: Indonesia's top general said last month's violence in East Timor, when troops opened fire on mourners, was deliberately provoked, and he vowed to wipe out those trying to break from Jakarta rule.

A Government commission investigating the November 12 shooting has been in East Timor for nearly two weeks trying to reconcile widely divergent accounts of why the soldiers began firing and how many people were killed.

"After it comes up with the results, we will wipe out and ignore the disturbance movement, which has tainted the Government's dignity," Armed Forces Commander General Try Sutrisno said.

Those who masterminded the Dili incident had long seen as a switch in the military newspaper *Angkatan Bersenjata* quoted him as telling students at the weekend.

The Army would wait for confirmation from the commission before acting, he said.

General Try, a possible future president, had been criticised by some political analysts for passing judgment before the commission finishes its inquiry into the shooting, which has provoked outrage in several countries.

The Army says 19 were killed. Local Governor Mario Viquez Carrascalao and East Timor's Bishop Ximenes Belo have been quoted as saying at least 100 died.

"They got their information through reports from the people — what we have are the facts," East Timor military commander Brigadier-General Rudolf Worouw told reporters here yesterday.

Troops fired Dili in trucks yesterday morning when residents packed to worship at Roman Catholic churches amid widespread fear of further disturbances after the November 12 killings.

The congregation at an outdoor Mass at Muroel Church turned around in various times each time a truck carrying heavily armed soldiers drove by.

The church was the starting point for mourners on their march last month to mark the death of a pro-independence sympathiser in riots two weeks earlier.

Political analysts say the latest violence has destroyed much of the goodwill Jakarta had earned in



Goodwill lost . . . Australia's Ambassador in Indonesia, Mr Phillip Flood, before leaving Dili.

recent years through its economic development in East Timor.

"I believe that much of the goodwill that arose from . . . development has been undermined, he said last . . . and it will be a very substantial task to win back respect and the love of the people," Australia's Ambassador in Indonesia, Mr Phillip Flood, said on Sunday after a two-day visit.

Mr Flood urged Indonesia to reduce the number of troops there, estimated in some 10,000. Half are combat soldiers and the rest are involved in community

work as part of a strategy to win over the East Timorans.

East Timor's Governor was reported as saying he believed it might be better to close East Timor to outsiders to prevent further threat.

Since the region has been opened, about 100,000 people have fled. Mr Flood also quoted as saying in the weekly magazine *Editor*, Indonesia urged travel restrictions to and from East Timor in January 1988.

AP/WIDEWORLD

The Sydney Morning Herald

Gough takes axe to Timor critics

Australian commentators should take the beans out of their own eyes before criticising the Indonesian Government's record on East Timor, argues GOUGH WHITLAN.

THE last Indonesian authorisation must have interpreted some amount when the Portuguese Ambassador indicated to visit East Timor this month was cancelled. They should be judged with much more restraint when the British did so. Sir Mawle would have clearly asked the British to give the competent authorities clearly the reasons, demands, the terms and purpose of the proposals of goods the British made.

But the last few years in Indonesia prevailed. Australia's attitude a primary and effective obstacle to political movements towards the 1980s normalising Australia's influence by ending or normalising the position that by now and produced with the normal. But a lack of clear policy may be the result of a policy which had no backbone at all.

The Australian media have recently given many unbalanced accounts of events in East Timor in 1975. Australia has said to be provoked into Timor and Portugal but had their reasons then in 1975.

Dili was one of the parts which emerged in Portuguese Timor in May 1975. In January 1975, Fretilin and UDT formed a coalition which fell apart at the end of May. It seems unlikely Fretilin broke out because then, during the night of August 27 the Portuguese Governor and officers left Dili for the island of Ainaro. They had 17,000 rifles as well as 7000 hand grenades and mortars in Dili in the following weeks. Fretilin kept it before it.

Parliamentary critics were dismayed when the ASIS report in Timor Timor was the Liberal opposition in the 1977 election, a Liberal MP and two senators, the Labor and one Liberal, to name Fretilin accordingly. They believe Fretilin did not enter East Timor was negotiating the 6000 refugees to East Timor since World War II and that 40,000 refugees had fled from Dili into West Timor. The last 1000 refugees to be sent to Timor for the refugees.

In December 28 1975 the other national parties proclaimed negotiation with Indonesia. Fretilin's UDT was replaced by Andrew Forrest. The day after he died as Foreign Minister after the November 11 coup d'état of the Government. In 1976, later Fretilin sought to replace the government which had in East Timor before it was replaced by the new Indonesian government.



Whitlam blasts Hawke on Timor

By foreign affairs writer TONY PARKINSON

THE Prime Minister, Mr Hawke, was personally responsible for Australia not having an influential voice with the Indonesian Government over the East Timor crisis, former Labor prime minister Mr Clough Whitlam said last night.

In an admiring article, Mr Whitlam accused Mr Hawke of allowing relations with the President of Indonesia, General Suharto, to deteriorate to the point where Australia's protests over the 1988 invasion could not be put authoritatively at the highest level.

"Bob Hawke's lack of interest in Indonesia prevented Australia making a prompt and effective approach to Indonesia that... it should have been done by Bob Hawke in telephone conversations as it has been the

Indonesian's armed forces chief, General Soe Hartono, toward yesterday to wipe out all separatist elements. Also a government investigation is completed into the November 12 bombing in East Timor.

General Soe Hartono accused pro-independence forces of causing the trouble in East Timor and said: "Once the investigation mission is accomplished, we will give you all

him to telephone President Suharto," Mr Whitlam said.

In other comments, he condemned the idea of Mr Hawke cancelling his scheduled visit to Jakarta to protest at the 20th anniversary said Mr Hawke was allowing protest to involve his comments on regional issues, and au-

thorised the Australian media of "irresponsible reporting of Indonesian claims."

An Indonesian government spokesman said that a statement by the Australian ambassador, Mr Philip Flood, who said he believed 100 people or more might have been killed in the massacre in the former Portuguese colony.

Full report - Page 8

the former Portuguese colony, but last night insisted that the Timorese independence movement and Portugal had "violated" their rights in the conflict.

Speaking at a Labor dinner in Melbourne, Mr Whitlam said he had called for attention to the Hawke Government's handling of the East Timor issue.

While acknowledging the Indonesian military should have dealt with groups of about 10,000 of his 100,000 troops in the East Timorese capital, he said he regretted that when Indonesian troops moved from Mr Whitlam's high command in 1975, the Indonesian Government had not

Continued - Page 1

Whitlam blasts PM over Timor

From Page 1

Mr Hawke should have directly asked the President to leave the competent authority directly the system, and leave the answer and priority from responsible," Mr Whitlam said.

The former Labor leader went on to praise Mr Hawke for his "courage" in not subjecting his administration to the "pressure" of the Indonesian government.

"The Indonesian government's influence in Australia is increasing by taking us into consideration the possibility of not a non-processed with the government in Indonesia," Mr Whitlam said.

"How many times have we had Indonesia? When did we last make a visit? It is just the time, and not last time, the an Australian prime minister to visit Indonesia."

"The Indonesian government of East Timor and its capital would have been a very important part of the Indonesian government's policy in the region in recent years."

Mr Whitlam said the military presence and support in East Timor would have been effective and avoidable if Indonesia regularly "communicated" with the President.

"The Hawke has already set his mind to go on without exchanging views directly with the Indonesian people and the Indonesian government," Mr Whitlam said.

Mr Hawke has visited Indonesia only once in almost 10 years by Mr Whitlam. That was soon after his term ended in 1983.

Mr Whitlam criticized this with his three personal meetings with President Suharto between 1971 and 1977. He described the Indonesian leader as "a reasonable man, an honest man" and said he had met several other leaders with General Suharto.

with leaving government.

"Foreign Minister Gareth Evans is the last minister who the Whitlam government had a personal and direct relationship with the Indonesian government," Mr Whitlam said.

"The last foreign minister was Ambassador Gowrie, and the ending of that had a precedent."

"It is not Mr Whitlam's fault that the Indonesian government is in a position to take a political and public position, but he has always distinguished himself from Indonesia."

Mr Whitlam said the "conclusion" of Mr Hawke's handling of difficulties with China, Vietnam and the East Timor war in January of a "disastrous" perception that the treatment of

Outrageous reporting

regional issues were "outraged" by the "outrageous" and "outraged" situation. He called on Mr Hawke to "re-examine" the "outraged" situation with General Suharto.

"The way in which the government has handled the East Timor issue is outrageous," Mr Whitlam said.

Mr Whitlam said the Australian media has "outraged" the Indonesian media and the Indonesian people.

"The Australian media has been 'outraged' by Indonesian leaders who have constructed a picture of a 'outraged' Indonesian people who are 'outraged' by the Indonesian media," Mr Whitlam said.

"It is impossible to work with the Indonesian media, and the Indonesian media is 'outraged' by the Australian media," Mr Whitlam said.

10/12/91

WORLD NEWS

Jakarta general vows to purge opposition

By correspondents in Jakarta

THE chief of Indonesia's armed forces, General Try Sutrisno, vowed yesterday to "wipe out all separatist elements" as a government investigation was completed into last month's Dili massacre.

In an interview with national news agency Antara, General Sutrisno announced pro-Indonesian troops at various trouble spots in Timor.

He suggested a nationwide unit would be provided to help on Central Sulawesi on November 22 in July, he told Antara.

"Once the investigation process is accomplished we will wipe out all separatist elements who have misled the Government's duty," General Sutrisno said.

Indonesia also reached an early in a weekend summit to the Australian ambassador in Jakarta, Mr Philip Wood, who said after returning from a fact-finding trip that he believed it

was the people were involved in the massacre.

Mr Fibris said he had made the conclusion after talking to East Timor's Governor, Mr Maria Viegas Carrascalao, Bishop Domagoio Bichalo, Bishop Teodoro Soares and hearing reports from other witnesses.

A government spokesman said: "It is up to the West to decide for us. But we cannot wait for the results of the investigation."

Mr Carrascalao has told journalists it might be better to allow the former Portuguese colony to negotiate its present further steps.

"Since the region was been opened, there has been one, maybe to better than 10, to 100," he told weekly Jakarta magazine Editor.

Indonesia lifted travel restrictions on East Timor in January 1984, declaring open the former Portuguese colony, which it declared its 27th province in 1976.

Mr Carrascalao also was approached by the American Government, who said he was against a foreign investigation.

"That would not only cause us pain," he said, "as an individual I will do what is decided by Jakarta."

The secretary-general of the United Nations, Mr Javier Perez de Cuellar, said last month that the UN planned to send an envoy to Jakarta to prepare for the possible arrival of a UN team of investigators.

Mr Carrascalao said he believed the success that led to the massacre was not engineered by the Portuguese. The Australian Broadcasting Corporation news daily newspaper - blamed Portugal for the violence that preceded the shooting.

Indonesia says 10 people died and 17 were injured as the troops and by self-defence against an attacking mob in the Santa Cruz cemetery in Dili.

But witnesses say the soldiers shot

and a crowd of civilians, some of whom were carrying children, babies, women and babies. They estimate the death toll around 100.

A 2500-strong military force to investigate the massacre will be sent to Dili after November 25 and will stay until the end of the year to conduct a "thorough probe" in the province.

"We must be careful not to let the fact that the UN is going to be established," Brigadier General Soedjo Wignjono, the chief of the Timor military command, said.

General Soedjo Wignjono said the death toll could be as high as 1000 if the military would not be there.

Indonesia's New Order Government yesterday denied a report in local newspapers that it had arrested and detained 1000 Timor activists over the Dili massacre.

A spokeswoman for the Ministry of Administration said it was "untrue as usual"

210/5/91

Evans attacks Whitlam over Indonesian row

By foreign affairs writer TONY PARSONSON

THE Minister for Foreign Affairs, Pauline Evans, yesterday came to the defence of the Prime Minister, Mr Hawke, over a letter that he was personally responsible for Australia not pursuing more intensive overtures to Indonesia.

On Monday night, foreign Labor judge minister Mr Gareth Whitlam said Anicballe's standing in Indonesia had suffered as a result of a lack of interest shown by Mr Hawke — and his failure to establish a close relationship with President Suharto.

Criticising Mr Hawke's dispatches, responses to the full press — and describing him as a "media and poll-driven politician", Mr Whitlam said Australia's prognosis of Indonesia would have been more readily accepted if Mr Hawke had got more time into developing relations at the high level.

But in the meantime, yesterday Evans told Evans that the tone of Mr Whitlam's letter to Suharto was "not moving or urging for closer relations".

Deputy Evans also said with a view to the fact that Mr Whitlam had written a very good personal message to President Suharto, there were no serious prospects of kind of contact proposed.

Meanwhile, in the personal relationship with the world that made more progress between Mr Whitlam and President Suharto, the gap between the two sides of the Indonesian Embassy and the Australian Embassy was widened.

"I think that is a very good example of the way that a personal relationship can be maintained — and it is

difficult to do, but it is a very good example of the way that a personal relationship can be maintained — and it is

difficult to do, but it is a very good example of the way that a personal relationship can be maintained — and it is

difficult to do, but it is a very good example of the way that a personal relationship can be maintained — and it is

difficult to do, but it is a very good example of the way that a personal relationship can be maintained — and it is

difficult to do, but it is a very good example of the way that a personal relationship can be maintained — and it is

difficult to do, but it is a very good example of the way that a personal relationship can be maintained — and it is

difficult to do, but it is a very good example of the way that a personal relationship can be maintained — and it is

difficult to do, but it is a very good example of the way that a personal relationship can be maintained — and it is

difficult to do, but it is a very good example of the way that a personal relationship can be maintained — and it is

10/12/91

Primeiro-Ministro Australiano reuniu-se com os membros da Resistência Maubere

Liubus - A Austrália está a considerar uma série de iniciativas no plano internacional, e bilateralmente com a Indonésia, sobre a questão de Timor-Leste, disse a Agência Lusa o porta-voz do Conselho Nacional da Resistência Maubere.

Ramos Horta reuniu-se terça-feira da semana passada em Canberra com o Primeiro Minis-



terro-Horta, durante o encontro a seu lado esteve em abito um representante em Ti-guar.

Quanto às relações bilaterais com Ti-guar, a resistência timor-tesa insistiu na necessidade de criar uma comissão internacional de inquirição, sob os auspícios das Nações Unidas.

Durante o encontro, a presença timor-tesa defendeu ainda a cessação da cooperação da Austrália com a Indonésia no plano da segurança e manifestou a oposição a que o apoio australiano para Timor seja canalizado via autoridades indonésias.

Segundo Ramos Horta, o chefe de diplomacia australiana deve deslocar-se dia 19 à Indonésia para transmitir os pontos de vista do seu governo às autoridades de Jacarta.

Ramos Horta estava dia 9 no Canadá, para falar sobre a questão de Timor perante o Comité de Relações Exteriores da Defesa do Parlamento.

O governo do Bob Hawke reiterou ainda



após o anúncio do silêncio que res- tou esta noite de 1991. Aparentemente, o silêncio.

Os manifestantes permaneceram na rua da cidade até ao fim da tarde. O Conselho Nacional da Resistência Maubere, o Partido Trabalhista Australiano, no maior.

Os participantes na manifestação, muitos em trajes tradicionais timor-teses e uniformes militares, com bandeiras da Fretilin, UDT e de Portugal, gritaram palavras de ordem como "Fora com a Indonésia, Independência para Timor-Leste" e "Sa- hanta, unvasho".

Um grupo quef- mou uma bandeira da Indonésia em protesto pelo mu- sico de 12 de No- vembro de 1991.

Um grupo quef- mou uma bandeira da Indonésia em protesto pelo mu- sico de 12 de No- vembro de 1991.

após o anúncio do silêncio que res- tou esta noite de 1991. Aparentemente, o silêncio.

Os manifestantes permaneceram na rua da cidade até ao fim da tarde. O Conselho Nacional da Resistência Maubere, o Partido Trabalhista Australiano, no maior.

Os participantes na manifestação, muitos em trajes tradicionais timor-teses e uniformes militares, com bandeiras da Fretilin, UDT e de Portugal, gritaram palavras de ordem como "Fora com a Indonésia, Independência para Timor-Leste" e "Sa- hanta, unvasho".

Um grupo quef- mou uma bandeira da Indonésia em protesto pelo mu- sico de 12 de No- vembro de 1991.

Sydney
**TIMORENSES APELAM AO FIM
 DO GENOCÍDIO
 EM TIMOR-LESTE**

Uma missa na Sé Catedral de Sydney promovida pela Convergência Nacionalista Timorense assinalou sábado o 16o. aniversário da invasão indonésia de Timor-Leste no território.

Seguiu-se depois uma manifestação silenciosa que contou com mais de 3.000 timorenses e apoiantes.

Os manifestantes percorreram as ruas da cidade até aos Paços do Concelho, onde na altura decorria a conferência anual da sessão de 1991.



Depois, às 20H00, na capela de Vila-wood, os manifestantes voltaram

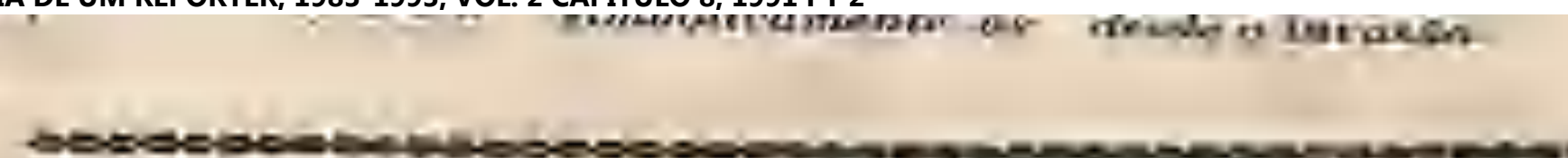
a reunir-se, onde acenderam 200 velas representando simbolicamente as

mais de 200 mil vítimas registadas em Timor-Leste desde a invasão.

conferência anual da seção de Nova Gales do Sul do Partido Trabalhista Australiano, no poder.

Os participantes na manifestação, muitos com trajes tradicionais timorenses e uniformes militares, com bandeiras da Prêtila, UDT e de Portugal, gritaram palavras de ordem como "Fora com a Indonésia, Independência para Timor-Leste" e "Suharto, assassino".

Um grupo queimou uma bandeira da Indonésia em protesto pelo massacre de 12 de Novembro em Díli.



PARLAMENTO EUROPEU António Capucho derrotado para a presidência do grupo liberal

Bruxelas - O líder dos deputados do PSD ao Parlamento Europeu, António Capucho, foi derrotado pelo francês Yves Galland para a presidência do grupo liberal da assembleia de Estrasburgo, por uma margem de diferença.

A eleição realizou-se em duas voltas. Na pri-

meira, Galland obteve 25 votos contra os 20 obtidos por Capucho.

Na segunda volta, Galland aumentou a vantagem sobre o candidato português, derrotando-o por 27 votos contra 19.

Em ambas as votações, António Capucho conseguiu o apoio dos países do sul da CEE, conquistando

os votos consensuais dos deputados do PS, galegos, gregos, irlandeses e espanhóis. A candidatura de Yves Lathuier foi majoritariamente apoiada pelos europeizados da Bélgica, Alemanha e França.

As abstenções contabilizaram-se em cinco. O primeiro voto e três da segunda.

Terça-Feira, 10 de Dezembro de 1991

PORTUGAL

Página 5

TIMOR-LESTE: CRÓNICA DE UMA DERROTA ANUNCIADA

Mulher timorense chora junto dos corpos dos seus filhos mortos pelas forças indonésias.

Na madrugada de 7 de Dezembro de 1975 os militares portugueses deslocados no Ilhéu de Aloró, ao largo de Díli, começaram a ver "projecteis incandescentes do mar para terra" surgindo a capital liquefactiva.

O momento se aperceberam que algo terrivelmente provável aconteceria: a Indonésia, o estado mais poderoso do sudeste asiático, invadia Timor-Leste, um território cujo aspeto se assemelha à do Alentejo administrado por Portugal desde os princípios do século XVI.

Jill Tollitt, jornalista australiana, escreveu que "o que falta em coordenação ao ataque indonésio sobrou em brutalidade". No ataque efetuado sob o comando do general Benur Maulani (agora ministro da defesa), [acur-

observadores]

De cada valeram portanto as duas resoluções aprovadas pelas Nações Unidas em 12 de Dezembro de 1975 (sete dias após a invasão) e 21 de Novembro de 1982.

Timor-Leste não deixou de continuar a manter os seus laços com os Estados Unidos cujo presidente na altura, Gerald Ford esteve em Jacará na véspera da invasão tendo nela sido conhecido previamente pela Austrália, potência de cultura ocidental mais próxima do território.

As intencões da Indonésia em Timor-Leste começaram de facto muito antes de 7 de Dezembro de 1975, sob o disfarce do MLC (Movimento Anti-Comunista que integrava indonésios e timorenses que não queriam ver o território

...infantes, "além de garibóis de infantaria apoiados por significativos números de navios, tanques e helicópteros".

As notícias surgiram nesse mesmo dia e segundo a jornalista, os invasores não distinguiram os apoiantes da Apodeti e UDT partidos timorenses que aderiram para declaração de independência de Timor independente dos da Fretilin (cerca que considerava militantes timorenses, não só na área, e independentes do território).

Os dois primeiros dias da operação foram mortos "mais de 2.000 cidadãos na capital dos quais 700 seriam chineses", disse James Dunn, ex-consul australiano em Dili, no livro "Timor: Um Povo Traído".

Dei em diante, a imprensa foi conscientizando a opinião pública no território, apesar da resistência armada da Fretilin, comandada até final de 1975 por Nicolau Lobato, um dos nomes diligentes lusitanos que não abandonou a sua terra até a adesão da independência.

Duzentos mil mortos desde 1975 até hoje, é o número de vítimas timorenses de regime indonésio mais referido pela generalidade dos

Para Lenora Pires, último governador português do território, a crise iniciou-se em Agosto de 75, com o golpe de estado perpetrado pela UDT, e 10 dias após, aparentemente tomado pela Indonésia, que prometia não invadir o território se a Fretilin e os comunistas fossem eliminados.

Em 20 de Agosto foi a Fretilin controlava as principais questões de Dili e até à invasão indonésia passou a UDT a ser guerra civil.

"A guerra que viveu a Guiné em 1963 comandada por Henrique de Siza e a sua significante no aspecto psicológico comparada com esta que começou a viver em Timor", escreveu, a 21 de Agosto, o então comandante do porto de Dili, capitão-tenente Leiria Pinto, agora comandante do chefe de gabinete de mesa da Ponte.

Em 26 de Agosto, o governo português retirou para Alorna, ilha que só abandonaria, em direcção à Anauá, a 8 de Dezembro, um dia após a invasão.

Sobre este assunto, muitos outros detalhes foram publicados no livro "Indonésia: O cumprimento da Indonésia das promessas de não inva-

de genocídio até aos dias de hoje (o massacre de Santa Cruz é apenas um de vários) e a autorização tácita dos Estados Unidos à invasão.

Porém, contudo, uma dúvida terá Portugal, devido ao conflito, antes da política interna da altura, seria caminho ou, de algum modo, permitido a invasão?

Vários responsáveis portugueses já o documentam, mas um documento sobre a reunião entre a Indonésia e Portugal, em Londres, a 9 de março de 1975, publicado por Lenora Pires no livro "descolonização de Timor - missão impossível?" suscita legítimas interrogações.

"Portugal nada fez para dificultar a integração de Timor na Indonésia, cuja concretização depende da atividade deste país a dois níveis: auxílio à Apodeti (partido timorense pró-integração), que deve revestir-se de formas muito discretas e que Portugal não denunciaria (e) participação (Indonésia) no desenvolvimento económico de Timor, como testemunha de uma presença", lê-se no documento, que integra a

ação de uma política de genocídio até aos dias de hoje (o massacre de Santa Cruz é apenas um de vários) e a autorização tácita dos Estados Unidos à invasão.

Porém, contudo, uma dúvida terá Portugal, devido ao conflito, antes da política interna da altura, seria caminho ou, de algum modo, permitido a invasão?

Vários responsáveis portugueses já o documentam, mas um documento sobre a reunião entre a Indonésia e Portugal, em Londres, a 9 de março de 1975, publicado por Lenora Pires no livro "descolonização de Timor - missão impossível?" suscita legítimas interrogações.

"Portugal nada fez para dificultar a integração de Timor na Indonésia, cuja concretização depende da atividade deste país a dois níveis: auxílio à Apodeti (partido timorense pró-integração), que deve revestir-se de formas muito discretas e que Portugal não denunciaria (e) participação (Indonésia) no desenvolvimento económico de Timor, como testemunha de uma presença", lê-se no documento, que integra a

de análise e esclarecimento do processo de descolonização de Timor.

Em 7 de Dezembro e

intano e, perante a im- diferença mundial, ame- xos Timor-Leste. Des- de então já passaram décadas anos, que não

java a aniquilar a co- stituição nem para os timorenses podem o- ver-se o direito de vo- colhar o seu destino.

Jornalistas americanos na "lista negra" dos indonésios

Jakarta - Dois jornalistas americanos que presenciaram o massacre de Dili foram colocados na "lista negra" pelas autoridades indonésias e não poderão entrar de novo no país.

A Agência Noticiosa Antara, citando o diretor dos serviços de imigração, revelou que Allan Naini e Amy Goodman foram incluídos na lista dos indesejáveis na Indonésia por terem estado com um visto de turista em Timor-Leste para efectuarem trabalhos de reportagem.

Allan Naini, que foi violentamente agredido pelos soldados indonésios no cemitério de Santa Cruz, trabalha para a revista "New Yorker" e a sua companheira trabalha para uma estação de rádio privada.

Os dois jornalistas já

foram avisados quer no Senado quer na Secretaria de Estado Americana, afirmando que os soldados indonésios dispararam a tiro e sem qualquer provocação sobre uma multidão de civis desarmados, o que contraria a tese indonésia da legítima defesa

face a uma multidão agressiva. A lista negra dos serviços de imigração indonésios contém cerca de 17.000 nomes de pessoas que por motivos políticos ou de segurança nacional estão impedidos de entrar na Indonésia.



... liderada por "guerrilhistas" e agitação, Jesus de anos 70, manifestações contra a integração na Indonésia de Timor-Leste acrescenta a "Boas Noites".

A Indonésia já recusara anteriormente o pedido de ter um soldado na origem do massacre.

Entretanto, a TAPOL divulgou já uma declaração de 14 dirigentes estudantes de universidades indonésias, condenando as autoridades de Jacarta pelas "sangrentas incidências" do massacre de Santa Cruz e exigindo-lhes a sua retirada de Timor-Leste.

Os subscritores, cuja iniciativa de contestar ao regime é inédita, apela, para que tenham a prisão e tortura dos prisioneiros das Flores cessar desde o 16 de Novembro, em Jacarta, e consideram que a Comissão de Inquérito Indonésia aos acontecimentos deve ser constituída.

"As forças armadas é que deverão ser investigadas porque são a única unidade envolvida nos sangrentos acontecimentos", diz o documento.

Os dirigentes estudantis exigem esclarecimentos sobre a alegada morte de um cidadão

... mento e Cunhas (GOC) ordenaram a Indonésia no âmbito de uma inspeção ao programa de treino militar americano e exercícios estratégicos.

Os Estados Unidos têm um treino militar ao exército indonésio há vários anos e a visita a Jacarta já estava prevista antes do incidente do passado dia 12 de Novembro em Díli.

Conhecido, logo aos acontecimentos de Díli, o GOC afirmou que a visita também incluiu Timor-Leste e a governação indonésia deu a sua colaboração para que ela se efectuasse", disse o porta-voz.

O objectivo da visita a Timor-Leste não foi especificado mas sabe-se que o GOC tem poderes para fiscalizar a forma como são gastas as verbas aprovadas pelo Congresso, nomeadamente no auxílio ao estrangeiro.

Face ao depoimento de dois jornalistas americanos segundo os quais os soldados indonésios disparavam sobre os timorenses com "pingarda" automática americana, o GOC poderá estar interessado em confirmar essa versão.

Num comentário feito a 27 de Novembro a

INDONÉSIA RECUSA CONSULADO AUSTRALIANO EM DÍLI

Jacarta - O Ministro da Defesa Indonésio, Benny Moerdani, considerou de "objetivamente ridículo" o projecto australiano de instalação de um consulado em Díli, na sequência do massacre de 12 de Novembro.

Para além um consulado deveria ter em conta o número de australianos ali residentes e o volume de comércio a fazer e todas as outras questões nesse respeito à situação em Díli", disse Moerdani, que actualizou a ausência geral de australianos em Timor-Leste.

Quando os jornalistas lhe recordaram que a Austrália já teve um consulado em Díli até 1971, o ministro respondeu: "isso foi no tempo da administração portuguesa e agora estamos com administração indonésia".

Reforçando-se às recentes tomadas de posição da Austrália sobre Timor-Leste, Moerdani disse que "os indonésios sentem-se muito magoados com algumas dessas atitudes".



General Moerdani

... ponto de vista indonésio disse que o seu governo considerava a despoletar qualquer projecto na ONU para enviar um emissário do Secretário-Geral a Timor-Leste e sublinhou que nenhum enviado oficial da ONU seria reconhecido sem prévia autorização de Jacarta.

**LEIA,
ASSINE
E
DIVULGUE
O CORREIO
PORTUGUÊS**

Mário Carascalão contraria números indonésios sobre vítimas do massacre de Dili

Dili, Timor - O governador de Timor-Leste indicado por Jakarta, Mário Carascalão, diz a guarda-teira portuguesa que o número de Dili causou muito mais vítimas do que as autoridades pela exército indonésio.

Carascalão afirmou que o linchamento causou entre 30 e 40 mil mortos e acrescentou que ele próprio viu um cemitério de cadáveres sair do cemitério de Santa Cruz, após o linchamento.

O Governador de Timor-Leste, que já ameaçou depistarse caso não se apurem responsabilidades, assegurou ainda que a Indonésia matou sobretudo timorenses que rezavam no interior do cemitério e acusou uma organização secreta pró-indonésia de ter causado os incidentes.

Afirmou, por outro lado, que vários militares indonésios já lhe apresentaram queixas sobre o elevado número de serviços de espionagem que operam no território.

Para o governador, é natural que o brigadeiro-general Wamita, comandante das forças armadas indonésias em Timor-Leste, não controle totalmente os seus efectivos.

Este militar, acrescentou, é partidário de uma aproximação aos interesses dos timorenses, apurando-se assim a linha dura do regime.

Em Jacarta, as forças armadas defendem que não existe uma comissão internacional de investigação ao massacre.

O brigadeiro-general

Nurtadi Purwisaputra, porta-voz das forças armadas, disse aos jornalistas indonésios e a Timor-Leste de uma missão internacional está temporariamente colocada de lado.

"Não queremos interferências externas, pois isto é um assunto interno", afirmou.

Opinião contrária foi manifestada por um dirigente de grande peso político na Indonésia, Abdulkahman Wahid, líder da maior organização islâmica do país, com cerca de 30 milhões de fiéis.

As posições das forças armadas, de Carascalão e de Wahid permitem concluir, segundo a TAPOL que o massacre de Dili causou sérias divisões no regime de Jacarta.

Informações descontentes com desejo de Pavez de Cuellar

Jakarta - O desejo manifestado por Pavez de Cuellar de enviar uma missão da ONU a Timor-Leste está sendo recebido com reservas e com as maiores reservas e várias responsabilidades indonésias já exprimidas em suas declarações.

O porta-voz do ministério dos negócios estrangeiros, Surya, comentando a declaração de Cuellar de que ele queria enviar um enviado a Jakarta, disse: "O secretário-geral da ONU, enviar um enviado a Jakarta para tal propósito poderia ser considerado, não se vê aqui, um sinal de mostrar uma vontade de ingerência a Timor-Leste, visto que o mandato do órgão".

Quase em simultâneo a delegação da ONU em Jacarta noticiava que o Secretário-Ajuda da ONU para os direitos humanos, Jan Martensson, estava em contacto com o governo indonésio sobre a próxima visita a Jacarta de Amos Wako, o enviado especial de Cuellar.

Amos Wako, um advogado do Quênia, é o relator da ONU para os casos de execuções

sumárias e pertence à comissão dos direitos humanos, com sede em Genebra.

O ministro da segurança, Macharia, um delegado ao "Jakarta Post", sublinhou que a Indonésia ainda não tinha recebido qualquer pedido da ONU para enviar uma missão a Timor-Leste e acrescentava em tom de desdém: "arruaram eles sempre que arruam o facto é que Timor-Leste e o condonará a ser uma parte integrante e inalienável da Indonésia".

Por seu lado, em entrevista a outro jornal, o deputado Darusman, do Partido Golkar, explicou, disse que a Indonésia estava no seu pleno direito de recusar a entrada de qualquer missão da ONU em Timor-Leste, por se tratar de "uma questão interna".

O mesmo deputado genericamente classificou de "preocupante" a atitude de Cuellar por estar ainda em caso de inquérito oficial indonésio que, segundo ele, "permanecerá indefinidamente".

20 likely to face charges over Dili

JAKARTA, Tue- day: Eight of the 26 people detained over the bloody 1991 incident in East Timor last month could be charged for subversion, the official ANZUS news agency said today.

Antara, citing Diponegoro police, said the 26 Timorese - higher court says - were charged according to criminal laws relating to the 26 people who in police custody since the November 12 shooting were "clearly" involved in subversion.

Under Indonesian subversion law, conviction could carry the death penalty.

The 26 other names would be tried under general criminal law. Antara said, adding that the 26 were arrested in Timor in connection with the 1991 shooting.

Antara also cited the police saying that 10 of the 26 were arrested in Timor in 1991, 10 in 1992 and 6 in 1993. The police said that the 26 were arrested in Timor in 1991, 10 in 1992 and 6 in 1993. The police said that the 26 were arrested in Timor in 1991, 10 in 1992 and 6 in 1993.

The 26 were arrested in Timor in 1991, 10 in 1992 and 6 in 1993. The police said that the 26 were arrested in Timor in 1991, 10 in 1992 and 6 in 1993.

The 26 were arrested in Timor in 1991, 10 in 1992 and 6 in 1993. The police said that the 26 were arrested in Timor in 1991, 10 in 1992 and 6 in 1993.

The 26 were arrested in Timor in 1991, 10 in 1992 and 6 in 1993. The police said that the 26 were arrested in Timor in 1991, 10 in 1992 and 6 in 1993.

11/12/91

Foreign relations

Asia: one place Bob forgoes first names

By GREG SHERIDAN

A FEW weeks ago I wrote about the role of the White House in the East Timor crisis. I wrote with the usual respect and courtesy that White House journalists are given. I wrote with the usual respect and courtesy that White House journalists are given. I wrote with the usual respect and courtesy that White House journalists are given.

The subsequent developments were a sobering experience. The fact that I had written the article in 1991, and that I had written the article in 1991, and that I had written the article in 1991.

More importantly, there is not the usual respect and courtesy that White House journalists are given. I wrote with the usual respect and courtesy that White House journalists are given.

But the personal feelings that surround White House and the East Timor crisis are not the usual respect and courtesy that White House journalists are given.

of Indonesia is completely correct. The reality is that the relationship with Indonesia is not the usual respect and courtesy that White House journalists are given.

The fact that Mr Hawke has been so generous in the past is the usual respect and courtesy that White House journalists are given.

As a result of his neglect, Hawke has no personal influence in Jakarta.

Mr Hawke's neglect of Indonesia is the usual respect and courtesy that White House journalists are given.

Mr Hawke's neglect of Indonesia is the usual respect and courtesy that White House journalists are given.

to in the politics of trade. But in a referendum, Mr Hawke has had a much more modest record.

His big achievement is the Asia-Pacific Economic Co-operation Group. Apart from that, Mr Hawke has had a much more modest record.

It is not that Mr Hawke was wrong to see China as important, or to be guided by the liberalisation initiated by Deng Xiaoping in the early 80s.

Mr Hawke's neglect of Indonesia is the usual respect and courtesy that White House journalists are given.

Mr Hawke's neglect of Indonesia is the usual respect and courtesy that White House journalists are given.

leaving Australia in a state of confusion. It was a political move that was not the usual respect and courtesy that White House journalists are given.

To do this, Mr Hawke has had a much more modest record.

But a foreign minister cannot carry the nation, and that is the usual respect and courtesy that White House journalists are given.

In the final analysis, Mr Hawke's foreign policy record is not the usual respect and courtesy that White House journalists are given.

Mr Hawke's neglect of Indonesia is the usual respect and courtesy that White House journalists are given.

Mr Hawke's neglect of Indonesia is the usual respect and courtesy that White House journalists are given.

Mr Hawke's neglect of Indonesia is the usual respect and courtesy that White House journalists are given.

256. 11 DEZEMBRO 1991 SMH

The Sydney Morning Herald

How to win friends and improve

Australians run the risk of losing the power of persuasion unless they pursue implementation of human rights more sensitively, and without double standards, argues **BILL HAYDEN**.

association with that nation since its independence.

Now, the point of the anecdote is, how do others see us, say in the field of human rights which is before us today, as distinct from the way in which we see ourselves?

Various human rights audits reflect favourably on Australia. On the other hand we should not be self-indulgently uncritical of our record. Our record is, in the way of human endeavour in all fields, not flawless. Far from it.

I remind you of the continuing divide between standards of health, life expectancy, employment, housing and



Wednesday, December 11, 1991 15

and improve human rights

Australians run the risk of losing the power of persuasion unless they pursue implementation of human rights more sensitively, and without double standards,
argues BILL HAYDEN.

More than anything what I believe are some guiding principles for the conduct of foreign relations with other countries, where human rights are involved which give substance to Australia's special the general nature of the substance, I am proposing.

I said the substance of my speech can be a speech were there a wide difference of circumstances has been creating a particular set of conditions in East Timor. That incident and now - raised more properly by elected officials than from all parties of the parliament.

They made it clear that, in all the available evidence, what happened on November 12 was unacceptable and unacceptable - a crime which I understand that have you further official comment is the our elected political leader. I will not, however, that with substance in terms of presentation and substance of evidence editorial in *The Sydney Morning Herald* of November 20 expressed a sensibly considered response to the matter.

I could rather vividly - it was in the year has two or three - the - (during an international address by Clough Whelan on the future of Timor) New Guinea - suddenly there was a jarring discrepancy in the history of what he was saying. "Australia's role of an act of our colonial power in the past."

Whelan's usual way, aspects of course, and it was in the did do with implications - as nations we all have a tendency to conduct foreign policy or what we want for and so Australia does - more in some way we tend to be - you - absolutely - that we can speak about the same thing occurring in different places in a different way. In many countries were colonial power. We on the other hand, were providing development assistance to an ethnically and geographically quite separate region to foster its independence.

Incidentally, I have to refer to that our national was in Paper on 4 - June occasionally was enlightened and generous - as has been our supporters

generative with that nation since its independence.

Note, the point of the incident is, however other - as in the field of human rights - which is before us today, is distinct from the way in which we are ourselves.

Various human rights bodies reflect particularly on Australia. On the other hand, we should not be unduly sensitive or emotional in our regard. The incident is in the way of human conscience in all nations, not states - that form it.

Freedom of the continuing divide between - standards of wealth, the experience, employment, housing and education imposed by most - institutions and those of the Aborigines. I raise you in the reports of the Royal Commission into black deaths in custody, in the national inquiry into human rights in its descriptions of race - violence by the Human Rights and Equal Opportunity Commission, and so on.

That, we can be unambiguously sensitive to protecting the rights to freedom of unfettered individual conscience in the world. Our attention in such things is not universal, however.

Therefore the question may be a - agenda in appropriate circumstances need to be in my view I am talking about the general of people in the community - particularly ethnic groups - rather than governments - which, from what I have seen have been slow with the need to care and prudent passage - than intervening with other countries on the issue of human rights.

For instance, in the case of capital punishment, this practice has been abandoned nationally and in all cases for many years now. Also Australia has applied to its capital punishment in the minimum application of freedom in its denial of the right to live, even in terrorism.

The question we have to - a ourselves in a nation in this - do we mean our concern in these circumstances as a matter of such and racial principle? Or by our practice do we allow ourselves to be meaningfully led in the role of some minority concerned?

In my lifetime this - a few years ago, as foreign Minister, I wrote representations on behalf of some Jewish refugees of Australian origin to an Asian country. Their situation, as far as I was concerned, was particularly acute. Their oral was properly conducted and they were able to find jobs in the advanced stages.

That was in very part on the basis of a high and general principle of opposition to capital punishment and plus - course, and responsibility for the national.

Now that "oral and Jewish principle" seemed some perfectly, as a large number of white people from - mostly been - aimed for such citizens - in the

country to which I refer without a bleat of concern by Australia.

And on the score of our concern for our nationals, could it not seem to others, perhaps, that - bearing in mind our preceding silence - we wanted an exception for Australians from the hitherto consistent practice of the law in that country for those types of offences?

Could this be the impression, say, in some parts of our region: that the life of an Australian is more important than that of an Asian, given similar circumstances?

Whitlam wrong on Timor: PM, Evans

By BERNARD LADAN

CANBERRA, The Prime Minister and the Minister for Foreign Affairs, Senator Evans, rebuked the former Labor leader Sir George Whitlam yesterday for claiming that his father's lack of access in Indonesia prevented Australia from dealing with the 1975 killings adequately.

In a speech on Monday night, Mr Whitlam said it was Mr Hawke's fault that Australia did not have more influence with Indonesia because, as a media and poll driven Prime Minister, he had always dismissed harsh criticism of Indonesia.

Mr Whitlam said Mr Hawke should try to emulate the relationship and influence he (Mr Whitlam) built up with Indonesia's President Soekarno.

Senator Evans told the Senate yesterday that it was true Mr Whitlam, as Prime Minister, had established a strong, personal relationship with President Soekarno which was of "general benefit" to Australia. However, there were limits to the results such a personal relationship could achieve.

He said Indonesia's forceful annexation of East Timor happened despite Mr Whitlam's



Rebuked ... Mr Whitlam strong opposition to aid out of force.

Mr Whitlam claimed it should have been a way for Mr Hawke to telephone President Soekarno and try to get him to halt President Suharto.

Asked about Mr Whitlam's attack, Mr Hawke told Sydney's radio 2UE yesterday: "Well, I would have thought that George Whitlam was the last one to be talking to anyone about the subject of Indonesia. I can't think of any crucial Whitlam on Indonesia that that."

Mr Hawke said he had been at the forefront of international leaders in condemning the 1975 massacre and in reminding "and getting" an inquiry.

Now you and I know this is not so, but do others see it in the same way as we do? I can assure you that they do not.

If this particular incident is associated in the minds of those others with an evident public tendency to denigrate, to be dismissive of them, then we have the conditions for a particularly fissionable development in our foreign relationship with that other country.

Bear in mind that I am talking about non-official public presentation of issues or commentary. It *does* matter if breakdowns occur — and they are

unnecessary if our concerns on issues can be adequately registered through other means available to us.

Perhaps there is a case, in some instances at least, to reflect with a little more care on the issues of what is popularly described as morality — not just in the field of human rights but in the broader sphere of the practice of foreign relations — and to recall that no-one and no country stands on a platform of perfection when reminding others about their duties.

This is not to imply that nothing should therefore be done to seek

257. 12 DEZEMBRO 1991 RDP

163 01 171291 1 1

por entre notícias de que o primeiro-ministro Bob Hawke poderá hoje mesmo ser despejado pelos seus colegas trabalhistas, o comércio apurou que o tratado de exploração de petróleo no mar de Timor vai ser assinado em breve na Austrália. O tratado que cobre 12 empresas entre as quais a BHP, Woodside, Petrobras, Shell e a primeira na sequência de acordo do Timor já celebrado pela Austrália e Indonésia há 1 ano - entrará em vigor hoje a Jakarta. O ministro da tecnologia sensor John Mulvan na primeira visita oficial australiana a Indonésia depois da assinatura de 12 de novembro.

no entanto os seus colegas do sul os sindicatos impuseram um boicote ao envio de serviços australianos para a Indonésia e foi anunciado que os dois subversivos timorenses que em junho pediram asilo político haviam sido autorizados a residir no país.

164/91 12/12/91 19.10 1x 1

enquanto o primeiro-ministro Bob Hawke hoje se recusava a demitir face a pressão dos seus colegas do gabinete governamental e a Austrália divulgou a maior taxa de desemprego na sua história, o ministro da energia e recursos minerais Alan Quilley assinava com o seu homologa indonésio o contrato de exploração de petróleo no mar de Timor para 12 companhias australianas. Entretanto em Sidney dezenas de manifestantes pro Independência de Timor Leste eram expulsos esta tarde do edifício sede da Shell australiana. Mais tarde um porta-voz da companhia multinacional disse que este seja de acordo com as leis internacionais mas num relatório revelou hoje opinião pública por ser vítima da amnistia internacional e do grupo de direitos humanos Asia Watch, a atitude vacilante da Austrália e a assinatura do acordo violam a di-reita fundamental dos timorenses e a autodeterminação e resolução da ONU em relação ao assunto.

a uma semana depois de que na primeira semana há a Jakarta anunciou severamente o chefe das forças armadas indonésias, que try subtriu por ter declaração que a Indonésia aniquilaria toda a resistência timorenses após o ingresso aos incidentes de novembro. Em Jakarta hoje o ministro australiano da tecnologia sensor John Mulvan criticou os incidentes declarando não haver nada para a Austrália e a situação econômica é indonésia ao contrário do que foi decidido pelo seu homologa canadense há dois dias.

258. 12 DEZEMBRO 1991 SMH

Jakarta general rebuked by Evans

By BERNARD EVANS

CANBERRA Relations between Australia and Indonesia strained because of the massacre of East Timorese by the Indonesian Army, deteriorated further yesterday when the Minister for Foreign Affairs, Senator Evans, rebuked the head of the Indonesian armed force.

Senator Evans said the heads of the General Staff and the East Timor command-in-chief were "utterly unacceptable" and "absolutely reprehensible".

The minister, who will formally meet tomorrow afternoon about the massacre in Dili, said he was trying to arrange a meeting with General Suharto during his visit.

"I will certainly be making my date in time, and to other members of the Government, just how regrettable and how unacceptable it is that we should be in a position to have to meet with him," he said. "I am sure that the Indonesian national interests and international reputation," he said.

Senator Evans said the Indonesian military spokesman, Brigadier Wiradigda, had the last time suggested that the Dili massacre was "over".

"But it is not as with the result we will wipe out and uproot the Indonesian presence which has destroyed the Government's dignity," Evans said. "The Dili massacre was reported to have killed 100 people."

At least 100 people are believed to have died, while Indonesian news spread for an estimated 100 Timorese prisoners.

Senator Evans had been asked by Senator de Villeneuve, "Does it, in the light of the ground forces, he really expected ordinary East Timor citizens to come and give evidence to the inquiry?"

He said the inquiry is to establish the facts of what

happened and to determine if they dare speak out in that manner," said Senator Vallentyne.

She also suggested that the massacre made it inappropriate for Senator Evans to advance the Timor stay away with Indonesia following an aid to exploration in the Timor Sea.

Senator Evans said it would be a serious matter were Australia now to pull out of its obligations to advance the treaty.

He said the Federal Government has no evidence the "explosive" massacre in Dili was a calculated act of the Indonesian Government and it could not be put into the same context as China's Tiananmen Square massacre.

Instead, he believed the Dili killings were the product of alleged brutality by a unit within the military.

"It would certainly be quite inappropriate for us to even contemplate making a step towards it," he said. "It is a solemn international treaty entered into between two countries."

But Senator Evans, who has already said Australia will review its relationship with Indonesia if the Dili inquiry is unconvincing, said he would call on the United Nations to send an envoy to help restore confidence in the inquiry.

In Singapore yesterday, he stressed for Indonesia, East Timor and Timor-Leste, "peace, stability and Australia's cultural and trade links with Indonesia must be maintained," he said.

In the eve of his two-day visit to Jakarta, he said Australia was in a "different situation" from Canada, which imposed economic sanctions against Indonesia in 1975 in protest against the massacre.

The Canadian Government suspended approval for \$1.5 billion in development products in Indonesia, but Senator Evans feared that any such pressure on the Australian Government to take similar action.

He said that, unlike Canada, Australia had, through the years, in the Asian region.

13/12/91

Dili killings: dispute brews over savage security methods

INDONESIA

JAKARTA, Thursday: Indonesia's top general has stated that the country's handling of security issues may not meet world standards, in what diplomats said was an appeal to help ease tensions between armed government officials.

Argument over the military's often brutal methods of dealing with trouble in stability has brought about the first public discussion of security in Timor since the 1975-76 invasion.

"We want the world to grow strong, peaceful and also united," the armed forces commander, General Fy Huziano, was quoted as saying by the military spokesman, Brigadier Wiradigda.

"We don't take a (harsh) security approach, don't make mistakes and don't put one against the other," General Fy said.

Last weekend the justice Minister, Mr. Rudini, a former commander of Indonesia's army, said it was time to change and stop getting involved in everything else.

"It will lead to a condition where every public agency including their political bodies could be improved in a sense of integrity," Mr. Rudini said.

But said, particularly General Fy, have been frequently criticised for possible future problems, perhaps serving him as deputy to President Suharto if he runs again in 1993 for the post he has held for 25 years.

259. 12 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

ACTU reins in push for E Timor protests

By SHANE GREEN
and CARMEL EGAN

THE ACTU executive yesterday headed off moves by left-wing unions for national bans and boycotts on Indonesian interests to protest against the Dili massacre last month.

In other developments yesterday:

ACADEMIC specialist Professor Jamie Mackie said East Timor could descend into civil war if granted independence.

THE Minister for Foreign Affairs and Trade, Senator Evans, said in the Senate Australia would neither tear up nor put on hold the Timor Gap Treaty. Australia and Indonesia are due to sign an agreement under the treaty that will allow 12 companies to explore for oil and gas.

THE Japanese ambassador to Australia, Mr Hiroshi Fukuda, said his Government had expressed serious concern over the massacre in Jakarta and wanted the United Nations to settle Timor's future with Indonesia and Portugal.

Senator Evans also appeared at a Red Cross function on war victims in Canberra yesterday with former Labor prime minister Mr Gough Whitlam, who on Monday attacked the Government's handling of Indonesia and East Timor.

But they managed a friendly exchange.

The ACTU executive, in a compromise move yesterday, left the way open for individual unions to consider action should the Indonesian in-



Mr Whitlam and Senator Evans yesterday ... friendly exchange — Picture: MICHAEL JONES

quiry into the massacre "prove to be a sham".

This could also occur if either the United Nations investigation or the report of the coming visit to Indonesia by Senator Evans did not provide "practical means of coming to terms with the situation in East Timor".

The ACTU's response has

been limited to a day of protest and action by waterfront unions to delay some Indonesian ships.

The president of the ACTU, Mr Martin Ferguson, said trade sanctions could not be imposed on a country "at the drop of a hat".

Professor Mackie, the recently retired professor of

political and social change at the Australian National University and a specialist on Indonesia, said: "I can foresee an appalling scenario if East Timor does ever proceed in getting independence with many people being killed."

He told a conference on East Timor at La Trobe University in Melbourne that in-

dependence would fall prey to factional politics.

In the Senate yesterday, West Australian green Senator Jo Vallentyne asked Senator Evans whether it would be appropriate to postpone signing the Timor Gap agreement in view of the massacre.

Further moves — Page 5.

Sutrisno moves to silence media

by correspondents in Jakarta and Bali

JAKARTA — Military officials demanded TV stations withdraw programmes against communism in a move seen as an attempt to silence the press.

The move was reported after several officials of the military ministry met on Tuesday and agreed to withdraw programmes with the above ideology and the Constitution could comment on the movement by the Minister of Home Affairs, Mr. Sutrisno, on Wednesday.

Mr. Sutrisno said the Government would not tolerate any activities on the ground which could threaten stability. It had the confidence to defend its position in Indonesia. He added that sanctions were not intended to stop the people from expressing themselves openly and honestly.

Mr. Sutrisno's statements were widely quoted by parliamentarians and the press on Wednesday.

But General Suharto said: "We have to be realistic. We are physically and mentally exhausted. We have to be realistic. We have to be realistic."

General Suharto said that he was not going to comment on the move. He said that he was not going to comment on the move. He said that he was not going to comment on the move.

The military had said that

any move to silence the media would be seen as a move to silence the media. He said that he was not going to comment on the move.

The Indonesian people who opened their eyes and saw the truth would not be silenced. He said that he was not going to comment on the move.

He mentioned that he was not going to comment on the move. He said that he was not going to comment on the move.

He said that he was not going to comment on the move. He said that he was not going to comment on the move.

President Suharto said that he was not going to comment on the move. He said that he was not going to comment on the move.

He mentioned that he was not going to comment on the move. He said that he was not going to comment on the move.

He said that he was not going to comment on the move. He said that he was not going to comment on the move.

He mentioned that he was not going to comment on the move. He said that he was not going to comment on the move.

He said that he was not going to comment on the move. He said that he was not going to comment on the move.

He mentioned that he was not going to comment on the move. He said that he was not going to comment on the move.

He said that he was not going to comment on the move. He said that he was not going to comment on the move.

Fast bans on Indonesia too risky: Button

By RICHARD MEGALOCENE in Singapore

AUSPICIALLY could not afford to jump the gun by imposing trade sanctions on Indonesia because of the importance of relations between the two countries, the Minister for Industry, Technology and Commerce, Senator Button, said yesterday.

Speaking at the end of a five-day visit to Malaysia, Senator Button said Australia was not in any hurry to restrict trade with Indonesia, which still had a surplus of goods worth \$5 billion in development projects in payment of the IMF loan.

"As I have said on a number of occasions in this city, we live and trade and work in the rest of the world," he said. "Age-old bonds of friendship and trade links between the two nations are very important to us."

Relationship developing

In letters and other channels, political leaders in the region and elsewhere in South East Asia.

"We are confident that the good about getting an agreement which might come in the future, because we have to trade with Indonesia in the future."

"But we have to be a little more careful. And we have to be a little more careful about our relationship with Indonesia."

Senator Button stressed he was not suggesting any trade with Indonesia, which was a major source of income for the Indonesian Government. He said that he was not going to comment on the move.

Senator Button said he was not going to comment on the move. He said that he was not going to comment on the move.

Although the Jakarta Government planned for some time to have a number of trade missions, Senator Button said he was not going to comment on the move.

He will visit the Indonesian capital, Mr. Button said, and he has already indicated he will visit the East Timor region.

The Minister for Industry, Technology and Commerce, Senator Button, said yesterday.

Senator Button said yesterday that he was not going to comment on the move. He said that he was not going to comment on the move.

Senator Button said yesterday that he was not going to comment on the move. He said that he was not going to comment on the move.

"I think in the future, we will have a more stable relationship with the East Timor region, because we have to trade with Indonesia in the future."

"I think in the future, we will have a more stable relationship with the East Timor region, because we have to trade with Indonesia in the future."

"I think in the future, we will have a more stable relationship with the East Timor region, because we have to trade with Indonesia in the future."

"I think in the future, we will have a more stable relationship with the East Timor region, because we have to trade with Indonesia in the future."

"I think in the future, we will have a more stable relationship with the East Timor region, because we have to trade with Indonesia in the future."

"I think in the future, we will have a more stable relationship with the East Timor region, because we have to trade with Indonesia in the future."

"O PORTUGUÊS NA AUSTRÁLIA"

Página 15

TIMOR-LESTE: MASSACRE

(11/12/91)

COMUNIDADE TIMORENSE ASSINALA PASSAGEM DO 16o. ANIVERSARIO DA INVASÃO INDONÉSIA EM TIMOR-LESTE



Missas celebradas na Sé Catedral de St. Maria pelo Cardeal Clancy



Um dos aspectos da marcha silenciosa. Em 1o. plano, crianças transportando contas de flores, em memória dos 200.000 mortos que a Indonésia já causou desde 1975...

Activistas timorenses residentes na Austrália e grupos de solidariedade, manifestaram-se sábado em Sydney por ocasião do 16o. aniversário da anexação do território. Na concentração efectuada no largo da Town Hall, em Sydney as manifestantes clamaram por retirada imediata de todas as forças militares do território, para garantir o direito a autodeterminação do povo de Timor-Leste.



Os líderes da UDTL Sr. João Carrascalão e Paulo Soares, e da Fretilin, Carlos Reis e Ramos Horta.

ABÍLIO DE ARAÚJO PELO NOBEL A XIMENES BELO

Lisboa - Abílio Araújo, dirigente da Frente e presidente da Fundação Austronésia-Brasil da Costa, manifestou sexta-feira em Lisboa, o seu apoio à campanha lançada pelo semanário "O Jornal" de galardoar o Bispo Ximenes Belo com o prémio Nobel da Paz.

O dirigente timorense falava na cerimónia de apresentação do prémio número da revista "Cor", editada pela Fundação, no clube dos jornais.

Abílio Araújo fez um apelo para que fossem condecorados postumamente timorenses D. Martinho da Costa

Bandeira da Falintil apareceu no cemitério de St. Cruz

Lisboa - Uma bandeira dos Falintil (a guerrilha timorense) apareceu no cemitério de Santa Cruz, em Dili, onde se encontravam tropas indonésias de armar um rifle, disse a agência para a República da Convergência Nacionalista, quando informou do interior do território.

Populares dirigiram-se de sábado de manhã para o cemitério de Santa Cruz, em Dili, onde foram mortas a 12 de Novembro, pelo menos 100 pessoas pelas tropas indonésias e viram a bandeira da Falintil (cada e escondidas, atrás das

campes, soldados indonésios, espalhou a fumaça clandestina do interior.

A mesma fonte referiu, segundo o dirigente da Convergência Nacionalista no exterior, que sexta-feira a polícia secreta indonésia no território prendeu várias pessoas entre as quais Francisco Branco, um funcionário público timorense, que as autoridades de ocupação consideraram como um dirigente da resistência.

A família de Branco lançou um apelo à Amnistia Internacional para denunciar tal facto e lutar pela sua libertação, acrescentou.

Após o término de Timor, que morreu em Portugal em Fevereiro deste ano, Nurdan Coimbra, líder do movimento armado assassinado em 1978 e Moisés do Amaral, ex-presidente da UDT.

Maria Barradas, mulher do presidente Mário Soares, disse, após o discurso de Abílio Araújo, que achava "muito bom" o apoio à campanha "Ximenes Belo/Nobel da Paz".

Solicitou ainda, a propósito do massacre de Dili, que "houvesse acontecimentos consolidaram tanto a opinião pública" e a "pronta resposta" das jvens portuguesas, nos acontecimentos de 12 de Novembro, no cemitério de Santa Cruz.

*** Governo defende encerramento da fronteira

Jacarta - O governador de Timor-Leste, Mário Carrascalão, defendeu que o território "deveria ser novamente encerrado aos visitantes".

Em entrevista concedida ao semanário indonésio "Pikiran", Mário Carrascalão disse que "desde que a região foi aberta, seguiu-se o caos, pelo que talvez não vale que seja encerrada".

"Se ela continuar aberta, lá se poderá conduzir pacatamente ao caos", advegu o governa-

* Cinema de Manakich Extra gigante mostra imagens do massacre de Dili

Em apoio ao povo de Timor-Leste, as imagens do massacre do dia 12 de Novembro em Dili foram projetadas, terça-feira, num écran gigante colocado em frente ao edifício em que decorre a cinema dos "Dores", em Manakich, Holanda.

Esta iniciativa do movimento de estudantes universitários para a defesa dos direitos do homem visa "mostrar aos holandeses o mundo para o qual foram enviados que há pessoas que sofrem de fome, uma brutalidade e povo ignorante".

... A cidade de Dili...
... com o mesmo nome...
... a fronteira que possui...
... a presença do...
... o papel..."

*** RESISTÊNCIA ANUNCIA PRISÃO DE 50 PESSOAS

Canberra, Austrália - As autoridades indonésias entregaram cerca de 50 pessoas em Melburn, oeste de Timor-Leste, disse a agência Iusa, um responsável da resistência mubera na Austrália.

Domingos de Oliveira, secretário-geral da União Democrática de Timor, reitera que a este lado despois em Timor-Leste julgou a intervenção da Amnistia Internacional para a denúncia desta situação de que os detidos "estão em parte feridos".

As autoridades neerlandesas argumentaram que os detidos desarmados eram "actividades anti-indonésias", disse Oliveira, afirmando que o número de "desaparecidos" está a aumentar desde o massacre do dia 12 de Novembro passado no exterior de Santa Cruz, em Dili.

Malina e em 1983 concebeu de diversos ministros do antigo território colonial português de Timor-Leste e em Junho a fronteira com o território indonésio.

**** GOVERNADOR DE TIMOR DEFENDE ENCERRAR TERRITÓRIO AOS VISTANTES

Jacarta - O governador de Timor-Leste, Mário Carrascalão, defendeu que o território "deveria ser novamente encerrado aos visitantes".

Em entrevista concedida ao semanário indonésio "Pikiran", Mário Carrascalão disse que "desde que a região foi aberta, seguiu-se o caos, pelo que talvez não vale que seja encerrada".

"Se ela continuar aberta, lá se poderá conduzir pacatamente ao caos", advegu o governador florentino, numa alusão ao massacre de 12 de Novembro em Dili.

Até Junho de 1989, era proibido entrar no sul de Timor-Leste.

Em finais de 1988, as autoridades neerlandesas decidiram combater o território, comentando que a integração de Timor-Leste se tinha processado com sofrimento progressivo.

261. 14 DEZEMBRO 1991 SMH

Warning about Dili ignored, says agent

By HOSEA HANOHARAN

DILI, Friday — A senior Indonesian intelligence officer said Jakarta had ignored warnings of a planned demonstration in East Timor last month that resulted in a massacre when soldiers fired into a crowd of protesters.

"We had received intel before November 12 that a demonstration was planned, but we did not believe it," the intelligence officer, who asked not to be identified, told Reuters last night by the East Timor capital of Dili.

"But we did not intervene with a big demonstration."

Several sources have previously said the army told them the military in some parts of Timor were based on a crowd of 1,500 people protesting a strict separation of a cemetery in Dili.

An Indonesian military analyst criticised the East Timor army for allowing the crowd to get so large in one place.

A Government communication spokesman in Jakarta said that today's events resulted in civilian deaths before it was able to return to Dili last night.

A preliminary report will be handed to the State Secretary in Monday.

The official Jakarta news agency said it shares "somehow" that the military had ordered the opening of a "restricted zone" of out of the system.

Five of the men in uniform of the army were a casualty in Dili, said 15th, while the military said it had killed 19 people killed in the November 12 incident.

The grave, picked at random, was dug up and the coffin opened fully before it was returned, while journalists looked on from a distance of about seven metres, Amara said.

The inquiry members stayed in an area while journalists were ordered to return to Dili.

The head of the inquiry, Mr Djajadji, later told reporters that Indonesian members had also visited other areas of Dili to look for signs of other graves.

Mr Djajadji said the team had received information about the return of the bodies, but found it difficult to find them in addition to them.



B L O O D BROTHERS-IN-ARMS

Fifty years ago on Tuesday Australian soldiers invaded neutral East Timor with appalling consequences for its people, according to a new book. The bloodshed helped forge close bonds between the diggers and the Timorese, as PHILIP DERRIMAN reports.

ON SEPTEMBER 20, Manuel de Carvalho Gonsalves of Portuguese Timor, reasserted control of his colony after nearly four years of Japanese occupation. He did the Japanese considered he went into in his white uniform, flanked by two officers, and posed for an Australian photographer. Behind him were his old car and the tail of Dili's cathedral, destroyed by Allied bombs. It was a historic day in a day of occupation. The coverage linked to his job spent under house arrest had taken them off. According to one account, most of his staff had taken off.

Carvalho Gonsalves had never been away in the colony. It is now believed that 100 or more people in Timor were taken away from their homes, including Gonsalves' wife and children, and a number of Allied South Australian soldiers, as known to have 300 members of local militia too.

Most of the Timorese, however, stood in anticipation and dismay at a first meeting by war. The question now being asked is whether Australia was partly responsible for the devastation — whether many thousands met their lives needlessly because of an Australian military intervention.

Simply it was an invasion, not just an intervention. Portugal was neutral, and so was the Timorese colony. In violation of a Japanese truce, an Australian contingent of about 1,300 men entered from the western half of Timor — Dutch colony, on December 17, 1941. Allied authorities decided to move a company of them, plus some Dutch troops, into the eastern half of the island.

Finally, it was an invasion, not just an intervention. Twenty-two hundred and so was the Timorese salute to expectation of a Japanese landing. An Australian contingent of about 1,000 men had arrived in the western half of Timor a Dutch colony, on December 15, 1941. After an hour's debate, they were a company of three, plus some French troops, into the western half of the island.

The December 11, 1941 Australian Dutch force was on a mission to prevent any JDF, which stayed in East Timor, from a takeover of Australia and other colonies, and put pressure on him to allow them to stay in East Timor, as they could protect the colony against the Japanese.

The 19-year-old lawyer diplomat was in a profession. He would have known that the small Allied force had no hope of protecting his colony, and he probably guessed that the pressure would surely drive the walls of the Japanese and drive his colony into the conflict. On the other hand, he must have realized that the Australians were determined to land no matter what he said. After preparing for a few days, Lawrence finally decided to tell the delegation that a landing by the Australians and Dutch would be a disaster for Australia and that his advice would help it.

The Japanese went ahead, supported by the Portuguese. Whatever force was sent to East Timor was held for the colony's 800,000 inhabitants. The number of them were about to be reduced in January of 1942, about 1,000 Japanese troops landed at Dili and proceeded to take a company against the Australians in East Timor. The capture of the Australian command



also lived through the hills and made his way to safety on the Japanese. For many JDF, make no mistake, they got the Timorese, however, who ultimately won the war of the Australian invasion.

A Sydney woman, Michele Turner, has not completed a book on the three missions to East Timor this century by the Australians, Japanese and Indonesians. Based on four years' research, it will be published and will be published by the University of NSW. She spent a year in Timor and 10 years after the war she described, but she was not elected to the subject early in life by her grandfather, who had been one of the Australian soldiers in Timor.

As well as displaying photographs, she interviewed and taped the recollections of men in memory of wartime events in East Timor, including a number of Timorese. Some of the material she gathered went to the radio of an ABC radio news, *Australia and East Timor: A Year to Report*, which this year won the Australian Human Rights Commission Award for radio documentaries.

She says the 1,000 Timorese had to pay a terrible price for being caught up in the war between the Japanese and Australia. The Australian commander who took part in it was inevitably proud of their success — especially of the fact that they won it all the Australian

troops in South East Asia did not consider to include Japan.

Yet it can be argued that even in thousands of thousands died because of them — an opinion might say, for there if the Australians had not gone to East Timor there would have been 100,000 deaths for the East Timorese. It would be the Japanese might have been a war in East Timor, imprisoned any Europeans they could find and perhaps turned some Timorese to work for them.

For another commander was the 2/2 Independent Company, which landed on the night and early 1942 when they were withdrawn. The officer, Australian, kept a diary a number of months after the war. From the top of the page it says, after a few days, accompanied by a number of men in a boat.

The Australian commander left a small group of soldiers, chosen for their loyalty and courage, to fight

and during the night the boat was well known to several officers, known as the Singapore Tiger, who had been sent to Timor to clear out the Australians. This was by an Australian imper.

That's why under the Australian took a relatively heavy toll of the enemy, killed and wounded perhaps 1,000 Japanese in 12 months. All relatively remarkably light losses themselves, more than 40 Australians died in this same period, about 70 of whom

Like all our people I liked the Australian soldiers!

Under the East Timor might have given through the war continued.

Further the month, if it is reported they several commitments a number of men as a few hundred men in the East Timor. In his letter to the Prime Minister, Mr. Hawke, says that he supports the right of the East Timorese to self-determination. They did so, they had, and of gratitude to the Timorese who sheltered, fed and helped them in 1942.

For much of that year, about 300 Australian companies of the 2/2 Independent Company waged a guerrilla war against the Japanese. Toward the end of the year, they were replaced

about that time. The Japanese in West Java, Australia and were which show, a fact clearly about how seriously they were regarded. The 2/2 Australian companies in East Timor in 1942 operated in small units, perhaps ten or twenty men. They did make a daring attack on the Dili, but their usual work was to ambush Japanese units which came looking for them in the hills.

It will stand as a reminder of the part of the Japanese officer in charge of the unit, who was usually conspicuous by his uniform and then to have many of the damaged soldiers, before being sent

were killed in the Dili area, after the Japanese attack. Under the name of the East Timorese (English) how the Australians fight their smaller units and how they fought in the East Timor.

In preparation, the Japanese launched a big drive against the Australian Timorese in August 1942. Naturally, it was a successful failure. The Japanese killed only one Australian and did not capture any. The commander of the East Timorese, who the Japanese rightly believed to be aiding and sheltering the men.

Saturday, December 14, 1991 37

Broken mirror... Portuguese Timor Government Manuel de Carvalho looked by officers on the day of Japan's surrender.

worry over the killing which he has by beholding the "murder"

The death toll in East Timor is revealed as a caution taken after the war, which showed a decline of 10 percent in the population - or about 40,000 - since the previous census before the war. The whirling mystery of why the East Timorese gave so much support to the Australians - to whom they owed nothing - at such enormous cost to themselves, even the murder in Dutch Timor, the Timorese did not hesitate to hand over Australians to the Japanese. It was there, incidentally, that Tom Ueno was made a prisoner of war.

Timor believes the different attitudes towards the Australian in the two colonies mirrored the different attitudes which the Timorese had towards their colonial rulers. The Dutch, she says, kept them from the indigenous people. But this can be only part of the explanation. Perhaps the East Timorese simply hated the white young Australians more in their habit than the more, bullying Japanese. It also happened that a sizable number of the Australian soldiers were Catholics - including one of their first prominent officers, Bernard Callinan - and Timor finds themselves them to form a natural bond with the Catholic Timorese.

When on the September 4, 1941, the day of the martyr, an incident occurred. It was the day of the Japanese attack on Pearl Harbor. A group of 500 Timorese, who had been in the country, had been through death and destruction days on their land, yet had never killed them since nothing in return. It is the reason Timor Australian commanders who led them over their lives in the East Timorese are awaiting now for a further Australian approach to the war-torn Timor.

Michael Timor, a investigator has convinced her that life today under the Indonesian is harder than life under the Japanese. But a soldier's eye, one never being that the Japanese troops were more disciplined but there was a controlled discipline.

Her book contains several first-hand accounts showing the Timorese was prepared to go to any lengths to protect the autonomy, life of the Timorese. He interviewed de Paulo, former one of the men taken by the Japanese on grounds of military headquarters. In a quiet interview in 1981 he revealed:

"I was all out, ready to shed the Australian soldier. They were what they had with us. In 1941 the Japanese came to us and the first Australians came and they had to help them. I was to be a diplomat. I say, 'Yes, we are Australian. I want to help you, but you are here and we help you, we help you. It is our way.'

"When they told me of the 10,000 soldiers, I said, 'Two Timorese lost me a man. How can you help me that you say? They are called as dead and they will be killed, and you have to help me. Another soldier... they bring him down. They bring him to the front and they say, 'He is dead, he is dead.'"

"What happened to Carvalho? He was killed? Because he was made to believe that after the war his health was in the hands of the government, and they tried to bring him away. I think he who returned from the war was a good man. He was a soldier and a soldier he prepared, but he did what he considered his duty and when he thought we had for the Timorese. When the Indonesians invaded East Timor in 1975, other Timorese are reported to have said to such effect: 'If only I could see Carvalho again, I would die.'

262. 14 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

Red Cross visits the Dili survivors

GENEVA: The Red Cross has visited 89 people who were shot and wounded by Indonesian troops in the Dili massacre in East Timor.

An estimated 100 Timorese were killed on November 12 by the army during protests at the town's Santa Cruz cemetery.

The International Committee of the Red Cross said its delegates, including a doctor, visited the wounded at Dili's military hospital.

Last Sunday, they spoke to 30 Timorese arrested by police.

Indonesia claims 19 people died and 91 were injured when troops allegedly opened fire in self-defence.

An Indonesian intelligence officer said yesterday Jakarta had ignored warnings of a demonstration.

14/12/91 AFP Reuters

263. 16 DEZEMBRO 1991 RDP

rdp 266,31 10/12/91 (1)

O comandante em chefe das forças armadas indonésias, gen. Try Sutrisno, anunciou que "ações militares russas" seriam adoptadas para preservar a autoridade, reputação e dignidade da indonésia se tornasse a "nova Dili" em 1991.

— comissão de inquérito do massacre de Santa Cruz deixou o território na mesma feita sem ter encontrado a vala comum identificada por um jornalista australiano. Entretanto chegou a Dili um enviado do papa, mons. Giovanni De Andrea embora o padre Alberto Ricardo da Silva tenha declarado à comunicação social que a sua visita não está ligada aos incidentes. Trata-se de primeira vez que um enviado papal se deslocou a Dili desde que o papa ali esteve em 1984.

equivalente ao parlamento

a assembleia provincial de Timor Leste lançou um comunicado neste fim de semana declarando que o massacre de novembro era um assunto interno e que não era necessária intervenção externa, e se bem que condenando os acontecimentos e apoiando a comissão de inquérito do presidente da assembleia, guilherme dos santos disse que a comissão não pode efectuar uma investigação objectiva devido ao facto de ser estado sob vigilância constante das autoridades militares.

entretanto na primeira entrevista de fundo dada pelo embaixador indonésio em ~~jakarta~~, sabam siagun, este criticou a posição crítica da australian em relação aos incidentes de novembro e a inclusão de condições para a visita do primeiro ministro australiano, ao mesmo tempo criticava ainda os piquetes de greve em torno da representação diplomática indonésia na australian e afirmava o pluralismo e liberdade de imprensa indonésia ao mostrar exemplos da cobertura que a tragédia de Dili teve na imprensa do seu país.

264. 16 DEZEMBRO 1991 SMH

Monday, December 16, 1991 7

General gets tough in name of peace

JAKARTA, Sunday, December 15 - Military commander warned he would take a tough line in any peace talks in East Timor. The official news agency Antara said today.

Army Gen. Mulyono, who has been in charge of the military operations in East Timor, said he would take a tough line in any peace talks in East Timor.

Gen. Mulyono said he would take a tough line in any peace talks in East Timor, when he visits Timor in a bid to win support for the capital, Dili.

Several reports on the front line of the war in East Timor said the army was 19 dead.

On Friday, Indonesian forces in East Timor were reported to be in control of the town of Dili, which was taken over by Indonesia in 1975.

The official committee for East Timor at the weekend said it had to prepare a preliminary report to the Government tomorrow. Its leader said he would not hold the same press conference as the previous one, which was reportedly banned.

General Try was the subject of the press conference - said to be

brought to court. He has previously warned his soldiers were not to take any action to defend themselves against a dangerous mob.

The general appealed to "all sides" in Timor to stop causing trouble and help build up the country.

He warned private Indonesian groups not to spread "negative" information about their country, or they would be "put in order" and their leaders blacklisted.

"Probably such organisations are money-oriented, for they are getting financial aid from foreign countries," he said.

The general named no organisations, but Indonesia's leading human rights group, the Lembaga Bantuan Hukum, said earlier this month that the East Timor incident had stained Indonesia's reputation.

As a sign of Pope John Paul II has arrived in Dili for a three-day visit and declined to discuss the progress of his stay, Indonesian press reports said today.

The canon, Monsignor Gregorio de Jesus, arrived yesterday, the *Tempo* daily said, adding that an East Timorese priest, Alberto Nicolao de Silva, had stated the canon's role was not linked to the East Timorese.

East Timor whitewash

LAST month, Mr Hawke committed the Government to a review of Australia's relations with Indonesia if Jakarta's inquiry into the November 12 massacre in East Timor proved to be a whitewash. Yesterday, the head of the Indonesian commission of inquiry, Supreme Court Judge Djuslandi, delivered his report. He found no evidence, he claimed, to support suggestions that any more than 12 people were killed by Indonesian security forces outside Dili - Santa Cruz cemetery five weeks ago. This is despite the fact that the Governor of East Timor, Mr Mario Carrascalan, the Australian Administrator, Bishop Romão Belo, an investigative team from the Indonesian District Conference, and another from the US State Department, all accept that about 100 people were killed. Indonesia's inquiry has been a whitewash and Mr Hawke has no alternative but to adjust relations accordingly.

There was never much doubt that Judge Djuslandi's inquiry would come up with a report basically consistent with the military's version of the events of November 12. Judge Djuslandi himself, after all, is a retired military officer who has served both with Indonesia's internal security organisations and with its elite special forces regiments. Both sides have figured prominently in the East Timor operation since Indonesia's invasion in 1975. There is no tradition of judicial independence in Indonesia and certainly none of an independent investigation into the military's behaviour in East Timor. Moreover, Indonesia's armed forces commander, General Try Sutrisno, has been almost invariable in the commander of East Timor during the course of the inquiry. And as far as General Try is concerned, 10 East Timorese were shot dead by his troops on November 12 when they had

in self-defence on an anti-political rally.

One of the problems for Canberra is that this independent attitude on the part of the Indonesian military is not necessarily shared by political leaders in Jakarta. Indonesia's Foreign Minister, Mr Ali Alatas, has said his Government would consider a request from the UN for its own inquiry of East Timor. And limited access to the territory has been given to foreign and Red Cross officials. By contrast, General Try has threatened to wipe out East Timor troublemakers and his regional commander for East Indonesia says the officers involved in the Santa Cruz massacre may be promoted.

What this suggests is that the Hawke Government must resist attempts to please Indonesia in order simply to placate Australian domestic opinion. That may alienate those officials in Jakarta who appreciate that Indonesia's long-term interests are not being served by its current policy in East Timor. It may damage the long-term interests Australia has in becoming generally good friends with Indonesia. Most importantly, it would not help the East Timorese in any practical way.

Certainly, Australian military aid to Indonesia should be suspended. And the planned visit by Mr Hawke to Jakarta in February should be called off. Not to take these steps now would make a mockery of Australia's professed commitment to the truth and to justice over the November 12 massacre. Regular official contacts, however, as well as trade and development aid, should be left intact. The outrage and disappointment we feel on behalf of East Timorese should not be directed at ordinary Indonesians and a dialogue must be kept open with those Indonesian leaders who do not share the crude approach to the world of some of their leaders.

265. 16 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

East Timor rejects foreign interference

DILI: The East Timor provincial Assembly today condemned the killing of 17 pro-independence East Timorese students and people by the troops in the November 12 incident at the cemetery in the former Portuguese colony's capital of Dili.

The statement condemned the killing of pro-independence East Timorese students and people by the troops in the November 12 incident at the cemetery in the former Portuguese colony's capital of Dili.

It said the house strongly supported a national investigative commission into the violence and urged the Government to take full responsibility for the killing.

According to the Government 17 people were killed and 41 injured.

The number eight general East Timorese and foreign



General Sarinra

witnesses, say the death toll was more than 100.

The Speaker of the East Timor Assembly, Mr Galbarino Dos Santos, questioned the commission's ability to produce an objective broad-based review of combat operations by the military.

"The military intelligence is always following the con-

dition wherever they go," he said. "How can they be objective?"

He also expressed concern for the safety of the East Timorese who remained in the country, despite guarantees of their safety given by the military commander at East Timor, General Rodolfo Wainra.

"The action of the military is not always in keeping with the words of the commander," Mr Dos Santos said.

The commission, led by Justice Updegraff of the Supreme Court, completed its 17 day inquiry at the weekend and left Dili to report to President Sukaeto, who formed the body after consultation with the world community.

While saying his mission had accomplished its task, Justice Updegraff said the team might return to Dili for further consultation work.

Indonesian troops intervened in East Timor during civil war in 1975 and they arrested the former Portuguese colony in July 1976.

Many of those killed were suspected of being leftist Fretilin guerrillas, who have been fighting government troops for the past 16 years.

The commander of the armed forces, General Francisco Guterres, who has ordered the guerrillas for the violence, said a warning that the military would take firm measures against those who continued to create dissent in East Timor.

"We know that it is unwise to be confronted with secretly operations," he said. "But the world community has lived in the poverty and dignity of the nation."

General Sukaeto is expected to spend Christmas in East Timor and coordinate the recovery of the victims.

11

16/12/91

Moralising on Timor 'damaging Australia'

BY GREG SHERIDAN

A Comunidade
 Sydney Portugal Community Club

Timor

Timor-Leste Porta-voz da resistência insatisfeito com Portugal

O porta-voz do Conselho Nacional da Resistência Maubere (CNRM), José Ramos Horta, disse numa conferência de imprensa, em Lisboa, que «gostaria de ver mais» na acção política do Estado português sobre Timor-Leste.



Quando disse que a resistência timorese está mal com Portugal.

«Enquanto timorense e enquanto porta-voz da resistência gostaria de ver mais», afirmou Ramos Horta, quando instado a comentar as iniciativas diplomáticas portuguesas desencadeadas após o massacre de 12 em 12.

No entanto, o ex-ministro da Presidência da ONU salientou que «há vontade política das autoridades portuguesas e a responsabilidade maior sempre por Lei (Olivio Santos)», sublinhando assim o papel do ministro dos Negócios Estrangeiros António Guterres que tem sempre

alçado a questão timorense. Nas suas críticas a Portugal, Ramos Horta deu particular destaque à indelicadeza que existe a nível parlamentar português a Timor-Leste e à recusa do governo em acção internacional para a resolução do conflito.

«Não se pode esperar de um país que o compromisso de independência», afirmou Ramos Horta,

«mas precisa de ter uma vontade para poder realizar a sua estratégia».

Um dia no passado, explicou, quando os timorezes tinham pedido ao comitê para-apoio timorês, tinham sido, em sua opinião, «deixados de lado».

«Não houve uma integração de ninguém», afirmou Ramos Horta,

«mas, desde que agora se afirma de Portugal falar bem firme com os EUA» — um país que, em sua opinião, «está a tomar a questão timorense numa posição de absoluta ignorância».

«É preciso, não só, alcançar a posição de uma posição de absoluta ignorância», afirmou Ramos Horta,

Ramos Horta afirmou que não tinha a intenção de criticar o Peter de Cevallos, secretário-geral da ONU, a quem chamou de «um homem aberto a todas as favas de Timor-Leste».

«Qualquer secretário-geral das Nações Unidas será melhor que ele porque é impossível de criticar», afirmou Ramos Horta, quando questionado sobre a opinião que tem acerca de Boutros Ghali, o secretário de Peter de Cevallos no cargo.

O porta-voz do CNRM admitiu ainda que a massacre de dia 12 a posteriori «reduziram a infligiram danos significativos à resistência clandestina».

Ramos Horta não admitiu, em qualquer momento, a ligação entre a massacre de 12 e o comandante da resistência Manuel Gama.

Quando se foi ao encontro da revista em que se encontra o artigo afirma que «as informações não foram mesmo depois de tudo».

«É horrível, não consigo acreditar», afirmou Ramos Horta, «mas não vou falar sobre o assunto».

«A única coisa que me preocupa é a situação política», afirmou Ramos Horta, «mas não vou falar sobre o assunto».

RÁDIO AMADORES

A Associação de Rádio Amadores da Madeira promoveu contactos com estações em todo o mundo para difusão de mensagens de protesto pela situação em Timor-Leste.

Esta iniciativa dos rádio amadores madeirenses inseriu-se no âmbito da jornada «Timor mais perto» que durante 24 horas, se realizou no Funchal numa iniciativa conjunta da Associação dos Artistas Plásticos da Madeira e da Direcção Regional do Sindicato dos Jornalistas.

Os rádio amadores, para o efeito, instalaram equipamento na sede do Sindicato dos Jornalistas, mantendo-se em actividade até à meia-noite.

O objectivo desta iniciativa, segundo a Associação foi o de recordar aos vários países que estiveram em ligação a situação em Timor-Leste, dando conta das repercussões do massacre do cemitério de Santa Cruz na Comunidade Internacional e dos resultados da invasão da Indonésia ocorrida em 1976.

Comissão de inquérito

«Podemos demorar uma semana, mas também podemos demorar um mês. Não temos qualquer limite de tempo para concluir o nosso trabalho», disse aos jornalistas o presidente da

«Não deixamos em paz para podermos de novo trabalhar», disse o seu chefe, António Luís, antigo dirigente de uma associação portuguesa de direitos humanos, mas



... e sublinhou:
 Ramos Horta disse que im-
 portava-lhe a possibilidade de
 voltar a Portugal de Coelhar, re-
 presentando o Brasil da ONU, e
 quem depois de tudo se re-
 volta a boca a boca de
 Timor-Leste.

«Qualquer secretário-
 geral das Nações Unidas
 será melhor que ele porque
 é impossível ser pior», disse
 Ramos Horta, quando ques-
 tionado sobre a opinião que
 tem acerca de Boutros Gali,
 o sucessor de Pérez de
 Cuellar no cargo.

O porta-voz do CNRM
 admitiu ainda que o máen-
 pre de dia 12 e posteriores
 execuções indignam ainda
 «significativos» a rede
 clandestina.

Ramos Horta tem ainda,
 sem conseguir conter as
 lágrimas, uma mensagem do
 comandante da resistência,
 Xanina Gusmão.

Quando chegou ao recor-
 do da miséria em que Xa-
 nina Gusmão «vive» que
 «se rapunha todo dia»,
 mesmo depois de morto.
 É horrível. Não consigo
 descrever. Ramos Horta
 interrompeu a leitura com
 os olhos marejados de lá-
 grimas e a voz embargada.

Já antes, pela mesma ra-
 zão, o porta-voz do CNRM
 não conseguiu explicar a
 frase em que condenou a
 «reforçar um «estado muito im-
 paciente» de Xanina Gusmão.



Mário Soares visita o chefe da comissão de inquirição
 constituída por Djacarra

**Comissão, o juiz Djacarra do
 Supremo Tribunal**

A comissão da Comissão
 de Inquirição foi constituída por
 alguns funcionários. Um me-
 mbera de prova, que se iden-
 tificou apenas como José,
 comentou «Quando lá ver-
 eles chegam a alguma com-

issão dúvidas quanto à
 composição da comissão de
 inquirição, salientando que
 não há esta representação
 qualquer entidade indepen-
 dente do Governo.

Na cidade de Díli o am-
 biente continua a ser tenso



RISSÓIS DE CAMARÃO
RISSÓIS DA ROSA

AGORA COM VENDA
 DIRECTA AO PÚBLICO

**FAÇA AS SUAS
 ENCOMENDAS**

ATRAVÉS DO TELE
 660 4898



**COM VOTOS DE
 FELIZ NATAL**
PRÓSPERO ANO NOVO

Terceira-Feira, 17 de Dezembro de 1991

TIMOR - LESTE

Página 5

HORA DA LIBERDADE PARA TIMOR LESTE "SOARÁ MAIS CEDO DO QUE MUITOS PENSAM", CONSIDERA O PRESIDENTE DA REPUBLICA

Lisboa - O Presidente da República, Mário Soares afirmou que a hora de liberdade para Timor-Leste será, provavelmente, mais cedo do que muitos pensam.

Na sessão comemorativa de 25.º aniversário da declaração dos direitos humanos, que decorreu na ordem das antiguidades, em Lisboa, Mário Soares publicou que "os timorenses estão cada vez mais isolados", acrescentando que "a justiça acabou sempre por triunfar".

O Chefe de Estado dividiu a sua intervenção em três partes: Democracia e aprofundamento, implantação e estado dos direitos humanos em Portugal, e a situação em Timor-Leste.

Em relação ao território invadido pela Indonésia, Soares afirmou que "Portugal nunca renunciou nem permitirá as suas responsabilidades de potência soberana, incluindo a de fornecer assistência política pelas Nações Unidas".

"Portugal é unilateralmente solidário com o povo timorês de Timor-Leste e não deixará nunca de se basear, por vezes de forma legal e por vezes, porém, que sejam reconhecidas ao povo de Timor, em seus maliciosos ataques, designadamente o direito a autodeterminação e independência", afirmou.

Em abrandar os direitos humanos em Portugal, o chefe de estado alertou para

as desastrosas situações em que vivem os idosos, as crianças, os deficientes físicos, as condições de precariedade insuportável e verdadeiramente inhumanas, doenças de milhões de pessoas que se multiplicam em Portugal e que, com o seu contributo, ajudam a desenvolvermente de Portugal".

Soares que tomou um pé de imigrantes e que temo situações para milhares de dura exploração que temo violação dos direitos em países estrangeiros como prova de um trabalho honesto, não podendo agora ser indevidamente a situação criada com os imigrantes, no que temo interesses legítimos de empresários e organizações

peças escuras, sustentada a realidade da realidade.

Na opinião de Mário Soares, Portugal terá que "trabalhar, defender os direitos, trabalhar para a realização dos seus objetivos e reconhecer a realidade - que tem direito".

Em relação que Portugal não pode deixar de trabalhar para os timorenses que vivem na zona fronteiriça, o chefe de estado insistiu: "os timorenses precisam de apoio humano para com eles, além dos direitos que tem a ver precisamente com a dignidade das pessoas humanas, e que não podemos não devermos esquecer".

MISSÕES PARLAMENTARES

Jornalistas árabes interrogaram ministro indonésio sobre questão timorense

Dakar - O ministro indonésio das Relações Exteriores, Ali Alatas, explicou aos membros de um grupo de jornalistas árabes em Dakar que o

Lisboa - Estados Unidos e Canadá não se dão conta que a Assembleia da República quer fazer parte das reuniões de sensibilização internacional para a causa de Timor-Leste.

A insistência das EUA, como Alatas da Indonésia não se originou de preocupação de desmascaração de uma missão parlamentarista em Portugal e Canadá.

Contexto - Com a con-

colução da data prevista para visita também não foi definido, ficando à espera de mais outro prazo, segundo fontes parlamentares.

Segundo o PTT, a Comissão parlamentar vai enviar missões a vários países europeus ao longo de 1992.

Familiar a missão parlamentarista e outros que se parlamentarista vão divulgar informações as missões internacion-

ais, acrescentando contudo que as recentes declarações do ministro indonésio das Relações Exteriores, Ali Alatas, mantendo a disposição para negociações com Portugal sobre o território, não mereceram particular atenção por parte dos deputados.

No entanto, Vitor Crespo salientou que o facto de a Indonésia não querer reconhecer

Indonésia disposta a negociar com Portugal

Dakar - O Ministro das Relações Exteriores da Indonésia, Ali Alatas, afirmou em Dakar que o governo indonésio está disposto a discutir a questão de Timor-Leste com Portugal, desde que os portugueses de Lisboa assumam a sua responsabilidade.

Numa entrevista à RTP, a que a Agência Lusa teve acesso, Alatas considerou que a missão de DDI a 20 de Novembro passada representou um primeiro passo no avanço para Lisboa e Jakarta para resolver a questão de Timor-Leste.

Al acrescentou que os contactos entre Portugal e a Indonésia sobre o caso timorense e a situação que a situação de Timor-Leste tem ditado críticas infundadas.

Durante a entrevista, feita em conjunto aos dois jornalistas do "Jornal das Novas" e por Cândido Dito, do "24 Horas", funcionários indonésios fizeram fotografias e filmagens relativamente ao jornalista da RTP e da sua presença.

O ministro garantiu ainda o desapego de Portugal à situação de Timor-Leste, desde que a Indonésia não se comprometa a reconhecer a sua responsabilidade.

Ali Alatas reconheceu a existência de violência da ma-

nifestação de 13 de Novembro em DDI, mas salientou que a infra-estrutura de Timor-Leste é "pequena que se manifestaram antes as manifestações".

Al acrescentou também que as tropas indonésias que perpetraram o massacre não são novos anos, mas também não são nenhum diabo de guerra.

Quanto ao porquê que a Indonésia recusa uma comissão de inquérito independente para investigar o massacre, Ali Alatas disse à RTP que isso não está sendo feito, mas que o seu país, no meio uma comissão nacional.

Alatas reconheceu a existência de violações dos direitos humanos, para "não se esquecerem as violações de direitos humanos".

Relativamente à situação de Timor-Leste, acrescentou em Timor-Leste, designadamente portugueses, a ONU também não tem a mesma disponibilidade de seu

governo que a própria, mas frisou que os jornalistas não devem esquecer que a situação de Timor-Leste não é um problema interno.

Instado a explicar como Jakarta reconheceu a sua responsabilidade, Ali Alatas afirmou que a Indonésia está em condições de que as pessoas possam agir.

trou a um grupo de jornalistas...
...tempo de seus homologos de Malásia, Birmá e Indonésia sobre a situação actual em Timor-Leste.

Segundo essas jornalistas...
...não é um lugar apropriado para visitar o caso de Timor-Leste, um mesmo destino no passado e receber equívocos mistérios.

A maioria argumenta que o ministro de Dili...
...que é apelado "Atas" - cum-
...alguns manifestantes têm
...poucos minutos da publi-
...cação brasileira.

A chris da deslumbrante indonésia...
...hoje tem um mistério das
...provações, nem um a jul-
...meda devaluação.

O ministro afirmou que não permitiu que...
...a Indonésia, sendo já o
...estabelecido sobre Timor-
...Leste, de acordo com o
...classificação de jornalista.



Características...
...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

Em declarações...
...dizem de maneira "categórica-
...mente" a existência de um
...ligo entre os governos de
...Leste e a Indonésia, e
...qual existiu que Portugal
...propôs em 1971 e 1975 a
...criação de "um domínio
...autônomo no condomínio
...de Timor".

Vasco Gonçalves...
...que há um conjunto de
...condições, como a presença
...da república, a primeira-
...cidade de, a maioria de
...de desconfiança, entre ou-
...tras, que seriam de envolver
...políticos para serem uma
...carteira, não que "alguma
...indivíduo" a priori
...há.

Gough Whitlam...
...de 1971 a 1975 a criação
...de "um domínio autônomo
...no condomínio de Timor".

Representantes...
...de organizações portuguesas
...encorajados quando se
...para a independência holandesa
...em Lisboa e quem pediram
...para Dili, desde 1975, para
...políticos timorenses para
...criar as organizações.

Políticos e...
...uma reunião da OIC, em
...Leste que a embaixada
...holandesa em Portugal
...representante em
...Portugal de actual presidente
...da OIC e um ex-potência
...colunizados de Indonésia.

Todos os dias...
...que há um país que se
...acorda - para si. Todos os
...dias há um país que se
...acorda - em sua intenção. Uma
...criação de um país - em
...sua homenagem, de a morte,
...que há organizações procla-
...dam desde chegar a cada um
...dos presos.



...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

Oito timorenses acusados de subversão

Jakarta - Oito dos defen-
...em Dili, um capitão de Sa-
...Leste e 15 de Novembro
...vto. 11) julgados por sub-
...verção e mais 15 de ma-
...simo de delinq. comum, An-
...dau e Agarta (Malásia In-
...dependente Amava).

Os abrigos das leis anti-
...subversivas adoptadas pelo
...regime indonésio a pena
...maxima prevista para os
...delitos considerados subver-
...sivos e a morte.

Quando feitas as acusa-
...ções em Dili e do Ministério
...Público, a Anara diz que oito
...dos 30 timorenses que con-
...tinuam detidos desde o ter-
...cênis do comitê de "re-
...pressão a subversão" e
...são detidos a tribunal por
...sua inércia.

As acusações contra os
...oito são de natureza grave e
...dizem respeito a perturbação
...da ordem ou outros delitos
...de discriminação.

Entretanto as mesmas
...fontes citadas pela Anara
...dizem que uma força espe-
...cial de investigação criada
...pelo governo militar de
...Leste está "desenvolvendo
...uma investigação" suscitada
...pelo Dili, que acabou em
...1984, Dili, Java, Sumatra,
...Sul e Portugal.

Uma organização, deslo-
...cada por Conselho Nacional
...de Resistência "Mardika"
...MARDIKA, foi criada este me-
...s, antes da morte de FIC-
...Mora e Timor-Leste, em
...Outubro de 1984, e a com-
...posição essencialmente por
...grupos de estudantes e ju-
...vins de 18 a 25 anos de in-
...dependência.

Em termos gerais esta
...organização tem como fun-
...ção principal a de apoiar a
...libertação de Timor-Leste,
...mas também a de apoiar a
...libertação de Timor-Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

...de 1984 a 1975, qualque
...governante português em
...esta primeira de governo
...autônomo, para estabelecer
...uma relação de condonação
...sobre os territórios de Timor-
...Leste.

Enviado do Papa chegou a Dili

Cidade do Vaticano - O
...enviado especial do Papa a
...Timor-Leste, Monsenhor
...Giacomoni de Rodas, já po-
...de para aquele território para
...a missão de prestar assistência
...da administração pro-
...visória a pedido do Dili, o
...Monsenhor Rodas disse a porta-
...voz do Vaticano, Inácio
...Lopes.

O Papa tomou a decisão
...de enviar a Dili Monsenhor
...de Rodas, que tem a categoria
...de enviado Apostólico,
...para "prestar um auxílio fra-
...ternal a um Bispo diocêsano
...em uma situação de
...circunstâncias difíceis",
...diz a portavoza, que subli-
...nhou também de uma missão
..."puramente pastoral que
...tem por finalidade servir e
...encorajar".

Segundo fontes locais,
...Monsenhor de Rodas já
...está em Dili para fazer
...conexões com o arcebispo
...de Macau de São José
...e também com o Bispo
...Monsenhor Pedro Santos.

THE BULLETIN



Left: Veterans of the Dili massacre, 303 Regiment troops perform their mourning exercises only 300 metres from Santa Cruz Cemetery

fatal future when they will meet into another death in through possession, knowing that they will be executed the same way as that delivered in November 12 to the reconstruction at Santa Cruz Cemetery. "The Army response at Santa Cruz" was a road one highway Indonesian officer reply, "a standard operating procedure." "Political dissent in Indonesia is simply not permitted."

Santa Cruz Cemetery is quiet once again, a lone candle defying the breeze, perpetually kept burning at the grave of Sebastian Gomez. It was the memorial mass and procession January 1991 that became an emergency demonstration against local Timorese integration with Indonesia—the chanting, youthfulers all swollen to more than 2000 before the army intervened. The Indonesian committee of inquiry set up by the Suharto government to investigate the massacre has visited this cemetery but local witnesses are not forthcoming, until the committee sets up procedures to guarantee their safety, witnesses will remain silent terrified of any retaliation for their testimony.

If they could make submissions to the committee, they would tell how the Army arrived at dawn from four directions, grouping at the southern entrance. Brigadier Rudolf Wainos, the provincial military commander, was not present. He was busy meeting a human rights delegation from the United Nations a kilometre away at the Tanjung Hotel.

One softly spoken public servant would explain how he saved 10 metres from the young officers who, without warning the crowd to disperse or ordering a warning volley, stood on the back of a tank shouting the order for his troops to open fire. "The soldiers were berserk—they would not stop for more than 10 minutes, keeping the demonstrators within the cemetery walls. All witnesses reported that the Army loaded three personnel trucks with the bodies of the dead after the shooting stopped, pulling in another tank filled with a water tank to hose down the bloody remains of the carnage.

The number of dead from the military action at Santa Cruz Cemetery collected by sources in Dili from families reporting their children missing, hospital workers, public servants, UN observers and other witnesses stands at 214. That number contin-

ues to rise with the deaths of the wounded who returned to their homes rather than give medical treatment by Indonesian authorities.

Maria Carmichael, the wife of the governor, arrived at Santa Cruz a half hour hours after the gunfire stopped. A public figure above suspicion, she will testify to the committee that she saw 48 people still injured, some critically wounded—hospitalised in the cemetery. "When she asked a soldier why they had not been taken to hospital," explains the governor, "she was told that there was no transportation. They were proving to the transport of the wounded people to the wounded."

The identities of those killed, wounded and arrested continue to be withheld by the Indonesian military, except for 50 names of the wounded that the hospital Milena Caritas was assigned to search from the withdrawal of the Indonesian military.

The Army went on until dark to move again through the village. Flying out of the town on a night, a group of soldiers outside the capital heard an Army plane fly back over Dili. They thought it was the night of the massacre. The estimated mass Army personnel



led, followed by two bulldozers. One of the pits was filled with the stunted bodies of the dead, the other two carried headless bodies who had survived the slaughter. "We go to the far end of the village," they returned in Portuguese as they passed by the mound they had dug.

Some 20 kilometres outside Dili, within the village limits of the village, 1400 the number of dead thrust into a military base some 500 metres from the local village. It was a large open area for a while. It was one of seven around Dili that had already been dug by the military, in an effort to minimize the



A funeral at Santa Cruz Cemetery two weeks after the massacre; funerals have become a form of protest in Dili. Below: The mass grave site at the Indonesian Army camp at Tilar, 20 kilometres from Dili

cost Timorese against any participation in the withdrawal. Portuguese paramilitary troops have been concentrating its search for the graves in the Horn West," says Governor Carmichael. "But without success. I will make sure the massacre site is investigated because I, too, have images of what it has done."

Getting to the mass grave isn't easy. One kilometre away at a heavily mined Army installation (labeled as a midway to the strip of land that once occupied the village of Tilar. Within the Tilar area is the battle site—common Army base—Fulima where the grave site lies behind the main units of the Indonesian soldiers and their families.

The burial pit was exactly where sources reported it to be. A large, shallow ditchland between the Army camp and the village (about 100 metres) behind it, the earth at least was about 100 metres deep. The square-meter excavation formed the beginning of a dirt track that led off the main road to the firing range. All vegetation in the area was obliterated or flattened by heavy machinery, with sand debris and a surface soil collapsing around the edges, indicating the existence of a large filled in hole. The dirt track of 100 metres from the firing range 100 metres away would have made a narrow path through a forest in the wooded area. Little noise would have been heard to the sounds that marked the excavation at the 214th pit.

An International Red Cross vehicle was seen, turning up the site a few days

after the massacre, presumably on a confidential inspection exercise. Appointed to verify the grave discovery, a week later, a Red Cross representative declined to comment due to the strict terms of a agreement with the Indonesian government. He did, however, indicate a knowledge of the Tilar site's existence.

An allegation of East Timorese human rights violations continues to mount. Government accusations—his photos do not include defence or the judiciary—because further alleged from the Indonesian military, Henrique believes that the killing of Santa Cruz were premeditated ("I don't have all the facts but I think it's premeditated") but he does retain a cautious optimism regarding the Indonesian commission of inquiry. "I hope at least the inquiry do not play games," says the governor. "So many have been killed. I'm not going to play games with them. I believe the first position of the Indonesians is to take measures, to avoid this kind of thing and to punish those who are responsible. If they are not going to punish these people, then I will let them to please replace me."

But someone, meanwhile in a sudden wet season's cold heat. Runways spread like a virus. Did the Army make any arrests last night? What's happening to the upcoming news? What about the crew who bombed Chamata and the vehicle for the ambulances? "Up to now, there's been no reaction from Chamata but I believe he is going to act," smiles Carmichael. "When and where I don't know but he is a very smart guy. The people expect him to get in retaliation for Santa Cruz and I don't think he is going to keep quiet." ■

EXCLUSIVE

17/12/91

Only ghosts and guards walk in the night

The atmosphere in East Timor is thick with fear and tension following the November 12 massacre, Dennis Schulz, who has just returned from the island, describes the scene

When the sun goes down, Dili becomes a ghost town. At the very first of day when people across Asia switch on the radio and stroll down the streets taking advantage of the new evening cool, Dili clings to the shadows by Dili, nothing moves. "It's the unofficial curfew," says East Timorese provincial governor Maria Carmichael candidly. "The people all fear to go out in the night because they are afraid of being caught. That's what the Indonesian Army is used to. Last year, I had two government boys in my office who were out of control and were grabbed by the Army and beaten. One of them had his eyes cut off and then sent home. So why? I think they are no better than beasts."

Carmichael's greatest fear is that young East Timorese unemployed and criminally subjected to mindless brutality by their Indonesian masters, "will just be being killed this time under these conditions". He sees a time in the not too

PHOTOGRAPH BY DENNIS SCHULZ

FOREIGN AFFAIRS

Our refusal to strongly criticise Jakarta over the Dili massacre is damaging our international reputation. David Leser reports how our attitude is seen as self-serving and out of step with the rest of the world



An army personnel carrier like those which carried the dead from the cemetery

PHOTOGRAPH — knows that we have known a lot over the past 10 years and that you've never complained. So to them, basically we've been getting them the implicit go-ahead. I've found stronger views from many of them and they would think more highly of us. They wouldn't like when we say but there are a lot of the intelligence community who think, 'Well, they know what's going on but there's no use what to say anything about it.'"

Bull's comments come as Foreign Minister Gareth Evans prepares for one of his greatest diplomatic tests next week when he travels to Jakarta to voice Australia's concerns formally about the first Timor massacre. It is an attempt to placate in opposing criticism of Australia's position Evans raised the possibility last week of reconsidering recognition of Indonesia's takeover last June.

On the basis of the most recent reports, it seems increasingly likely that Indonesian troops committed a second massacre against survivors of and eye-witnesses to the first massacre in 1991. The number of dead is thought to be as high as 214 (see pages 34-35). The official body count is still 16.

The slaughter has caused international uproar and led to demands by Australia for a complete re-assessment of our relationship with the most important — and powerful — neighbour. They have ranged from expelling Indonesian diplomats and intelligence agents to terminating defence agreements, imposing sanctions, severing aid and reversing recognition of the control of East Timor.

In his two-day visit to Jakarta Evans will try to perform a delicate balancing act between those who argue that Australia has for years been far too hard on its dealings with Indonesia and that nothing less than blunt criticism would do and those who advise that good bilateral relations are vital to national interests and that a more sensitive and pragmatic approach should still be followed.

Adopting a highly critical line would almost certainly lead to a deterioration in relations when they resumed to a much warmer footing this year. Following the pragmatic line, however, could see Australia fall out of step with international opinion and would further inflame the passions of those who believe this country already has blood on its hands over the former Portuguese colony.

Although fellow ASEAN nations have been loath to criticise Indonesia, the outcry within the US Congress, the Canadian government and the European Community is growing. A former Australian consul in East Timor, Don Dymally, who has just

an action taken on the initiative of the local commanders and they were reporting that back to Jakarta, then we'd know that too. There are only two ways the people in East Timor can communicate with Jakarta. One is by radio and the other is by satellite communications. We've got 100% access to both of them."

The OSD facility at Shoal Bay — set up in December 1974 — employs up to 200 people, most of whom are exclusively monitoring radio and telecommunications within Indonesia. It is our most important target station.

Australia also relies on regular meetings between its most senior intelligence agency, the Office of National Assessment (ONA), and BAKIN. This arrangement has been operative for 18 years.

In addition to that, the Australian Special Intelligence Service (ASIS) has had a liaison office attached to BAKIN in Jakarta since 1971. It is believed that at least another three ASIS offices are operating independently of this accredited arrangement.

Bull says that intelligence has not been

Australia and Indonesia are so significant that they are recalled only by those with our traditional allies — the US, Britain, Canada and New Zealand. They will Indonesian employment, the growing military relationship which has seen an increasing number of high-level personnel visits by senior officers in the past three years, tours of each other's bases, exchanges of personnel and joint military exercises.

In jeopardy

Since 1980, for example, the two navies have been involved in about 10 exercises a year. Bull says: "I'm sure there would be a very solid and widespread view among our own and some of our servants involved that these forms of co-operation are so valuable we shouldn't do anything to jeopardise them." It makes him feel "very uncomfortable" to know that the Australian government has permitted to occur a mass amount of information regarding Indonesian activities in East Timor but is pretending not to know.

"The Indonesian intelligence community — and, therefore, the Indonesian gov-

Australia is one of the few countries to have extended *de jure* recognition.

"I believe, through this whole period the [federal] government has been engaging in gross hypocrisy," Bull says. "We're calling for things like an investigation so that we know what's going on when the government already knows what's going on. But calling for an investigation allows [the government] to pretend moral outrage without actually doing anything."

"If the decision to crack down on us came as the Indonesians did on November 12 was an order sent from Jakarta to Dili, then we'd know that. If it was simply

'Piss weak' Australia slammed over East Timor

The Federal government almost certainly knows the details of the massacre by Indonesian troops in East Timor and is engaged in an act of "gross hypocrisy" by calling for the Indonesian inquiry to run its course, according to Australia's leading intelligence expert.

Dr Desmond Bull, head of Strategic and Defence Studies at the Australian National University, told THE BULLETIN that Australia has been spying on Indonesia — and East Timor — for nearly 18 years, principally through its Defence Signals Directorate (DSD) facility at Shoal Bay, near Darwin. This facility

gives Australia 100% access to radio and telecommunications going into and out of East Timor.

Australia has had nearly 20-year relationships with BAKIN, the Indonesian state intelligence organisation, which would also have given us vital information about events in East Timor. These sources make Australia an accomplice to Indonesian repression, Bull says.

His assertions come at an extremely delicate time for the government, which has been leading up calls to reverse the highly controversial recognition of Indonesia's forced annexation of East Timor.

returned from Europe and Japan, and the European Parliament had decided to set up an inquiry into the massacre. The French government has decided to suspend aid and Pizarro, the first president of the European Community, has promised to keep the issue high on the European agenda. The Europeans are understood to mean that Australia that Indonesia no longer will be left off the hook by its behaviour in East Timor.

Not since the breakdown of relations with Indonesia in 1965 – over a critical newspaper report on the financial dealings of the Sukarto family – has there been a rupture between Australia and Indonesia beyond to such a level. Unlike elsewhere, the pressure came from Jakarta, the party now in the members of the Labor Party ranks, the Australian Democrats, the Trade Union Movement, human rights groups, academics – former diplomats and large sections of the media.

While the federal government has officially declared the episode Dili, many believe it has not been strong enough despite Evans' tougher stance last year for the Indonesians to negotiate with a United Nations investigation. He was instrumental in diluting a cabinet resolution calling for sanctions against Indonesia.

"Australia under major nations in terms of its size and human rights than any other country," says Dr Keith Scurr, president of the Centre for Peace and Conflict Studies at Sydney University. "But at the moment, in East Timor, we have a very bad record."

"Believable price"

Dr Michael Van Langebrouck, head of South-East Asian studies at the University of Sydney and an expert on Indonesian affairs, agrees. "There is no doubt that the Australian government is a very reluctant critic of the massacre," he says. "Public statements concerning civil and human rights, which have been made in the context of the East Timor and East Timor question, which have been made in the context of East Timor and other issues in the past two or three years, are simply not being made about East Timor. That seems to me to reflect a particular view that the Australian government has made about what it regards as the sensitivity or practicality of its relationship with Indonesia."

In an interview with THE BULLDOG, Evans repeated the government's position that it would review policy towards Indonesia if sanctions proved "unrealistic and unworkable". He refused to say how the government would conclude there had been a withdrawal but says there is no justification for his resignation would be one.

His working assumption is that we're talking here not about something that can be described as an act of aggression but

simply as Timorese people, as was the application of the apartheid policy in South Africa," he says. "We are talking about something which may well have been illegal behaviour – by a certain of the military."

Amnesty International says the policy of attacking the victims of the Indonesian inquiry is "fundamentally flawed" because that government has "never before conducted an adequate inquiry into alleged human rights violations in East Timor since the invasion in 1975."

In a meeting with Prime Minister Bob Hawke and Evans last week, representatives of the East Timorese resistance also blamed the inquiry by the Indonesian was like "asking a woman to judge her own return."

Mass graves

Evans' colleague, Brian H. Halloran, an advisory commission into Indonesia's statement describing the government's commitment of crimes as "unacceptable" and calling instead for a UN investigation. Jakarta first rejected and then welcomed such a probe while only indications from its own investigation are hardly convincing, given the reluctance of terrified eyewitnesses to come forward.

The most recent independent report from Dili indicates that, on November 12, members of Battalion 388 began firing directly and continuously at a group of the Santa Cruz Cemetery. This building was previously under the control of Lieutenant Colonel Pitarso, President Suharto's son-in-law. The soldiers then climbed onto the cemetery walls and shot at those crouched inside. According to the authoritative *For East Timor*, Indonesian soldiers were shooting, stabbing and beating to death anyone trying to flee. Bodies were taken away and dumped in mass graves (see page 26-27).

Far from aberrant behaviour, many observers see the Dili massacre as part of a systematic pattern of repression conducted by Suharto since he assumed power in 1965 – beginning with the two years of purges that followed his takeover. It is estimated that between 600,000 and one million people died as a result.

In a meeting recently with Evans, representatives from various human rights and non-governmental organisations requested him of other allegations committed by the Santa Cruz – not the least being the invasion of East Timor. As many as 200,000 people – mostly one-third of the population – are said to have died in East Timor from war or famine. On a per capita basis, there is thought to be no equal in the world to such genocide. Indonesia has also been labelled property – not the Canberra resident said privately – the death of six Australian fishermen or East

Timor fishermen in 1986. Indonesian troops are reported to have rounded up hundreds of demonstrators from the impoverished slumlands area of Jakarta known as Dugang. Prox and summary executed them. The same year, between 3,000 and 6,000 people were allegedly summarily disappeared after being released from

violence in all these situations, we always reported from the periphery. That also means the priority has always been given to state-to-state relations rather than human rights."

One of the main websites of this programme approach has been Richard Wood, Australian ambassador in Indonesia

Wood also wrote suggesting political influence over our relations and decisions. There is the security situation to consider here. Our policy really pursued a double aim – to double, triple or quadruple our defence budget, because that's what would happen with a hostile Indonesia on our doorstep.

Wood also wrote suggesting political



A newly placed grave in Santa Cruz

from 1975 to 1982 and now secretary of the Department of Foreign Affairs. While expressing horror at the Dili massacre, he has been at pains to stress the importance of maintaining a close relationship with the world's most populous Muslim nation, the leader of the non-aligned movement, a member of OPEC and the most influential member of ASEAN.

"There is a need to handle this situation responsibly in terms of Australia's long-term national strategic and commercial interests," he told THE BULLDOG. "There's understandably a very strong and, in some cases, emotional reaction to the tragic killings in Dili but the incident – appalling as it is – needs to be kept in some perspective."

"We are a country of 18 million people, Indonesia is a country of nearly 180 million people and it's long across the entire north of Australia and having very con-

tinental, defence, commercial and cultural ties developed since the days of the Dutch (He came to mention Shell/Burmah Gas.)

On the commercial front, Australian companies have tended to take full advantage of the booming up of the Indonesian economy since the fiscal opening in South-East Asia. Australia has \$12,000 million investments in Indonesia, making us the fifth-largest foreign investor. Exports to Indonesia last financial year totalled \$7.3 billion, a doubling in just two years.

For more than a year, Australia has also been involved in bilateral discussions with Indonesia over the sale of uranium as part of its \$16 billion plan to go nuclear by the end of the century. More than 120 Australian companies are doing business in Indonesia – one of the reasons why, such after the Dili massacre, the head of Australia's Imperial Bank was to cancel his planned visit there in February.

Evans has developed a close working relationship with his Indonesian opposite, Ali Alim. That relationship, coupled with a growing number of high-level political visits between Canberra and Jakarta, has helped to form a personal rapport on such regional issues as the Cambodian conflict and the establishment nearly three years ago of the Asia-Pacific Economic Co-operation (APEC) group.

Australia gave Indonesia more than \$77 million in aid, more than any other country in the South-East Asian/South Asian region. The Australia Indonesia Institute – established in 1989 to foster better relations between the countries – also counts as a sign of the links in growing trade exchanges, planned fibre-optic telecommunications, medical programs, intensive study courses and live participation by Australian dancers in Indonesia.

While most observers welcome these and other developments, many still believe that bilateral relations will continue to be strained unless the fundamental Indonesian East Timor is resolved. According to UN resolutions and the UN charter that ultimately remains determinant for the East Timor. The US regards through as the atomising power in East Timor – which puts Australia out of step with international thinking.

It also means Australia could be in violation of international law because of the treaty the Hawke government signed with Indonesia in 1989 over the Timor Gap, the area northwest of Darwin, between Australia and East Timor, where some of the world's largest deposits of oil and natural gas are believed to be located. This year, Australia is expected to sign another agreement with Indonesia to allow 12 companies exploration rights in the Timor Sea.

Into a trap

This is despite the reassurances the gap have been considered to be Portuguese territory – which is why Portugal has taken the Australian government to the International Court of Justice, the allegedly breaking international law.

Even those who support Australia's pragmatic approach to relations with Indonesia recognise the trap in making such a deal. "Whatever the Australian government does really has to be done in the interests of Indonesian sovereignty over East Timor," says a senior government official. "Because, if we move away from sovereignty, we could be Timor Gap treaty."

The treaty, however, has been described by the Australia East Timor Association as a "triumph between bribery and a mutual compromise of Canberra's 1975-76-year-old policy."

The Whitlam government was the first to give the green light to Indonesia's role

...of East Timor... What has been... suggestion that the... being involved in East Timor... in office. However, it was... 1975 sent a secretary... to the Foreign Affairs... department's... shorting the Australian... government to... down any... of any... military action in East Timor.

Wright wrote: "Although... is not that the... of the Indonesian government is... that they... 26 Indonesian military... in East Timor. If the... Don Wilton... in public the Indonesian... was going, we... a full and... reaction."

But, if the... of Indonesia... of East Timor... the... of... to... in... to... in... of the... (the...)

According to...

ing the price for this... in foreign policy in 1975... when it comes to... It's a... of politics... away from an issue... feeling.

"We... South Africa... but we... to avoid... the..."

A changing world

...of... 1975... to... Indonesia... a full... from... it was... that Australia's... of... people... to..."

According to... have... of... the... of... and... has... these..."

The statements are... against the... government.

Max Lane, a... diplomat in Jakarta... "To... have... the... for... that Indonesia... a different... and that we... them. The... is that, like... countries... the... different... in... and... one... had the... hand... 25 years."

But... situation... to... would... after... the... towards... reform... With the... Indonesia... But... could... if... And, in... circumstances... policy... self-serving.

"Australia... that the... of East Timor... Lane says... We... for... of... to... principle... that will... anything."

What can we do?

A... in... Indonesia... the... of... in... and... of the... in... with... and... dominant.

In... military... we... do. Presently, we... to... force. And, given... in... it would... a..."

If we... to... it would... a... course. We... a... progress... to... and... it..."

There is a... chance... equipped Indonesian... if... we... even... we... there. To... we... to... Indonesian... to... to... but... to... and... would... lead... and..."

In... military... is... of... are... the... and... the... Indonesian..."

In... the... Department of... and... few... from... in..."

and only five... in the... The... clearly... that... in... in... of... in... are... in... in..."

Incidentally... in... to... apart from... to... of which... when... in... has... the... and... are... have... the... of... Apart... a... the... in... of... may... to..."



John...

269. 17 DEZEMBRO 1991 RDP

157,91 18,00 18,00 18,00

n. 5117 djelani presidente da comissão indonésia de
 Investigação das Mães de 17 de novembro em sua última
 dia há momentos uma conferência de imprensa em Jakarta
 durante a qual declarou que apesar de todos os esforços
 não foi possível encontrar corpos nas alegadas valas
 comuns que justificassem a morte de mais do que 19
 milhares.

n. 5118 acrescentou em declarações a rádio australiana
 emissão internacional que o relatório final poderia
 demorar meses de dez dias a elaborar e pode não ser
 necessário que alguns dos membros da comissão de
 Inquirição regressar a Dili, mas aquele porta voz da
 comissão disse ainda que se o resto do mundo não gostar
 de acreditar nos resultados de inquirição o problema não
 deles é não da Indonésia.

entretanto o comandante em chefe das Forças Armadas é
 potencial candidato a sucessão do presidente Soeharto
 confirmou que iria passar o natal em Dili e falar com as
 famílias das vítimas. try sofrimento tem seguido uma linha
 dura em relação aos incidentes de novembro e tem
 reiterado que toda a oposição à indonésia será esmagada.

157,91 18,00 18,00 18,00

4 barcos indígenas estão há vários dias imobilizados e a
 tentar carregar petróleo, cápsulas e outros produtos
 australianos, segundo a comissão apurou hoje junto do
 sindicato dos estivadores. Um dos barcos tentou chegar
 o porto de Melbourne, depois o de Sidney e o de Brisbane
 e voltou para sul estando agora em port. Kuala, cerca de
 200 kms a sul de Sidney. existe outro barco imobilizado
 em Queensland no cost. da australian ocidental. a notícia
 que apenas será revelada à comunidade australiana
 na fim de semana para aumentar o seu impacto. foi hoje
 revelada ao correspondente da comissão por via rádio,
 mediante do sindicato dos estivadores e traha histórias
 por vezes, o qual no passado tem apoiado a causa de
 Timor com vários artigos publicados no mensário do
 sindicato, o qual publicara em janeiro uma edição
 especial dedicada ao massacre de novembro em Dili.

270. 18 DEZEMBRO 1991 RDP

18/12/91 23.15 1x

hoje em Sidney, dezenas de manifestantes em crianças
 correm para em uma 18 encenação marabá na marça de
 timorenses em Santa Cruz, III há um mês. As
 manifestações tiveram lugar nos escritórios de companhias
 petrolíferas BP Petroleum e Shell, entre outras das 13
 companhias a quem foi concedido o direito a exploração
 e prospecção ontem assinada em Jakarta entre
 representantes de 3 daquelas companhias e o governo
 indonésio.

dezenas de manifestantes vestidos de negro e empunhando
 cartazes "Não ao sangue em troca de petróleo" acusaram
 hoje as multinacionais e companhias australianas
 radicadas em Sidney protestando contra esta ofensa
 econômica australiana. Entretanto entrevistado ao
 jornal, Yusuf Yamin, do centro de estudos estratégicos
 internacionais indonésio e ex líder do partido do governo
 "Golkar" criticou hoje a Austrália em entrevista à rádio
 nacional da cidade de Jakarta que a acusou de "manter"
 de III em 17 de novembro havia sido exagerado por quase
 todos os países e que não se esperava com ansiedade a
 managem que o ano australiano segundo vários Evans era
 dar nos líderes indonésios manifestando ao mesmo tempo o
 seu descontentamento com os editoriais e notícias políticas
 apresentadas publicadas na comunicação social australiana.

TIMOR-LESTE: MASSACRE

Portugal toma medidas contra exploração do "Timor Gap", refere João de Deus Pinheiro

Jacarta - Portugal vai tomar medidas contra a planificação e investimento de exploração petrolífera no largo do Timor-Leste, disse em entrevista o Ministro Português das Negociações Exteriores, João de Deus Pinheiro.

Como ministro administrativo do Timor-Leste reunido pela primeira vez, Pinheiro afirmou: "Portugal nunca aceitará a perda compensatória", afirmou Deus Pinheiro ao jornalista holandês "Hollandsche".

"A questão está a ser analisada pelo Tribunal Internacional de Justiça", acrescentou.

João Pinheiro não especificou que tipo de medidas seriam consideradas, mas afirmou que a Indonésia e Portugal têm que resolver a questão de

Timor-Leste através de negociações supervisadas pelas Nações Unidas.

"Espero que o governo indonésio abandone a solução militar e esteja disposto a negociar de forma amigável, os resultados da negociação serão o resultado quanto a exploração", disse.

Sobre Indonésia insistiu que a questão de Timor-Leste não é simples e que não há nada a discutir a que já foi realizada um referendo, as negociações são as negociações. Espera que ambas as partes tenham a diplomacia holandesa", disse.

Diversas companhias petrolíferas, europeias, incluindo a norueguesa norueguesa "Shell" e a "British Petroleum", "Marathon" e a "Phillips" dos Estados Unidos e a "Amoco".



João de Deus Pinheiro

"Shell" e a "Nippon Oil" do Japão e a "Korea Petroleum" da Coreia e a exploração do "Timor Gap" na sequência de um acordo bilateral assinado entre a Indonésia e a Austrália.

A assinatura dos primeiros acordos petrolíferos está agendada para esta semana, em Jacarta.

Portugal recebeu relações diplomáticas com a Indonésia em 1976, depois de décadas antagónicas de Timor-Leste.

Uma delegação de deputados portugueses, que deveria visitar Timor-Leste em meados de 1991 para observar a situação local, foi cancelada no último momento, em protesto contra a suposta intervenção pela Indonésia na demarcação de uma fronteira terrestre a trabalhar em Dili, disse.

O governo português

tem sido apertado por "Hollandsche" e "The Bulletin", ambas as revistas de notícias. António Guterres e José Ramos Horta, dois deputados portugueses, foram nomeados "Editores".

A "Hollandsche", Editor da Libertação do Timor-Leste, combate a presença indonésia desde 1975.

"Não posso dizer que estamos dispostos a fornecer ajuda militar, mas não a ajuda militar a qualquer movimento de resistência", afirmou.

"O ponto a não esquecer é o ponto", afirmou João Pinheiro, acrescentando que qualquer movimento de resistência poderia aceitar voluntariamente as condições de uma negociação para a questão de Timor-Leste, sob a égide das Nações Unidas.

O Ministro das Negociações Exteriores frisou que os dois países mantiveram "boas relações durante décadas" antes da questão de Timor-Leste.

Portugal, que vai pedir a Comunidade Europeia por assistência a partir de Janeiro, vai insistir que os 12 estados membros da CEE revizem os seus relações de cooperação com a Indonésia, afirmou.



Crus Vermelha Internacional visita feridos em Dili

Genebra - Deputados da Cruz Vermelha Internacional chegaram em Dili para visitar os feridos.

Governo de Canberra tem informação sobre o massacre de Dili, afirma especialista australiano

Sydney, Austrália - O Governo Australiano dispõe de informação sobre o massacre de Dili, Timor-Leste que não foi divulgado por razões de ordem política e para preservar as suas relações com a Indonésia, afirmou o especialista "The Bulletin" na sua última edição.

O Director do Departamento de Estudos Estratégicos da Defesa da Universidade Nacional da Austrália, Desmond Ball, afirmou à revista que as autoridades australianas tem acesso total às comunicações radio e satélite em Timor.

As instalações de espionagem australianas em Darwin, no Território do Norte, a cerca de 500 quilómetros de Dili, em operações desde 1974 registavam cerca de 300 horas e têm por objectivo controlar o sistema de telecomunicações e rádio na Indonésia, referiu o académico e "The Bulletin" de Sydney.

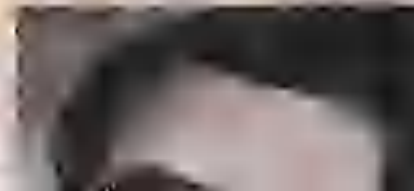
"The Bulletin" afirmou que o sistema para detectar a actividade de manifestantes no comitê de Santa Cruz tem origem portuguesa. Jacinto do Amaral, o antigo ministro da Defesa Australiano, afirmou que o massacre de Dili foi um acto deliberado do militar.

A revista que referiu também as discussões militares entre a Austrália e a Indonésia, entre outras das relações de Canberra, Mário Carneiro afirmou que o massacre de Santa Cruz foi um acto deliberado do militar.

Carneiro disse ainda ao "The Bulletin" que o sistema de Santa Cruz tem origem portuguesa e afirmou que a Indonésia tem informação sobre o massacre de Dili.



Ramos Horta congratula-se com decisão do Vaticano



Portugal não desiste de medidas

A decisão de suspender a aprovação da nova proposta de fronteira terrestre com a Indonésia é uma vitória para Portugal.

Falo a sua língua
Estou à vossa disposição para qualquer informação sobre REAL ESTATE
Na Austrália Ocidental.
Por favor contacte-me
 152 High Street,
 Fremantle
 Tel. Escritório: (09) 935 9900,
 Casa: (09) 418 6319

Cruz Vermelha Internacional visita feridos em Díli

Díli, Timor-Leste - Trepadny - A Cruz Vermelha Internacional, incluindo um médico, chegou ao hospital militar de Díli para visitar os feridos no mês de 11 de Novembro durante o conflito armado.

Durante a visita, os delegados tiveram contactos com um total de 39 pessoas feridas e suas famílias, no presente dia 5 de Dezembro, incluindo visitas ao posto de primeiros socorros que os atendem diariamente.

No dia seguinte, os membros da Cruz Vermelha Internacional, Tânia Molloy, Susan Mitchell e James M. French, a todos os presos manifestando-se através da imprensa - incluindo da "Interceptação de Notícias" através de "Interceptação de Notícias".

MULHER DO GOVERNADOR AFIRMA QUE ELA E O MARIDO ESTÃO VIVOS

Díli, Timor-Leste - A mulher do governador de Timor-Leste, Maria Carmo, disse no dia 4 de Dezembro que ela e o marido estão vivos em sua cidade de origem.

"O meu marido e eu não fomos capturados", afirmou a mulher do governador, uma portadora natural de Alentejo, especificando que Maria Carmo acredita que ela e o marido foram libertados "por se esconderem no campo".

A mulher do governador disse que o seu marido estava com problemas, incluindo que a situação em Timor-Leste estava ficando cada vez mais difícil.

Ramos Horta congratula-se com decisão da Vaticano



Ramos Horta

Díli, Timor-Leste - O presidente da Assembleia Nacional da resistência "Timor-Leste" Ramos Horta congratulou-se com a decisão da Assembleia Nacional da resistência de aprovar a decisão da Vaticano de suspender a aprovação de projectos de lei que prevêem a pena de morte para os criminosos.

"A decisão que o Vaticano tomou para a decisão de suspender a aprovação de projectos de lei que prevêem a pena de morte para os criminosos é uma decisão muito importante", afirmou Horta.

Esta dirigente também afirmou anteriormente, José Paulo Ti de "os seus pais os relator".

Ramos Horta também explicou que ele estava a contactar com as autoridades canadenses, incluindo a suspensão pelo Canadá da aprovação de projectos de lei que prevêem a pena de morte para os criminosos, incluindo a decisão de que o Timor-Leste exige.

Na conversa, ele afirmou que ele e o marido estavam vivos e que eles estavam a tentar escapar do país. Ramos Horta também afirmou que ele e o marido estavam a tentar escapar do país.

interceptação de notícias através de "Interceptação de Notícias".

"O momento decisivo na decisão de suspender a aprovação de projectos de lei que prevêem a pena de morte para os criminosos é uma decisão muito importante", afirmou Horta.

Resistência não confirma condenação a morte de estudantes

Díli, Timor-Leste - A resistência não confirmou a condenação a morte de estudantes que foram acusados de serem responsáveis pela morte de um estudante australiano.

Ramos Horta explicou que ele não estava a confirmar a condenação a morte de estudantes que foram acusados de serem responsáveis pela morte de um estudante australiano.

"Então, não há meios para aumentar um pouco mais uma sentença de morte, mas julgamos que a decisão de aprovar a pena de morte para os criminosos é uma decisão muito importante", afirmou Horta.

"Quando ouvimos muitas informações aparentemente vindas do interior, não podemos acreditar, devido à dificuldade em contactar com as nossas fontes, incluindo qualquer coisa que não seja verdade de fontes locais, vamos esperar por as confirmações", afirmou Horta.



Editorial do "Asian Wall Street Journal"

Hong Kong - Timor-Leste e o império do sangue de 11 de Novembro em Díli na imagem internacional da Indonésia foram assunto para o editorial do "Asian Wall Street Journal", o mais influente diário publicado na Ásia.

Intitulado "Troyes a Leste de Jén", o editorial do "Asian Wall Street" considera que a situação em Timor-Leste surge como uma oportunidade para as autoridades indonésias de que se tornem uma política de abertura e democratização através partes do país através por optar pela via da resistência. O editorialista de "Asian Wall Street" também afirmou que a situação em Timor-Leste estava ficando cada vez mais difícil.

"Wall Street" também afirmou que a situação em Timor-Leste estava ficando cada vez mais difícil, incluindo que a situação em Timor-Leste estava ficando cada vez mais difícil.

Para o jornal, a inquérito lançado por Jacarta destinado a apurar responsabilidades pelos acontecimentos de 12 de Novembro perde credibilidade se não há a comunidade internacional.

internacional das as afirmações do comandante das forças armadas de Indonésia, general Try Sutrisna, de que o plano das autoridades é a "eliminação de todos os elementos separatistas".

Referindo as sanções propostas pela comunidade internacional contra Jacarta, o editorial do "Asian Wall Street Journal" diz ainda que a situação em Timor-Leste foi a golpe mais profundo nos corpos da Indonésia de conseguir uma imagem internacional respeitável.

edição do jornal publicou também extractos de um relatório elaborado pela organização norte-americana de defesa dos direitos humanos em Ásia, "Asia Watch", que salienta as disparidades entre a versão oficial indonésia dos acontecimentos no comércio de Santa Cruz e os relatos de testemunhas.

Para a "Asia Watch", a versão oficial foi repetidamente distorcida por forma a esconder a acção injustificada dos militares em Timor-Leste.

MARRICKVILLE

SUHARTO REJEITA AS PRESSÕES OCIDENTAIS SOBRE A INDONÉSIA

JAKARTA - O presidente indonésio Suharto criticou o ocidente por fazer pressão sobre a Indonésia para que se desentenda com os rebeldes que se rebelaram contra o governo em Timor-Leste, dizendo que "os ocidentais não têm o direito de interferir na política interna de um país".

Quando os jornalistas o leram de que da que fumaça há na Indonésia, Suharto disse que a questão de Timor-Leste "é exclusivamente interna".

Quando os jornalistas lhe fizeram a pergunta, estava no meio de uma reunião com os membros do Conselho de Defesa Nacional, que se dedica ao estudo da organização da defesa nacional.

A Indonésia e a Eslovénia (República da Eslovénia) de qualquer modo, a Indonésia, quando não se desentenda com os rebeldes que se rebelaram contra o governo em Timor-Leste, em Dili.

Os dois países da Comunidade Europeia e a Austrália indicaram que a sua futura posição para com a Indonésia dependerá dos resultados da investigação e das ações que o governo indonésio tomará em relação aos responsáveis pelo massacre.

Segundo a versão oficial dos acontecimentos de 12 de Novembro, os soldados fiduários começaram por matar

diversos civis, entre os quais se encontravam "os ocidentais".

Segundo a versão indonésia, os rebeldes mataram muitos civis, incluindo ocidentais, durante o conflito.

Quando os jornalistas o leram de que da que fumaça há na Indonésia, Suharto disse que a questão de Timor-Leste "é exclusivamente interna".

Quando os jornalistas lhe fizeram a pergunta, estava no meio de uma reunião com os membros do Conselho de Defesa Nacional, que se dedica ao estudo da organização da defesa nacional.

A Indonésia e a Eslovénia (República da Eslovénia) de qualquer modo, a Indonésia, quando não se desentenda com os rebeldes que se rebelaram contra o governo em Timor-Leste, em Dili.

Os dois países da Comunidade Europeia e a Austrália indicaram que a sua futura posição para com a Indonésia dependerá dos resultados da investigação e das ações que o governo indonésio tomará em relação aos responsáveis pelo massacre.

Segundo a versão oficial dos acontecimentos de 12 de Novembro, os soldados fiduários começaram por matar

Indonesia

Evans and the Dili conundrum

YOU KNOW the two faces of Foreign Affairs? One is Evans. He's the one in the office. One is the one in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

The one in the Indonesian interior. The one in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

Foreign Minister Anwar Ibrahim is the sponsor of the so-called 'New Indonesia' and international relations in East Timor. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

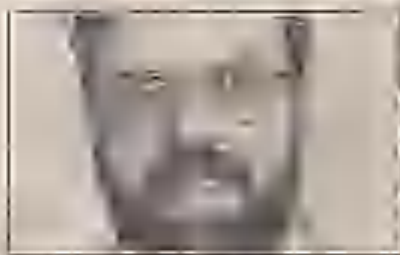
The government of Australia, however, has a good friend in Evans. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

However, it's not so simple. Evans is the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

The collapse of Indonesia's economy, the relationship of Australia and the United States, Evans is the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

The role of Evans in the East Timor crisis. Evans is the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

The double standards of Evans. Evans is the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.



GREG SHERIDAN

Two groups will want all of Evans's attention. One is the one in the field, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

The one in the field, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

This is the reason why it is so often difficult to get a balanced or balanced picture. Evans is the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

But the message is not so simple. Evans is the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

Evans is the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

Evans is the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

What is not well understood is the complexity, political and cultural, of the one in the field, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

Moreover, the one in the field, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

The one in the field, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

Trade balance in our favour?

One of the difficulties of Evans is the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

Evans is the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

What does the one in the field, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

It would be surprising if Evans is the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

The one in the field, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

Similarly, Evans is the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

Evans is the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

Evans is the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

Evans is the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

Evans is the one who's out there, in the field, in the field, in the field. He's the one who's out there, in the field, in the field, in the field.

273. 18 DEZEMBRO 1991 SMH/THE AUSTRALIAN

Dili inquiry backs army: only 19 died

(12/12/91)

It looks for all the world as though the Great Timor Whitewash has begun.

PAGE 11 DAVID JENKINS

JAKARTA, Tuesday. An official Indonesian investigation into the 1975-76 invasion of East Timor has backed the official's claim that only 19 people were killed in the Antares news agency building.

The reported finding was strongly criticised by some Australian MPs last night, but the Department of Foreign Affairs was waiting for confirmation before issuing a formal statement.

A spokesman said it was still unclear whether the investigation had in fact found evidence that only 19 people had been killed, or that it had decided on that figure as the final death toll.

The Minister for Foreign Affairs, Scott Morrison, said Canberra would not be contacted for comment. He is due to arrive here on Thursday for a two-day visit.

The West Australian Independent Journalist Association, which has been organising people in Timor, had been asked to give evidence to the inquiry. "They don't want to," it said.

Senators quoted the head of the investigation, Major-General John Gorton, as saying yesterday that the investigation had found no evidence to confirm reports of a death toll figure that was greater than the November 12 shooting.

Senators also gave the toll as high as 180. The inquiry's report is due to be given to the Indonesian President, Soeharto, in about 10 days.

"We have already dug up several places designated by people that amounted to mass graves," said Justice Gorton, of the Indonesian Supreme Court, a retired military officer.

The seven-man committee of inquiry reported to Jakarta on Saturday after a 17-day visit to Timor, which was then invaded in 1975 after the departure of the Portuguese colonial ruler.

The commission is not recognised by the United Nations.

The investigation accepted reports from the Timor Front hospital in Dili that were denied by Gorton to be correct.

Justice Gorton said the 19 killed in those and other buildings were killed in order to a

Dili inquiry supports army's death count

JAKARTA — An official Indonesian investigation yesterday the army shooting of 19 people in East Timor has backed the military's claim that only 19 people were killed in the news agency Antares building.

Senators quoted the head of the commission, Major-General John Gorton, as saying yesterday that no evidence was found in East Timor to confirm reports of a higher death toll in the November 12 shooting.

Other reports have put the death toll as high as 180.

"We have already dug up several places designated by people that amounted to mass graves," said Justice Gorton, a retired military officer.

The seven-member commission returned to Jakarta on Saturday after a 17-day trip to East Timor after Indonesia invaded in 1975 after the departure of the Portuguese colonial ruler.

The investigators searched several places in the East Timor capital of Dili that were believed by residents to be mass graves.

The army and soldiers opened fire to defend themselves when attacked by a crowd in Dili's Santa Cruz cemetery which had been organising the death of 1975 pro-independence activists.

Justice Gorton said the 19 killed as they were buried in the cemetery in Dili on the morning of 1975. He said their names were still not known.

He said another 81 people had been wounded, again supporting figures given by the Indonesian military commander, General Tri Suroso, in an emotional speech to the People's Consultative Assembly last month.

The shooting happened on Indonesian troops sent to take control

of the news agency Antares, which was operating in Dili at the time of the shooting. The inquiry also found evidence that the army had killed 19 people in the Antares building.

Asked to comment on those who questioned the commission's findings, Gorton said: "I am not sure, but the commission will continue to work as hard as it can."

He said the commission's report would be handed to President Soeharto within 10 days and that a second report on East Timor could not be ruled out. The commission was expected to be disbanded before the end of the year.

Senators also gave the toll as high as 180.

He also warned people Indonesian groups not to spread rumours that the inquiry was biased.

The general accused an organisation of East Timor's leading human rights group, the Liga Timor, and others of spreading lies about the country's population and other on the subject to find a few small reasons to problems.

The Minister of Foreign Affairs, Senator Morrison, is due to arrive in Jakarta on Thursday and is expected to give a statement to the Indonesian government in the coming days.

Jakarta is expected to receive the report, Indonesian over what is expected to be a long and difficult process.

Colombo-based East Timor Front spokesman said the report was biased.

The two inquiries were set up to the commission should an inquiry be set up by the United Nations. The inquiry is expected to be completed by the end of the year.

12/12/91

...of Here, in the outbreak of 1975. He said the inquiry had not found those claims. He said number of people had been wounded during the shooting. The figure was supported claims by Indonesian military commander General Tri Suroso in an emotional speech to the national parliament last month. The army claims that soldiers opened fire to defend themselves when they were attacked by a crowd in Dili's Santa Cruz cemetery which had been organising the death of 1975 pro-independence activists. The army and soldiers opened fire to defend themselves when attacked by a crowd in Dili's Santa Cruz cemetery which had been organising the death of 1975 pro-independence activists. Justice Gorton said the 19 killed as they were buried in the cemetery in Dili on the morning of 1975. He said their names were still not known. He said another 81 people had been wounded, again supporting figures given by the Indonesian military commander, General Tri Suroso, in an emotional speech to the People's Consultative Assembly last month. The shooting happened on Indonesian troops sent to take control

PAGE 12 Editorial

274. 19 DEZEMBRO 1991 SMH

Dili protest: eight face death

WAKATA - Wednesday's Jakarta will press subversion charges, which carry the death penalty, on eight East Timorese detained after last month's massacre in Dili.

The move supports President Jakarta's determination to continue its hard-line response to the violence in the former Portuguese colony despite mounting international criticism.

The decision to push ahead with the charges comes on the eve of a visit by the Australian Minister for Foreign Affairs, Senator Evans.

He is due to arrive tomorrow and will spend three days in Jakarta to press Canberra's concerns about the massacre and to request the opening of an Australian consulate in Dili.

Indonesian horror *The Age Herald* South-East Correspondent Lindsay Murdoch, from covering Senator Evans's visit.

It gave no reasons last night for the decision to refuse the visa application which was lodged more than three weeks ago.

More than 20 other Australian

Evans can expect to be treated with exquisite Javanese courtesy during his stopover. But he is in for a miserable few days. He couldn't have arrived at a worse time.

PAGE 9: DAVID JENKINS

journalists and film crew have been given visas.

Senator Evans is due to meet President Soeharto, the Defence Minister General Benny Murdani, the armed forces commander General Try Sutrisno, the Foreign Minister, Mr Ali Alatas, and East Timor's Governor.

Mr Maria Ningsih, Indonesian Justice Minister, on head of an official commission set up to inquire into the Dili massacre, said on Monday that he supported the charges which impugned normal East Timor people died, saying he could find no evidence of other purposes other than law and order were behind it.

The *Age Herald* first quoted the Deputy Attorney-General for Intelligence, Mr Soekarno, as saying that some of the 20 detained in Dili after the massacre would be charged with subversion.

Mr Soekarno said he had requested a team from his office to Dili to help local officials prepare the charges for trial but he did not say whether the charges themselves would also be brought to court on other charges.

He repeated a statement made earlier by the Attorney-General, Mr Sigit, that the legal process would be independent of the result of an investigation into the deaths.

The seven-member National Inquiry gave Communism (ILPK), led by

Juan Djedani, is preparing a report on the massacre for President Soeharto.

The seven-year 10 days in Dili and Justice Djedani has said he hoped a report would be handed to President Soeharto before the end of the year.

Djodana has always maintained that the groups had in about 1988-1989, against an alleged mob of 500000, started at the Santa Cruz cemetery in Dili on November 12, killing 15 people and injuring 91.

But other sources, including witnesses, said the groups had a group of people of the cemetery, some of whom were carrying anti-Indonesian posters and banners. They claim the death toll may have been more than 100.

Senator Evans said Australia would raise the death toll at 27.

Meanwhile, the magazine *Warta Indonesia* and the East Timor military operations command issued a ban yesterday on demonstrations.

Page 9: Test for Evans

Universal 12-16, Fairly good medium
NSW: Showers in the south decreasing. Showers in the south only, Friday evening.

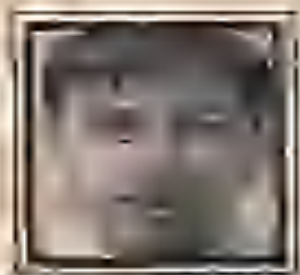
The sea: High on a low, small Tides, low 12:24 am (0.3), High 10:21 am (1.7), Low 10:41 am (0.1), High 9:30 am (1.3)

Sun: Five 5.41, Moon: Ken 7:02 pm, etc 3:04 am
Full weather details appear on Page 35.

P. 1 JAH
19 Dec 91

WORLD

Indonesians may let the dogs bark



DAVID JENKINS

The Foreign Minister, Senator Gareth Evans, arrives in Jakarta today to begin a round of talks with Indonesian leaders. Will the relationship be less strained so long as he holds a no-nonsense view of the familiar drama which began in 1975 with the September 30 massacre in East Timor?

And everything suggests that the Australia-Indonesian relationship has a fair way to go before it reaches the beyond in the crash and burn of the time process of closing its way in. That process could take years.

Senator Evans has expected to be treated with Japanese courtesy during his mission. But he is in for a miserable few days. He couldn't have arrived at a worse time.

Indonesia may have floundered in the first few weeks after the Dili killings, with senior army officers stumbling over themselves to put forward contradictory explanations about just what happened.

But there are growing indications that the Suharto Government has worked out its strategy for handling the affair.

The strategy involves a freeze in the fight. The Government will concentrate around the military. It will humiliate down, as it has to often in the past, in the expectation that the critics will go away.

"Let the dogs bark," the Indonesians like to say, meaning

an old war power. The devil always wears red."

The bunker-down-and-nation-down approach has worked Jakarta well in the past. It has used when foreign critics complained about the slaughter of communists in 1965, when perhaps 250,000 people died.

It was used when the army got down the bloody anti-government Melayu riots in Jakarta in 1974. It was used a year later after the formation of East Timor. It was used in 1978 when troops went in to close down leading newspapers and arrest prominent student leaders.

And again in 1974 after soldiers were told to get out and get out up to 4,000 militarily, and also in 1987 when troops killed perhaps 100,000 demonstrators in the Tanjung Priok district of Jakarta. It was used earlier this year during a crackdown on the province of Aceh.

Through now, Jakarta holds its nerves. It will take the old traditional line to — 500 billion of it over 25 years.

There are clear signs the hard line is back in fashion

There are clear signs that the hard line is back in fashion, all the talk of openness and liberalisation notwithstanding.

On Tuesday, the head of the committee set up to investigate the massacre ditched the semi claim that only 14 died, in the face of all the evidence in the country.

On Wednesday, the Government said it would bring charges against the death penalty against eight Timorese soldiers arrested after troops opened fire.

"They have taken a firm decision to hammer down the hard line and toughen up the international column caused by this affair," said a high-level official in Canberra.

"That's what they are signalling very clearly. They are saying there is an attitude that in one far they are prepared to go in order to vindicate the international outrage and they have reached that limit."

"The committee will be allowed to take matters up in a public point and no more. They would have a low political faith, but that will be it."

If indeed that is the approach, if the soft line is abandoned, although Indonesia such as Canada, Denmark and Holland have suspended all bilateral trade, that the big dogs on the world stage will continue to bark into 1991, however colorful they look Indonesian politics.

But there is a danger that something may well take place. Last week, the Hokkaido said that the government was finalising the agreement signed by Jakarta. If the Government solves its might behind a finding that is not credible, it will be negotiating itself with what Evans likes to call "abnormal behaviour".

In the meantime, reports must be corrected about Mr Mario Carrascano, the reported Ecuadorian Ambassador. He has threatened to resign if the commission findings are unconvincing. That could have a reverberating impact on Indonesia's national opinion.

And what of Mr Ali Akbar, the cabinet foreign minister who has worked so hard to curvy the door closed and built bridges with Australia?

"He is in a dreadful position," said one source. "What can he do? He is all and had only for 18 months until the new cabinet is sworn in. He's going to have to push with the dog that only 19 people die."

Hosts unlikely to agree to requests

By DONALD LAGAN

CANTONMENT: The adviser for Foreign Affairs, Senator FRANK LEON, will be pushing his Indonesian hosts to agree to two key suggestions today: a 10-day halt to military operations in Jakarta over the repatriation of last month's prisoners of war; Timorese civilians in Dili.

Senator Leon will ask that Australia be allowed to open a consulate in Dili, and is expected to attempt to persuade Indonesians to accept the involvement of a United Nations envoy in the inquiry as a means of reducing international condemnation of its inactivity.

The Foreign Minister will meet with Indonesian dignitaries with military leaders, including Indonesian President Suharto and the arrival force commander General T. Sultana, both of whom have demonstrated an interest in public statements over the massacre.

Less than a week ago, President Suharto dismissed the prospect of international attention against his country as an unwarranted fear of "the island."

He said exaggerated reporting by foreign media was to blame for much of the international outrage.

While the high level of access Senator Leon is being granted in his visit to Jakarta is believed to be evidence that Indonesia wishes his visit to be a success, it is still uncertain that he will gain Jakarta's agreement.

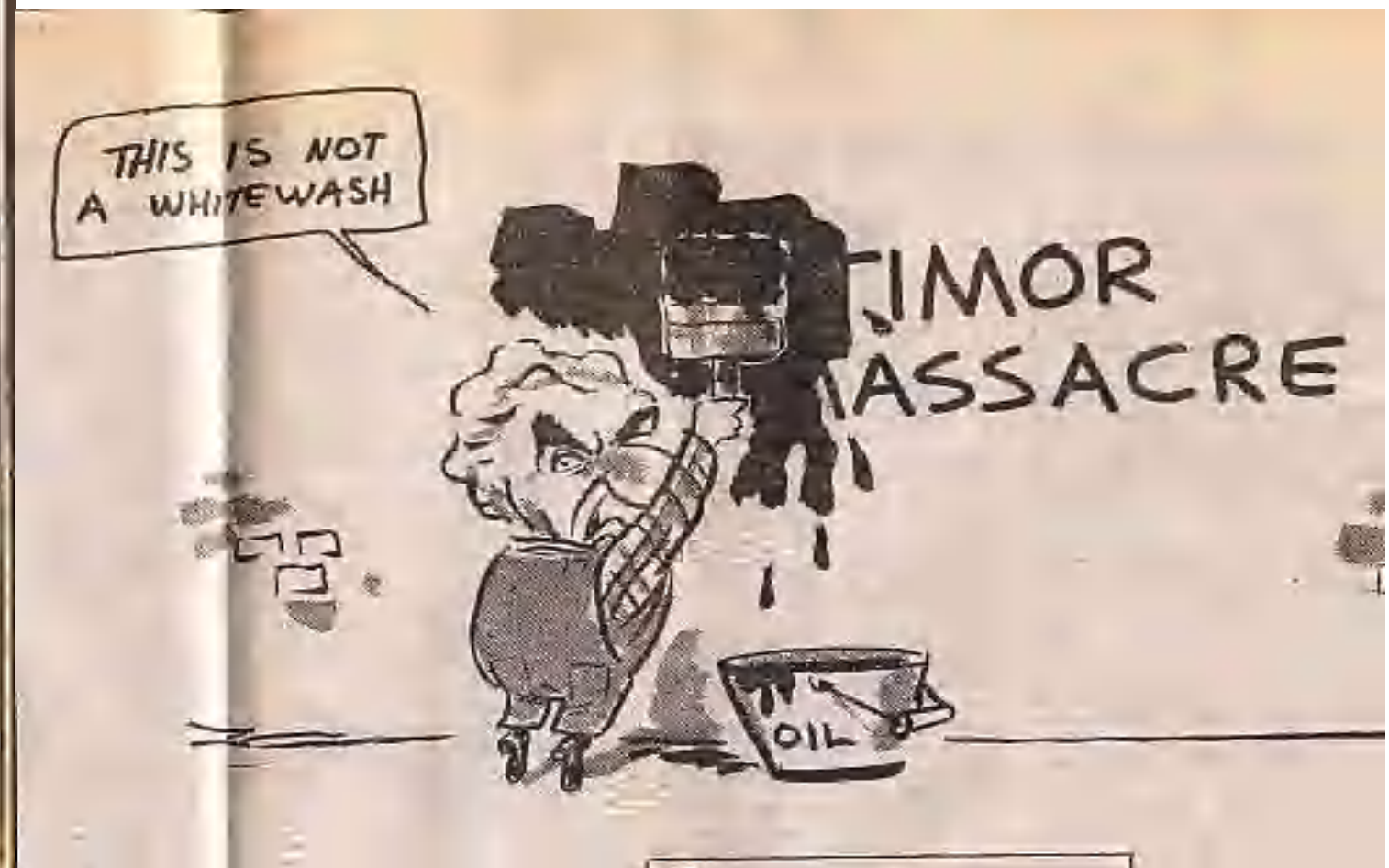
While he has described the killings as "brutal and unacceptable", Senator Leon has said it would be more appropriate for Australia to take over if the army that could bring an bilateral relationship with Indonesia into "disrepair".

But he said the Prime Minister will be both pleased to review the "whole picture of our relationship with Indonesia" if the Indonesian military into the movement is down to its constituency.

Senator Leon's efforts to steer a conciliatory path with Indonesia despite strong media pressure in Australia for a more critical view of the Dili killings, were being tested on the eve of his visit by Indonesian decisions yesterday to ban a large party carrying the death penalty, and to suspend when Indonesian soldiers opened fire in Dili on November 12.

Senator Leon's previously expressed aversion of obtaining the "confirmation" of 1991 from Indonesia over the Dili killings was further set back on Tuesday when his Indonesian Government-appointed inquiry into the killings backed the military's claim that only 18 people had been killed.

Last night more than 100 prominent Australians signed a letter sent to Ottawa today calling for the withdrawal of Indonesian troops from East Timor and the immediate release of all 110 Timorese detainees in Jakarta.



Timor losses include refugees

The lot of the people of East Timor, controlled by Portugal since 1975, has not improved by Indonesian military advances nor stopped the flight of refugees to Australia.

The UN announced on November 12 that 100,000 refugees had been displaced.

The UN also reported that the number of refugees in the West Timor area had risen to 100,000.

Mr White's report of East Timor as a territory occupied in 1975 shows the picture of the country at the time of the invasion. It is a country of 1.1 million people, with the bulk of the population living in the coastal areas. The capital, Dili, is the largest town. The report also shows that the Indonesian military has advanced in the province, capturing a number of cities. Australia's annual contribution to the UN is the largest in the world.

Portugal has been a "special case" since the 1975 invasion was halted. The invasion was

halted in celebration and the UN was told that the Indonesian troops at the time of the 1975 invasion were the "largest" of the country's "army" and that the Indonesian military had a reputation for being "one of the best" in the world.

As to the "geography" of the area, the UN said that the area had been in 1975 by the leader of the UN. The UN said that the Indonesian military had a reputation for being "one of the best" in the world. The UN said that the Indonesian military had a reputation for being "one of the best" in the world.

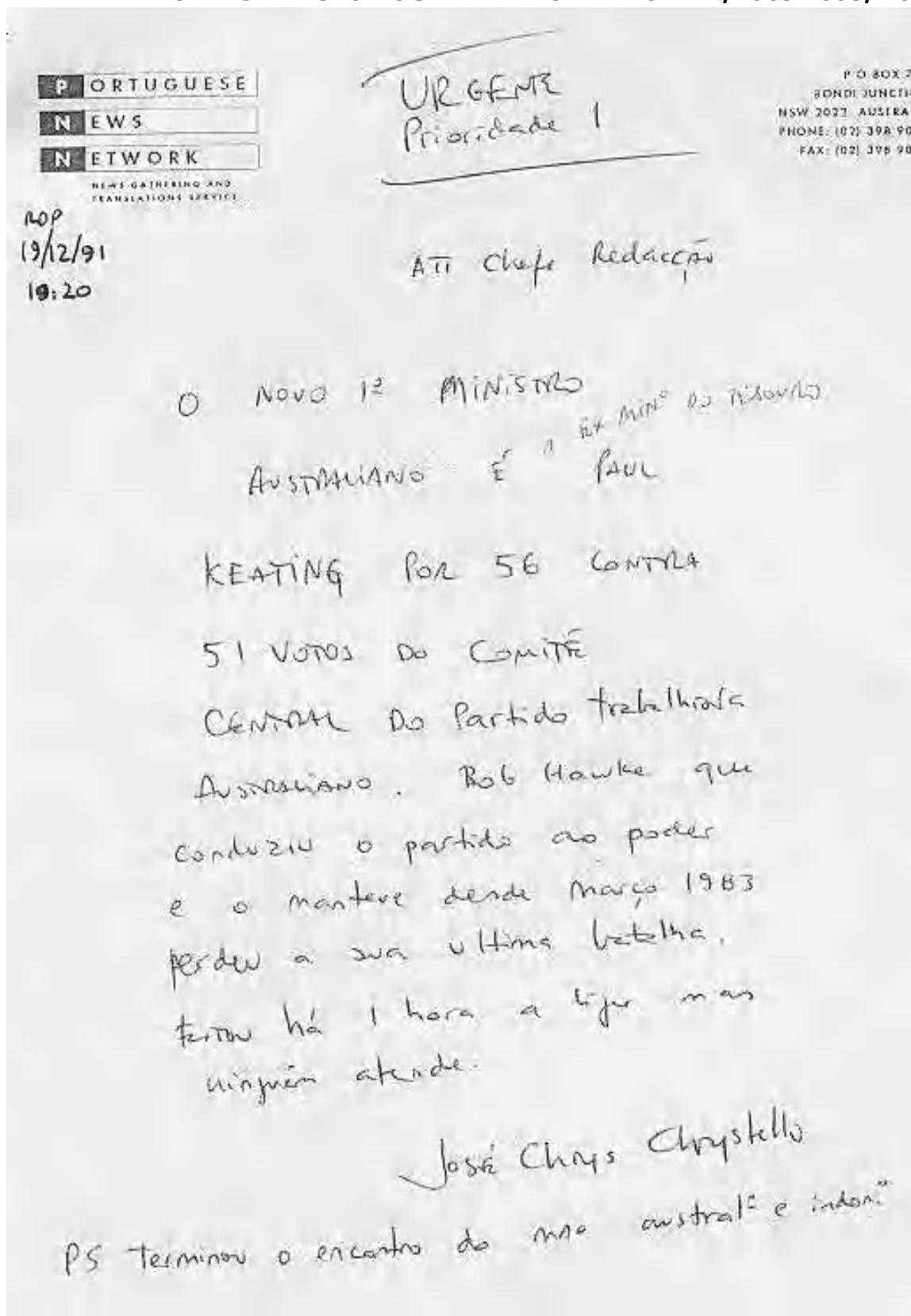
DAVID ANDERSON
 Formerly Director
 of the
 United Nations
 High Commission
 for Refugees

275. 19 DEZEMBRO 1991 RDP

rdp 170/91 19/12/91 17.30 lx

chegou cerca das 5 da manhã de hoje [hora de lisboa] a jakarta o mne australiano senador gareth evans que à

chegou numa a comunicação oficial de xeno que visitou a indonésia como um amigo e não como um comissário mundial das relações humanas. Evans acrescentou ainda esperar viajar-se com o presidente Suharto e o comandante em chefe das forças armadas indonésias general try sutrisno. Depois das suas declarações certas e muito diplomáticas o mne australiano seguiu para um encontro com o seu homólogo indonésio ali alatas, reiterando uma vez mais que tinha confiança em que o primeiro ministro australiano, bob hawk, não fosse derrotado no seu partido trabalhista australiano para britnar e outra posição de number 10. Enquanto João Carlos Costa no clube da imprensa na capital australiana pediu hoje que a Austrália cesse o reconhecimento de jure da independência de timor e dê ao povo timorês o direito a escolher entre a independência, a integração na indonésia ou a associação com outro país como por exemplo portugal.



276. 20 DEZEMBRO 1991 RDP

174/91. 20dez91. 18.11. 1x 1

o 25 primeiro-ministro austral Paul Keating tornou hoje posse
pequeno o governador geral e ex-líder do partido
trabalhista Bill Hayden. O acontecimento teve lugar
depois de o ex-primeiro ministro Bob Hawke ter feito
um apelo ao governo para resolver o problema do desemprego
e da assinatura de um acordo de paz com os aborígenes
para o que contribuiu com o desvio de uma placa feita
de casca de árvores simbolizando a nova reconciliação
australiana e aborígene.

*entretanto a noite do 1º min' é indonésia 14.11.2010
para Maria*

muitos dos ministros choravam na cerimónia e o próprio
Hawke estava visivelmente comovido, mas depois das
formalidades Keating reuniu-se com o seu gabinete,
entretanto em Jacarta quer a tv quer os jornais de hoje
cobertura de primeira página a mudança de líderes mas
ninguém estava disposto a falar sobre isso. Neste
sabendo-se que neste momento o primeiro-ministro
australiano vai com o presidente Suharto não com o
comandante em chefe das forças armadas Try Smitardjo e
apenas manifestar o seu desejo de continuar com negociações
de estranhos.

278. 20 DEZEMBRO 1991 SMH

Massacre inquiry must be fair: Evans

JAKARTA Australia's Foreign Minister, Senator Evans, has today discussed the Dili massacre, adopted a cautious approach on his return yesterday, saying he has no intention to lecture Indonesia.

He said he did not want to inject a domestic matter into the mass media, saying the massacre should be laid out and tried upon properly.

And he urged the Indonesian Government to find a peaceful solution to the East Timor problem. Privately, Indonesian and Australian officials are concerned about the material for Senator Evans' visit to survey the strained relationship between the two countries.

In Australia, the East Timor issue has dominated the news. The Indonesian Government would not allow the newspaper to report on the massacre and the army against the occupying Indonesian army group in the wake of the massacre.

Speaking at the National Press Club in Canberra, Mr Evan, Minister for Foreign Affairs, said the United Nations representatives for all East Timorese resistance groups, said the occupation would no longer remain in force.



Senator Evans

"The balance will take many days to be achieved, when the time is appropriate, to increase the military pressure on the Indonesian side," he said.

Mr Evans today called on Australia to end its practice of "appeasement and pragmatism" towards Indonesia. He also accused the view expressed by Senator Evans that the Dili killing was a "domestic" affair of the Indonesian Army.

He said the Dili massacre was not an isolated incident, but earlier killings had not been widely reported by foreign journalists and television crews.

In Indonesia, the media and pro-Indonesian forces have become increasingly hostile of Australia's comment to the massacre, accusing "the kangaroo country" of "contaminating our national media" and "distorting" Indonesian internal affairs.

But Senator Evans said "I don't see a collective effort and neighbourly in Indonesia, not at some kind of international conference on human rights."

"Evans, however, is somewhat deeply concerned of just how difficult it is in maintaining unity and cohesion in a country as vast and complex as this one."

"The main objective is to communicate — not very deep sense of concern about what happened in Dili — that deep concern which may be in Australia and in the wider international community but also here in Indonesia."

Senator Evans warned that Indonesia must ensure its army was not a "force" and not a "repressive force" as it is not a "people's army" when a people's army has to go on its own people, something has gone very badly wrong," he said.

Evans said the Indonesian Government must be more open and thorough in the investigation of the massacre, including the role of the army and a number of bilateral relationships, and questions will arise about international confidence in Indonesia.

Questions of particular difficulty will arise in resolving the East Timor question in the United Nations and for all. The important thing now, however, is to finish the job that was started so well. The most important reason — is from Indonesia's own national interest perspective."

Senator Evans said Australia was not trying to "punish" its own ally, Indonesia. He will meet several Indonesian leaders during his three days here.

In his meeting with the Foreign Minister, Mr Ali Alatas, today, Senator Evans will protest against Indonesia's setting of an Australian television company's film.

Indonesia refused to grant a visa to Lindsay Murdoch, who was to have collected Senator Evans' film for the *Age* and *The Sydney Morning Herald*.

Senator Evans said he regretted Indonesian's action, adding that it would not help understanding between the two countries.

He refused to comment on reports that the head of the Dili inquiry — Supreme Court Justice Gajadhar, had said there was no evidence that the death toll was more than the army's claim of 15.

279. 21 DEZEMBRO 1991 RDP

100,175,00 21,12,91 18,00 10

O novo ministro para assuntos estrangeiros anunciou hoje a sua visita de 3 dias à Indonésia e tal como anteriormente ordena pelo governo, não foi permitido para estes três dias a presença de jornalistas em chefe das forças armadas, general try austriano, requirer que foi considerado insultuoso para o governo australiano.

Entretanto os jornais e a tv indonésias em Jakarta apresentaram a seguinte do novo ministro ministro Paul Keating, sem no entanto mencionarem que durante os 3,2 anos em que ele ocupou o posto de ministro de comércio nunca visitou o maior e mais influente país vizinho.

Entretanto o conselho de negócios apelou para a administração quanto ao futuro de e dos se relacionarem de forma em diá e abusos de tração por subversão, desde momento pensa-se que o senador Evans se mantenha no governo de Keating embora se achou a possibilidade de mudanças no gabinete governamental.

280. 21 DEZEMBRO 1991 SMH

Dili response to decide Jakarta's fate, says Evans

By TERRIE EVANS in Jakarta

JAKARTA, Friday: The Ministry for Foreign Affairs, Senator Evans, has told Indonesia's parliament in the Timor issue will determine whether it will become a major player in international affairs or lose any real influence.

The 60th parliament now faces an internal struggle with Indonesia's future whether it remains in the November 17 process should be aimed at solving international disputes or is focused on domestic concerns.

Senator Evans, who is in Jakarta to press Australia's case over the Timor sea rights, said talks with Indonesian ministers had "gone as well as could reasonably be expected".



Senator Evans is present Australia's interests.

"I have pursued the interests of Australia's concerns, who are not engaged, who are not presently aware" he said.

He said that Indonesia's parliament should be understood in its mission.

He said that Indonesia's parliament should be understood in its mission.

In his speech to parliament, the chief of the armed forces, General Suharto, told Indonesia and the Timor issue is not a Timor issue. He said that Indonesia's parliament should be understood in its mission.

He said that Indonesia's parliament should be understood in its mission.

He said that Indonesia's parliament should be understood in its mission.

Indonesia, whose country is being...

Senator Evans suggested that Australia's influence could be marginal but said Australia had a duty to help the Timorese people.

"Any influence is marginal, is marginal," he said.

Even if the outcomes are not very productive in terms of billions of dollars that you might want to give in the end of it in terms of specific strategies and so on, something in Jakarta, I think it would.

Evans, Indonesia and Australian officials are concerned about the possibility for Senator Evans' visit to review the already strained relationship between the two countries.

Indonesian leaders are reportedly furious at conditions the former Prime Minister, Mr Hawke, set on his planned February visit.

Mr Hawke told Indonesia his visit depended on the massive inquiry being led and conducted, Indonesia punishing those responsible for the massacre, taking steps towards the village and seeking a peaceful solution to the East Timor problem.

The influential English language daily, *The Jakarta Post*, in an editorial today, described relations between Indonesia and Australia as "endragam" at a low point as a result of the recent developments in East Timor.

Senator Evans said that the new Prime Minister, Mr Keating had decided to go ahead with his planned visit, although it could be delayed by one or two weeks.

But the trip, originally set for early February, will be delayed while Mr Keating deals with domestic issues and draws out his economic policy.

Senator Evans said Indonesia's June general election posed no problem in scheduling for Mr Keating's visit here.

An early call to ask by Mr Keating is seen to the region as important in fostering Australia's ties with Asia.

Indonesian leaders want Mr Keating to see Jakarta first and sign of Australia's commitment to strengthening bilateral relations.

Mr Hawke, who only visited Indonesia once in the eight years as Prime Minister, has come under strong criticism for not developing good ties with Indonesian leaders.

281. 21 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN

11 - THE WEEKEND AUSTRALIAN December 21-22 1991 11

Jakarta's future turns on report: Evans

By GREG SHERIDAN in Jakarta

BY GREG SHERIDAN in Jakarta

THE debate in Indonesia over the response to the UN massacre on November 12 had become a distraction on the finite course for Indonesian society, the foreign minister, Senator Evans, said in Jakarta yesterday.

"In Indonesia, we have to get on with the job of the 1990s - 1990s, a new vision, outward-looking, sophisticated participant in development world. It's important to become more dynamic, outward-looking, becoming more relevant again as its credentials as developing world, more oriented development, humanitarian, Senator Evans said.

The way the inquiry into the 12 November 1988 massacre was handled would have reflection on a decade, he said.

Australian minister on the matter would be mentioned but only in passing, he said.

Those in Indonesia who wanted the inquiry handled in an impartial manner acceptable to both sides were "irresponsibly committed to the cause of the 12 November massacre", he said.

The inquiry's progress would be given in the Indonesian parliament within a few days, he said.

He expected some further criticisms of the report and the government's reaction to it by the end of the year.

Senator Evans is visiting Jakarta for the first time in 10 years to attend Australia's 50th anniversary. He will also meet with the Indonesian government to discuss possible ways to improve the situation in East Timor.

The massacre was a well documented tragedy and "regretted" by the UN, he said.

However, Senator Evans had been denied an appointment with the head of the Indonesian armed forces, General Soedarto.

A number of other appointments, including one with the Deputy Minister of Natural Resources, have been dropped.

The Indonesian are unclear

Senator Evans is visiting Jakarta for the first time in 10 years to attend Australia's 50th anniversary. He will also meet with the Indonesian government to discuss possible ways to improve the situation in East Timor.

The massacre was a well documented tragedy and "regretted" by the UN, he said.

However, Senator Evans had been denied an appointment with the head of the Indonesian armed forces, General Soedarto.

A number of other appointments, including one with the Deputy Minister of Natural Resources, have been dropped.

The Indonesian are unclear

Senator Evans is visiting Jakarta for the first time in 10 years to attend Australia's 50th anniversary. He will also meet with the Indonesian government to discuss possible ways to improve the situation in East Timor.

The massacre was a well documented tragedy and "regretted" by the UN, he said.

However, Senator Evans had been denied an appointment with the head of the Indonesian armed forces, General Soedarto.

A number of other appointments, including one with the Deputy Minister of Natural Resources, have been dropped.

The Indonesian are unclear

Senator Evans is visiting Jakarta for the first time in 10 years to attend Australia's 50th anniversary. He will also meet with the Indonesian government to discuss possible ways to improve the situation in East Timor.

The massacre was a well documented tragedy and "regretted" by the UN, he said.

However, Senator Evans had been denied an appointment with the head of the Indonesian armed forces, General Soedarto.

A number of other appointments, including one with the Deputy Minister of Natural Resources, have been dropped.

282. 23 DEZEMBRO 1991 SMH

East Timor may be closed to foreigners

By LINDSAY MURDOCH The Indonesian military was prevent further unrest. "Since the returning

BY LINDSAY MURDOCH
Herald Correspondent

SINGAPORE, Sunday - Indonesia is considering closing East Timor to outsiders.

The move would be a blow to East Timor activists, who believe the presence of foreigners will help prevent a renewal of military brutality.

Indonesia's Foreign Minister Mr. Ali Alatas, who yesterday Jakarta was reviewing an UN decision to make East Timor an open province following its for-
eign journalists who were in Dili the East Timor capital, on November 17 when soldiers opened fire on civilians. Mr. Alatas said: "We find that the move will be in the best interest of the province."

The Indonesian military was furious when it discovered that foreigners, who had not declared their occupations, witnessed the killing. The journalists' reports led to an international outcry.

Mr. Alatas said he hoped East Timor would not be closed but a policy that underpinned

Indonesia would be unhappy if East Timor was again closed to outsiders, the Minister for Foreign Affairs, Soerjo Edhie said in Jakarta yesterday.

East Timor was invaded by Indonesia in 1975 following the departure of the Portuguese colonialists. The last Timor Governor Mr. Mario Carrascalao, was reported as saying early this month that it might be better to close the province to outsiders to



Mr. Ali Alatas at the joint press conference in Jakarta.

providing further insight into the region's political situation. The report also includes a list of names of people who are believed to be involved in the situation. The report is a valuable source of information on the situation in Timor.

Senator Evans made the request during a three-day visit to Timor which was his first visit to the country. Evans, who is the Minister for Defence, is also the Minister for the Timor Sea and the Timor-Leste Commonwealth Council. The three day visit will deal with what will be taken over by Timor.

Senator Evans will hold a joint press conference with Mr. James Hoffm

announcing to Australia yesterday that he was satisfied with the work of the Australian staff in Timor. Hoffm also announced that he was satisfied with the work of the Australian staff in Timor.

For Mr. Hoffm, the visit was a success and the international community is expected to be satisfied with the results of the visit.

James Hoffm, Senator Evans, the Minister for Defence, is also the Minister for the Timor Sea and the Timor-Leste Commonwealth Council. The three day visit will deal with what will be taken over by Timor.

Senator Evans will hold a joint press conference with Mr. James Hoffm

Mr. Hoffm said that the results of the visit will give the international community a clearer picture of the situation in Timor. He also said that the visit was a success and the international community is expected to be satisfied with the results of the visit.

Senator Evans was pleased by the visit and said that he was satisfied with the results of the visit. He also said that the visit was a success and the international community is expected to be satisfied with the results of the visit.

Senator Evans said he had met the objectives of the visit and was satisfied with the results of the visit. He also said that the visit was a success and the international community is expected to be satisfied with the results of the visit.

East Timor: the next move

The rest of Senator Evans' visit to Jakarta is what happens next. Senator Evans was snubbed by an Indonesian Government gruffly determined to whitewash the events in East Timor. President Soeharto was unavailable. So was the Defence Minister, General Benny Moerdani. And so, after Senator Evans attended his visit for the meeting was the commander of the armed forces, General Try Sutrisno. And yet Senator Evans believes that he did get his message across. The Australian Government now should be in a better position to make its own move on the Timor issue.

Officially, the Australian Government, like everyone else, is waiting for the commission of inquiry, headed by Judge Djaelani, to report on the Dili massacre. That report should be given to President Soeharto within two weeks. However it seems clear that the report will be a whitewash. Judge Djaelani, himself a former military officer, says he has found no evidence to counter the military's claim that only 19 people were killed when soldiers fired on the demonstration outside the Santa Cruz cemetery in Dili. The evidence of witnesses, accepted by the Governor of East Timor and most Western Governments, is that about 100 civilians were killed.

The Indonesian Government, it seems, will stand by the military and simply wait for the international storm to blow itself out. It is an old strategy, used by Jakarta after the massacre of the communists in 1965 and all the brutal suppressions since, including the invasion of East Timor. And it has generally been successful, not least because pragmatism in the West has accepted that Indonesian nation building involves a measure of brutality. Despite all the

suppression and all the international protest, Indonesia has received \$40 billion in aid in the past 25 years.

However, it is also a strategy of declining guilt, as Indonesia's prosperity and stability make brutal suppression less culpable, and the collapse of communism makes the West more fussy about the people it aids. Indonesian political leaders, such as the Foreign Minister, Mr Ali Alatas, know that. So do Indonesia's many enlightened generals.

Eventually the Ali Alatas will win. Even in the short term they may be able to curb the suppression in East Timor, where eight civilians arrested at the time of the massacre now face subversion charges and the possibility of the death penalty. But they need evidence that the world is watching, and that unnecessary brutality will provoke an international response. Despite Indonesian claims to the contrary, Australia and other Western nations are doing something potentially useful when they protest about the events in East Timor. And the more nations that protest the better.

What should Australia do next? If, as expected, Judge Djaelani produces a whitewash, Australia should review its relations with Indonesia, as prompted by the Government. Military aid should be suspended. The prime ministerial visit to Jakarta, planned for February, should be called off. The aim is not to seriously disrupt Australia's extensive relations with Indonesia, or punish ordinary Indonesians for the crimes of their army. Rather it is to make them to the Indonesian Government Australia's disgust at the events in East Timor, and perhaps to have a small but constructive influence on Indonesian policy and political development.



Senator Evans

Inquiry to admit more than 19 died

The official Indonesian inquiry into the killings in East Timor on November 12 will be asked to acknowledge that significantly more than 19 people were killed in the incident, according to well-informed sources in Jakarta, the inquiry, which is under-estimated in Indonesia, it has been reported. It is expected that the inquiry will be launched by the Indonesian Government.

It is also likely to be framed with a view to achieving credibility with Western nations, particularly the United States. It is believed the inquiry will be written in a way that is sympathetic to the Indonesian Government. It is believed the inquiry will be written in a way that is sympathetic to the Indonesian Government. It is believed the inquiry will be written in a way that is sympathetic to the Indonesian Government.

Jakarta snubs Evans - politely

By GREG SHERIDAN in Jakarta

THE Minister for Foreign Affairs and Trade, Senator Evans, left Jakarta at the weekend, having received a measured but unmistakable diplomatic snub from the Indonesian Government.

Senator Evans visited Jakarta for three days to express Australian concern over killings by troops in East Timor on November 12 but encountered increasing annoyance as what is normally an extensive Australian newspaper and media presence in Jakarta was reduced to a minimum.

In a program prepared on December 15, Senator Evans was scheduled to see President Suharto, the head of the armed forces, General Dwi Satrio, the Minister for Security, Admiral Sudarto, the Governor of East Timor, Mr Purnasudana and the head of the inquiry into the November 12 killings, Justice Djajadiningrat.

He did not get to see any of these people, nor did he see the Minister for Defence, General Mudianto. The Indonesians did not try to make Senator Evans feel welcome, but he was treated courteously but not warmly.

His visit was saved by the friendship with Indonesia's Minister for Foreign Affairs.

Annoyed at Journalists

cases of the inquiry mechanism such as the prohibition of witnesses and an advisory role for a representative of the United Nations secretary-general. These points had been rendered obsolete by the timing of the inquiry.

The Indonesians were sympathetic to the idea of a special embassy of the UN secretary-general visiting Jakarta to discuss the problems of East Timor with them, although the intention to be the kind of their willingness to countenance UN involvement.

Senator Evans also discussed various aspects of possible forms of the conflict in East Timor, including power sharing for the province, a program for the Christian Church, changes to the system of land ownership, greater involvement of indigenous Timorese in the administration of the province and the possibility of direct talks with the East Timorese guerrillas.

He also raised the possibility of a reduced role for the military and a range of non-military measures, as well as a greater presence for international groups.

The Indonesians had said there were substantial commercial and other interests between Australia and Timor, but to justify the establishment of a consulate.

with Senator Evans on Saturday. The Indonesian Foreign Minister Mr Ali Alatas, criticised the Indonesian Government's version of the incident.

We have conveyed to international community that November 12 was a very terrible, very tragic incident, he said.

The Indonesian Government is not at all shocked or angry about the fact that a group of the press, the press, the international community.

The Indonesian Government is not at all shocked or angry about the fact that a group of the press, the press, the international community.

Mr Alatas said that the UN High Commissioner for Human Rights, Mr J. Ruggie, had been invited to visit Jakarta to discuss the problems of East Timor with them.

Senator Evans also discussed various aspects of possible forms of the conflict in East Timor, including power sharing for the province, a program for the Christian Church, changes to the system of land ownership, greater involvement of indigenous Timorese in the administration of the province and the possibility of direct talks with the East Timorese guerrillas.

He also raised the possibility of a reduced role for the military and a range of non-military measures, as well as a greater presence for international groups.

The Indonesians had said there were substantial commercial and other interests between Australia and Timor, but to justify the establishment of a consulate.

The Indonesians had said there were substantial commercial and other interests between Australia and Timor, but to justify the establishment of a consulate.

The Indonesians had said there were substantial commercial and other interests between Australia and Timor, but to justify the establishment of a consulate.

The Indonesians had said there were substantial commercial and other interests between Australia and Timor, but to justify the establishment of a consulate.

Annoyed at Journalists

Mr Ali Alatas with whom he had more than seven hours of talks.

He also met the Minister for Foreign Affairs Mr Dwi Satrio, the State Secretary, Mr Purnasudana, the Governor of the Indonesian Parliament, Mr Satrio and a group of government officials.

The Indonesian Government is not at all shocked or angry about the fact that a group of the press, the press, the international community.

Senator Evans also discussed various aspects of possible forms of the conflict in East Timor, including power sharing for the province, a program for the Christian Church, changes to the system of land ownership, greater involvement of indigenous Timorese in the administration of the province and the possibility of direct talks with the East Timorese guerrillas.

He also raised the possibility of a reduced role for the military and a range of non-military measures, as well as a greater presence for international groups.

The Indonesians had said there were substantial commercial and other interests between Australia and Timor, but to justify the establishment of a consulate.

The Indonesians had said there were substantial commercial and other interests between Australia and Timor, but to justify the establishment of a consulate.

The Indonesians had said there were substantial commercial and other interests between Australia and Timor, but to justify the establishment of a consulate.

The Indonesians had said there were substantial commercial and other interests between Australia and Timor, but to justify the establishment of a consulate.

The Indonesian Government is not at all shocked or angry about the fact that a group of the press, the press, the international community.

Senator Evans also discussed various aspects of possible forms of the conflict in East Timor, including power sharing for the province, a program for the Christian Church, changes to the system of land ownership, greater involvement of indigenous Timorese in the administration of the province and the possibility of direct talks with the East Timorese guerrillas.

He also raised the possibility of a reduced role for the military and a range of non-military measures, as well as a greater presence for international groups.

The Indonesians had said there were substantial commercial and other interests between Australia and Timor, but to justify the establishment of a consulate.

The Indonesians had said there were substantial commercial and other interests between Australia and Timor, but to justify the establishment of a consulate.

The Indonesians had said there were substantial commercial and other interests between Australia and Timor, but to justify the establishment of a consulate.

The Indonesians had said there were substantial commercial and other interests between Australia and Timor, but to justify the establishment of a consulate.

The Indonesians had said there were substantial commercial and other interests between Australia and Timor, but to justify the establishment of a consulate.

The Indonesians had said there were substantial commercial and other interests between Australia and Timor, but to justify the establishment of a consulate.

284. 24 DEZEMBRO 1991 RDP

zdp/177/91 24/12/91 14,30 ec
O NATAL PORTUGUES NA AUSTRALIA

HOJE É NATAL EM SYDNEY, E AO COMEÇO DOS AUSTRALIANOS COMEÇAM AGORA AO JANTAR - PEQUENO ALMOÇO EM PORTUGAL - AS CELEBRAÇÕES PARA AQUELES QUE VIERAM DA EUROPA OCIDENTAL.

COMO NÃO PODIA DEIXAR DE SER ESTE CALOR DE GRAUS E HUMIDO E DE CERCA DE 35 MIL PORTUGUESES RADICADOS NESTE ESTADO DE NOVA GALÉS DO SUL JÁ SE VÃO ACOSTUMANDO A CELEBRAR O NATAL SOB TEMPERATURAS PROXIMAS DE 30°C, E HUMIDADES DE 80%. COMO NÃO- NA NEVE, AS RASANADAS, ALETRIA, FORMIGOS, ABRÓS DOCH, FILHOTES E OUTROS DOÇES SÃO-NORMALMENTE SUBSTITUÍDOS POR COISAS MAIS LEVES E FRESCAS.

O PESO NO ENTANTO COMETE COM O TRADICIONAL BACALMAU, A LAGOSTA, OS CARACÓIS (MAIS BARATOS DO QUE A CARNE), O CABRITO OU LEITÃO E BARRADA E OUTRAS APETECIVAS COMERCIAIS EM QUE GANHAMOS FAMA E TRADIÇÃO.

A MAIOR PARTE DOS CLUBES PORTUGUESES EM SYDNEY, APROVEITA A ÉPOCA PARA AS SUAS FESTAS E ADIAMENTO DE RECEITAS E FECHOU PARA O NATAL, OU LENTOU AS SUAS ACTIVIDADES AO MÍNIMO, POIS ESTA ESTAÇÃO- CONTINUA A SER DEDICADA À FAMILIA.

A CRIA DE CONSOADA AQUI NA AUSTRALIA É BOMCO SIGNIFICATIVA E CADA VES MAIS GRUPO PREFERE OS HÁBITOS AMERICANIZADOS DO ALMOÇO OU JANTAR- NO DIA DE NATAL E DO 'BOXING DAY' (O DIA A SEGUIR AO NATAL).

COM ESTE CLIMA CONVITATIVO AOS BARBECUES (ESSES ENORMES CHURRADOS DE 20 AR LIVRE), A TÍPICA CERVEJA É ACOMPANHADA DO BOM VINHO PORTUGUES, QUE POR ACASO POR CÁ NÃO- FALTA, ASSIM COMO A MAIOR PARTE DOS INGREDIENTES NECESSÁRIOS PARA REPRODUZIR AS RECEITAS TRADICIONAIS.

ESTE ANO NÃO- SERÁ EXCEPCAO, E QUER EM 'CENTENNIAL PARK' QUER NA PRAIA DE 'BRONTE' - LOCAIS BEM CENTRAIS DE PRAZER E LAZER DE SYDNEY-- PODERÁ AMANHÃ E DEPOIS NOS OBSERVAR CENTENAS DE COMPATRIOTAS GOZANDO ESTES DIAS DE FESTAS.

MAIOR PARTE DOS CASOS AS PRENDAS DO 'DAI NATAL' (AQUI 'SANTA CLUS') SÃO- ABERTAS NA MANHÃ- DO DIA DE NATAL EM VEZ DE O SEREM À MEIA NOITE DE CONSOADA.)

O CONVITE À PRAIA NESTE CLIMA DE VERAO- OBTEA A ENORMES EXERCÍCIOS DE IMAGINAÇÃO- PARA AS PESSOAS SE RECORDAREM DOS SEUS NATAIS EM TRAS OS MONTES, NA MADEIRA, NO ALGARVE, NAS BIRIAS OU OUTRAS REGIÕES DE PORTUGAL. EMBORA OS QUE TENHAM VIVIDO EM AFRICA OU TIMOR SE ADAPTEM MELHOR A ESTE CLIMA NATALÍCIO.

A TELEVISAO- NO ENTANTO DÁ UMA AJUDA TRANSMITINDO INUMEROS FILMES PASSADOS NA NEVE E NO FRIO.

O PANORAMA DA COMUNIDADE PORTUGUESA NAS CIDADES DE MELBOURNE, E BRISBANE É SEMELHANTE AO DE SYDNEY, COM DARWIN E PERTH A DESTILAREM COM TEMPERATURAS BEM ACIMA DOS 30°C.

E AO FIM DE 21 NATAIS EM CLIMAS QUENTES, COMO O CORRESPONDENTE DA COMERCIAL JÁ TEM , O NATAL TEM JÁ UM SIGNIFICADO ESTRANHANENTE DIFERENTE, MENOS INFINO E TRADICIONAL, IMPLICANDO A NECESSIDADE DE HORAS DE TENTATIVAS DE OBTER LIGAÇÃO- TELEFONICA PARA PORTUGAL PARA TRANSMITIR ESTA BEGA E PARA FALAR COM OS FAMILIARES QUE PERMANECERAM AÍ.

zdp/177/91 24/12/91 14,30 ec
O NATAL PORTUGUES NA AUSTRALIA

HOJE É NATAL EM SYDNEY, E AO COMEÇO DOS AUSTRALIANOS COMEÇAM AGORA AO JANTAR - PEQUENO ALMOÇO EM PORTUGAL - AS CELEBRAÇÕES PARA AQUELES QUE VIERAM DA EUROPA OCIDENTAL.

COMO NÃO PODIA DEIXAR DE SER ESTE CALOR DE GRAUS E HUMIDO E DE CERCA DE 35 MIL PORTUGUESES RADICADOS NESTE ESTADO DE NOVA GALÉS DO SUL JÁ SE VÃO ACOSTUMANDO A CELEBRAR O NATAL SOB TEMPERATURAS PROXIMAS DE 30°C, E HUMIDADES DE 80%. COMO NÃO- NA NEVE, AS RASANADAS, ALETRIA, FORMIGOS, ABRÓS DOCH, FILHOTES E OUTROS DOÇES SÃO-NORMALMENTE SUBSTITUÍDOS POR COISAS MAIS LEVES E FRESCAS.

O PESO NO ENTANTO COMETE COM O TRADICIONAL BACALMAU, A LAGOSTA, OS CARACÓIS (MAIS BARATOS DO QUE A CARNE), O CABRITO OU LEITÃO E BARRADA E OUTRAS APETECIVAS COMERCIAIS EM QUE GANHAMOS FAMA E TRADIÇÃO.

A MAIOR PARTE DOS CLUBES PORTUGUESES EM SYDNEY, APROVEITA A ÉPOCA PARA AS SUAS FESTAS E ADIAMENTO DE RECEITAS E FECHOU PARA O NATAL, OU LENTOU AS SUAS ACTIVIDADES AO MÍNIMO, POIS ESTA ESTAÇÃO- CONTINUA A SER DEDICADA À FAMILIA.

A CRIA DE CONSOADA AQUI NA AUSTRALIA É BOMCO SIGNIFICATIVA E CADA VES MAIS GRUPO PREFERE OS HÁBITOS AMERICANIZADOS DO ALMOÇO OU JANTAR- NO DIA DE NATAL E DO 'BOXING DAY' (O DIA A SEGUIR AO NATAL).

COM ESTE CLIMA CONVITATIVO AOS BARBECUES (ESSES ENORMES CHURRADOS DE 20 AR LIVRE), A TÍPICA CERVEJA É ACOMPANHADA DO BOM VINHO PORTUGUES, QUE POR ACASO POR CÁ NÃO- FALTA, ASSIM COMO A MAIOR PARTE DOS INGREDIENTES NECESSÁRIOS PARA REPRODUZIR AS RECEITAS TRADICIONAIS.

ESTE ANO NÃO- SERÁ EXCEPCAO, E QUER EM 'CENTENNIAL PARK' QUER NA PRAIA DE 'BRONTE' - LOCAIS BEM CENTRAIS DE PRAZER E LAZER DE SYDNEY-- PODERÁ AMANHÃ E DEPOIS NOS OBSERVAR CENTENAS DE COMPATRIOTAS GOZANDO ESTES DIAS DE FESTAS.

MAIOR PARTE DOS CASOS AS PRENDAS DO 'DAI NATAL' (AQUI 'SANTA CLUS') SÃO- ABERTAS NA MANHÃ- DO DIA DE NATAL EM VEZ DE O SEREM À MEIA NOITE DE CONSOADA.)

O CONVITE À PRAIA NESTE CLIMA DE VERAO- OBTEA A ENORMES EXERCÍCIOS DE IMAGINAÇÃO- PARA AS PESSOAS SE RECORDAREM DOS SEUS NATAIS EM TRAS OS MONTES, NA MADEIRA, NO ALGARVE, NAS BIRIAS OU OUTRAS REGIÕES DE PORTUGAL. EMBORA OS QUE TENHAM VIVIDO EM AFRICA OU TIMOR SE ADAPTEM MELHOR A ESTE CLIMA NATALÍCIO.

A TELEVISAO- NO ENTANTO DÁ UMA AJUDA TRANSMITINDO INUMEROS FILMES PASSADOS NA NEVE E NO FRIO.

O PANORAMA DA COMUNIDADE PORTUGUESA NAS CIDADES DE MELBOURNE, E BRISBANE É SEMELHANTE AO DE SYDNEY, COM DARWIN E PERTH A DESTILAREM COM TEMPERATURAS BEM ACIMA DOS 30°C.

E AO FIM DE 21 NATAIS EM CLIMAS QUENTES, COMO O CORRESPONDENTE DA COMERCIAL JÁ TEM , O NATAL TEM JÁ UM SIGNIFICADO ESTRANHANENTE DIFERENTE, MENOS INFINO E TRADICIONAL, IMPLICANDO A NECESSIDADE DE HORAS DE TENTATIVAS DE OBTER LIGAÇÃO- TELEFONICA PARA PORTUGAL PARA TRANSMITIR ESTA BEGA E PARA FALAR COM OS FAMILIARES QUE PERMANECERAM AÍ.

WORLD NEWS

Youth must change Indonesia, says general

JAKARTA: A former head of Indonesia's internal security agency has called on the 'young generation' to change the country's presidential and political systems.

"It is time to review regulations and practices (that are) no longer suitable," retired General Sumitro reportedly told a student seminar at the weekend.

The present lead-up to elections next June and the presidential race in March 1993 were the ideal period to correct the system, General Sumitro, who headed the now defunct but powerful internal security agency from 1968-72, said.

The younger generation should push for reform because the older

generation was captive to old political patterns.

The present regulations and practices established by the New Order Government of President Suharto since 1966 could hamper national growth, he said.

"I want an end to the old political style," he was quoted as saying in the Jakarta Post daily newspaper.

"At the beginning of the New Order, we corrected the Old Order totally. But we committed a great mistake because we did not decide that a president could be re-elected only once."

However, any correction should come through constitutional and non-violent means.

General Sumitro also criticised the growth of feudalism in Indonesian politics, saying it presented the "top leadership as an official who can do no wrong, does not need to be controlled and appears like holding unlimited power".

President Suharto is serving a fifth consecutive five-year term, which ends in 1993. He has yet to indicate his intentions but he would probably win another election.

Indonesia's Constitution does not limit the number of times a president can serve.

General Sumitro said the New Order's priority when established 25 years ago was to restore security. But it had resulted in political

engineering that had stifled democratic expression.

He cited many prerogatives of the national legislature which has been curtailed to ensure security at the start of the New Order.

Next June, Indonesians will indirectly elect 400 candidates for the legislature's 500 seats. The remaining 100 will be allotted to the military. Every successful candidate is then vetted by the country's leaders.

The MPs will then join another 500 politicians appointed to form the highest legislative body, the People's Consultative Assembly, which elects a president and vice-president after the elections.

AFF

286. 24 DEZEMBRO 1991 SMH

The Sydney Morning Herald

Indonesian roller-coaster at bottom

Australian diplomatic optimism was riding high on Indonesia before the Timor massacre. The crash is a timely reminder of the complexities involved in dealing with Jakarta, writes **DAVID JENKINS**

GARETH Evans has just returned from a pleasant few days in Indonesia. He wasn't able to see President Soeharto. He wasn't able to see the Defence Minister, Benny Murdani. He wasn't able to call on the Armed Forces Commander, General Try Sutrisno. He was rebuffed in his attempt to set up an Australian consulate in Dili.

The truth comes as no surprise. Australia has been an outspoken critic of the November 12 massacre in East Timor and Indonesia's army-backed Government is understandably sensitive to criticism on the subject, especially from a close neighbour.

But Senator Evans should be able to live with that. He composed himself with the right mixture of firmness and dignity in what can only have been a time of intense frustration.



He did not doubt from exploring Australia's profound strategic level developments in Timor which will make him even clearer that he has been the only one to do so with impunity. This is an area where Evans, for all his accomplishments, will be looking a little vulnerable in relation.

Evans was appointed Foreign Minister in 1985 just as Australia-Indonesian relations were getting out of the great day of 1986. He was understandably keen to push for improvements. So was Al Alford, a noted diplomat who was appointed minister in Foreign Affairs at about the same time. Together Evans and Alford did much to improve bilateral ties. So did their vibrant efforts, essentially done on the Indonesian side. Dick Wilton, the head of the Department of Foreign Affairs, and Philip Bond, the ambassador in Jakarta.

If there was a problem, it was that everyone was talking up the situation. As times the mood in Canberra was positively sunny and self-congratulatory. Alford and Bond and Phil had done what Bill Hayden said his team had not been able to do.

Evans had boarded the roller-

coaster at the bottom, just as the shocked former passengers were being let out. As it worked in one slowly up the incline, the view looked better and better. The mood among those on board became increasingly optimistic.

Evans and Alford signed the Timor Gap Treaty, dividing up the oil in the Timor Sea. They worked together on the Cambodian problem. They were pushing hard for a form of Deceleration of Timor, in which Australia and Indonesia would affirm their mutual respect for one another's systems.

Then came Gulk. With a volcanic look, the roller coaster went plunging down the other side, the passengers sliding on the inside. It may be some time before we reach the bottom. By that stage some fear, a few even will be jumping at the windows and the doors will have been boarded all over again.

The 1986 massacre has highlighted both the cynical nature of the relationship and the limitations of personal diplomacy. Evans and Bond did close ties with Alford and his well-

known work. But they did not open the doors that really mattered in Jakarta.

No-one is suggesting that Evans misread personal diplomacy. But there is a call for caution. The emphasis on personal relationships, if it is to be a success, requires expectations through the good times and leads to double the disappointment in the bad times.

This argument applies equally to prime ministers. Gough Whitlam or a Bob Hawke might have the closest of personal relations with the Indonesian President, but it would not count for much in a time like this, given the way the world is the world and given any relatively large East Timor community. No amount of closeness in Jakarta, when Indonesia needs to be prompted in his efforts to defend ABET (the armed forces) and what he sees as Indonesia's national interests.

Who would have believed it was all that the result.

A reading of the previous material by Evans and Bond, a GAP day,

287. 27 DEZEMBRO 1991 THE WASHINGTON POST

Indonesian Report On Timor Shootings Draws Criticism

By Fair Wier

LONDON, Dec. 28 — An Indonesian investigation into the Nov. 12 shooting of Indonesian soldiers in Timor drew criticism from human rights activists who said the report drew about 50 people to the head of the inquiry and back.

The London-based human rights organization Amnesty International expressed serious doubts about the credibility of the investigation. Amnesty said Indonesian government forces had used all available weapons and tactics to kill the Indonesian soldiers and the reports of witnesses remained unexplained.

The Portuguese foreign minister said in a statement that the commission of inquiry was "a desperate attempt" to cope with widespread criticism and to improve Indonesia's international image.

The figures and figures by the Indonesian committee do not correspond to the true dimension of the tragedy," Jose Ramos Horta, a spokesman for an anti-Indonesian coalition government, told Portuguese news.

Amnesty International, the London government and the East Timor movement independently have called for an independent, international investigation into the killings.

"The commission has sought to suppress evidence to believe that the number of victims who died was around 50 people and the injured more than 90," the leader of the separatist Indonesian committee, Maslam, said after presenting a 16-page preliminary report to President Suharto.

Quadrant said another 50 people had been injured since the shooting. Reuters news agency reported from Jakarta, Indonesia had never fully put the death toll at 50. But witnesses have said they believe

more than 100 people were killed. A U.S. delegate to that visited East Timor was told that between 75 and 100 people probably were killed.

There was a spontaneous rally on the streets of Dili, Timor, to protest the report, according to the report. The rally called for a boycott against those responsible. The committee with a group of 50 people, out of 100, which opened the investigation led to a victims.

Alan Nance, an American lawyer on assignment for the U.S. State Department, who was a doctor in Dili, East Timor, May 12, 1991, said the report included the report's character to be in the nature of that individual — "like a child without a father to guide him."

Nance said the soldiers marched in formation to the demonstration and opened fire on them. The Timor — were not threatening the troops. The army was lacking ammunition.

Nance said that according to a recent investigation in East Timor, the Indonesian government containing the founding of suspected incidents that followed the Nov. 12 shootings. His allegations were echoed in today's Amnesty International statement, which was issued in London.

Amnesty added that scores of political activists in East Timor, including many young people and children, were continuing to be subjected to serious human rights violations, including imprisonment, death threats and beatings.

Most widespread international condemnation of the killings. Canada, Denmark and the Netherlands have suspended all new aid to Jakarta. Hundreds of legislators from the United States and Japan separately have called on their governments to take assertive action against Indonesian on the East Timor conflict.

288. 28 DEZEMBRO 1991 SMH

Timor: not quite a whitewash

THE REAL test of the special commission of inquiry into the Dili massacre is how the Indonesian authorities follow it through. Arguments will continue about whether the six-member commission, headed by Judge Djajadisastra, a former military officer, has been accurate in its assessment of how many people were killed or injured at the Santa Cruz cemetery in Dili on November 12. It is important to get that right, not least for the sake of the families affected. But at issue of the immediate future of Indonesian policy towards East Timor and its relations with other countries, what will be most closely watched now is how Jakarta deals with the findings of the inquiry, when it makes its final report.

It is not a simple matter. The place of the military in Indonesia is such that it was not the civil authorities but the military itself which gave the assurance on Thursday — when the inquiry's preliminary, 18-page report was released — that prosecutions would follow. That is only partially reassuring. What the world will wish to know is just how far up the chain of command of the Indonesian military responsibility for the massacre goes. The preliminary report of the inquiry, it seems, does not provide a complete answer to that question. Obviously, punishment of scapegoats would be worse than no punishment at all.

The inquiry's final report, expected within six weeks, will therefore be looked at closely for the answer to the important question — did the troops responsible for the massacre act on orders from Jakarta, or on orders from a local commander, or in panic and without orders? The preliminary report appears to suggest that the last was the case. It has

responsibly said that troops were provoked by members of the East Timor independence group Fretilin, who had stabbed an officer and thrown stones at a police post and a bank. The soldiers "without the control or command", according to the preliminary report, resorted "over the level of acceptable norms" by shooting, stabbing and hitting people with blunt instruments. Further details of Mr. account will be awaited with interest, since other accounts — from eyewitnesses, unedited video tapes and intelligence sources — have suggested that the troops were indeed acting under orders.

There is, for example, the eyewitness account of Allen Stern, an American journalist, who has said that the head of Indonesian military intelligence in Dili, Lieutenant Colonel Gatot, was on the scene coordinating military operations. There is also the question of the identity of a heavy-set built man in civilian clothes, carrying an M16 rifle, seen directing troops to the cemetery after the shooting.

Judge Djajadisastra's preliminary report has been hailed as unprecedented in its contradiction of the armed forces. True, the report has said that about 50 people, not 100, claimed by the military, were killed, and that, again, contrary to the military's initial version of events, excessive force was indeed used. The apparently independent nature of Judge Djajadisastra's report does suggest that the Indonesian authorities understand the strength of international feeling against the brutality shown in Dili on November 12 and the futility of the military's attempts to conceal the truth. It is, however, no guarantee that the full report, still awaited, will tell the whole truth, or that those truly responsible will be appropriately dealt with.

68/12/91

Jakarta saves face, and \$4bn

The draft report into the 1991 Cronje massacre in Timor bears the hallmarks of an artfully crafted compromise.

It gets the devil out back up to it, which should be enough to placate foreign critics and ease the threat to the \$4 billion annual aid flow that helps Indonesia balance its budget.

And it largely gets the army off the hook by saying that soldiers and militia were "forced" to open fire to protect themselves against a crowd whipped up by local and foreign agitators and incited by radio.

That may be enough to comfort the "little people" — troops who were ordered by "blatantly stabbing and hitting people with blunt instruments" — while their officers go unpunished.

Seen at this level, the inquiry was an exercise in unadorned cynicism. It was called, all the witnesses agreed, in response to outside pressure, not because of any remorse or concern in the army or government.

And its chairman has since ap-



DAVID JENKINS

pearance coincidentally with a stormy visit. Different words will alter the mood of a report that argued his initial claim that more than 19 had died, as the army maintained.

The official death toll has bounced up and down like a yo-yo — first 30, then 19, then back up to 50.

Yet for all that, the inquiry is enormously significant.

This is the first time in 40 years that an inquiry has been held into the behaviour of the Armed Forces of the Republic of Indonesia (ANIKAL).

"The moment they decided to

set up an inquiry at all, they've decided they should have no complicity — from a soldier to the foreigner, and from the soldier to Jakarta — and no delay."

It is typically difficult to have an inquiry. But in 1991, Jakarta played with the idea. How they're willing to consider some aspects of it. People in Indonesia will say he will not. Well, even though this is not quite what the truth is, it is a remarkably important."

The top line in the findings of the ANIKAL commander-in-chief, the chairman, who was relating the case that there was only 19 deaths, and that was not because of damage to Indonesia's reputation through cooperation that people who refused to say the true facts in the trial.

But the draft report also puts President Soeharto in a difficult position. He supports the report, but will undercut it by his public thought to be punishing for such actions. If he does not support the report, his credibility will be

put in question.

In the end, the report is not being, saying they will do what they can with little more to be said and still live for the present.

Is it possible that important work will be done through a inquiry commission?

The answer is yes. But only if you've been persuaded by the military. And it does have a track record in dealing with police officers who have been accused of the worst.

At the time of the article, Indonesia is running in 1991. The then-ANRI commander, General Soediro, asked the commander of the presidential guard, with the president's approval, to investigate the case. The case was not "solved" by Soediro. He is now retired from the ANRI in Jakarta.

General Soediro had been

Continued page 40

Page 14, editorial, Pacific the soldiers in Indonesia, Gorbachev over Japan's position.

Jakarta saves face, and \$4bn

Line Page 1

... Colonel ... the ... 1972 after ...

The ... of ... the ...

It is a ... but that ...

President ...

... to ...

That ... mean ...

Meanwhile ...

... army ...

... Troops ...

But there are ...

... not ...

But the problem ...

10 The Sydney Morning Herald

WORLD

Soldiers will be tried over Dili over Dili massacre

By TERRY FRIEL

Only 19 were killed when troops fired on protesters in the Timor capital on November 12.

By TERRY FRIEL

INDONESIA's military has charged 16 prominent citizens involved in the Dili massacre after a critical report by the Sydney Morning Herald.

"These people should not be considered as the opponents of the Indonesian Government," National Security Council spokesman said.

The daily report of the special national committee of investigation (KPK) found that 30 people died, including 19 Timorese.

Only 19 were killed when troops fired on protesters in a crowd of 2,500 demonstrators in the Timor capital on November 12.

The report found another 50 people were injured, including 10 dead, injured or maimed.

The report also presented evidence to President Suharto, 68, in an unprecedented move, which it is to be publicly released and expressed condolences to the victims' families.

The Prime Minister, W. Koro, said he had not decided when he would visit Jakarta. He said it was arranged for Mr

Suharto had been scheduled for an anniversary here following the closure of Indonesia.

A Local Department spokesman said based on the commission's report, Suharto, in his preliminary report to President Suharto, had urged formation of a judicial commission to investigate the massacre and to take a more active and responsible approach.

"A key consideration will be how the Indonesian Government addresses the crucial question of how the Indonesian legal system will deal with those members of the security forces who used

excessive force."

The investigation committee has charged 16 prominent Timorese leaders from the massacre but found no evidence of any involvement. It is claimed by the military that the commission's chief, Supreme Court Justice Jusuf, said it found no evidence that "any violence" was committed.

The committee, which is being headed by the government to face troops, was expected to be composed of 10 members, including 10 Timorese, but only 10 were named. The committee supported

the claim that the soldiers fired in self-defence and it blamed the local Timorese separatist group for planning violence and firing on what had been a peaceful memorial procession for a young Timorese student killed by security forces last week.

Mr Soeharto is expected to respond to the report within days. The committee's final report will be published within 90 days.

In fact, President Soeharto has been strongly critical of foreign intervention in Indonesian affairs over the incident.

At one stage he turned the

Indonesian would go without top aid - worth more than \$4 billion a year - if there were another human rights violation. But he has shown a desire to be sensitive to a big world of the international community.

President Soeharto urged the establishment of the commission, the first in Indonesian history, and urged it to conduct a fair and just investigation.

Mr Soeharto said APTI had accepted the findings of the commission.

Asked why the commission found more people had died than

APTI said Mr Soeharto had APTI report the death of 19 Timorese killed by the law enforcement agencies.

For now, the Indonesian and international pressure on Indonesia for a return to peace, the case of internationally accepted the report will not be treated with the same urgency as in Indonesia and other areas.

The Netherlands, Canada and Denmark suspended new foreign aid to Indonesia after the massacre.

The Netherlands, Canada and Denmark suspended new foreign aid to Indonesia after the massacre.

Asked why the commission found more people had died than



Indonesian detainees accused of taking part in the Dili "incident" on November 12 receive communion on Wednesday from a Catholic priest while in captivity.

Picture by ASSOCIATED PRESS

Outrage greets Evans's reaction to inquiry report

By MALCOLM BROWNE and CHIPS MAGNOLLY

Demanded by the Senate in Foreign Affairs, Senator Evans yesterday said he was "revoltingly angry" with the Indonesian inquiry report from the East which has provoked outrage in Australia and overseas.

In Darwin, Mr Evans, former vice, a special representative of the Senate Central Committee, attacked Senator Evans's reaction.

The Indonesian report, written by a former military leader, told police, among other things, that 80 people were killed and that 90 more were missing after the incident on November 12.

These figures contrast sharply with earlier Indonesian military claims of 19 killed, but still fall well short of Australian Foreign Affairs estimates of 75 to 80. Amnesty International and Civil Liberties Union have placed the dead at more than 100.

On ABC Radio's 774 program yesterday, Senator Evans said the results of the inquiry were "better than many people hoped, than many people expected".

The figure of about 100 dead still "within the range of thought probable, between 50 and 75. The only investigators had to rely on were the Indonesians' accounts and

there were people interviewed for two weeks simply to say "sorry, but".

He said the report, of which he said a 15-page summary in translation, revealed that the Indonesian military was at fault and that victims of the massacre were "completely" massacred. "I would not say 'completely' because 'completely' implies a total response".

He said the report contained "presentation by the crowd and the standing of the Indonesian officers, but he said it was not over-impassioned and he did not quarrel with the report's "balance".

Senator Evans's assessment was backed by the Prime Minister, Mr Keating, who said it was "much more credible" than the earlier reports. Mr Keating said: "I think the report is an encouraging document. I think the important thing is, though, when the final report comes out what the Government of Indonesia's consideration of the report will produce."

Mr James Hertz said yesterday that the report merely allowed "Simon Evans to 'get off the hook' by claiming the report was better than people had feared."

"The report confirms the lack of credibility of the inquiry," Mr Hertz said. "Senator Evans knows many more facts about... but he

is in politics, in general, and that the Indonesians."

Mr Alan Eddle, De Atherton, of the East Coast Cultural Centre at Eastfield said: "I think the Government is trying to ignore a number of Vietnam atrocities. It is a comprehensive report."

Mr Peter Hilditch, of Sydney Secretary of the Catholic Church, said: "I think Evans's response today was critical of the Australian Government. It is a non-response."

"The Australian Government is in a unique position... The rest of the world will be watching what Australia's attitude will be."

Mr Allan Nairn, a journalist with the New Yorker, said the Herald yesterday.

"Although there is the middle of it," he said. "The report which I have just heard about is completely inaccurate. Hundreds of groups marched up in London and opened fire without provocation. They opened fire in various. They never broke order."

"People were celebrating at the opening fire. Lives kept being lost. The crowd got close to 10 minutes, jumping over bodies as they did so and picking up people who were dying."

289. 30 DEZEMBRO 1991 RDP

rdp 178/91 30/12/91 18:30 18/91

chega amanhã à australian president norte americano george bush para uma visita que marcará o primeiro encontro oficial entre o novo primeiro ministro paul keating e bush, que no passado tinha sido um forte relacionamento pessoal com o ex primeiro ministro bob hawke.

a visita ameaça ser envenenada por manifestações de representantes do sector agrícola, tradicionalmente o mais importante sector industrial australiano, e o qual^{da} alega ter perdido mais de 1 bilhão de dólares 105 bilhões de escudos no último ano e setecentos bilhões desde que foi introduzido há sete anos.

os manifestantes que se deslocaram à camberra ao parlamento viram ser-lhes concedida uma audiência de 20 minutos com bush, na 5ª f. de entretanto quer ramos horta, quer inês almeida e outros representantes da comunidade timorense sumiram a comunicação social que estão a preparar uma manifestação contra o apoio militar norte americano à indonésia e que também se manifestarão em frente ao parlamento em camberra e quando da visita de bush a sidney e melbourne. quer a australia quer a indonésia têm como seu segundo mercado os eua embora ambos representem apenas o 10 lugar no mercado norte americano.

rdp 179/91
31 12 91
1992

290. 30 DEZEMBRO 1991 SMH

Army sackings take the heat off Indonesia

President Suharto's sacking of the weekend of the two generals made responsible for last month's takeover a lot of the remaining international heat off Jakarta over the 11th minister.

The move was not only timely and well-timed but an act of courage, offsetting still by some way a lot for remaining and under pressure.

It will help quiete Indonesia's tangled international situation while at the same time bolstering the fortunes of a leader who shows every sign of wanting to become the country's second president by 1993.

Jakarta went a good way towards detaching international outrage over the 11th minister's sackings when the board of a commission of inquiry rejected the army's version of events and put the club toll at 50.

President Suharto's weekend decision, an almost inevitable consequence of the finding, will take much of the remaining pressure off.

It will be especially welcome in Canberra and may even clear the way for a visit to Indonesia by Mr. Keating early in the new year.

President Suharto has shown no inclination to removing Brigadier General Rudolf Wirodo, the military commander of East Timor. Nor has he moved Major General Siatung Pradito, the once on-again-off-again com-



DAVID JENKINS

mander of the UN-leased Udayana military region, which takes in East Timor.

Significantly, his last top report against the Armed Forces (ADRI) Commission, General Sir Sulaiman's Society, together among a score of other reports in which loyalty to the "old man" shows signs of fading.

General Try, who has sought to defend the Indonesian in East Timor and has threatened harsh retribution for demonstrators in the ADRI, is the man ultimately responsible for alienating the President, who is commander-in-chief.

The ADRI chain of command runs from President Suharto down through General Try to General Panjaitan and Warouw. It bypasses the Defence Minister, General (retd) Benny Mudojanto, who, though he commands extraordinary influence among a network of key infantry and intelligence officers, has no authority to move troops.

Like his predecessor, President

Suharto, who had himself proclaimed President for life, President Soekarno, 70, shows every sign of wanting to go on until he drops.

He has ruled Indonesia for a quarter of a century and is expected to win yet another five-year term when the People's Consultative meets in 1993.

General Try has been widely seen as a possible vice-presidential running mate. It has been although his position may have become untenable following the 11th minister.

President Suharto, the latter move shows his respect for the old man.

In releasing the two generals of their commands he has demonstrated some few other things by commanding ADRI, the major step to his return.

The decision may cause some uneasiness in the middle ranks, where, despite the purge of the 11th minister, there will be a temptation to see the general as wage-jumper. But it is likely to be accepted as the action of a man who should not back on down.

President Suharto may be increasingly unpopular in Indonesia, having overruled his welcome and offered his family to a number of other leaders' wealth.

But he has placed his supporters

Continued Page 5

PT 2: 5: Indonesia's response to... 1991

Heat is off Jakarta

By Paul Power

The key problem in mid-1991 has been that of military threats to the holder of office in 1963 coup and his extraordinary achievement in restoring the country.

One of the reasons why Suharto is that Suharto is old and has had a long and a long time to trouble to do with, but he has been able to do so with a steady hand.

It has been a steady hand, but it has been a steady hand, and it has been a steady hand, and it has been a steady hand, and it has been a steady hand.

But the key problem is that the Indonesian people are not yet ready to accept the fact that Suharto is old and has had a long and a long time to trouble to do with, but he has been able to do so with a steady hand.

It can't be said to be a steady hand, but it has been a steady hand, and it has been a steady hand, and it has been a steady hand, and it has been a steady hand.

that it needs to maintain a balance of power.

There is some way to the fact that General Try, who was sacked, has been told to account for his military command from the 11th minister, and he has been told to do so with a steady hand.

It is possible to find some sympathy for General Panjaitan and General Warouw, because they were not part of the conspiracy to take the heat.

But it seems likely to be a steady hand, and it has been a steady hand, and it has been a steady hand, and it has been a steady hand, and it has been a steady hand.

WEATHER

Metropolitan: Cool to mild, a few showers.	Tampere: City 15-21, Liverpool 15-23, Ballarat: low, Toowoomba: City 17-22.	Melbourne: 17-22	NSW: Mild to very warm to hot
--	---	------------------	-------------------------------

30/12/91

30/12/91

The Sydney Morning Herald

Indonesia's response is positive, says Evans

CANTERBURY, Indonesia's response to a special inquiry into the East Timor massacre appeared to be positive, a spokesman for the Minister for Foreign Affairs, Senator Evans, told yesterday.

Although the Australian Government had only limited information on President Soeharto's reported sacking of two military officers yesterday, only military units were the focus of the preliminary report was released, the spokesman said.

"From the initial reports we have seen - far the Indonesian Government reaction appears to be positive and helpful," he said.

The two generals were reportedly removed from their posts after President Soeharto held them responsible for the deaths of about 20 people in the East Timorese capital of Dili two weeks ago.

At the time, they were in charge of Indonesian army units held responsible for the deaths that occurred during the 1991 invasion of Timor.

Subversion charges - Carrying a maximum penalty of death - will also reportedly be pressed against 14 of the 22 people taken into custody after the massacre.

President Soeharto is said to have ordered his Attorney General to take the sacking of the two generals to the court to be held in Dili under the new law.

Senator Evans's work with the Australian Government would include working out all action taken by the Indonesian Government in relation to the special inquiry.

The Australian Government had always said that after a credible inquiry, appropriate follow-up action has to be taken, and we would expect this to happen under the procedure of Indonesian law," the spokesman said.

President Soeharto's action in sacking two of the preliminary report of a special commission set up to investigate the massacre which, while saying that troops had been provoked, blamed a section of the military for losing control and for firing into the crowd. It also said:

The preliminary report, described by Senator Evans as "very disappointing", also found that about 30 people had died during the firing, far more than claimed by the military, which said only 19 deaths occurred.

Another 90 people are still missing, and President Soeharto has ordered the armed forces commander-in-chief, General Try Suroyo, to find them.

DPA Indonesia, have reported that the missing people are buried in one grave.

President Soeharto also ordered the army chief, General Bill Sudrajat, to set up a council to study in depth the way the commanders handled the November 12 shooting.

Replacements for Major General Siliwangi Pangjau, the military commander of eastern Indonesia, and Brigadier General Rudolf Warouw, the military commander of East Timor, are expected to be appointed soon.

AAP

7 THE AUSTRALIAN Monday, December 30, 1991

E Timor massacre sackings welcomed

By ANNE EXINCHELLY, HAYASHI BITA and agencies

THE sacking of two general officers in the failure of at least 30 people at a Timor funeral last month has been welcomed by the Australian Government.

At the same time, 14 of the 33 commentators' decisions after the November 12 massacre have been criticised with substance - a move carrying a maximum penalty of death.

Timor's State Secretary, Mr Murdoch, and the military commander of East Timor, Brigadier-General Robert Watson, and the military commander of eastern Indonesia, Major-General Anthony Faulkner, would be replaced soon by unarmoured troops commander-in-chief, General Fry Sturtell.

A spokesman for Australian Minister for Foreign Affairs

Servicemen addressed

Service men and women of the sacking, the Indonesian Government's reaction to

the two commentators, Mr Murdoch said.

President Suharto also ordered army chief General Edi Suharto to establish a court of inquiry to report the way the commentators treated the November 12 massacre.

The President stressed that what happened in Timor should not be repeated. He asked government officials and the security apparatus to correct themselves. Mr Murdoch said.

But President's special representative to the United Nations Mr Joe Hamon Horta, said the Australian Government's acceptance of the Indonesian response showed maturity.

"President Suharto and General Suharto are directly responsible for the war in East Timor and not the soldiers. These are the only ones who should be put up on trial," he said.

General Suharto's speech calls for the East Timorese to give up the struggle for an independent State were only a recognition that nothing had changed in the Government, he said.

Government's reaction is said to be severe and logical.

The Indonesian and the Government had looked for other details on what soldiers Indonesia could take as a result of the inquiry.

But the report has been labelled by the Indonesian authorities and will continue to be published until decided by parliament. Australia was the government which gave the report and had approval of a preliminary report for the Indonesian.

Mr Murdoch, who was in East Timor, said that he provided the names of the 14 people who were to be replaced by the East Timor, Mr Murdoch said. He said that the names were as follows:

President Suharto and General Suharto. The names will be given to the public elsewhere. Mr Murdoch said that the names were as follows: "wherever happened was the responsibility of those in charge of the country."

But the Indonesian was a member of the United Nations, he said for Indonesia's sake.

He said.

In addressing a group of soldiers and their families at the last weekend, General Suharto reportedly said the massacre had been intentionally engineered by soldiers who were not with "certain soldiers here and there".

He urged all soldiers "not to continue the war, and to work for creating a peaceful and secure environment" to end the war.

The result of all these orders and actions is that the people have become the victims, experiencing realisation something like this.

Obviously, only about 100 people were killed after the general order to be charged with the war but it was not achieved on Sunday. This is what happened.

The move has drawn some criticism from President Suharto's supporters, among those who accepted and led groups in Australia.

Documents have already been filed with a variety of companies, a few hundred copies of a report of the investigation process.

292. 31 DEZEMBRO 1991 SMH

Monday, December 31, 1991 5

Indonesia names new East Timor generals

JAKARTA, Monday - Indonesia's Armed Forces Chief General Try Sutrisno has named two generals to replace the commanders responsible for East Timor who were involved in the wave of last month's massacres in Dili.

General Try said Major General Mantji would replace Major General Sukarya Pangeran, a chief of the Bali-based Udayana military command which oversees East Timor.

Also, Brigadier-General Heno Sjahrir would replace Brigadier-General Rudolf Samuel Warouw as the military operational chief in East Timor.

General Try said the two sacked military commanders were "held out for the wrong reasons".

The Indonesian President, Mr Soeharto, ordered the replacement of the pair on Sunday, saying they were responsible for the November 12 Dili massacre.

The investigation set up by Mr Soeharto to look into the killings had 50 people had died and 90 others were injured after soldiers shot a crowd of about 100 people. The military has claimed only 19 people died after troops shot protesters in self defence.

New Dili inquiry

JAKARTA: The team set up by President Soeharto to investigate the November 12 shootings in Dili plans to return to East Timor next week to complete its inquiry, press reports said yesterday. In its preliminary report last week, the National Commission of Investigation said soldiers acting without command had killed about 50 people when they fired into a crowd in Dili. — AFP

31/12/91

293. 31 DEZEMBRO 1991 THE AUSTRALIAN



TAPOL

The Indonesia Human Rights Campaign

TAPOL Bulletin No. 108

December 1991

The killing fields of East Timor

At least 180 people were killed and many more wounded in Indonesia's latest atrocity in East Timor. Several foreign witnesses have testified, giving the atrocity worldwide media coverage. More killings are being reported almost daily. Pleas from East Timorese to the UN for a monitoring team to go to East Timor have so far failed to elicit any response.

The massacre occurred early on Tuesday, 12 November 1991, when troops opened fire on a peaceful, unarmoured procession from Mohat Church to the Santa Cruz cemetery, Dili to place flowers on the grave of a young Timorese, Sebastião Rangel Gomes, who had been shot dead by troops at the church two weeks earlier.

Troops opened fire without provocation, killing dozens of people in the first few minutes of heavy gunfire, then shot or stabbed to death many wounded, strewn across the graveyard. One of the many eyewitness accounts that have been published worldwide is reproduced on page 3.

The Santa Cruz massacre is only the latest in a long tragic history of death and atrocity that has engulfed the people of East Timor since their country was invaded and illegally occupied by Indonesia in 1975. During the first years of war, some 200,000 people were killed or died from war-related disease and starvation. Numerous massacres have occurred since then in remote parts of the country. This is the first large-scale atrocity in Dili itself since the horrors that befell the town in December 1975 when invading Indonesian troops rampaged, murdering hundreds of people.

The presence of many foreigners, some of whom had gone to East Timor to be there during the Portuguese parliamentary visit, has helped draw world attention to the East Timor tragedy for the first time. A Yorkshire television film of the massacre, shot by a British cameraman, has been shown in many countries.

Foreigners who have published eyewitness accounts are Allan Nairn, freelance journalist who writes for *The New*

Yorker, who was badly injured himself; Amy Goodman, news editor of New York public radio station *WBAI* who was also injured; Father Stephen Bonetto, an Italian-born priest living in Japan; Bob Munn, of *Australia's Community Aid Abroad*; Russel Anderson, an Australian freelance journalist and Stephen Cox, a British photographer who works for a Portuguese journal, *A Independente*. We reproduce elsewhere in this issue the report of another eyewitness.

The number of dead is now thought to be 200 or more. Within a few days, Bishop Belo said he believed 180 had died. Many dozens of severely-wounded people were taken to the Dili General Hospital. Of these an unknown number died. Relatives have not been allowed to visit the injured or collect the bodies of the dead. All the victims have been buried in mass graves, prepared some time ago by the army in Taci-tola and Arcaia Branca. The army refused per-

CONTENTS

This issue is devoted entirely to East Timor. It was compiled as news continued to flood in from East Timor and from around the world.	
Bishop Belo on the massacre	p. 3
Worldwide consultations	p. 4
Massacre among the graves, by Allan Nairn	p. 5
ABRI chief: "They must be wiped out"	p. 7
The truth and lies of Kuntal Damascão	p. 10
Letters from Santa Cruz	p. 11
Shorter news commission reports	p. 12
The Motala shooting	p. 14
A heavy blow for the resistance	p. 15
European Parliament and EC condemn	p. 16
US Congress condemns Indonesia	p. 17
It's hard to be a Christian in Timor	p. 18
The army's casualty - who is he?	p. 19
Annals of resistance	p. 20
International public relations	p. 21
Timorese attitudes to Jakarta - mounted up	p. 22
Photo by Stephen Cox	p. 24



EAST TIMOR

mission to the International Red Cross to visit the wounded, saying that they must first be interrogated.

Only an independent and internationally-supervised inquiry will enable the world to know the precise death toll and the names of the dead.

Ismael Bamaidhat, a 19-year-old New Zealander of Malaysian extraction, was among the dead. See page 10 for an obituary by his step-mother and extracts from his diary written in East Timor, in the last few days of his life.

Aftermath of the non-visit

The Portuguese parliamentary mission which was to have arrived in East Timor on 4 November was cancelled after a public row between Indonesia and Portugal about Bill Jolliffe, a Lisbon-based Australian journalist, being among the foreign journalists proposed by Portugal. The Jolliffe dispute was, however, only the final straw. Portugal was raised objections probably to the UN over Indonesia's attempts to control transmission of television reporting during the visit and its refusal to allow the mission to see non-Indonesian streets.

In addition, Lisbon's anguish about what might happen during the visit was fuelled by messages from Bishop Belo,

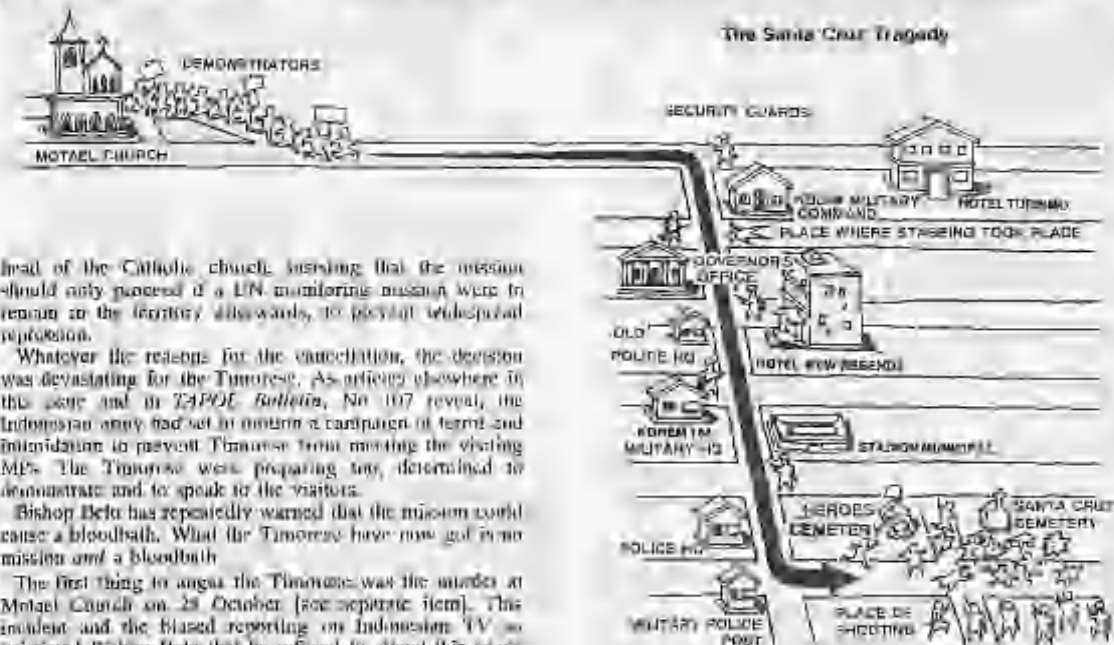
Timor had not in Dili on 12 November. He wrote:

On 15th November, a massacre took place at a location called Be-Masi, just before midday. The Masi is close to Comoro, on the western outskirts of Dili. I heard a volley of automatic rifle fire that resounded right through the valley which lasted approximately 45 seconds. After this there was sporadic fire for the next 30 minutes.

I spoke to an East Timorese man who saw 100 truckloads of East Timorese people being taken to the execution site - a known burial and execution site of East Timorese people in the 10 years of the Indonesian presence in East Timor.

The Be-Masi massacre was widely reported by the world media when a TAPOL press release was picked up by wire services, even before the above testimony had been received. TAPOL wrote to the UN Centre for Human Rights in Geneva, asking for the Special Representative on Summary and Arbitrary Killings to go to East Timor immediately to investigate this and other atrocities.

News of the Be-Masi atrocity was received at some western governments, particularly the Bush administration, were awaiting the Santa Cruz massacre, terrible though it was, occurred because troops 'ran amok' after an officer had been 'attacked by natives', or because troops thought they heard an order to shoot when a fire order given



head of the Catholic church, insisting that the mission should only proceed if a UN monitoring mission were to remain in the territory afterwards, to prevent widespread repression.

Whatever the reasons for the cancellation, the decision was devastating for the Timorese. As outlined elsewhere in this issue and in *TAPOL Bulletin*, No. 107 (see page 10), the Indonesian army had set in motion a campaign of terror and intimidation to prevent Timorese from meeting the visiting MPs. The Timorese were preparing to demonstrate and to speak to the visitors.

Bishop Belo has repeatedly warned that the mission could cause a bloodbath. What the Timorese have now got from the mission and a bloodbath.

The first thing to anger the Timorese was the murder at Motala Church on 28 October (see separate item). The incident and the biased reporting on Indonesian TV infuriated Bishop Belo but he refused to attend this year's annual meeting of the Indonesian Dialogue Conference.

The killings fields

On 15 November, three days after the Santa Cruz incident, about eighty prisoners who had apparently been captured after that atrocity, were blindfolded, bound, bundled onto four army vehicles, taken to Be-Masi and shot dead by firing-squad. Some reports say the victims included people who were eyewitnesses of the Santa Cruz massacre. The atrocity was confirmed by an Australian who was in East

Timor but not in Dili on 12 November. He wrote: *On 15th November, a massacre took place at a location called Be-Masi, just before midday. The Masi is close to Comoro, on the western outskirts of Dili. I heard a volley of automatic rifle fire that resounded right through the valley which lasted approximately 45 seconds. After this there was sporadic fire for the next 30 minutes.*

I spoke to an East Timorese man who saw 100 truckloads of East Timorese people being taken to the execution site - a known burial and execution site of East Timorese people in the 10 years of the Indonesian presence in East Timor.

The Be-Masi massacre was widely reported by the world media when a TAPOL press release was picked up by wire services, even before the above testimony had been received. TAPOL wrote to the UN Centre for Human Rights in Geneva, asking for the Special Representative on Summary and Arbitrary Killings to go to East Timor immediately to investigate this and other atrocities.

TAPOL Bulletin No. 108, December 1991

November and that on the following day, seven more people, including two infants, were killed because they were witnesses of the third massacre.

Reports of killings so far come only from Dili and surroundings. People in Dili are not able to monitor the situation elsewhere. Our contacts in Dili speak of terror in the capital. Houses are frequently raided, searches undertaken, there is a curfew from 7 pm, and Timorese men dare not venture out for fear of being picked up. The São José Portuguese-language school is closed. Other schools are open, but only girls attend; boys are afraid of being arrested. Army patrols and road-blocks are everywhere along the roads, in far greater number than previously. Bishop Belo and other priests are not contactable by phone as their lines have been tampered with.

Dozens arrested in Jakarta

As conditions in East Timor rapidly deteriorate, a crackdown has started against East Timorese students in Java and Bali. On 12 November, about 80 students from several Indonesian universities took a petition to the UN information office in Jakarta, calling for action from the UN on East Timor's self-determination and to stop the repression. As they were making their way to the Australian, Japanese and British embassies, they were halted by an Anti-Riot police squad and beaten with clubs. Some demonstrators, that as the police closed in but several were arrested. They were held for a whole week in Metro Jaya police command without being allowed to see lawyers. On 26 November, 42 were released. The 27 who are still in detention include Timorese students from universities in Salatiga, Semarang, Yogyakarta, Malang, Bandung, Den Pasar, Jakarta and Surabaya.

(See page 21 for more on student arrests.)

EAST TIMOR

Independent inquiry needed

Following the Santa Cruz massacre, the Portuguese government called for an internationally-supervised, independent and impartial inquiry.

Paced with an international outcry (see separate item), Suharto's State Secretary, Merviono, announced the setting up of a commission of inquiry composed of senior government officials, headed by a Supreme Court judge who is a general (see separate item).

Human rights NGOs in Indonesia paralysed

Shortly after the Santa Cruz massacre, representatives from Inflight (Indonesian Front for Human Rights), IPHAM (League for the Defence of Human Rights) and the New Life Foundation visited members of parliament to call for a thorough investigation of the Santa Cruz massacre. On 20 November they announced that a four-person team would go to Dili to begin its own investigation of the situation. However, the four were not permitted to leave by Dili. Instead, three leading human rights activists were announced for questioning by *Indonesian*, the army's security agency in Jakarta. While Indro Sukandji (Jakarta) of Inflight and Pongke Priatno of IPHAM spent three days under intensive interrogation, Yogie Lasm of the New Life Foundation decided not to go and went into hiding. With their principals under constant surveillance and leading activists under house arrest or in hiding, the three organisations have suspended their activities for the time being.

4

Bishop Belo on the massacre

Interviewed in Tempo 25 November, Bishop Belo gave the following:

Do you know how many died on 12 November?

According to official sources, 17, according to Timorese people, 50, but a number of prominent Timorese still have only received reports but I don't know the exact number. Have you been able to speak to any of the wounded?

No, I was only able to go round the walls. It was difficult to recognise the youngsters; their faces were so badly smashed up. But I spoke to the youngsters who came to my residence, some 250 of them. They came here for protection. On the same day from 1.00 to 6 pm, I counselled them there.

Someone has said that after those youngsters came to your house, you phoned the police...

Yes, I may have phoned 11 am, I wanted to see what they had done but I didn't want the police to interfere. At about 2.30 pm, I noticed that I was being followed by a motor-vehicle, a car, so I rang the last young lady the next day.

Is there tension between church and government?

Yes. Following the inquiries to the church and the cemetery, accusations have been levelled at the church. Of course there are tensions. We must confess that we must be active and by side.

Some people say Moral Church was open for political activities.

More things happened outside the church. Far away from the church, Father Ricardo (of Moral parish church) celebrated mass because he was asked to do so. It's being said that the security forces found evidence in Moral Church.

That is not true at all. I have given a statement to the government.

They say there was *Trésida* propaganda.

Everything was inside the pastor's home in the church. They found absolutely nothing in the pastor's home. In the church, they only found three people. They didn't find any flags.

Were the security forces travelling for rules when they searched for church?

No, I wanted them to come. I gave them permission to enter.

If the Portuguese mission had come, what do you think would have happened?

It would have been the same as what happened on 12 November.

What is your comment about the incident?

It was a tragedy. I am trying to work on this incident with the young boys and the people here.

What makes the people so unhappy?

Many things. With the accidents, the emotional feelings, many other things.

EAST TIMOR

Worldwide condemnation

But the UN and governments fail to act

For the first time since the murderous Suharto regime came into being in 1965, there has been international outrage at a massacre committed by the army. There was not a murmur of protest among western powers when Suharto's butchers slaughtered at least half a million communists suspects in 1965/66. His war against East Timor which killed off a third of the population - some 200,000 - also went unchallenged in state chancelleries. His death squads murdered some 4,000 suspected 'criminals' with impunity in 1983/4, and slaughtered around a hundred, possibly many more, Muslims in Tanjung Priok in September 1984, as well as a Muslim sect in Lampung in 1988. Several thousand have been massacred in Aceh since mid-1990. Now, at last, the world is beginning to recognise the deadly violence which is the hallmark of the Suharto regime.

There has been wide reporting and numerous editorials around the world and in some countries, pressure on government has been particularly fierce.

Portugal

The strongest reaction to the massacre came from East Timor's former colonial ruler, Portugal, which demanded more from the rest of the world than mere condemnation of Indonesia. The Portuguese Foreign Minister, Jorge De Deus Pinheiro said the European Community should reconsider all its relations with Jakarta. And President Mario Soares, who, only a few years ago, appeared to take little interest in East Timor, accused Indonesia of "genocide", and expressed his solidarity with the East Timorese people.



A week after the killings, Portugal declared a national day of mourning on 17 November. Flags flew at half-mast across the country and the national football team broke off its preparations for a match with Greece to observe a minute's silence for the victims. The government has dismissed Indonesia's planned investigation into the massacre as a farce. It has asked Portuguese businesses to impose a trade embargo on Indonesia. On 21 November, about 10,000 people demonstrated in Lisbon.

Western Europe

A well-coordinated European response has come from the European Parliament in Strasbourg, which passed a resolution by 160 votes to 5 calling for the UN and the EC to ban arms sales, and for the suspension of EC cooperation

agreements. The European Community has made two strong statements at the UN General Assembly. But the response from some of the Member States of the Twelve has been far more muted.

The Dutch government, under strong public pressure, announced during a heated debate in parliament that it will stop any new aid to Indonesia, but existing projects are unaffected. Last year the Netherlands gave more than US\$ 200 million to Indonesia. Some Dutch politicians want stronger action - Deputy Rob van Gijzen of the PVDA (Labour Party), a partner in the coalition government, demanded an arms embargo - but some has been forthcoming.

And there's been a similar reaction from Suharto's number one arms supplier, Britain, where the Foreign Office weakly welcomed the proposed investigation by the Indonesian government, but felt unable to go as far as condemning it for gunning down unarmed civilians. A Member of State told parliament, shocking both Labour and Tory MPs, that the government awaits the outcome of Indonesian inquiry before taking a stand. The same minister said that an arms embargo "would be inappropriate and ineffective".

Nor will the East Timorese have drawn much comfort from the Pope. For despite the fact that the victims of the massacre were Catholic mourners at a funeral, it took the Vatican ten days to denounce the killings, and then only after being criticised by Portugal for its inaction.

Australia

Outside Portugal, the greatest public outrage against Indonesia has been in Australia, home to the largest East Timorese refugee community. Trade unions have imposed an embargo on the Indonesian Embassy in Canberra, and banned all ships flying the Indonesian flag from docking at Australian ports. And people have been demonstrating outside the Embassy, and the Indonesian consulates in Darwin, Melbourne and Sydney. These are reports of divisions within the government over whether Australia should withhold *de jure* recognition of Indonesian rule in East Timor, with one minister, John Bullock, supporting the idea of a UN sponsored peace conference.

Even Prime Minister Bob Hawke was visibly shocked by Indonesian Army Forces Chief Tjja Soetrisno's statement, prominently reported in *The Age* (Melbourne), that the demonstrators needed to be eliminated; he suggested that it was time Indonesia sat down and talked with Fretilin over the future of East Timor. But the famous Hawke said, 'I don't see readily for those who died in Timor Square in 1981, were not in evidence for the victims of a massacre on Australia's doorstep which, he said, was an internal matter for Indonesia. Trade between Australia and Indonesia is worth A\$ 1.5 billion a year.



Foreign Minister Ali Alatas plays second fiddle, while all the official statements come from the army.

New Zealand

New Zealand might have been expected to send the strongest condemnation of Indonesia, given that one of its nationals, Rumi Samadeti, was shot, dumped away from the scene of the massacre, and died from his wounds when troops prevented the Red Cross from taking him to hospital. But aside from expressions of concern, Prime Minister Jim Bolger said only that he needed to think 'very carefully' and so he wouldn't consider cutting New Zealand's military ties with Indonesia.

Japan

Japan is the largest aid donor to Indonesia, giving 1.5-2.0 billion dollars last year in loans and grants, and thus has substantial leverage over the Suharto regime. Any hint that Japan might reconsider its aid programme would seriously undermine confidence in Indonesian relations. But the chargé Tokyo came in a 'bad' way to call the killings 'regrettable'. Indeed, a delegation from the Japanese Embassy in Jakarta returned from Dili with the extraordinary conclusion that there was 'room for debate' on the cause of the massacre. Groups of legislators, Christians and members of the Free East Timor Japan Coalition have deplored the weakness of Japan's response.

North America

Another country hankering Indonesia is Canada. Timor is the third largest recipient of Canadian aid. That's largely because from a year's aid goes 'group of

EAST TIMOR

MPs, External Affairs Minister Barbara McDougall has said she is reviewing Canada's assistance programme for Indonesia, but the government has been accused by opposition leaders of lacking a policy to deal with countries which persistently abuse human rights.

Two of the eyewitnesses to the massacre, Allan Nairn and Amy Goodman, were journalists from the United States, and both were badly beaten by Indonesian soldiers. Their accounts have appeared in a number of mainstream US newspapers and journals. But the Bush administration's response so far has hardly matched the seriousness of the atrocity in East Timor. The State Department, while condemning the killings, is waiting for Indonesia's investigating team to produce its whitewash before passing judgement on who was responsible. The furthest the State Department has been prepared to go is to attribute the killings to a collapse of army discipline, while at the same time defending its military aid programme to Jakarta on the grounds that it contributes to the 'professionalisation' of the armed forces. However, the Senate has passed a strong resolution (see separate item) though in the House, there were moves, spearheaded by Rep. Stephen Solarz, to eliminate the Senate's forthright call for US support for Timorese self-determination.

Editorials

There has been much stronger reaction in the media around the world, in North America, Western Europe and Australia, where people have seen film of the massacre on their television screens. Newspapers in Britain, the Netherlands, Portugal and Australia have linked East Timor to the Iraqi invasion of Kuwait, and demanded that the East Timorese be given the right to self-determination as part of the so-called 'New World Order'. It is perhaps not surprising, then, that Indonesian ministers have spent much of their time attacking the press, whereas Security Minister Sudono is quoted as saying Indonesians need not fear the actions of foreign governments, as these are merely to appease their own public opinion.

Here are the headlines of some editorials that appeared in the East Timor days after the massacre:

Canada:

Montreal Gazette - Horror continues in East Timor
Time - *Colonist* - East Timor genocide: why are we helping?

USA:

Boston Globe - East Timor, symbol of US shame
Stream Globe - Unyoking the Timorese
Washington Post - Shame in Indonesia
New York Times - Time for the Timorese

Britain:

The Independent on Sunday - In the Wrong Country
The Guardian - Condemn is not enough
The Times - Island of Oppression
The Observer - Eastern atrocities
New Statesman and Society - East Timor's forgotten tyranny

Netherlands:

Volkkrant - East Timor

EAST TIMOR

Trouw - Shameful

Thailand:

Bangkok Post - Jakarta should come clean

Australia:

The Age - Human rights fall into a Timor gap
The Australian - United stand needed on Timor issue
The Age - The clouds darken over East Timor
 Many others from Australia have not yet reached us.

Massacre among the graves

By: Max Stahl



Reproduced from the *Independent on Sunday*, 17 November 1991. The writer uses a nom de plume to protect those who helped him.

IT WAS a cold-blooded and premeditated massacre. The Indonesians, at least 200 uniformed soldiers and police, perhaps a whole battalion, drove up in trucks, took up position and on the order opened fire with automatic weapons straight into the crowd.

The two to three thousand pro-independence demonstrators were nervous but excited as they marched last Tuesday through the centre of Dili, the capital of the former Portuguese colony of East Timor. They went along the seafront lined with Indonesian warships, past the governor's palace and up almost a mile to the public cemetery known as Santa Cruz, waving flags and banners of the (disputed colony's) independence parties and its continuing armed resistance.

They were almost all students and young people. There were women and even some children protesting against the invasion of their country 16 years ago and its subsequent bloody and illegal 'integration' into Indonesia at a cost of 200,000 Timorese lives.

But such protest has never gone unchallenged by the 60,000 or more soldiers, policemen and paid informers who keep the 650,000 Timorese in a state of fear. It was in the cemetery when the shooting started outside its walls, where some 2,000 people were on the street, waiting to file through the gate into the graveyard.

The leaders of the demonstration had walked into the cemetery and made an announcement over loudspeakers that prayers were to begin for their dead companion.

EAST TIMOR

ABRI chief: "They must be wiped out"

On 14 November 1991, the Jakarta military command's daily newspaper, Iyakarta, published a report of a speech by armed forces commander-in-chief, General Try Sutrisno, to a Seminar at the National Defence Institute. We reproduce the item unabridged, translated from the Indonesian.

Commander-in-chief of the armed forces (ABRI) General Try Sutrisno is seething with rage towards those who carried out the disruption in Dili, East Timor. He said that they are people who must be wiped out. "These delinquent people have to be shot," said the C-in-C, when opening the seminar of the Association of Lembanas Graduates (Lembanas - National Defence Institute) on Wednesday.



General Try: "Our army is very tactful."

He went on to say that these disruptors are people who used to fight as guerrillas in the bush. They can no longer do this because the population in the interior opposes them. "As a result, they are causing disruption in the towns."

What is most outrageous of all, said Try, is that they take advantage of the social infrastructure, even places of worship, for the purposes of their activities. In the recent period, even the church has become a base for operations. "So, I ask the church to beware of such people. We have built many churches but we didn't build them for the disruptors."

He said that the gangs of people spreading chaos began by affixing posters with slogans discrediting the government. They also shouted many unacceptable things.

However, he went on, members of ABRI who were on guard at the place of the incident restrained themselves. These officers, he said, showed a great deal of patience in coping with a situation that was actually goading them into anger. "Our armed forces are not like armies in other countries. Our people's army is very tactful."

It turns out, the four-star general continued, that the patience shown by our officers was not appreciated; on the contrary, the disruptors became even more brutal. Then, smoke bombs were fired into the air. "But they persisted with their misdeeds," he said.

General Try finished then said that ABRI would never allow itself to be ignored. "In the end, they had to be shot," he said, repeating his words that such disruptors had to be shot. "And we shall shoot them," he stressed. Try did not reveal who was the leader of the disruptors. "Let us pray that he will soon be caught," he said, without saying anything about what was being done to catch him.

After the incident on 12 November, ABRI members searched Motael Church in Dili and found some weapons, including a grenade. "From the results of this search, it is very clear that their movement is extremely dangerous," he said. There was one casualty on ABRI's side, a battalion deputy commander of Infanteri 70th while on the side of the disruptors, 19 people were killed.

The disruptors began their movement on Tuesday after holding a mass at Motael Church. They demonstrated along the road leading to the Governor's Office. According to the version of the ABRI Information Centre, the action was originally to have been aimed at the Portuguese parliamentary delegation. But because the visit was cancelled, the group became very frustrated and switched the target of their action. It is thought that the incident was connected with the disturbance in Motael Church on 29

(sic) October. Did the situation is now under control.

The commander-in-chief called on the public not to panic, and to be influenced and to remain confident in ABRI's ability to resolve everything. "ABRI is determined to wipe out anyone who disrupts stability."

East Timor Document collection

The Journal of Democracy, registration has obtained a massive quantity of media reporting on East Timor since the Santa Cruz massacre on 12 November 1990.

Charles Schreier, a regular reader and contributor to the collection, has downloaded, scanned, re-sized, organised files, and printed out all the material, with a Content's Index.

It is some 600 pages in volume of about 50 pages each and is available for \$0.05 a volume and enough to cover postage and copying costs.

Send your orders with cash or money order to: Doc (C), White House, 4400 Central Expressway, San Jose, California 95128.

EAST TIMOR

The Death and Life of Kamal Bamadhaj

By: James Gibbons

When my stepfather, Kamal Bamadhaj was shot by Indonesian troops on the morning of 12th November, he didn't die at once. He managed to stagger 200 metres down a road before collapsing at the spot where he was later found by the Red Cross.

He got away from the soldiers who sealed the route he wounded in Santa Cruz cemetery, shouting, shouting and shouting at those with shot. But he didn't escape. The soldiers who stripped him of all his belongings saw the New Zealand passport that he carried in a fanny bag to assist him.

Shortly after arriving in the military hospital, Kamal died from loss of blood. "He could have lived", said the nurse who saw his parents. "If the army had let the Red Cross get to him earlier."

Kamal, who was of mixed Malaysian-Timorese descent, was born and raised in Malaysia. He was intelligent, fun-loving, and totally free of prejudice or bigotry. People always found it difficult to place his nationality. When asked, he used to say he "looked well with green eyes". I hadn't seen him for almost two years, but the silver hair of his character kept him vivid in my mind.

He was an active student of, amongst other things, Indonesian at the University of New South Wales and an active campaigner for human rights, police and consumer mental groups. He met and married Emma, the Assistant Foreign Minister, on the occasion of his request to the government's implicit support of Indonesian policy in East Timor. Emma's reply was an unwavering statement of grief: "We can't be in the business of invasion in a situation we have accepted to be an preparation of the Indonesian," he said.

Kamal's VPQ to Time stemmed from a desire to observe

the events surrounding the anticipated arrival of the Portuguese detachment. He knew it was an important event for the Timorese, and that official channels could and he called upon to ensure that everything the world should know.

He travelled extensively around the country, photographing everything he saw. His command of Indonesian and Timorese good language made it easy for him to move among the people for a long and rich and strong sympathy.

In one again in a situation, a young Timorese, and then a military officer during one of the many mandatory public lectures put on to warn people against passing information to the Portuguese delegation. One thinks of the horrendous scenes of suffering and death of interminable of the and hundreds kind - and so how those people would stand in their feet and show their teeth, knowing that anyone who they expose themselves to imprisonment, torture and death.

It was this courage that moved Kamal. Perhaps it was the example that was in his mind on the day of his death. We shall never know. What is certain is that it was this spirit of courage that Kamal himself possessed in all matters.

A recent photograph of Kamal shows a man smiling and full with the inscription: "I am a witness to the suffering of my struggling people, and I'll bear witness to that liberation." The last Timorese were not strictly Kamal's people, but when the rights of humanity were threatened, Kamal's eyes focused in social or national distinction. They were his people because they were our spiritual people.

In his death he was not thought that someone that who had privileged to have known him in life. He was there amongst the generations of Dili. He was not just a name in the world, and a name for the struggling people of whom Kamal gave his life.

Extracts from the Timor diary of Kamal Bamadhaj

Dili, East Timor, 29 October 1991

Two youths wallow in a well waiting for their next session of beatings and slashings from razor blades as they recall their companions, Sebastian, who yesterday was added to the ever increasing toll of brutal deaths in East Timor. Sebastian was one of the many youths staying overnight at Motael Church, Dili, when it was attacked by Indonesian forces yesterday.

The attack began at midnight when plainclothes soldiers began storming the church. The church grounds were surrounded by armed troops who finally invaded the church at about 2.30 a.m. Some youths tried to escape as about 30 people inside the church grounds were arrested (all but ten were later released temporarily). It was in the midst of this attack that Sebastian was shot dead with three bullets. A Timorese member of the Indonesian assault forces was also killed when he was stabbed by a Timorese youth shortly after Sebastian's slaying. Two other youths suffered gunshot

wounds.

The attack on the church has further stimulated the devout Catholic population of East Timor. Although the official Indonesian version of the Motael affair (which can only be described as a ludicrous fabrication) has been published throughout Indonesian media channels, the news about the attack and the death of Sebastian reached remote areas through East Timor's extensive and effective clandestine network before the Indonesians could even assemble their official version.

It is speculated that the Indonesian forces targeted the church because of its humanitarian views, because of its practice of giving refuge to youths seeking protection from Indonesian secret police and most importantly, because it voices the aspirations of the people for an end to 16 years of occupation and gross human rights violations by Indonesian troops.

Maubisse, 2 November 1991

Scratch a little below the surface of uncomplaining Javanese smiles and silent East Timorese faces, and the grim reality of the place will jolt even the most casual observer. One senses that the great bulk of the local population have not willingly accepted Indonesian rule despite the supposed material advances gained through the annexation. Development is by Indonesia and for Indonesia. Timorese people argue that the roads were built to help the Indonesian military move from one region to another quickly, and to ease the process of extracting goods from East Timor into West Timor and beyond. Just like with Dutch colonialism in Java, most capital infusions into East Timor are made to facilitate the extraction of goods and consolidate the socio-economic and political dominance of the colonisers over the local populace.

Timorese I have talked to complain that no amount of roads and schools can bring back the thousands killed by Indonesia during the war and occupation. Some 200 000 people, or one third of the 1975 population, were killed. Probably every East Timor survivor today has lost a close friend or relative. Materialistic development (for which the Indonesians demand gratitude) cannot pay for what the Timorese can put no price for – human lives. And what

EAST TIMOR

The youths were told to show their appreciation of the development the Indonesians had brought them rather than highlighting human rights violations or other negative aspects of Indonesian rule. One reckless youth stood up and declared that Indonesian development was just for show and did nothing for the people, sparking a wave of anti-Indonesia comments from the bitter audience. The military speaker then asked the crowd if they would prefer to remain East Timor in the theatre of war of the mid to late seventies. Expecting a no, he was answered with a resounding YES.

Dili, 3 November 1991

It has been a tense past two weeks in East Timor. A kind of lull before the storm has prevailed as Timorese prepare themselves for the visit of the Portuguese Parliamentary delegation scheduled to have started tomorrow. Some saw the visit as a first step towards a referendum in East Timor, some hoped the Portuguese would somehow help bring about immediate independence while others saw the visit as a long awaited opportunity for an uprising against the



A photograph of Kamal Bamadhaj, taken in Maubisse, East Timor, on 1 November 1991. The photo was taken by his colleague, Alison Murray.

about the rapes, beatings and other dehumanising experiences? Will the construction of new roads placate the humiliation and bitterness, or compensate for the denial of Timorese language in schools, the domination of political decisions, local administration and the economy by the Javanese? The Timorese say no.

At a recent public lecture held at a Bayuan school, local military leaders warned youths not to speak to delegates of a Portuguese official fact-finding mission in November

Indonesian occupiers. After 15 years of integration with Indonesia, and all the methods the Indonesians have used to persuade the Timorese to accept their rule, everyone here seems to have roughly the same aspiration – independence.

Youths in Dili and in other towns in East Timor have been secretly painting pro-independence banners, organising demonstrations and, as many admitted to me, preparing to die for their people if the Indonesians try to stop them. Timorese of all ages and walks of life have been

EAST TIMOR

signing up to be on the list of interviewees. For the Portuguese fact-finding mission. Considering that talking to any foreigners about the situation in East Timor is risky, there are large numbers who have decided to take the plunge and talk to the Portuguese when they come.

The Indonesians too have been preparing for the visit, launching an intensive campaign of intimidation and rounding up Timorese for public lectures where they are threatened with imprisonment or death if they dare speak up. Freshly dug mass execution sites have been discovered throughout East Timor, perhaps another method of intimidating the locals into silence. The Timorese church has also come under heavy military surveillance for its role in helping the people prepare for the visit. The Indonesian discomfit with the church was optimised by its early morning attack on the Metaco Church last Monday. Moreover, an all out campaign was launched by the military to capture and kill resistance leader Xanana Gusmão so as to

deny the Portuguese the opportunity to meet with this much-coveted figure.

However, less than a week before the delegation was supposed to arrive, news started filtering in that the Portuguese were not coming. Hearts sank. People cannot believe it. The disappointment here today is not only the deflating of so many high expectations but, more worrying still, the indefinite delay gives the Indonesian military the perfect opportunity to eliminate all those Timorese who had exposed their identity while preparing for the visit.

In the past month or so, Timorese have been taking extraordinary risks organising among themselves in anticipation of the delegation. They claimed that any risk they took was worth it because the visit offered them so much more. And they were banking on placing themselves on a neutral ground held by the Portuguese which would guarantee them freedom (UN agreements) freedom from persecution if they spoke up. But now the visit is off, and the Timorese are once again in the all-too-familiar position of being defenceless to arbitrary arrest, maltreatment or even death.

Suharto's inquiry commission a farce

The call for an independent fact-finding mission to East Timor has been the most persistent demand in press comments and from human rights organisations, since the tragic events of 12 November. Suharto announced that a National Inquiry Commission would be set up. Some governments now as they await its findings although the Commission lacks all credibility.

The international community has developed a set of well-defined criteria to make an inquiry credible and impartial. It should include people who are familiar with local customs and language and experienced people from well-established international human rights organisations. Persons with forensic and medical expertise should also be included. Moreover, as *Asia Watch* states, a commission should comply with the "Principles on the Effective Prevention and Investigation of Extra-Legal, Arbitrary and Summary Executions" adopted in May 1989 by the UNESCO. They should "be chosen for their recognised impartiality, competence and independence as individuals. In particular, they shall be independent of any institution, agency or person that may be the subject of the inquiry".

None of these criteria is met by Suharto's Commission. The majority are top-ranking civil servants who are political appointees of the government. Pancasila democracy does not recognise the separation of powers and the inclusion of an MP and a member of the Supreme Advisory Council is more cosmetic. Two members are particularly noteworthy characters. Chief Justice Jaelani and Han Sugiman, *deputy* chief of the Interior Ministry.

Chief Justice Jaelani, a retired major general who chairs the Commission, belongs to the first generation of the notorious red-bellied commandos (KORASSAS), previously known as *RPKAD*. He finished his studies at the Military Academy Law School in the 1965-1966 system years. He was a prosecutor in several anti-subversion trials.

Han Sugiman is also a retired major general. He is a top intelligence operator which is why, for many years, he has been *deputy* chief of the Interior Ministry. A *deputy* chief is



Major-General Moardjono, Suharto's Prime Minister

like an octopus, with powers transferred in various fields of law and order. Major-General Han Sugiman can sing a poetry reading, prevent people from going abroad, run organisations and much more. He has earned the nickname of Chief Chief. He will retire after the

elections but a seat in parliament has been secured for him. Hadi Wiyatno from the Foreign Office was for years chief Indonesian envoy at the UN in Geneva. He has had a great deal of experience, lobbying against moves at the UN to curtail Indonesia's human rights abuses. Without even waiting for any evidence, he has already made up his mind, he told the press in Jakarta on 23 November, that Portugal is responsible for the 12 November tragedy.

Clementine dos Reis Araújo and the Florinese Dom Mang Reng Bay are politicians and have most likely been chosen because the former is a Timorese and the latter a Roman Catholic. The seventh member is Rear Admiral Samudro, Inspector General of APRI, the Indonesian armed forces.

Timorese unlikely to testify

The very idea that any Timorese might want to testify to such a stain of regime black is preposterous. The *Far Eastern Economic Review's* Adam Schwarz, who visited East Timor immediately after the massacre, said [FEEER 28.XI.1991] that the composition of the commission "would prevent it from getting at the truth".

Timorese sources dismissed the investigation team completely, saying Timorese eyewitnesses to the killings would be far too frightened to speak to the team without guarantees of safety from international organisations.

The woman mourning in Santa Cruz cemetery on 14 November said: "Someone always investigates when one of us is killed and then they go away. Then someone else is killed and there's another investigation and nothing happens. If it keeps going like this, they'll end up killing us all."

EAST TIMOR

Commission chief Jaktani has announced he will seek a copy of the Yorkshire television film of the massacre for his team. He should know that television companies are not in the practice of providing footage to investigatory bodies. TV companies in the UK have always refused to give the police footage of demonstrations, strikes etc, for fear of it being used to identify participants.

Before Sultana set his commission up, APRRI commander-in-chief, General Try Sutrisno, had announced another fact-finding team from BANS, the military intelligence agency. The fate of this commission is not clear now. State Secretary Major-General Moerdiono downplayed it as being of a lower status than Suharto's commission.

The Portuguese Government has denounced the Commission as "a farce", stressing that Indonesia has no legitimacy to carry out such an inquiry: the commission in any case, fails to meet the conditions of credibility and impartiality.

Several Indonesian organisations have also reacted. The LDB, the Legda Aid Centre, surprised many people by supporting the Commission, while urging the government to add members from NGOs and journalist circles. The Petition of 50 was more principled, casting doubt on the government's intentions. Referring to other tragedies, Tanjung Priok (1983), Wungpanalang (1987), Lampung (1989) and Aceh (1990), where no investigations were held, the group called for a parliamentary commission to investigate all the tragedies. President Suharto should be asked to give a full account to parliament, it said. The Indonesian League for the Restoration of Democracy has also demanded an independent inquiry into all the massacres. ✽

EAST TIMOR

The Motel Shooting

Four days after it was announced in Lisbon that the Portuguese parliamentary delegation's visit to East Timor was being suspended, Indonesian troops attacked Motel Church in Dili. Kenneth, the clandestine students' organisation in Indonesia, has sent us this report

28 October 1991

At 1.30 in the morning, a gang of masked killers, known as *ninja* (a unit formed by Prabowo, President Suharto's son-in-law), came to Motel Church, called out the pastor and broke into the church because they suspected that anti-integration activists were hiding inside. Father Ricardo protested; he refused to allow them in because the church is a place of worship.

But the troops and the *ninja* who had planned this operation in advance, started attacking the activists in the church, shouting "Duet, duet!" Responding to this violent attack, things grew feverish; the activists had no alternative but to resist the *ninja*, with the result that one of them, Albinus Hendriapo, was killed. When this happened, the *ninja* - known for their sadism and inhumanity towards the Timorese - shot dead an activist named Sebastião Gomes. They did this in the church, a holy place for the Timorese people. Then the soldiers and the *ninja* withdrew, leaving behind an atmosphere of panic and terror.

After this, the activists organised an action in the streets of Dili, protesting against the death of Sebastião Gomes. Nearly half the population took part in this protest. The army responded with a show of force against the unarmed people and arrested 20 of those involved in the solidarity action. They were taken to the Dili POLWIL (district police) detention centre. Among those arrested were Albinus Gungu and Aleon; they have both been detained and tortured by the military on previous occasions for participating in actions when the Pope and the US ambassador visited East Timor.

29 October

There was great distress and anger over the arrests during the solidarity action and the killing of Sebastião Gomes. Many thousands of people took to the streets just at the funeral of Sebastião was about to take place. This started at 2 pm. A number of fathers and sisters joined the march, emphasised the need for people to stay calm in the face of the kind of threats we have suffered since the beginning of the Indonesian occupation.

Bosco Fatumaca School

It has also been reported that the *ninja* attacked the D. Bosco-Fatumaca Technical School (near Bancang) which is run by Salesian fathers. We have been told that about forty activists have been arrested and taken to an unknown destination. Similar things have happened in the sub-district of Ocu and the district of Viqueique. The main targets in these operations are the pro-independence activists. Brigadier-General Wannaw gave the order some time ago that the territory of East Timor must be cleared of pro-independence activists before the Portuguese parliament-

arians visit East Timor.

On 30 October, the English-language *Jakarta Post* reported a claim by Brig Gen Wannaw that 150 Fretilin members have surrendered to the armed forces. This is pure fabrication. Clandestine sources in Dili have confirmed that no such thing happened. On the contrary, 10,000 and the people in general are consolidating their forces in readiness to call the visiting parliamentarians and UN representatives of their anti-integration and pro-independence aspirations.

[The Timorese did not yet realise when writing this report, that the mission had already been completed.] ✽

RESOURCES

Books

1991a *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991b *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991c *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991d *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991e *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991f *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991g *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991h *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991i *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991j *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.

1991k *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991l *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991m *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991n *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991o *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991p *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991q *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991r *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991s *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991t *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.

1991u *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991v *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991w *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991x *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991y *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1991z *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1991. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992a *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992b *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992c *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992d *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.

1992e *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992f *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992g *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992h *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992i *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992j *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992k *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992l *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992m *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992n *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.

1992o *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992p *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992q *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992r *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992s *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992t *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992u *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992v *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992w *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.
1992x *Timor: The Road to Independence*. London: Pinter, 1992. 200 pp. £12.95. ISBN 0 85330 411 0.

EAST TIMOR

A heavy blow for the resistance

The Indonesian military intelligence targeted the East Timorese resistance for some time. Last year they reached the conclusion that the East Timorese resistance in the cities (including East Timorese students in Indonesia) had become a political movement. A crackdown was predictable but who would have thought it would be on such a scale?

From resistance demands received since 1981, it has become clear that the underground movement was taking shape towards becoming a fully-fledged political organisation. Communications lines with the armed resistance had improved, as well as with student groups in many Indonesian cities. The movement was known as the *Fretilin Clandestino* (Clandestine Front). This year an Executive Committee was formed to coordinate activities. The EC consisted of several organisations, the largest and best-known being *Renetti*, a youth and student organisation with chapters in East Timor and Indonesia.

From military documents captured by the resistance, it is clear that these developments had not gone unnoticed; by mid-1990 military intelligence assessed the urban movement as posing a greater threat than the guerrillas in the bush.



Kopassadain arriving at Baucau airport

In many ways this is true, although *hit-and-run* guerrillas are still inflicting casualties on the Indonesian military. One important aspect of the urban movement was the growing network of communications and information, coinciding with the opening up of East Timor by the Jakarta authorities. It became an important asset abroad. Solidarity groups and various support organisations received a wealth of information from inside East Timor. The quality of the information greatly improved in speed, accuracy and variety of information, resulting in far better reporting abroad. The impossible became possible. Robert Connor's interview of Xanana Gusmão was an outstanding achievement of the clandestine front.

Another aspect was the growing number of young East Timorese getting an opportunity to organise politically. In the mushrooming youth organisations, many young Timorese emerged as skilful and dynamic organisers. Another aspect was contact with Indonesian human rights organisations.

From clandestinity to semi-clandestinity

In the last two years or so, two different lines of practice developed, one to maintain communications with the leadership in the mountains, the other to communicate with the outside world. The first remained strictly clandestine while contact with the outside world became increasingly open. Several experiences like the Pope's visit in 1989 and the visit of US ambassador John Morjo in January 1990, convinced many Timorese youngsters of the value and effectiveness of protesting. The events were widely reported and for a few days East Timor was spotlighted in the international press. Timorese youth organisations became more creative and skilful in finding ways to attract world opinion. Detailed reports about human rights violations were channelled out. The Amnesty International Report to the UN Decolonisation Committee in August 1991 is the most elaborate report ever. Other reports like *Repression and Resistance: A Review of the 15th Year of Indonesian Occupation*, published by the Lisbon-based *Peace is Possible in East Timor* is another example of the wealth of information and graphic material smuggled out, at great risk.

Taking risks

This more 'open' strategy inevitably led to open confrontation with the military which became a general pattern. The *Kaipan Pukung?* campaign (asking Indonesians in the streets when they were going home) or the Fretilin flag-raising actions in several schools were instances of open defiance of the military. By the end of 1990, things had grown tough and more violent. For a brief period, young East Timorese 'took over' the Dili streets in the evenings. Patrolling military or police vehicles became an easy target for stones and bricks. This became known as the *intifada* period. It did not last long; the military created special paramilitary units, dressed in black, known as the *rinja*, after the old Japanese warrior tradition. Many street battles were fought; the East Timorese were no match for the well-trained and well-equipped *rinja*. The *rinja* squads created an atmosphere of terror among the people in Dili. These terrorist gangs include Moluccans, West Timorese, Buginese as well as East Timorese.

Communication lines with the outside world also improved. Letters from abroad to the leadership of the resistance, deep in the mountains, used to take many months, but in the last few months before the *Santa Cruz*

EAST TIMOR

massacre, a letter could reach its destination in less than a week. The opening up of East Timor helped the urban resistance; communication lines greatly improved.

Some actions, like writing letters to President Suharto, took the form of appeals along with names and signatures. Every time, the Timorese had to weigh the pros and cons of any action. On the plus side was the international attention, on the minus side, the risk of arrest, interrogation and harassment. Another example of public exposure was the video made by the Portuguese clown Baralima of a handful of East Timorese activists in Dili. The film, shown on Portuguese TV made a deep impression on the Portuguese public. The emphasis of East Timor's struggle shifted from the protracted armed struggle to the political struggle. The Indonesian military intelligence realised this and acted accordingly; the *Fretilin Clandestino* (which had in fact become an open political front) became the major target.



Timorese students demonstrating in Jakarta on 19 November.

Arrests, torture and blacklisting

The many arrests in the last two years show a general pattern, outlined in Amnesty International reports: standardisation and release after intense interrogation and torture. The military intelligence developed a strategy of patience, not wanting to strike until the entire organisational structure had been laid bare. All the standard intelligence methods were used: monitoring, bribing, infiltrating, blackmail and torture. In the last few years the Indonesian intelligence must have collected a huge list of names of activists. In May this year, *Renetti*, the main student organisation, managed to obtain a secret arms intelligence document which named 20 East Timorese students in Bali, Jakarta, Surabaya, Yogyakarta and Salatiga. Many are now detainees from the 19 November demonstration in Jakarta and the round-ups in Denpasar, Bali and Yogyakarta.

Climax or anti-climax

The visit by Portuguese MPs became the most important event on the political agenda of the Timorese. Foreign delegations, such as the visit of Australian MPs, were deliberately ignored; the Timorese resistance was saying itself for the big event. The Indonesian army was also preparing to strike a heavy blow against the Timorese resistance. Things reached boiling point in the weeks before the visit was expected. East Timor looked like early 1976, in every street corner there were military, in every village Indonesian platoons. A second military invasion had taken place. The postponement (now indefinitely shelved) of the visit was an anti-climax for the Timorese. For many years they had waited, and in the last few months it seemed as though the visit would materialise. Then suddenly, *wham!*

The aftermath is clear. The 12 November procession was intended to replace the big event that never happened. The military were ready and did what they did in Tanjung Priok, Lampung and Aceh: indiscriminate shooting of an unarmed crowd. The killing had not stopped with the *Santa Cruz* massacre; other massacres have been taking place. East Timorese students in Indonesia have been taken from their homes. The military intelligence are, step by step, implementing a plan to destroy the East Timorese political movement. Only the international community can prevent this from happening.

European Parliament and European Community speak

On 21 November 1991, the European Parliament adopted a resolution on East Timor by a massive majority. The resolution was co-sponsored by members of the Socialist Group, the Christian Democratic Group, the Liberal, Democratic and Reformist Group, the European Democratic Group, the Green Group, the Unitarian Left Group, the Radical Group and the Communist Group. There were 167 votes for, seven against and four abstentions. The text of the resolution is as follows:

The European Parliament:

- Appalled by the reports of the killing and wounding of many innocents by Indonesian troops at a funeral in Dili in East Timor on 12 (sic) November 1991;
- whereas the Foreign Ministers of the Twelve, meeting

in Cologne in the Netherlands on 12 November, have already condemned the massacre;

- recalling that Amnesty International had previously asked for an inquiry into the shooting by the police of Mr Sebastião Rangel, the man whose funeral was taking place;

17. considering the reports that after the massacre at the funeral, the Indonesian military took out of prison between 70 and 100 witnesses of the massacre and killed them standing in front of a grave.

18. where Indonesian soldiers recently attacked Catholic churches where young people had taken refuge; whereas these attacks caused deaths and injuries and political prisoners were cruelly tortured in order to make them reveal the names of bishops and priests who might have collaborated with the resistance.

19. recalling that a planned visit by Portuguese parliamentarians has recently been postponed because the Indonesian authorities refused to allow a journalist to accompany the Portuguese deputies.

20. recalling the history of mass murder and brutal repression by the Indonesian Government since the occupation of East Timor in 1975.

21. recalling its previous resolutions concerning East Timor.

1. Condemns the brutal murder of these latest victims of Indonesia's illegal occupation of East Timor and denounces and condemns the very serious violations of the most fundamental human rights;

2. Urges the Indonesian Government to ensure that the occupying security and military forces refrain immediately from using violence and that those responsible for the massacres are brought to trial;

3. Calls for and immediate, thorough, impartial and internationally supervised investigation into the killings;

4. Asks for the release of those detained for their non-violent political activities or for their beliefs, and asks assurance that those in detention will be treated humanely, and that lawyers, friends and relatives will be allowed access to the detainees;

5. Calls on the ministers meeting in the EPC to take up this matter in the strongest possible way with the Indonesian Government and asks the EC and the United Nations to declare an embargo on the sale of weapons to Indonesia;

6. Calls on the European Council to make its position clearly known on this matter as soon as possible and to revive cooperation agreements between Indonesia, the EC and Member States, as long as the situation has not changed.



7. Instructs its delegation to ASEAN to take the gross violation of human rights in East Timor of the highest priority;

8. In view of the decision of the subcommittee on human rights to hold a hearing on East Timor in Lisbon, decides to send a mission of its own doing to meet leaders of all the parties to the conflict;

9. Instructs its President to transmit this resolution to the Committee, the Council, the Ministers meeting in EPC, the Government of Indonesia, the Secretary-General of the UN and the Secretary-General of ASEAN.

EAST TIMOR

European Community statement

The European Community made the following joint statement at the UN General Assembly in New York.

The European Community and its Member States are gravely concerned about reports that on 12 November members of the Indonesian armed forces in Dili opened fire on a group of demonstrators, killing and wounding a considerable number.

The European Community and its Member States vehemently condemn such violence which is in clear contravention of the most fundamental human rights.

The European Community and its Member States urge the Indonesian Government to ensure that members of the Indonesian armed forces and police in East Timor immediately refrain from using violence and that members of the armed forces and police who were responsible for the tragic outcome of this incident are brought to trial.

This incident occurs in the context of a deteriorating human rights situation in East Timor which adds to extrajudicial execution and a practice of arbitrary arrests, imprisonment, disappearances and political imprisonments which continue to occur.

The European Community and its Member States view favourably the authorisation that was given to the special UN Rapporteur on Timor to visit the area and are looking forward to receiving his findings.

They also expect that NGOs and other independent bodies will be allowed to visit the territory. The European Community and its Member States hope that a just, comprehensive and internationally-acceptable settlement may be found, in accordance with the principles of the United Nations Charter, including respect for human rights and fundamental freedoms, taking full account of the legitimate interests and aspirations of the people of East Timor.

"FREE EAST TIMOR" T-SHIRTS AND BANNERS available from the East Timor Alert Network, Canada

An excellent fundraising tool for groups!

*** "Free East Timor" T-shirts: attractive 4-colour design of Timorese flag on white 100% cotton shirt, available in large or extra large. Send \$15 each (Canadian or US funds), \$12 each for 10 or more.

*** "Free East Timor" Banners: photo of smiling Timorese girl, 1974. Send \$1 each, \$9 each each for 10 or more.

Order from: East Timor Alert Network, PO Box 642, Station J, Toronto, Canada M5S 2T1.

EAST TIMOR

US Congress condemns Indonesia Calls for reassessment of US de facto recognition

The US Senate has adopted a Declaration on East Timor which was incorporated into the 1992 and 1993 Foreign Relations Authorization Act. The Declaration was sponsored by Senator Claiborne Pell and co-sponsored by Senators Wallop, Cranston, Durenburger, Kerry, Kennedy and Murkowski. The text of the resolution follows:

H. Con. Res. 340

(a) FINDINGS - The Congress finds that -

1. on November 12, 1991, Indonesian security forces killed 20 to 60 and injured as many as 100 people when they fired on a Roman Catholic funeral procession in which demonstrators were attempting to place flowers on the grave of a youth killed by Indonesian troops on October 29, 1991, in Dili, East Timor;

2. Indonesian soldiers also beat several foreign journalists, including two Americans from The New York and Pacifica Radio, who were observing the procession;

3. Indonesia in violation of international law illegally invaded East Timor in 1975, annexing the territory without consideration for the rights of self-determination by the East Timorese;

4. tens of thousands of the population (approximately 100,000) died in the killings, famine and disease that followed Indonesia's invasion of East Timor;

5. since Indonesia's invasion, a state of international conflict continues to exist in East Timor, and Amnesty International, Asia Watch and other international human rights organizations frequently report evidence of human rights abuses, including torture, arbitrary arrest and repression of freedom of expression;

6. the Government of Indonesia continues to restrict access by international organizations and foreign journalists to East Timor; and

7. the United States and Indonesia have maintained close bilateral relations for the past 25 years, including a program of economic and military assistance which totalled \$50 million in FY 1991.

(b) STATEMENT OF POLICY - It is the sense of Congress that -

1. the President should suspend immediately all International Military Educational Training program funds to the Indonesian government;

2. the American ambassador to Indonesia should immediately visit East Timor in order to investigate reports of the atrocity and reports of additional repression by Indonesian authorities;

3. the President should request a report by the Special Rapporteur on Timor, who was in East Timor during the massacre, to be made available as soon as possible to the General Assembly;

4. the President should support the immediate introduction of a resolution in the General Assembly instructing the United Nations Commission on Human

Rights to appoint a Special Rapporteur for East Timor to assist in the resolution of the East Timor situation providing for self-determination by the East Timorese people;

5. the President should request that the Government of Indonesia permit an investigation by the United Nations Special Rapporteur on Summary and Arbitrary Executions of the situation in East Timor and elsewhere in Indonesia;

6. the American policy of de facto acceptance of Indonesia's occupation of East Timor should be reassessed until the Secretary-General of the United Nations and the governments of Indonesia, Portugal and the East Timorese have arrived at an internationally acceptable solution which addresses the underlying causes of the conflict in East Timor; and

7. the President should request that the Government of Indonesia establish an independent commission to investigate the cause of the atrocity and to assist the prosecution of those responsible for the massacre.

The House of Representatives has adopted a similar resolution. It is more specific on halting military aid and amends other paragraphs. The House and the Senate met in Conference on the two drafts before a final bill is agreed. This is likely to happen in early December.



Senator Pell addresses the Senate

On 14 November, just two days after the massacre, the chief sponsor of the amendment, Senator Claiborne Pell spoke on the floor of the Senate. He said:

Since 1975, when Indonesia illegally invaded the former Portuguese colony of East Timor, that island should have suffered under foreign rule. An estimated 100,000 people (in a population of approximately 600,000) died from the war and accompanying famine and disease. Although open warfare declined under the heavy fist of the Indonesian military, resistance by the predominantly Roman Catholic population continued.

Yesterday we learned to our dismay the lengths to which the Indonesian military is still willing to go in order to contain or pacify the peaceful protesters. On Tuesday, 10 to 60 people were killed with automatic weapons and an additional 100 were wounded when the Indonesian military

opened fire in front of a church on a group of East Timorese attempting to lay flowers on the grave of a youth killed by Indonesian forces last October 28th.

Two American journalists who attempted to intercede in the massacre were brutally beaten by the Indonesian security forces. Let us quote from the female American reporter, Amy Goodland: "They beat me and dragged me over and started slapping me with rifle butts and kicks and punches." The other journalist, Glenn Steyer from The New York magazine, recounted how "looking down the road, I saw many other bodies, and the soldiers kept firing at those who were still standing."

Indonesia has demonstrated that it is not at all with a changing world bent on greater respect for human rights and self-determination. The violence in East Timor casts serious doubts on Indonesia's ability to be a civilized nation or to be a credible spokesman for the Non-Aligned Movement in a changing world environment.

The resolution to an introductory policy calls for a suspension of American military aid to Indonesia as the

EAST TIMOR

only credible response to this anarchy. In FY 1991 these funds totalled \$1.9 million.

In addition this resolution calls for an investigation by the American ambassador to Indonesia and additional investigations by the United Nations Commission on Human Rights.

I also believe it is time for our policy of implicitly accepting Indonesia's incorporation of East Timor to be reviewed. It is clear that the East Timorese do not willingly accept Indonesian subjugation. As we have seen elsewhere in the world, the side of self-determination is rising. The East Timorese desire the right to decide their future under the aegis of an United Nations sponsored referendum which would determine their association with Indonesia. As long as a people feel oppressed, they will resist.

I urge my colleagues to join in co-sponsoring this resolution.

"It's hard to be a Christian in East Timor"

Clare Dillon, who visited East Timor after the killing of Sebastian Gomes at Mariel church but left before the Santa Cruz massacre, described her impressions in *The Catholic Herald* [21.XI.1991]. Here are some extracts from her article:

"When I arrived in East Timor, the atmosphere was tightly-charged. It is impossible for an European to blend into the crowd in East Timor - foreigners are rare and even few there are many children who have never seen white skin before. Everywhere I went I was aware of being watched or followed. After my first night at a small family-run boarding-house on the outskirts of Dili, I decided I was better to leave for a safer hotel in the centre of town. Apparently police and agents of the INTEL - Timorese in the pay of the Indonesian army - had kept overnight watch and sent spies on to the hotel to find out who I was. On my second stay, the local commander turned up to find out where I was from and what I was doing there. I felt my house would be safer if I left.

Numerous visits to military dictatorships in Latin America had made me think that I was used to living in situations of tension. East Timor brought a new dimension altogether. No-one knows just how heavy the military presence is in East Timor but Bishop Belo estimates it between 45 and 50,000 troops. In addition, the Bishop says that the population is paid to spy on the other half!

"If we take the figures then there are proportionately ten times as many troops in East Timor as in El Salvador. In El Salvador there is a civil war whilst in Indonesia, the Indonesians claim that in the last two years they have reduced the armed resistance from 200 to just 50 men and that the Timorese are perfectly happy to be part of Indonesia."

"Whenever I travelled I was stopped by questioning by the military and the police - just a sampler of what people in

Timor experience every day. On a visit to a provincial town, I received a message from the community of sisters with whom I was to spend the night. They begged me not to go to their convent or try to make contact with them as they were too frightened of reprisals from the military if they were seen talking to a foreigner. The priests told me that they had received warnings that their graves were ready if they tried to make contact with the Portuguese delegation.

"On the same day I watched as four frightened 15-year-olds were hauled from their church-run school for interrogation by the police. Their crime? They had refused to sing the Indonesian national anthem at the school's weekly flag-raising ceremony and to their Indonesian teachers, after physically assaulting them, called in the police.

"It is so hard to be a Christian here," said one Timorese priest. "We know that we have to love our enemies, but how do we reconcile that with the hatred and bitterness we have endured over these years?"

"Bishop Belo knows the church lives with danger, as well as the vigilance of his house, he pointed out the intelligence agents posted constantly at the entrance to his garden. Although by nature and experience he is a cautious man, there was no hesitation in his response to my question as to what he considered the most important sign of support that the church outside East Timor could make. "You must work to get the troops withdrawn." Not an easy proposition in the face of indifference on a massive scale from the international community.

EAST TIMOR

The army's casualty - who is he?

The Indonesian armed forces have their own casualty from the atrocity which killed and wounded hundreds of people at the Santa Cruz cemetery in Dili on 12 November. His name is Major Gerhan Lantara, deputy-commander of *Unitad* (armoured) Battalion 700 of the Whalabana VII Military Command, based in Ujung Pandang, South Sulawesi. Major Gerhan Lantara is now a hero, who suffered injuries at the hands of the victors' demonstrating on the streets of Dili.

There are several versions of what happened. One has him in plain clothes, carrying a handy-talkie and monitoring the demonstration. The sight of Fretilin and Portuguese flags enraged him, when he tried to grab the flags, there was a scuffle and he was beaten by several youngsters. Another says he was stabbed with a knife while another says he was slashed with a parang, or sword. Whatever happened, he was spirited out of Dili the very next day.

Indonesian journalists found it quite hard to track him down. Some reports say he suffered slight stab wounds, others say he was mortally wounded. Most sources confirm that after being flown to Jakarta on 13 November, he was treated in the Galeri Subroto Army Hospital. Some journalists say, privately of course, that Gerhan, a devout Catholic, was not wounded by demonstrators but sustained injuries when he fell from his motor-cycle in a collision. Whether true or not, the rumours reflect cynicism in some circles about the alleged victimisation of off-balance warriors.

An experienced Timor veteran

But what about his army career? This is described at length in the Jakarta weekly, *Edisi* [21 November 1991]. Born in South Sulawesi, he is 35 years old. After graduating from the Military Academy in 1974, he was assigned to East Timor. As a cadet he fought many battles with Falintil, the armed wing of the East Timorese resistance. His tour of duty in East Timor lasted eight years, an unusually long period of service. East Timor is a tough assignment, a heady job, and few officers stay there for any length of time. This makes Major Gerhan Lantara's career unique.

After being promoted from platoon commander to company commander he became commander of the Special Task Force for the Destruction of Fretilin known as the *Pronda* Company. Serving under Captain Gerhan was the young Lieutenant Prabowo, the future son-in-law of President Suharto. This company was responsible for the murder of Nicholas Lobato, the Fretilin leader, in December 1978.

After eight years in East Timor, Gerhan Lantara served in Bali and Bandung as a paratroop instructor. In October 1990 he was appointed deputy-commander of Battalion 700 in Ujung Pandang and four days later was ordered to go to East Timor on a special mission, to crush the East Timorese clandestine front. As the army knew, the strength of the Timorese resistance was shifting from armed resistance to popular resistance in the cities.

A special mission

Battalion 700 has a particularly notorious reputation in East Timor (murder, rape) and the rape of Timorese women are their hallmark. Some months ago the Timorese resistance smuggled documents abroad which had been captured from military intelligence. They disclosed that the army decided to crush the *fronts* (*Comandatos*), the political resistance in Dili and other towns. It was the special mission of Major Gerhan Lantara and Battalion 700 to smash this operation. This explains why he was seen in the street as the demonstrators made their way to the cemetery. A few days later, Battalion *Unitad* 700 returned home from Dili harbour on troop carrier 503 but did have killing 100 dozens of detainees, arrested after the massacre, on 15 November.

Mission accomplished.

*** STOP PRESS ***

UN to investigate massacre

UN Secretary-General Perez de Cuellar announced in Madrid on 27 November that he plans to send a mission to East Timor to investigate the killing of an undetermined number of East Timorese by Indonesian troops this month.

"I have the necessary facilities from the Indonesian authorities and would like to send a fully independent and impartial mission to present me with a report for the benefit of the international community on what happened in East Timor," he told reporters. [*Associated Press*, 27.XI.1991].

As we wait to press, nothing was known about the terms of reference or composition of the UN mission, nor how long it would stay in East Timor, as well as an absolute guarantee that Timorese who testify to the UN would be safeguarded from reprisals when they return home. From Dili we heard on 27 November that Tim was petrified by rumours of people who would be forced to testify in Commission set up in Jakarta. The commission was scheduled to start its work in Dili on 28 November.



Timorese students demonstrating outside the UN on 15 November.

EAST TIMOR

East Timor: Australian roundup

Reactions to the killings in Díli have been by far the most powerful in Australia. Australia's policy of granting de jure recognition to Indonesia's integration of East Timor is now under severe strain. Here is a brief round-up of what happened in the first fortnight after the tragedy.

* Parliamentary inquiry

An Australian parliamentary committee will hold a public hearing into the East Timor shootings in a move expected to place new pressure on Canberra's relations with Jakarta.

The human rights subcommittee of the joint parliamentary committee on foreign affairs plans to hear evidence in the next two weeks from at least one witness to the tragedy and from Amnesty International and will collect written evidence from overseas. [The Age, 23.XI.1991]

* ALP caucus pressure on Hawke

A meeting of the ALP caucus in the Federal parliament on 26 November may force Prime Minister Hawke to bow to overwhelming pressure for a tougher approach towards Indonesia on the massacre. Some members pushed for military ties to be cut and Canberra's recognition of integration to be reviewed.

In a move likely to aggravate Jakarta, leaders of Australia's East Timorese community will be invited to Canberra for talks with Foreign Minister Gareth Evans.

A visit to Indonesia next month by Industry Minister John Button is unlikely to take place. [The Australian, 25.XI.1991]

* Vigil closes down Darwin consulate

Indonesia's consulate in Darwin stands abandoned because of a 24-hour-a-day vigil by Darwin's East Timorese community and supporters. Armed only with banners, wreaths of tropical flowers and placards, the protesters have set up a shrine outside the consulate. Hundreds of candles have been lit and there is wax 10 centimetres deep at the base of a wooden cross blocking the front door of the consulate.

"The people are planning for it to be the first embassy for East Timor in Australia," said East Timor activist, Irob Wesley-Smith. "If that does not happen, we will try to keep it closed for ever." [The Age, 25.XI.1991]

* Victoria ALP Foreign Affairs Committee resolution

The Victoria Labour Party Foreign Affairs Committee unanimously adopted a resolution on 20 November calling on the Australian government:

- to withdraw recognition of East Timor integration into Indonesia.
- to stop training Indonesian troops and arms sales to Indonesia.
- to cancel the Prime Minister's 1992 visit to Indonesia.
- to demand a UN-supervised withdrawal of all Indonesian troops from East Timor.
- to facilitate talks without pre-conditions between East Timor, Indonesia and Portugal.
- to demand a UN-supervised act of self-determination in East Timor.
- to demand a genuine international inquiry into the

massacre, under UN supervision. (Original document)

* Protests everywhere

About 700 gathered outside the Indonesian consulate in Melbourne on 15 November. They were addressed by Shirley Shackleton whose journalist husband, Grog, was murdered by Indonesian troops in October 1976.



Foreign Minister Gareth Evans, Indonesia's best buddy.

In Perth, 80 people, including Timorese and Latin Americans angrily picketed the Indonesian consulate. Further actions are planned.

In Sydney, there were actions of Garuda Airlines at the consulate every day from 13-16 November ending in a 1,000-strong memorial service for the victims on 16 November.

In Canberra on 13 November, a large Timorese crowd of around 300 was addressed by Senator Sir Kimball, Warren Snowden MP, ACPFA secretary-general Russell Robinson, Ken Fry and others.

In Brisbane, a 200-strong rally called on the Australian government to end military ties with Indonesia. The protest ended at Garuda Airline office.

EAST TIMOR

In Adelaide, some 300 gathered outside the Garuda office on 16 November, addressed by state MPs and members of the East Timorese community.

Further actions are planned for 7 December, the anniversary of the Indonesian invasion of East Timor in 1975. [Greenell Weekly, 19.XI.1991]

* Trade unionists take direct action

Melbourne dockworkers are refusing to handle Indonesia ships. Union members will not handle any ship carrying the Indonesian flag and other ships carrying Indonesian imports face 24-hour delays. [Radio Australia, 17(XI.1991)] Wharfies in Sydney are taking similar action.

Victorian unions have outlined a comprehensive campaign against Garuda Airlines and telecommunications services to Indonesian business and diplomatic interests. [The Australian, 26.XI.1991]

* Canberra embassy picketed

The Indonesia embassy in Canberra today lodged a protest with the Australian Foreign Ministry, asking that a situation enabling the embassy to carry out its routine activities be restored immediately. Employees of the Post and Telegraph Agency have failed to deliver letters and goods to the embassy, said ambassador Sabana Sijagan. [Antara News Agency, Jakarta, 19.XI.1991]

* Alice Springs residents to send team to East Timor

The residents of Alice Springs have proposed to church groups, trade unions, and groups, aboriginal groups and human rights organisations that an independent non-Government group of observers travel to Díli. To observe the activities of the Indonesian authorities investigating the massacre. To provide independent non-Government information to the Australian people about the situation. To monitor any continuing abuse of human rights.

* Suspect Garuda access

The Australian United Church has called on the Federal Government to suspend Garuda International Airlines' access to Australian airports. [The Australian, 26.XI.1991]

* Australian Amnesty presses government

Ms Andie Frankovic in Australia has called on Canberra to press for an international investigation of the massacre. Publishing the names of 59 people dead or missing after the bloodbath. An expressed concern that Indonesian military personnel who had served in East Timor had been found in Australia, with "more than a score" of Indonesian soldiers here now. [AFP, 25.XI.1991]

International jurists platform

An International Platform of Jurists on East Timor was set up in Lisbon at a conference of jurists from 5 - 10 November 1991. Jurists have a specific and important role in resolving the question of East Timor and ensuring that law and justice are the guidelines, the founding document said.

The Platform aims to do all within its power, by investigation, analysis and debate, to contribute to the recognition of the de jure right of the East Timorese people to achieve self-determination and live in peace and security. It will make representations to international organisations concerning human rights violations. It will set up a database on juridical issues concerning East Timor as well as a computerised bibliography of materials. It will also promote research and publications concerning East Timor and disseminate such papers widely.

More than fifty jurists from fifteen countries, Australia, Belgium, Canada, Finland, France, Germany, Iceland, Hungary, India, Macau, Nepal, Portugal, Spain, the United Kingdom and the USA attended the meeting. Among those present were Roger Clark of Rutgers Law School, Ian Scobbie of the University of Dundee, Joao Luiz Barrato, a Lisbon attorney, Professor Fausu de Quadros of the University of Lisbon, Michael van Wall van Praag of UNPO, Jousi Koopmans, a jurist from Leiden, Manuel Taboran, an attorney from Macau, Professor Maureen Davies of the University of Carleton, Ottawa, and Professor Garth Neuhoff of the University of New South Wales. Pedro Pinto Leite, a Portuguese jurist based in Leiden was elected as the Secretary-General of the Platform. *



Pedro Pinto Leite (left), the convenor of the conference and Jose Ramos Horta (right), CNRM representative.

EAST TIMOR

Timorese students in Indonesia rounded up

On 19 November, a week after the Santa Cruz massacre, 80 East Timorese students went to the UN office in Jakarta to deliver a statement by the National Movement of East Timorese Students in Indonesia. They were not able to enter the building, but four handed in their document. As they made their way to several embassies, police anti-riot squads roughed them up and arrested almost everyone.

The petition to the UN said:

We East Timor Nationalist Students in Indonesia, in our own name and in the name of all Heroes who have been killed by Indonesian military assassins in the last 16 years, and in particular, our brother who were cruelly and infamously killed on 12 November 1991, ask the United Nations:

1. To maintain continuous pressure on Indonesia so that effective measures can be taken to implement UN General Assembly and Security Council resolutions recognising the right of the East Timorese people to self-determination and independence.

According to these resolutions, Indonesia has no right to try and to condemn East Timor nationalists who have valiantly fought for their right to self-determination and independence.

2. To ease strong political, economic and military pressures on Jakarta as happened with Itap.

3. To demand that Indonesia respect the fundamental rights of the East Timorese People and their identity as a people and a nation.

4. To demand that Indonesia immediately and unconditionally withdraw all its repressive apparatus, military as well as bureaucratic, from East Timor.

5. To call on the Portuguese Government as the Administering Power to co-operate fully with the United Nations to create the conditions for the people of East Timor to enjoy freely their right to self-determination and independence.

6. Finally, we vehemently protest against the GENOCIDE barbarously perpetrated by the Indonesia army on 12th November 1991. We ask the UN General Assembly and the Security Council to take urgent and effective measures to safeguard the lives of all Timorese nationalists, particularly, political prisoners.

7. We ask the UN and the Indonesian Parliament to grant safe-conduct to safeguard the personal security of all Timorese Nationalist Students who are under coercive resistance in Indonesia.

Incommunicado for 7 days

The 70 detainees were taken to the Jakarta police command. Despite efforts by lawyers of the Legal Aid Institute to visit them, they were without contact for seven days. On 26 November, lawyers met Jose Antonio Loyola, a student at the Bandung Institute of Technology, and Gabriel Antonio, a student in Bandung. They also met separately with Jose Freitas Camero who was isolated from the rest and under special investigation by police intelligence.

The lawyers were told that 49 detainees would be released, after being given guidance. It is understood that



Anti-riot squads manhandling Timorese demonstrator.

some of the students will be charged under articles 154 and 155 of the Criminal Code.

Students arrested in Bali and Yogyakarta

On 24 November, six East Timorese students were arrested in Bali and nine in Yogyakarta. The six in Bali are: Fernando Araujo, Clemente Soares, Jose Paulo, Jose Pampaia Sandemhu Ribeiro, Antonio Matus and Joaquim. Several were named earlier this year in an army intelligence document as members of the student organisation, *Revol*. They were said to be under close surveillance, suspected of keeping contact with ambassadors, journalists and overseas human rights organisations.

Six of the nine arrested in Yogyakarta have been named as: Jose Luis, Elio, Otonario, Rogerio, Flavio and Pedro. ★

On 31 November, Jose Paulo da Silva and Joaquim Costa da Freitas were released. The home of Fernando Araujo was extensively searched after his arrest.



Demonstration on 12 November heading towards Santa Cruz cemetery. Photo: Stephen Cox

Stephen Cox meets the press

British photographer Stephen Cox, whose photo we reproduce above, addressed a TAPOL press conference in the House of Commons on 19 November. The press conference was chaired by Ann Clwyd, MP, Opposition Spokesperson for Overseas Development and attended by other MPs. BBC Radio 4 interviewed Stephen Cox, Ann Clwyd MP, Carmel Budiardjo of TAPOL, and Michael Leifer of the London School of Economics, for that evening's World Tonight programme.

Parliamentary motions

Two Early Day Motions have been tabled in Parliament condemning the Santa Cruz massacre.

An all-party motion [No 252], sponsored by 4 Conservative MPs, 1 Labour MP and 1 Scottish Nationalist MP, reads:

That this House condemns the shocking killing of over 300 innocent and peaceful demonstrators on 12 November 1991 in Dili, East Timor, by soldiers and police of the Indonesian armed forces; recalls that almost a third of the civilian population of this unlawfully seized territory have suffered a similar terrible fate at Indonesian hands since 1976; and calls upon the United Nations to take the necessary measures to investigate this latest tragic massacre and prevent further repetitions in the future, and to request the Indonesian authorities to introduce a plan for East Timor's self-determination.

Tabled on 21 November, the motion had a total of 35 signatures from all sides of the House by 26 November.

Call for arms embargo against Indonesia

Another Early Day Motion [No 187], tabled by six Labour MPs on 18 November, had gathered 79 signatures by 26 November. It reads:

That this House is appalled at the killing and wounding of hundreds of unarmed civilians in Dili in occupied East Timor; is dismayed that on the day of this latest massacre, the Foreign and Commonwealth Office told the honourable Member for Halifax that Britain has no plans for an arms embargo against Indonesia; stating that such an embargo would neither be appropriate nor effective; and calls upon Her Majesty's Government to immediately introduce an arms embargo to Indonesia and to call for the United Nations Security Council to be convened to address the latest tragedy in illegally occupied East Timor.

Subscriptions

Annual rate (six issues)	UK	Europe & overseas (air only)
Individuals	£12.00	£12.00
Institutions	£18.00	£18.00

Girocheques and Eurocheques are welcome.
TAPOL's Giro Account No. 26 781 3009.

Please, no US, Australian or Canadian personal cheques to London.

Australian subscribers may pay in A\$ to:

TAPOL (Australia)
PO Box 123, Clifton Hill, Vic. 3068.
Rate for individuals: A\$30.00.

All other subscriptions and all correspondence to:

TAPOL
111 Northwood Road, Thornhill Heath,
Surrey CH7 8JW, UK. Phone: (081) 771-2904.
Fax: (081) 653-0322.

295. DEZEMBRO 1991 INSIDE INDONESIA

Registered in Australia Post Publication No YBG 6215

INSIDE No. 29 December 1991 \$4.00

Indonesia

BULLETIN OF THE INDONESIA RESOURCES AND INFORMATION PROGRAMME (IRIP)

SPECIAL REPORT:
DEATH IN DILI



- Siberut: threatened island
- Ten orang-utans hit the news
- Fred Chaney on development in Indonesia
- Children: a not very festive festival

It's easier to
subscribe
for IRIP

In this issue

This issue is dedicated to Ramul Estabandj and the East Timorese who were massacred by Indonesian troops at the Santa Cruz cemetery in Dili on 12 November.

Death for many, besides Ramul, is inevitable. But we feel compelled to single out Ramul by name because, unlike the East Timorese, we know him personally as a colleague and friend. Ramul was a member of the Advisory Committee of Inside Indonesia. We remember him as strong and talkative, a person of unerring good looks and sunny disposition who got involved with us because of a common love of Indonesia.

We feel shocked by his death. We also feel deeply sorrowed. His involvement with IRIP was not even slight and the scope of his voluntary work varied. Over 1000 hours were done. Such an hour would a great gift to many families and friends who must feel about their loss. For Ramul, Ramul, again, hurt and wringed but more determined than ever to make a stand on this issue and the Indonesian universal human violations.

Our main hope is that the state will be a witness. That it will help the women make up their minds and gather their resolve, that it will shock and a rethink of policy on East Timor in Jakarta, Canberra and elsewhere, that it will make a turning point for democracy in Indonesia or at least a significant marker on the road, and by no means least, that it will be a nail in the

coffin of Indonesia's murderous military machine. If it does this then it will have contributed more to much of the great contemporary challenges Indonesia faces than many of heated debates, conferences and resolutions, and in so doing will have given some meaning to the restoration of young lives.

On a lighter note, the events and aftermath of 12 November are the reason this issue is late reaching you, for that we apologise. Many of us involved with the magazine were also drawn into the extraordinary response provoked by the massacre. Three of us who happened to be in Jakarta at the time were immediately called on to monitor, advise and report. In Australia, many of us have spent countless hours organising, availing the media, conferring with NGOs and politicians, doing and recording. As a result, *Inside*, along with many other projects, was put on hold. We have to assure you, however, that there will be four issues in 1992.

All our East Timor friends, using our IRIP book, we have just published our translation of an important Indonesian study of East Timor by Professor Mulyarto and his colleagues from Gadjah Mada University. Ramul also worked closely with the translation. The book is called *East Timor: The Impact of Integration* and is available from us for AUD\$20.00. Would you kindly help us publish it.

Pic of the bunch



Well equipped: East Timorese guerrillas with radios, wristwatches, cowboy bands, Kraft cheese, US automatic, uniform and sunsmart brolly, 1991. MAX STARR/AUSMAILIAN

le Indonésia December 1991 PAGE 12

DEATH IN DILI

DEATH IN DILI

On Tuesday morning, 12 November 1991, Indonesian troops mowed down in cold-blood at least 100 civilians in the East Timorese capital, Dili. The shooting followed an early morning Mass and nationalist march of several thousand mainly East Timorese youth to the Santa Cruz cemetery to mark the death of Sebastiao Gomes, an East Timorese youth killed two weeks earlier by Indonesian security. The massacre climaxed months of tension in the run up to a Portuguese-UN visit scheduled for 4 November but cancelled at the last minute.

The mass killings were witnessed by a number of foreigners, including journalists, and filmed by Yorkshire Television and were condemned around the world and by some groups in Indonesia. Present in Dili at the time, though not an eyewitness, was Professor Pieter Kooijmans, the UN expert on torture. The outcry forced President Suharto to establish an unprecedented official enquiry. Among those killed was Kamal Bamadhaj, a member of Inside Indonesia's Sydney committee.



The scene of the crime: Santa Cruz cemetery, Dili, 15 minutes before shooting began on 12 November 1991. 'Your injustice is what we suffer', reads a banner. BOB MUIZIK

Inside Indonesia November 1991 PAGE 7

DEATH IN DILI

The Santa Cruz massacre: eyewitness accounts

The detailed testimony of seven witnesses to the killing at Santa Cruz on 12 November 1991 directly contradicts official claims that the soldiers fired in self defence at a 'brutal mob' attacking them with stones, guns and machetes.

Stephen Carr immediately after the Mass, people began to gather on Avenida America's corner, the road adjacent to the church. The atmosphere was one of tension and pent up frustration of years of waiting to show their feelings, which resulted in an explosive release of emotion with spontaneous shouting of flags and banners demanding the ending of the Armed Resistance, and pleas for ending for independence and international condemnation. The head of the demonstration was taken by members of the youth movement who kept the demonstration under control.

The crowd was 35,000 as it moved off, and had swollen to almost 6,000 as it passed the Governor's office. The people were in high spirits and cheered by a man with cries of 'Viva independence', 'Viva Xanana', occasionally breaking into a run but quickly slowed by the organisers. The military was visible but at this point kept a low profile and made no move to intervene. As the people's confidence increased, young people would confront blank-faced government officials with banners calling for self-determination and independence. At one military police barrier, resistance flags were excitedly waved at the occupiers.

Russell Anderson: As more and more banners materialised into a sea of waving dogears, the crowd became vocal with shouts of 'Viva Sebastiao', 'Viva Timor Leste', 'Independencia', 'Viva Xanana'.

The faces of the East Timorese lit up with an expression of hope and vigour. Pent up frustrations seemed to be released with a feeling of at last being able to show openly their cries for independence in the hope that the world was watching. I felt a nervousness, a sense of fear well within me as I remembered I was in an occupied country. I also saw a nervous fear on people's faces as their eyes scanned the streets.

The march was led by two women, girls carrying traditional baskets of flowers wrapped with knotted colourful cloth. From the beginning marshals joined aims to maintain the lead by slowing down the un-

athletic, lumbering waves who seemed to run (not to any direction, it never looked like a riotous mob) they jogged, ran and walked along the route. The marshals had a hard time, shouting at people to slow down and having to continually re-group.

The demonstration went along Jalan Laco. Alves Aldeia past the governor's house and turned right into Jalan Bispo Medeiros.

The head of the march reached the headquarters and stopped in front of the Telecommunications Centre. The marshals and others convinced a now tired and exhausted lead to wait for the others. The march was almost divided with a few people in between and a larger group, a block away still carrying up Jalan Bispo Medeiros.

There was absolutely no physical provocation, no arms displayed. Not one of the seven foreigners on the march saw any rifle, knife or stick.

Amy Goodman: There were thousands of people, and people continued to join them as they marched - young people, old women in traditional dress of East Timor, young men, young women, little kids, and they marched up to the cemetery.

'Juan' (a Timorese student): The procession was orderly. An Indonesian army major came bounding up

to a group of Timorese who were proudly displaying their flag. He did not give an excuse and he showed us no dignity. He grabbed the flag. An East Timorese stabbed the major. In the absolute confusion, two other Indonesians, a military personnel stabbed two Timorese teenage girls. There were screams but none to the

procession continued past the Governor's palace and the military academy.

At the cemetery

Steven Carr: When the demonstration arrived at Santa Cruz cemetery, people massed outside its walls preparing to pay tribute to Sebastiao. The scene was an array of flags and waving people excitedly gathering. An orderly procession formed to enter the cemetery led by girls bearing flowers. People began to enter the cemetery.

Russell Anderson: I gave a quick count as the crowd swelled in front of the cemetery, I estimated between 5 and 6 thousand people.

It looked like the town of Dili had died and everything was there. A lot of school children still wearing their school uniforms joined the march from a nearby school. School was coming out in a last stand before the demonstration.

As the photos were taken of the people standing on the front cemetery wall, others moved back to set prayers and lay flowers on Sebastiao Gomes' grave. Again the demonstration was organised. A marshal announced the ceremony of prayer and laying of flowers through a megaphone.

I (Russell) and other people were



Anything but slow-moving, young Timorese supporters of Xanana Gusmao signals his commitment to victory through struggle - Santa Cruz cemetery on the morning of the massacre.

VIVA 44425

Inside Indonesia DECEMBER 1991 PAGE 7

DEATH IN DILI

walking away (continuing south down the road). I found out later the demonstration was to continue in that direction to bishop Belo's house and to Henri Turiso's where Mr. Koojiman was staying. However, I felt people were walking away from fear of the unknown, or what might happen.

The military arrives

Amy Goodman: The march was over and people were just standing around, outside the gates of the cemetery talking and going ready to go home. Down the road came a military truck, blocking that way from another same a long line of soldiers.

Russell Anderson: To the south of the demonstration the soldiers were forming. The first truck was about 100 meters away from the marching crowd. These soldiers, in what I will call the "first truck", were a domestic camouflage unit. They were the ones I saw and heard call from the front assembly in the military truck and they were the ones who created the initial onslaught and deaths.

Two trucks stopped behind the "first truck". I crossed military markings down the road along the route the demonstration had walked. The second truck, with a star of its engine, drove towards the crowd but turned left. The crowd yelled I felt there was excitement because the military were leaving. They, however, parked just around the corner, and started firing off the truck.

I was frightened by the movement of the truck and indeed most people had moved away. I walked through the crowd and stood at the back. At a quick count I estimated 1,000 in front of the cemetery entrance way. More people were still inside the cemetery.

I observed the "first truck" was almost empty as the last soldiers climbed and were forming a front line to confront the demonstration. More military were marching down the street and I saw some military peering around the cemetery wall from the north side. All of these military were a green or dark green uniform except for the soldiers in the "first truck". It was clear the military were being commanded into an international protest.

We looked up to see the soldiers of the "first truck". They were now in three lines about 15 abreast in the street. From where I was standing they looked three abreast to the demonstrators — about 30 meters.

Alan Nairn: The soldiers moved

What are you doing here, what are you doing here? You've seen everything!

in four twenties. One group was in a truck. Another group of hundreds were walking down, brandishing their M-16's, walking very deliberately. There was a kind of stoned silence, and people started back-peddling into the cemetery.

The killing

Stephen Cox: As soldiers leapt off the trucks they formed a line and jogged towards the people and without warning opened fire directly into the crowd, indiscriminately, killing all in their view. Soldiers then drove the surrounding crowd with gunfire all around them. Many were shot in the back.

Within minutes of prayers beginning there was an amazing burst of gunfire. There was great panic as people fled in all directions, screaming in terror. There were bodies lying everywhere within seconds. As the sound of automatic gunfire continued soldiers opened fire between 2 and 3 metres, bullets ricocheted off graves and the walls of the crypt. I was forced into the crypt with dozens

of people. Children as young as six or seven lay piled on top of each other, crawling. People fell in their knees, following the Lord's Prayer over and over. For the following 30 minutes that I remained trapped in the crypt I saw people dragging themselves in and being splattered in blood, dragged around.

If wounded, young girls with blood pouring from their heads, old women full of terror. The crypt became crowded with people expecting to die.

It was possible to see that army troops had surrounded the whole cemetery and small groups of soldiers were moving through the cemetery. As they passed the crypt, the people, full of panic, little girls, put their hands up and the prayers became more intense. You could hear sporadic bursts of gunfire all around.

After half-an-hour they came and dragged the lids out. Many were injured, and head wounds, wounds all over their bodies. An Indonesian soldier wearing plain clothes saw me and yelled at me, saying "What are you doing here, what are you doing here? You've seen everything!"

Max Stahl: (In the cemetery) the gunfire was coming principally from outside... as the first truck was left people to try to get into the cemetery, behind the wall. And there was a jam in the cemetery gate. A couple of people had fallen, one of them wounded, and were partly blocking it. And there was a kind of a jam.

It was an appalling scene. It was very shocking. To see the carnage and the deliberate way in which they set about following this carnage... (The soldiers surrounded the cemetery, then they moved in, line by line of tombstones, and as they found people they beat them. They beat them with rifle butts and with bayonets. And they kicked them, whether they were wounded or not.)

Juan: The military came in the cemetery and started in three straight away without warning. They ran with automatic weapons for two or three minutes. Never waiting and never speaking.

Amy Goodman: They opened fire on the people. And these were only defenceless people. They had nothing but some business and the poor memorials from which they had for the wrong man Sebastian. Did they still keep shooting?

Alan Nairn: The bodies fell around us and in front of us. I wasn't

Stephen Cox: A British photographer. The Age 18 November 1991; Washington Post, November 18 1991; The Observer 18 November 1991; The Age 18 November 91; Sporens on the 10th anniversary of East Timor, 23 November 1991; New York Times, 23 November 1991.
Amy Goodman: An American reporter on the Pacific Kaitia network. Sporens on the 10th anniversary of East Timor, 23 November 1991; ABC Radio, 23 November 1991; New York Times, 23 November 1991.
Alan Nairn: A reporter for New York magazine, ABC, Jakarta, 18 November 1991; The Age 18 November 1991.
Rob Munn: A project officer for Community Aid Australasia, an Australian overseas development agency. Sporens on the 10th anniversary of East Timor, 23 November 1991.
Kenato Stefani: An Italian missionary. Sporens on the 10th anniversary of East Timor, 23 November 1991.
Juan: A Timorese student leader who told me he was the phone to Australian journalist Frank Ryan. Sporens on the 10th anniversary of East Timor, 23 November 1991.
Max Stahl: A British cameraman and film producer. Sporens on the anniversary of East Timor, 23 November 1991; Channel 4 TV, Melbourne, November 1991.

DEATH IN DILI



Panic: as the shooting continues. They saw us, forced to climb over the bodies of the slain, clogging the gates of the Santa Cruz cemetery. MAX STAHL, First Tuesday TV

So many dozens were shot. There was no provocation, no stones thrown. The soldiers issued no warning. They simply shot several hundred unarmed men, women and children. They chased down young boys and girls and shot them in the back.

Bob Munn: Twenty paces or so from the crowd they opened fire and intense fire continued for about 2 minutes. Not hundreds but thousands of rounds were fired from many many guns. There was no possibility of cover.

Renato Stefani: When several hundred mourners were inside (the cemetery) and several hundred more were pressing to get in, the army opened fire for two or three minutes, reloading their weapons when they were empty. Perhaps a thousand rounds were fired.

In the cemetery, an Indonesian took out a knife and plunged it into the belly of a young Timorese man and ripped it about until he died. It was a sea of blood. Hours after the massacre I saw bloodstains on the road — even though the soldiers had tried to scrub them out.

Russell Anderson: Stephen Cox had told me how sporadic bursts of fire had continued into the confines of the cemetery for half an hour.

The layout of the cemetery is important. It is about the size of a football oval and has very high walls. You would have to be extremely fit to climb over them. The people inside were completely trapped.

The aftermath

Alan Nairn: Three army trucks with bodies stacked upon them drove away. Many (more people) were wounded. They were lying all over the place with bullet wounds in them.

Juan: The whole area was then blockaded for seven or eight hours. They blockaded Santa Cruz, Demori, Edilatai Bot and Aileu. Some of the demonstrators running from the cemetery could not get out of the area. The troops went through cleaning up that area.

When they found the Timorese people in their houses, they punched, they shot them and killed them... After that they took the bodies to the cars.

Russell Anderson: Hundreds of people were fleeing across the road. Not far from the corner people stricken with fear sought my protection by walking with me. One person grabbed my wrist tightly and wouldn't let go, saying "Come home with me"... He was terrified so I said

I would go with him. We both approached the corner staking.

Taxis drove past and people yelled at them to stop. At one taxi came to a tentative halt my attached companion ran towards the taxi, like about twenty others. The taxi filled in seconds. People climbed on top, hung off the doors and rear bumper bar. As the taxi drove off people were flung and fell to the ground. This happened three more times as I walked down the street towards my hotel.

Amy Goodman: There are cans of thousands of troops there; and they're moving from house to house. They have surrounded Dili in a very very frightening way.

Stephen Cox: The atmosphere on leaving Dili swelt of death and terror all around with notoriously empty streets everywhere. The worst fear of the people had begun. To leave these people under the conditions that they now face and have endured for the past 16 years would be an injustice to humanity.

Renato Stefani: There will be worse days to come. Before the massacre about 80 per cent of Timorese were opposed to union with Indonesia. Today, it must be 95 per cent. ■

DEATH IN DILI

How Jakarta saw the massacre

DAVID HILL and KRISHNA SEN analyse how the 12 November massacre in Dili and its aftermath were reported in the Jakarta papers and how Indonesians interpreted the incident.

Three decades of tight government control of the Indonesian media have a reputation for being extremely cautious. With all private radio and television stations obliged to broadcast only the official news broadcasts on relay, it is therefore, though heavily censored, that presents the most diverse news sources and interpretations. To get the full richness of reactions to a controversial issue such as Timor the Jakarta political observer turns also to rumours, private conversations, closed class study groups and interviews.

Reading the press

Although news of the Santa Cruz cemetery massacre in the early morning of 12 November reached Jakarta's press rooms within hours, no Jakarta newspaper mentioned the event that afternoon.

One national affairs desk editor explained his paper could not run the story until it had a 'local angle', that is, the official government position. The newspaper phoned the Armed Forces Information Office, only to receive assurances that a statement would be available soon, which was some 12 hours later. That press release formed the basis of next morning's newspaper reports.

But knowledge of how censorship operates in the media allows reading between the lines.

On the morning after the incident a number of papers including the leading prestige daily *Kompas* self-consciously lauded every piece of information to a government press release and government spokespeople. The papers seemed to be taking no responsibility for the veracity of their own reports. The 'eye-witness account' the common method by which the Western press establishes the credibility of its stories, was conspicuously absent.

Another strategy is to reproduce the official line while including carefully chosen credible individuals or groups about the position. The small but influen-

tial English language *Jakarta Post* for instance, reported the Legal Aid Foundation's call for an independent inquiry.

Berita Buana formerly a conservative paper now under a new and ambitious management, alerted its readers to the contradictions within the government's own position. It cited Legal Aid Foundation death estimates of 145 and quoted the information chief of Timor's Udayana military district saying that the number was 'indeed considerable', though less than the rumoured 155. The Armed Forces press release figures also quoted, was nine!

By all reports no government directives were issued to restrict coverage in the early days of the Dili affair. Yet newspapers did not run available information from eye-witnesses or international wire services, due to the extremely effective system of self-censorship that operates in the Indonesian press. No editorially or

the incident appeared until the 16th.

Denials and contradictions

The afternoon papers on Wednesday 15th added more critical detail. *Tempo* (Dili) was the first to introduce mutedly hostile reactions with UN Secretary General urges the disengagement in East Timor, which also quoted US and British concern over the events.

By the 14th and 15th non-government voices were emerging in the press. International calls for thorough investigations were reported widely. So too were government counter-claims that foreign press reports were 'exaggerated'.

In faithfully reporting belligerent statements by senior military figures some papers have exposed major diplomatic gaffes. *Suara Pembaruan* reported Armed Forces Commander Try Sutrisno's assertion on the morning of the 15th that the Army would not hesitate to act firmly in the interests of development and national stability, security and public order.

The next morning's *Jakarta* daily went further, initially quoting him that 'those who disbelieve must be shot'. The Armed Forces, the General emphasized, is determined to eliminate anyone who disturbs stability.

The placement of articles can highlight crucial differences of opinion and question the credibility of spokespeople. Beneath a neutral report of Try Sutrisno's comments, *Berita Buana* ran an interview with East Timor Governor Maria Virgita Carrasqueira in which he called for an immediate detailed investigation into the death toll and mentioned un-official reports of the wounding of a 'New Zealand from Malaysian journalist'.

The eventual revelation in *Suara Pembaruan* on the 16th of the death of Kamal Bannethaj, a New Zealand national, however Carrasqueira's sources and belied Try Sutrisno's earlier denials. Kamal was widely and incorrectly described as a journalist as a way of discrediting through observers of the



Indonesian cartoonist satirises of foreign media they get their information from the boards (i.e. Jakarta II)

DEATH IN DILI

killing. The implication was that he had broken immigration regulations by entering on a tourist visa rather than a journalist's work permit.

Contradictions within the Army position over the strength of evidence emerged during this period. Evidence was being presented as an independent spirit force military and political. Simultaneously the harsh army actions were justified on the grounds that wildness were faced with a 2,500 strong mass demonstration 'planned' by Fretilin.

When Try Sutrisno was reported on 15th as announcing an investigation under the Deputy Chief of the Armed Forces Intelligence Staff, RAB, the Washington press continued to report civilian calls for an independent inquiry.

By the end of the first week the official chronology and explanation of the Santa Cruz incident had appeared in all the papers. Furore had shifted to international reactions and to the composition and role of the National Investigative Commission announced by President Suharto on Sunday 17th, two days prior to his departure for a 25 day overseas tour.

A peaceful demonstration by East Timorese students held outside Jakarta's UN office and the Japanese and Australian embassies on Thursday 18th was covered the following day, complete with front page colour photographs in *Berita Buana* and *Jakarta*. Seventy people were held for interrogation. Fifty more were released on 26 November, with the remainder held under penalties in excess of seven years imprisonment. (Not reported was the fact that three human rights activists H.C. Priosen, Nopi Lasut and Indro Cahyana were also 'invited' by armed police to police to report daily for investigation over the demonstration.)

Press coverage then shifted to the defiant protest of various pro-government nationalist groups to Australian boycotts and demonstration against the Indonesian Embassy and Consulates. Unlike the Timorese demonstrators, none of the demonstrators from the pro-Indonesian government groups were arrested. The effect of these Australian and Indonesian demonstrations was to deflect the focus on the media away from the Santa Cruz massacre itself into Australian Indonesian relations.

Responsible journalism In a meeting with editors in Jakarta dailies and



Self-named regional commander Major Gen. Sutrisno Prajono commenting on the massacre: the Timorese have taken advantage of Indonesia's Operation East and Apalari (Open East Security). News Indonesia

major weekly on Friday 29 November Try Sutrisno informed them that he was pleased with the national press, which had accepted responsibility to 'balance' the 'biased' international reports. Some journalists are enthusiastic that this may signal a greater openness.

A fusion managing editor of a newspaper banned over its reporting of the January 1974 anti-government demonstration was impressed by the broad press coverage of the Timor war. He could not recall a comparable incident since 1974.

Other working journalists remain apprehensive about exposing the Department of Information to clamp down. 'Somebody is bound to get their publication permit renewed soon', said one young journalist with a weekly magazine. 'Everybody is just waiting for something to happen.' The managing editor of his magazine adopted the government's biased terminology when reviewing his report of the Timorese pro-independence demonstration because, they said 'we do not want to take the risk of offending the authorities'.

In faithfully reporting belligerent statements by senior military figures some papers have exposed major diplomatic gaffes.

Interpretations and rumours

The extent of coverage of the Santa Cruz incident could be seen not so much as concern for conditions in Timor but an occasion to flag the issues of military accountability, human rights and the rule of law in Indonesia more generally. If Timorese see the issue as one of self-determination, liberal Indonesians see parallels with other military civilian clashes, such as occurred in Lampung, Priok, Lampung and Aceh.

As a leading Indonesian historian commented privately, 'I'm very happy about what happened in Timor. It creates an opportunity to press the government on the "rule of law" issue. It's a chance to knock the government on its heels'. A former journalist described the Timorese as 'martyrs for the issue of democracy' in Indonesia for focusing attention on military abuses of human rights.

Large universities while deploring the deaths in Timor are ambivalent about reactions in the West. In one of Jakarta's many study groups, Timor focused the case around which to explore the issue of openness to the West. The members of this study group were extremely sympathetic to the government. But they also felt that the only reason the West was reacting to Timor was because it involved 'death at Christmas, rather than Muslims who had died by the thousands in Aceh and Lampung'. The National Investigative Commission made up much of government bureaucracy does not have the full confidence of any such circles. At one extreme was a young, who said there 'was an one else in Indonesia other who had both integrity and stature to lead such a commission'.

Others, such as the leading human rights lawyer Muffa Lubis see the establishment of the Commission as a significant precedent irrespective of its results. While cautious about its objectivity, these circles agree that as the first such commission since Suharto came to power in 1966, it represents a formal acknowledgment of the Armed Forces structural subordination to the nominal

by civilian authorities. Lubis sees the commission as a result of unprecedented local and international pressures of the government and Indonesia's recent (1990) membership of the UN Human Rights Commission.

The apparent indifference to the press is being seen as symptomatic of increased concentration amongst

DEATH IN DILI

mediately condemns the repeated acts of escalating violence by the occupying Indonesian forces against the defenceless population of East Timor. On 20 November the Government issues a statement declaring lack of confidence in the credibility and impartiality of the official Indonesian Commission of Inquiry and calling for an independent investigation to be conducted under international supervision.

Portugal makes numerous representations to other countries and promises to keep East Timor on the agenda during its tenure as President of the EC, beginning in January 1992.

Netherlands

Dutch Foreign Minister Hans van den Broek calls in the Indonesian ambassador in the Netherlands and expresses the government's deep concern over the massacre.

On 21 November the Netherlands announces it will postpone all new development assistance pending the outcome of the Indonesian investigation.

Belgium

The King of Belgium tells Portuguese President Mario Soares on 2 October that he was 'horrified' by the massacre.

United Kingdom

Britain joins the EC partners in early condemnation and calls the Indonesian ambassador in, but expresses only 'concern' and 'worry' over the killings.

Italy

The president of the Italian Senate, Giovanni Spadolini condemns Indonesia's 'bloody violation of human rights in East Timor' and argues on 1 December that the question of Timor is linked to recent attacks 'but to the genocide of which it has been a victim'.

Germany

The German foreign ministry calls in Indonesian ambassador Dwikaji Djalil on 18 November to express its deep alarm at the 'bloody escalation of violence' in Timor.

The Vatican

In a belated response, the Holy See on 23 November asks the Indonesian Authorities 'to clarify the truth' and 'justify their responsibility' for the massacre. The Vatican reiterates 'the rights of all the inhabitants of Timor to social peace, fundamental liberties, their religious and cultural identity and human rights'.

Sweden, Denmark, Norway and Finland

The Swedish foreign ministry calls in Indonesia's ambassador to deliver a sharp protest: 'The Indonesian government must do its utmost to see to it that further crimes against human rights do not take place'. On 25 November Sweden's Foreign Minister Margareta Almqvist announces that 'The Nordic governments send a protest to the government in Jakarta and we have also written our capitals, made bilateral protests to the ambassador of Indonesia'. Denmark suspends future aid.

Australia

Indonesian Ambassador Soebato Slogun is called into the Department of Foreign Affairs and Trade, where the Australian officials registered their 'deep concern' over the killings and called on the Indonesian Government to conduct a full, credible and public inquiry.

On 13 November Bob Hawke tells parliament he deplores the 'appalling tragedy' and 'the loss of innocent life' in East Timor. On the same day Australian Embassy officials are sent to Dili to investigate.

Bob Hawke says on 15 November that the Indonesian government should begin to 'negotiate with the people of East Timor' including the 'resistance'. Several days later Hawke tells both General Tito Susanto's comments that 'no military elements should be shot' as 'repugnant to the outcome'.

On 14 November 59 MPs sign a petition condemning the shooting of civilians in East Timor and describing the Timorese as 'living in a constant state of fear in their own country'. The following week a parliamentary committee decides to hold a public hearing into the East Timor shootings.

On 26 November the Labor Party Caucus decides that foreign Minister Gareth Evans would visit Indonesia in mid-December to discuss the Timor massacre with Indonesian officials.

New Zealand

Prime Minister Jim Bolger says on 17 November his government will carefully review its policy toward Indonesia after the death of New Zealand national Kamal Basmah. He laments the fact that Indonesia took 44 hours to tell Wellington that Kamal Basmah had died.

Venezuela

President Carlos Andrés Pérez notes the subject of East Timor in discussions with President Suharto in Caracas on 27 November, reportedly in

the context of Portuguese President Mario Soares.

Canada

External Affairs Minister Barbara McGaughey tells the House of Commons on 25 November that 'we condemn both the violation of human rights in this specific incident but also the ongoing situation for the people who live there'.

On 9 December Canada announces a cut in bilateral aid to Indonesia from \$40 million to \$10 million in response to the Santa Cruz massacre. Indonesia had been the second-largest recipient of Canadian aid.

USSE

On 25 November Vitaly Chirkin, Chief of the MDC USSR International Department, deplores the events in Dili and states the Soviet Union's commitment to recognition of the right of the people of that territory to self-determination.

Papua New Guinea

The PNG government condemns the killings but adds that East Timor is an internal issue for Indonesia.

Cape Verde, Angola, Guinea-Bissau, Mozambique, Sao Tomé and Príncipe

In a letter dated 20 November, the five former Portuguese colonies request the UN Secretary-General to request his efforts towards finding a peaceful solution to the conflict in East Timor and call for an inquiry into the fear of the Dili massacre by the Human Rights Commission. They state that East Timor is a question of decolonisation and emphasise the UN's responsibility in the creation of 'conditions and mechanisms' to ensure the free exercise of the right to self-determination and independence by the people of East Timor.

The president of Comoros-Bian addresses the issue of East Timor in the conference of the Islamic countries held in Senegal in the second week of December. It is unclear whether Sihanou attended the speech.

Vanuatu

In the U.N. General Assembly's human rights committee on 1 December, Vanuatu's representative to the UN, Robert Van Cierop, calls the 1988 incident a 'cold-blooded and premeditated murder of civilians by military forces of a foreign occupying power'.

ASEAN

No ASEAN country has publicly condemned the killings.

DEATH IN DILI

From Santa Cruz to Jakarta

Protest shifts to the Indonesian heartland

After years of living in the shadows, East Timorese students in Indonesia have brought their struggle out into the open.

By a SPECIAL CORRESPONDENT

In a dramatic attempt to galvanise world opinion in the wake of the Santa Cruz massacre, a group of about 80 students marched on the main thoroughfare of Central Jakarta on 19 November.

The message of the group, representing the National Movement of East Timorese Students in Indonesia, was made clear in their banners: 'Better death than negotiation', 'The 12 November mass murder was only a small fraction of the mass murder of 16 years', 'Under the threat of guns, everyone is silenced', 'Where are the corpses', 'Independence is the right of all peoples, where are our rights', 'Santa Cruz was depicted as a manifestation of the basic problem, which is integration itself'.

The students had come from all over Java and Bali for the march. Most of them were dressed in black, and some wore black headbands, to mourn their compatriots gunned down twelve days earlier. One of the protesters, Agilina de Silva, had four band-aids on her face during the Dili massacre.

They went first to the United Nations Building on Jalan Thamrin. Unable to enter, they read an appeal to the United Nations outside the gate (see box). From there they marched towards the Japanese embassy. By this time police and intelligence agents began arriving. Eventually a secretary from the Japanese embassy, Mr Shirota, came down and received their typed statements. The chairperson of the group, Joan Kofitola Samara, made three demands: first, that the Indonesian invasion of East Timor not be recognised; secondly, that they should be an immediate withdrawal of troops from East Timor; third, that Portugal immediately set in train the decolonisation process.

Riot police

Joan also asked the United Nations for a written assurance that the students would be guaranteed safe passage to visit various foreign embassies. The Japanese were asked to press the Indonesian government to stop harassing the East Timorese students. 'Struggling for the right of the independence of East Timor is

our right' said Joan. So Indonesia has no right to treat us as political fugitives. We are not GPK (the army's abbreviation of 'security disturbing gangs'). We are nationalistic struggling for independence'.

The group proceeded to the Australian embassy, but nobody from the embassy was prepared to speak to them.

From there they marched towards the United Nations on their way to the British High Commission. Joan was surrounded by intelligence officers posing as journalists, and soon afterwards Indonesian brandishing riot police as well as plain clothes security men moved in to halt the procession.

Journalists were ordered to leave the area and were forbidden to take photographs.

Many of the students were chased and beaten with batonsticks as they tried to flee over the fence in front of the Holy Indonesia. Some of the women screamed hysterically.

About 70 East Timorese were arrested and loaded into three waiting vehicles.

Although the authorities initially denied that anyone had been detained, The Legal Aid Foundation (LAF) was able to confirm that 70 East Timorese demonstrators were

being held at the Jakarta Metropolitan Police Station.

All were interrogated and six days after their arrest lawyers were all being denied access to most of the students, a breach of both Indonesian and international law.

On 26 November, 49 of the 70 were released. Jakarta's Chief Detective Colonel Wagiman has been quoted as saying the remaining 21 could be charged under articles 104 and 105 of the criminal code. Under these articles, 'hostile, hostile or seditious public statements against the Indonesian government' are punishable by up to seven years prison.

Some may be charged with subversion which carries a maximum penalty of death.

Though allowed home, the 49 arrested are being monitored and have been issued with documents specifying their involvement in the demonstration. Their status is not open to debate but simply the imprisonment of their arrestations. They can be visited at any time, are not permitted to leave the country, and are said to be have been charged under articles 104 and 105.

The majority of those detained, including the 21 in prison, hold gov-



Timorese protesters run to avoid arrest in Jakarta. 21 were detained, 23 were freed and some arrested.

DEATH IN DILI

WHAT THE TIMORESE WANT

Declaration of the National Movement of East Timorese Students in Indonesia

Considering

1. The invasion of East Timor by Indonesia was a flagrant violation of the General Assembly of the United Nations resolutions No. 2445 XXIV of 12th December 1975 and of the UN Security Council's NO 883 of December 22 1975, which recognize the inalienable rights of all peoples to self-determination and independence, according to the principles of the United Nations Charter and the Declaration of the Colonial Countries and Peoples in the resolution 1514 (XV) of December 14th 1960.

2. Resolutions 764 of 22 December 1975 by the UN's Security Council appeals to all states to respect the Territorial Integrity of East Timor.

3. The same above mentioned appeal to the Indonesian Government for the immediate and unconditional withdrawal of all troops from East Timor.

4. The very same above mentioned resolutions have been recognizing Portugal as the administrative power.

5. The similarity of the invasion and occupation of East Timor by Indonesia with that of Taiwan by Iraq.

6. The struggle of Nambian and Western Sahara peoples, which have been similar to that of Maubere People (East Timorese), has assumed it's national political goal.

7. The enforced presence of Indonesian in East Timor for the last 16 years is, in the light of the international Principles, illegal and obsolete according to the various resolutions of the Human Society.

8. The enforced presence of Indonesian in East Timor escalated day by day the suffering of the already martyred Maubere People through constant, systematic and routine violation of the most elementary Human Rights.

We, the East Timor Nationalist Students in Indonesia, in our own name and that of all those Maubere who especially fell by the Indonesian military machine over the last 16 years, but mainly our brothers who were brutally and shamefully killed en masse on November 12 1991, ask and demand the United Nations

1. a) To maintain a strong and continuous pressure on Indonesia so that all efficient measures be taken to assist the UN General Assembly and Security Council resolutions which have already been voted upon and that recognize the right of the East Timorese people to Self-Determination and Independence;

b) According to those above mentioned UN General Assembly's and Security Council resolutions, Indonesia, as a member of the Organization, has no right to try and condemn all East Timor nationalists who have admirably fought for their Right of Self-Determination and Independence.

2. To exert strong political, eco-

nomical and especially military pressures on the Indonesian government as it is happening with Iraq.

3. To demand of Indonesia an absolute respect for the Fundamental Rights of the East Timorese People and their identity as a People and as a Nation.

4. To demand of Indonesia an immediate and unconditional withdrawal of all its indiscriminate repressive apparatus, be they military or bureaucratic, from East Timor.

5. To demand the Portuguese Government and the Administrative Power, to cooperate fully with the United Nations in order to create the conditions for the People of East Timor to enjoy freely their Right to Self-Determination and Independence.

6. Finally and as conclusion, our Petition and Protest for the procedure has formally participated by the Indonesian army on 12th November 1991. We ask the UN General Assembly and the Security Council to take urgent and efficient measures to safeguard the lives of all Timorese Nationalist and especially the political prisoners.

7. We request the UN, together with the Indonesian Government, that it be conducted to help to secure the personal security of all Timorese Nationalist Students who are under constant harassment in Indonesia.

Trusting that Your Excellency will do your best to consider and identify yourself with our aspirations and wishes as a People and a Nation.

Yours sincerely, Jakarta, 18th November 1991.

quick to react, showed before the student demonstration in Jakarta the human rights coalition (Inchusa) a delegation to parliament to protest against the UN massacre. They also planned to send a two-finding mission to East Timor comprising Indra Tjillem, a convenor of Indragati Peace of the Institute for the Defense of Human Rights, Yopie Lasm, a freelance journalist and a fourth person from the Bandung Legal Aid Foundation.

After the Jakarta demonstration

the Bakartimans quickly set up a press apparatus moved quickly to track down Indra Tjillem, Yopie Lasm and Yopie Lasm, all of whom have links with East Timorese in Jakarta. The three were prevented from making a trip to East Timor and were accused of orchestrating the demonstrations. While Yopie Lasm appears to have evaded the authorities, Indra Tjillem and Yopie Lasm turned themselves in and have since been acquitted in reports to Bakartimans for regular interrogations. (See accompanying article.)

40 an unprecedented show of solidarity, 300 me (denial) that all of them from Timorese, 1991 at the streets in Bandung on 24 November to protest against the arrest of Timorese. Bakartimans in Jakarta. Bakartimans and their wives arrested.

One of the protesters had four brothers killed at Santa Cruz.

Solidarity

Other activists were also

DEATH IN DILI

The crackdown continued for several days when the military apparatus arrested East Timorese activists in other Indonesian cities. At least nine students were reportedly detained in Yogyakarta on or about 28 November. Six East Timorese students were arrested in Denpasar on 24 November and held at police headquarters in connection with their political and human rights activities. Two were released and the other four have been moved from Bali either to Jakarta to join the 24 in

detention there or to East Timor. They were severely beaten during their transportation to Bali.

During this period, Major General Siyong Panjaitan, the commander for Eastern Indonesia based in Denpasar, summoned all East Timorese students to Bali to a meeting. He warned them to stop thinking about East Timor's independence, saying that anyone discovered to be involved in political activity would be taken into custody and punished.

DILI

Meanwhile 37 East Timorese remain to be detained in Dili accused of involvement in the demonstration on 12 November which preceded the massacre. According to Amnesty, General's office, eight will be charged with subversion, a charge that carries a maximum punishment of death.

Indonesia's Catholic bishops have appealed the President for those charged.

'We were really scared'

A group of Timorese prisoners who have since been released, tells what it was like to be taken to prison following their protest in Jakarta on 19 November.

We were accompanied by hundreds of Jakarta police as we made our way down Jalan Thamrin towards the embassies we wanted to visit. All along the way they told us they would drive us there if we would only get out of our vehicles. But we refused to follow their plan.

We really intended to get away from them but more police came and chased us. We were beaten until some of us were injured and others scattered in all directions, but eventually we all had to stop down because we were faced with officials who had their automatic weapons ready to fire. We were forced to do as they said and get into their vehicles and we were taken to the main metropolitan police station.

We were kept there for 3 days under strict guard. We were kept in a room without adequate facilities to sleep. We just slept on the floor. We were photographed, videotaped and interrogated.

Each interrogation lasted 9 to 10 hours. They asked us these questions:

- Do you know why you are being interrogated?
- What was the purpose of your action?
- Who told you to come here? (Many participants came from outside Jakarta)
- Where did the money come from to bring you to Jakarta?
- Why did you demonstrate in Jalan Thamrin? Why didn't you go through the Parliament?
- Who did you try to meet at the UN building?
- Don't you think demonstrating in front of the UN embarrassed Indonesia?
- Do you know who worked the position that was handed to the UN, and the papers you were carrying?
- Who do these posters say?
- Where are these posters now? (The police had already confiscated them)
- Who told you to come to Jakarta and who is your leader here in Jakarta?

We were really scared for three days because it was said we would be taken to some unknown place. After three days we were taken to a lower police station and interrogated again. When the girls among us were put into isolation, we had all our things confiscated. Then we were told to take off all our clothes and completely naked, to jump on the spot.

The first night we slept without blankets and were only given left over tea leaves.

- Extra questions we faced then were:
- Who is your president?
- Do you agree or disagree with the integration of East Timor?
- Do you know Prince, Tjillem?

None of the answers we gave were completely in accordance with our conscience. They were given under duress. The interrogators killed Bishop Belo, the priests, the sisters and the Catholic Church as the instigators of 12 November. We cannot now respond to these things because we are in a physical and physically weak.

East Timorese political prisoners

Following the Dili massacre of 12 November, an estimated 62 East Timorese are in detention, some facing subversion charges which carry a maximum penalty of death.

Indragati

1. Merudhi Monte (Himpengoro University, Semarang)
2. Antonio Lopes (UPI, Malang)
3. Felipe da Silva (IKAPIN, Bandung)
4. João Sarmiento (Polytechnic ITB, Bandung)
5. Fancio Bernardino (IKOPIN, Bandung)
6. João Travels (Liliasan University, Denpasar, Bali)
7. Agapito Cardoso (Ditayana University, Denpasar, Bali)
8. Gregorio de Souza (IPK, Bandung)
9. José Maria Bulo (Polytechnic ITB, Bandung)
10. Avelino Maria Guelles da Silva (Santa Cruz, Jakarta)
11. Mario Cahela (Surabaya)
12. Ego Quintan Monteiro (Surabaya)
13. Francisco Vazco Ramos (Atmajaya University, Jakarta)
14. José Luísa de Oliveira (API, Yogyakarta)
15. Sérgio Dias Quintan (Atmajaya University, Jakarta)
16. João Freitas da Carmo (ex Atmajaya University, Jakarta)
17. Benedito Calral (Santa Maria University, Santiago)
18. Domingos Barreto (Atmajaya University, Jakarta)
19. Hilde da Costa (TRH, Santa Barbara, Yogyakarta)
20. Virgilio de Silva G (ITN, Malang)
21. Antonio Soares (Universitas Merdeka, Malang)

Continued page 14

DEATH IN DILI

Deceased: Dili

- 1. José Pompeia Saldanha Ribeiro (Animal husbandry, Udayana University)
- 2. Fernando de Araújo (Indonesian literature, Udayana University)
- 3. Clemente Soares (Animal husbandry, Udayana University)
- 4. António Matos (Economics, Undiknas)

Dili

- 1. Carlos dos Santos-Lemos, 30, Beccora-Dili
- 2. Jacinto das Neves Raimundo Alves, 34, Taibesse-Dili
- 3. Francisco Miranda Bragança, 41, Bahde-Dili
- 4. Filomeno da Silva Ferreira, 34, Campo Aço-Dili
- 5. Juvêncio de Jesus Martins, 29, Campo Aço-Dili
- 6. Saturnino da Costa Belo, 22, Bidau Santana-Dili

- 7. Aleixo da Silva Gama, 22, Bidau-Dili
- 8. Augusto Felipe Gama Navier, 24, Bidau Santana-Dili
- 9. Gregório da Cunha Saldanha, 29, Santa Cruz/Audian-Dili
- 10. Matias Gouveia Duarte, 40, Taibesse-Dili
- 11. Jacób da Silva, 22, Vila Verde-Dili
- 12. Boby Xavier, 18, Matadouro-Dili
- 13. Joãoico dos Santos, 24, Bairro Pite-Dili
- 14. Lourenço Rodrigues Pereira, 21, Vila Verde-Dili
- 15. António Baptista Sequeira, 20, Vila Verde-Dili
- 16. Bonifácio Barreto, 20, Matiana
- 17. Aleixo Lay, 21, Bidau-Dili
- 18. José Barreto Marques, 19, Bairro Pite-Dili
- 19. Benifácia Magno, 35, Taibesse-Dili
- 20. Janio Ferdinando, 17, Santa Cruz-Dili
- 21. Fernando Tímão, 21
- 22. Januário Gomez, 18, Cincoli-Dili

- 23. Filomeno Gomez, 50, Cincoli-Dili
- 24. João Pereira, 18, Becora-Dili
- 25. Simplicio de Deus, 19, Vila Verde-Dili
- 26. Marcio da Graça, 18
- 27. José Felipe, 24, Dili
- 28. António Belo, 33, Baucan
- 29. Francisco Gutarrei, 21, Becora-Dili
- 30. José Francisco da Costa, 22, Baucan
- 31. Eusebio Pinto Pedrosa, 24, Lahane-Dili
- 32. Renilde Guterres Corta Real, 23, Ossu
- 33. Basílio Francisco Beato, 18, Cubuhan-Dili
- 34. Manuel Eduardo dos Santos, 26, Baucan
- 35. Domingos Joaquim Perola, 20, Dili
- 36. Mario Abel, 24, Baucan
- 37. João dos Santos, 32

Source: CDDP, Lisbon.



Jakarta protest by East Timorese, 19 November: the banners in Indonesian read 'Better death than integration'. The massacre of 12 November is only a part of the massacres of the last 16 years. Twenty-one of the protesters are being held at Jakarta's metropolitan police station and are expected to be tried for 'hateful, hostile or slanderous public statements against the Indonesian government', a charge which carries a maximum penalty of 7 years. Some may be charged with subversion which carries a maximum penalty of death.

DEATH IN DILI

The issue is not religion nor ideology, but nationalism

An interview with John MacDougall

The following is an extract from an interview given to an Australian reporter on 25 November by JOHN A. MACDOUGALL, editor of *Indonesia Publications and Equinox* of Task Force Indonesia, a US-based NGO dedicated to detailed and high-quality reporting and analysis of contemporary Indonesian affairs. After consulting on the lack of accurate information available to most Indonesians, he takes an interest in the western media, arguing that his information also characterises much of the Western coverage of East Timor.

John MacDougall: Many Western reporters get sloppy when writing about Indonesia, but examples talk about 'Muslim Indonesians' or the 'Javanese military'. Any Indonesian knows this is absurdly inexact. Indonesia is a multi-religious country. Devout Muslims or just about don't collectively cause for much in the political system. And the Army is probably the most ethnically integrated institution in Indonesia, even if the ethnic crisis is somewhat disproportionately Javanese. And some think there's more than being dumb involved.

What does that mean?
In the case of the Dili massacre and the surprisingly large response to it by Western media, Western governments, and Western organisations, not simply the naive nationalist Indonesians, but many of the more devout Muslims feel they're being 'cornered', in one sense of the Indonesian ways of putting it. Look, you get Dan Rather (CBS broadcast) mentioning 'Muslims Indonesia' in his story on the Dili massacre. It sounds like Muslims are being blamed, like Muslims have formulated some sort of pogrom against the Catholic Timorese.

Wasn't most of the soldiers involved Muslim?
The soldiers, likely. Especially with the big buildup to preparation for the Portuguese parliamentary visit. But some of the key military figures involved in the original invasion were Christian — Benny Murdani, Panggabeh — and many of the commanders

for whom's called the Udayana Military Area Command and the Military Sub-area Command comprising East Timor have deliberately been chosen because they were Christian. That includes the present Udayana and East Timor commanders. Neither the original invasion of East Timor nor the Dili massacre were motivated by religious fallacy, *myra* say.

So we look sort of foolish.
Afraid so. But that's also foolishness on the Indonesian side.

What land?
The massacre of Dili was not an isolated case, especially when you think of the devout Muslims. Muslims in one sense of them will see things in this broader framework. Devout Muslims have been massacred by the military in Tanjung Priok, Lampung, and Aceh. In me, the Dili massacre has some striking similarities in especially the Priok case. The methods and rationale used were like Priok in 1981. Alleged gross strategic preparations, massive intelligence preparation, a precipitating incident, a big crowd in a procession, warding shots purportedly fired into the air, wanton slaughter, preventing hospital access, trucking out corpses to unmarked already dug graves, subsequent massive interrogations and arrests, then — and here we wait to see if the pattern holds — *leak* lots of leaks.

I'd have thought the devout Muslims in particular would have spotted the similarities and that these similarities would have led them to wondering about the official version put out about the Dili massacre. There are some differences, of course, including one that puzzles me somewhat. In Priok the official explanation, right down to body counts, was available the next day. In Dili, the explanation wasn't ready. The ABRI spokesman was 'out of town'. And when the explanations did start to

flow, they contradicted each other. There was also official bluster in Dili — from Governor Sarrafalau. In particular Interior Minister Mahua said he couldn't blame Ferrascalan for his remarks.

Now the word that Fretilin is really a communist —

That was a theme dreamed up to justify the initial invasion in 1975. There were some Marxists in Fretilin's initial central committee. Indonesian soldiers hated all of them. They're dead. As for Fretilin, abroad it's been in chronic disarray and years ago gave up any claim to be the sole representative of the Timorese. Even Xanana Gusmão, the resistance leader in East Timor, tired of the petty spite politics and inactivity. He left Fretilin. Both he and José Ramos Horta, the chief external spokesman of the Timorese resistance, operate outside party lines. These guys are definitely not communists. They neither talk nor act like ideologues. They're reasonable people. Even ABRI leaders like The Army care — sit down and talk peace with Xanana. Some military children of the anti-communist New Order do think the Army is fighting communists in East Timor, but you won't find any Army officer who doubts it.

The fact that the Timorese resistance is now a broad popular movement, not given to atrocity, and uncommunist is precisely what confounds the Army. In the New Order period, the Army hasn't had to deal with anything like it.

East Timor was a unique case. Indonesia would remain together even if East Timor were a sovereign state. This is a basic — one of the few — for hope that the Army will one day again sit down and talk peace. The former ABRI commander, General Jusuf, was willing to try it. He was, by the way, a very devout Muslim. It was his replacement, Benny Murdani, who happens to be Catholic, who immediately abandoned this approach once he was appointed *Suharto*.
Source: *Inside Indonesia*

The fact that the Timorese resistance is now a broad popular movement is precisely what confounds the Army.

DEATH IN DILI

The official inquiry

Who are the investigators and just what are they investigating?

Within two days of the Santa Cruz massacre, retired Admiral Subianto, the Minister-Coordinator for Security and Political Affairs established an inquiry to be headed by Major General Achmad Sudewo, Deputy Head of BAKS, the Strategic Intelligence Agency.

But in response to demands from foreign ministers around the world, Subianto, who was due to leave Indonesia on a four week tour of Latin America and Africa, agreed to establish an "independent" team to inquire into the Santa Cruz massacre. After discussions with the Supreme Court and the Chairman of Parliament (Harko Suhato), a National Commission of Inquiry was announced.

A Supreme Court judge, M. Djelani was appointed to head the commission, while its six members included officials drawn from the justice, foreign and Foreign Affairs ministries, the Supreme Advisory Council, the parliament and the Armed Forces.

Breaking all the rules

In May 1988 the United Nations Economic and Social Council adopted a set of guidelines for investigating precisely such incidents as the Dili massacre. The "Principles on the Effective Prevention and Investigation of Extra-Legal, Arbitrary and Summary Executions" require that investigations "be chosen for their recognized impartiality, competence and independence as individuals, in particular they shall be independent of any institution, agency or person that may be the subject of the inquiry."

The National Commission of Inquiry falls far short of fulfilling these criteria. All seven members have made their careers within the Indonesian state apparatus, in which the reputation of power is officially regarded as an alien principle. Three of the members are retired military men. Even if some of the members are committed to uncovering the truth, Indonesian history offers an example where official inquiries have produced public results other than those expected by the government. No soldier or officer has been brought to trial for killing or injuring anyone suspected of "subversive" activities.

The UN Principles also stress the need for adequate witnesses, legal representation for the families of the deceased and that the bodies should be returned to the families or com-

pletion of the investigation. None of these requirements have been fulfilled.

At least one of the members of the commission, foreign ministry official Hadi Wayarabi has politically blamed the government of Portugal for the 'Dili incident'. This anti-substantive military statements by Indonesian government officials suggest that the main object of investigation is not the shootings but the demoralisation. There is no indication the Commission will interview foreign witnesses to the massacre. The commission's report is likely to be more about a mere whitewash. The information gathered by the commission seems more likely to be used in the subsequent trials of the demonstrators than against the soldiers of Battalion 805 which did the shooting. It is the fear that has made it so difficult for the commission to get Timorese to testify voluntarily before it.

There has been some speculation that the commission will produce some "surprises". According to a photocopied pamphlet circulated in November, the commission members are all close to Vice President Sudharmono and have no interest in exposing the horrors of the Armed Forces.

Observers agree that the only hope that the commission will produce a public report describing what more or less what happened in Santa Cruz will be if Suhato regards it as

in his best interests to do so, even if this creates serious friction with the military.

THE INVESTIGATORS

Chairman

M. Djelani is a Major General who retired from the army in 1984. In 1986, he was appointed Vice Supreme Court judge. For most of the New Order period he has been a military lawyer, yet he has made his name as a man of action. After serving in the revolution in West Java, he rose in the mid 1960s to become Commander of the army commando (KOPKAM) training school in Bandung near Bandung. Defence Minister Benny Murdani was a superior at the school at the time. In 1968 Djelani was closely involved in the failed military coup attempt led by Soekirno Lubis and was subsequently arrested. It is unclear whether he spent time in prison, but he certainly kept a low profile.

Some time between 1957 and 1971 he graduated from the Military Law Academy and the Military Law College, and in 1972 graduated from the US Army's Judge Advocate General's School, Charlottesville, Virginia. In 1982 he went on to head both of Indonesia's military law schools.

From 1982-88 Djelani headed the Defence Department's Legal De-

KAMAL BAHADHAR

By RICHARD BARRETT

The Indonesian army massacre of over 100 innocent people in Dili on 12 November also claimed the life of a non-Timorese well known to basic Indonesian circles, Kamal Bahadhar.

Kamal, who described himself as a Malaysian with green eyes, was international in both his outlook and his family. Born in Malacca of New Zealand and Malaysian parents, he spent his first two years studying Indonesian in Sydney at the University of New South Wales. He graduated with the approval, regardless of their race or religion, and it was this attitude that gave him much rapport with the people of East Timor. At the time of his death he was working for the Australian agency, Community Aid Abroad, whose representative Bob Minto was visiting East Timor to identify project assistance needs.

Kamal was shot near the Santa Cruz massacre following the massacre. He was still alive, though bleeding profusely, when found by Red Cross officials 500 metres

from the massacre site holding his New Zealand passport. He had been robbed.

Military roadblocks delayed the trip to hospital where he died from loss of blood. The prevailing theory suggested he might have been shot if he had received attention sooner.

Reaction to Kamal's death varied widely. The response from the New Zealand, Australian and Malaysian governments to Kamal's death was very low key and reminiscent of the relative silence following the death of Australian journalists in East Timor in 1975. Friends and colleagues of Kamal were not so reticent. Large gatherings of mourning and angry protest were held throughout Australia with similar events occurring in New Zealand, Malaysia, England and elsewhere. Members of Indonesia's student, human rights and environmental movements, many of whom knew Kamal personally, also reacted with sadness and anger.

In his last diary entry on 3



November 1991, Kamal wrote of the extraordinary courage and determination of the East Timorese, without mentioning personal risks he was taking. With sharp insight and precision the entry notes the often familiar position of (the East Timorese) being defenceless from arbitrary arrest, maltreatment or even death.

Kamal was buried in a Muslim cemetery in Malacca with family and friends in attendance. The East Timorese community in Australia say that Kamal will "always be remembered in the history of our struggle" and that "his spirit will remain on East Timorese soil".

volunteered body, which gave him wide powers of random investigation and prosecutions. During the 1980s he headed the Law and Order section of the powerful internal security agency Kopkamtib.

Members

Harisoejman is a 60-year-old retired Brigadier General who since 1984 has occupied the strategic position of Director General of Social and Political Affairs in the Department of the Interior. He has a long work ground in military intelligence, having attended the Intelligence Training School in the Philippines and served as the "intelligence and political" assistant to Admiral Sudomo from 1978-83 when he was Kopkamtib commander. Since at least 1988 he has been a member in parliament representing the government party Golkar.

He has told the press that as a soldier he went to East Timor many times. He also visited East Timor three or four times in his Interior Minister position.

Anton Suparta is a Central Javanese lawyer who has worked as Head of the District Attorney's office in Braga and also represented the Attorney General's office in Indotesta's ruling Kang Gonselate. Since about November 1991 he has worked

as a General Inspector in the Justice Department. According to a photocopied pamphlet circulated in possession he has had many bad experiences with the Armed Forces.

Clementino Dos Reis Antard is an East Timorese member of parliament of the time of Indonesia's invasion. He was a senior external administrator in Bauau. He told the press that "Although recruited, I am by my heart sympathetic to UDTL (a former Timorese political party)". He has said that the inquiry had to be honest and to be the interests of the East Timorese people. "If there are members of the Armed Forces who did wrong then they must be punished". Antard speaks Portuguese, Spanish, English and Teon.

Hadi Wayarabi is a 49 year old diplomat from the Moluccas. He joined the foreign service in

1968 after graduating in political science. He served in Syria in the mid 1970s and in 1979-84 served as Indonesia's Permanent Mission to the United Nations in New York. From 1985-90 he returned to the UN, this time in Geneva. As Director of International Organizations he has continued his long involvement in Indonesia's diplomatic battle over East Timor. He has been to East Timor four or five times, most recently in March 1991 with Portugal Minister Al Amas. He has known Carrasaldu for at least 15 years.

Bob Mang Reng Say is a prominent career diplomat who has served as Indonesian ambassador in Portugal and Mexico in 1968-71. He Flora born-Castilian was the Vice Chairman of Parliament and shortly afterwards helped to establish the ill-fated Indonesian Democracy Party. He is now Vice Chairman of the Supreme Advisory Council, a prestigious but powerless position. Although he has never before been in East Timor, he has followed events there since his posting in Portugal.

Sudiro is a Ruar Abunai whose current position is Inspector General of the Armed Forces. No other information is available except that he was mentioned in a photocopied pamphlet as "drawing a line about Ajah's dirty history".

All seven members have made their careers within the Indonesian state apparatus.



Cartoon by Richard Barrett, 1991, PAGE 16

Cartoon by Richard Barrett, 1991, PAGE 17

DEATH IN DILI

The interrogation of an activist

On 20 November, the security authorities sought to question three Jakarta human rights activists, Indro Tjahjono, H.J.C. Princen and Yopie Lasut, ostensibly over demonstrations by Timorese students protesting against the Dili killings. Indro Tjahjono, head of Indonesia's most radical environmental group (SKEPHE) and a founding member of the human rights organisation INFIGHT, talked to Inside Indonesia on the 25th, half an hour before returning for his daily interrogation. Indro had observed the demonstration but evaded pursuit by two policemen and three intelligence agents, by slipping into the Australian Embassy library.

Indro Tjahjono: The night after the demonstration I knew orders had been issued for our arrest. What was in effect an arrest warrant was worded as an "invitation" to come in for questioning. But the authorities were so keen that I didn't turn down their "invitation" that on the morning of the 20th they sent armed men not just to my own house but also to my mother's and another place I sometimes stay. I wrote a press release before going myself up after mid-day at my office.

That day I was interrogated from 1:30 till 10. No physical force was ever used. But I did feel threatened as the interrogators played with their pistols, beating and unloading them.

Inside Indonesia: Who did the interrogating?

The interrogator was called Kwau Baharjo, assisted by two men from the Jakarta intelligence Okhustamasat under instruction from the Jakarta Military Intelligence (Aster 2 and Kadam jaya).

They asked about how I learnt of events in Dili, wanting to establish my information sources. When I said I found out from the newspapers, they questioned me repeatedly to work out if I knew anything which had not been in the papers.

My opinion on the integration of East Timor is well known, while the Indonesian government regards integration as legal, since Timor was never part of Indonesia before the accession. It cannot be treated without reference to various other international and bilateral agreements,

including UN declarations. Actually, Timor only constituted about 25% of the questioning.

The rest has been all about SKEPHE and NGOs generally. Especially the structures and methods by which NGOs receive aid and information from foreign sources. They wanted this in the minutest detail, though this had nothing to do with the ostensible reason for which I was being arrested.

They then shifted to SKEPHE's activities to discredit human rights organisations and I assume, find ways to detain human rights activists prior to the 1992 election.

people without any proof of guilt. You claimed that there were 133 political prisoners. Where are these people held?" and so on.

They focused on eleven controversial issues: law the security apparatus of the state, politics, economic policy, socio-cultural policy, human rights, minority, regeneration (the transfer of power from the current state functionaries to the younger generation), indigenous foreign debt, land rights and the integration of Timor. Also on the military's dual role (*Dual fungsi ABRI*).

Having found no evidence of my involvement in the Timor affair, they were trying to get me for anything at all - the state and the military apparatus.

The interrogations are a bit like going to the office. I have to attend each day from 10 to 5, never sunnier if I come home in the evening.

Why was it that you, Princen and Yopie were the human rights activists picked up?

Our respective organisations have had to keep in touch with the Timor issue. Yopie heads a Christian organisation that helps families of all prisoners,

including the Timorese families. As human rights workers Princen and I have a watching brief over all human rights violations against Timor. Also Princen and I have been involved in this new human rights organisation INFIGHT.

Is INFIGHT in any way different from other Indonesian human rights organisations?



Activists Yopie Lasut (left) and Indro Tjahjono (center) discussing human rights with Dutch Development Minister, Jan Pronk (SKEPHE)

The first day's interrogation ended and the second day's began with questions about my seminar about "Law and Politics" at the cathedral in Bandung, Central Jakarta, on 22 September. They had a full recording and asked me to explain several points. For instance, "What did you mean by Suharto regime could fall within a week? What did you mean this government arrests

DEATH IN DILI

One basis of INFIGHT is undertaking political actions or support of human rights. With no space within the legal system, political action is the only space we have.

More importantly, as INFIGHT we are not just concerned with the human rights of individuals, but collective rights, including the right of an ethnic group to preservation of its culture and even the right to self-determination. We make no secret of our position as self-determining for all its members.

Most of the time human rights is discussed within the context of the pre-existing nation. That is, the nation is perceived as a pre-determined given condition. At INFIGHT we think of human rights as existing prior to and beyond whatever a particular current constellation of a nation may be. So we have to recognize the rights of a people to form the constituents of their own existence. We require all struggles for freedom.

On Timor itself many of us at INFIGHT support the UN cause for a referendum.

Is there anything that groups and individuals outside Indonesia can do to help, both in the case of Timor and in cases of individuals such as yourself?

These are international issues. As indeed are all human rights violations. We could not say that human rights in Indonesia must be defended by Indonesians alone. Foreigners have been involved in some of our campaigns. For example, INFIGHT was represented at a meeting in Thailand by Ramal Dwidjate (1) and an Indonesian national.

What do the military have to gain by taking you to the Timorese? And why were your names not released to the press?

It may have been partly to deny that large numbers of people are con-

cerned by waving just those unnamed people were behind it all. It restricts the demonstration into a small Jakarta incident rather than part of the overall problems of Timorese independence. Secondly, the ability to identify individual victims (real or fake) in any situation seems to improve the standing of individual military officers with their superiors. Thirdly, finding a subgroup (high-power) also discredits the Timorese activists as mere puppets, without a will or vision of their own. ■

** On 24 November when they refused to give Yopie Lasut and not answered his "invitation" Indro was still being questioned every day and afterwards wrote my article. This had been the middle report of the investigation of the activists.*

(1) Ramal Dwidjate, the New Zealand-born was then head of the South East Committee in Dili on 15 November. See the column in this issue.

Indonesian NGO reactions

The Legal Aid Institute (LAI)

The Legal Aid Institute, widely regarded as the Indonesian human rights body in Indonesia, acted promptly and with precision. On 12 November, the day of the massacre, the Institute's director, Abdul Carito Hakek Mubandari, wrote to the Military Commander General Tri Sutrisno, advising that it had been informed that some 115 people had been killed in Dili and that it was strongly suspected "the attack" was preplanned by the "local armed forces".

The Institute called for a public enquiry. This proposal was further developed the following day in a second letter which urged that an "Independent Fact Finding Commission" be established consisting of people from government, the legal profession and NGOs. LAI offered to participate in such an enquiry, an offer that was not taken up.

Those found to have violated the law on 12 November should, without exception, be brought to trial and the lecture.

The Institute has also offered responsibility for East Timorese demands in Jakarta following a protest on 19 November. The Institute, which believes the demonstrators innocent and should be protected from media, will represent them in the forthcoming trial.

The International NGO Forum on Indonesia (INGI)

In a statement released to the media on

29 November, INGI called for dialogue on East Timor, the establishment of an independent human rights commission in Indonesia, and for progress to be made towards human rights in Indonesia.

It is noteworthy that this is the first public statement on the highly sensitive East Timor question by the INGI group since its establishment in 1985. INGI comprises about 100 Indonesian and overseas development agencies whose principal objective is to promote human rights in Indonesia through development.

The following is the complete text of the statement.

After closely monitoring the sequence of violent incidents in East Timor which occurred on 28 October and 12 November 1991, which have resulted in the deaths of many civilians, INGI observes that:

(a) For various reasons, the events in East Timor have attracted enormous attention both within Indonesia and abroad, and that this has placed the Indonesian people and government in a difficult position.

(b) Acts of violence which cause such a heavy toll materially, spiritually and to some of human life directly reflect an insufficient level of dialogue with the people which is carried out satisfactorily would ensure credible high Indonesian and international reactions in a climate of mutual enquiry and mutual respect.

(c) The readiness of most foreign nations to cut off aid will do little to help the people of Indonesia in general or the people of East Timor in particular.

Therefore, all the Indonesian members of INGI believe:

(a) express deep concern over the incidents in which civilians claimed many victims, because the community will forever be affected by the loss of family members in other forms of physical or psychological suffering.

(b) call on the National Commission of Enquiry established by the government to be truly independent and to announce openly the public results of its investigation, because the government's credibility in the eyes of the Indonesian people in general and the East Timorese in particular, as well as the international community, hinges on the work of the commission.

(c) urge that all acts of violence be stopped and that dialogue in other peaceful means be found to resolve the problems in East Timor, because otherwise acts of violence beget new violence and lead to a "culture of violence".

(d) urge that all those implicated in the violence be brought before courts of law and that every opportunity be given for legal aid to be made available and for human rights to be upheld.

(e) as a forum for discussion of development assistance to Indonesia, INGI urges governments and international bodies participating in ICGI (the Inter-governmental Group on Indonesia) to base their aid policies not only on particular incidents but on the overall objectives, pro-

DEATH IN DILI

tion and implementation of human rights in Indonesia).

I propose the formation of an independent and permanent national commission to protect human rights in Indonesia.

Dr. Zulkarnaen MA
Vice-Chairman, INCI Indonesia
Dr. Agus Rumanansari
Secretary, INCI Indonesia

Indonesian Catholic Bishops

Indonesia's Catholic Bishops issued Dili's first statement of concern about the Dili killings on 14 November, two days after the event. This was followed by two fact-finding visits to East Timor in November, and participation in a visit to Christmas celebrations in mid-December.

The fact-finding visits were made by Fr Alfons Sidiarta (OPM), a researcher from the Bishops Secretariat, and Mr J. Darmasatya (S), Chairman of the Bishops Conference (KWI) and Mr M D. Sison (OPM) of the KWI were there.

The delegation's report was 'considerably as cautious with official acrimony' and questioned the low official death toll and the claim that the shooting was in self-defence. An 'objective probe' was necessary, said the Bishops.

At the time of their visit, 27 November, many Diliites still did not know whether 'husband relative or child' was alive or dead, those in the military hospital were not allowed to receive visitors, and the location of the graves of the dead was not known. The Bishops requested they find bodies of 'unknown whereabouts' of the bodies 'drugged away, thrown into trucks and carried off. Families were not informed on burial arrangements' and it was not clear if those buried had received a non-sectarian ceremony.

The Bishops said they were 'impressed that opening fire... is not the policy of the government in armed forces' but were deeply concerned that because of the actions of a group in ABRI the moral integrity, honour and national credibility is put at risk, by both the international community and at home, and especially in the eyes of the East Timorese people whose minds and hearts we should win.

In a separate statement, the Bishops have called on the government to show 'clemency to East Timorese' detained in Jakarta, Dili and elsewhere following the massacre.

INFIGHT

Excerpt from a Statement on Human Rights Day, 10 December 1991, by INCI/ICFRI, the Indonesian Front for the Defence of Human Rights

On 12 November 1991 the Dili Incident resulted in the deaths of 20000 people. Although the number killed in the Dili Incident is not as alarming as in the Tanjung Priok Incident, the Lampung Incident or in Aceh, it has forced the government and ABRI (the Armed Forces) to realise that worldwide concern for human rights is now a serious matter.

The international reaction indicates four important realisations. First, that human rights, like the environment, has become a universal issue and a new form of worldwide solidarity. Second, that in essence, physical and economic development can no longer be seen as something separate from respect for the consistent implementation of human rights. Third, that we are leaving behind the era in which social and political ends can be achieved with brute force or firepower. Fourth, that the concept of the oligarchy or authoritarian political rule is no longer popular, and that 'strong authoritarian' is no longer possible.

In response to the general human rights situation in Indonesia, INCI/ICFRI believes that the realisation of basic human rights in Indonesia demands:

1. That the government respect the human rights principles that many other countries are concerned about and which are manifest in the United Nations' declaration of human rights. Simply reacting to world opinion on human rights issues has recently and will in the long term make it more difficult for Indonesia to participate in the building of a new world order. Rather than simply reacting, it would be better if the government tried to meet the demands of the global community on human rights issues at the same time as actively seeking a model within which they can be met.

2. That the government and ABRI should re-evaluate the prevailing security approach and the infrastructure that supports it. By using military means to solve political problems, the security approach merely delays a solution and in the long term does nothing to educate the society to generate its own independence of legal stability. The lesson of the Dili Incident, with all the events that preceded and followed from it, is that we should abandon the era of armed force in

favour of a politics which guarantees the genuine implementation of civil rights.

3. That the government and ABRI should adopt a realistic attitude toward the general world tendency to link indicators of development success with progress in implementing human rights and the desire of several countries to link economic assistance with the realisation of human rights to all recipient countries. Even though foreign aid generates its own problems, we have to request the wish of those nations which do not want to see their countries and being used indirectly to support oppression by law in recipient or to support violence in developing countries.

'Social and political ends can no longer be achieved with brute force or firepower.'

Human rights universal

4. That the government and ABRI should be realistic in facing the fact that human rights are a universal issue and a form of worldwide solidarity. While accepting this as a reality, we can formulate realistic and comprehensive policies so that the political aspect of misdeeds in implementing the security approach or violations of human rights do not disrupt the economy and trade. The government and ABRI should keep things in perspective when they speak of foreign intervention rather than using this term in an aggressive and unwelcome counterproductive way. Economic and the free trade, multilateral and bilateral cooperation could also be seen as foreign intervention. We should also be aware that Indonesian independence on 17 August 1945 was achieved with the cooperation of foreign forces, namely those nations which showed solidarity with the independence of the Indonesian people.

5. That the government needs to abandon their reactionary and defensive stance in the face of society's criticism and should aim to uphold basic human rights. The government should abandon its tendency to be suspicious and stubborn in response to domestic criticisms and events. The habit of looking for a *dalang* (puppeteer) and identifying hidden interests behind every pronouncement and event in order to

DEATH IN DILI

Letters to the editor

icates that the régime is more interested in apportioning blame for the sake of distracting attention and avoiding a substantial resolution than taking responsibility for its actions and policies in this transparent world, reactionary and defensive attitudes only diminish international sympathy and make it all the more difficult to solve problems in a way consistent with People's Rights.

International issue

6. That in regard to the Dili Incident of 12 November 1991, the government needs to come to terms with the fact that East Timor remains an international issue. For the sake of our nation's dignity and stature, which we demonstrated by our support for the Bandung Declaration (the product of the 1955 Asia-Africa conference) the government must have the courage to consider and respond to issues such as the sovereignty of nations and the right to self-determination which arise quite outside the pro-secute anti-segregation argument. The kind of approach would pave the way for a thorough and honest political solution to the East Timor issue, without (the need for) always say that East Timor is a 'domestic issue'.

There (would be) two possible outcomes. First, that the international community may decide to extend de jure recognition to the de facto integration of East Timor into Indonesia. Or second, that the integration of East Timor no longer be conceived of in physical and geographical terms but rather in terms of broader geo-historical, geo-political, geo-economic and geo-cultural similarities such as those which link Indonesia to ASEAN. We must have the courage to face up to this, bearing in mind that East Timor is a victim of an age in which the dominant theory was dominant and in which there was no concept of good neighbourliness or of non-interventionist defence.

But with the abandonment of the *domino* theory and the growing respect for national sovereignty, Indonesia's (improved) capacity to function as a member of ASEAN and to be a good neighbour to island states (such as Brunei, Indonesia, Malaysia, Papua New Guinea) as well as the (formation) of a joint defence system (with Brunei, Darussalam, Malaysia, PNG and Australia) (Indonesia's) policy on East Timor ought to be open for revision.

Jakarta, 10 December 1991
S. Islam Tjahjono

Tuesday's 12 November 1991 killing in East Timor is shocking and beyond comprehension to say the least.

I was in Timor during the war of 1975, not in the war zone but in the peace zone as an Indonesian citizen. Since then I have been defending the Indonesian position regarding East Timor. I have always been convinced that the only reason why Indonesia invaded East Timor was the fear of communism and that the situation in East Timor under Indonesian rule is improving.

But today, for the first time, I am so annoyed and shocked to find out what has happened in Timor. Are we Indonesians so brutal and so uncaring about human life and human rights that this kind of incident can pass without deep and searching? No, I still believe and am convinced that Indonesian people are gentle and friendly and are not brutal.

Therefore, whoever is responsible for this killing should be brought to trial.

Anton
Melbourne
13 November 1991

New release



OPENING UP: TRAVELLERS' IMPRESSIONS OF EAST TIMOR 1989-1991

Edited by Kirsty Sword and Pat Walsh
Australia East Timor Association 1991

Fifteen travellers from various parts of the world and walks of life give their sometimes very amusing impressions of East Timor today. Well worth a look if you are considering a visit. Handy tips on the tricks local officials use (dire warnings of man-hunting beasts, unfordable rivers!) to warn the very curious away from war zones. And handy tips on how to manage omnipresent spooks and sleazes.

The overall impression of visitors is captured in the cover pic: men in green everywhere, so much so that many can't wait to get out of the place!

Cost \$5.00
Available AETA, PO BOX 93, FITZROY 3055, AUSTRALIA

DEATH IN DILI

Portugal's 'inadequacy'

Two post-massacre letters from Xanana Gusmao.

Two letters received in Lisbon in the third week of November from Xanana Gusmao, leader of the armed resistance in East Timor. They were addressed to Jose Antonio Tavares, secretary of the National Council of Maubere Resistance (CNRM). The first was written two days after the massacre, the second five days later. O Portugal, the leading Lisbon daily, published excerpts on 29 November 1991, omitting parts the author wished to keep confidential. Remarks in brackets are clarifications by Hilda.

LETTER OF 15 NOVEMBER 1991

Xanana: You went to London about Portugal's passivity. I urge you to keep calm so as to develop new strategies for the struggle. (Horta explained that he could not find a Portuguese MP to accompany him on a visit to London shortly before the massacre.)

I know that like me, you are concerned about the many aspects of our difficulties but believe me when I say that we are prepared in the future to help other governments respond with more 'lively' rhetoric than that of Portugal.

You know how I missed on the Portuguese parliamentary delegation visit even before Indonesian invasion. Now they are claiming that I am responsible for the cancellation of the visit.

When Victor Crespo (the Speaker of the Portuguese Parliament) stated, 'Either all go or none goes', this left us with no doubt that they were waiting for the opportunity for all to come so that no-one could come.

The massacre

I am not crying with despair; I

have not shed a tear in months at the 12 November massacre. I have hardly held my breath (I have controlled my feelings) as I have done when the beat of my molars have fallen on many occasions throughout the war.

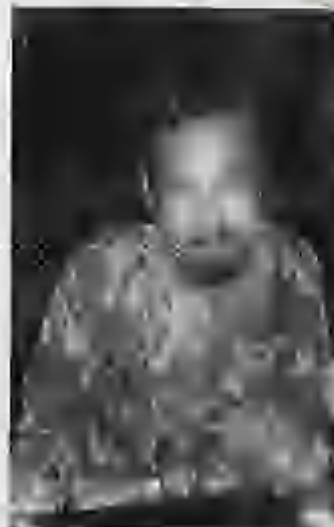
I earnestly beg you to convey your wish to Portugal that they should declare the parliamentary visit is dead and buried. I beg you to convey this message to the worldwide Portuguese audience and to make it known through the press. It is only when Portugal declares the visit is definitely off that we here will be able to adopt a new strategy for the struggle.

The Maubere people are completely frustrated and are aware of Portugal's inadequacy. Errors in all conscience give sides to the nation's frustration.

I appeal to the efforts you are making in solidarity with us. We are with you, just as you are with us in this difficult moment.

Many died in the 12 November massacre and in the following days. Among those who were killed without mercy in the Santa Cruz cemetery were old people, babies in arms, pregnant women and children. Those who were shot but who did not die were knifed in cold blood. Those who tried to escape were shot or attacked by hotel agents with machine-guns.

Our latest estimates are that there were more than a hundred corpses. Around 90 people were seriously wounded and taken to the Military Hospital by the soldiers, where they received no treatment and were not allowed to receive visits from their families. Some have already died because of lack of treatment. A large number of people, about a hundred, have been detained at the police station. Many continue to be



Xanana Gusmao: I am not crying with despair. (Hilda)

beaten even though they were not fired during the massacre. Every night dozens of them are taken to be massacred outside the city. Two of them managed to escape these massacres but they are in great danger and could be picked up again and beaten. Some of the corpses were dispatched by Tac-Tac when they were burned after being doped with petrol. I assume that most of the others were taken to other unknown sites. As yet, it is impossible to piece together a reliable account of what where there are. Increasing and there are much stricter controls over people's movements.

Young men and women are arrested in the streets and taken out of the city in Tac-Tac, where they are brutally beaten and then released.

Girls have been raped even after they died. It is too horrible for words. I do not have the heart to describe these things. The Indonesians are now hunting down young people and our cadres.

UN role

I urge you to ask the Secretary-General of the United Nations to ensure that the way of the UN Special Representative on Timor can be prolonged and that we can be given greater freedom of action. (Xanana did not know that Professor Koehn had already left East Timor.)

Portugal should declare that the Parliamentary visit is dead and buried. Only when the visit is definitely off will we be able to adopt a new strategy for the struggle.

DEATH IN DILI

It is a pity we do not have the money to establish a body to lobby the Americans.

This would only be possible if he is given total freedom of movement. He should be given the freedom to move from neighbourhood to neighbourhood and people should be able to approach him. He should be able to alert the world to the reprisals that have been taken against the people.

Romy Carter

Whenever 'legitimate' measures are taken to investigate the incident they should involve well-known, international figures who are immune (over pressure) and are highly respected. (A name that comes to mind is ex-US President Jimmy Carter.)

Since 16 November, I have made myself available to Madame Mitterrand. Please convey to her an appeal from the East Timorese people to come here. Her willingness to come has touched the hearts of the Timorese people. Has given us renewed courage and new hopes.

In a BBC interview broadcast this morning, Marta Soares said the '12 November massacre' (instead of '1991'). It is interesting to note that she has revealed Jakarta's refusal to take any responsibility for the massacre.

Portugal's slow response has had a considerable impact on our people. Xanana did not know that Portugal is considered to have taken rapid action. Eighty ambassadors were immediately summoned and diplomatic representatives throughout the world were given detailed information. *

LETTER OF 17 NOVEMBER 1991

Please convey a plea on behalf of the Timorese people to Madame Mitterrand to come to the territory as head of an independent mission or along with other world figures like Jimmy Carter, whose reputations are the substance for the authority to conduct unauthorised actions and investigations.

The occupying forces have enough stolen pieces of Timorese cloth (bani) as a gift for the Special Representative on Timor. At present we cannot ascertain what they are able to do there in Dili.

As far as we know Western investigators have been sent by the Australian, Japanese, New Zealand and

US governments. They say that people are understandably resentful and afraid of making contact with them. For example, several Australian delegations have minimised the situation in East Timor in accordance with government policy, focusing more on Australian island or the alleged Indonesian atrocities.

Greater pressure on Portugal (it needed to call for a meeting of the Security Council especially since the Secretary General has now expressed his 'hopes' in a one-paragraph communication).

I don't personally believe, nor do my people, that Portugal will be willing again to take up the question of the Portuguese parliamentary visit. We need to break from this extremely hypothetical idea and to succeed in adopting other measures to break out of this impasse.

The situation continues to be tense, intimidations, threats, hate for young people and cadres and the cancellation of houses continue to occur. This all happens at night. Even if Jakarta were to listen to the international condemnation and if their commercial case were open, the military here would still bring victory and invite their troops and auxiliaries into a display of force which would spare no-one.

Tales

Follow the same line of argument —



SETIAKAWAN

A publication of Skopli, the NGO network for Forest Conservation in Indonesia.

Hard-hitung, illustrated and written in English, every effort is made to publish four editions a year, based on issues Skopli is working on. The previous issue reported on Irian Jaya.

Solidarity contributions for 6 issues: Europe, North America: US\$53.00; NZ, Australia & Japan: US\$43.00; Third World: US\$33.00. Order from: Skopli, PO Box 6208/JATRA, Jakarta 13062, Indonesia.

Bookshop

'OPENNESS', POLITICAL DISCONTENT AND SUCCESSION IN INDONESIA: POLITICAL DEVELOPMENTS IN INDONESIA, 1989-1991.

By Max Linn. December 1991. 80 pp. Australia/Asia Papers No. 36.

Imports and sales: Centre for the Study of Australia-Asia Relations, Division of Asian and International Studies, Griffith University, Nathan, Qld 4111, Australia. Tel. (07) 875 7916, Fax: (07) 875 7956.

KOTO BANJANG POSTERS

The Indonesian campaign against the Japanese funded dam in Koto Panjang, Riau, Southeast has a poster for sale.

The dam will flood 10 villages, 200 hectares of production forests and displace 4000 families and at least 40 elephants. The Overseas Resource Co-operation Front of Japan is financing the project with US\$200 million.

The Action Committee for Solidarity with Koto Panjang (Kasing) can be contacted through PO Box 6288, Jakarta 10062, Indonesia.

The posters are available for A\$195.00 from Inside Indonesia, PO Box 190, St Leonards 2070, Australia. Fax (081) 410 2736.

BELOW THE LINE

By Eric Willmore. The Harrower Australia, 1991. 202 pp.

A novel set early in the next century: Indonesia has invaded Australia and a line, north of Brisbane, in the east and extending to Cairns in the west, forms the border between South Asia and a severely reduced, refugee-ridden Australia. Life 'below the Line' is very different for those who have stayed and seen the terrain become an Asian Argentina.

THE REDUNDANCY OF COURAGE

By Timothy Mc Cleary and Winifred 1991. 408 pp.

A novel about East Timor (Ditai) after the invasion by Indonesia (Malai). Focusing on the resistance by Fikri (Fidri) led by the indomitable Ovelida Oliveira (Xanana). According to the inside cover blurb, Mc's new novel is a

story of sacrifice and friendship in terrible times told with compelling simplicity, narrative drive and true political integrity. The book was shortlisted for the 1991 Booker prize.

Available: AETA, PO Box 93, Ebury 3005 Australia.

AFTER THE OIL MASSACRE

Tapes of the proceedings of a one day seminar on the Santa Cruz killings held early December at La Trobe University are now available. Contributors include Tony Hyland (former AAP Correspondent, Jakarta), Professor Anthony Reid (ANU), Pat Walsh (ABC), Dr Herb Smith (Monash), Dr Joe Scahill (La Trobe), Prof. Jamie Mackie (ANU) and John Ingerson (UNSW).

Cost: \$40 a set. Order from: Dr Robb Jeffrey, Department of English, La Trobe University, Bundoora 3086 Australia. Fax (053) 471 0894.

OPENING UP: TRAVELLERS IMPRESSIONS OF EAST TIMOR, 1988-1991

Edited by Kirsty Swift and Pat Walsh.

Published by AETA, this collection reports impressions of East Timor by visitors to the disputed territory since it was opened up. The authors include an Australian woman, aid agency officials, Shirley Shackleton, an Australian parliamentarian, an anthropologist. Some came to view the scene of the crime; others simply for a break. All came away with similar feelings of a country occupied by people colonised.

Available from AETA, PO Box 93, Ebury 3005 Australia. Fax (053) 471 2700.

PRAJA COMMUNICATIONS

If you are involved in Indonesia and have staff and their families living there, you require the services of Praja Communications.

Our organisation has put together a personalised code tailored to the needs of you, staff and their families.

Our company specialises in language and culture and we have branches in Perth and Denpasar with a Surabaya office, planned for 1992.

For further information: Tel: Canberra (06) 381 4082; Elizabeth (08) 348 0811; Fax: (06) 338 0811 (24 hours).

HOUSE OF GLASS

PRAMOEDYA ANANTA TOER



Set in the Indonesia of Dutch colonialism, this is the final volume of the epic quartet of novels which began with *Awakenings* and *Footsteps*. House of Glass continues Toer's reputation as Indonesia's greatest living writer.

Penguin \$16.95



Distributed by HarperCollins Australia Ltd

Classified: Get something useful with Indonesian Visa when you buy. Get to tell others about *Indonesian* can help through our classified ad service. \$10 per 5 lines.

Inside Indonesia December 1991 Page 23

[REGRESSAR AO ÍNDICE/RETURN TO INDEX](#)

[CAPÍTULO SEGUINTE](#)